

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

Tucídides



2.ª Edição

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

*Execução de mapas e infografias da autoria de
Célia Rodrigues*

the 1990s, the number of people in the world who are undernourished has increased from 600 million to 800 million.

There are a number of reasons for this increase. One of the main reasons is that the world population has increased from 5 billion in 1987 to 6 billion in 1999, and is projected to reach 8 billion by 2025.

Another reason is that the world's food production has not kept pace with the increase in population. In 1987, the world produced enough food to feed 6 billion people, but by 1999, it was only enough to feed 5.5 billion people.

A third reason is that the world's food production is becoming increasingly dependent on a few major food-producing countries. In 1987, 10 countries produced 50% of the world's food, but by 1999, this had increased to 60%.

Finally, the world's food production is becoming increasingly dependent on a few major food-producing crops. In 1987, 10 crops produced 50% of the world's food, but by 1999, this had increased to 60%.

These factors have led to a significant increase in the number of people who are undernourished. In 1987, 600 million people were undernourished, but by 1999, this had increased to 800 million.

The increase in undernourishment is a serious problem for the world. It is a problem that is becoming increasingly acute as the world's population continues to grow.

There are a number of ways in which the world can address this problem. One way is to increase food production. This can be done by increasing the area of land used for agriculture, by increasing the productivity of agriculture, or by both.

Another way is to reduce food waste. In 1987, 10% of the world's food was wasted, but by 1999, this had increased to 15%. Reducing food waste would mean that more food would be available to feed the world's population.

Finally, the world can address the problem of undernourishment by increasing the number of people who are able to produce their own food. This can be done by providing training and resources to people who are interested in agriculture.

These are just a few of the ways in which the world can address the problem of undernourishment. It is a problem that requires the attention of the world's leaders and the world's people.

The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

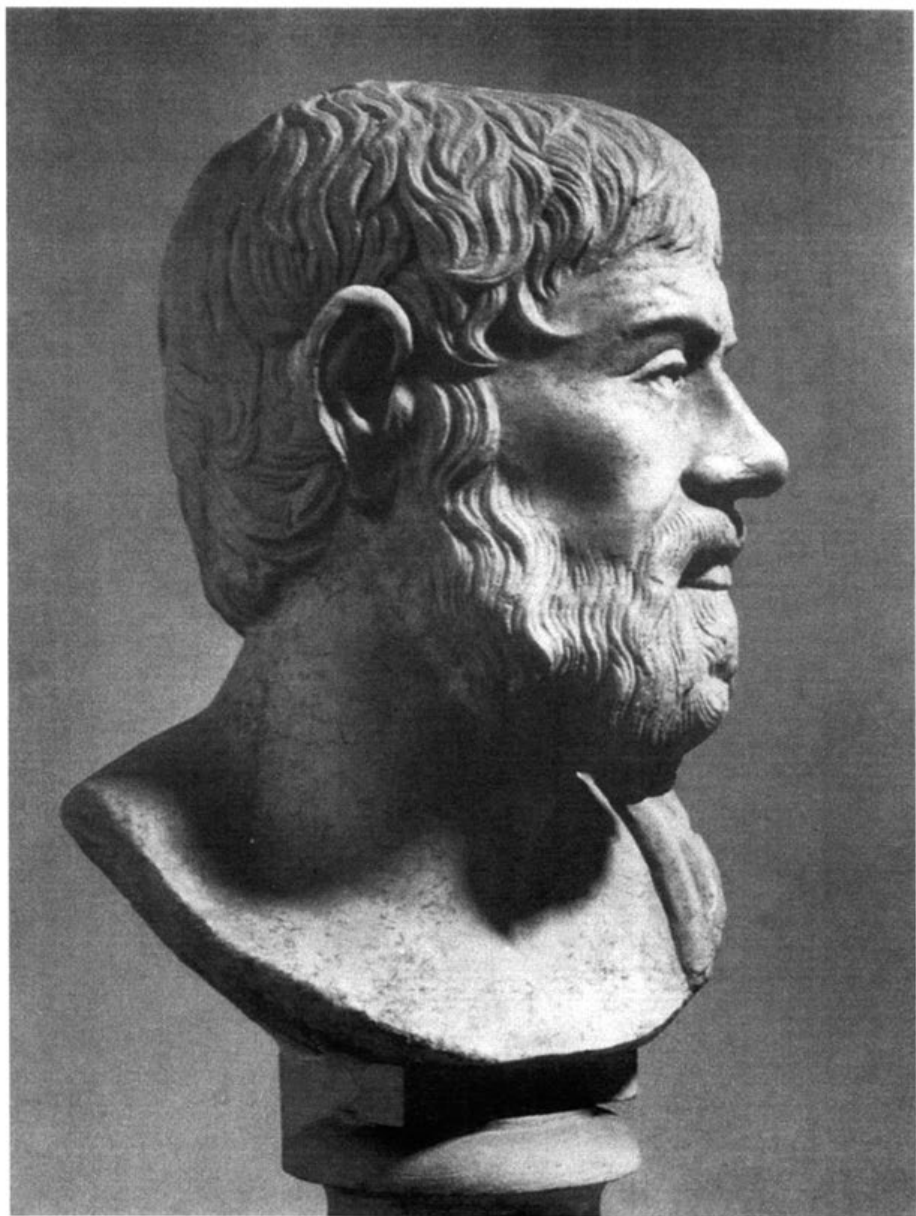
The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

The world's leaders and the world's people must work together to address this problem. Only then can we ensure that everyone in the world has enough to eat.

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO



Thucydides

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

TUCÍDIDES

Tradução do texto grego, Prefácio e Notas Introdutórias

de

RAUL M. ROSADO FERNANDES

e

M. GABRIELA P. GRANWEHR

2.^a Edição



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Tradução do original grego, publicado nos Estados Unidos
pela Oxford University Press Inc., New York
© Copyright Oxford University Press

Reservados todos os direitos de harmonia com a lei
Edição da
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Av. de Berna | Lisboa
2013

ISBN 978-972-31-1358-7

Dedicado às Forças Armadas Portuguesas

PREFÁCIO

Nunca é possível a qualquer mortal terminar sem riscos vários, quando em idade avançada, uma obra que sentimental e mentalmente gostaria de fazer, sobretudo quando esta é de volume considerável, como é o caso: mais de 800 páginas. Lembrado então de um curso sobre historiografia grega que ministrara em 1963, se a memória me não engana, resolvi convidar a então Maria Gabriela Palma, que seguira o curso com enorme interesse, enquanto adquiria mais saber. A seguir ao golpe de Estado e subsequente revolução de 1974, emigrou ela, já casada, para os Estados Unidos da América, para Iowa, no Midwest, onde depois se doutorou. Foi ela que, tantos anos depois, me ajudou nesta tarefa dura a deslindar o pensamento do grande historiador grego, conhecedor como poucos da dura natureza humana, tanto na paz como na guerra, enquanto permanece viva por este universo que tantas e tantas vezes nos assusta.

Numa altura de carência monetária e mental como a que estamos agora a atravessar, por descuidos vários e por existirem momentos históricos povoados em momentos bem determinados por psicopatas, como também verificamos na história grega de há 3.500 anos, levou-me o meu desejo, porque não foi só ambição, dirigir-me à Fundação Gulbenkian, com a qual várias vezes trabalhei desde os anos 50, e devido à compreensão do Prof. Eduardo Marçal Grilo, antigo companheiro, em iniciativas com sucesso, na instituição universitária portuguesa, e da sempre activa e eficaz

simpatia do Dr. Manuel Carmelo Rosa. A verdade é que publicaram o livro. Quanto à sua qualidade só os leitores dirão, não sei se contentes por não serem confrontados com toneladas de notas de roda-pé, se agradados por eu ter mergulhado nas vagas e calmarias do texto grego, tentando demonstrar que se o Homem já não utiliza trirremes, mas submarinos atômicos, e substituiu a flecha, a pedra da funda, e a lança, por metralhadoras e armas de grande precisão, nem por isso a sua Natureza mudou, agora que sentimos neste século XXI, que estamos em vias de regressar a um tribalismo que a multilateral universalização veio espezinhar. É assim o mundo.

Para minha consolação fui sempre ajudado nesta minha tarefa por um ser humano que tenta conservar e bem a humanidade que a muitos falta, trata-se da Dra. Maria Teresa Correia, que nos cafundões de Fundação tão grande, sempre me estendeu mão amiga.

Raul M. Rosado Fernandes

INTRODUÇÃO

Só o desinteresse leva, talvez por descuido, a sentirmo-nos indiferentes pelo que se passa à nossa volta, seja no que consideramos o progresso humano ou o seu atraso, em relação a metas que marcámos para nossa orientação, seja no que respeita o ambiente bélico ou pacífico, em que nascemos e crescemos, e no qual, devido a perpétua e sempre potencial mudança, podemos não chegar a envelhecer.

Se assim não pensarmos, perguntamo-nos, quando lemos o texto do ateniense Tucídides, pensador político, militar e historiador do século V a.C., como foi possível ter-se dado um corte tão abrupto entre o tempo em que escreveu e viveu e os escritos do passado longínquo e francamente mítico da Hélade, em que posteriormente se integra.

Até à sua época, desde Homero, e dos anteriores textos da Mesopotâmia e do Egipto, a crença religiosa intervinha fortemente no decurso e tumultos da história da Humanidade, e desempenhava influência que ia muito para além da fé religiosa, da prática dos seus preceitos e do culto dos seus deuses. Indicava de forma decisiva a protecção dos que eram amados pelos deuses, antropomórficos ou não, ou a perseguição dos que pelos mesmos deuses não eram estimados, quer por motivos particulares, ainda que divinos, quer por antipatias e até birras, como as que os humanos sentem pelos seus semelhantes na vida de todos os dias.

O Sagrado apresentava pois matizes que praticamente o situavam, na sua força invencível, a um nível humano e não

divino, que chegou a indignar o pré-socrático Xenófanes, que em verso (*Hélade*, p. 149) nos comunica: “Quanto há de vergonhoso e censurável, / tudo isso atribuíram aos deuses Homero / e Hesíodo: roubos, adultérios, mentiras”, enfim o antropomorfismo pelo menos amoral e politeísta.

A mentalidade e a razão

A obra de que nos estamos a ocupar, que é o exemplo de outra forma de pensar e de ver a realidade, representa frente ao passado, sem dúvida, o resultado de profunda transformação no pensamento helénico, que vai continuar com frequentes interrupções nos séculos seguintes na constituição do pensamento ocidental. Aparece num largo contexto que pressupõe uma nova visão do mundo, em que a Razão se sobrepõe e domina, tal como a profunda alteração, cerca de dois milénios depois, que vai impor-se no chamado *século das Luzes* europeu, no que respeita a análise da vida humana e mesmo dos fenómenos naturais a que a Humanidade assiste ou que parcialmente a destroem, como por exemplo, a guerra, a doença, as catástrofes meteorológicas e outras. Lembremos a este propósito o terramoto em Lisboa de 1755, que, malgrado as Luzes racionalistas da época, não evitou que o estrangeirado Protestante Lusitano, Francisco José de Oliveira, também conhecido por Cavaleiro de Oliveira, queimado, com algum ridículo, em efígie em Lisboa, encontrasse a sua condenação virtual no facto de Portugal não ter trocado o seu reaccionarismo católico pela adesão ao protestantismo (Gonçalves Rodrigues, *O Protestante Lusitano*).

É evidente que o Homem ocidental e oriental do século XXI, na chamada Idade Atómica em que vivemos, está consciente, porque toda a técnica e pensamento científico e humanístico evoluíram e foram dados a conhecer, de que, se até há poucas décadas (estamos a falar da parcela do

tempo integrado na história do mundo), as grandes catástrofes naturais representavam e ainda representam agora um grande perigo, a elas se juntou a possibilidade de uma catástrofe apocalíptica, provocada por mão humana. Leia-se o que se passa nas negociações sobre a detenção do poder atômico, entre países poderosos e menos poderosos, que teve o seu início com a descoberta da teoria da relatividade e da energia atômica, inicialmente na posse, de duas grandes potências, a América do Norte e seus aliados frente à União Soviética, durante a *guerra fria* de 1949 até à queda do Muro de Berlim em 1989. Esta descoberta já posta em prática em Hiroshima no Japão, se, do ponto de vista científico, representou extraordinário progresso, tem, como todo o progresso, as duas faces de Jano, a pacífica e a destrutiva. Confirma o que Raymond Aron intitulou entre 1964-65, como *Les Désillusions du Progrès* (ed. Calman-Lévy, Paris, 1972) pelo menos para quem se sente ameaçado pela destruição massiça.

É verdade: o Homem, desde esse momento, passou a ser a maior ameaça para os seus semelhantes e para o mundo em que vivemos. Nenhuma catástrofe provocada pela Natureza, já tem o poder, proveniente dos indivisíveis átomos, descritos já no *De rerum natura* do epicurista e materialista Lucrécio, de destruir o nosso planeta (O. E. Lowenstein, in *Lucretius*, 1967), ou seja o Universo que conhecemos mais proximamente.

Tal como na Antiguidade, procura-se também hoje um equilíbrio de forças, que acaba por parecer injusto ao que é menos favorecido e menos avançado na ciência teórica e na aplicada, muito embora se trate de um poder destrutivo que pode levar, na sua explosão, o destruidor e o seu alvo a destruírem-se simultaneamente, num verdadeiro e bíblico *Armagedão*. Não cultivemos ilusões: os humanos, tal como o já mítico *Dr. Strangelove*, do filme e do livro, se puderem, destroem, e, se possível, aniquilam os seres que para eles representam verdadeiro ou imaginário perigo de morte, de fome, ou de doença pandémica.

Esta última possibilidade executa-se e já foi executada nos casos de bioterrorismo, termo técnico recente, com viroses mortíferas cultivadas em laboratórios, como gases assassinos ou poções mortais criados pelo progresso da Química, e espalhados com relativa facilidade pelos núcleos humanos a destruir, sem excluir efeitos secundários e laterais. Mesmo na descrição da peste em Atenas, no Livro II, *xlvi*, da sua *História*, conta-nos Tucídides que houve quem pensasse que a sua causa se encontrava nas águas que estavam envenenadas pela acção inimiga dos Lacedemónios. Dificilmente um historiador da época clássica classificaria, porque de antiguidade se trata, esta hipótese como a premonição do que muitos séculos depois virá a ser o tal terrorismo que, embrionário ainda, já em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial intoxicava os nossos soldados com o gás de mostarda. Vimos, os que somos mais velhos, vaguearem e bradarem pelas ruas portuguesas, homens com comportamentos estranhos, a quem intitulávamos de “gaseados” e com quem convivíamos, quando tal era possível.

Emite contudo Tucídides uma opinião, já semelhante à que hoje estamos a ouvir e a ler a respeito da pandemia da gripe das aves, ou dos porcos, transportada de países longínquos para outros, que segundo constava em Atenas do século v, a peste teria vindo da Etiópia, passado pelo Egipto e Líbia (onde havia observadores gregos coloniais), para desembarcar no porto do Pireu em Atenas, tal como hoje nos aeroportos e portos marítimos de comércio ou de transporte de passageiros.

Mas a fase actual é bem mais mortífera, como a que foi presenciada e sofrida pelos Curdos gaseados pelos *baathistas* de Saddam Hussein, nos fins do século xx, no Iraque. É, no entanto, um caso inegável de progresso bélico, ainda que negativo, mas o fito é matar ou incapacitar os atingidos e não dar-lhes a felicidade.

As duas grandes potências da Grécia do séc. v

Foquemos agora a nossa atenção sobre a obra histórica de Tucídides: num teatro de guerra delimitado pelo Mediterrâneo oriental, duas grandes potências helénicas do século v vão defrontar-se: Lacedémon, mais conhecida dos modernos por Esparta, e Atenas. São elas os epicentros da convulsão bélica, que vai suceder a outra, nesse mesmo século, provocada algumas décadas antes pela invasão dos Medos ou Persas, impelidos pela ambição imperialista de poder dos imperadores Dario e seu filho Xerxes, e certamente pelo desejo de garantir, com o substancial aumento de Estados satélites e vassalos, a segurança do seu poderio, (pois qualquer império pode ser dominado pela paranóia de viver cercado por forças independentes que o dominem), e dos recursos financeiros e recursos naturais de que dispõem. Vamos ver na primeira metade do século v a.C., tal como ao longo dos dois últimos séculos da actualidade, o mesmo que presenciámos, pela leitura ou por tê-las vivido: a ascensão e queda de impérios como os da Inglaterra, da França, de Portugal, da Rússia e, no futuro, possivelmente dos Estados Unidos da América. Como demonstrou, a meu ver com razão, Paul Kennedy no livro de 1986, antes ainda da queda do Muro de Berlim, em *Rise and Fall of Great Powers* que não há poder que resista à enorme despesa, que tem de enfrentar para a sua sustentabilidade, e comprova-o pela análise dos orçamentos e balanços das grandes potências depois do século XVI.

Juntaram-se então na Hélade, não obstante naturais rivalidades, diferenças raciais entre Jónios (Atenas) e Dórios (Lacedémon), uma e outra grandes potências gregas, sobretudo na altura da ameaça global movida pela segunda vez pelo Império Persa ao território e ao povo helénicos: depois de 490 a.C., dá-se a primeira invasão movida por Dario; mas em 480-479, procura o Império dos Medos levar a cabo

uma segunda invasão, e a mais importante, comandada por Xerxes, e celebrada na solene e impressionante tragédia *Os Persas* do solene Ésquilo.

Atenas e Esparta juntas então defenderam o solo pátrio dividido por tantas cidades-estados, e tanto uma como outra alegavam, pelos testemunhos que até nós chegaram, que tal fizeram para preservar um bem precioso para ambas, embora entendido por cada uma de maneira diferente, e cujo valor ainda hoje em partes bem definidas do mundo perdura: a liberdade. Essa liberdade era não raras vezes defendida, como hoje, à custa da liberdade dos outros, o que demonstra o enorme desequilíbrio de forças que sempre perseguiu a raça humana, e essencialmente resume-se à dificuldade que os povos sentem de poderem decidir o seu destino por si próprios, o que só é permitido, e tantas vezes com reservas, nas chamadas sociedades democráticas. Quem se permitiria pensar que em pleno século das *luzes atómicas* poderiam ainda subsistir verdadeiras teocracias, umas, obedecendo aos ditames de um livro sagrado, outras ao culto da utopia igualitária, “em que todos são iguais, mas alguns há que são mais iguais do que outros”, parafraseando o *Animal Farm* de Orwell?

Lendo contudo este livro do princípio até ao fim, chegamos à conclusão de que a libertação da Grécia foi levada a cabo, em nome da liberdade, pelos Lacedemónios totalitários, que derrotaram os democráticos Atenienses, na sua própria terra, embora fossem estes imperialistas e mais do que autoritários nos territórios que dominavam. Eis uma das razões por que Tucídides caracteriza esta guerra “como nenhuma outra na mesma altura” (I, xxiii, 1).

Avanço tecnológico e aumento do poder

O tal progresso humano que verificamos na tecnologia e no saber e comportamento, desde os hoplitas e estrategos,

e das *trirremes* atenienses até aos submarinos atômicos, não conseguiu, por mais ética e bondade que pregassem os pacifistas e os humanistas, situar-se e andar intelectualmente, com os seus princípios morais, à frente da inovação tecnológica, e alterar assim o comportamento do Homem, retirando-lhe o instinto predador que o caracteriza, mesmo quando educado nos mais positivos valores éticos da civilização. Dificilmente é aplicável aos humanos os moldes do reino da *Utopia* (ed. Fund. Gulbenkian. 2008), descritos tão pormenorizadamente por Thomas More, que com a vida pagou a sua ousadia utópica, ao tentar imaginar uma sociedade humana melhor do que as anteriores, pois entra numa espécie de totalitarismo bondoso, há que desculpar este bondoso oximoro, uma vez que a bondade é de certo modo forçada pelas instituições, e não aceite de braços abertos pelos seus cidadãos. Talvez seja esta uma visão malévola, mas não deixa de ser quase impossível alterar a natureza do homem, eterna realidade ontológica.

O Homem helénico não é em nada diferente do Homem que encontramos nas ruas ou nos estádios ou nas escolas dos nossos dias, a não ser nas actividades a que o mais actual se dedica com tecnologia muito superior, pois ainda não foi, apesar de tudo e para bem de todos nós, substituído por robôs, que obedeçam a um comando central. Embora já tenhamos compreendido as visões de Kubrick no filme *Odisseia no Espaço*, em que a nave espacial, baptizada com o nome de *Hall*, é dotada de vontade própria, dificilmente conseguimos imaginar o mais profundo sustentáculo das suas aventuras sem a presença humana a comandar esses poderes miraculosos e não raro monstruosos.

Tucídides, o nosso historiador, intelectual e guerreiro, tem para o seu tempo uma visão, que quase diríamos cínica, porque, temos de confessá-lo, se aproxima da nossa, a respeito dos que se dedicam à política, à justiça, à oratória, ao conhecimento mais profundo do Homem e consequente-

mente à guerra, quer empunhe uma adaga, um arco com flechas, um dardo, uma funda, ou simplesmente o punho de um remo ou o pau de um tambor ou sobre na flauta, que marca o ritmo dos que impelem a embarcação para o destino escolhido, ou do que avança no pódio para proferir um discurso, depois de ter estado sentado a uma secretária, dotada de computador, a informar-se e a construir a partir de um *power point* informático a mensagem que vai transmitir. Sabe conseqüentemente o que esse Homem, “medida de todas as coisas” (*Hélade*, p. 289), é capaz de fazer de Bem e de Mal. Descreve as suas acções no tempo, no espaço, no constrangimento do medo e no à-vontade do poder absoluto ou democrático, que o conduz com segurança para inovações inesperadas em intervenções executadas no momento propício.

A navegação e suas limitações

Navegar no Mediterrâneo parece fácil para quem vive junto do Atlântico, passadas que foram as *Colunas de Héracles*, ou seja, a passagem de Gibraltar. Muitos Gregos a atravessaram a caminho do Sul, provavelmente, e do Norte, para as Cassitérides, para a *Britannia* (actual Inglaterra junta depois do século XVI no Reino Unido, com o País de Gales e a Escócia), de onde depois exportavam o estanho para as colónias gregas da Provença, sobretudo para Massália (a actual Marselha). Contam-se a este respeito as aventuras de Píteas de Marselha, sobre cujas navegações o geógrafo Estrabão (I, 4, 3, segs.) levanta inúmeras e graves suspeitas, pois tudo fica um pouco envolto na bruma do tempo, apesar das notícias da vinda de metais e de âmbar daquela zona, que deveria também incluir o mar Báltico. Assim não era com a familiar navegação no Mediterrâneo Oriental, seja no mar Egeu, seja no Adriático, entre a Grécia e a Itália e a

Sicília, e mesmo para Norte através do Bósforo até ao mar Negro e Cáucaso e actual Ucrânia, de onde provinham os cereais para Atenas, e também mais para o Ocidente, pelo mar Tirreno, em direcção às colunas de Héracles e a Tartessos, ou a Sul para as colónias gregas do Norte de África, desde o Egipto, onde estava, junto ao delta do Nilo, Náucratis, a mais antiga colónia grega, e perto da Mauritània, Cirene, colónia grega, que se situava no litoral da actual Líbia, e cuja arqueologia nos concede surpreendentes novidades.

Grande parte dessa navegação fazia-se em trirremes, navios com cerca de 200 remadores em três filas de remos sobrepostas devido à disposição descendente dos bancos, e não de andares, que tornariam os barcos altíssimos e desequilibrados, com mais alguma tripulação em que avultavam o piloto e o oficial que comandava o ritmo, além do estratega que dirigia as operações militares e um número reduzido de hoplitas e de arqueiros, para os primeiros recontros, que variava certamente segundo as necessidades de momento.

Havia em geral nas trirremes mais modernas, de cerca de 35 metros de comprimento, uma cobertura completa ao longo da nave, ou cobertas parciais à ré e à proa, e um esporão, tendo sido este reforçado, juntamente com a proa, pelos Siracusanos, para que pudessem abalroar os barcos atenienses, proa contra proa (VII, xxxvi), quando geralmente a abordagem e destruição do vaso inimigo se fazia de lado, rompendo o casco na zona mais longa e portanto mais susceptível de ser destruída. Podiam ter dois mastros equipados com velas redondas, sendo a vela maior retirada em combate, as quais naturalmente impediam que se navegasse contra o vento (II, xcvi), tal como depois do século XVI, se velejava com as chamadas velas latinas, que permitiam navegar contra o vento, fazendo largos bordos oblíquos e avançando conforme o ângulo possível. Por isso a navegação era em geral costeira, pois não só permitia uma orientação mais segura, como evitava a ondulação mais bravia do mar alto,

bem como permitia encontrar uma baía onde a tripulação pudesse cozinhar em terra e aí descansar. Embora a remos, as trirremes mais recentes podiam navegar normalmente à velocidade de 4 a 6 nós marítimos por hora, 7 ou 9 quilómetros, e quando em casos extremos, algumas havia, que, com bons remadores, chegavam excepcionalmente aos 10 nós. Tudo isto exigia, por parte dos remadores, um treino intenso, pois bastava uma falha no ritmo da remada, para que o desequilíbrio se instalasse, até porque os das filas mais baixas não conseguiam enxergar as pás dos remos, muito embora estes ao centro tivessem o mesmo comprimento, que diminuía conforme se aproximavam das extremidades do navio.

Para tarefas mais pacíficas havia os barcos mais velhos para transporte de cavalos (II, lvi), duas meias filas de remadores, uma a bombordo e outra a estibordo, que deixavam espaço até à popa e à proa do navio, para que nos espaços vazios se pudessem embarcar os animais, e os navios mercantes e barçaças, *holkádes* (II, lxix) e barcos de cinquenta remadores, os *pentecóntoroi*, sendo estas classes não raro atacadas (II, lxvii) para impedir, como táctica militar, a logística alimentar das cidades e das tropas inimigas.

Havia contudo que cuidar regularmente dos barcos, pois com o uso abriam fendas e o cavename e as tábuas do casco precisavam de ser calafetadas e secas ao sol (II, xciv, 3), com breu ou pez (tirado da resina do pinheiro) e a estopa ou a cera (*zopissa*), além de se ter de tomar em conta os estragos feitos pelos bichos da madeira, que já eram conhecidos dos naturalistas da Antiguidade.

Nem todos eram contudo barcos pesados e de grandes dimensões, pois no Livro IV, lxvii 3, faz-se menção de uma espécie de escaler a remos, *akátion*, e também *ákatos* (VII, xxv 6; lix 3) usados em geral para acções de pirataria, eram postos no mar para manobras mais perigosas que pusessem os navios de maior calado em dificuldades, impedindo o

bom funcionamento dos remos, que perdido o ritmo da remada, provocavam autêntico caos no andamento e confusão nos remadores. Apesar de mais pequeno nem por isso o *akátion* deixava de ser transportado num carro, para facilitar a sua deslocação no porto da ilha Minoa, que os Atenienses tinham ocupado.

De facto tinham sido os Atenienses que a todos tinham ultrapassado na construção náutica, mesmo aos Coríntios que no Istmo também, juntamente com os Corcireus, eram povos navegadores, e não só decidiam com inteligência e rapidez, como tinham uma capacidade inovativa, herdada com muito trabalho e repetição devido ao que tinham aprendido nas guerras contra a invasão, marítima e terrestre dos Persas, que então dispunham de esquadras fenícias, com larga experiência de mar, como vamos não muitos séculos depois verificar, sobretudo na história de Roma, com os seus descendentes Cartagineses.

Tucídides transmite-nos no Livro VII, xxi, já no quadro da guerra siciliana, duas intervenções do estratega lacedemónio Gilipo e do siracusano Hermócrates, quando têm de aceitar a imperiosa necessidade de se baterem no mar com os Atenienses, porque valia a pena arriscar, segundo Gilipo, que era coadjuvado por Hermócrates, que sublinhava o facto de que os Atenienses eram no fim de contas também de origem terrestre, como os Sicilianos, e que se naquele momento eram muito mais hábeis nas fainas marítimas e guerreiras, o tinham sido porque foram forçados a aprender, devido à ameaça Meda, a ser marinheiros. Era pois aquele o momento azado de lhes mostrar que a necessidade é mestra de engenhos, que ninguém é detentor de saber absoluto, e assim surpreendê-los.

O receio manifestado na Sicília e que acabará por ser vencido, será efectivamente o segredo para fazer desaparecer a ideia da invencibilidade dos Atenienses. E assim aconteceu.

O tempo meteorológico e cronológico

Tucídides faz-nos acompanhar os acontecimentos que descreve pelas estações do ano, e com tal precisão, que chega a datar os momentos de acção pelo despertar da Natureza e da flora, como quando se refere ao início da estação mais quente, com o despontar das espigas nos cereais das searas, que vão amadurecendo à medida que secam, o que condiciona, para quem é atacado, a preparação para a guerra (III, xv); ou quando já próximo do Outono, a vindima está a aproximar-se, o que vai impedir uma acção militar de importância (IV, lv). Verifica-se que a produção agrícola é considerada na sua verdadeira dimensão política e económica, seja para destruir a abundância ou para fomentar a penúria e a fome.

Ligar o leitor ao ciclo calmo da Natureza é uma das formas que tem o historiador para o atrair, pois essa tranquilidade pastoral serve de contraponto às cenas de violência bélica, com os imprevistos das batalhas que vai descrever dentro desse mesmo cenário tão calmo e que marcam os tempos de tumulto e de carnificina. Da mesma forma também nos sobressalta e intriga o seu poder de observação, quando descreve a onda gigante que se projecta entre a ilha Eubeia, em Oróbias, e o litoral, e que, ao bater em terra firme, no meio de um tremor de terra, provoca um autêntico *tsunami* (III, LXXXIX), que sem piedade acaba por comer parte da ilha e nela inundar uma superfície substancial, sem que para isso, além da *empeiria*, de que se servia com inteligência e intuição, precisasse de qualquer tabela ou sismógrafo para medir o seu grau. É um registo digno de nota para qualquer metereologista ou geólogo dos nossos tempos. O facto de chamar a atenção dos leitores ou ouvintes para um fenómeno inusitado é já um passo a caminho da meta científica que será atingida muitos séculos depois, e para a qual se parte pela observação e registo.

Análise das reacções humanas

É inegável o seu interesse em descrever e analisar com pormenor os comportamentos humanos, e compará-los entre si, demonstrando um entendimento próximo de disciplinas que só modernamente se afirmaram, como a psicologia e a antropologia, ainda que saibamos que, no seu tempo, os “*caracteres*” eram tipificados, não só na tragédia e na comédia antigas, e até estereotipados pelas máscaras, como em trabalhos posteriores dedicados exclusivamente, como o de Teofrasto (séc. IV e III a.C.), à observação psicológica do homem e do povo em que se integra.

A descrição no fim do Livro I, cxxviii, segs., do comportamento de dois traidores, outrora fantásticos heróis, como sejam Pausânias e Temístocles, um Espartano, o outro Ateniense, homens respeitados pelo seu passado e sua carreira como cidadãos em armas, demonstra uma actualidade intemporal que nos cativa e causa a maior surpresa. Perguntamo-nos como foi possível que dois patriotas daquela qualidade se fossem juntar em certa altura das suas vidas com os inimigos de antanho, os mesmos que eles próprios tinham derrotado com a glória que daí lhes tinha advindo e a fama, em princípio imortal, que perpassara por todo o Mediterrâneo onde se falava a língua grega.

Não será atitude como esta ignorada pelos tempos fora, embora muitas razões se possam invocar que a justifiquem: poder acrescido, riqueza sumptuosa e vaidade, orgulho ferido e espírito de vingança, como evoca Camões no canto IV, 33, dos *Lusíadas*, com magnífica e quase cínica eloquência: “Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano, / Catilina, e vós outros dos antigos / Que contra vossas pátrias, com profano / Coração, vos fizestes inimigos ... / Dizei-lhe que também dos Portugueses / Alguns trefidores houve algúas vezes.”

Não está reservada a traição só para “os antigos”. Também nossos contemporâneos a praticaram abundantemente,

ou como activas “toupeiras”, ou simples informadores de serviços secretos inimigos. Célebres e todos saídos da universidade de Cambridge, são Philby, Burgess, e até um parente da rainha Isabel II do Reino Unido, Anthony Blunt, conselheiro artístico do palácio real de Buckingham. Junta-se-lhes uma infinidade de outros casos, como o da lendária Mata-Hari, cabendo lembrar igualmente os romanceados pelo escritor e antigo espião John le Carré, ou mesmo casos diferentes como o de um Willy Brandt que, com a aprovação dos democratas antitotalitários, se bateu nas fileiras dos inimigos do Nazismo, mas de qualquer forma contra o seu *Vaterland* alemão. Isso valeu-lhe uma carreira política brilhante no pós-guerra, até falhar por motivos tortuosos, quando manteve um espião alemão ao serviço dos soviéticos, junto de si, chanceler da *Bundesrepublik*. Exemplos facilmente detectáveis não faltam, desde os tempos bíblicos aos tempos da investigação atómica.

Não são estes factos reais, contudo, que impedem Tucídides de valorizar o ser humano, como elemento essencial e constitutivo do Universo, quando põe na boca do estrategista ateniense Nícias, homem sábio e prudente, palavras como estas, embora pronunciadas diante das suas tropas, que já sentiam a derrota a aproximar-se inexoravelmente (VII, lxxvii, 7): “As cidades são os homens e não as muralhas, e igualmente os navios (nada são) vazios de homens.” Será que quererá dizer com Protágoras que, aconteça o que acontecer, o homem é “a medida de todas as coisas”, como já acima referimos?

Mesmo pensando desta forma observa a influência negativa do acaso, da Sorte, como geralmente se diz, que levava os próprios Lacedemónios, povo por excelência guerreiro, quando da campanha na ilha de Citera, colónia dos Atenienses, a temerem apavorados que a tal Sorte lhes reservasse algumas surpresas. O inesperado, o imprevisível na guerra torna-se uma obsessão, sobretudo quando se opera de forma não convencional, numa táctica de guerrilha. Não é de

admirar que os actuais combatentes terminem tantas vezes possuídos de fortíssimas depressões, de desequilíbrios psíquicos de toda ordem ou de uma repugnância sem tréguas contra a Humanidade.

A orgia revolucionária

A capacidade descritiva da irracionalidade revolucionária na *stásis* aproxima a análise do fenómeno humano dos que estão perturbados pelo ódio político, do relato de qualquer autor moderno que nos transmita o que se sabe da Revolução Francesa, talvez das mais sanguinárias da história do mundo, em que a suspeição e ódio de classe superam qualquer sentimento de bondade humana, levando o Homem a ultrapassar alguns animais ferozes, como o lobo (lembramos o plautino *homo homini lupus*), por exemplo, que, apesar de carnívoro e predador, não mata o adversário se este lhe fizer um gesto de submissão.

No Livro III, lxxxii, 3, segs., transmite-nos o historiador o ambiente caótico do que se passou com os Corcireus, no porto Hilaico, em que mesmo os suplicantes protegidos pela lei divina eram assassinados nos templos, recorrendo alguns, pelo medo que sentiam, a enforcarem-se no recinto dedicado a Hera, porque nem a sua situação de suplicantes lhes conferia qualquer segurança, sendo tudo ultrapassado por pais que matavam os filhos, pelo arrastamento e execução de gente que se protegia nos locais sagrados, enquanto outros eram emparedados até à morte no próprio templo de Diónisos.

A revolução pegou o seu fogo destruidor a outras cidades da Hélade, fogo motivado pelas paixões políticas e nalguns casos tribais dos defensores da democracia e dos partidários da oligarquia. E tudo isto porque lhes faltava o ambiente pacífico e próspero das cidades que proporcionam sentimentos mais humanos aos seus habitantes. Não se trata

aqui de factos do passado, pois ainda no presente os vemos com frequência, originados por esse Homem que é sempre o mesmo, com instintos à flor da pele, que podem ser bons ou cruéis. Basta lembrar a guerra civil de Espanha, dos anos 30, quando se abatia gente nas praças de touros, ou os fuzilamentos depois das invasões napoleónicas em Portugal, em que se fuzilavam sem piedade os adversários liberais ou absolutistas. O sangue parece embebedar os revolucionários, e quanto mais se vê e se cheira, mais se quer.

As próprias atitudes humanas no caos de momento provocado pelo medo e ódio são narradas por Tucídides de forma quase surrealista: os que se deixavam possuir pela sede de assassinio, eram dignos de confiança, mas o ser revolucionário mais calmo por ter um projecto viável, era digno de suspeição, porque podia estar feito com o inimigo, que a certa altura já nem se sabe quem é. O que tinha sucesso numa armadilha montada, era considerado esperto, mas quem tinha descoberto outra do lado adversário, ainda era mais esperto. O que não se sentisse disposto a tomar parte nesta acção caótica, só andava a empatar a revolução e era um cobarde perante os seus camaradas. Não havia promessa que se cumprisse, e até ficava mal a alguém que ainda conseguisse manter algum sentimento de honra, porque era o *direito revolucionário* que impunha a sua força, independente de qualquer lei que reflectisse o direito dos povos. Tal como nas *Bacantes* de Eurípides, representada naquela época, são a violência e o irracional que vão até à omofagia, os senhores da acção.

Não é pois surpreendente que em Anfípolis, na Trácia, pátria da família do historiador, em cuja campanha Tucídides sofreu o revés de ser derrotado pelo espartano Brásidas, pelo que foi seguidamente castigado e exonerado das suas funções militares, os habitantes tivessem destruído os monumentos a Hágnon, fundador da cidade, e os tivessem substituído por um memorial e por jogos em honra do estrategista espartano vencedor e seu libertador, quem diria?, da força

ateniense. O mesmo em Portugal vimos fazer com figuras importantes, embora não fundadoras da nação portuguesa, como o Marechal Carmona, para não falar de Salazar, ou na ex-União Soviética e países satélites, com Lenine e Estaline, e no Iraque com Saddam Hussein. Ainda não sabemos que estátuas vão ficar de pé na Sérvia do futuro, ou na Birmânia, ou na Venezuela. A Humanidade inteira da displicentemente intitulada aldeia global está cada vez mais próxima da loucura que o ódio sectário pelo seu semelhante inspira.

O genocídio e a crueldade humana

As barbaridades perpetradas pelos Trácios (VII, xixx) em Micalesso, uma pequena cidade da Beócia, têm qualquer coisa de jornalístico em que a apreciação feita pelo historiador é quase “politicamente correcta”, como hoje se costuma dizer, pois critica um facto que era natural para Bárbaros como eles, mas tomando a posição já ocidentalizada, que qualquer dos nossos contemporâneos tomaria frente ao canibalismo ou aos caçadores de cabeças de certas partes do globo que conhecemos e que ainda persistem. Não olha ele para tal massacre sem o olhar crítico e reprovador de uma Civilização avançada, em que o germe da defesa da dignidade e direitos humanos já se faz sentir.

Vemos também nesta obra a diferença de vistas e de apreciação sobre a luta de morte entre os que matam longe, armados com o pouco peso das armas de arremesso e vestidos com pouca roupa, com um escudo pequeno, enfim autênticos bárbaros ágeis e sem preconceitos da dignidade do cidadão mais civilizado, porque exercitados no *hit and run*, e os nobres hoplitas, em geral cidadãos de pleno direito que nobremente se batiam corpo-a-corpo, tal como Aquiles e Heitor, que nada tinham a ver com a ignóbil gente que matava com setas, com dardos, com fundas e pedras, e a

cavalo, mas cuja repugnante eficácia acabará por persuadir, pelos seus resultados, mesmo os técnicos mais conservadores da guerra. Esse grupo cheio de mobilidade virá a ser, no Renascimento castelhano, criticado por D. Quixote de la Mancha, que reprovava as armas de fogo, prova de cobardia, mas que ao invés de qualquer nobre hoplita, já aceitava os cavaleiros, que, pelo progresso que representam, terão sido reabilitados depois de Alexandre da Macedónia e sobretudo na Idade Média, com o Rei Artur, a Távola Redonda e Parcifal, não sendo de esquecer os portugueses Magriços, chamados os Doze de Inglaterra da nossa história, ou Bayard, Condestável de França, “chevalier sans peur et sans reproche”. É por esta altura a honra da cavalaria que era o traço dominante.

Do primeiro livro ao oitavo, no entanto, sucedem-se episódios dos assassinios em massa, tanto provocados pelos Atenenses e seus aliados, como pelos Lacedemónios e os seus, ou mesmo pelos Corcíreus, quando do episódio bélico de Epidamno. V. D. Hanson (*A War Like no Other*, Nova Iorque, 2005) teve o mérito de fazer as contas aos milhares de soldados mortos sem dó nem piedade durante esta guerra e de registar as inúmeras vezes em que as suas mulheres, filhos e filhas e restante família, ou foram mortos, ou vendidos para escravos, fonte importante de financiamento da guerra.

Um dos passos mais impressionantes destas carnificinas impiedosas é constituído pelo chamado “Diálogo dos Mélios”, que mais poderia ser denominado “O Ultimato dos Atenenses aos Mélios”. Queriam estes, antiga colónia e aliada de Esparta, manter a sua posição de neutralidade nesta guerra. Devido à sua posição geo-estratégica, pois a ilha estava bastantes milhas afastada do Peloponeso, ordenavam, por sua vez, os Atenenses que se passassem para o seu lado. Juntaram um contingente, a princípio comandado por Alcibiades, nas proximidades de Melos, e intimaram os ilhéus a render-se à evidência de que eram muito mais

fracos do que os Atenienses e que portanto deviam abandonar a neutralidade e juntar-se-lhes como aliados.

Ora os Mélios não queriam e argumentavam em defesa da sua soberania de cidade-estado, com o direito de permanecerem neutrais, e o diálogo resume-se simplesmente à dialéctica da força, que por parte de Atenas, se repete continuamente, que não aceitam o que em inglês se resume à fórmula *might is right*, “a força tem sempre razão”, atitude que não impede que as razões invocadas pelos dirigentes da ilha contra o que era exigido, com invocações da protecção divina, de nada valerão aos Mélios, tal como a coragem de se negarem a aceder à brutal proposta de Atenas. Acabaram por ser todos chacinados, homens, mulheres e crianças.

Como se poderia acreditar que os Atenienses de Péricles fossem os defensores da liberdade para os Helenos? Afinal Esparta sempre tinha razão, quando se proclamava a “libertadora da Hélade”! embora os seus cidadãos acreditassem na oligarquia.

Podemos argumentar que se trata de um episódio de há dois mil e quinhentos anos. Enganamo-nos. No Vietname passou-se o mesmo, no Cambodja cenas iguais, e se quisermos ir mais atrás, basta lembrar o episódio dos Cátaros de Albis, na Provença, que foram chacinados numa campanha comandada por Simão de Montfort e pregada por S. Domingos. Eram contudo duas partes religiosas que se defrontavam, mas foram os mais fortes que fizeram a matança. Isto no princípio do século XIII. Os homens eram os mesmos, o Deus também, mas as teologias divergiam. Bastou isso simplesmente, e não foi invocada a caridade cristã.

Orçamento da guerra

Outro dos aspectos que mais impressiona o leitor moderno é a noção concreta apresentada pelo historiador,

de que os recursos financeiros para promover campanhas bélicas têm limites, e que, sem a sua gestão correcta, aumenta o défice dos dinheiros públicos, que pode provocar a ruína da *pólis*. É o que diz o rei dos Espartanos, Arquidamo, quando analisa a situação de Esparta e respectivos aliados, frente à então disponibilidade financeira de Atenas (I, lxxxii, segs.) ao desenvolver o princípio actualíssimo de que a guerra é mais “*uma questão de dinheiro do que de armas*”, o que vai obrigar, com grande actualidade, ao longo da descrição histórica, a uma constante preocupação com a exigência e proveniência de fundos para financiar as operações militares, tanto no mar como em terra.

Mesmo que a pilhagem e o saque fossem formas normais de financiamento, naturalmente ocasionais, a guerra significava o enorme esforço financeiro de engajar tropas ligeiras, mercenárias ou não, remadores, em geral os cidadãos pobres de Atenas, os *tetas*, que depois se batiam também nas cobertas dos navios. Acrescentavam-se a este contingente marinheiros, pilotos e estrategos, mesmo que alguns destes, como também os hoplitas, se financiassem, pelo menos parcialmente a si próprios, por uma questão de honra e de cidadania, sem contar com as máquinas, primitivas embora, para abalarem e fazerem ruir as muralhas de uma cidade cercada. Ao lado porém dessas forças mais visíveis ajudava uma multidão de gente privada da liberdade, como os *escravos* atenienses, ou os *hilotas* espartanos, estes, eterna preocupação de Lacedémon, pois não só abasteciam com o trabalho agrícola a sociedade guerreira, como naturalmente se podiam revoltar durante as saídas das forças armadas. Tal como Demarato explicava, segundo Heródoto, a Xerxes (VII, 101) “a pobreza é a irmã de leite (*sýntrophos*) da Hélade”. Era essa a dura realidade.

Há que ter presente, contudo, que a riqueza de Atenas, que lhe permite dispor de 200 trirremes, e de perder 500, nos 27 anos de guerra, e lhe possibilita a construção do

Parténon e doutros monumentos que ainda hoje se vêem, não provinha só dos impostos pagos pelas colónias, porque exactamente no século V, dispunha a cidade de recursos naturais que lhe trouxeram excepcional liquidez: as minas de prata de Láurio, que faziam jorrar muitos talentos e dracmas para o tesouro ateniense da ilha de Delos.

O cuidado orçamental está sempre presente e facilmente pode ser comparado com situações, mais próximas de nós, de dívida externa como a do nosso rei D. Manuel, que para manter o monopólio da Índia e das especiarias, com barcos de guerra e soldados, quando morreu, deixou importante dívida aos banqueiros Fugger de Augsburg. Mais recentemente é de apontar o desequilíbrio da dívida externa dos Estados Unidos, quando promovem, para assegurar o seu império e a segurança dos aliados, longas campanhas para zonas longínquas, cujas populações acabam, tal como há dois milénios e meio, por se revoltarem contra eles, como aconteceu com as colónias atenienses, embora parte da população, por motivos internos, com eles estivesse.

O mesmo aconteceu, por volta de 1961, com o império português, que devido a uma visão utópica, foi destruído pouco a pouco, desde a perda de Goa, por falta de negociações com o Governo indiano, seguida depois pela guerra colonial, acabando os territórios por cair nas mãos dos inimigos indígenas, ajudados pelos escravos, alemães de Leste e cubanos do Ocidente.

Basta ler com atenção alguns documentos históricos para ver que, desde sempre, os grandes núcleos populacionais, tal como hoje, nunca estão mobilizados a favor da guerra fora do seu território, de forma homogênea, nem de acordo entre si. É um dos factores humanos, analisado nesta obra, que mais ressalta à atenção do leitor moderno, por ser claramente apresentado pelo já tão antigo historiador. O colonizado detesta tradicionalmente o seu colonizador, mesmo que, à partida deste, venha a ser ele próprio a provo-

car divisões, ódios, massacres, roubos, e tirania generalizada. Veja-se a antiga Rodésia, agora Zimbabué, o Congo, e mesmo alguns países da Europa Oriental, como a Bielorrússia, por exemplo, ou o Casaquistão, para não referirmos o trágico destino de Burma, antiga colónia inglesa do Oriente.

O racionalismo face aos fenómenos naturais

O exame racional de fenómenos, como a peste na Ática (II, xlviii, segs.), é levado a cabo com atenção tão científica quanto possível, procurando as origens do mal, e verificando com cuidado a forma como se manifestava nos seres humanos e nos animais domésticos, sem recorrer a causas sobrenaturais, como era o caso da peste durante o cerco de Tróia, que Homero atribui à vingança de Apolo, porque Agamémnon, o *primus inter pares*, comandante dos Aqueus, o desrespeitou, ao roubar Criseida, a filha do sacerdote do deus, sem qualquer respeito pela dignidade deste. Apolo, para castigar tal insolência, começou a disparar setas lá do alto do céu etéreo, e as mulas, os cavalos e os homens começaram a morrer. As pilhas de cadáveres já se amontoavam por toda a parte. E grassou a peste, entre os Aqueus que cercavam Tróia.

Ora com Tucídides essa visão está ultrapassada, pois pela sua análise sentimos que já nos encontramos na época de Hipócrates, o médico de Cós, que desvendara o mistério do chamado *mal divino*, a epilepsia, considerando-o como proveniente não do castigo dos deuses, mas de causas puramente naturais. Já no caso de Atenas foi-se procurar a origem da pandemia em terras distantes, como a Etiópia, referir seguidamente a sua viagem pelo Egipto e pela Líbia para chegar finalmente ao porto do Pireu. Estabelece-se pois um percurso em que os primitivos transportes da época

já eram considerados como possíveis portadores dos vírus. Segue um método científico que ainda hoje é válido e mais válido ainda devido à crescente globalização provocada pela assustadora multiplicação de transporte de pessoas e de animais, que podem ser transportadores dos vírus das epidemias e pandemias, e o porto do Pireu era o local indicado para os desembarcar.

Política expansionista, diplomacia e guerra

No livro II, quando Péricles vem organizar os funerais dos Atenenses mortos nos primeiros combates da Guerra do Peloponeso, aproveita esse momento comovente para fazer o elogio dos heróis pátrios e dos seus aliados, e ao mesmo tempo para salientar as vantagens económicas e sociais da “democracia” ateniense, e da liberdade de pensamento e da palavra que a caracteriza, considerando essa liberdade cívica, *eleuthería*, que na história do Ocidente tinha sido consagrada não há muito tempo. Veja-se em Heródoto as trocas de palavras entre Demarato, exilado espartano, e Xerxes (VII, 101 segs.), ou entre os Medos e seus embaixadores e os Atenenses (VIII, 144), que contrariando sem peias o rei da Pérsia, garantiram que enquanto houvesse um Ateniense vivo, não haveria acordo com o despotismo dos monarcas orientais, porque mais forte do que eles era a Lei a cujos princípios obedeciam, e que era mais poderosa do que qualquer mortal imperador, mesmo que divinizado.

Essa liberdade passou a ser o motor do Progresso e do bem-estar dos povos, fundamento futuro do Estado de Direito, de tão difícil aceitação em tantos países dos mundos oriental e africano e mesmo do Ocidente.

Aproveita Péricles a oportunidade, como se estivesse em campanha eleitoral, para realçar o crescimento intelectual e material de Atenas, e o lugar ocupado pelos seus sábios,

escritores, dramaturgos, arquitectos e escultores, nas culturas ática e jónica. Pronuncia uma frase que revela o orgulho intelectual quase ultrajante para outros mortais, quando se olhava para o Partenon, e refere-se a Atenas (II, XL, 1): “Cultivamos a beleza com simplicidade e o saber sem fraqueza.” Era a sua época aquela em que Atenas mais cresceu, devido ao seu poderio sobre dezenas de colónias que pagavam imposto, mas também por ter incentivado o comércio e sabido aproveitar em poucas décadas dos recursos naturais das minas de prata e dos ensinamentos aprendidos duramente durante as guerras médicas, como seja o de criar uma força marítima nos estaleiros, que para isso foram aperfeiçoados, composta de trirremes, de barcos e barças para transporte de tropas e de animais, sem esquecer os navios mercantes que iam ao mar Negro carregar os cereais necessários para a alimentação de Atenas e dos seus aliados.

Lembra esta medida a política de defesa que foi seguida pela Inglaterra, quando investiu na *Royal Navy*, por ter menos possibilidades demográficas do que a Espanha de Carlos V e dos Filipes, que podia abastecer de soldados as fileiras dos seus *tercios*, ou do que a França de Luís XIV. Segue este caminho, depois de Isabel I de Inglaterra ter derrotado, quase um século antes, a *Armada Invencível* do castelhano Filipe I rei de Portugal e II de Espanha. Será nos seus vasos de guerra que virá a apoiar-se nos anos seguintes a expansão do império britânico até ao século XX.

É a liberdade de pensamento admitida em Atenas que permite a Péricles defender-se abertamente das acusações do povo ateniense, quando a coisa pública corria mal, devido à peste e à deflagração da guerra com as consequentes baixas nas forças armadas. A sua defesa assenta (II, lxx, segs.) essencialmente em focar a decisão popular e não tirânica de entrar em guerra. Dá a entender claramente que a culpa não é só do governante Péricles, mas de todos os que votaram nesse sentido, numa “cidade imperial”, por estarem cons-

cientes e informados do que estavam a fazer, o que implica a responsabilização de uma sociedade aberta. No entanto não se esquece de apontar um princípio altamente sã para quem governa no meio de um bem-estar generalizado, (II, lxi, 1), que é “uma grande loucura entrar em guerra”. Isso não impede que considere a necessidade de o fazer, quando o império, que assume sem hesitação, corre perigo. É assim que se impõem os impérios, mas também é desta forma que estes se despenham e caem, em geral por motivos orçamentais e de laxismo e de carência de valentia, de imaginação e de valores.

É interessante, ao comparar o passado com o presente, quando verificamos que vai ser a potência democrática que dá azo à guerra, desafiando discretamente Esparta, que, por medo de vir também a ser conquistada, inicia as hostilidades. Nos tempos correntes, vamos ver, com outros cambiantes e por mais de uma vez, os democráticos Estados Unidos da América a iniciar campanhas e guerras, justificando essas acções bélicas pelo desejo de defender a liberdade e a democracia de que gozam os seus aliados. Desde o princípio do século XX, foi este o mote do presidente americano Woodrow Wilson, um democrata e não um republicano, que considera ser obrigação americana ensinar os povos a viverem em liberdade, o que não impede de coartarem a liberdade de viverem em tirania, com o pretexto de que a tirania é inadmissível, mesmo que os povos a aceitem como forma de governação, por desconhcerem uma melhor, sobretudo quando princípios religiosos maximalistas a dominam, tal como acontece parcialmente com a actual Pérsia e a generalidade dos Estados árabes e africanos, e como se verifica nos países que se libertaram do jugo totalitário, mas onde parte da população ainda sente a falta de um Estado que dela se encarregue do berço até à cova.

Proporcionando, no entanto, quando possível, o bem-estar material nos despotismos, dificilmente os seus povos

resistem ao desejo de disporem de mais liberdade individual, uma vez que a noção por vezes defendida de “liberdade colectiva” é em si mesma contraditória.

Não se deve esquecer que antes de vigorar esta visão, os EUA seguiam com zelo o “isolacionismo”, por serem dotados de um grande território e de um mercado poderoso, doutrina do Presidente Monroe, do qual saíram ao fim de contas, quando o império inglês se desmoronou, e cujo lugar, depois de duas guerras, vieram a pouco e pouco a ocupar.

A própria Grécia conheceu tiranias em tempos antigos, como demonstra Tucídides, havendo depois uma evolução para as oligarquias, em que são os cidadãos mais ricos e politicamente mais poderosos que governam, e, através dos oito livros que nos legou, notamos que a alternância entre oligarquia e democracia é permanente, e que as tropas atenienses ou dos seus aliados, ao serem comandadas para intervirem em várias expedições, podiam recusar a ajuda a uma oligarquia, enquanto Esparta, cuja constituição totalitária e estatizante é tomada como exemplo por Platão na *República*, não se caracteriza, no respeitante às suas tropas, por tal atitude negativa perante a ausência de direitos individuais, sendo, por esse mesmo motivo, mais da simpatia dos soberanos asiáticos, como o rei da Pérsia e seus conselheiros. Sentiam-se mais à vontade com o despotismo a que tinham habituado os seus povos e soldados, o que não impedirá paradoxalmente que seja a mesma Esparta, e não Atenas, considerada como a libertadora do jugo ateniense.

Esta forma de tirania irá instalar-se, depois do conflito do Peloponeso, mais especialmente na Sicília, que será o último teatro de guerra apetecido pelos Atenienses, que irão defrontar a resistência inesperada de um inimigo, com capacidade de decisão surpreendente: encontrarão esse inimigo nos Siracusanos, até então quase não conhecidos como povo guerreiro. Vão ser estes os mesmos que, com a ajuda de Esparta, mas devido à sua aprendizagem inteligente, darão o

golpe de morte na ambição ateniense, cuja metrópole e o seu povo sentirão com dor imensa o choque da derrota humilhante: tinham sido os maiores no seguimento das guerras médicas e, no desfecho da trágica expedição, tinham deixado de o ser.

Casos contemporâneos, entre outros, vêem repetir-se esse mesmo fenómeno: a União Soviética, Espanha, Portugal, França, e mais do que todos a Grã-Bretanha. Perdeu esta com mais saber diplomático e político do que outras potências de igual calibre, territórios extensos, povos inúmeros, poder sem fim, bastando para isso recordar o hino "Rule Britannia", que evoca o império em que a classe dominante era de longe a mais ligada a certas regras de comportamento e de saber humanístico, etnográfico e técnico, o que criou na memória dos colonizadores e colonizados recordações recheadas de pragmatismo ou de puro ódio.

Por outro lado, um império, ateniense ou espartano, não se forma sem intensas actividades diplomáticas. A cada passo vemos embaixadas ou simples legações irem a Atenas ou a Esparta, os tais epicentros imperiais, na esperança de obterem apoio, ou na intenção escondida de um dia os virem a derrotar e assumirem os seus lugares de colonizadores imperialistas. Celebravam-se tréguas e tratados de paz e o conteúdo dos documentos jurados e assinados por testemunhas, com a invocação dos deuses, devia obrigatoriamente ser comunicado às potências que os firmavam, como é o caso da embaixada lacedemónia que vai a Atenas (IV, xvi, segs.) comunicar o que pensava sobre as tréguas que primeiramente foram negociadas e depois recusadas. A argumentação jurídica e política não deve destoar, nas falhas e nos sucessos, do que hoje se processa entre as potências mundiais que procuram encontrar uma plataforma de entendimento umas com as outras depois de largos e graves conflitos. E tal como depois do encontro com Adolfo Hitler em Munique, Chamberlain e Deladier vieram comunicar

em Londres e Paris que não havia intenções malévolas por parte do Terceiro Reich, também muitas embaixadas entre as várias *póleis* gregas e Atenas ou Esparta, saíam ou com dúvidas, ou por vezes com esperanças, que não se efectivavam.

De facto entre Esparta e Atenas, as intenções declaradas nem sempre correspondiam a intenções honestas que discretamente eram concebidas para ludibriar os emissários. Por isso reina, durante toda a descrição da guerra, pelo menos até onde ela é analisada, o mesmo ambiente de desconfiança, que ainda hoje se repete, sobretudo nas negociações ligadas a países que já dispõem de armas atómicas e os que as pretendem, ainda não as tendo, mas secretamente tudo fazem para as adquirir ou montar.

É evidente que a carga cultural produzida por Atenas dificilmente seria transmissível no seu conjunto a outros povos fora da sua influência colonizadora e autoritária, enquanto Esparta, devido a um regime estatizado e completamente militarista, intencionalmente ou por via do próprio regime vigente, tinha feito estancar na sua metrópole qualquer veia artística, tal como Platão teria feito se executasse os parâmetros que tão bem explicita na *República*, como seja a expulsão dos poetas, porque deformam a realidade, entre os quais Homero, por exemplo. Os regimes modernos que, pela constituição espartana foram remotamente inspirados, tais como o comunismo soviético ou o nazismo alemão, só muito fortuitamente lograram produzir grandes artistas, excepto nos casos de perfeita concordância ideológica entre ambas as partes, o que significa um abaixamento significativo do nível literário da chamada “literatura comprometida”, “engagée”, dizem os Franceses. Isso não impediu que mesmo na pátria estalinista poetas houvesse como Pasternak, prosadores como Soljenytsin ou músicos como Chostakovitch

É interessante notar, no tocante a Esparta, e ao seu famoso estilo lacónico, a observação atirada por Tucídides a respeito do estratega espartano Brásidas (IV, lxxxiv, 2), que

em Acanto se sentiu na obrigação de dirigir a palavra aos habitantes, com a nota um pouco malévola do historiador, ao observar que o estrategista “para Lacedemónio, não falava muito mal”, muito embora se tratasse de um grande conhecedor das artes da guerra, que muito dano causou às forças terrestres e marítimas atenienses.

Pressentimos ao analisar com atenção o emprego das artes da guerra de então, que haverá no futuro a necessidade imperiosa de as modernizar: houve que substituir os hoplitas, equipados com escudos pesados, obrigados a avançar em linhas e fileiras, massacrados eventualmente devido à falta de mobilidade, embora acompanhados por “impedidos”, escravos que os seguiam e transportavam as armaduras, rodeados contudo por peltastas, cavaleiros e fundibulários. Esses motivos relevantes irão forçar os Atenienses e mesmo os Peloponésios a alterar o seu pensamento estratégico, preferindo o movimento bélico envolvente que tudo põe em perigo, à forte coesão do equipamento poderoso, que acaba por ser massacrado por quem parece não ter a mesma estrutura nem estatura bélicas. Ainda hoje se vê o que acontece entre forças desiguais, umas que representam a suma tecnologia, e outras que, com imitações dessa mesma tecnologia avançada, lhes infligem derrotas surpreendentes. As sucessivas derrotas no passado e no presente de ingleses e russos no Afeganistão, a que se juntam as actuais dificuldades, são a prova concludente disso mesmo.

Compreendemos, no entanto, que um estrategista com a idade e experiência de Temístocles, que se ocupou, com grande saber e experiência, das guerras marítima e terrestre, lutasse pela construção de barcos com cobertas, e de cidades com muralhas (I, xc, segs.), sendo as muralhas objecto de discussão entre Lacedemónios e Atenienses, numa espécie de diálogo do pós-guerra de 1945, que historicamente alguns de nós puderam presenciar, no qual se discutiam nos órgãos de soberania e nas instituições políticas e na comunicação

social o “desarmamento” e o “armamento”, em Alemão, *Entrüstung* e *Aufrüstung*.

Na antiguidade e mais especificamente no caso desta guerra, a verdade é que a decisão de Atenas não foi bem aceite, mas também não se chegou a acordo que levasse ao *desmuralhamento*, por assim dizer, das cidades mais fortes. As muralhas continuaram, e a técnica da sua construção foi cada vez mais aperfeiçoada (II, lxxv segs), combinando madeiras, cimento e tijolos. No entanto, no fim dos 27 anos da Guerra do Peloponeso, quando Lisandro comandou as forças espartanas na conquista de Atenas, a primeira defesa de que privou a cidade foi exactamente a Grande Muralha, construída a partir do Pireu, o que mostra ter ela sido um elemento de defesa essencial para a sua segurança.

A religião e a política da cidade grega

A religião entre os Gregos tinha a força que o desconhecido ou revelado sagrado extraterreno tem, mas não sendo consagrada por um livro único, como os Testamentos, a Bíblia, o Corão (texto bem mais recente), nem mesmo pelo Rig-Veda ou Upanishads do hinduísmo, já no século VI a.C. tinha deixado de influenciar decisivamente as decisões políticas, embora as pudesse consagrar por juramentos, bem como pelo facto de os seus templos darem asilo, em princípio inviolável, a foragidos e a perseguidos, que, com ou sem razão, neles se refugiavam. Persegui-los era um sacrilégio e o povo que o tinha perpetrado e que tivera a insolência de desafiar o Divino ficava seguidamente sujeito a vários castigos que iam prejudicar os sacrílegos ou a própria comunidade. A religião estava pois sujeita a interpretações diversas, e a verdade é que a pouco e pouco o pensamento teológico, por influência de filósofos, de historiadores, de tragediógrafos, que desempenhavam o papel de teólogos, passou a

intervir na consagração de actos políticos importantes, mas não na tomada de decisões importantes que implicassem um povo inteiro. A teocracia era pois inexistente, embora a religião tivesse grande influência nas atitudes humanas.

Tal não impedia que pudesse haver sacrilégios, e dois deles, a mutilação dos Hermes (pequenos postes votivos com a cabeça do deus) em Atenas e a cómica e trocista representação dos mistérios de Deméter e Perséfone, em Elêusis, perto de Atenas, nos quais se disse tomar parte relevante o devasso, descrente e exibicionista Alcibíades (VI, xxvii, segs.), que se gabava, na sua riqueza, pois vinha de uma família nobre e rica, de ter os melhores cavalos de corrida e assim contribuir para a fama e glória da sua cidade. Tudo se passa na altura em que Alcibíades, o moço que era rejeitado pela sua pouca idade pelos dirigentes mais velhos, conseguiu convencer os Atenienses a organizarem uma expedição, por ele comandada, para conquistar a Sicília, o que vai ser o primeiro passo para a ruína do poder de Atenas, devido ao alvo estar longe, exigir muitos fundos financeiros e grande armada, e nas paragens sicilianas dispor Atenas de poucos aliados, pois a maioria da população era de origem dórica e protegida por Esparta.

A megalomania e a amoralidade de Alcibíades, a quem inteligência não faltava, mas que residia nele, pela atracção do risco, na proporção inversa de qualquer bom senso desejável, levou-o a ser sujeito a extradição por parte dos tribunais atenienses, que o forçaram a regressar da Sicília para ser julgado, e para que, como espécie de *condottiere* do Renascimento, fugisse e se fosse aliar posteriormente à inimiga Esparta, e passado muito tempo de aventuras, regressar, honrado, e a pedido do povo ateniense, à sua terra natal, feita previamente uma pouco duradoura aliança com o inimigo persa, que prometia financiar outras aventuras militares, na esperança vã de conquistar a Hélade, tal como lemos no Livro VIII e último desta obra.

A aventura da Sicília lembra as imprudentes invasões da Rússia, levadas a cabo, com sinistros resultados, por Napoleão e Adolfo Hitler, nos séculos XIX e XX, com consequências desastrosas para a França e para a Alemanha, depois de um passado de vitórias consecutivas, que devem ter dado aos dois “pastores de povos” uma visão convicta de poder quase divino.

Quanto à história portuguesa pode lembrar-se a trágica campanha de Alcácer Quibir, no Norte de África, em que as tropas portuguesas, acompanhadas por contingentes espanhóis, italianos e alemães, comandadas por D. Sebastião, conjunto certamente mal preparado e heteróclito, foram derrotadas pelos Marroquinos, que perderam dois comandantes, substituídos por Almançor, em 4 de Agosto de 1578, enquanto D. Sebastião e parte significativa da nobreza nacional igualmente morriam em batalha, sem haver substituto do rei em Portugal, o que levou a tomar o ceptro do reino, dois anos depois, Filipe II de Espanha. Tal como também tinha sucedido em 1389 em Kosovo, em que o czar sérvio e grande parte da nobreza perderam a vida e deixaram o poder nas mãos dos Turcos, assim também terá acontecido no fim da guerra do Peloponeso com Atenas e o seu poderio colonial e nacional, acabando a cidade cercada pelas forças peloponésias.

O fim da guerra siciliana, que se processa seguidamente ao Livro VI, não podia ser mais trágico, e leva à destruição de grande parte das forças atenienses e aliadas, à execução de dois excelentes estrategos, Nícias e Demóstenes, e à glorificação do estratega espartano Gilipo, sem falar das provas de perícia bélica demonstradas pelas forças siracusanas, tanto em terra como no mar, simplesmente porque tiveram a capacidade de aprender com rapidez todas as manhas da guerra e a capacidade e criatividade organizativas para as executar, tal como aponta Tucídides (VIII, xcvi, 5) com perfeita imparcialidade e surpreendente intuição antropológica.

O final da campanha desastrosa, sublinhada por Nícias num discurso aos seus soldados (VII, lxxviii, segs.), é depois seguida de sucessivas derrotas, em que as tropas são praticamente chacinadas por Siracusanos e Espartanos (VII, lxxv, segs.), e retiram-se os poucos que escaparam para Atenas, onde a consternação ia ser comovente, sendo trágica a fuga dos soldados ao serviço de Atenas, que dramaticamente são forçados a deixar os seus amigos mortos, sem serem enterrados, e mais doloroso ainda, os seus amigos feridos, que gritam por socorro, já moribundos. É a cena mais impressionante da obra, em que a fraqueza humana é realçada pelo abandono a que é votada numa angústia mortal sem apelo nem agravo.

Foram também assim as retiradas das campanhas da Rússia, já referidas, que constituem exemplos, que raramente, porém, são lembrados. É assim a guerra, dirão muitos.

Por nossa parte é deste modo que termina o espectáculo bélico, em que o sangue e a destruição retiram ao ser humano o seu instinto mais precioso: o instinto da sobrevivência, e, quando este falha chegou a tragédia ao seu ponto mais alto, ou seja, ao da *catástrofe*. Tal como metaforicamente nos explica Aristóteles com a imagem do esticar, *désis*, o fio da acção trágica, no qual se dá um nó, ponto decisivo dessa acção. Quanto mais esta progride mais se aperta o nó, até que rebenta e com ele o decorrer normal dos acontecimentos das vidas humanas que estão a ser descritas. É a *lýsis*, o desatar do nó trágico, a que corresponde o desabamento dos destinos. O fim da guerra, embora não descrito pelo historiador, vai corresponder a todos os parâmetros trágicos: um herói, Alcibíades, que, pela insolência para com os deuses, infringe os limites do razoável, e na sequência da infracção vem o castigo, neste caso com o protagonista a salvo, mas com outros protagonistas substitutos que vão pagar pela loucura de outrem. Quantas vezes episódios assim não se repetirão no decorrer da história?

Não vão, apesar disso, evitar que se espalhe o mito e que a grandeza se mantenha. Foi assim o finalizar da batalha de Kosovo, em 1389, mas a catastrófica derrota dos Sérvios pelos Turcos não impediu que canções de gesta cantassem a derrota até meados do século XX, recitadas de cor e oralmente por bardos de muito poucas letras ou nenhuma. Nelas assenta a convicção comprovada, de que a poesia oral de que saíram os poemas homéricos existiu na realidade, mesmo que a escrita ainda não tivesse feito a sua aparição, que lhe permitisse gravar as grandes obras literárias.

O Livro VIII, cuja feitura tem sido posta em causa por várias perspectivas dos filólogos e historiadores, é a nosso ver apaixonante, não pela coerência da acção, mas pela via tortuosa que segue, com as maquinações de Alcibíades, e a oriental perfidia dos representantes do Grande Rei da Pérsia. Tal como depois da última guerra mundial (1939-1945), quando os inimigos da Alemanha e dos seus aliados se reconciliam, vemos em sentido inverso a Rússia Soviética a conquistar os futuros países satélites depois das conferências de Ialta. Por essa altura, os Americanos e aliados não se opõem a que acabe por ser elevada, primeiramente pela força das armas e alta vigilância, a fronteira da chamada Europa livre, lançada pelos comunistas soviéticos e seus aliados e a qual Churchill apelidou de *Cortina de Ferro*. É posto em prática seguidamente o chamado Plano Marshall. Destinava-se este a reerguer a Europa Livre desfalecida pela guerra, sem a excepção de Portugal, que o quis aceitar.

De forma parecida vemos no decorrer deste livro, que as duas potências adversárias, e Esparta contava agora com os Siracusanos, convivem com o velho e grande inimigo dos princípios do século V a.C., motivadas pela riqueza das satrapias do Império Persa e pela disposição do imperador em dominar a Grécia, primeiramente por fundos financeiros que a Hélade não poderia pagar, e seguidamente, ou pela via armada, ou por acordo, vir a dispor de um império

conjunto de Esparta, Atenas e, quem sabe, Sicília, que lhe dariam dimensão, riqueza, técnica e massa cinzenta, tornando o Persa o mais poderoso soberano da terra habitada, da *oikouménē*, a que juntaria as colónias gregas da Magna Grécia, ou seja da Itália, e até o Egipto, onde estava Náucratis, e parte do Sul da França, dominada por Massália. Não se trata de sonho irrealista, trata-se de uma visão utópica sem dúvida, mas que cabe na imaginação de qualquer monarca ambicioso, que governa com mão de ferro os seus domínios.

Não terá sido isso que mais habilmente a América fez ao aumentar o seu poder com a investigação, com Werner von Braun e os cientistas judeus que fugiram da Alemanha nazi?

Só que o sonho na Hélade não se realizou assim. Foi interrompido a meio pela ambição de Filipe da Macedónia e de seu filho Alexandre-o-Magno, que até pôs o mesmo Império Persa em perigo. Uma episódio, porém, apaixonante vemos neste Livro VIII, livro de pura política dúplice e de espionagem. Alcibíades aconselha os Persas a não darem protecção nem a Atenas nem a Esparta, apesar de estes nutrirem mais simpatia pela governação desta última, para que, sem fazerem a paz, as duas se desgastassem (VIII, xlvi, 4) e assim ele pudesse ser investido em Atenas, pelo próprio povo, no cargo que julgava merecer. E foi o que aconteceu (VIII, xlviii), e é essa uma das razões principais para que não levantemos dúvidas quanto à autoria do Livro VIII, pela perfeição maquiavélica de toda essa intriga diplomática dominada pelo equilíbrio de forças e suma inteligência e indiferença por parte do estratega ateniense, no que respeita a oligarquia e a democracia. O mais importante para ele, como para muitos através dos séculos, é mandar, e o poder é tudo.

A eloquência, o estilo da prosa e a guerra

Se a medicina, a arte da guerra e o fabrico dos seus instrumentos bélicos progrediam no século V a.C., também a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, diziam os Romanos) conheceu enorme impulso depois do trabalho intelectual dos filósofos pré-socráticos, dos quais vão sair alguns dos sofistas, cuja actividade pedagógica e capacidade de invenção com o uso da escrita distribuída e vendida aos discípulos virão incomodar o pensamento maximalista de Platão, testemunha como eles das guerras peloponésicas. O pragmatismo irritava o filósofo por fugir muitas vezes às regras da Ética, no entanto, quanto a nós, sem ele, o avanço da arte da eloquência teria sido diferente e pior, por não dar orientação racional e prática aos que a ouviam, que para mais eram obrigados a pagar as lições se as desejavam. O mundo intelectual sempre tentou desprezar a riqueza e o dinheiro, o que não significou que de outros modos, alguns “habitantes” desse mundo se não interessassem e até lucrassem com as delícias materiais. Ontem como hoje, liberais ou absolutistas, na sua versão contemporânea.

Tucídides vem no seguimento de alguns bons historiadores, e precediam-no já tentativas na prosa grega que consagraram um avanço estilístico notável: Hecateu, Helânico e Heródoto já constituem um grupo a considerar e respeitar, e sem dúvida prepararam, juntamente com sofistas como Górgias e o pedante, assim lhe chama Norden, Pródico a arte da *elocutio*, do *ornatus* e dos *tropos* e *figuras*, que eram instrumentos poderosos para atrair os ouvintes ou leitores. O nosso historiador aproveitou desse progresso na *Kunstprosa*, na prosa artística, expressão que em português não surte o mesmo efeito que no alemão. G. Calboli, na sua *Nota di Aggiornamento* traduz o título de E. Norden por *prosa d'arte* e mesmo assim parece-nos não conseguir o efeito da palavra composta germânica.

Já os antigos Romanos, que aprendiam grego, como os Portugueses do fim do século XIX ou da primeira metade do século XX aprendiam francês, julgavam que Tucídides era denso e difícil no vocabulário e na sintaxe. Esse juízo está certo e ainda hoje é válido. No entanto, mesmo no nosso tempo se poderiam transcrever, actualizando-os, discursos deliberativos ou parenéticos de Tucídides, que não perderiam actualidade em tudo o que tocasse o factor humano, lidos em qualquer espaço civilizado do Universo. Não sacrifica o que pensa ao estilo, mas utiliza este sim para dar mais realce ao pensamento sobre a Natureza do mundo e do Homem.

De qualquer forma os discursos abundam, não só nas ocasiões em que se celebram os mortos atenienses e a grandeza democrática de Atenas, no célebre discurso de Péricles, como na ocasião em que o mesmo governante, que pouco tempo depois morrerá, se defende das acusações contra ele movidas devido à situação de pandemia e de guerra. O mesmo acontece por ocasião das embaixadas às duas principais cidades, Lacedémon e Atenas, ou a outras que desejam aliar-se para promover mais guerra. Também ouvimos ou lemos os discursos que os estrategos, seguindo a praxe militar, pronunciavam antes de qualquer batalha, para esclarecerem e encorajarem os soldados.

No Livro I, cxl, segs., é Péricles que intervém num discurso deliberativo para aconselhar a atitude que deve ser tomada pelos Atenienses, frente à ameaça lacedemónica, depois de fazer uma análise racional do equilíbrio de poderes, no qual Atenas era mais poderosa no mar do que em terra, aconselhando portanto que, quando fosse atacada por via terrestre, atacasse o inimigo por via marítima, ao mesmo tempo que desaconselha aos Atenienses que sejam eles a iniciar o conflito. Não deixa contudo de os animar, seguindo a versão transmitida por Tucídides, que por todos os meios se devem defender, quando atacados, e que é essa herança

heróica que devem transmitir à posteridade. Mesmo que o patriotismo aflore por vezes, o discurso não é demagógico, porque é pensado e aconselha a análise e a moderação, que depois da sua morte serão surpreendentemente esquecidas.

No Livro II, xxxv, segs., a oração fúnebre pronunciada por Péricles, embora celebre mortes gloriosas pela pátria, é tudo menos fúnebre, pois revela um orgulho na cidade de Atenas e na sua obra intelectual e arquitectónica que a situam a anos-luz de distância de todas as outras cidades da Grécia. Começa por analisar o estilo do discurso que vai usar, numa tentativa de *captatio benevolentiae*, e decide-se, como é de esperar, por prometer uma simplicidade e modéstia que não conseguirá respeitar.

Ao modo antigo entra na análise dos feitos dos antepassados dos atenienses, com a intenção de valorizar o orgulho das velhas famílias quanto aos feitos outrora levados a cabo, e cujo efeito se prolonga até aos seus dias. Afirma sem hesitação que a civilização criada por Atenas nada imita, mas antes é um modelo (*parádeigma*) para todo o mundo, sendo uma sociedade aberta e democrática, onde cada cidadão pode ter a sua liberdade de pensamento, ao mesmo tempo que se sente seguro, por estar protegido por um aparelho defensivo, assente num poder marítimo indiscutível, e em forças terrestres respeitáveis, às quais pertenciam os soldados mortos, cujas famílias se deviam honrar pela sua coragem. E termina dirigindo-se às gerações mais novas, e com elas termina a *peroratio*.

Sempre senti neste discurso a semente de um nacionalismo, não tão liberal como quer parecer, e que surgirá de vez em quando na história do Ocidente, até chegar aos pontos mais nevrálgicos do século xx. Do segundo discurso principal já falámos em cima, apontando para a hábil maneira que denota, ao contornar críticas pela peste e pela guerra. Lembra um pouco as palavras de Kennedy, quando dizia aos cidadãos americanos que “mais importante do que

os benefícios que a pátria possa fazer pelos cidadãos, são os que os cidadãos podem fazer pela pátria”. No entanto, o comentário de Tucídides é elucidativo: Péricles fala de grandeza, de poder, aconselha contudo os Atenienses a serem moderados. É exactamente o contrário que vai acontecer, por exemplo, com a acção de Alcibiádes, como veremos no futuro.

Esta linha discretamente demagógica e laudatória não se encontrará no discurso de Cléon, no Livro III, xxxvii-xl, verdadeiramente populista e maximalista, que será imitado por muitos políticos pelos séculos fora, até aos nossos dias. Dá a entender claramente que muitas vezes verificou que a democracia não era um regime capaz de mandar em outros povos, ou seja, de exercer o império, e que a democracia ateniense acabava por ser uma tirania contra a qual os povos dominados reagiam e se revoltavam, tudo isto a propósito da revolta de Mitilene, e propõe um castigo brutal, de pena de morte, pois será a única maneira de Atenas não perder tempo a lutar contra os aliados, em vez de o fazer contra os inimigos. Discurso pragmático, sanguinário, com alguma ordem lógica num regime de terror.

Nos séculos XIX e XX discursos deste tipo houve, mesmo em democracias imperialistas como a da Inglaterra, pois temos de admitir que causa terror a quem muito domina, vir a abrir um precedente que tudo venha a fazer ruir. É o caso do Presidente do Conselho português nos anos 60, a sugerir que todos resistam em Goa até ao último homem. Ele sabia que o precedente da negociação e entrega de Goa, significava o fim do Império, e não aceitava que negociações levassem a qualquer lado favorável. Significou simplesmente o fim para os Portugueses do Além-Mar e de certo modo contagiou, até hoje, a própria metrópole.

Surge contudo o contraditório ao discurso de Cléon, nas palavras pronunciadas com extremo cuidado e inteligência por Diódoto (III, xlii-xlvi), que diz não querer falar

simplesmente para contrariar a tese da merecida pena de morte para os Mitileneus, pois não quer discutir a sua culpa, quer discutir sim, numa outra visão pragmática e mais humanista, por assim dizer, ainda que pareça uma desculpa pérfida, se a morte, como castigo da revolta, terá algum interesse para Atenas, pois se inclina mais para que lhes seja reconhecido o direito à indulgência.

Tal como Cléon fundamenta os seus argumentos na necessidade de resolver com rapidez e pelo medo uma solução que se impõe, Diódoto visa com mais cuidado os resultados no futuro apoiados na justiça, visto que deliberam quanto aos habitantes de Mitilene, no sentido de que possam vir a ser úteis, uma vez que seria de grande inocência acreditar que a natureza humana, quando dominada pela força irracional da paixão, se deixe conduzir pela força das leis ou por qualquer outra ameaça. E observa a situação de forma mais lata, considerando o ambiente internacional da época e os sentimentos dos aliados de Atenas, tanto mais que de Mitilene já tinha chegado Paques, com os mil revoltosos culpados, que Diódoto propõe sejam julgados e castigados dentro da lei, mas não a cidade de Mitilene.

Simplesmente para executar a proposta de Diódoto, que acabou por ser aprovada, e visto que a de Cléon tinha sido aceite anteriormente e uma trirreme enviada para comunicar a decisão da pena de morte a Mitilene, foi necessário mandar outro barco com remadores incentivados a remar a toda a pressa, a dormirem em turnos, e a alimentarem-se, enquanto remavam, com uma dieta especialmente calórica, em que entrava cevada moída, misturada com azeite e acompanhada a vinho, além da promessa do pagamento de um prémio se chegassem primeiro.

Chegaram os barcos praticamente ao mesmo tempo, porque o primeiro a partir tinha navegado com menos pressa e encontrara condições favoráveis de mar calmo e vento brando, mas já Paques lera o decreto da pena de morte e se prepa-

rava para o fazer cumprir, quando a chegada do segundo barco impediu que tal erro político e humano fosse levado a cabo.

Lido este episódio, chegamos à conclusão de que a seriedade e o profissionalismo históricos de Tucídides o não impedem de imprimir aos seus relatos um espantoso dramatismo que nos faz pensar no *suspense* e *thrilling* de que tanto se fala no mundo cinematográfico, só que este em nada trai a própria realidade.

As descrições das batalhas são de facto levadas a um pormenor elevado. O exemplo da batalha de Mantinea em que se defrontam os Lacedemónios, ao centro, comandados pelo rei Ágis, sob a suspeita de não ter sabido conquistar Argos, no Peloponeso, e que vêm dirimir uma questão “de águas” entre Tegeia e Mantinea (V, lxxv-lxxiv), com os Ciritas (*Skirítai*), à sua esquerda seguidos dos batalhões de Brásidas, vindos da Trácia, a seu lado os Arcádios de Hereia, e seguidamente os Menálios; na ala direita os Tegeatas, força local, e um pequeno contingente de Lacedemónios, na extremidade, nos finais dos flancos, a cavalaria.

O exército adversário tinha uma disposição semelhante: a ala direita formada por Mantineus, que eram os donos da região, seguidamente as forças especiais de mil Argivos, treinados à custa do Estado, e depois mais Argivos e os seus aliados Cleoneus e Orneatas e finalmente os Atenienses, na extremidade da ala esquerda, com a cavalaria a acompanhá-los.

Confessa Tucídides que não pôde saber o número das tropas de Lacedémon, porque o seu número é objecto de absoluto sigilo, enquanto o número dos outros, diz o historiador com ironia, é suspeito devido à gabarolice. Dá-nos seguidamente informação, além de aludir a seiscentos Ciritas, sobre a constituição de um dos sete *lóchoi*, ou batalhões, cada um com quatro companhias, ou *pentecósties*, e estas por sua vez com quatro grupos, ou *enomóties*. Nestas, quatro homens combatiam na primeira fila, e o número das fileiras

em profundidade, dependia de cada chefe, mas em média a disposição era de oito fileiras.

O recontro é descrito com cuidado, com os Argivos a avançarem com ímpeto e os Espartanos, à sua maneira, a marcharem lentamente, ao ritmo das flautas, sem romperem as linhas, numa imagem que inexoravelmente nos lembra as gaitas-de-foles dos soldados escoceses. A descrição da batalha mantém o mesmo pormenor: erros e golpes de sorte e de perícia guerreira, que levarão à vitória dos Lacedemónios, mais uma vez distinguidos dos outros pela sua coragem, ainda que a lentidão seja uma das suas características.

Há que realçar a estranha beleza que Tucídides imprime a estas cenas de guerra, pela minúcia com que anota as menores particularidades e ao mesmo tempo pelo à-vontade que manifesta ao descrever as praxes guerreiras, que vão desde as armas e escudos, à música e instrumentos que ditavam o ritmo da marcha.

O armamento e máquinas para os cercos

Já referimos que os *hoplitas*, legítimos cidadãos em armas, combatiam protegidos por espessos escudos de boa dimensão, armados de lanças, com as *knémides*, espécie de polainas metálicas, como em Homero, e equipados com armadura e capacete, protegendo-lhes estes as faces até ao queixo, ao mesmo tempo que na parte dianteira um reforço metálico resguardava o nariz. Era armamento pesado, que para grandes distâncias era transportado por um escravo, de quem raramente se faz menção. A estatura normal dos homens de então era, em média, de 1,5 m, e o peso das armas ofensivas e defensivas variava entre os 30 e os 40 quilos.

Foi por isso que com o andar do tempo e da experiência guerreira, a utilidade dos *hoplitas* foi de tal forma pragmaticamente examinada, que acabaram as tropas a pouco e

pouco por ser equipadas com armamento mais leve, que lhes permitia a mobilidade de que aproveitavam os bárbaros que eram engajados, como *peltastas* e mercenários, armados de um pequeno escudo e de dardos, e vestidos levemente, tais como os Trácios e os Citas, ambos do perímetro do mar Negro, sendo os últimos, a cuja guarda estava confiada a cidade de Atenas, originários do Cáucaso, e descritos na historiografia grega pela minuciosa descrição de Heródoto, tal como se comprovou pelas descobertas arqueológicas, processadas pelos soviéticos, nas últimas décadas do século XX.

Também se incorporam nesse grupo os archeiros, extremamente móveis, para alvejarem o inimigo onde este menos os espera, e os fundibulários, munidos de fundas e com projecteis constituídos por pedras, tal como os nossos pastores de antanho.

Outro investimento de peso era feito com as máquinas para destruir as muralhas e atingir o espaço por estas protegido, tratando-se naturalmente de engenhos, concebidos como os seculares aríetes e catapultas, lançando estas pedras de razoável calibre e peso, ou projecteis incendiários, com o fim de abrir brechas nas muralhas e quando possível atingir mortalmente os que defendiam as fortalezas ou então incendiá-las. Tal como hoje variavam de zona para zona as concepções dos engenhos, e tal como hoje também, os *mekanopoiói*, os engenheiros de então, aperfeiçoavam-nas de forma a torná-las mais eficazes e naturalmente mortíferas, como o faziam para as armas de arremesso ou para a luta corpo a corpo. O mesmo acontecia, como já se demonstrou, com as trirremes e as barcas de transporte de tropas e animais, ou de carga, fundamentais para a logística da guerra, o que, feitas as contas, lembra que sem fundos financeiros dificilmente se pode entrar numa guerra como esta. Os Gregos estavam, como nos diz várias vezes Tucídides, perfeitamente conscientes dos problemas desse tipo que a guerra levanta, tanto na contratação de homens armados, como na preparação do material para a fazer.

A campanha da Sicília

A *hýbris* ateniense entrou em plena aventura de insegurança, como já foi indicado, quando o *povo* e os dirigentes, incitados pela ambição sem medida de Alcibíades, ambição pessoal de comandar a operação, e de outros, que aprovaram a ida para a Sicília das forças navais e terrestres atenienses, sem que tomassem em conta o facto de na ilha não disporrem de aliados de peso e nem sequer de cavalaria. Além disso a despesa em que ficava uma campanha longínqua, para a época, só realizável por barcos de guerra e de transporte, para garantir uma logística financeira e alimentar, e aguentar as forças armadas durante um período que ninguém sabia quanto ia durar. Era tanto mais assim, quanto era evidente que a guerra se iria abrir em duas frentes, geograficamente afastadas, uma no Adriático, outra até ao Norte do mar Jónico ou Egeu, onde se podem incluir a Trácia, a Macedónia e as ambições dos que nela reinavam, e toda a costa para Sul, tal como aponta o historiador, sempre preocupado, no Livro VII, xxviii, segs., com os custos da logística e os perigos de longos trajectos, que passavam por territórios aliados e inimigos.

Muitos dos erros cometidos surgiram porque nada conseguiu apagar a chama ambiciosa que desde o início fez de Alcibíades uma espécie de “posseço”, cuja principal preocupação era a de desfazer a ideia de que era novo demais para comandar ao lado do seu rival Nícias. Com essa ambição irá atear a chama imperialista e a destruição de um povo que se considerava o “senhor dos mares”.

A intervenção do estratega Nícias, que, contra vontade, assumiu o comando, pouco feito teve nos dirigentes e num povo deslumbrados com a potencial glória imperial, cujo cenário diante deles se abria. Nícias, em vão, intervém com o bom senso, que repugna a qualquer grupo excitado e ambicioso, porque o toma sempre por disfarçada cobardia,

quando chama a atenção de todos para o perigo de uma decisão tomada sobre o joelho, que ia mandar para o mar a esquadra ateniense, “para uma guerra que não nos diz respeito” (VI, ix, 1). Aconselha portanto a que reforcem, sem mais aventuras guerreiras, a situação invejável e imperial em que se encontram, muito embora receie que a sua proposta seja fraca demais relativamente às disposições (*trópoi*) da sua audiência.

É Alcibiades que, pela sua maneira solta de viver, levantava as maiores dúvidas nos cidadãos mais conservadores, o orador que vai impor a sua visão da campanha, pois o que desejava acima de tudo era o comando para poder chegar aonde a sua paranóia o levava: a conquistar a Sicília, para a incluir no império ateniense, à qual desejava finalmente juntar Cartago, de origem fenícia, que já era um importante Estado militar e comercial, como poderemos verificar na futura história da Roma republicana. No discurso que profere (VI, xvi-xviii), compara a sua juventude, cheia de glória pessoal e de renome para Atenas, com o pensamento arcaico de Nícias, e recorda que a grandeza da sua cidade só foi possível quando velhos e novos juntaram entre si as suas vontades. Cegando todos com uma visão otimista, advertindo contudo para a distância a que se situava a Sicília, para cujos inconvenientes propunha medidas racionais (VI, xxi), conseguiu Alcibiades que votassem a partida das forças armadas para a aventura nos mares e na terra, e ainda hoje nos faz ver Nícias como uma espécie de “velho do Restelo”, antes da conquista portuguesa do Oriente. Ficamos perplexos perante esse enigma secular: afinal quem teve razão? Na questão ateniense, não há dúvidas que subsistam: foi com certeza Nícias, que acabou por pagar com a vida a loucura dos seus concidadãos. Quanto a Alcibiades, vemos, no seguimento da acção, que depois de ter sido julgada pela voz do povo, quanto à destruição dos Hermes, e à paródia dos mistérios de Elêusis, acabará por ter de se refugiar junto aos

Lacedemónios inimigos do seu povo, e como aventureiro manobrar ao longo do livro VIII, para voltar a Atenas, o que consegue, só não escapando às suas aventuras na Trácia, que o levarão finalmente a uma morte violenta, como indica a biografia de Plutarco.

Assim aconteceu com Napoleão e Hitler, com a Rússia, e com a Inglaterra do século XIX, com o Afeganistão, onde também os Russos soviéticos se vão enterrar, e nas guerras do Vietname e do Iraque, com os EUA, sem contarmos com outras que ainda estão em curso.

No campo contrário, em Siracusa, também as notícias da quase certa invasão ateniense, provocam agitação política, com dois discursos notáveis: o de Hermócrates (VI, xxxiii-xxxiv), pessimista, que prevê a vinda dos Atenienses com forças consideráveis, para ajudarem os inimigos na sua terra, os de Egesta e os Leontinos, e finalmente para conquistar a Sicília. De facto, como lembra o orador, já as forças atenienses tinham partido (VI, xxx, segs.), num cenário de despedida, que lembra a qualquer ocidental as partidas de tropas para a guerra, no caso português, por exemplo, para a guerra do Ultramar, e Hermócrates aconselha a que todos se preparem para a guerra.

Para o ridicularizar fala seguidamente Atenágoras (VI, xxxvi-xl), um populista extremamente apreciado da maioria, dentro da qual alguns havia que não acreditavam no ataque ateniense. Para dar ânimo a estes, afirma habilmente que só os mais estúpidos é que acreditam em boatos, tanto mais que os Atenienses, povo inteligente, não quererão vir para a Sicília, deixando na retaguarda, no Peloponeso, um inimigo perigoso e poderoso como os Espartanos. Mas, caso venham, dispõe Siracusa, segundo ele, de estrategos e de soldados, só sendo impedida de ter mais poder por um regime democrático perturbado em que a maioria popular não manda em todos, e relata a opinião de alguns segundo a qual a democracia não satisfaz nem a inteligência nem a

equidade. Contrapõe Atenágoras a esta crítica os defeitos da oligarquia, que guarda para si todas as vantagens obtidas pela cidade, embora reconheça a capacidade de quem manipula o dinheiro, e esteja consciente de que os mais novos e os mais ricos a desejam, e conclui que numa grande cidade o regime oligárquico é regime impossível. Apela pois ao Povo para que tome coragem, caso haja a invasão, e que defenda a liberdade, porque só ele está em condições de a poder defender.

Estes dois discursos nas vésperas de uma guerra são elucidativos do estado de espírito que reinava nos vastos territórios onde se falava grego, e defendem temas que ainda hoje afloram, mesmo na chamada época pós-moderna.

A guerra vai dar-se, Alcibíades será chamado a Atenas para ser julgado por sacrilégio, e foge para junto dos Lacedemónios, e a pouco e pouco, depois de estrondosas vitórias iniciais dos Atenienses, os Siracusanos, aliados dos Peloponésios, vão aprender as tácticas da guerra, não só em terra, tanto mais que dispõem de uma excelente cavalaria, como no mar, que já conheciam como marinheiros, sem dominarem contudo as artes bélicas a aplicar na luta marítima, até chegarem ao ponto de construírem um esporão nas suas trirremes, que, por ser mais forte que os das trirremes atenienses, lhes pode permitir a abordagem não lateral, mas sim de proa contra proa, o que facilita enormemente o abalroamento, por evitar demasiadas manobras. Vai esta iniciativa levar Tucídides a considerá-los, na avaliação que faz entre os três povos combatentes, como inventivos, rápidos e corajosos, tanto mais, é preciso recordar, de que quem ganha tem sempre razão, pois que derrotaram, com a ajuda dos Peloponésios, o poderio, inteligente, rico, e rápido de Atenas.

O Livro VII e penúltimo é preenchido inteiramente pelas batalhas na Sicília e começa a analisar o progresso siracusano na forma prática de combater no mar e na terra, e o sucesso que o estratega lacedemónio Gilipo vai obter, ao dar con-

fiança às tropas aliadas e sobretudo aos Siracusanos. Depois das primeiras derrotas começam os Sicilianos a obter a pouco e pouco as vitórias de que necessitavam para animar os seus participantes na guerra e de tal forma que entre os dois estrategos atenienses começam a surgir dúvidas, evidentes em Demóstenes, que virá a pensar na retirada, e no pessimista Nícias, que, assim se comportava antes da partida para a Sicília, e agora contraditoriamente (VII, xlvii-xlix) terá um raciocínio mais contemporizador, mesmo depois do desastre de Epípolas, e porque receava, conhecendo o carácter do povo ateniense, que começasse a correr a calúnia de que os estrategos tinham voltado para casa por terem sido subornados.

A dúvida e insegurança aproximavam-se e inexoravelmente perto estava a altura em que Gilipo, o Lacedemónio, e os seus camaradas siracusanos de comando começam a desenvolver nos discursos aos soldados o tema *sic transit gloria mundi*, no qual integram o império ateniense e prevêem a sua decadência, animando por isso os seus soldados a colaborarem na sua humilhação porque a Fortuna se virou a favor de Siracusa e dos seus aliados. Soam estas palavras como um *Requiem* solene pela morte de um poderio outrora bem vivo e temível, e que se não desapareceu naquela altura, virá a desaparecer dentro de algumas décadas.

De facto, depois da derrota final no porto estreito de Siracusa, o desânimo das forças atenienses vai ser sentido de forma violenta na sua metrópole, tanto mais que o fim das tropas que fugiram por terra não podia ter sido mais cruel. Entra-se num círculo infernal de dúvidas e inseguranças, das quais aproveita habilmente, no campo da intriga política interna e internacional, Alcibíades, que vai ser o eixo de toda a actividade política de Atenas, de Esparta e da Pérsia, uma vez que tinha feito chegar ao Grande Rei a firme impressão de que a sua força residia na visão que tinha dos dois campos inimigos, e da simpatia que manifestava pelo poderio do Império Persa.

Tal ambiente de insegurança e de medo, porque é o medo que impera, visto nenhum cidadão saber que futuro o esperava, fez fraquejar a democracia em Atenas. Do lado inimigo levantava-se uma onda de ódio que o levava a pensar em atacar definitivamente Atenas, fazendo exactamente o que ela teria feito se tivesse saído vitoriosa. De qualquer forma o quadro de guerra mais importante chegava ao seu fim. Restavam pequenas guerras insulares, em Quios, em Samos, a fazer no mar Jónio, até à Trácia. É nesse cenário que se vai jogar o enfraquecimento de Atenas, pese embora a futura vitória em Ejospótamos, que já não será descrita por Tucídides.

Verificando que o Povo estava a ser ultrapassado pelos acontecimentos negativos, que as suas decisões anteriores tinham errado no alvo a atingir, ou seja, a Sicília, os partidários de um regime de força oligárquica quiseram impô-lo, perante a indiferença de Alcibíades, que só estava interessado no poder, fosse ele qual fosse, e em ser reinvestido na posição que já tinha tido em Atenas.

A Samos chegará uma delegação de Atenienses dirigida por Pisandro, o adversário mais declarado da democracia (VIII, lxxviii, 1), a fim de negociar com Alcibíades, pois em Atenas tinha-se criado uma corrente política que preconizava como solução procurar a cidade uma aliança com Lacedémon, para terem um regime menos alterável, mais reduzido, e naturalmente mais poderoso. Tinham os Atenienses já começado a construir mais trirremes, na esperança de poderem voltar a conquistar o lugar que evidentemente já tinham perdido. Intensificava-se pois a propaganda política a favor da oligarquia e criam-se os dois corpos, o dos cinco mil, e o dos quatrocentos, forma de reduzirem o chamado Povo a um número mais controlado de cidadãos dependentes do poder oligárquico, ao mesmo tempo que os partidários do Povo, ou seja, do regime democrático se teriam de submeter pela lei e pela força aos autocratas (*autokrátōres*).

De qualquer forma, embora as instituições se mantivessem aparentemente inalteradas, o Povo tinha cada vez menos poder, até porque os agentes da oligarquia eram bem preparados e gente de renome. O conhecido orador Antífote, ele também inimigo da democracia, ajuda o movimento político a favor da oligarquia, mas tal visão nunca foi bem aceite pelas tropas atenienses em Samos. Em Atenas porém, o cidadão que se manifestasse contra a oligarquia era rapidamente suprimido de forma a não deixar rasto, o que obviamente lançou um regime de terror nas cidades por onde Pisandro tinha passado, inclusive em Atenas. Fazia-se sentir cada vez mais, embora discretamente, a acção política dos Lacedemónios, que nesta altura eram os que mantinham as suas estruturas de sempre menos alteradas pela guerra, pois eram os vencedores com os Siracusanos.

Vai ser entre Samos, onde estava concentrada parte da força naval ateniense, e Atenas que se travará o despique entre oligarquia e democracia, que vai prevalecer no momento em que é aceite a extinção dos quatrocentos e dos cinco mil, e se instituem os quatrocentos, eleitos e sujeitos às contingências das leis democráticas, e Alcibíades vai aparecer na sua última intervenção (VIII, cviii, 1-2) ao trazer treze navios de Fasélida e Cauno para Samos, gabando-se de que tinha sido ele que impedira que a armada fenícia dos Persas se viesse juntar, das vizinhanças da Trácia, com a esquadra do Peloponeso, e que finalmente conseguira que Tissafernes tivesse mais amizade por Atenas do que anteriormente. O capítulo cix descreve o fim do Inverno, do vigésimo primeiro ano da guerra.

Alcibíades

Já foi objecto de análise a malograda aventura na Sicília. Perto dessa tragédia está constantemente uma das figuras de

político, de guerreiro, de *condottiere* renascentista, de libertino, que mais impressiona pelas suas qualidades positivas, a par de uma amoralidade sem limites, a imaginação do leitor moderno. Trata-se de Alcibíades (V, xliii, segs.), filho de Clíneas, nascido já rico em 451 a.C., com antepassados da maior nobreza, rapaz culto, por quem Sócrates vai nutrir uma paixão não só filosófica, como se pode verificar no *Banquete* de Platão e em Plutarco, na *Vida Paralela* que lhe é dedicada, e com quem o mesmo Sócrates vai combater nesta guerra do Peloponeso.

Pensando que estava subestimado, que era demasiadamente valioso para o deixarem de lado, Alcibíades vai já ter um papel político importante antes da batalha de Mantinea, pois consegue convencer os Atenienses a prestarem o seu auxílio aos Argivos, e animado com este sucesso, vai continuar, oportunista que é, a estar presente nas aventuras guerreiras de Atenas, no cerco da ilha de Melos, por exemplo, até chegar ao ponto fundamental, culpado ou não, da destruição dos Hermes e da encenação dos mistérios de Elêusis, em que aparece implicado, quando da partida para a campanha da Sicília. Com esta amaldiçoada aventura militar vai consagrar a destruição da soberania da sua pátria e entrar como traidor e patriota, na companhia dos Lacedemónios, para posteriormente voltar a Atenas com a ajuda do velho inimigo Persa, na companhia dos Lacedemónios, a quem ajuda e prejudica ao mesmo tempo, aconselhando o Medo Tissafernes, a não confiar inteiramente nem em Atenienses, nem em Lacedemónios, e a aproveitar-se dos dois enquanto se iam destruindo. É um monumento de cinismo e duplicidade.

No retrato que traça Plutarco, na biografia de *Alcibíades*, incluída nas *Vidas Paralelas* encontramos todos os pormenores referidos em Tucídides, bem como a sua ligação filosófica, militar e amorosa com o filósofo Sócrates, *Tuc.*, VI, 15, 4. É de realçar, porque define o carácter voluntarista e

egoísta de Alcibiádes, que leva a pensar que não acreditava nem em democracia, nem em oligarquia, mas simplesmente no seu poder arbitrário e pessoal, a pequena história que nos transmite Plutarco, VII, 2: desejou Alcibiádes encontrar-se com Péricles, portanto, ainda no início da guerra. Foi até à porta da casa do governante ateniense “que não o podia ver, porque estava a preparar-se para prestar contas aos Atenienses”. Disse Alcibiádes ao ir-se embora: “Será que não seria melhor que se preparasse para não prestar contas aos Atenienses?” No decorrer dos séculos, quantos se comportam como Péricles ou à maneira de Alcibiádes? É difícil avaliar, mas a conclusão salta aos olhos de quem leia, pense e viva...

Sendo bissexual, casou com Hipárate, filha de Hipónico, de quem teve filhos, mas como continuasse a levar uma vida desregrada, foi a mulher então viver com o irmão. Porque o caso era público, moveu-lhe Hipárate, que era moralmente exemplar, um processo de divórcio, mas Alcibiádes, quando o soube (VIII, 3-4), foi agarrá-la, arrastou-a pela praça do mercado fora (*ágora*) e obrigou-a a ir para casa.

Quanto ao tema da campanha da Sicília, é importante lembrar, nunca esteve de acordo com Sócrates.

Cornélio Nepos que dele se ocupa em *De excellentibus ducibus exterarum gentium*, VII, confirma o que já sabemos (-2) dizendo-nos que na adolescência foi amado por muitos “*more Graecorum*” e de novo vemos aparecer Sócrates, no passo de Platão em *O Banquete*.

Confirma as tropelias feitas com os Hermes e com Elêusis (-3), e o pedido de extradição da Sicília, quando da campanha por ele congemina.

Ao fugir para Esparta, por sentir que era uma manobra contra a sua classe social, aí “*aduersus patriam, sed inimicos suos bellum gessit*”. Confirma-se mais uma vez a sua obsessão exibicionista e umbilical, na qual a causa pública pouco contava. Depois da derrota de Atenas fugiu para a Trácia. Nesta

zona aproveitou das amizades que durante a sua estada na Jónia, depois da Sicília, tinha feito com Persas, até que um dos sátrapas o mandou matar. Não ousaram os seus assassinos empunhar armas para o matar, mas juntaram sim lenha para queimarem a casa onde vivia, tendo ele sacado o punhal de um parente, visto que o seu lhe tinha sido roubado. Quando saiu foi atingido por projecteis e morreu com quarenta anos e foi a mulher com quem fugira, que cobrindo-o com o vestido, o incinerou no fogo posto.

Nepos insiste em que foi caluniado "*huic infamatur*" embora enumere os grandes historiadores que o louvam: Tucídides que era da sua idade, Teopompo, nascido pouco depois, e Timeu. Fala do seu prestígio em Atenas, que em Tebas ninguém conseguiu ultrapassar a sua força física e intelectual, e entre os Lacedemónios não hesitou em submeter-se à sua brutal disciplina e até, quando conviveu com os Trácios, adoptou os seus costumes de bebedores inveterados e entregues aos prazeres da carne, bem como refere especialmente a admiração que por ele tinham os Persas, por ser excelente caçador e amar as formas luxuosas de viver, pois a todos passava à frente.

Mesmo descontando o exagero quase mitológico, a verdade é que os seus defeitos e qualidades geniais e raras, apontam para todo o seu percurso criador e destruidor, no meio da Guerra do Peloponeso.

Recepção de Tucídides na Antiguidade

Grécia

O maior ensaio sobre o historiador e a sua obra é lançado por Dionísio de Halicarnasso, historiador e teorizador do estilo e da escrita, do século II a.C., já da época romana, em que as duas culturas se começam a entrecruzar. Consi-

dera-o D. H., no §2, *krátistos*, isto é, poderoso, mas como qualquer *grammatikós*, no lat. *litteratus*, observa que por vezes falha, porque embora ele seja um *kánon historikês* receia Dionísio falar só do que é de qualidade e esquecer os aspectos em que não é tão bom. Para testemunhar a crítica a Tucídides, apoia-se em dois exemplos, nos de Platão e de Aristóteles. Este não aceita a análise platônica, que o considera influenciado pelos sofistas, o que o leva a pô-lo em causa, por revelar influências de Parménides, Protágoras e Zenão, sem que nomeie Górgias e Pródico. D. H. permite contudo, com alguma inocência, a Aristóteles, que apesar de ter menos talento do que Tucídides, nem por isso deve ser impedido de ter a sua opinião. E dá exemplos a confirmar: artistas vulgares não foram proibidos de ter uma opinião sobre pintores geniais como Apeles, Zêuxis e Protógenes, ou sobre escultores de igual importância como Fídias, Míron e Policleto. Termina este passo cheio de aparente modéstia, que levanta as maiores dúvidas, afirmando que mesmo um homem normal, um particular, um *idiótes*, pode ser um bom crítico e até melhor do que um artista.

É obrigado a situar Tucídides na sequência de historiadores como Hecateu e Helânico, com especial ênfase sobre Heródoto, que o antecedeu e viveu até à guerra do Peloponeso, só que Tucídides preferiu tratar de um acontecimento histórico em que tomou parte e para o tratamento do qual, quando exilado, teve a possibilidade de recolher dados seguros para os episódios que viveu. Afastou o fantástico e transformou a História numa Sacerdotiza, *hiéreia*, da Verdade, de tal forma que se refere com imparcialidade a figuras como Temístocles e Alcibíades, seus compatriotas.

Aristóteles, refere D. H., é de opinião que Tucídides falha na *oikonomía táxis*, ou seja, na ordem temporal, sem que refira lugares, anos, arcontes, mas limitando-se a Verões e Invernos, e na continuidade da narrativa entrosa o passado de um acontecimento com outro mais recente sem que haja

uma relação de causa e efeito. Dá como exemplo, a purificação de Delos, da qual passa sem transição para guerra entre Ambrácia e Argos Anfíloquia. Reconhece, no entanto, e é a sua opinião pessoal, que a descrição se liga *in medias res*; discute causas aparentemente reais e causas de política de larga visão da realidade. De facto ligado à guerra de Epidamno, o verdadeiro tema seria a expansão do poder imperial de Atenas e o receio que a Lacedemónia dele sentia, mas apesar dessa atitude não consegue evitar que a descrição das batalhas seja excessivamente longa. Isso não impede que não haja equilíbrio no tempo dedicado às embaixadas, de Atenas a Esparta, tão-pouco quanto à peste, e aos discursos de Péricles, o primeiro de um nacionalismo feroz, quando só estavam em causa alguns mortos atenienses nos primeiros recontros da invasão espartana, o segundo mais curto, para se defender das acusações que lhe eram movidas. Há contudo nítida desigualdade, segundo D. H., em relação ao tratamento pormenorizado que deu às guerras, muito especialmente ao cerco de Melos (§37), que considera demasiado dramático, e ao genocídio da sua população masculina, seguida da escravização de crianças e mulheres, sem que se preocupasse o autor com outros levados a cabo pelos Atenienses também. Todos os intervenientes na guerra praticaram atrocidades, mas sente-se que pensadores mais exigentes quisessem que os Atenienses, sendo naquele momento histórico os mais civilizados, se tivessem comportado diferentemente.

Quanto aos discursos, que, como veremos, serão um ponto sensível para a posteridade, acusa D. H. de omitir o essencial e insistir no que é descartável. Dá o exemplo do discurso dos Mitileneus durante os Jogos em Olímpia, quando, devido à violência dos Atenienses e para mudarem de aliado, se lançam no incumprimento do tratado, o qual consideram, dentro do direito internacional da época, um acto vergonhoso. Querem portanto justificar-se. Inventam

então um subterfúgio, que ainda hoje parece assaz justo: um poder imperial como aquele, a todo o momento (III, xiii, segs.), em vez de aliado, pode tornar-se num inimigo mortal. Aponta inclusive o discurso de Mitilene para a altura favorável em que pratica a defecção: Atenas atravessa uma crise, depois da peste, com despesas acrescidas, e com a armada a guardar as zonas mais ricas, pois (§6) “a guerra não se dará na Ática, como pode pensar cada um, mas onde tirarem vantagens. Trata-se das riquezas que provêm dos aliados...” Só esta reflexão demonstra um realismo, que ainda não perdeu o seu vigor.

É evidente a intenção de D. H. de não valorizar o pensamento de Tucídides, mas de apontar para a sua preocupação com o estilo e regras retóricas, para certas incongruências em que a sintaxe não obedece à morfologia gramatical, o que dá origem ao solecismo, tudo isto como consequência das condenáveis liberdades de Górgias e dos sofistas.

Todos os defeitos que aponta não impedem que Tucídides tenha admiradores, mas, quanto a estes, transmite-nos D. H. uma reflexão maldosa, dizendo que quem se apaixona por uma cara, passa a julgá-la a mais bela de todas, ou seja, a repetição da frase inglesa “beauty is in the eyes of the beholder”, ou pior ainda em português: “quem feio ama bonito lhe parece”.

Depois do §49 dá-nos a entender que o historiador atinge o seu melhor estilo, quando não se afasta da normalidade, mas que não é tão bom quando se serve de vocabulário menos usual e de figuras mais estranhas. Portanto não é interessante para a oratória dos tribunais, tal como adiante veremos com Cícero. No entanto no §52 aponta para os seus defensores quando dizem que não fala para a posteridade, mas para os seus contemporâneos cultos. Põe em causa o “legado para sempre” e aí se enganam os que o valorizam, sem falar dos que o desvalorizam, como D. H. que se mostra consciente da sua má vontade, muito embora

admita já para o fim do ensaio que podia apresentar “milhares de exemplos” (§55) de Demóstenes em discursos deliberativos e judiciais, em que a influência de Tucídides é nítida. E esta discussão, em que *grammatici certant*, chegou aos nossos dias.

Roma

Cícero – nas obras sobre eloquência e retórica não esquece Tucídides, para elogiar a sua obra, mas também para lhe apontar as fragilidades que nele sente ao não abdicar da sua extrema exigência.

No *De Oratore*, II, XIII, 56, afirma peremptoriamente que depois de Heródoto, a quem chamou o “Pai da História”, Tucídides, na sua opinião, a todos vence devido ao domínio do estilo; dispõe de tal abundância de factos a ponto de conseguir que o número de raciocínios esteja a par do das palavras, e é tanta a propriedade e coerência do estilo que nem se sabe se é o estilo ou o pensamento que lhe conferem a sua alta qualidade. O orador romano é, porém, contra a opinião de muitos que consideram o autor grego como um orador que podia ser integrado nos tribunais.

Mantém a mesma opinião no *Brutus*, 83, 287, quando aponta o discurso *exilis* da sóbria escola ática e confessa “*Thucydidem imitamur*”, mas só quem quiser escrever história, e não quem tiver a intenção de defender causas, não sendo o seu estilo apropriado para a eloquência dos advogados na barra dos tribunais. No entanto, Tucídides, segundo o mesmo Cícero, faz falar a história de forma verdadeira, e mesmo os seus discursos (que muitos são), costuma louvá-los, mas quanto a imitá-los, confessa não poder. Mesmo que quisesse.

No *Orator*, 30, volta Cícero a referir o carácter temático da prosa tucidideana, constituído por factos históricos,

guerras e batalhas, e realça a profundidade e a honestidade com que tudo é analisado. Novamente acentua que dele nada se pode aproveitar para a prática forense e política pública. Mesmo os seus discursos deliberativos contêm frases obscuras e das mais crípticas, cujo entendimento só a custo se obtém, o que na oratória civil é o maior defeito. E acrescenta com ironia: que homem existe com tão mau gosto, que ao encontrar frutos vá comer bolotas?

Levanta contudo uma questão pertinente: por que razão no cânone dos oradores gregos, jamais Tucídides entre eles aparece? Reconhece entretanto que ninguém o consegue imitar no uso e na profundidade do pensamento, e ironicamente troça sobretudo dos que, na época ainda republicana de Cícero, escrevem textos disformes e disparatados, que sem qualquer mestre poderiam escrever, mas que mesmo assim se julgam irmãos de sangue de Tucídides. Mensagem mais actual não há. É intemporal.

Quintiliano – *Inst. Oratoriae*, X, 1, 33, escreve uma série de observações bastante elucidativas e informa que Cícero considera que nem Tucídides nem Xenofonte (que descreveu nos *Hellenica* a continuação da guerra do Peloponeso até ao seu fim, em 404 a.C.) são imitáveis pelo orador, pois o primeiro “faz canto guerreiro” e o outro “fala pela boca das Musas”. Continua no §73 a fazer comparações que nos são úteis hoje em dia para avaliarmos a evolução dos gostos: “Denso e breve e sempre com vivacidade é Tucídides, doce e transparente é Heródoto: o primeiro é melhor para excitar as paixões, o segundo para acalmar; o primeiro é aconselhável para as assembleias, o segundo para as conversações; o primeiro pela força íntima, o segundo pelo prazer causado.”

Finalmente no §101, tem Quintiliano um assomo de patriotismo, ao afirmar “que, na história, não ficamos atrás dos Gregos. Nem sequer receio comparar Salústio com Tucídides, nem há motivo de indignação se dissermos de

Tito Lívio que está ao mesmo nível que Heródoto...”. E de novo referindo-se a Lívio afirma sem hesitação: “Da mesma forma que, por várias qualidades suas conseguiu chegar à imortal velocidade de Salústio.”

Aulo Gélíio – defensor com Frontão, no tempo dos Antoninos, século II d.C., do *arcaísmo*, pois preferiam Ênio a Virgílio, ou Cláudio Quadrigário a Tito Lívio, escreve, *Noctes Atticae*, I, 11, uma nota interessante sobre Tucídides, em que até desce a pormenores que se não esperariam: “Tucídides o mais importante autor da história grega, relata que os Lacedemónios, esses guerreiros supremos, não mandavam tocar nas batalhas com o som das trombetas, mas músicas com flautas, não por qualquer rito religioso, ou por qualquer praxe cerimonial dedicada aos deuses, nem tão-pouco para que os ânimos ficassem excitados e começassem a vibrar, pois tal é a finalidade dos toques de trompas e trombetas, mas, pelo contrário, para que ficassem mais calmos e descontraídos, porque as notas das flautas moderam os ímpetos.”

Esta pequena observação em que a psicologia da guerra é considerada em todos os seus cambiantes, já a compará-mos à marcha das tropas escocesas, e até irlandesas, que mantêm a tradicional gaita-de-foles certamente de origem celta, como é o caso do Minho no Norte de Portugal, mas aqui sem fins militares.

Outra observação etnográfica repete-se em V, 70, quando Aulo Gélíio compara o grito lançado pelos soldados romanos “*ardentissimus clamor*”, e suspeita que seja para aterrorizar o inimigo, tal como sucede com os gritos usados nas artes marciais do Oriente, ao passo que os Lacedemónios combatiam em silêncio e com disciplina férrea.

Muitos são os pormenores que poderiam ter sido focados. O nosso interesse, porém, residiu em chamar a atenção

do leitor moderno para a intemporalidade da análise do fenómeno humano já com dois mil e quinhentos anos, ao mesmo tempo que escolhemos algumas fontes da Antiguidade para dar a conhecer, contrariamente ao que seria de esperar, uma análise mais técnica e utilitária, do que a por nós feita já no século XXI. Perguntar-me-ão qual a mais próxima da realidade, e só poderei responder que é o texto de Tucídides o mais próximo da sua realidade, pois os outros limitam-se a ser comentários.

Raul M. Rosado Fernandes

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

TUCÍDIDES

LIVRO I

Introdução e arqueologia da Hélade

I. Tucídides, cidadão ateniense, descreveu a guerra entre Peloponésios e Atenienses e a forma como lutaram uns contra os outros. Começou logo a seguir ao rebentar da guerra, na convicção de que seria grande e mais digna de relato do que as sucedidas anteriormente, dando-se conta de que ambas as potências se encontravam, em todos os aspectos, no auge da preparação para essa finalidade e porque via que o resto do mundo helénico se ia inclinar para uma das partes, uns de forma imediata, outros depois de ponderarem. [2] Foi este o maior movimento de sempre, que galvanizou os Helenos e determinada parte dos Bárbaros e, por assim dizer, parte significativa da Humanidade. [3] Era impossível, devido à extensão temporal, distinguir com clareza os acontecimentos que se deram antes ou os que ainda foram mais antigos. Quanto às provas que, investigadas por mim com a maior profundidade, julgo serem de confiar, penso que não eram importantes nem quanto às guerras, nem quanto a outros factos que se deram.

II. É evidente que o território a que hoje se chama Hélade não foi em tempos antigos uniformemente habitado, uma vez que então se sucediam migrações e que esses povos também abandonavam rapidamente os sítios onde se instalavam, por serem a tal forçados por outros mais nume-

rosos. [2] De facto não havia qualquer troca comercial nem se misturavam sem medo essas gentes entre si, nem por terra nem por mar, limitando-se cada uma a cultivar, no terreno onde estava, o bastante para viver, sem que obtivessem acumulação de riqueza por não plantarem as terras com culturas permanentes, pois não era duvidoso que um invasor as não pudesse ocupar, visto que nessa mesma altura ainda não dispunham de muralhas. Julgando que no dia-a-dia conseguiam obter em toda a parte e sem dificuldade o sustento necessário, mudavam de lugares e, por isso, não eram fortes nem na dimensão das cidades, nem em quaisquer outros recursos. [3] Era sobretudo a parte mais rica das terras que recebia estas migrações de habitantes, como a agora chamada Tessália e a Beócia, muitas partes do Peloponeso, com excepção da Arcádia, e tantas quantas fossem mais férteis no resto do território grego. [4] Devido à melhor qualidade da terra, assim era o poder gerado para as mais fortes, o que originava guerras sociais que as arruinavam e ao mesmo tempo as tornavam mais sujeitas aos ataques de tribos vindas de fora. [5] A Ática pelo menos desde há muito tempo foi poupada a lutas internas, devido à pouca profundidade do seu solo e por ter sido sempre habitada pelo mesmo povo. [6] E é um exemplo não desprezível do que digo o facto de ter sido por causa das tais migrações que os outros territórios não se desenvolveram ao mesmo nível. Afastados das outras partes da Hélade pela guerra ou pela agitação social, emigravam para Atenas os mais capazes devido à segurança existente e, desde tempos antigos, obtinham rapidamente estatuto de cidadãos, pelo que tornavam a cidade ainda maior pelo número dos seus habitantes de tal forma que, por fim, já sendo a Ática demasiado pequena, teve de mandar fundar colónias para a Jónia.

III. Também para mim está claramente provada a fraqueza dos tempos antigos pelo facto de que antes dos aconte-

tecimentos troianos parece que nada foi anteriormente e em conjunto empreendido pela Hélade. [2] Parece-me até que nem este nome se aplicaria à totalidade do seu território, e que antes de Heleno, filho de Deucalião, nem sequer existia essa denominação, uma vez que eram as outras tribos, nomeadamente a Pelásgica, que davam aos lugares os seus próprios nomes; porém, quando Heleno e os seus filhos cresceram em poder na Ftiótida e passaram a ser chamados em auxílio das outras cidades, a pouco e pouco as tribos, por motivo desses serviços, passaram de preferência a chamar-se Helenos ainda que, por muito tempo, não fosse possível que o nome se aplicasse exclusivamente a todos. A melhor testemunha disso é Homero. [3] Tendo aparecido este muito depois do conflito troiano, nem por isso usa, seja em que passo for, essa denominação para todos nem para outros, excepto para os que da Ftiótida acompanhavam Aquiles, os quais foram de facto os primeiros Helenos, muito embora no seu poema utilize denominações como Dánaos, Argivos e Aqueus. Não lhes chamou contudo Bárbaros, pois, como me parece, os Helenos ainda não tinham sido separados dos outros povos, para que, como contraste, fossem denominados por um só nome. [4] Cada um dos que porventura recebeu o nome de Helenos, cidade por cidade, separadamente ou sucessivamente, privando uns com os outros e em conjunto depois, nada empreendeu antes da guerra de Tróia devido à sua fraqueza e falta de contacto e de união entre si. E para essa expedição só se juntaram depois de terem progredido muito mais na experiência marítima.

IV. Foi Minos que, antes de todos os que nos são conhecidos pela tradição, montou uma armada. Dominou grande parte do que hoje é chamado Mar Helénico, e assenhoreou-se das ilhas Cíclades, sendo o primeiro colonizador da maior parte delas e, depois de expulsar os Cários, entregou o governo aos filhos. Quanto à pirataria, como é natural,

tentou expulsá-la do mar conforme podia, de maneira a que os seus rendimentos passassem mais facilmente para as suas mãos.

V. Os Helenos, em antigos tempos, bem como os Bárbaros que no continente viviam junto à costa, e assim também os que dominavam as ilhas, logo que começaram com maior facilidade a navegar em barcos uns contra os outros, passaram a praticar a pirataria sob o comando de chefes não desprovidos de capacidades, na mira de ganhos próprios e de prestarem ajuda aos aliados mais fracos, assaltando cidades desprovidas de muralhas ou que consistiam em aldeias espalhadas, as quais pilhavam, e dessa actividade compunham grande parte do seu modo de viver, visto que esta fonte de rendimento não era objecto de vergonha, mas consigo trazia muito pelo contrário renome glorioso. [2] Ainda o atestam hoje, e até em tempos passados os poetas, alguns povos continentais que consideram uma honra o proceder assim, perguntando aos que aportam à costa se são piratas ou não, como se não estivessem a fazer a pergunta a quem julga o trabalho digno de mérito e que não vai censurar perante os que desejam a informação. [3] Também em terra se assaltam uns aos outros e até nos dias de hoje em muitas partes da Hélade se continua a viver à maneira antiga nas zonas à volta dos Lócrios Ozolas, dos Etólios, dos Acarnanos e em terras do continente. O hábito dos continentais de andarem armados é um resto desse antigo costume de assaltarem.

VI. Com efeito toda a Hélade andava armada, porque as povoações não estavam protegidas e a convivência entre as gentes não era sem perigo e o porte de armas era um sistema normal, tal como entre os Bárbaros. [2] O facto de ainda hoje em certas partes da Hélade se manter este costume é a prova de que outrora semelhantes comportamen-

tos se espalhavam por toda a parte. [3] Entre estes povos, foram os Atenienses os primeiros a depor as armas, e uma forma de viver mais à vontade levou-os a mudarem-se para um maior bem-estar. Foi devido a esse bem-estar que só há pouco tempo os mais velhos das classes ricas é que deixaram de vestir túnicas de linho e de pentear em nó os cabelos da cabeça, que fixavam com um broche de cigarras douradas. Daí o ter passado há muito esse mesmo ornamento para os mais velhos dos Jónios, por serem da mesma origem. [4] Contudo um adorno mais modesto segundo esta mesma moda foi adoptado primeiramente pelos Lacedemónios, e evitando os que eram mais ricos que houvesse diferenças para com os outros, limitavam-se sobretudo a formas mais igualitárias. [5] Eram os primeiros a despir-se e à vista de todos untavam-se com óleo, quando praticavam exercícios físicos. Em tempos já idos, mesmo nos Jogos Olímpicos, usavam tangas à volta das partes vergonhosas os atletas que competiam, e não foi há muitos anos, que deixaram de o fazer. Na verdade, ainda hoje entre os Bárbaros, especialmente entre os Asiáticos, onde se atribuem prémios para a luta e boxe, os que os disputam assim se preparam. [6] Seria possível demonstrar que em muitos outros aspectos o mundo helénico tinha costumes idênticos aos do mundo bárbaro de hoje.

VII. Contudo as cidades que foram construídas mais recentemente e, quando a navegação se tornou finalmente menos perigosa, começaram elas a ter mais abundância de riqueza e a ser construídas na própria costa e os istmos a serem rodeados de muralhas com a finalidade de promover o comércio e de protecção dos povos frente aos seus vizinhos. Mas as cidades já antigas, devido à pirataria, que perdurou por muito tempo, eram de preferência construídas longe do mar, fosse nas ilhas ou no continente, pois os piratas não só se atacavam uns aos outros, como também os que

viviam na costa, mas que não eram gente do mar, e até aos dias de hoje ainda vivem nas terras do interior.

VIII. Não menos piratas eram os ilhéus, tais como os Cários e os Fenícios, que habitavam a maior parte das ilhas. Testemunho é dado por Delos, quando foi purificada pelos Atenienses durante esta guerra e foram abertos os túmulos nos quais jaziam os que tinham morrido na ilha, sendo mais de metade Cários, reconhecidos pela concepção das armas que com eles foram enterradas e que é a mesma das que com eles ainda hoje são sepultadas. [2] Quando se estabeleceu a força naval de Minos, tornou-se mais fácil a navegação entre os diversos povos, pois os bandidos foram por ele expulsos das ilhas, e muitas das suas povoações foram então colonizadas [3] e os habitantes da orla marítima começaram nessa altura a adquirir mais propriedades e a viver em maior segurança, construindo até alguns à sua volta muralhas, uma vez que se tinham tornado mais ricos do que eram. Promovidos pelo lucro os mais fortes, deixaram-se os mais fracos ficar na dependência destes, e os mais capazes e na posse de fortunas levaram a cabo pôr sob o seu domínio as cidades menos poderosas. [4] Foi desta forma que, crescendo cada vez mais, se decidiram a fazer a expedição contra Tróia.

IX. Segundo me parece, Agamémnon por ter ultrapassado em poderio os poderosos da sua época, é que conseguiu reunir a sua armada, e não tanto por estarem ligados pelo juramento de Tíndaro os pretendentes de Helena, que tinha sob o seu comando. [2] Também dizem os Peloponésios que receberam as provas mais seguras da tradição dos seus mais antigos predecessores, que Pélops, primeiramente na posse de enormes riquezas que com ele vieram da Ásia para junto de gente pobre, obteve para si o poder, apesar de ser um forasteiro, e deu o seu nome à região ao mesmo tempo que dela se assenhoreava e que depois ainda maiores

bens foram legados aos seus descendentes. Quando Euristeu foi morto em campanha na Ática às mãos dos Heraclidas, a Atreu que era irmão da mãe de Euristeu, por ter tido a sorte de ter fugido do pai quando do assassinio de Crisipo, tinha-lhe sido confiada por Euristeu a soberania de Micenas devido aos laços de parentesco. Visto que Euristeu não voltou, os Micénios por vontade própria e devido ao medo que tinham dos Heraclidas e porque Atreu parecia corajoso e agradara ao povo, levaram-no a receber o poder sobre eles e sobre aqueles em quem Euristeu tinha mandado, sendo desta forma que a casa de Pélops se tornou mais poderosa do que a de Perseu. [3] Parece-me esta a razão por que Agamémnon entrou nessa altura na posse de tudo isto e por dispor de um poder naval maior que o dos outros se lançou na expedição, impelido não tanto pela generosidade, mas pelo medo. [4] Na realidade é evidente que ele apareceu equipado com o maior número de navios, tendo mais outros ainda para ceder aos Arcádios, como Homero demonstrou, se é que Homero é testemunha suficientemente idónea. Diz ele, quando relata a entrega do ceptro, que “mandava em muitas ilhas e em toda a Argos”. Ora Agamémnon, estando no continente, não seria senhor dessas ilhas, à excepção das próximas da costa, que não são muitas, a não ser que tivesse poder naval. É por esta expedição que é necessário avaliar como era a situação antes de ela se realizar.

X. E porque Micenas era pequena e também porque qualquer cidade daquele tempo pareceria agora de pouca importância, não ficaria bem utilizar provas imprecisas para tornar pouco digna de crédito a grandeza da expedição tal como os poetas a descrevem e a tradição confirma. [2] Se a cidade dos Lacedemónios tivesse ficado deserta e tudo tivesse sido abandonado à excepção dos templos e das fundações dos outros edifícios, penso que, à medida que o tempo fosse passando, alguma dúvida subsistiria sobre se

o poder real de que usufruía corresponderia ao seu renome. E no entanto ocupam dois quintos do Peloponeso e mandam em toda essa região, bem como em muitos aliados de outras zonas. Ao mesmo tempo, visto que nem a cidade é construída com boas estruturas, nem dispõe de templos e de edifícios valiosos, mas é habitada em povoações à maneira da antiga Hélade, esse poder poderia parecer inferior. Atenas, por seu lado, se passasse pelo mesmo destino, só pela visão clara da cidade pareceria duas vezes mais poderosa do que é na realidade. [3] Portanto, há que não dar crédito somente às aparências, nem olhar mais para o que se vê das cidades do que para a sua real força, e acreditar que aquela expedição foi a maior das que antes se fizeram, ficando atrás contudo das de hoje em dia, se quisermos confiar na poesia de Homero, o qual por ser poeta é evidente que quis embelezar, embora pareça que mesmo assim a imaginou modesta. [4] Na verdade numa armada de mil e duzentos barcos apresenta as embarcações dos Beócios com cento e vinte tripulantes, cada barco de Filoctetes com cinquenta, indicando, segundo me parece, os barcos maiores e os mais pequenos. Quanto ao calado dos outros barcos não o recorda no Catálogo das Naus. Que todos eram remadores e guerreiros distinguiu-o ele nos barcos de Filoctetes. Com efeito fez archeiros de todos os remadores. Não é provável que houvesse tantos supranumerários na expedição, além dos reis e dos mais poderosos, sobretudo porque iam atravessar o mar com equipamento militar sem terem barcos com cobertas, mas simplesmente equipados conforme o estilo antigo, ou seja, mais como barcos de piratas. [5] Para quem olhar para a média entre embarcações maiores e mais pequenas não parece que na expedição fossem muitos homens, uma vez que eram enviados em comum de toda a Hélade.

XI. A causa não era tanto a falta de homens, quanto a falta de recursos. Era na verdade a escassez de provisões que



Itàlia Inferior e Sicilia

os levou a ter uma força armada relativamente pequena mas tão grande quanto esperavam para que pudesse sobreviver na região, enquanto estivesse a combater. Quando chegaram, mantiveram a sua força em combate, o que foi evidente; com efeito o sistema defensivo à volta do acampamento não poderia ter sido montado, e até parece que nem ali utilizaram toda a sua força, mas dedicaram-se à actividade agrícola no Quersoneso e à pilhagem, devido à falta de alimentos. Ali, visto que estavam dispersos, foi mais fácil para os Troianos fazer-lhes frente pela força durante dez anos e ser sempre rivais à altura dos que ficavam para trás. [2] Se tivessem ido para a guerra, tendo abundância de mantimentos e sendo numerosos, sem pilhagem e sem trabalhos agrícolas, teriam levado facilmente a guerra até ao fim, e teriam, por serem fortes, prevalecido vitoriosos em batalhas, visto que não tendo as suas forças unidas, mesmo assim, só com parte delas em campo, fizeram-lhes frente. Tivessem eles podido parar, montando um cerco, teriam conquistado Tróia em menos tempo e com menos trabalhos. Devido contudo à falta de dinheiro foram os seus esforços fracos antes de entrarem em acção, pois esta expedição, mais digna de renome do que qualquer outra que antes sucedeu, pelos factos se demonstra ter sido inferior à sua fama e à lenda tecida agora à volta dos acontecimentos pelos poetas.

XII. E na verdade, depois da guerra de Tróia, a Hélade ainda emigrava e fundava colónias, de tal forma que por não viver em tranquilidade, não se desenvolvia. [2] De facto nem sequer foi o retorno dos Helenos de Ílion, depois de tão longo tempo, que causou muitas mudanças, mas, pelo contrário, começaram geralmente nas cidades a gerar-se revoluções. E em consequência destas houve gente, que forçada ao exílio, fundou novas cidades. [3] Os Beócios de hoje, por exemplo, no sexagésimo ano após a destruição de Tróia, foram expulsos de Arne pelos Tessálios para a região agora

denominada Beócia e habitam uma região chamada em tempos passados Cadmeida, pois deles uma parte era outrora desse território e foi de entre estes que saíram os que foram combater em Tróia. Os da Dória, só no octogésimo ano depois de Tróia, é que se apoderaram do Peloponeso com a ajuda dos Heraclidas. [4] Foi apenas depois de muito tempo que a Hélade conseguiu sossegar permanentemente e o seu povo nunca mais foi expulso dos seus lares, mas saiu para fundar colónias. Os Atenenses colonizaram a Jónia e muitas das ilhas. Os Peloponésios, a maior parte da Itália, da Sicília e de outras regiões da Hélade. Todas estas colónias foram fundadas depois dos acontecimentos de Tróia.

XIII. Tendo-se a Hélade tornado mais poderosa e conseguindo, ainda muito mais do que no passado, adquirir riquezas, com a abundância começaram a surgir tiranias nas cidades, quando antes tinham existido regimes de realza hereditária assente em prerrogativas. Então a Hélade começou a aparelhar navios e a dar maior preferência ao mar. [2] Diz-se que foram os Coríntios os primeiros a dominar os métodos mais modernos da gestão e ciência náuticas e foi em Corinto que pela primeira vez na Hélade se construíram trirremes. [3] Parece que foi o engenheiro naval coríntio Amínocles, que construiu para os Sâmios quatro embarcações. Isto deu-se por volta de trezentos anos antes do fim desta guerra do Peloponeso, quando Amínocles foi viver com os Sâmios. [4] A batalha naval mais antiga das que conhecemos foi entre Coríntios e os habitantes de Corcira. Deu-se duzentos e sessenta anos antes da mesma data. [5] Estabelecidos no Istmo, os Coríntios sempre ali tiveram um mercado para a troca dos seus produtos, pois os Helenos desde antigamente, mais por terra do que por mar, dentro do Peloponeso ou fora dele, tinham de passar pelas terras deles. Por isso eram poderosos e ricos, como é demonstrado pelos antigos poetas. Chamavam-lhe de facto “a rica Corinto”.

Mas quando os Helenos passaram a utilizar a navegação, adquiriram os Coríntios mais barcos e limpavam o mar da pirataria, e ofereceram possibilidades comerciais por terra e por mar ao darem à sua cidade a acessibilidade necessária para a aquisição da riqueza produzida. [6] Também os Jónios seguidamente adquiriram um grande poder naval, no tempo de Ciro, o primeiro Rei dos Persas, e de Cambises, seu filho. Ao combaterem Ciro para defender os seus interesses, dominaram o mar junto da costa durante algum tempo. Também Polícrates, que era tirano de Samos, tendo-se fortalecido, no tempo de Cambises, com poder naval, reduziu ao seu domínio outras ilhas e entre elas tomando Reneia dedicou-a a Apolo de Delos. Finalmente, os Focceenses ao colonizarem Massália, venceram em batalha naval os Cartagineses.

XIV. Eram estas as mais poderosas das armadas. Mas mesmo estas, construídas muitas gerações depois da guerra de Tróia, tinham à sua disposição poucas trirremes, e estavam equipadas como as de antigamente, com embarcações de cinquenta remos e com barcos de carga de grande dimensão. [2] Pouco antes das guerras médicas e da morte de Dario, que reinou sobre os Persas depois de Cambises, trirremes foram encomendadas em grande número para os tiranos que reinavam à volta da Sicília e para os povos da Corcira. Eram estas na verdade as últimas forças navais dignas de nota que se encontravam na Hélade antes da invasão de Xerxes. [3] Os Eginetas e os Atenenses e outros povos adquiriram armadas mais reduzidas e a maior parte delas constituída por embarcações de cinquenta remos. Não foi há muito tempo que os Atenenses, quando estavam em guerra com os Eginetas e ao mesmo tempo esperavam os Bárbaros, foram convencidos por Temístocles a construir os navios, com os quais combateram em Salamina. Mas estes barcos ainda não tinham cobertas a todo o comprimento.

XV. Tais eram os mais antigos navios dos Helenos de tempos passados e que ainda hoje são feitos. Os que deste sector se ocuparam atingiram de qualquer forma maior poder para si próprios, no que respeita a riqueza e ao domínio sobre os outros povos. Faziam ataques navais contra as ilhas e subjugavam-nas depois, muito especialmente, porque não dispunham de terra que lhes bastasse. [2] Por terra não havia guerra que se declarasse, da qual se pudesse retirar qualquer poder. Todas as guerras que se faziam, fosse em que molde fosse, eram contra os vizinhos desses povos, porquanto expedições em terra estrangeira para dominação de outros não as organizavam os Helenos. De facto ainda não se tinham unido como estados vassalos às cidades maiores, nem tão-pouco tinham realizado expedições em comum e em pé de igualdade. [3] Era muito mais umas contra as outras que as povoações vizinhas se guerreavam. Foi muito especificamente quando da guerra que há muito fora declarada entre Calcidenses e Erétrios, que o resto dos Helenos se decidiu a promover alianças de guerra ou por um dos lados ou pelo outro.

XVI. Às outras populações helénicas e doutras regiões levantaram-se obstáculos que as impediam de se desenvolver. Quando o comércio corria muito bem para os Jónios, Ciro e o império Persa, depois de dominarem Creso e todo o território entre o rio Hális e o mar, viraram-se contra aqueles e reduziram à escravatura as cidades em terra firme, tendo sido Dario, tempos depois e então já no poder, que com as esquadras fenícias veio escravizar também as ilhas.

XVII. Quanto aos tiranos, onde quer que existissem em cidades helénicas, tão-somente davam atenção aos seus interesses pessoais e a aumentar o poder do seu círculo familiar por meio de medidas de segurança tão grandes quanto podiam, sobretudo na administração das cidades e de tal

forma que nada digno de atenção foi feito por eles, a não ser porventura por alguns deles, por alguma razão contra os que lhes eram vizinhos e que com eles se travavam de razões; na Sicília no entanto chegaram eles a ter um enorme poder. Foi por esse motivo que, durante muito tempo, fosse que parte fosse da Hélade se quedou na inércia sem conseguir realizar em conjunto nada de notável, nem as suas cidades levaram a cabo quaisquer feitos que denunciassem coragem.

XVIII. Depois disto os tiranos de Atenas e os do resto da Hélade, que durante muito tempo, antes de Atenas, tinha sido dominada por tiranos, a maior parte destes e os últimos de todos, à excepção dos da Sicília, foram desapossados do poder pelos Lacedemónios. Efectivamente Lacedémon que, depois dos Dórios se instalarem na zona que agora habitam, viveu, durante o maior período de tempo de que temos conhecimento, em estado de agitação social, também mais cedo do que todos, chegou a ser governada por boas leis e sempre livre de tiranos. Há certamente quatrocentos anos ou um pouco mais, já para o fim desta guerra, que os Lacedemónios aproveitam da mesma constituição. Este foi o motivo por que conseguiram o poder de intervirem na política dos outros estados. Depois de derrubarem os tiranos na Hélade, não muitos anos depois, a batalha de Maratona travou-se entre Medos e Atenienses. [2] No décimo ano a seguir a essa batalha, de novo o Bárbaro, com enorme contingente armado, veio para a Hélade com a finalidade de a escravizar. Perante tão grande perigo que sobre eles pendia, os Lacedemónios assumiram o comando dos Helenos, que se tinham juntado para lutar, pois eram os que tinham poder, e os Atenienses, quando os Persas avançavam, decidiram abandonar a cidade e, levando consigo os seus bens, embarcaram em navios e tornaram-se marinheiros. Expulso não muito depois o Bárbaro graças ao esforço comum,

dividiram-se os Helenos, juntando-se aos Atenienses ou aos Lacedemónios, tanto os que se tinham revoltado contra o Rei, como os que tinham formado a primeira aliança contra ele. De facto era evidente a grandeza desses Estados: uns eram poderosos em terra, os outros no mar. [3] Mas foi de pouca duração esta aliança armada, pois logo os Lacedemónios e os Atenienses, tendo-se desavindo, começaram juntamente com os seus aliados a lutar uns contra os outros. Se alguns dos outros Helenos por alguma razão discordavam, desde esse momento tinham de alinhar ou com um ou com o outro. E foi desta forma, desde a invasão médica que tudo continuou até à presente guerra, ora fazendo-se a paz, ora travando guerras, quer entre si quer com os seus próprios aliados, desde que se tivessem revoltado, o que serviu para que ambos os Estados se preparassem para a guerra e se tornassem mais experientes para tomarem as medidas necessárias por entre os perigos.

XIX. Os Lacedemónios dirigiam os seus aliados sem que os obrigassem a pagar tributo, mas cuidavam para que houvesse em todos um regime oligárquico, que era politicamente o que mais lhes convinha. Os Atenienses, por seu lado, juntavam aos seus os navios que iam, com tempo, tomando dos Estados aliados, à excepção de Quios e de Lesbos, obrigando todos ao pagamento de um imposto em dinheiro. Portanto a preparação financeira privada dos Atenienses era maior para esta guerra do que já fora para eles próprios e seus aliados, quando entre eles existia uma aliança muito forte e em estado puro.

XX. Foi assim que eu verifiquei terem sido no passado os acontecimentos, bem como o difícil que é, em casos destes, dar crédito a todo e qualquer testemunho. Os seres humanos aceitam o que ouvem acerca do que sucedeu antes deles, mesmo que seja na sua própria terra, sem o disputar

como se se tivesse dado com outros. [2] Os Atenienses, por exemplo, na sua maioria pensam que Hiparco era tirano e que foi morto por Harmódio e Aristogíton e não sabem que foi Hípias, o mais velho dos filhos de Pisístrato, que reinava e que Hiparco e Téssalo eram seus irmãos. Ora Harmódio e Aristogíton suspeitaram naquele mesmo dia que Hípias tinha sido informado por um dos que com eles conspirava e afastaram-se dele como se ele tivesse sido avisado, mas querendo agir antes de serem capturados e querendo arriscar, foi a Hiparco que encontraram e mataram, nas proximidades de um templo chamado Leocório, quando ele dirigia a procissão Panatenaica. [3] Mas existem ainda muitos outros acontecimentos, mesmo actuais, que o passar do tempo não apagou da memória, os quais os outros Helenos interpretam de forma errónea, tal como é o caso dos reis dos Lacedemónios, que não lançam cada um um voto, mas sim dois, e que os mesmos dispõem de uma “briga de Pítane”, a qual jamais existiu. É assim que a maior parte dos homens não se dá ao trabalho de investigar e de preferência se volta para o que está à mão.

XXI. De qualquer modo, quanto às provas que foram indicadas, quem quer que seja que acredite que os factos se deram de forma muito parecida, não se enganará, se não conceder muito crédito ao que os poetas sobre eles em verso escreveram embelezando-os até mais não, nem tão-pouco aos cronistas que os embelezam para agradar às preferências de quem os ouve, mais do que para se aproximarem da verdade, pois os acontecimentos já não são verificáveis e muitos deles com o passar do tempo, por serem incríveis, entraram no reino do mito. Deve-se antes de mais considerar que se tentou encontrá-los pelas indicações mais seguras, uma vez que são bastante antigos. [2] Mas esta guerra, muito embora o homem julgue que a guerra em que se está a bater é sempre a maior, quando ela termina e

pode admirar com maior facilidade o que antes aconteceu e olha os factos a partir dos trabalhos por que passou, sem dúvida que lhe será evidente que foi esta a maior de todas.

XXII. E quantas coisas muitos disseram nos discursos ou quando estavam prestes a entrar na guerra ou quando nela já estavam, foi difícil lembrar com rigor as palavras que proferiram, quer para mim, quando eu próprio as ouvi, como para outros que de outras fontes a mim as transmittiam. E conforme o que me pareceu que cada um teria dito e era mais apropriado para a circunstância presente, eu mantive-me o mais próximo possível daquilo que na realidade havia sido dito. [2] Quanto aos feitos que foram praticados na guerra esforcei-me por escrever não sobre informações de alguém que porventura lá estivesse, nem como pessoalmente me parecia provável, mas recolhendo dentro do possível com rigor todos os factos nos quais estive presente ou que por outros me foram contados. [3] Foi difícil descobrir os factos, uma vez que os que tinham estado presentes nos vários acontecimentos não davam a mesma versão tendo eles próprios lá estado, mas de acordo com a sua simpatia por um lado ou pelo outro ou segundo o que era a sua recordação. [4] Pode parecer menos agradável faltar o fabuloso na minha leitura. Mas todos os que quizerem ver com clareza o que aconteceu e que virá de novo a acontecer nalguma outra vez, em conformidade com o que é humano, seja de igual forma ou de forma parecida, se a julgarem útil, já isso me é suficiente. O que escrevi não foi concebido para ganhar prémios ao ser ouvido de momento, mas como um legado para sempre.

XXIII. O maior dos feitos que antecederam a guerra do Peloponeso foi o conflito com os Medos que teve contudo um desfecho rápido com duas batalhas navais e duas terrestres. Mas a enorme complexidade desta guerra prolon-

gou-a e nela ocorreram desastres que assolaram a Grécia como nenhuns outros em período de igual duração. [2] Nunca tantas cidades foram conquistadas e devastadas, algumas pelos Bárbaros e outras pelos próprios Helenos que entre si lutavam. Houve mesmo algumas que depois de capturadas mudaram de habitantes. Tão-pouco houvera tantos exilados e tanto morticínio, provocados pelo decorrer da própria guerra ou pela violência social interna. [3] Os acontecimentos mais antigos, que pela tradição foram relatados e que raramente eram confirmados pelos factos, deixaram de ser incríveis, tais como os terramotos que simultaneamente aconteceram em parte significativa da terra e que se manifestavam com a maior violência, bem como eclipses do sol, que se sucediam com maior frequência do que em quaisquer outros momentos anteriores de que houvesse memória; secas enormes também surgiram e com elas a fome; finalmente a não menos destruidora peste que destruiu parte significativa da população. [4] Todas estas catástrofes sucederam a par da guerra. Começaram-na os Atenienses e os Peloponésios depois de quebrarem o tratado de tréguas de trinta anos que eles próprios tinham assinado depois da conquista da Eubeia. [5] Quais as causas por que o quebraram, assim como as suas discordâncias, já sobre isso anteriormente escrevi, de tal forma que ninguém jamais tenha de investigar por que motivo tão grande guerra se veio instalar entre os Helenos. [6] O pretexto mais próximo da verdade e que não tem sido visível no que se tem dito é que o avanço a que os Atenienses tinham chegado lhes conferia muito poder, o que causou medo aos Lacedemónios e os obrigou a declarar a guerra. As causas porém que publicamente foram avançadas dos dois lados, e que os levaram a quebrar as tréguas e a declarar a guerra foram as seguintes:

Luta em Corcira: começo da tensão entre as cidades

XXIV. Epidamno é uma cidade que se depara à direita de quem navega em direcção ao golfo Jónio. São seus vizinhos os Bárbaros Taulâncios, da nação ilírica. [2] Fundaram-na os Corcireus, e o seu fundador foi Fálío, filho de Eratoclídes, de raça coríntia, um dos descendentes de Héracles, e que tinha sido convidado a vir da metrópole segundo o antigo costume. Alguns Coríntios e outros da raça dórica tinham estado juntos na fundação. [3] Com o andar dos anos conseguiram os Epidâmnios grande poder e muita população [4] e tendo entrado em revoltas internas durante muitos anos, segundo consta, e devido a determinada guerra com os seus vizinhos bárbaros, enfraqueceram e ficaram privados do muito poder que tinham. [5] Por fim, antes desta guerra, o seu povo expulsou os poderosos. Ora estes, tendo juntado forças com as dos Bárbaros, atacaram e pilharam, tanto por terra como por mar, os que tinham ficado na cidade. [6] Os Epidâmnios que ficaram na cidade, quando se sentiram em dificuldades, mandaram delegados a Corcira, por ser ela a sua cidade-mãe, pedindo-lhe que não ficasse indiferente enquanto eles estavam a ser destruídos, mas que promovesse a reconciliação entre eles e os exilados e pusesse termo à guerra com os Bárbaros. [7] Pediram tudo como suplicantes, sentados no templo de Hera, mas os Corcireus não acederam às suas súplicas e mandaram-nos para trás sem nada terem conseguido.

XXV. Dando-se conta os Epidâmnios de que nenhuma ajuda lhes chegaria por parte de Corcira ficaram numa situação desesperada para resolver a presente dificuldade. Então mandaram a Delfos perguntar ao deus se deviam entregar a cidade aos Coríntios, uma vez que eram estes os seus fundadores, e tentar pedir-lhes auxílio. O deus respondeu-lhes que lhes deviam entregar a cidade e deles fazerem seus chefes.

[2] Foram os Epidâmnicos a Corinto e, obedecendo ao oráculo, entregaram a cidade como colónia, demonstrando que o seu fundador vinha de Corinto e dando a conhecer o oráculo. Pediam contudo que não olhassem para o facto de se encontrarem destruídos, mas sim que os viessem salvar. [3] Os Coríntios aceitaram prestar a ajuda, fundamentando-se na justiça, visto que acreditavam que a colónia lhes não pertencia menos do que aos Corcireus, opinião a que se juntava o ódio que por eles sentiam, devido ao facto de que, embora fossem sua colónia, da cidade-mãe pouco cuidavam. [4] De facto nem para os festivais anuais contribuíam com as dádivas que é costume dar, nem começavam as cerimónias religiosas com um representante coríntio, como faziam as outras colónias, mas olhavam-nos com desprezo. Naquele tempo, no que dizia respeito ao poder financeiro, estavam eles à altura dos mais ricos dos Helenos, estavam mais bem equipados no que respeitava o aparelho bélico e especialmente até no poder marítimo, quanto ao qual se gabavam de lhes levar a dianteira, e devido a Corcira ter sido em antigos tempos ocupada pelos Feaces daí retiravam a fama no respeitante à navegação. Foi por essa razão que desenvolveram a armada e eram efectivamente poderosos. Com efeito dispunham de cento e vinte trirremes quando começaram a guerra.

XXVI. Os Coríntios, tendo embora razões de queixa por todos estes motivos, ficaram agradados e enviaram auxílio para Epidamno, deslocando os colonos que quisessem ir e guarnições deles próprios e de Ambraciotas e Leucádios. [2] Avançaram a pé para Apolónia, que era uma colónia dos Coríntios, para não serem impedidos pelos Corcireus se tentassem atravessar o mar. [3] Quando os Corcireus se aperceberam de que colonos e guarnições tinham chegado a Epidamno que, como colónia, se tinha entregado aos Coríntios, levaram isso muito a mal. Imediatamente se lançaram

ao mar com vinte e cinco embarcações e logo a seguir com uma outra esquadra e ordenaram de forma insultuosa aos Epidâmnios que mandassem embora as guarnições que os Coríntios tinham enviado, assim como os colonos, e recebessem os exilados que se tinham refugiado na Corcira e apontavam para os túmulos e para a origem comum, a qual invocavam, e pediam aos de Corcira para os reintegrar. [4] Como os Epidâmnios não lhes dessem ouvidos, avançaram os de Corcira contra eles com quarenta navios, na companhia dos exilados para os repatriar, fazendo-se também acompanhar por Ilírios. [5] Tomaram posições diante da cidade e prometeram a qualquer dos Epidâmnios que quisesse, bem como aos estrangeiros, que os deixariam partir sem lhes fazer mal, caso contrário tratá-los-iam como inimigos. Como eles não se deixassem convencer, os de Corcira cercaram a cidade que estava ligada à terra por um istmo.

XXVII. Mas os Coríntios, logo que lhes chegaram mensageiros de Epidamno com a notícia de que tinham sido cercados, prepararam uma expedição e ao mesmo tempo proclamaram Epidamno como sua colônia e que quem quisesse para lá ir o faria com igualdade e os mesmos direitos. Se porventura alguém não quisesse nesse mesmo momento fazer-se ao mar mas tivesse a intenção de participar na colônia, poderia depositar cinquenta dracmas coríntios e permanecer onde estava. Foi largo o número dos que embarcaram, bem como o dos que depositaram o dinheiro. [2] Pediram também aos Megarenses que os escoltassem com os seus navios, para o caso de serem impedidos pelos de Corcira de navegar. Aqueles, por seu lado, prepararam-se para formar um comboio de oito navios com mais quatro dos Cefalénios de Pale. Os Epidáurios, a quem o pedido também tinha sido feito, puseram à disposição cinco barcos, os de Hermíone um, dois dos Trezénios, dois dos Leucádios e oito dos de

Ambrácia. Aos Tebanos e aos Fliásios pediram dinheiro, e aos de Eleia barcas vazias, e também dinheiro. Quanto aos Coríntios armaram trinta navios e três mil hoplitas.

XXVIII. Logo que os Corcireus receberam a notícia destes preparativos, foram a Corinto juntamente com os homens graves dos Lacedemónios e dos Siciónios, que levaram com eles, e pediram aos Coríntios que retirassem as guarnições e os colonos que tinham em Epidamno, porque não tinham qualquer direito sobre aquela cidade. [2] Se porventura recusassem, estavam dispostos a submeter o assunto a arbitragem junto dos Estados do Peloponeso, sobre a qual ambos se pusessem de acordo. Se fosse julgado que a colónia era de um dos dois, seria esse a obter o mando. Estavam dispostos também a submeter o assunto ao oráculo de Delfos. [3] Quanto à guerra não aceitavam que fosse declarada. Disseram, no entanto, que se os Coríntios teimassem, seriam eles também forçados a travá-la, a granjear aliados que não desejavam e outros ainda para além dos actuais para garantir a sua ajuda. [4] Os Coríntios responderam-lhes que mandassem recolher de Epidamno os navios e os Bárbaros e que então decidiriam, mas que não lhes ficava bem agora tratarem de arbitragem, quando Epidamno estava sitiado. [5] Os Corcireus replicaram que se por seu lado os Coríntios se retirassem, também assim fariam; mas estavam igualmente na disposição de, enquanto ambos permaneciam na região, fazer tréguas até se chegar a um acordo.

XXIX. Os Coríntios não deram ouvidos a nenhuma destas propostas, mas logo que os seus navios estiveram tripulados e os aliados preparados, mandaram antes um arauto a declarar guerra aos Corcireus e zarpando com setenta e cinco navios e dois mil hoplitas navegaram rumo a Epidamno, para combaterem contra os Corcireus. [2] Comandavam a esquadra Aristeu, filho de Pelico, Calícrates, filho

de Cálias, e Timanor, filho de Timantes, sendo a infantaria comandada por Arquétimo, filho de Eurítimo, e Isarquidas, filho de Isarco. [3] Quando chegaram a Áccio na região de Anactória, onde está o santuário de Apolo na barra do golfo de Ambrácia, os Corcireus mandaram ao seu encontro um arauto, numa embarcação ligeira, a fim de proibirem que navegassem contra eles, ao mesmo tempo que punham tripulações nos navios, reforçando os mais velhos, por forma a que pudessem fazer-se ao mar, enquanto reparavam os outros. [4] Quando o arauto anunciou que nenhuma notícia de paz vinha dos Coríntios e que os seus navios já estavam plenamente tripulados e eram em número de oitenta, uma vez que quarenta sitiavam Epidamno, avançaram em ordem e iniciaram a batalha naval. [5] Venceram os Corcireus completamente e destruíram quinze navios dos Coríntios. No mesmo dia aconteceu-lhes que as tropas que punham o cerco a Epidamno levaram-na à rendição, chegando a acordar que fossem vendidos como escravos os forasteiros, mas que os Coríntios se mantivessem como prisioneiros até que outra solução se encontrasse.

XXX. Depois da batalha naval os Corcireus erigiram um troféu de vitória sobre Leucime, um promontório que estava perto, mataram os prisioneiros que tinham feito mas mantiveram os Coríntios que tinham posto a ferros. [2] Seguidamente, quando os Coríntios e seus aliados, depois de derrotados, regressaram nos seus barcos para as respectivas terras, os Corcireus ficaram senhores de todos os mares naquelas paragens e depois de navegarem sobre Lêucade, a colónia dos Coríntios, arrasaram a região, assim como destruíram Cilene, arsenal marítimo de Eleunte, porque tinham posto à disposição dos Coríntios embarcações e meios financeiros. [3] Em grande parte do tempo que se seguiu à batalha naval ficaram senhores do mar e navegando contra os aliados dos Coríntios agrediram-nos

até ao momento em que, já para o fim do Verão, os Coríntios, visto que os seus aliados estavam a sofrer, armaram navios e um exército, e montaram arraiais em Áccio e à volta do promontório de Quimério na região da Tesprócia, com o fim de proteger Lêucade e todas as outras cidades que eram suas amigas. Com arraiais em frente, em Leucime, estavam os Corcireus com a esquadra e a infantaria. Nem uns nem outros navegaram contra qualquer dos lados, mas durante o passar daquele Verão situaram-se face a face e só com a vinda do Inverno regressou cada um a sua casa.

XXXI. Durante o ano inteiro que se seguiu à batalha naval e mesmo no ano seguinte, os Coríntios levados, devido à guerra, pelo ódio contra os Corcireus, construíam barcos e preparavam da forma mais eficaz uma armada e sua equipagem, recrutando remadores do próprio Peloponeso e do resto da Hélade, seduzindo-os com um bom salário. [2] Os Corcireus, por seu lado, ao darem-se conta do pragmatismo dos outros, ficaram alarmados e, visto que não tinham aliados entre os Helenos, e não tinham assinado qualquer tratado de paz nem sequer com os Atenienses ou com os Lacedemónios, decidiram-se a ir ter com os Atenienses a fim de se tornarem seus aliados e de tentarem obter algum auxílio da sua parte. [3] Mas os Coríntios logo que souberam destas manobras, mandaram, da sua parte, embaixadores a Atenas, a fim de que se evitasse que o poder naval dos Atenienses se juntasse ao dos Corcireus, o que a acontecer seria um impedimento a que fizessem a guerra como queriam. [4] Reunida a assembleia começaram então os discursos a favor e contra. E foram estas as palavras que proferiram os Corcireus.

Uma visão do equilíbrio de poderes

XXXII. “É de justiça, cidadãos de Atenas, que aqueles que não tiraram proveito de qualquer ajuda ou de qualquer aliança venham à presença dos seus vizinhos, como agora o fazemos, pedir ajuda e tentar demonstrar, desde já, que só fazem pedidos vantajosos, ou pelo menos que em nada são prejudiciais, e em segundo lugar que a sua gratidão será digna de confiança. Se nenhum destes pontos conseguirem demonstrar claramente, tão-pouco haverá razão para suscitar ódio, se os resultados não forem positivos. [2] Os Corcíreus, neste caso, mandaram-nos para pedir que se faça uma aliança, com a crença plena de que vos poderão conceder garantias. [3] Acontece porém que a nossa pretensão política, no que vos diz respeito, não parece racional e a nosso favor e é até desvantajosa para os nossos interesses no momento presente. [4] De facto não temos sido aliados de ninguém até ao momento actual por nossa vontade própria e vimos agora pedir isso mesmo a outros, e ao mesmo tempo devido à presente guerra contra os Coríntios, aparecemos por esse motivo isolados. Ora o que primeiramente nos pareceu bom senso da nossa parte, o não entrar em qualquer aliança com estrangeiros com a decisão de não partilhar o perigo do vizinho, parece agora ter sido falha de vontade e causa de fraqueza. [5] É um facto que nós próprios na batalha naval que tivemos, pelos nossos próprios meios expulsámos os Coríntios. Contudo, depois que eles se reforçam contra nós com maiores meios bélicos vindos do Peloponeso e do resto da Hélade, nós cremos que somos incapazes de lhes fazer frente só com os recursos locais, e ao mesmo tempo que corremos o enorme perigo de lhes ficarmos sujeitos. Há pois a necessidade de pedir auxílio a vós e a todo e qualquer outro, o que é perdoável, se, sem más intenções, ousamos fazer o contrário da nossa antiga política externa, devido sobretudo esta a um erro na avaliação dos factos.

XXXIII. “Se acontecer que ficais convencidos, será para vós uma oportunidade favorável resultante das nossas necessidades, em primeiro lugar porque dareis ajuda aos que foram injustamente tratados e não àqueles que causam danos a outros, em segundo lugar porque ficando aliados de quem está em perigo quanto aos seus interesses vitais, obtereis o agradecimento com um testemunho que será por nós profundamente recordado para sempre, além de que dispo-
[2] reis de uma armada, que à excepção da vossa, é a maior. E agora pensai que boa oportunidade pode ser mais rara e mais vexatória para os vossos inimigos, se além de gozardes de muitas riquezas e de gratidão, esse poder vos chegar às mãos oferecendo-se sem nada pedirdes, sem perigo nem despesa e trazendo consigo perante todos muita honra, bem como a gratidão daqueles a quem concedeis esse favor e para vós próprios mais poder. No decorrer dos séculos a poucos foram oferecidas ao mesmo tempo tantas oportunidades e poucos são os que ao procurarem aliados podem oferecer tanta segurança e honra não em menos escala do que esperam vir a receber. [3] Quanto à guerra na qual poderemos ser de utilidade, se algum de vós pensar que assim não vai acontecer, engana-se na sua opinião e não percebe que os Lacedemónios pelo medo que têm de vós, estão prontos a entrar em guerra, e que os Coríntios que têm poder junto deles são vossos inimigos e começaram agora a chegar a vias de facto connosco para depois o fazerem convosco, de forma a que não estejamos juntos uns com os outros, unidos no ódio contra eles e que não falhem antes de nos unirmos em alcançar os dois objectivos de não só nos causarem danos, mas também reforçarem-se a eles próprios. [4] É nossa missão anteciparmo-nos, nós, oferecendo e vós aceitando a aliança, para tomarmos as decisões antes deles, sem termos de o fazer depois de eles as tomarem.

XXXIV. “Mas se porventura disserem que não é aceitável que sejais vós a receber as colônias deles, há que lhes demonstrar que qualquer colônia, desde que bem tratada, honra a sua metrópole, mas que quando é injustiçada se afasta. Os colonos não são enviados para serem escravos, mas para serem iguais aos que na sua terra ficaram. [2] Que os Coríntios nos fizeram mal é evidente. Tendo sido chamados a pronunciar-se quanto a Epidamno, preferiram dirimir as suas queixas pela guerra e não pela equidade. [3] E que para vós o nosso caso seja um ensinamento, nós que somos seus compatriotas, por forma a que não sejais desviados pelo engano ou, se vos vierem pedir ajuda, que não aceiteis fazê-lo. Quem quer que tiver o menos possível ocasiões de se arrepender de ter feito favores aos seus adversários, será quem acabará por ficar em maior segurança.

XXXV. “Tão-pouco quebrareis o tratado de paz com os Lacedemónios ao receber-nos, visto que não somos aliados de nenhuma das partes. [2] Foi dito nesse tratado que, se uma das cidades helénicas não for aliada de ninguém, lhe é permitido juntar-se aqueles para quem lhe agrada ir. [3] É terrível se eles puderem guarnecer-se com os navios dos seus aliados, e, além desses, com os do resto da Hélade e não menos grave com os dos nossos vassalos e, se ao mesmo tempo nos impedirem de fazer uma aliança que se abre diante de nós, bem como de procurar ajuda de qualquer outro lado, considerando para mais um crime se vos persuadirmos a dar-nos o que precisamos. [4] Em muito maior falta vos consideraremos se não vos pudermos convencer, visto que ireis afastar e pôr em perigo quem nem sequer vosso inimigo é, sem que levanteis qualquer obstáculo contra estes homens que são inimigos e agressores, além de que permitireis que vão buscar reforços ao vosso próprio poder. Ora isto não é justo, é justo sim que os impeçais de ir contratar mercenários nos vossos domínios

ou que para nós mandeis as ajudas que achardes bem enviar-nos, quando seria muito melhor que às claras nos recebêsseis para nos ajudar. [5] Muitas são, como vos sugerimos ao princípio, as vantagens que vos poderemos trazer e a maior é a de que eles são nossos inimigos, o que é garantia da fidelidade mais óbvia, e que tão-pouco são fracos, mas sim muito capazes de destruir os que deles se afastarem. Tem no entanto a maior importância o facto de que a aliança que vos é oferecida é de forças marítimas e não continentais, não sendo indiferente descartá-la, mas pelo contrário, pois se tiverdes poder não deixareis que ninguém possa dispor de navios, mas se assim não for, tereis como amigo quem nesse sector é o mais forte.

XXXVI. “Se a alguém parecer que todos estes factos são circunstanciais e temer que, se por estas razões for convencido, estará a quebrar o tratado de paz, saiba que tudo que se teme e apoia na força é que vai causar maior temor aos inimigos, ao passo que, se alguém não aceitar quem tem coragem, ficará fraco e parecerá pouco temível em comparação com inimigos que são fortes, e ao mesmo tempo estará a tomar decisões importantes não tanto para Corcira, mas bem mais para Atenas, e, se não planear com antecedência as melhores soluções para esta, quando fizer uma guerra, e ela está iminente e quase a travar-se, vai hesitar, fazendo considerações sobre o imediato, em unir a si um estado que, amigo ou inimigo, oferece as melhores vantagens. [2] Corcira está situada favoravelmente para navegar nas costas da Itália e da Sicília, de tal modo que se pode não deixar navegar dali nenhuma armada em direcção aos Peloponésios, ou destes para lá. [3] Concluindo brevemente: com este conjunto de argumentos, um por um, deveis compreender que não deveis abandonar-nos. Os Helenos dispõem só de três forças navais dignas de menção: a vossa, a nossa e a dos Coríntios. Se vos compenetrardes de que

duas dessas forças podem juntar-se numa só, caso os Coríntios nos levem a melhor, tereis de vos bater contra Corcireus e Peloponésios ao mesmo tempo. Mas se nos receberdes, ireis lutar contra eles com mais navios, com os vossos juntos com os nossos.” [4] Foi este o discurso dos Corcireus, e os Coríntios logo a seguir a eles, pronunciaram as seguintes palavras:

XXXVII. “Visto que estes Corcireus não limitaram o seu discurso ao interesse de serem admitidos na vossa aliança, mas chegaram ao ponto de dizer que nós somos os culpados por serem de forma desleal atacados, somos forçados a lembrar primeiramente estes dois pontos, antes de avançarmos para outra argumentação, de forma a que tenhais uma noção mais próxima da verdade quanto ao que vamos pedir, para recusardes não sem razão o pedido por eles formulado. [2] Dizem que não aceitaram qualquer aliança por “bom senso”. Ora tudo isto fizeram por maldade e não por virtude, porque não queriam ter qualquer aliado que pudesse ser testemunha das suas vilanias e que ficasse envergonhado, caso se viessem a encontrar. [3] Além disso a independência do seu Estado e a situação em que se encontram, permitem-lhes serem juizes daqueles a quem provocam agravos, em vez de serem juizes por mútuo consentimento, devido ao facto não desprezível de só raramente serem eles a navegar para outros portos, por serem os outros, forçados que são a ali aportar, que eles recebem. [4] A arrogância de não terem alianças não é para que não se juntem a outros ao cometerem crimes, mas sim para que os façam sozinhos e para que possam usar da violência nos casos em que são mais fortes e, desde que possam passar desapercibidos, entrem em acção e se porventura conseguem apoderar-se seja do que for, portam-se sem vergonha. [5] Se por acaso fossem gente, como dizem, honesta, tanto menos seriam susceptíveis de serem atacados pelos vizinhos, e quanto mais claramente

teria sido possível demonstrar a sua honestidade oferecendo e aceitando os julgamentos arbitrais.

XXXVIII. “Nem no que respeita a outros ou a nós próprios se mostraram de qualidade, pois sendo nossos colonos, sempre se mantiveram a distância, e agora até nos combatem, pretextando que não foram mandados para fora a fim de se sujeitarem a maus tratamentos. [2] Por nosso lado também podemos dizer que não os mandámos fundar uma colónia para depois sermos por eles insultados, mas para sermos seus dirigentes e deles recebermos o devido respeito. [3] Na verdade as nossas outras colónias consideram-nos honrosamente e pelos nossos colonos somos, de todas as metrópoles, os mais estimados. [4] É evidente que, se somos apreciados pela maior parte, não é normal que somente por estes não sejamos aceites, e nem contra eles pegamos em armas de forma indigna sem termos sido ofendidos de maneira pouco habitual. [5] Seria apropriado, caso tivéssemos incorrido em falta, que por eles tivesse sido tolerada a nossa cólera, sendo para nós nesse caso vergonhoso que fôssemos violentar a sua moderação. Mas pela insolência e arrogância da riqueza, de muitas outras formas eles nos desrespeitaram e não reivindicaram a nossa colónia de Epidamno, quando estava ela em má situação, mas desde que viemos em sua ajuda, tomaram-na pela força e ainda assim a mantêm.

XXXIX. “E dizem eles de facto terem sido os primeiros a querer uma arbitragem, mas não é a quem tem vantagem e que já em segurança se antecipa a pedi-la que se deve dar importância, mas sim àqueles que compatibilizaram as suas acções com as suas declarações antes de começarem um conflito. [2] Esta gente, contudo, não foi antes de sitiar a região, mas sim depois de ter levado a cabo o que não teríamos permitido, que então avançou com a proposta

hipócrita de que a ocasião seria apropriada para uma arbitragem. E vêm aqui, como se não tivessem sido eles que entraram em falta, pedir-vos que sejais, não os seus aliados, mas sim seus cúmplices e como tal os recebais, a eles que estão em dissensão connosco. [3] Teria sido correcto, quando não corriam perigo algum, que tivessem então vindo, mas não no momento em que somos vítimas dos seus agravos e em que eles correm naturalmente perigo; e não tendo vós em nada aproveitado antes do seu poder, tendes agora de repartir com eles a vossa ajuda, tornando-vos partícipes das suas faltas, porque vos caberá parte igual da acusação que da nossa parte vos será feita, como se tivésseis partilhado já anteriormente do mesmo poder, tendo assim de suportar em comum as suas consequências.

XL. “Está pois demonstrado que vimos aqui com queixas justificadas por serem eles violentos e ambiciosos, razão pela qual tendes de compreender que não seria justo recebê-los como aliados. [2] Efectivamente mesmo que no texto do tratado se diga que qualquer das cidades nele não inscritas se poderá juntar a quem bem quiser, a convenção não compreende os que pedem aliança a uma parte com a intenção de prejudicar a outra, mas sim quem quer que seja que sem querer privar a outra parte dos seus serviços, peça protecção, e quem quer que seja que não promova a guerra em vez da paz contra os que a receberam, se acaso tiver esse bom senso. Eis por onde ireis passar agora, caso não nos deis crédito. [3] De facto não passareis apenas a ser seus aliados, mas em vez de estardes em paz connosco, ireis ser nossos inimigos não protegidos por tréguas, pois seremos forçados, se alinhardes com eles, a vingar-nos deles sem vos excluir. [4] Seria portanto equitativo que sejais neutrais em relação aos dois, ou caso contrário, que alinheis connosco contra eles, visto que estais em paz com os Coríntios, e com os Corcireus jamais concordastes em fazer tréguas, sem que

exigísseis a norma de receberdes como aliados os que se revoltaram contra o lado contrário. [5] Do nosso lado, nós não votámos contra os vossos interesses, quando os Sâmios se revoltaram contra vós, no momento em que os outros Peloponésios votaram divididos quanto a ajudá-los, mas da nossa parte contrapusemos abertamente que cada um deveria punir os seus próprios aliados. [6] Se na verdade recebeis e ajudais os que procedem mal, é evidente que dos vossos aliados não deixarão de vir alguns para o nosso lado, e a norma que instituíis contra nós, virar-se-á de preferência contra vós mesmos.

XLI. “Eis os princípios jurídicos que pomos à vossa consideração e que são os adequados segundo as leis dos Helenos, bem como um pedido de retribuição dum favor que, porque nem somos vossos inimigos a ponto de vos prejudicarmos, nem vossos amigos de forma a aproveitarmos de vós, dizemos que deve ser pago no momento presente. [2] Trata-se do seguinte: antes das guerras médicas tínheis falta de navios de grande calado na guerra contra os Eginetas e recebestes então da parte dos Coríntios vinte navios, ajuda essa que prestámos e também em relação aos Sâmios, sendo que, devido a nós, os Peloponésios não os ajudaram, e assim foi-vos possível levar a melhor contra os Eginetas e castigar os Sâmios. Isto aconteceu naquele tipo de ocasiões em que o ser humano está sobretudo interessado em vencer os inimigos contra os quais marcha e se sente indiferente quanto a tudo o resto. [3] Considera então amigo quem o ajuda, mesmo que antes tivesse sido seu inimigo, e quem impedir o seu caminho, considera-o seu inimigo, mesmo sendo porventura seu amigo, visto que até o que lhe interessa pode gerir mal devido à ânsia de vencer naquele momento.

XLII. “Reflectindo sobre estes favores, e os mais novos poderão saber isto de quem é mais velho, considerai pagar-

-nos de modo semelhante. E não penseis que estas palavras são justas quando se discursa, e que se houver guerra outras serão mais vantajosas. [2] A vantagem vem principalmente de fazer poucos erros, mas a guerra iminente com a qual os Corcireus, fazendo-vos medo, vos podem levar a proceder erradamente, ainda não é certa; e não vale a pena, sendo arrastados para esse procedimento, criar a partir dessa altura uma aberta e não latente inimizade com os Coríntios. Seria mais prudente diminuir a suspeita que já há tempos surgiu por causa dos Megarenses, [3] pois um favor recente prestado no momento exacto, ainda que pequeno, pode anular uma ofensa maior. [4] Tão-pouco vos deveis deixar impressionar por vos oferecerem eles uma importante aliança naval, pois só o facto de evitar prejudicar iguais tem força mais segura do que, levados por aparências de momento, procurar obter vantagens correndo riscos.

XLIII. “Mas como fomos condicionados pelos princípios que proclamámos na Lacedemónia, que cada um devia disciplinar os seus próprios aliados, neste preciso momento pedimos que nos seja dado igual tratamento da vossa parte, uma vez que, tendo aproveitado vós do nosso voto, não sejamos nós agora prejudicados pelo vosso. [2] Pagai com igual atitude sabendo que esta é aquela altura em que o que presta auxílio é o mais amigo, e o que a vós se opõe o inimigo. [3] Não recebais estes Corcireus como vossos aliados, porque é contra a nossa vontade e tão-pouco os ajudeis no mal que praticam. [4] Se isto fizerdes estareis não só a pôr em prática o que vos convém, mas também estareis a decidir o melhor para vós próprios.”

XLIV. Assim discursaram os Coríntios, e os Atenienses tendo ouvido ambas as partes e tendo reunido por duas vezes a assembleia, embora na primeira reunião não estivessem longe de aceitar o discurso dos Coríntios, no dia a

seguir reconheceram a aliança com os Corcireus, por forma a que eles não fossem acreditados nem como inimigos nem como amigos, e assim, se os Corcireus lhes exigissem que fizessem uma expedição contra Corinto, seria anulado o tratado de paz com os Peloponésios, mas assinaram um tratado de defesa de forma a prestarem-se mutuamente ajuda, se porventura alguém agisse contra Corcira ou Atenas ou qualquer dos seus aliados. [2] Estavam convencidos de que a guerra contra os Peloponésios viria a acontecer e queriam por isso que Corcira se não aliasse aos Coríntios por disporrem de considerável poder naval, para que, se se atacassem uns aos outros, se alguma vez tal viesse a ser o caso, tanto os Coríntios como os outros que dispunham de forças navais, acabassem por ficar mais fracos no caso de lhes terem de declarar guerra. [3] Além disso a situação da ilha parecia-lhes excelente por se encontrar a distância navegável pela costa quer fosse em direcção à Itália quer à Sicília.

XLV. Foi devido a este cálculo que os Atenienses receberam em aliança os Corcireus e lhes enviaram, logo a seguir à partida dos Coríntios, dez navios como reforço. [2] Comandavam-nos Lacedemónio, filho de Címon, e Diótimo, filho de Estrômbico e Próteas, filho de Épicles. [3] Foram estes avisados para não entrarem em batalha naval contra os Coríntios, a menos que estes navegassem contra Corcira e tentassem aí desembarcar ou em qualquer outro lugar que a Corcira pertencesse. Assim deveriam evitá-lo dentro das suas possibilidades. Deram estas ordens para evitar que o tratado de paz fosse quebrado.

XLVI. Chegaram os navios a Corcira e os Coríntios, logo que acabaram de se preparar, também navegaram rumo a Corcira com cento e cinquenta navios. Eram dez de Eleátida, doze de Mégara, dez das Lêucades, vinte e sete de Ambrácia, um dos Anactórios e noventa dos próprios

Coríntios. [2] Os estrategos provinham de cada uma das cidades, e Xenoclides, filho de Euticles, era o quinto dos estrategos dos Coríntios. [3] Quando vindos de Lêucade chegaram perto da costa continental, em frente de Corcira, ancoraram nas imediações de Quimério, no território da Tesprócia. [4] É um porto e sobre ele, longe do mar, em terras da Eleátida da região da Tesprócia, levanta-se uma cidade de nome Efire. Junto dela desagua para o mar o lago Aquerúsia, pois o rio Aqueronte que corre pela Tesprócia lança as suas águas nesse lago, e é devido ao seu nome que o lago foi denominado. Também ali corre o rio Tíamis, que divide a Tesprócia de Cestrina, e entre as duas projecta-se o promontório Quimério. [5] Foi nessa parte da costa continental que os Coríntios ancoraram e armaram arraiais.

XLVII. Logo que os Corcireus se deram conta de que eles navegavam na sua direcção, depois de terem equipado cento e dez navios com tripulações, os quais eram comandados por Milcíades, Esimides e Euríbató, acamparam numa das ilhas que se chamam Sibota. Estavam presentes os dez barcos áticos. [2] A sua infantaria estava no promontório de Leucime e igualmente mil hoplitas dos Zacíntios tinham vindo para os reforçar. [3] Os Coríntios, por seu lado, dispunham na terra firme de muitos Bárbaros que para ali tinham vindo para os ajudar. Com efeito os habitantes do continente sempre tinham sido seus amigos.

XLVIII. Logo que os Coríntios se encontraram preparados, depois de se terem aprovisionado para três dias, largaram pela noite de Quimério com a intenção de entrar em combate [2] e ao raiar da aurora, no decorrer da viagem, avistaram os navios dos Corcireus longe da terra e já a navegarem na sua direcção. [3] Logo que se viram uns aos outros, colocaram-se de cada lado em linha de batalha, tendo os Corcireus no flanco direito os barcos áticos, e o resto da



Hoplita

linha era composto por eles formando três esquadrões, cada um deles sob a chefia de um dos três estrategos. [4] Foi assim que os Corcireus se organizaram, enquanto pelo lado dos Coríntios o flanco direito era constituído pelos barcos de Mégara e de Ambrácia, o meio era ocupado por cada um dos aliados, e o flanco esquerdo compunham-no os Coríntios com os melhores barcos, para fazer frente aos Atenien-ses, e ao flanco direito dos Corcireus.

XLIX. Misturaram-se e começaram a combater, logo que as bandeiras de cada lado foram içadas e, nas cobertas dos navios, ambos os lados tinham muitos hoplitas, bem como arqueiros e lançadores de dardos, pois por falta de técnica ainda estavam equipados à maneira antiga. [2] A batalha naval foi acesa não tanto pelos níveis diferentes de técnica, mas porque a táctica era mais próxima da batalha com infantaria. [3] Quando se lançaram uns contra os outros não era fácil que os combatentes se defendessem uns dos outros devido ao número e à multidão de barcos, muito especialmente, porque confiavam que seriam os hoplitas que estavam na coberta que iriam vencer, pois ali permaneciam e lutavam, quando os barcos ficavam imóveis. Não se rompia a linha de batalha porque se batiam com muita força e coragem, mas com pouco saber. [4] De facto, por toda a parte havia demasiado tumulto e confusão na batalha. No decorrer desta, os barcos áticos aproximavam-se dos Corcireus, se porventura estes estivessem a ser pressionados, e provocavam medo nos adversários, mas os generais não iniciavam a luta receosos das ordens previamente recebidas de Atenas. [5] Foi o flanco direito dos Coríntios que mais sofreu. Efectivamente os Corcireus com vinte navios derrotaram-nos e perseguiram-nos, já desordenados, em direcção à terra firme e depois de terem navegado rumo ao acampamento deles, desembarcaram, queimaram as tendas vazias e pilharam o que havia de valor. [6] Naquela ala da esquadra, os Coríntios

e seus aliados fracassaram e os Corcireus dominaram-nos. Contudo, no flanco esquerdo onde estavam os Coríntios, venceram estes claramente, porque os Corcireus tinham um número inferior de barcos por não estarem ali os vinte barcos que andavam a perseguir o inimigo. [7] Foi então que os Atenenses, já sem reservas, ao verem os Corcireus a serem mais pressionados, foram em sua ajuda, ainda que ao princípio evitassem atacar os barcos inimigos. Mas quando foram claramente postos em fuga e os Coríntios começaram a persegui-los, então todos lançaram mãos à obra e já não se faziam grandes distinções, numa situação que tinha chegado a tal ponto que Coríntios e Atenenses se começaram a atacar uns aos outros.

L. Conseguida a derrota dos Corcireus, os Coríntios não prenderam nem rebocaram os cascos dos navios que tinham destruído, mas voltaram-se para os homens que tripulavam os barcos e navegando por toda aquela zona, matavam-nos em vez de os capturarem vivos e matavam, sem sequer saber, os seus próprios amigos, pois não se davam conta de que tinha sido destruída a sua ala direita. [2] De facto muitos eram os navios de ambas as esquadras e cobriam uma parte significativa do mar e depois que se tinham misturado em combate uns com os outros, não era fácil para os Coríntios diferenciarem os que eram vencedores dos que tinham sido vencidos. Na verdade esta batalha naval foi em número de navios a maior de todas as que antes dela se deram entre Helenos. [3] Porém, logo que os Coríntios perseguiram até à costa os Corcireus, voltaram-se então para os destroços e para as suas baixas e tomaram conta da maior parte, de maneira a transportarem-nos para Sibota, onde por terra o exército dos Bárbaros tinha vindo em seu auxílio. Sibota é um porto não frequentado da Tesprócia. Feito isto, tendo-se reagrupado de novo, navegaram contra os Corcireus. [4] Ora estes, com as embarcações que tinham sido poupadas

e juntamente com os navios áticos e os restantes seus, navegaram em direcção aos Coríntios, pois queriam evitar que desembarcassem em território que era seu. [5] E já era tarde e o péan já tinha soado para que embarcassem, quando os Coríntios de repente voltaram as proas, pois tinham visto a navegar em sua direcção vinte navios atenienses, que os Atenienses tinham mandado como reforços, depois dos dez primeiros, temendo, tal como aconteceu, que os Corcireus fossem vencidos e que as dez embarcações fossem demasiado poucas para os ajudar.

LI. Logo que os Coríntios avistaram ao longe esses navios e suspeitaram que fossem Atenienses e que não eram só os que conseguiam ver, mas ainda mais numerosos, começaram a retirar. [2] Mas pelos Corcireus, em cuja direcção navegavam os navios ainda que de um lado não visível, não eram eles vistos e por isso imaginaram que os Coríntios mudavam de rumo, até ao momento em que alguém viu e disse que havia navios que rumavam na sua direcção. Também eles então retrocederam, pois já caía a noite, e os Coríntios viraram de bordo e provocaram o fim do combate. [3] Foi assim que se separaram uns dos outros e que a batalha naval terminou ao cair da noite. [4] Enquanto os Corcireus acamparam em Leucime, juntaram-se-lhes os vinte navios, os mesmos que de Atenas vinham e que eram comandados por Gláucon, filho de Leagro, e por Andócides, filho de Leógoras, que, depois de terem avançado pelo meio de cadáveres e de destroços de barcos afundados, navegaram em direcção ao acampamento, não muito depois de terem sido avistados. [5] Mas os Corcireus tiveram primeiramente medo, já fazia noite, que não fossem aquelas naves inimigas e só depois as reconheceram no momento em que lançaram ferro.

LII. No dia seguinte avançaram os trinta navios atenienses e os dos Corcireus que ainda eram capazes de nave-

gar e rumaram para o porto de Sibota, no qual os Coríntios tinham ancorado, desejando ver se podiam travar batalha. [2] Mas os Coríntios, que tinham retirado as embarcações de terra firme e formado em linha no alto mar, não se mexeram, pois tinham decidido não estarem dispostos a travar batalha, porque viram que tinham chegado de Atenas barcos em bom estado e que eles estavam limitados por muitas contingências, como a de terem de guardar os prisioneiros que tinham a bordo, e pelo facto de não poderem reparar os navios numa região deserta. [3] Estavam preocupados com a viagem de regresso e por onde poderiam passar, pois temiam que os Atenienses, por crerem que tinham quebrado o tratado, visto terem entrado na luta, os não deixassem largar.

LIII. Pareceu-lhes então que deviam mandar embarcar homens num bote, sem a vara da paz, e mandá-los para junto dos Atenienses para se certificarem da sua disposição. [2] E os enviados disseram o seguinte: “Procedeis mal, ó Atenienses, se começais a guerra e quebrais o tratado. Estais a interferir, ao empunhar as armas contra nós, quando simplesmente estamos a castigar os nossos inimigos. [3] Mas se é vossa intenção impedir-nos de navegar contra Corcira ou outro qualquer lugar para onde decidirmos ir, então estais a quebrar o tratado e prendendo-nos desde já, nós que aqui estamos, significa tratar-nos como inimigos.” E foram estas as palavras que disseram. E os Corcireus que estavam no acampamento, quando tal ouviram, gritaram imediatamente que os prendessem e os matassem. [4] Mas os Atenienses responderam: “Nem estamos a começar uma guerra, ó gente do Peloponeso, nem estamos a quebrar o tratado, viemos aqui sim para prestar auxílio aos Corcireus que são nossos aliados. Se porventura quereis navegar para outro lado, não vos impediremos. Mas se quereis navegar contra Corcira ou para qualquer outra região que lhes pertença, dentro das nossas possibilidades, não o permitiremos.”

LIV. Quando os Atenienses deram esta resposta, começaram os Coríntios a preparar a viagem de regresso à sua terra e levantaram um troféu na terra firme de Sibota; os Corcireus retiraram os destroços navais e os cadáveres que tinham sido arrastados pela corrente e pelo vento na sua direcção, pois o vento que se tinha levantado durante a noite tinha-os dispersado em todas as direcções, e por seu lado levantaram outro troféu na ilha de Sibota, como se tivessem sido os vencedores. [2] Ambos os lados, com razões similares, proclamavam vitória: os Coríntios elevaram o troféu porque tinham levado a melhor na batalha naval até ao anoitecer e por tal forma, que tinham rebocado inúmeros destroços bem como cadáveres, além de que tinham em seu poder não menos do que mil prisioneiros e tinham afundado cerca de setenta barcos. Os Corcireus, por sua vez, porque tinham destruído cerca de trinta embarcações e, logo a seguir à vinda dos Atenienses, tinham apreendido os destroços dos barcos e os cadáveres que vinham na sua direcção, e também porque no dia seguinte os Coríntios começaram a navegar rumo ao porto e a retirar logo que viram os navios atenienses, depois de estes chegarem, contra eles não navegaram, largando de Sibota. Por estas razões também levantaram um troféu. Desta forma ambos os lados se julgaram vitoriosos.

LV. Os Coríntios ao navegarem em direcção à sua terra, conquistaram, por ardil, Anactório, que se situa na embocadura do golfo de Ambrácia – o qual território era domínio comum de Corcireus e deles próprios –, e depois de ali estabelecerem Coríntios como colonos avançaram então para o seu destino. Dos Corcireus que tinham em seu poder, venderam oitocentos, que eram escravos, mas duzentos e cinquenta mantiveram-nos presos e sob guarda, e tratavam-nos com cuidados especiais, com o intento de que, quando voltassem para Corcira, ficassem estes pelo seu lado. Acontecia

que em seu poder estava a gente mais importante da cidade, [2] Mas foi assim que Corcira acabou por ter vantagem na guerra contra os Coríntios e foi por isso que os navios atenienses zarparam dali. Também foi esta mesma a principal razão para os Coríntios que os fez travar a guerra contra os Atenienses, visto que contra eles com os Corcireus tinham provocado uma guerra marítima durante um tratado de paz.

Potidea e o agravamento das dissensões com Atenas

LVI. Depois destes acontecimentos imediatamente outros ocorreram que lançaram a discórdia entre Atenienses e Peloponésios e os conduziram à guerra. [2] Enquanto os Coríntios envidavam esforços de forma a vingarem-se, os Atenienses suspeitando da sua inimizade, ordenaram aos de Potidea, que habitam no istmo de Palene e são colonos dos Coríntios, mas aliados que pagavam tributo aos Atenienses, que deitassem abaixo a muralha do lado de Palene, que entregassem reféns, e além disso que mandassem embora os magistrados e que nem tão-pouco acolhessem os magistrados que os Coríntios todos os anos enviavam. Tinham receio que eles, persuadidos por Perdicas e pelos Coríntios, se revoltassem e que à revolta levassem os outros aliados que habitavam a Trácia.

LVII. Tudo isto, no que diz respeito aos Potideus, foi imediatamente preparado depois do combate naval em Corcira. [2] De facto os Coríntios já estavam abertamente em dissensão com eles, e Perdicas, filho de Alexandre, rei dos Macedónios, encontrava-se com eles em estado de guerra, ele que antes tinha sido aliado e amigo. [3] Tornara-se hostil, porque os Atenienses tinham feito uma aliança com Filipe, seu irmão, juntamente com Derdas, que naquela altura com ele se defrontavam. [4] Temendo esta situação,

mandava continuamente emissários a Lacedémon a fim de que a guerra fosse declarada entre aqueles e os Peloponésios, e tentava atrair para o seu lado os Coríntios com vista a uma revolta em Potideia. [5] Também mandou recados aos Calcideus e Botieus na Trácia para que se revoltassem simultaneamente, julgando que se os tivesse como aliados, como as regiões lhe eram vizinhas, lhe seria mais fácil juntamente com elas fazer a guerra. [6] Mas os Atenienses deram-se conta destas manobras e querendo evitar as revoltas das cidades pois sucedia que naquela altura estavam a enviar trinta navios e mil hoplitas contra o território dele sob a chefia de Arquétrato, filho de Licomedes, e de mais quatro estrategos, deram ordens aos comandantes para fazerem reféns entre os Potideus e deitar abaixo a muralha e manter sob estrita vigilância as cidades, de maneira a que não se revoltassem.

LVIII. Os Potideus, por seu lado, enviaram aos Atenienses embaixadores para que de alguma forma os convencessem a não tomar medidas retaliatórias contra eles, ao mesmo tempo que, igualmente da sua parte, também iam outros em companhia de enviados dos Coríntios para Lacedémon, a fim de pedir que estivessem preparados para dar-lhes ajuda, se necessário fosse. Quando, depois de muito se esforçarem, nenhuma proposta interessante obtiveram da parte dos Atenienses, pois ao invés do pedido, os navios atenienses não só navegavam contra a Macedónia mas igualmente contra eles, ao passo que os magistrados dos Lacedemónios lhes prometiam que, se os Atenienses avançassem sobre Potideia, mandariam invadir a Ática; e assim aproveitaram a oportunidade para se revoltar e entrar numa aliança com os Calcídicos e os Botieus. [2] E Perdicas convenceu os Calcídicos a abandonar e destruir as cidades que tinham junto ao mar e a vir habitar Olinto, fazendo dela a única cidade dotada de segurança. Quando abandonaram as cidades, deu-lhes para cultivar as terras da Migdónia, situada em

redor do lago Bolbe, enquanto mantivessem a guerra contra os Atenienses. E eles, depois de terem demolido as suas cidades, foram habitar para o interior e prepararam-se para a guerra.

LIX. Entretanto os trinta navios dos Atenienses chegaram à costa da Trácia e encontraram Potideia e as outras cidades em revolta. [2] Pensaram os estrategos que era impossível combater Perdicas com o poder de que dispunham, bem como as regiões e os lugares que se tinham revoltado, e voltaram-se para a Macedónia, contra a qual tinham sido mandados em primeiro lugar, e, depois de se instalarem, foram combater juntamente com Filipe e os irmãos de Derdas que já tinham avançado do interior à frente das tropas.

LX. Foi nesta ocasião que os Coríntios, devido à revolução de Potideia e à presença dos navios atenienses na vizinhança da Macedónia, ficaram assustados quanto ao seu próprio território, e pensando que o perigo lhes iria chegar a casa, mandaram voluntários seus e outros Peloponésios que tinham logrado seduzir com o pagamento de um soldo, num total de mil e seiscentos hoplitas e quatrocentos soldados de infantaria ligeira. [2] O seu estratego era Aristeu, filho de Adimanto, e não era sem importância o facto de que foi pela admiração que por ele sentiam, que se tinham disposto para o acompanhar como voluntários, na sua maior parte, os soldados de Corinto, pois ele tinha tido sempre boas relações com os Potideus. [3] E chegaram à Trácia no quadragésimo dia após a revolta de Potideia.

LXI. Rapidamente chegou aos Atenienses a notícia de que as cidades se tinham revoltado e logo que souberam das tropas que lá estavam sob o comando de Aristeu, enviaram para as zonas da revolta dois mil dos seus hoplitas e quarenta

navios tendo como quinto estratego Cálias, filho de Calíades. [2] Ao chegarem à Macedónia deram-se imediatamente conta de que os primeiros mil hoplitas a chegar se tinham apoderado há pouco de Terme, [3] e cercavam Pidna e eles próprios tendo-se colocado junto a Pidna, também a sitiaram. Depois, contudo, aceitaram um acordo e uma aliança com Perdicas, porque a isso os forçava Potideia e a chegada de Aristeu, e só depois abandonaram a Macedónia. [4] Chegaram a Bérea e daí a Estrepsa, mas não conseguindo dominar primeiramente a região, puseram-se a caminho por terra de Potideia com os três mil hoplitas, além de muitos aliados, e com seiscentos cavaleiros macedónios que tinham acompanhado Filipe e Pausânias. Ao mesmo tempo, no mar, junto à costa, navegavam setenta navios. [5] Avançando lentamente ao terceiro dia chegaram a Gigono e aí montaram acampamento.

LXII. Os Potideus e os Peloponésios que estavam com Aristeu esperavam os Atenienses, acampados no lado do istmo onde está Olinto, e mantinham mercado montado fora da cidade. [2] Como estratego de toda a infantaria tinham os aliados escolhido Aristeu, e Perdicas para a cavalaria. Tinha este de novo desertado com rapidez dos Atenienses e fizera aliança com os Potideus, tendo escolhido Iolau, para em seu lugar desempenhar o cargo de arconte. [3] O plano de Aristeu consistia em manter sob o seu comando o campo militar no istmo e aí observar os Atenienses, se porventura avançassem, enquanto, por outro lado, dispunha dos Calcídicos e dos aliados por fora do istmo, e os duzentos cavaleiros de Perdicas ficavam em Olinto. Quando os Atenienses porventura avançassem sobre eles, viriam os outros pela retaguarda e colocavam os seus inimigos no meio de duas frentes. [4] Cálias, porém, o estratego dos Atenienses, e os que com ele comandavam, enviaram os cavaleiros macedónios e uns poucos dos aliados para

Olinto, por forma a impedi-los de dali sair, para prestarem socorro, enquanto ele avançava com o exército sobre Potideia. [5] E quando chegaram ao istmo e viram os inimigos a preparar-se para a batalha, também eles se colocaram em posição, e não muito depois entraram em combate. [6] Ora a ala comandada por Aristeu e quantos estavam à sua volta, Coríntios e outros, tropas especiais, derrotaram as forças que se lhes opunham e perseguiram-nas, indo no seu encalço numa longa distância. Mas as restantes tropas de Potideus e de Peloponésios foram derrotadas pelos Atenenses e tiveram de fugir para dentro das muralhas de Potideia.

LXIII. Quando Aristeu voltou da perseguição ao inimigo e viu que o resto das suas tropas tinha sido derrotado, ficou sem saber o que fazer, e se devia arriscar-se a ir para Olinto ou para Potideia. Pareceu-lhe que devia juntar as tropas em grupo o mais compacto possível e forçar a marcha em corrida em direcção a Potideia, e marchou por um pontão de pedra que atravessava o mar, sendo intensamente alvejado, perdendo uns poucos de homens, tendo salvo contudo a maior parte. [2] As tropas que de Olinto deviam vir em auxílio dos Potideus, e Olinto está à distância quando muito de sessenta estádios e pode ser avistada de Potideia, quando a batalha se deu e os estandartes se levantaram, avançaram em pouca distância para prestarem ajuda, e a cavalaria macedónia veio lançar-se contra eles para os impedir. Mas quando a vitória dos Atenenses surgiu rápida e os estandartes foram baixados, as tropas de reforço retiraram para Olinto e os Macedónios para junto dos Atenenses. Assim, de nenhum dos lados entrou a cavalaria em acção. [3] Depois da batalha levantaram os Atenenses um troféu e, negociadas as tréguas, entregaram os mortos aos Potideus. Entre estes e os seus aliados deram-se pouco menos de trezentas mortes, e entre os Atenenses, cerca de cento e cinquenta, e também Cálías, o seu estratega.

LXIV. Os Atenienses rapidamente cortaram com a muralha do lado do istmo com uma muralha transversal e nela instalaram guardas, só que a distância até Palene estava desprovida de muralha pois chegaram à conclusão de que não seriam capazes de manter a guarda no istmo e de construir uma muralha que cobrisse o caminho que faziam até Palene, visto recearem que os Potideus e seus aliados, se eles dividissem as forças, os viessem atacar. [2] Mas quando em Atenas os Atenienses verificaram que Palene era desprovida de muralhas, pouco tempo depois mandaram para a zona mil e seiscentos dos seus hoplitas, sob o comando de Formião, filho de Asópio. Chegando este a Palene, e ancorando em Áfitis, dali levou em marcha moderada o seu destacamento até Potideia, mas devastando ao mesmo tempo a região. Como ninguém viesse ao seu encontro para o combater, construiu uma muralha para bloquear Palene, e foi assim que Potideia ficou cercada de ambos os lados, porque do lado do mar estavam os navios que a bloqueavam.

LXV Aristeu, perante o bloqueio da cidade e sem ter qualquer esperança de salvação a menos que a obtivesse dos Peloponésios ou se por acaso algo de inesperado acontecesse, aconselhou ao resto da guarnição, à exceção de quinhentos elementos, que, depois de esperarem por vento favorável, se fizessem ao mar, para que a comida durasse mais tempo e ele queria ser um dos que ficava. Como não conseguiu convencê-los, desejando preparar os melhores resultados possíveis para aquela situação, fez-se ao mar mas fê-lo de forma a não ser descoberto pela guarda dos Atenienses. [2] Tendo permanecido entre os Calcídicos ajudou-os a combater noutras frentes especialmente depois de montar uma emboscada aos Sermílios, perto da cidade, destruiu a sua grande força armada, ao mesmo tempo que tentava junto dos Peloponésios um modo de obter alguma ajuda. [3] Depois da muralha ter sido levantada em Potideia,

Formião levou mil e seiscentos soldados, devastou a Calcídica e Botica e capturou algumas cidades.

LXVI. Tanto para os Atenienses como para os Peloponésios se levantaram razões de queixa uns contra os outros e para os Coríntios também, porque Potideia era para estes uma sua colónia e portanto homens de Corinto e do Peloponeso estavam sitiados pelos Atenienses; assim também para estes, pois no que respeitava os Peloponésios tinham sido estes que provocaram uma revolta numa cidade que era sua aliada e sua tributária pelos impostos que pagava, além de terem vindo abertamente contra eles fazer a guerra juntamente com os Potideus. De momento, no entanto, a guerra não tinha rebentado, pois ainda continuavam as tréguas. O que os Coríntios fizeram, fizeram-no sim por conta própria.

Encontro em Esparta das duas potências e aliados

LXVII. Mas quando Potideia estava cercada não ficaram quietos, não só porque os seus homens de Corinto estavam lá dentro, mas igualmente porque não estavam seguros quanto ao futuro do lugar. Chamaram imediatamente os aliados para Lacedémon e tendo eles vindo, propalaram que tinham sido os Atenienses a terem rompido as tréguas e assim prejudicado o Peloponeso. [2] Também os Eginetas mandaram delegados, não abertamente, pois temiam os Atenienses, mas às escondidas, e fomentaram com eles a guerra, dizendo que não eram autónomos segundo o tratado. [3] Então os Lacedemónios convidaram os aliados para ver se qualquer deles dizia ter sido prejudicado pelos Atenienses, e organizando uma das suas assembleias fizeram-nos dizer o que lhes parecia. [4] E outros vieram e cada um fez as suas queixas, e os Megarenses que por sua vez apresen-

taram outras ofensas e não pequenas, principalmente a de serem impedidos de utilizar os portos que estavam no poder dos Atenenses, nem tão-pouco o mercado da Ática, o que era contra o tratado. [5] Por fim avançaram os Coríntios, depois de terem deixado os outros irritar os Lacedemónios, disseram então:

LXVIII. “A confiança, ó Lacedemónios, que é a característica em que se fundamenta a vossa política e o vosso discurso torna-vos desconfiados se algo dissermos contra outros. E se disso adquiris sabedoria, acabais por usar de muito pouco saber, quanto ao que se passa fora das vossas fronteiras. [2] De facto bastas vezes nós vos avisámos dos prejuízos que estávamos para sofrer às mãos dos Atenenses, mas sobre as informações que vos dávamos não quisestes tomar nota, e preferistes suspeitar dos que convosco falavam, como se simplesmente falassem de aspectos negativos que só a eles diziam respeito. E foi por esse motivo, não antes de sermos atacados, que nada fizestes, mas só depois de neles já estarmos implicados é que então chamastes estes aliados diante dos quais é apropriado que falemos na medida em que temos especialmente graves acusações a fazer, nós que pelos Atenenses fomos insultados e por vós abandonados. [3] E se por acaso eles, de forma secreta, estivessem a fazer mal à Hélade, teríeis então necessidade de algum ensinamento, visto que nada sabíeis. Mas agora que necessidade há de longos discursos, uma vez que já vistes como escravizaram alguns de nós e estão a conspirar contra outros, muito especialmente contra os vossos aliados, e como, já há muito tempo, andam a preparar-se para a eventualidade de uma guerra. [4] Não teriam então tomado Corcira contra a nossa vontade e não estariam a sitiar Potideia, uma delas que é o ponto mais estratégico para operações na costa da Trácia, e a outra que teria podido equipar os Peloponésios com uma importantíssima armada.

LXIX. “E de tudo isto sois vós os culpados, pois fostes vós que lhes permitistes, logo a seguir às guerras médicas, reforçar a sua cidade e seguidamente levantar grandes muralhas, além de que até ao momento presente estais sempre a privar de liberdade os que por eles foram escravizados, e agora até os vossos próprios aliados. De facto não é quem reduz à escravidão, mas é quem podendo impedi-lo tolera a situação que mais verdadeiramente o faz, muito embora possa espalhar aos quatro ventos como distinção digna de virtude, o ser o libertador da Hélade. [2] Agora finalmente conseguimos reunirmo-nos, mas não de uma forma franca. Pois é necessário agora não indagar se fomos prejudicados, mas sim como nos vamos vingar. Com efeito os que são homens de acção decidem-se, e avançam sem esperar, contra os que não têm planos. [3] Mas sabemos qual o método dos Atenienses, que avançam a pouco e pouco contra os seus vizinhos. E quando pensam que não são notados, e disso não vos dais conta, sentem-se menos confiantes. Desde que saibam que estais informados, mas que pouco vos preocupais, então lançam-se à carga e com força. [4] De facto, ó Lacedemónios, vós sois os únicos dos Helenos a adoptar uma posição de consentimento, defendendo-vos não pelo poder da vossa força, mas pela vossa intenção de a usar. Sois também os únicos que não destruis logo ao começo o crescimento dos vossos inimigos, mas sim quando o seu número já duplicou. [5] E no entanto havia quem dissesse que éreis homens em quem se pode ter confiança quando, no que vos respeita, a fama é mais forte do que os vossos actos. Também nós próprios sabemos que os Medos vieram dos confins da terra até ao Peloponeso, até que as vossas forças se lhes opuseram gloriosamente. E agora, quanto aos Atenienses, fazeis de conta que não os vedes, embora não estejam longe, como os Medos estavam, mas bem perto, e em vez de os atacardes preferis evitar que se aproximem e deixais ao sabor da sorte o terdes de os defrontar, quando ireis

combater forças muito mais poderosas. Sabeis contudo que mesmo o próprio Bárbaro falhou sobretudo pelos seus próprios erros e que contra os Atenienses já tivemos mais vantagens pelos erros por eles mesmos cometidos, do que por qualquer espécie de ajuda vinda da vossa parte. Foi devido às esperanças depositadas em vós que muitos foram destruídos por não estarem preparados devido a terem essa tal confiança. [6] Que nenhum de vós julgue que estas palavras são ditas mais por inimizade, do que por simples queixa, pois queixas fazem-se acerca de amigos que erram, mas acusações são feitas contra inimigos que nos fizeram mal.

LXX. “E ao mesmo tempo pensamos ter o direito, se é que alguém o tem, de apontar factos aos seus vizinhos, com a diferença de que os interesses que estão em jogo são de grande importância para nós. Quanto a vós, parece-nos, que com eles não vos preocupais nem tão-pouco jamais reflectistes sobre quem são os Atenienses, em quanto ou quão totalmente são diferentes de vós, apesar de vos terdes de ir bater com eles. [2] Eles são de facto inclinados para inovações e rápidos na concepção de planos e a pôr em prática as conclusões a que chegaram, enquanto vós vos limitais a conservar o que já existe e a não tentar obter novos conhecimentos e quando entraís em acção, a nem sequer levar a cabo o que é estritamente necessário. [3] E repito: eles são corajosos para além das suas possibilidades e arriscam para além do que já pensaram e mantêm a esperança mesmo nos perigos. Da vossa parte, estais habituados a chegar a quem das vossas forças e a nem sequer dar crédito ao que está comprovado nos vossos planos e a pensardes que de forma alguma vos conseguireis livrar dos perigos. [4] Mais ainda: eles são rápidos em comparação com as vossas demoras, eles saem para fora, enquanto vós ficais em casa. Pensam eles de facto que ao saírem conseguem alguma coisa, enquanto vós pensais que ao saídes podereis pôr em perigo

o que tendes. [5] Ao dominarem os inimigos levam a vitória ao mais alto que podem, sendo vencidos deixam-se rebaixar o menos que podem. [6] Também fazem uso dos seus corpos ao serviço da sua cidade, como se de outros fossem, e das suas mentes como se fossem absolutamente suas, para as pôr igualmente ao serviço da cidade. [7] Mas quando concebem um plano e não o conseguem executar, pensam que ficaram privados de algo que era seu, e quando conseguem obter o que procuram, pensam que é pouco em relação ao que o futuro lhes reserva para fazer, mas quando porventura falham numa tentativa, logo recuperam a esperança por outras realizações e conseguem colmatar a falha. São de facto os únicos para quem ter é igual a ter esperança, pois quando concebem um plano, é com rapidez que céleres põem em prática o que pensam. [8] Estas coisas fazem-nas com trabalhos e no meio de perigos durante toda a vida e pouquíssimo aproveitam do que realizaram, porque sempre procuram mais, nem julgam haver qualquer outra forma de dia festivo que não seja a de fazerem o que devem, e consideram a ociosidade desgraça pior do que laborioso trabalho. [9] Desta forma, se alguém quiser dizer em resumo que eles não existem para ter descanso eles próprios, nem tão-pouco para deixar que os outros seres humanos o tenham, estará a dizer a verdade.

LXXI. “Embora tenhais uma cidade deste tipo contra vós, ó Lacedemónios, protelais e pensais que uma situação pacífica não chega apenas para aqueles que agem com aparato militar somente para finalidades justas, ainda que pela sua disposição, seja evidente, que se foram tratados com injustiça, também o não admitirão. Vós praticais, por vosso lado, a equidade, não ofendendo outros, e, quanto a vós, limitando-vos a defender-vos em caso de ataque, [2] Seria difícil conseguirdes isso, mesmo com uma cidade que vos fosse semelhante. Mas neste caso como há pouco vos

demonstrámos, o vosso comportamento é arcaico em comparação com o deles. [3] É necessário, tal como na técnica, ser sempre senhores das últimas novidades. Numa cidade em paz as leis consagradas são as melhores, mas para os que são forçados a enfrentar muitas adversidades, necessária é muita inovação dos métodos. Eis a razão por que a política dos Atenienses, por via das muitas experiências, avançou com mais inovações do que a vossa. [4] Portanto no que a isto diz respeito há que deixar de lado a vossa lentidão. Agora prestai auxílio aos outros e aos Potídeos, com quem vos comprometestes, invadindo o mais rapidamente possível a Ática, para que não atraíeis gente amiga e do mesmo sangue, deixando-as nas mãos dos piores inimigos, e a nós e a outros, obrigando-nos por desespero a procurar outra qualquer aliança. [5] Se o fizermos não estaremos a cometer qualquer acto indigno, nem em relação aos juramentos prestados perante os deuses nem perante os homens que tenham consciência. Quebram tratados não aqueles que ao encontrarem-se no abandono se juntam a outros, mas aqueles que não protegem os que tinham como compromisso proteger. Na eventualidade de permanecerdes na observância desse compromisso, ficaremos. [6] Se mudássemos, incorreríamos então num acto de impiedade, nem encontraríamos outros que tivessem tantas afinidades connosco. [7] Decidi correctamente perante estes factos de maneira a tentar que o Peloponeso não seja governado por forças menos dignas do que as que vos foram legadas pelos vossos antepassados.”

LXXII. E foi assim que os Coríntios falaram. Aconteceu que os Atenienses estavam presentes em Lacedémon, antes destes acontecimentos, com uma embaixada para tratar doutros assuntos, e quando ouviram os diversos discursos pareceu-lhes que deviam aparecer diante dos Lacedemónios, não para se defenderem de qualquer das acusações que

as cidades para ali traziam mas para demonstrar que os Lacedemónios nada deviam decidir precipitadamente, e que deviam deixar passar mais tempo para tomarem uma decisão. Ao mesmo tempo queriam dar a conhecer o que era a sua cidade e quão grande era o seu poder, lembrando também aos mais velhos, o que já tinham realizado e era do seu conhecimento, e aos mais novos explicar factos que ignoravam, crentes que estavam de que alterariam a sua opinião mais pelas palavras no sentido de manter a paz do que avançar para a guerra. [2] Aproximando-se portanto dos Lacedemónios disseram que também queriam falar eles próprios à assembleia, caso não fossem impedidos de o fazer. Os Lacedemónios convidaram-nos a apresentarem-se e os Atenien-ses avançaram e disseram o seguinte:

LXXIII. “A nossa embaixada não está aqui para entrar em discussões com os vossos aliados, mas para tratar de assuntos de que foi incumbida pela sua cidade. Apercebemo-nos, contudo, de que se fizeram ouvir acusações de peso contra nós, e aqui estamos, não para responder às acusações das cidades – pois que os discursos não foram proferidos, e nem vós pudeis ser juizes, nem do que a nós, nem do que a eles diz respeito –, mas para que, facilmente persuadidos pelos vossos aliados sobre assuntos tão graves, não venhais a tomar decisões erradas. Queremos ao mesmo tempo demonstrar acerca de toda esta exposição que contra nós foi explicada, que estamos na posse daquilo a que temos direito, na certeza de que a nossa cidade é digna de consideração. [2] “Com que finalidade é necessário falar de factos há muito passados, cujos testemunhos consistem mais em lendas conhecidas por serem ouvidas, do que por terem sido presenciadas pelos que as ouviram? Mas no que respeita as guerras médicas e outros acontecimentos, de cuja importância tivestes conhecimento pessoal, somos obrigados a falar, embora seja muito desagradável estar sempre a evocá-las.

Quando realizámos esses feitos, o perigo que se correu foi no benefício de todos, e nele participastes com os vossos feitos, conquanto de toda essa enumeração, se é que tem qualquer utilidade, não devíamos ser privados de crédito. [3] Essa narração, contudo, será feita, não como defesa contra as censuras, mas como testemunho e demonstração de que espécie de cidade se trata, contra a qual a guerra se declarará, caso não decidirdes correctamente. [4] Afirmamos que em Maratona, fomos nós sozinhos que tivemos de enfrentar os ataques do Bárbaro, e quando ele depois voltou, não sendo nós capazes de nos defender em terra, embarcámos todos nós em navios para travar uma batalha naval em Salamina. Impediu isto que o inimigo navegasse contra cada cidade para destruir o Peloponeso, pois não seríeis capazes de vos ajudardes uns aos outros contra uma armada tão poderosa. [5] E o testemunho mais digno de crédito é o dado pelo próprio inimigo, pois quando a sua armada foi vencida e com a sua força já não podia competir com a dos Helenos, rapidamente bateu em retirada com a maior parte do seu exército.

LXXIV. “Foi desta forma que esta batalha foi travada e claramente ficou demonstrado que a salvação dos Helenos assentou nos seus navios, mas três factos imprescindíveis contribuíram para este resultado: o número maior de embarcações, um homem muito bem preparado como almirante, e uma coragem a toda a prova. Os navios eram cerca de quatrocentos, e os nossos um pouco menos de duas partes desse número. O comandante era Temístocles, que por todos era o grande responsável no meio das provações de uma batalha naval travada num estreito, conjuntura que para nós era mais do que claramente a que nos podia salvar; foi essa a razão que também vos levou a testemunhar à sua pessoa mais apreço do que a todo e qualquer outro estrangeiro que de fora veio até vós. [2] O empenho que demons-

trámos era o resultado de uma coragem sem limites. Uma vez que em terra ninguém vinha em nossa ajuda, e todos os outros já tinham sido presos como escravos até às nossas fronteiras, isto levou-nos a tomar a decisão de abandonar a nossa cidade e de destruir tudo o que nos pertencia, mas não de forma a abandonarmos a causa comum dos aliados que ainda permaneciam, nem a dispersarmo-nos, tornando-nos inúteis para eles, mas sim a embarcarmos nos nossos navios e a lutar sem que ficássemos irritados, porque vós não viestes antes em nossa ajuda. [3] Eis o motivo por que nós dizemos que vos prestámos um serviço não menos importante do que o serviço que de vós recebemos. Pois vós viestes em ajuda de cidades ainda habitadas e que podíeis possuir no futuro porque tínheis mais medo por vós próprios do que por nós, visto que não comparecesteis, quando ainda estávamos sãos e salvos, e nós de uma cidade que já não existia, avançámos, arriscando as nossas vidas, por uma cidade só existente numa vaga esperança, e desempenhámos a nossa parte em ajudar a salvar-vos e a nós também. [4] Mas se tivéssemos passado antes para o lado do Persa, temendo, tal como outros, pela integridade da nossa terra, e se não tivéssemos tido depois a coragem de embarcar nos nossos barcos, por pensarmos que já estávamos destroçados, teria sido então inútil para vós entrar em batalha naval, com uma armada que era inadequada e tudo teria corrido conforme os desejos do Persa.

LXXV. “Será que somos merecedores, ó Lacedemónios, devido ao nosso desembaraço e capacidade de decisão e ao poder que conquistámos, de sermos assim olhados com excessiva inveja pelos Helenos? [2] Ora nós conquistámos esse poder não pela força, mas quando vós deixastes de vos interessar pelo que tinha sido deixado pelos Bárbaros e até nós vieram os aliados, e foi a seu pedido que assumimos o comando. [3] Foi devido ao peso desta conjuntura que pri-

meiramente fomos forçados a alargar o nosso império até ao seu estado presente, principalmente devido ao medo, seguidamente pela nossa honra e finalmente em nosso proveito; [4] e nem mesmo assim nos pareceu segura a situação, pois ficámos a ser odiados por muitos, e tendo-se até alguns revoltado, tiveram de ser sujeitos à submissão, e tão-pouco da vossa parte, no que nos diz respeito, não subsistia a mesma amizade, pois suspeitáveis e discordáveis de nós, e não era sem risco aceitar a secessão pois as revoltas davam-se a vosso favor. [5] A ninguém se pode censurar o aproveitar-se de circunstâncias favoráveis, quando rodeado por enormes perigos.

LXXVI. “Por vossa parte, ó Lacedemónios, é obedecendo aos vossos interesses que dirigis politicamente as cidades do Peloponeso que estão sob o vosso domínio. E se naquela altura tivésseis permitido e até ao fim mantivésseis a hegemonia, como nós fizemos, sabemos bem que não sériéis menos odiosos aos vossos aliados e que sériéis forçados ou a mandar com mais violência ou então a perdê-los. [2] De facto nada há de extraordinário nem contrário à natureza humana em fazermos o que fizemos, ao conservarmos um império que nos era oferecido e recusarmo-nos a abandoná-lo, submetidos que estávamos a motivos de enorme peso, como a honra, o receio e o interesse. Não somos nós os primeiros autores de tal procedimento, pois sempre aconteceu que o que menos pode é dominado pelo mais poderoso. Ao mesmo tempo era essa a nossa opinião e também era a vossa de que de tal éramos dignos até agora quando chegastes à conclusão de que os vossos interesses devem obedecer aos ditames da Justiça, os quais ninguém, quando se lhe oferece uma ocasião de algo dominar pela força, jamais pôs em primeiro lugar abstendo-se de conquistar ainda mais. [3] E são dignos de louvor os que tendo obedecido à natureza humana de mandar em outros, se

comportam de forma mais justa, no sentido inverso da força de que dispõem. [4] Pensamos que se outros tomarem o que é nosso, talvez demonstrem então que nos comportámos com moderação, mas no nosso caso naturalmente a nossa rectidão é reconhecida mais como desonra do que louvor.

LXXVII. “Estamos de facto em desvantagem nas demandas jurídicas que temos com os aliados, embora na nossa terra os julgamentos sejam aplicados com leis iguais para eles e para nós, mas nós parecemos litigiosos. [2] Nenhum desses aliados presta atenção aos que detêm o poder noutros lugares e que são menos equitativos para com os que lhes estão sujeitos e que nem por isso são alvo de crítica. Na verdade os que utilizam a força não precisam de recorrer à justiça. [3] No entanto, no que nos diz respeito, os que estão habituados a viver connosco em igualdade, pensam, ao não terem acesso à consideração e ao poder, devido à nossa situação imperial, que se sentem diminuídos e não ficam agradecidos por não serem privados de outros valores mais importantes, mas sentem-se desconsiderados de forma bem mais grave, devido a essas faltas, mais do que, se desde o princípio nos tivéssemos abertamente afastado do domínio da lei e procurado apenas as nossas vantagens. Assim não iam contrapor que quem é mais fraco não tem de se submeter ao mais forte. [4] Parece que os seres humanos se ressentem mais fortemente por serem tratados sem equidade, do que por serem violentados. No primeiro caso são enganados por um igual, enquanto no segundo, são forçados por quem lhes é superior. [5] No entanto, aceitaram submeter-se a abusos bem piores do que estes às mãos dos Medos, ao passo que o nosso poder é, segundo pensam, duro de suportar. De facto o que é de agora, é sempre pesado para os dominados. [6] Se porventura tendo-nos vencido e obtido a supremacia, subísseis ao poder, rapidamente perderíeis a boa vontade que conquistastes graças ao medo que tendes de nós, se acaso

seguísseis os mesmos princípios que seguistes por pouco tempo quando tivestes a hegemonia sobre os Medos, e acabaríeis por conhecer o mesmo que nós. Na verdade as instituições que tendes na vossa terra são incompatíveis com as de outros povos e além disso, se algum de vós se ausenta para o estrangeiro, delas não faz uso, nem doutras que o resto da Hélade respeita.

LXXVIII. “Tomai as vossas decisões tranquilamente, pois não se trata de decisões leves, e convencidos pelas sugestões e acusações de outros, não avanceis para a vossa própria ruína. Antes de entrar neste caso, considerai quão grave pode ser uma análise errada dos efeitos de uma guerra. [2] Quando esta se arrasta, muitos factores correm ao sabor da sorte, sobre os quais igualmente nenhum dos lados tem qualquer domínio, tal como se os resultados para ambos se situassem no desconhecido. [3] Os seres humanos, quando vão para a guerra deixam-se logo dominar pelos recontros que deviam ser o último recurso. Quando sofrem revezes, lançam-se então no uso das palavras. [4] Como não incorremos ainda em nenhum erro desse tipo, nem tão-pouco vós, aconselho-vos, enquanto o bom conselho pode ser escolhido por ambos, a não violar o tratado nem a quebrar os vossos juramentos, mas a deixar que as nossas discordâncias sejam eliminadas pela justiça por meio de um acordo. [5] Ou então, depois de invocar os deuses como nossas testemunhas tentaremos combater os que começaram a guerra pelo caminho que nos vierdes a abrir.”

LXXIX. Eis o que disseram os Atenienses. Mas quando os Lacedemónios ouviram as acusações proferidas pelos aliados contra os Atenienses, e o que pelos Atenienses tinha sido dito, mandaram afastar todos e deliberaram entre si sobre a situação que se lhes apresentava. As opiniões da maioria levavam à mesma conclusão: que os Atenienses já

eram culpados de injustiças e que lhes competia declarar a guerra sem demora. Mas Arquidamo, o seu rei, homem que era considerado arguto e sensato, fez o seguinte discurso:

Compatibilização da política da guerra com a política da paz

LXXX. “Também eu pessoalmente, ó Lacedemónios, tenho a experiência tirada de muitas guerras e vejo entre vós homens da mesma idade do que eu, e dentre eles por conseguinte, nenhum, por inexperiência, desejará entrar em trabalhos como esses, pelo mal por que já muitos passaram, e por não acreditar que seja experiência boa ou segura. [2] Descobrireis que esta iniciativa sobre a qual agora deliberais, não se apresentará como a mais insignificante das coisas, se porventura alguém, dotado de prudência, sobre ela meditar. [3] Podemos ir efectivamente contra Peloponésios e potências suas vizinhas, por termos um poder muito próximo do deles, poderemos de igual modo e com rapidez contra eles marchar. Porém, combater homens cuja terra está longe da nossa e que além disso têm muito mais experiência em tarefas marítimas e estão muito mais bem equipados em todos os outros sectores, em riqueza privada e pública, em navios, em cavalos, em armas e em números populacionais, como não há caso algum em território helénico, e que para mais ainda dispõem de aliados sujeitos a tributo, como é possível lançarmo-nos com ligeireza contra eles numa guerra e em que apoios poderemos confiar, quando formos avançar sem estarmos preparados? [4] Por acaso nos nossos navios? Mas aí somos mais fracos. Se no entretanto nos treinarmos e nos prepararmos para os confrontar, necessitaremos de tempo. Será que temos capacidade financeira? Ainda mais nesse ponto ficaremos muito atrás, por não termos dinheiros nos cofres do Estado nem

dispormos da possibilidade de o levantarmos entre nós por meio de impostos.

LXXXI. “Talvez alguns de nós estejam possuídos de coragem, porque os ultrapassamos em armamento e em número de soldados e de tal forma que por incursões frequentes poderemos devastar a sua terra? [2] Mas eles têm ainda outras terras e muitas, nas quais mandam, e do mar importarão o que lhes fizer falta. [3] Mas se tentarmos levar à rebelião os aliados que têm, também estes necessitarão de navios para se protegerem, pois que na sua maioria são ilhéus. De que tipo deverá então ser esta guerra? [4] A menos que dominemos o sector naval, ou os privemos dos rendimentos com que apetrecham os navios, estaremos sempre em situação precária. [5] Se chegarmos a esse ponto nem poderemos acordar numa paz honrosa, mas muito pelo contrário, especialmente se formos nós e não eles, que começámos a disputa. E na realidade não nos devemos deixar entusiasmar pela esperança de que em pouco tempo a guerra acabará, se devastarmos o seu território. [6] Eu temo, com maior probabilidade que não o possamos legar aos nossos filhos, de tal forma é pouco provável que os Atenenses, com o ânimo que têm, se deixem escravizar na sua terra, nem que se deixem aterrorizar pela guerra, como se fossem inexperientes.

LXXXII. “Também não vos aconselho a que impassivelmente os deixeis maltratar os nossos aliados sem querermos dar-nos conta das suas maquinações, mas sem correr já ao uso das armas, mandar-lhes representantes que se queixem, sem contudo abertamente mostrar que vamos recorrer à guerra, nem que vamos tolerar o seu comportamento. Entretanto arrancamos com a nossa preparação e a dos nossos aliados, tanto Helenos como Bárbaros, para tentarmos obter porventura de algum lado a força necessária, seja no poder marítimo, seja no financeiro — pois não é crime

algum que outros tantos como nós estejam motivados pelos Atenienses a conspirar, e não só Helenos mas Bárbaros também, que procuram ser ajudados a salvar-se —, ao mesmo tempo que desenvolvemos as nossas potencialidades. [2] Mas se eles derem ouvidos aos nossos embaixadores, isso seria o melhor. Porém se assim não for, então, quando passarem dois ou três anos, já a nossa situação será mais sólida, para que, se assim nos parecer, irmos contra eles. [3] Igualmente também, ao observarem então a nossa preparação e perceberem que o que dizemos corresponde à verdade, nesse momento mais facilmente cederão, pois ainda têm as suas terras não devastadas, e quando deliberarem fã-lo-ão a respeito de bens reais ainda não destruídos. [4] Não olheis para a terra deles se não como um refém a ter e não em menor grau, se estiver bem cultivada. É preciso pois poupá-la o mais tempo possível e nunca os impelir para o desespero de forma a torná-los mais intratáveis. [5] Contudo, se sem preparação e cedendo às queixas dos nossos aliados formos devastar as suas terras, tomai cuidado em não agirmos de maneira a colocar o Peloponeso em posição mais vergonhosa e sem solução. [6] Queixas de cidades ou de indivíduos podem ser possivelmente satisfeitas. Mas quando uma confederação de cidades se lança numa guerra por interesses individuais, não é então possível prever qual a forma como se desenvolverá, nem tão-pouco é fácil com ela acabar honrosamente.

LXXXIII. “Que a ninguém pareça tratar-se de falta de coragem o facto de muitas cidades não avançarem rapidamente contra uma só cidade. [2] Também a elas pagam tributo não menos aliados do que os nossos, e a guerra não é tanto uma questão de armas, mas sim de dinheiro, pois só com ele se tornam as armas de alguma utilidade, muito especialmente quando um poder continental se opõe a um poder marítimo. [3] Procuremos primeiramente amealhar

riqueza, em vez de nos deixarmos logo impressionar pelos discursos dos nossos aliados, dos quais, quando eles se forem embora, seremos nós a ter maior parte da responsabilidade dos resultados, duma maneira ou doutra; que sejamos nós portanto a prever em tranquilidade o que eles significam.

LXXXIV. “E não vos envergonheis da lentidão e da espera, pelas quais nos estão, a nós principalmente, a censurar. Ter pressa no princípio, é andar devagar no fim, devido a ter-se começado a guerra sem preparação, e é por isso que sempre habitámos uma cidade livre e com um nome bem respeitado. [2] E bem pode ser que este domínio de nós mesmos seja sinónimo de bom senso, pois somente devido a ele não nos tornámos arrogantes, quando tudo nos corre bem, e à adversidade sucumbimos menos do que os outros. E quando aparecem os que, pela lisonja, nos querem incitar a iniciativas perigosas e contra a nossa opinião, não deixamos que nos excite a sedução agradável, e se alguém nos tenta incitar pela incriminação, não nos deixamos molestar demasiado nem persuadir. [3] É pela nossa disciplina que nos tornámos bons guerreiros e gente de bom senso; bons guerreiros por sentimento de honra é o principal elemento da sabedoria, e a coragem provém do respeito por si próprio; de bom conselho porque somos educados com rudeza e respeitamos as leis e por sermos ensinados com disciplina, não lhes desobedecemos, sendo tão profundamente comidos quanto a inúteis elegâncias que não criticamos a preparação dos inimigos com belas palavras, lançando-nos na luta sem a mesma eficácia, por considerarmos os intentos dos nossos inimigos parecidos com os nossos e admitindo poder-nos acontecer pela sorte o que não é distinguido pelas palavras. [4] Sempre é nosso hábito prepararmo-nos pela acção contra adversários que são bem-avisados. É preciso que não construamos as nossas esperanças partindo do princípio que eles vão enganar-se, mas que somos nós mes-

mos que temos de prever com precaução. É necessário acreditar que um homem não é muito diferente do outro, mas que é de facto mais forte todo aquele que faz a aprendizagem nas circunstâncias a que não pode escapar.

LXXXV. “Foram estes os princípios que os nossos pais nos legaram e que nós desde sempre incentivámos para nosso proveito; que não os abandonemos nem consintamos, no breve espaço dum dia, sermos levados a tomar uma decisão sobre muitas vidas, muito dinheiro, muitas cidades, e a nossa reputação, mas vamos fazê-lo com calma. A nós tal é permitido, mais do que aos outros, devido à nossa força. [2] Agora mandai delegações aos Atenienses para tratar de Potideia, enviai-os também para que se ocupem dos assuntos sobre os quais os nossos aliados dizem ter sido prejudicados principalmente porque eles estão preparados para se sujeitarem à arbitragem. É ilegal, em primeiro lugar, proceder com antecedência contra quem se sujeita a arbitragem, como se culpado fosse. Ao mesmo tempo preparai-vos para a guerra. Decisões fortes como esta, se forem tomadas, são as que inspiram mais receio aos inimigos.” [3] E foi assim que falou Arquidamo. Em último lugar avançou Estenelaidas, um dos éforos então no poder, e que assim se dirigiu aos Lacedemónios:

LXXXVI. “Não compreendo os muitos discursos dos Atenienses, pois gabando-se em muitos aspectos a eles próprios, em parte alguma negaram que não tivessem lesado os nossos aliados e o Peloponeso. A verdade é que, se a sua conduta contra os Medos foi no seu tempo de grande valor, neste momento é ela negativa no que nos diz respeito e, por isso, merecem um duplo castigo, visto que outrora bons, hoje em dia se tornaram maus. [2] Nós somos no entanto os mesmos, tanto ontem como hoje, e se tivermos as ideias em ordem, não deixaremos que os nossos aliados sejam

prejudicados nem adiaremos a vingança dos males que sofreram, visto que já não aguentam o terem de sofrer ainda mais. [3] Os outros podem ter riquezas, navios e cavalos, mas nós temos aliados de qualidade, os quais não devem ser entregues aos Atenienses, nem o seu caso resolvido por processos legais e palavras, visto que não foi só por palavras que nós próprios fomos prejudicados, mas impõe-se outrossim que o castigo seja aplicado rapidamente e com toda a força. [4] A ninguém compete ensinar-nos que cabe a nós próprios deliberar enquanto estamos a ser lesados, pelo contrário: é bem mais àqueles que se preparam para nos causar prejuízos que compete deliberar e durante muito tempo. [5] Votai, portanto, ó Lacedemónios, pela guerra da maneira que é digna de Esparta, e não deixeis que os Atenienses se tornem cada vez mais poderosos, nem permitais que enganemos os nossos aliados, mas com a ajuda dos deuses avancemos contra os que prevaricam.”

LXXXVII. Depois de Estenelaidas ter assim falado, sendo ele um éforo, promoveu a votação na assembleia dos Lacedemónios. [2] E ele – visto que decidem por grito e não por boletim de voto –, disse que não conseguia distinguir quais eram os gritos mais altos, mas querendo que os Lacedemónios demonstrassem abertamente a sua opinião, se esta fosse mais favorável à guerra, disse: “O que de vós, Lacedemónios, julgar que o tratado foi violado e que os Atenienses se comportam mal, que avance para este espaço”, e indicou o sítio, “o que assim não pensar, que avance para o outro lado.” [3] Levantaram-se eles e dividiram-se, sendo de longe maior o número dos que pensavam que o tratado tinha sido violado. [4] Convidaram então todos os aliados a também avançarem e disseram-lhes que lhes parecia que os Atenienses tinham agido mal mas queriam convocar todos os aliados para eles votarem de maneira a que em comum fosse decidido se faziam a guerra, caso assim resolvessem.

[5] E os aliados foram-se embora para suas casas depois de terem concluído o acordo. Os enviados Atenienses fizeram o mesmo, logo depois de terem levado a cabo o propósito que ali os tinha levado. [6] Esta decisão da assembleia, em como o tratado tinha sido violado, deu-se no décimo quarto ano das tréguas válidas por trinta anos, que se sucederam à guerra da Eubeia.

LXXXVIII. Os Lacedemónios votaram em como o tratado tinha sido violado e que a guerra devia ser declarada, e tal aconteceu não tanto por terem dado crédito aos discursos dos aliados, mas sobretudo porque tinham receio que os Atenienses ainda viessem a aumentar o seu poder, pois verificavam que mais de metade da Hélade já lhes estava sujeita.

Análise política da formação do império ateniense

LXXXIX. E foi desta maneira que os Atenienses se encontraram confrontados com a conjuntura no meio da qual tinha aumentado o seu poder. [2] Quando os Medos bateram em retirada da Europa por terem sido vencidos pela armada e pela infantaria dos Helenos, tendo, os que das suas tropas se refugiaram em Mícale, sido aniquilados, Leotíquides, rei dos Lacedemónios, que comandava os Helenos em Mícale, foi para a sua terra, levando consigo os aliados peloponésios. Mas os Atenienses e aliados da Jónia e do Helesponto, que já se tinham revoltado contra o Rei dos Medos, por ali ficaram e montaram um cerco a Sesto, que estava ocupada pelos Medos; tendo ali passado o Inverno, tomaram-na já que tinha sido abandonada pelos Bárbaros, e depois disso zarparam do Helesponto, cada qual para a sua cidade. [3] O povo de Atenas, porém, depois de os Bárbaros partirem do seu território, imediatamente começaram a



Grécia Continental

recolher os seus filhos e mulheres e a reparar tudo o que tinha sido poupado e a prepararem-se para reconstruir a cidade e as suas muralhas. Da muralha que em volta se erguia poucos traços ficaram de pé e a maior parte das casas tinha ruído, só poucas tinham subsistido, aquelas onde os Persas mais poderosos se tinham instalado.

XC. Os Lacedemónios apercebendo-se do que se estava a passar, vieram numa embaixada, em parte porque preferiam ver que nem Atenienses nem ninguém dispusesse de uma muralha, mas sobretudo porque os seus aliados a tal os incitaram, por temerem não só as dimensões da armada ateniense, que antes não era tão grande, mas também a coragem por eles demonstrada na guerra contra os Medos. [2] Por isso pediram que os Atenienses não reconstruíssem as muralhas, mas que, pelo contrário, juntamente com eles, demolissem os circuitos muralhados de todas as cidades fora do Peloponeso, não revelando as razões dessa pretensão em relação aos Atenienses, como se ela fosse para que o Bárbaro, se alguma vez voltasse, não tivesse nenhum ponto de apoio no lugar de onde partia, tal como há pouco tinha acontecido com Tebas. E disseram que o Peloponeso é base de operações suficiente para todos. [3] Os Atenienses, por conselho de Temístocles, perante o que propunham os Lacedemónios, responderam que enviariam para junto deles embaixadores a fim de discutirem esses planos e rapidamente deles se libertaram. Temístocles propôs-lhes então que o enviassem a ele em pessoa a Lacedémon o mais depressa possível, muito embora seleccionassem outros embaixadores, que não só ele, mas que em vez de os mandarem imediatamente, esperassem até ao momento em que tivessem já erigido uma muralha com altura suficiente para que pudesse resistir a um ataque. Que na construção da muralha devia tomar parte toda a população da cidade, homens, mulheres e crianças, sem poupar qualquer edifício

privado ou público, que pudesse ser de utilidade para tal tarefa, mas demolindo todos. [4] Depois de ter dado estas instruções e avisado que quanto ao resto iria tratá-lo em Esparta, pôs-se a caminho. [5] Quando chegou a Lacedémón não se foi encontrar com os magistrados, mas foi adiando e encontrando desculpas, e todas as vezes que alguém, dos que tinham autoridade, lhe perguntava por que motivo não ia à assembleia, ele respondia que estava à espera de outros embaixadores seus colegas, que tinham sido retidos por qualquer assunto urgente, mas que esperava que chegassem em breve, e se admirava que ainda não tivessem chegado.

XCI. Os que ouviam Temístocles ficavam convencidos pela simpatia que por ele tinham, mas quando os outros seus colegas chegaram e abertamente declararam que as muralhas estavam a ser construídas e que por sinal até já estavam altas, então os mesmos já não sabiam do que desconfiar. [2] Que não se deixassem levar tanto por palavras, pediu-lhes Temístocles, quando disto se apercebeu, mas que antes mandassem gente sua que, por ser experiente e de confiança, lhes trouxesse de volta a notícia do que tinha lá visto. [3] E assim fizeram, mas a respeito da delegação, Temístocles mandou secretamente recado aos Atenienses que os detivessem o mais discretamente possível mas que não os deixassem partir antes que os Atenienses tivessem regressado de Esparta – tinham de facto chegado para o acompanhar os seus colegas embaixadores, Abronico, filho de Lisicles, e Aristides, filho de Lisímaco, que lhe tinham trazido a notícia de que a muralha estava já em construção avançada. Temístocles receava que os Lacedemónios, quando ouvissem a verdade, nunca os deixassem sair. [4] Os Atenienses retiveram os enviados como lhes tinha sido recomendado, e Temístocles, indo ao encontro dos Lacedemónios acabou por lhes dizer francamente que a cidade dos Atenienses já estava mura-

lhada, somente para manter a salvo os seus habitantes, mas que, se os Lacedemónios ou os seus aliados quisessem negociar qualquer plano com eles, restava-lhes ir e saber, que iam encontrar-se com gente que estava consciente dos interesses que estavam em jogo, tanto privados como públicos. [5] De facto, quando lhes tinha parecido melhor deixar a cidade que era deles e embarcar nos seus barcos, tinham-no feito sem o conselho dos Lacedemónios, muito embora estivessem conscientes do risco que corriam, mas também o estavam de que em tudo o que tinham negociado com os Lacedemónios, não se tinham mostrado inferiores a ninguém na compreensão dos factos. [6] Parecia-lhes naquele momento efectivamente melhor, no seu caso individual e para os cidadãos e até para os aliados, que a sua cidade fosse dotada de muralhas. Não teria sido possível deliberar em comum na aliança, sem dispor de um aparato defensivo com força parecida ou igual. [7] E acrescentou que ou todos passavam a bater-se sem estarem privados de muralhas, ou então julgavam que estas medidas dos Atenenses iam no sentido certo.

XCII. Os Lacedemónios quando tal ouviram, não mostraram abertamente qualquer ressentimento contra os Atenenses; tinham de facto enviado uma embaixada a Atenas não para provocar o impedimento, mas para sugerir que dali saísse uma solução em comum, ao mesmo tempo que tinham sentimentos muito amigáveis para com os Atenenses, pelo facto de terem demonstrado tanta coragem contra os Medos. No entanto, tendo-se enganado no seu plano, sentiam-se discretamente vexados. Contudo, os embaixadores de ambas as partes puseram-se a caminho para as respectivas casas sem incriminações.

XCIII. Foi desta forma que os Atenenses amuralharam a sua cidade em pouco tempo, e é evidente ainda hoje que

a construção foi feita com pressa. [2] Com efeito as bases dos alicerces estão assentes em pedras de todo o tamanho, que não foram trabalhadas para lugares predefinidos, mas para onde cada um ao acaso as levou, entre as quais muitas estelas de sepulcros tinham sido depositadas, assim como pedras trabalhadas. Grande parte do circuito dirigia-se para todas as direcções da cidade e, por isso, mesmo com a pressa que tinham, pegavam sem escolha em tudo o que encontravam. Temístocles persuadiu-os também a acabarem as muralhas do Pireu, cujo início tinha começado primeiramente quando ele estava no poder e durante o ano em que foi arconte dos Atenienses, pois considerava que a zona era bonita por ter portos naturais e que muito contribuiria para o progresso de Atenas se esta se tornasse um país de marinheiros com o fito de adquirir poder. [4] Tinha sido ele o primeiro a ter a coragem de dizer que era indispensável o domínio do mar, e imediatamente deu ordens para que esse poder fosse posto em marcha. [5] Seguindo a sua opinião começaram a construir a muralha do Pireu, cuja espessura ainda hoje é visível. Na verdade foi com dois carros que se cruzavam vindo cada um de direcção oposta que se transportaram as pedras e dentro dos lados da muralha não punham nem cimento nem taipa, mas juntavam na construção pedras de grande dimensão talhadas em cubos ligadas por fora umas às outras com grampos de ferro ou de chumbo. Mas a muralha só foi erguida até metade da altura para que tinha sido planeada. [6] Pretendia, com efeito, que pelo volume e pela espessura, conseguisse resistir às investidas dos inimigos, e pensava que mesmo poucos homens e até de pouca experiência, seriam capazes de manter a sua defesa, enquanto os outros tripulariam os navios. [7] Inclina-se para a marinha, dando-lhe preferência, pois tinha visto, conforme me parece, que o acesso das forças do Grande Rei, tinha sido mais facilitado por mar do que por terra. Considerava que o Pireu era de maior utilidade do que a

cidade alta, e muitas vezes aconselhou os Atenienses, se acaso se sentissem pressionados por terra, a que descessem para o Pireu e para os navios a fim de resistir a quantos fossem. [8] E foi assim que os Atenienses construíram as muralhas e prepararam as outras fortificações imediatamente após a retirada dos Medos.

XCIV. Entretanto Pausânias, filho de Cleombroto, foi mandado de Lacedémon a comandar os Helenos a bordo de vinte navios, que partiram do Peloponeso. Acompanhavam a esquadra Atenienses com trinta navios e uma multidão de outros aliados. [2] Fizeram também uma expedição contra Chipre, de que destruíram grande parte, e seguidamente foi Bizâncio, na posse dos Medos, a qual cercaram e tomaram, naquela tentativa imperialista.

XCV. Porque Pausânias se tornou poderoso, os outros Helenos levaram a mal e não menos os Jónios, e todos os que só há pouco se tinham libertado do poderio do Rei. Dirigiram-se então aos Atenienses e, devido à sua origem comum, pediram-lhes que fossem os seus dirigentes e que, se Pausânias os tentasse dominar, o não permitissem. [2] Os Atenienses aceitaram as propostas e deram continuidade a esse plano de não cederem a Pausânias e de resolverem outros assuntos da maneira mais favorável para eles. [3] Entretanto os Lacedemónios mandaram Pausânias voltar para o interrogarem sobre as notícias que corriam. De facto era acusado pelos Helenos que chegavam a Lacedémon de grande abuso de poder e que o seu comando de estratega mais se assemelhava a uma forma de tirania. [4] Seguiu-se pois que foi chamado a tribunal, ao mesmo tempo que os aliados dele se afastavam para se passarem para o lado dos Atenienses, com a excepção dos soldados do Peloponeso. [5] Chegado Pausânias a Lacedémon, foi condenado por abusos a nível particular exercidos sobre alguns, mas foi absolvido no que

dizia respeito a maiores abusos. Era especialmente acusado de simpatia pelos Medos, de medismo, facto que parecia incontestável. [6] Já não o mandaram mais em posto de comando, mas sim Dorcis e alguns outros que com ele tinham estado, investidos porém de um poder muito relativo. Só que os aliados nunca confiaram o comando a tais mãos, [7] e eles, dando-se conta disso, regressaram a Lacedémon, e os Lacedemónios depois disto nunca mais mandaram outros, por temerem que os que fossem lhes saíssem ainda piores, como tinham visto no caso de Pausânias. Queriam também ver-se livres do peso das guerras médicas e acreditavam que os Atenenses eram capazes de gerir o comando, além de que naquela altura tinham com eles boas relações.

XCVI. Os Atenenses sucederam-lhes desta forma no comando, devido ao ódio dos aliados para com Pausânias, e puseram em ordem os impostos que se tornava necessário serem pagos pelas cidades para a luta contra os Bárbaros e para as que tinham de contribuir para as esquadras navais. Este plano visava vingarem-se do que tinham sofrido ao arrasarem os territórios do Grande Rei. [2] Foi nessa altura que, pela primeira vez, os Atenenses instituíram os tesoureiros helénicos cobradores de impostos, os quais recebiam os tributos, pois era assim que se denominavam as contribuições em dinheiro. O primeiro tributo que foi estabelecido era de quatrocentos e sessenta talentos, e a tesouraria dos aliados era Delos e os encontros para pagamento davam-se aí no templo.

XCVII. Exercendo pela primeira vez os Atenenses o comando sobre os aliados que gozavam de autonomia e participavam nas resoluções tomadas em reuniões comuns, no espaço que mediou entre esta guerra e as guerras médicas, os Atenenses conduziram todos os assuntos atinentes às guerras contra os Bárbaros e contra as revoltas por parte dos

seus aliados, contra eles próprios, ou então contra os Peloponésios, que de tempos a tempos brigavam com eles no decorrer de cada processo. [2] Escrevi sobre estes assuntos e até fiz uma digressão em que fiz um relato sobre eles, porque todo esse período foi esquecido pelos meus antecessores, que se limitaram a reunir elementos sobre a história da Hélade antes das guerras médicas ou sobre estas mesmas. Entre estes situa-se Helânico, que foi quem nestes pontos tocou na sua história da Ática, lembrando estes tempos de forma não sistemática e no que respeita a cronologia não muito exacto. Ao mesmo tempo a narrativa destes acontecimentos serve para relatar de que forma se ergueu o império dos Atenienses.

XCVIII. Primeiramente foi sob o mando de Címon, filho de Milcíades, que tomaram, depois de um cerco, Êion no Estrímon, que estava sob o domínio dos Medos, e reduziram à escravatura os seus habitantes. [2] Depois escravizaram Ciros, uma ilha do mar Egeu, que habitavam os Dólopes e que eles depois colonizaram. [3] Declarou-se então a guerra entre eles e os Carístios, sem que nela tomassem parte os outros Eubeios, mas algum tempo depois chegaram a acordo sobre a capitulação. [4] Depois disto combateram os Nákios que se tinham revoltado e subjugarão-nos por meio de um cerco. E foi esta a primeira cidade aliada que foi reduzida à escravidão por ter violado os critérios estabelecidos, mas seguidamente cada um dos outros sofreu o mesmo destino conforme aconteceu a cada um.

XCIX. Houve, porém, outras causas de revolta, mas as principais foram os incumprimentos no pagamento dos tributos e no pôr à disposição os navios, sendo nalguns casos também a recusa de prestar serviço militar. De facto os Atenienses agiam com rigor e castigavam os que se habituavam a não levar a cabo as suas obrigações, ou que então as não

queriam respeitar simplesmente. [2] Mas neste e noutros casos os Atenienses não mandavam equitativamente, de forma amável, pois nem iam em expedições em termos igualitários e para eles era mais fácil reduzir à submissão os que se revoltavam. [3] Também disto eram responsáveis os próprios aliados. Efectivamente a maior parte deles pela relutância que tinham pelo serviço militar, para que não estivessem longe de casa, em seu lugar preferia pagar em dinheiro, e em vez de pôr à disposição navios, aceitava custear a soma correspondente, o que aumentou o poder marítimo dos Atenienses, pelas somas com que eles contribuía, ao passo que eles, quando se revoltavam se mostravam impreparados e inexperientes, e era assim que entravam em guerra.

C. Depois destes factos, deu-se, junto do rio Eurimedonte na Panfilia, uma batalha com infantaria e outra com o poder naval dos Atenienses, juntamente com os aliados e contra os Medos, e foram os Atenienses que saíram vitoriosos de ambas as batalhas e no mesmo dia, sob o comando de Címon, filho de Milcíades, apresaram e destruíram trirremes dos Fenícios em número de duzentas. [2] Algum tempo depois deu-se a revolta dos Tásios contra eles, devido a uma disputa na região da Trácia, que estava na costa no lado oposto, devido aos portos comerciais e às minas de que os Trácios tiravam proveito. Os Atenienses embarcaram na armada contra Tasos e depois de terem vencido na batalha naval, desembarcaram em terra. [3] Mandaram naquela mesma altura para Estrímon dez mil colonos nacionais e dos aliados para colonizarem os então chamados Nove Caminhos, agora Anfípolis. E os colonos apoderaram-se dos Nove Caminhos que pertenciam aos Edonos, mas avançando para o interior da Trácia foram desbaratados em Drabesco na Edónia pelos Trácios entre si unidos, pois para eles era uma ameaça de guerra a tomada do território.

CI. Os Tásios, por seu lado, que tinham sido vencidos em batalha e que estavam agora sitiados, chamaram os Lacedemónios e pediram-lhes que viessem em seu auxílio e que invadissem a Ática. [2] Aceitaram aqueles o pedido, sem que os Atenienses o soubessem, e estavam para o cumprir, mas disso foram impedidos devido ao aparecimento de um terramoto que então se deu numa altura em que os seus Hilotas se revoltaram, assim como os Periecos de Túria e de Étea, que por aquela zona viviam e abalaram para Itome. [3] A maior parte dos Hilotas provinha dos antigos Messénios, de quem eram descendentes, e tinham sido em tempos reduzidos à escravatura, e essa era a razão por que todos eram denominados de Messénios. Foi portanto contra os que estavam em Itome que a guerra teve de ser feita pelos Lacedemónios. Quanto aos Tásios que tinham chegado ao seu terceiro ano de cerco, fizeram um acordo com os Atenienses, derrubaram a muralha e entregaram os navios, tendo sido necessário pagar somas de dinheiro que imediatamente tinham sido intimados a dar e a pagar tributo no futuro, abdicando da terra firme e da mina.

CII. Os Lacedemónios, porque em Itome a guerra não chegava ao fim, fizeram apelo aos aliados e aos Atenienses. Vieram estes sob o comando de Címon com forças não pequenas. [2] A principal razão por que tinham sido chamados era devido a terem a fama de serem hábeis a sitiar, ainda que o demorado cerco a que tinham sido obrigados parecesse implicar que era nisso que falhavam. De outra forma teriam ocupado a região pela força. [3] E foi no seguimento desta operação militar que, pela primeira vez, se tornou evidente a dissensão entre Lacedemónios e Atenienses. De facto os Lacedemónios, quando não conseguiram ocupar a região pela força, temendo a audácia e o espírito inovativo dos Atenienses, ao mesmo tempo que os consideravam de outra raça e, se ficassem, para que não viessem a ser con-

vencidos pelos que estavam em Itome a revoltar-se, mandaram-nos retirar, embora fossem eles os únicos dos aliados abrangidos por esta ordem, sem que por isso mostrassem a desconfiança que sentiam, mas alegando que naquele momento não tinham qualquer necessidade deles. [4] Os Atenieneses, porém, tinham a noção de que não eram mandados embora por motivos válidos, mas porque a desconfiança tinha surgido, e ressentiram-se profundamente, uma vez que não se julgavam merecedores do tratamento infligido pelos Lacedemónios, e logo depois de terem regressado, romperam com o tratado que contra os Medos tinham firmado com os Lacedemónios e tornaram-se aliados dos inimigos destes, os Argivos e com os Tessálios também assinaram ambos e ao mesmo tempo uma aliança, em termos idênticos e com os mesmos juramentos.

CIII. Os revoltosos que estavam em Itome, passados já dez anos e porque não conseguiam resistir mais, renderam-se aos Lacedemónios, com a condição de saírem do Peloponeso, mediante tréguas e que para ali nunca mais voltassem. [2] Se porventura algum ali voltasse a ser apanhado, seria reduzido à situação de escravo de quem o prendesse. Também aos Lacedemónios antes disto tinha chegado uma resposta do oráculo de Delfos, que apontava no sentido de deixarem partir qualquer suplicante de Zeus Itometa. [3] Partiram os Messénios com os filhos e as mulheres, e os Atenieneses receberam-nos devido à sua hostilidade para com os Lacedemónios, e deram-lhes guarida em Naupacto que há pouco tinham vindo de conquistar aos Lócrios Ozolas seus possesores. Também a gente de Mégara, por se ter revoltado contra os Lacedemónios, avançou para uma aliança com os Atenieneses, visto que os Coríntios os estavam a empurrar para uma guerra devido às suas fronteiras terrestres. [4] E foi assim que os Atenieneses tomaram conta de Mégara e de Pegas e construíram para os Megarenses

grandes muralhas, que iam da cidade até Niceia, e as protegeram com guarnições suas. Foi esta intervenção que não pouco contribuiu para acender o ódio que se levantou numa primeira fase entre Coríntios e Atenienses.

CIV. Inaro, entretanto, filho de Psamético, um Líbio e rei dos Líbios, fronteiros com o Egipto, tendo avançado de Márea, cidade que está a norte de Faro, veio provocar a revolta, em grande parte do Egipto, contra Artaxerxes, impôs-se no poder e mandou vir os Atenienses. [2] Estes, – que de momento estavam numa expedição militar em Chipre, com duzentos navios seus e dos aliados –, largaram Chipre e dirigiram-se para o Egipto. Ao navegarem, saídos do mar, pelo Nilo acima, depois de dominarem o rio e dois terços de Mênfis, atacaram a terceira parte, cujo nome é Muralha Branca. Estavam ali os refugiados medos e persas com os egípcios que não se tinham revoltado.

CV. Os Atenienses desceram também com a esquadra sobre Hálias e aí se travou uma batalha contra Coríntios e Epidáurios, tendo nela vencido os Coríntios. A seguir lançaram-se os Atenienses numa batalha naval em Cecrifaleia contra os barcos dos Peloponésios, mas aí venceram os Atenienses. [2] Também rebentou uma guerra entre Atenienses e Eginetas e depois destes acontecimentos travou-se grande batalha naval contra Egina, entre Eginetas e Atenienses, na qual estavam presentes aliados de ambas as partes. Foram os Atenienses que venceram e apoderaram-se de setenta navios, desceram contra o território deles e montaram cerco à cidade, sob o comando de Leócrates, filho de Estrebo. [3] Depois disto, os Peloponésios que desejavam auxiliar os Eginetas, mandaram transportar para Egina trezentos hoplitas, que antes tinham vindo em auxílio dos Coríntios e dos Epidáurios. Os Coríntios, por seu lado, ocuparam os pontos mais altos de Geraneia e com os aliados desceram con-

tra o território de Mégara, porque estavam certos de que os Atenienses não seriam capazes de vir em auxílio dos Megarenses, visto que grande parte do seu exército estava ausente em Egina e no Egipto. Se quisessem, no entanto, vir ajudar, teriam de se retirar de Egina. [4] Ora os Atenienses não quiseram pôr em marcha o seu exército que estava a cercar Egina, e dos que tinham sido deixados na cidade foram os mais velhos e os mais novos que marcharam para Mégara, sob o comando de Mirónides. [5] Travou-se contra os Coríntios uma batalha de resultado ambíguo, e quando se separaram uns dos outros, cada um julgou que tinha levado a melhor naquele feito. [6] Os Atenienses então – que de facto tinham obtido um melhor resultado –, quando os Coríntios se retiraram, erigiram um troféu. Os Coríntios, por seu lado, ao serem repreendidos pelos mais velhos da cidade foram preparar-se, e cerca de doze dias depois voltaram para trás e erigiram em sua honra um troféu, como se tivessem vencido. Por seu lado, os Atenienses fizeram uma sortida, saindo de Mégara, e massacraram os que estavam a erigir o troféu e travando luta com os outros, venceram-nos.

CVI. Os vencidos retiraram-se e uma parte deles, não insignificante, foi perseguida e enganou-se no caminho e foi dar a uma terra privada, a qual estava rodeada de uma enorme vala e não tinha saída. [2] Aperceberam-se os Atenienses disso e barricando a entrada com hoplitas mataram à pedrada todos os que tinham entrado. Foi este um grande revés que aconteceu aos Coríntios, mas o corpo principal do seu exército recolheu a casa.

CVII. Foi por estes tempos que os Atenienses começaram a construir as grandes muralhas até ao mar, uma até Falero e outra até ao Pireu. [2] E os Fócios fizeram uma expedição contra a terra dos Dórios, metrópole dos Lacédemónios, para as cidades de Bóio, Citínio e Erineu, tendo

conquistado uma destas. Esta a razão por que os Lacedemónios sob o comando de Nicomedes, filho de Cleombroto, que fazia as vezes do rei Plistóanax, filho de Pausânias, por ser ainda menor de idade, vieram em socorro dos Dórios com mil e quinhentos hoplitas dos seus e com mais dez mil dos aliados, e depois de terem forçado os Foceenses a chegar a acordo e a devolver a cidade, partiram de regresso a casa. [3] E agora, se quisessem, até podiam atravessar pelo mar, através do golfo de Criseu, mas os Atenienses também podiam impedi-los se navegassem com os barcos em redor do Peloponeso. Marchar através da Geraneia não lhes parecia seguro, uma vez que os Atenienses tinham em seu poder Mégara e Pegas. Além disso a passagem por Geraneia era difícil, por estar sempre guardada pelos Atenienses, e os Lacedemónios pressentiam que naquela altura se preparavam aqueles para lhes impedir a passagem. [4] Decidiram portanto ficar e esperar na Beócia e estudar por que forma poderiam atravessar com a maior segurança possível. Para tal também eram empurrados em segredo por gente de Atenas, que tinha a esperança de acabar com a democracia e com a construção das muralhas. [5] Mas os Atenienses vieram ao ataque contra eles a toda a força, assim como mil Argivos e outras forças de cada um dos aliados. [6] Em conjunto perfaziam catorze mil homens. Pensavam que por um lado os Lacedemónios teriam dificuldades em atravessar, por outro, suspeitavam que fossem tentar destruir a democracia. [7] Os Atenienses também iam reforçados com uma brigada de cavalaria da Tessália, mas estes desertaram para o lado dos Lacedemónios durante o recontro.

CVIII. Deu-se a batalha de Tânagra na Beócia e os Lacedemónios e seus aliados venceram, e houve grande massacre de ambos os lados. [2] Os Lacedemónios entraram então no território de Mégara e depois de terem cortado as árvores de novo regressaram para suas terras através de

Geraneia e do istmo. Mas os Atenienses no sexagésimo segundo dia depois da batalha, organizaram uma expedição contra os Beócios, sob o comando de Mirónidas. [3] Tendo vencido os Beócios na batalha de Enófitos, conquistaram a Beócia e a Fócida e demoliram a muralha dos Tanagreus, detiveram como reféns os cem homens mais ricos dos Lócrios Opúncios e completaram as suas longas muralhas. [4] Depois disto, os Eginetas capitularam perante os Atenienses, deitaram abaixo as muralhas e entregaram os navios, sendo forçados ao pagamento de imposto para os tempos futuros. [5] E os Atenienses, sob o comando de Tolmides, filho de Tolmeu, fizeram o périplo do Peloponeso, lançaram fogo ao estaleiro dos Lacedemónios e tomaram Cálcis, a cidade dos Coríntios, e na descida para a terra dos Sicíones derrotaram-nos numa batalha.

CIX. Entretanto Atenienses e aliados permaneceram no Egipto e ficaram expostos a muitas formas de guerra. [2] Primeiramente foram os Atenienses que dominaram o Egipto, e o Grande Rei mandou para Lacedémon, Megabazo, um Persa, com dinheiros, para o caso dos Lacedemónios se deixarem convencer a invadir a Ática, e afastarem assim os Atenienses do Egipto. [3] Como os dinheiros não obtivessem resultado, mas antes fossem gastos inutilmente, voltou para a Ásia trazendo outra vez consigo o resto da soma, e mandou Megabizo, filho de Zópiro, de nacionalidade persa, acompanhado por um grande exército. [4] Quando este chegou às terras do Egipto, venceu os Egípcios e aliados e expulsou os Helenos de Mênfis e finalmente encerrou-os na ilha de Prosópitis. Cercou-os nessa ilha durante um ano e seis meses, até que tendo esvaziado o canal, porque drenou a água para outro lado, deixou os navios em seco e a maior parte da ilha como terra continental, e atravessando a pé apoderou-se da ilha.



Cavaleiro Tessálio

CX. Foi assim que os resultados obtidos pelos Helenos falharam depois de seis anos de guerra, e só poucos, de tantos que eram, caminhando pela Líbia conseguiram salvar-se, enquanto a maioria se perdeu. [2] E assim o Egipto voltou para o poder do Grande Rei, com excepção de Amirteu, o rei dos pântanos. A este, devido à imensidade do pântano, não conseguiram capturar até porque os seus habitantes são os melhores guerreiros do Egipto. [3] Inaro, o rei dos Líbios, que tudo provocara no que toca o Egipto, depois de ser preso por traição, foi empalado. [4] Cinquenta trirremes navegaram de Atenas e das terras dos confederados para o Egipto para manterem a continuação do processo bélico, fundearam na reentrância mendésia do Nilo, sem nada sabermos do que se tinha passado. Sobre elas, vindos de terra, lançaram-se soldados de infantaria, e do lado do mar, o poder náutico dos Fenícios, que destruiu grande parte dos navios, que só num pequeno número conseguiram fugir. Eis a forma como acabou a grande expedição dos Atenienses e seus aliados contra o Egipto.

CXI. É da Tessália que Orestes, filho de Equecrátides, rei dos Tessálios, que vivia no exílio, convenceu os Atenien-
ses a restaurá-lo como rei. Convocando Beócios e Focenses, seus aliados, os Atenienses organizaram uma expedição contra Farsalo na Tessália. Tomaram o território, mas só na medida em que não tinham de se afastar muito do arraial, — de facto a cavalaria dos Tessálios impedia-os —, e não tomaram portanto a cidade, nem tão-pouco atingiram nenhum outro objectivo que tinha sido a finalidade da expedição, mas tiveram de regressar sem obter nenhum sucesso, levando em sua companhia Orestes. [2] Não muito depois destes acontecimentos, mil Atenienses embarcaram nos navios que estavam em Pegas, pois tinham Pegas em seu poder, e navegaram junto à costa até Sicione, sob o comando de Péricles, filho de Xantipo, desembarcaram e derrota-

ram em batalha os de Sicíone, que tinham vindo defrontá-los. [3] Logo depois, fazem-se acompanhar pelos Aqueus e atravessam o mar, fazem uma expedição contra Eníadas na Acarnânia, cercam-na, mas como a não conquistam, regressam a casa.

CXII. Seguidamente, passados que já eram três anos, fazem-se as tréguas, por cinco anos, entre Peloponésios e Atenienses. [2] Os Atenienses abstêm-se de fazer guerra contra Helenos, mas organizam uma expedição contra Chipre, com duzentos navios seus e dos aliados, sob o comando de Címon. [3] Destes navios sessenta navegaram para o Egipto, mandados vir por Amirteu, o rei dos pântanos, e os outros navios foram cercar Cítio. [4] Mas Címon morreu e houve um surto de fome e por esse motivo retiraram de Cítio. Na viagem de regresso, navegaram ao largo de Salamina em Chipre e bateram-se simultaneamente em batalha naval e em batalha com infantaria contra Fenícios, Cipriotas e Cilícios, e tendo vencido nas duas batalhas voltaram para casa e com eles regressaram também os navios que tinham estado no Egipto. [5] Depois disto, os Lacedemónios encetaram uma guerra que denominaram de “sagrada”, e tendo tomado posse do templo em Delfos, entregaram-no aos Delfos. Seguidamente os Atenienses, imediatamente após a partida dos Lacedemónios, organizaram outra expedição vitoriosa e entregaram Delfos aos Focenses.

CXIII. Passado algum tempo sobre estes acontecimentos, os Atenienses, porque os Beócios refugiados tinham em seu poder Orcómeno, Queroneia e outros lugares da Beócia, organizaram uma campanha militar com mil hoplitas das suas tropas e das respectivas quotas dos aliados, sob o comando de Tólmides, filho de Tolmeu. Tomaram Queroneia, venderam os vencidos como escravos e foram-se embora, depois de terem montado uma guarnição.

[2] Quando passavam por Coroneia, foram ali atacados por exilados beócios de Orcómeno juntamente com Lócrios, por exilados da Eubeia e por outros tantos que tinham as mesmas opiniões políticas. Tendo estes vencido na luta, mataram uns Atenenses e a outros prenderam-nos vivos. [3] Abandonaram os Atenenses então toda a Beócia e fizeram um acordo por forma a recobramos os seus homens. [4] E assim os exilados beócios regressaram e todos os outros ganharam de novo autonomia.

CXIV. Não muito tempo depois destes factos, a Eubeia revoltou-se contra os Atenenses, e já Péricles tinha atravessado para a ilha com regimentos de Atenenses, quando recebeu a notícia de que Mégara se tinha revoltado, que os Peloponésios se preparavam para invadir a Ática e que as guarnições atenienses tinham sido dizimadas pelos Megarenses, excepto as que tinham fugido para Niseia. Os de Mégara tinham-se revoltado por terem junto a seu lado Coríntios, Siciónios e Epidáurios. Péricles então mandou apressadamente retirar as suas tropas da Eubeia. [2] Depois disto, os Peloponésios, sob o comando de Pleistóanax, filho de Pausânias, rei dos Lacedemónios, avançaram para a Ática até Elêusis e Triásia, tudo devastando e não indo mais além voltaram para casa. [3] De novo os Atenenses, sob o comando de Péricles, atravessaram para a Eubeia e conquistaram-na toda, e quanto ao resto da ilha estabeleceram um acordo, mas expulsaram os Hestieus de suas casas e eles próprios apoderaram-se do território.

CXV. Logo que saíram da Eubeia com as tropas, não muito depois de terem feito tréguas com os Lacedemónios, num tratado de paz para durar trinta anos, devolveram Niseia, Pegas, Trezenas e Acaia. Eram estas as terras que os Atenenses ocupavam e que pertenciam aos Peloponésios. [2] Seis anos depois foi declarada guerra entre Sâmios e

Milésios por causa de Priene, e os Milésios, que tinham sido desfeiteados na guerra, foram a Atenas gritando contra os Sâmios. Apoiavam-nos cidadãos privados da mesma Samos, pois queriam modernizar a governação. [3] Os Atenienses navegaram então para Samos com quarenta barcos, instituíram a democracia, e como reféns dos Sâmios retiveram cinquenta rapazes e outros tantos homens, que puseram sob guarda em Lemnos, e tendo instalado uma guarnição, foram-se embora. [4] Dos Sâmios, contudo, alguns houve que não ficaram, mas fugiram para o continente, depois de terem feito um acordo com os mais poderosos da cidade, e com Pissutnes, filho de Histaspes, que então era senhor de Sardes. Engajaram cerca de setecentos mercenários e atravessaram ao coberto da noite para Samos. [5] Atacaram logo os democratas, dominaram a maior parte, e depois de terem roubado de Lemnos os seus reféns revoltaram-se, e entregaram a Pissutnes as guarnições e os chefes militares dos Atenienses que ali prestavam serviço, assim como imediatamente começaram a preparar uma expedição contra Mileto. Desertaram também para junto deles os Bizantinos.

CXVI. Quando os Atenienses souberam do acontecido navegaram com sessenta navios para Samos sem terem feito uso de dezasseis deles – pois tinham partido para a Cária, a fim de vigiar os navios fenícios, e outros para Quios e Lesbos com ordens para arranjar reforços, mas com quarenta e quatro navios com o próprio Péricles e mais nove outros a comandá-los, travaram batalha no mar junto à ilha de Trágia contra setenta navios dos Sâmios, dos quais vinte eram barcos de transporte de tropas, a maior parte vinha toda de Mileto, e os Atenienses venceram. [2] Seguidamente vieram em seu auxílio quarenta navios saídos de Atenas e vinte e cinco tripulados por Quios e Lésbios, e tendo desembarcado o corpo poderoso de infantaria de que dispunham, montaram um cerco com três muralhas à cidade,

enquanto a partir do mar simultaneamente faziam o mesmo. [3] Péricles retirou sessenta navios dos que faziam o bloqueio e partiu a toda a pressa para Cauno e para a Cária, pois tinham chegado notícias de que navios fenícios navegavam contra eles. De facto já tinham partido de Samos Esteságoras e outros, em cinco barcos, para apanharem os Fenícios.

CXVII. No entrementes os Sâmios de um instante para o outro fizeram-se ao mar e conseguiram cair sobre a esquadra ateniense, mal protegida, e destruíram os navios que faziam o bloqueio e combatendo os que contra eles vinham defrontar-se, venceram. Durante catorze dias foram eles os senhores dos mares junto da sua costa, mandando avançar ou mandando sair o que bem quisessem. [2] Mas quando Péricles voltou, impôs de novo o bloqueio aos navios inimigos. Depois chegaram reforços de Atenas, quarenta navios que vinham comandados por Tucídides, Hágnon e Formião, outros vinte com Tlepólemo e Ânticles, e trinta de Quios e de Lesbos. [3] Foi rápida a batalha naval que puderam travar os Sâmios, mas por não serem capazes de fazer frente, foram cercados até que no nono mês do cerco tiveram de se sujeitar a uma capitulação, demolindo muralhas, dando reféns, entregando navios, e tiveram de pagar em prestações os montantes de dinheiro correspondentes aos estragos causados. Também os Bizantinos procederam de igual forma, e continuaram a estar súbditos como anteriormente.

CXVIII. Seguidamente a estes acontecimentos, e não se passaram muitos anos depois do que foi narrado, dos acontecimentos na Corcira e em Potidea e grande número de incidentes, surge finalmente o pretexto para declarar esta guerra. [2] Todos estes factos, levados a cabo pelos Helenos, uns contra os outros e contra os Bárbaros, deram-se num espaço de cinquenta anos nomeadamente entre a data da

retirada de Xerxes e o começo desta guerra. Foi nestes anos que os Atenienses reforçaram com mais firmeza o seu poder e se elevaram à situação de grande potência imperial. Os Lacedemónios, embora disso estivessem conscientes, não impediram nem mesmo minimamente, e ficaram indiferentes a maior parte do tempo, pois nunca tinham tido pressa de entrar em guerras a menos que a isso fossem forçados, pela simples razão de que estavam ocupados com guerras muito suas, antes que o poder dos Atenienses se erguesse abertamente e começasse a interferir com os aliados que eram os seus. Foi então que foram forçados a não suportar mais os acontecimentos e lhes pareceu ser necessário convencerem-se de que tinham de atacar o poder ateniense com toda a coragem, e que a força inimiga tinha de ser derubada, se pudessem, e que lhes iriam declarar esta guerra.

Em Esparta: esboça-se o discurso anti-imperialista

[3] Os Lacedemónios pensavam convictamente que o tratado tinha sido quebrado e que os Atenienses estavam a proceder mal, e mandaram a Delfos quem perguntasse ao deus se fariam bem em avançar para a guerra. O deus respondeu-lhes, conforme se conta, que a vitória seria deles, que lutassem com toda a força e que ele próprio interviria, quer fosse chamado, quer não fosse invocado.

CXIX. De novo quiseram convocar os aliados e levar à votação se deviam ou não entrar em guerra. Tendo chegado os delegados da aliança e tendo-se organizado a assembleia, os outros disseram o que queriam, mas a maior parte acusava os Atenienses e pediam que se entrasse em guerra, enquanto os Coríntios o exigiam. Primeiramente tinham eles pedido em privado que cidade por cidade votasse pela guerra, pois tinham medo quanto à situação de Potideia,

que poderia ser destruída mesmo antes de ser socorrida, e os que estavam na assembleia só avançaram em último lugar e falaram da seguinte forma:

CXX. “Homens e aliados, já não podemos acusar os Lacedemónios de não terem eles próprios votado pela guerra, visto que foram eles que nos reuniram aqui para tratarmos deste assunto. É importante que os dirigentes, mesmo considerando igualmente os seus interesses particulares, se preocupem com o que é do interesse comum, identicamente como em outros sectores são eles dignos da consideração de todos. [2] Todos os que de entre nós já tiveram de negociar com os Atenienses, não precisam que lhes ensinem a forma como deles se devem resguardar. Muito especialmente os que habitam as terras do interior longe das vias de comunicação, terão maiores dificuldades, caso não ajudem os que vivem no litoral, para fazerem o transporte das suas produções e, por sua vez, o retorno em transporte, dos produtos que o mar dá, para o continente, e quanto ao que estamos aqui a dizer, que não sejam eles maus juízes ao pensarem que isto para eles não terá consequências, pois deverão esperar que se deixarem ao abandono as zonas litorais, também o perigo virá a tocar-lhes, por isso devem eles estar agora a deliberar sobre estes assuntos não menos atentamente do que nós sobre os nossos. [3] Por esse motivo força é que não hesitem em declarar a guerra em vez de paz. Se é próprio de homens com bom senso, caso não lhes façam mal, estarem tranquilos, é próprio da gente forte, que, quando alguém os prejudica, da paz façam a guerra, mas também quando se apresentar uma boa oportunidade de saírem de novo da guerra, não se devem então entusiasmar com o sucesso que nela tenham obtido, nem tão-pouco deixar-se prejudicar, deliciados pela tranquilidade da paz. [4] Todo aquele que, devido ao prazer, tem receio da guerra, muito rapidamente será privado das

comodidades pelas quais teve medo de entrar na guerra, mas se porventura ficar tranquilo, o que se deixar entusiasmar pela sorte que tem na guerra, é porque não compreende quão traiçoeira é a confiança que o animou. [5] Muitas iniciativas mal pensadas aconteceu terem sucesso, porque os adversários ainda estavam mais mal avisados. Mas mais ainda: iniciativas que pareciam bem delineadas, desviaram-se vergonhosamente para o lado oposto do que se pretendia. Ninguém realiza com a mesma confiança os planos que imaginou, mas quanto a nós é em segurança que planeamos, mas temos depois medo de não atingirmos o sucesso pretendido.

CXXI. “E agora nós, sentindo-nos lesados e tendo justificadas razões de queixa, vamos lançar esta guerra até que nos vingemos dos Atenenses e só a vamos acabar quando a ocasião nos satisfizer. [2] Por muitos motivos é provável que sejamos nós a levar a melhor: em primeiro lugar, estamos à frente no que toca o número de homens e experiência militar; em segundo, todos por igual avançamos segundo as ordens dadas; [3] em terceiro lugar, quanto ao sector naval, em que eles são fortes, também nós conseguiremos construir uma armada, com os meios que estão à disposição de cada um de nós e com as riquezas acumuladas em Delfos e em Olímpia. Além disso, contrairemos um empréstimo para que estejamos em condições de, com uma paga melhor, lhes retirar os marinheiros mercenários que têm. A verdade é que a força dos Atenenses é comprada, mais do que constituída pela dos seus cidadãos, ao passo que a nossa sofre menos dessas fraquezas, visto que a sua força reside mais no vigor dos corpos do que nos dinheiros que nos são pagos. [4] Com uma só vitória no mar é provável que sejam derrotados. Se, contudo, nos fizerem frente, praticaremos também nós com mais tempo as artes de navegar, e logo que consigamos igualá-los em técnica, seremos certamente superiores em ânimo. Pois é da Natureza que recebemos as qua-

lidades da nossa excelência, ao passo que eles as não vão ter por aprendizagem, e enquanto eles estão à nossa frente pelo saber, a situação pode inverter-se a nosso favor pela prática. [5] Quanto ao dinheiro que temos de arranjar para estas finalidades, iremos buscá-lo por contribuições. Bem triste seria que os aliados deles não faltem ao pagamento para manterem a sua escravatura, enquanto nós, para castigar os nossos inimigos e ao mesmo tempo assegurar a nossa salvação, nem somos capazes de gastar os fundos financeiros nem de impedir que nos despojem dessa riqueza e nos inflijam com ela a nossa destruição.

CXXII. “Contudo, ainda nos restam outras formas de fazermos a guerra: a de incitarmos à revolta os seus aliados, que é a forma de os privar dos rendimentos que lhes dão força, e também construir fortificações no seu território, e tudo quanto agora não é possível prever. Com normas fixas de forma alguma progride a guerra, mas é ela de si própria que dá origem a muitas artes que se adaptam ao que no momento acontece. Na guerra, quem domina a cólera, enquanto com ela lida, desfruta de maior segurança, enquanto o que perde a cabeça com ela ainda se prejudica mais. [2] Mas pensemos também que se para qualquer de nós as disputas com os nossos inimigos se limitassem à defesa das fronteiras de um território, isto seria suportável. Agora, porém, estão contra todos nós os Atenienses, que são bem capazes, mas que mais poderosos são por estarem contra nós cidade por cidade. Portanto, a menos que todos juntos, com cada nação e com cada povoação contra eles nos defendermos com um só acordo, eles nos dominarão por estarmos divididos, e a derrota, mesmo que seja horrível ouvi-lo, sabe que não trará consigo senão obviamente a escravatura. [3] É só por hesitar ou duvidar quanto a esta possibilidade, que inúmeras cidades virão a sofrer tantos males às mãos de uma só, o que é uma vergonha para o Peloponeso. Em tal

caso, ou parecerá que merecemos sofrer este destino, ou que por cobardia nos entregámos e parecemos filhos degenerados dos nossos pais, que libertaram a Hélade, e que nós, pelo contrário, nem para nós próprios assegurámos o mesmo, mas deixamos que uma cidade entre nós se infiltre como um tirano, enquanto nos orgulhamos de ter deposto monarcas numa a uma das cidades. [4] Também não sabemos como este acontecimento possa ser avaliado, constituído que é por três enormes erros, erros de estupidez, ou de fraqueza, ou de negligência. E não é por fugirdes a estas realidades que conseguireis atingir o espírito de desdém que a tantos arruinou e que por ter destruído muitos homens foi denominado com outro nome de sentido contrário, ou seja, o de falta de bom senso.

CXXIII. “Quanto ao que foi feito no passado, que necessidade há de nos acusarmos mais, a não ser no que nos possa agora dar proveito? Mas acerca do que depois vai acontecer, é necessário defender o que no presente se passa e que se tem de vir a fazer, pois é nossa tradição conquistar virtudes pelos trabalhos, e não alterar o comportamento, se porventura estiverdes agora um pouco à frente em riqueza e em poder, visto que não é justo perder pela prosperidade o que foi obtido na pobreza. Mas há que ir com coragem para a guerra e por muitas razões, pois o deus falou pelo oráculo e prometeu que vos havia de ajudar e todo o resto da Hélade se juntará a vós, uma parte por medo, outra por interesse. [2] Vós não sereis os primeiros a quebrar as tréguas, e visto que o deus vos ordena a guerra, é porque acredita que estas já foram transgredidas, ireis antes em auxílio de um tratado que foi violado. Não são os que se defendem que violam, mas sim os que atacam em primeiro lugar.

CXXIV. “Porque de todo o lado se vos oferece uma boa oportunidade de ir para a guerra e nós aconselhamo-vos

estas medidas para o bem comum, o que é mais seguro é quando há uma comunhão de interesses para as cidades e para os particulares, não demoreis em levar auxílio aos Potídeos, que são Dórios e estão cercados por Jónios, o contrário do que acontecia antes, e em conseguir a liberdade para os outros. Como já não é possível esperarem os que já foram atacados, quando for conhecido que nós nos reunimos e que não temos coragem de nos defender, não muito depois viremos a ter o mesmo destino. [2] Pelo contrário, ó homens aliados, acreditai que estamos face a face com o inevitável, e ao mesmo tempo que o que se disse aqui diante de vós é a melhor solução, votai pois pela guerra sem temer o perigo imediato, por desejardes que uma paz duradoura dele resulte. É à guerra que se segue com mais segurança a paz, mas não querer ir para a guerra por motivos de tranquilidade, não é igualmente sem perigos. [3] E assim, convencidos de que há uma cidade que se elevou a ser a déspota da Hélade e que é igualmente uma ameaça para todos, de tal forma que já em alguns manda e se prepara para mandar noutros, avancemos para o ataque e dominêmo-la para vivermos nós próprios tranquilamente e libertarmos os Helenos que estão agora reduzidos a escravos.”

CXXV. E foi assim que os Coríntios falaram. Os Lacedemónios depois de terem ouvido a opinião de todos, procederam à votação por ordem de quantos aliados que estavam presentes, grandes e pequenos, e a maioria votou pela guerra. Contudo, mesmo havendo uma decisão, era impossível empunhar as armas imediatamente uma vez que para já não estavam preparados. [2] Determinou-se então que cada um comesse a fazer os preparativos de forma a que não houvesse atrasos. Na preparação, porém, do que era preciso, nem um ano inteiro se passou, mas sim um pouco menos, até que invadissem a Ática e fizessem a guerra abertamente.

A dialéctica do poder: embaixada a Atenas

CXXVI. Nesse intervalo mandavam embaixadas aos Atenienses para apresentarem queixas, de forma a que tivessem um pretexto cada vez mais sólido para entrar em guerra, caso não lhes fosse dada qualquer atenção. [2] Inicialmente os embaixadores que os Lacedemónios enviaram, rogaram aos Atenienses que expulsassem a maldição da deusa. E a maldição era a seguinte: [3] havia um ateniense em tempos passados, cujo nome era Cílon, vencedor nos Jogos Olímpicos, de origem nobre e poderoso. Tinha-se casado com a filha de Teágenes de Mégara, que por aqueles tempos era tirano dos Megarenses. [4] Indo Cílon consultar o oráculo em Delfos, disse-lhe o deus em resposta que fosse conquistar a acrópole de Atenas durante o maior festival de Zeus. [5] Foi ele recrutar forças junto de Teágenes e depois de persuadir os amigos, quando o festival estava a celebrar-se no Peloponeso, tomou a acrópole para atingir o lugar de tirano, pois acreditava que o maior festival de Zeus se relacionava de certa forma com o facto de ele também ter sido vencedor em Olímpia. [6] Mas se o oráculo falava do maior festival na Ática ou em qualquer outra parte, não procurou ele compreender, nem tão-pouco o oráculo o esclarecia, que de facto existiam entre os Atenienses as Diásias, o maior festival em honra de Zeus Meilíquio, mas fora da cidade, no qual o povo inteiro oferece sacrifícios e muitos dão oferendas, não de vítimas sagradas mas de produtos campestres. Cílon, todavia, julgando que pensava bem, lançou-se ao assalto. [7] Os Atenienses, logo que se deram conta, vieram na sua totalidade dos campos contra eles e tomaram posições para os cercar. [8] Como o tempo ia passando, muitos Atenienses, já cansados de estarem ali sentados, foram-se embora, depois de entregarem a guarda aos nove arcontes, a quem igualmente confiaram plenos poderes de, por si sós, tomarem as medidas que julgassem mais apropriadas. Nesses

tempos os nove arcontes tratavam da maior parte dos assuntos públicos. [9] Ora aqueles que estavam sitiados com Cílon começaram a sentir necessidade de comer e falta de água. [10] Cílon e o irmão fugiram e os outros como se sentiam em má situação, tendo já alguns morrido de fome, sentaram-se no altar como suplicantes na acrópole. [11] E os Atenienses a quem tinha sido confiada a guarda, quando viram que eles morriam no templo, fizeram-nos levantar com a promessa de que não lhes fariam mal, mas levaram-nos para fora e mataram-nos. E aqueles que procuraram refúgio nos altares das reverendas deusas, quando passaram, tiveram o mesmo destino. [12] Por causa disto, foram eles denominados celerados e malditos, perante a deusa, bem como a sua descendência. E foram os Atenienses na sequência dos factos que expulsaram esses malditos e também mais tarde o lacedemónio Cleómenes, com a ajuda dos Atenienses que se tinham revoltado; mandaram sair os que ainda estavam vivos e deitaram fora os ossos dos mortos que tinham desenterrado. Depois, apesar de tudo, foram reintegrados e ainda existem descendentes seus na cidade.

CXXVII. Foi esta maldição que os Lacedemónios mandaram que os Atenienses de lá tirassem, em primeiro lugar porque queriam honrar os deuses, seguidamente, porque sabiam que Péricles, filho de Xantipo, estava implicado nessa maldição pelo lado da mãe e porque julgavam que, se ele fosse banido, lhes era mais fácil obter o que pediam aos Atenienses. [2] Não esperavam, contudo, nem que viesse a sofrer o desterro, nem o desprestígio que contra ele levantariam perante toda a comunidade, de tal maneira que devido à desgraça por ele herdada, a guerra fosse declarada. [3] Sendo, com efeito, o homem mais poderoso do seu tempo e dirigindo ele a acção política, opunha-se em todos os aspectos aos Lacedemónios e não deixaria ceder, mas impeliria os Atenienses para a guerra.

CXXVIII. Os Atenienses retorquiram pedindo que os Lacedemónios afastassem a maldição de Ténaro. Na verdade, os Lacedemónios tinham uma vez feito sair do templo de Poseidon os suplicantes hilotas e depois de os levarem para fora, mataram-nos, e foi por causa deste acto que eles acreditam ter-lhes sucedido um grande terramoto em Esparta. [2] Também lhes disseram para afastar a maldição da Casa de Bronze. [3] E o acontecimento passou-se assim. Depois que o lacedemónio Pausânias foi pela primeira vez mandado regressar pelos Espartanos do cargo de comando que tinha no Helesponto, fora por eles absolvido, tendo sido julgado, mas nunca mais foi mandado ocupar um cargo público; contudo, por sua conta e risco, tomou uma trirreme de Hermíone e sem autorização dos Lacedemónios chegou ao Helesponto, para ir para a guerra movida pelos Helenos, segundo o que dizia, mas segundo o que fazia na realidade, para tratar dos interesses do Grande Rei, como fizera a primeira vez, porque desejava o poder sobre toda a Hélade.

Episódios de traição de dois grandes guerreiros: Pausânias e Temístocles

[4] Criou inicialmente e desta forma uma relação de favores em relação ao Rei, e assim começaram todos os acontecimentos. [5] Com efeito, durante a sua anterior estada, tomou Bizâncio, depois do regresso da armada helénica de Chipre – eram os Medos que tinham em seu poder Bizâncio, e alguns validos e parentes do Rei foram então ali presos –, e depois mandou os que capturara para junto do Rei, sem nada contar aos outros aliados, senão a história de que lhe tinham escapado. [6] Fez estas manobras com a ajuda de Gongilo da Eritreia, ao qual tinha confiado Bizâncio e os captivos. Mandou também uma carta que

Gongilo levou ao Rei. Nessa carta estavam escritas as seguintes palavras, tal como depois se descobriu: [7] “Pausânias, o dirigente de Esparta, querendo fazer-te um favor, manda-te estes que prendeu com a sua lança. Faço-te uma proposta, se te parecer bem, de me casar com a tua filha e assim sujeitar ao teu poder não só Esparta, como todo o resto da Hélade. Penso ser capaz de praticar estes feitos, aconselhado por ti. Se porventura alguma destas propostas te agradar, manda um homem de confiança para a costa e por seu intermédio trocaremos as impressões que faltam.” Foram estes assuntos que o escrito revelou.

CXXIX. Xerxes ficou agradado com a carta e mandou Artabazo, filho de Farnaces, para a costa e ordenou-lhe que tomasse conta da satrapia de Dascílio e que substituísse Megabates, que antes era o governador, tendo-lhe confiado uma carta para entregar a Pausânias em Bizâncio, que a devia fazer chegar tão depressa quanto possível, bem como mostrar o selo, e se Pausânias lhe desse instruções sobre os assuntos que lhe diziam respeito, que as executasse da melhor forma e com a maior fidelidade possíveis. [2] E ele quando chegou procedeu exactamente como lhe tinha sido dito e entregou a carta. A resposta rezava o seguinte: [3] “Eis o que diz o Rei Xerxes a Pausânias: no que respeita os homens que tu para mim salvaste de Bizâncio e para além do mar, repousará a lembrança de gratidão a teu respeito para sempre na nossa casa, e também estou agradado com as tuas palavras. Mas nem de noite nem de dia tu te deixes impedir de fazer o que me prometeste, tão-pouco te deixes impedir pelas despesas em ouro e em prata, nem pelo número de soldados, se por acaso tiveres de estar presente onde quer que seja, mas com Artabazo, que é um homem bom e que te mandei, procede com confiança e trata dos meus interesses e dos teus da forma mais hábil e com mais qualidade para ambos.”

CXXX. Quando Pausânias recebeu esta carta, ainda que antes disto ele fosse tido em alta consideração pelos Helenos por causa da forma como os comandara em Plateias, sentiu-se nessa altura a um nível muito mais alto e já nem podia manter o seu estilo de vida habitual, mas era vestido com trajes à moda médica que saía de Bizâncio e quando viajava pela Trácia eram os seus guardas-de-corpo Medos e Egípcios; mandava pôr a mesa à maneira persa, e não conseguia esconder os seus intentos, mas por estes actos instantâneos apontava para iniciativas de muito maior calibre, que se preparava para fazer. [2] Tornou difícil o acesso à sua pessoa e tinha tais ataques de cólera para com todos e por igual, que ninguém podia aproximar-se. E foi sobretudo devido a estes motivos que os aliados se passaram para o lado dos Atenienses.

CXXXI. Foi por estas mesmas razões que os Lacedemónios ao saberem-nas, o tinham chamado da primeira vez; depois, quando pela segunda vez se fez ao mar no barco de Hermíone, sem que lho tivesse sido autorizado, pareceu-lhes que estava a fazer exactamente o mesmo, pois tendo sido forçado pelo cerco dos Atenienses a sair de Bizâncio, não se dirigiu para Esparta, mas para Colonas na Tróade, onde, segundo constou aos éforos, estava a intrigar com os Bárbaros e na sua estadia não estava a preparar nada de bom, de tal forma que os éforos não aguentaram muito tempo, pois mandaram um arauto com uma cítala, em que havia a ordem que lhe dizia para não deixar partir o arauto sem que o acompanhasse, pois caso contrário, os Espartanos lhe declarariam guerra. [2] Ele, desejando que não o suspeitassem de todo e confiando que podia desfazer a intriga, distribuindo dinheiros, dirige-se segunda vez para Esparta. E aí logo foi mandado para a prisão pelos éforos pois os éforos têm o poder para fazer isto, mesmo ao rei, e depois, tendo tentado sair em liberdade, ofereceu-se para ir a julgamento perante os que quisessem discutir o seu caso.

CXXXII. Os Espartanos não tinham porém qualquer prova evidente, nem os seus inimigos na cidade inteira, para que, nela confiando, pudessem com segurança castigar um homem que era de ascendência real e que na ocasião presente desempenhava um alto cargo — para Plistarco, seu primo, filho de Leónidas, que então era rei, mas ainda menor de idade, desempenhava ele as funções de regente, [2] mas a verdade é que provocava muitas suspeitas pelo seu desrespeito das leis e pela imitação dos costumes dos Bárbaros, porque não queria ser igual aos modos do seu tempo. Foram então ao seu passado para analisar outros actos seus, no sentido de verem onde é que ele se tinha afastado das leis estabelecidas, como o que outrora se passara com a trípode em Delfos, que os Helenos tinham erigido como o primeiro despojo proveniente dos Medos e na qual tinha ousado gravar por iniciativa pessoal o seguinte dístico elegíaco:

*“COMO CHEFE DOS HELENOS E POR
TER DESTRUÍDO O EXÉRCITO DOS
MEDOS, PAUSÂNIAS A FEBO DEDICA ESTE
MEMORIAL”.*

[3] Imediatamente desgravaram então os Lacedemónios estes versos elegíacos da trípode e inscreveram nome por nome as cidades que tinham tomado parte na derrota dos Bárbaros e que tinham erigido esta oferta. Naquela altura já o acto de Pausânias tinha sido julgado como uma transgressão e agora, porque se tinha colocado nesta situação, mais parecia que ele o tinha feito para estar em consonância com os seus presentes desígnios. [4] Também foram informados de que andava a conspirar com os Hilotas da seguinte maneira: prometia-lhes de facto conceder-lhes a liberdade e o direito de cidadania, se todos se juntassem a ele numa revolta e o ajudassem a levar a cabo o seu plano. [5] Mas nem então, nem mesmo dando crédito a alguns informadores

vindos dos Hilotas, julgaram dever tomar nova atitude contra ele, pois utilizaram o método a que estavam habituados no que a eles próprios dizia respeito: não serem apressados no caso de um Espartano, e não decidir nem recorrer a sentença irrevogável, sem que as provas fossem irrefutáveis. Finalmente diz-se, o homem de Argílio, que estava para entregar a Artabazo a última carta de Pausânias para o Rei, tornou-se informador, ele que em tempos passados tinha sido seu amante e da maior fidelidade para com ele. Tinha tido medo quando de certo modo se compenetrara do facto de que jamais qualquer dos emissários tinha regressado. Falsificou, por isso, o selo, para que se estivesse enganado ou se Pausânias pedisse para fazer alguma alteração na carta, não descobrisse, abriu a carta na qual suspeitava que estivesse dada a ordem do género da que encontrou, para que o mandassem matar.

CXXXIII. Foi nessa altura que os éforos, quando o homem lhes mostrou a carta, ficaram mais convencidos, mas ainda queriam ouvir alguma confirmação pelos próprios ouvidos e da boca do próprio Pausânias. De acordo com um plano combinado, dirigiu-se o homem como suplicante para Ténaro e aí montou uma barraca com duas divisões separadas por uma parede. Uma dessas divisões escondia dentro alguns dos éforos, e quando Pausânias o foi visitar e lhe perguntou qual a razão da sua atitude de suplicante, ouviram então tudo claramente: como o homem o acusava do que tinha escrito sobre ele e como revelava outros aspectos um por um, acusando-o de que, embora em nada o tivesse traído na sua colaboração com o Rei, contudo lhe era concedida a mesma distinção dos seus outros colaboradores: ser mandado matar; e ouviram Pausânias reconhecer o que lhe era dito e pedir-lhe que, nas circunstâncias presentes, se não deixasse levar pelo ódio, dando-lhe a garantia de poder sair são e salvo do templo e rogando-lhe para

partir o mais depressa possível a fim de não atrasar o processo que estava a decorrer.

CXXXIV. Depois dos éforos ouvirem tudo atentamente, recolheram-se então, mas nesse momento já sabiam com segurança que o iam mandar prender na cidade. Conta-se que quando ele estava para ser preso na rua, quando viu a cara de um dos éforos que vinha ao seu encontro, deu-se conta da razão por que este vinha, tanto mais que outro, por amizade o avisava com um gesto imperceptível, e foi então que se pôs a correr em direcção ao templo da Casa de Bronze para aí se refugiar. O recinto sagrado estava perto. Entrou para o edificio do templo que não era grande, para que não ficasse exposto ao ar livre, e manteve-se aí quieto. [2] Nesse momento os éforos estavam atrasados na sua perseguição, mas depois de tirarem o tecto do edificio e de verificarem que ele estava lá dentro, interceptaram a saída, mandaram emparedar as portas, ocuparam então o lugar e forçaram-no a morrer de fome. [3] Já estava ele a expirar, pois estava detido no edificio, e quando se deram conta disso, tiraram-no do templo ainda a respirar, mas quando foi tirado morreu imediatamente. [4] Estavam dispostos a atirá-lo para o Ceades, o local onde depositavam os criminosos, mas depois pareceu-lhes melhor enterrá-lo noutra parte, perto da cidade. O deus de Delfos por oráculo avisou depois os Lacedemónios, para que trasladassem o túmulo para onde tinha morrido; agora jaz na entrada do recinto, como indicam as estelas com inscrição, e como o que tinham feito lhes tinha trazido uma maldição, a fim de darem a Atena da Casa de Bronze, em vez de um só corpo, dois corpos, mandaram fazer duas estátuas de bronze que o representassem e que erigiram em lugar de Pausânias.

CXXXV. Os Atenienses, visto que o deus tinha considerado o caso, como maldição, pediram por sua vez aos

Lacedemónios que desviassem a maldição de Ténaro. [2] Devido ao medismo de Pausânias, os Lacedemónios enviaram embaixadores aos Atenienses e acusaram também Temístocles de cumplicidade na conjura, pois tinham-no descoberto aquando das investigações sobre Pausânias, e por isso pediam-lhes que o castigassem. [3] Os Atenienses foram persuadidos, mas como tinha sido ostracizado, vivia em Argos e frequentava outras partes do Peloponeso também, mandaram homens na companhia dos Lacedemónios, que estavam prontos para entrar com eles na perseguição, visto que lhes fora dito para agir onde quer que o encontrassem.

CXXXVI. Temístocles, avisado, fugiu do Peloponeso para Corcira, pois era benfeitor dos Corcireus. Mas estes, contudo, disseram-lhe que tinham medo de o ter com eles, porque iam incorrer na inimizade de Lacedemónios e Atenienses, e por isso levaram-no para o continente do lado oposto. [2] Perseguido pelos que tinham sido encarregados de saber para onde ia, é forçado num momento difícil a se deixar ficar na casa de Admeto, rei dos Molossos, que não era seu amigo. [3] Aconteceu não estar este em casa, mas ele apresentou-se como suplicante junto da sua mulher e por esta foi aconselhado a tomar conta do filho que tinham e a sentar-se ao pé da lareira. [4] Quando Admeto chegou não muito depois, ele disse quem era e pediu-lhe que muito embora se tivesse oposto algumas vezes a pedidos feitos por ele aos Atenienses, que se não fosse agora vingar num fugitivo, pois na situação em que se encontrava até poderia vir a sofrer às mãos de qualquer muito mais fraco do que Admeto, sendo mais nobre porém que iguais fossem castigados por iguais. Além disso, tinha-se-lhe oposto por qualquer petição, mas nunca num caso em que estivesse em perigo a sua vida, mas se Admeto o entregasse, e disse-lhe por quem e por que motivo era perseguido, lhe retirava qualquer hipótese de salvar a vida.

CXXXVII. Quando Admeto ouviu estas palavras, mandou-o levantar-se juntamente com o seu próprio filho, pois Temístocles tinha-se sentado, abraçando-o, o que era a expressão mais forte de súplica, e pouco depois chegaram os Lacedemónios e os Atenienses que muito lhe pediram, mas ele não o entregou, e como Temístocles queria ir para junto do Rei, mandou-o escoltar por terra e a pé até ao outro mar, em direcção a Pidna, a capital de Alexandre. [2] Em Pidna encontrou um cargueiro que estava a largar para a Jónia e depois de embarcar foi arrastado por uma tempestade para junto da esquadra ateniense que sitiava Naxos. Embora desconhecido a bordo, por ter medo explicou ao capitão quem era e as razões por que fugia e que se ele recusasse salvá-lo contaria aos Atenienses que o capitão tinha sido aliciado a passá-lo, mediante dinheiro, e que o mais seguro seria que ninguém desembarcasse até que voltasse bom tempo para navegar. E que se ele fizesse o que lhe pedia, ele o recompensaria. O capitão fez como lhe tinha sido pedido e depois de ter navegado evitando as vagas um dia e uma noite longe da guarnição ateniense, chegou depois a Éfeso. [3] E Temístocles recompensou-o com uma dádiva em dinheiro – que lhe tinha chegado de Atenas, mandado por amigos, e de Argos onde o tinha depositado em segredo –, e depois destes acontecimentos tendo partido para o interior com um Persa que vivia na costa, mandou uma carta ao Rei Artaxerxes, filho de Xerxes, que há pouco começara a reinar. Rezava assim o escrito: “Eu, Temístocles, vou para junto de ti, o mesmo que de todos os Helenos mais mal fez à vossa casa durante o tempo em que o teu Pai nos assaltou e eu fui obrigado a defender-me, mas ainda muito mais coisas tive eu a meu favor, pois que eu estava em segurança, enquanto ele estava em perigo iminente, quando batia em retirada – e aqui relatou o aviso dado em Salamina, para que a tempo se retirasse e o caso das pontes, que, mentindo se atribuíu, pois devido à sua intervenção não tinham

sido destruídas —, e agora aqui estou com o poder de realizar grandes feitos para ti, perseguido pelos Helenos, devido à amizade que por ti sinto. Desejo esperar um ano e ser eu em pessoa a explicar-te as razões por que venho.”

CXXXVIII. O Rei, conta-se, ficou maravilhado com as intenções dele e mandou-o proceder da forma que propunha. Temístocles no tempo de espera que mediou, aprendeu tudo o que pôde da língua persa e dos costumes do país. [2] Quando depois desse ano chegou à presença do Rei, passou a ser junto dele mais importante do que qualquer dos Helenos jamais tinha sido, devido à reputação de que já antes gozava e à esperança que sugeria de alguma vez submeter a Hélade ao Rei, muito especialmente pelo discernimento que mostrava possuir para o que tentavam realizar. [3] Temístocles demonstrou decididamente a força do seu carácter e muito especialmente a esse respeito, mais do que qualquer outro, era digno de admiração. Por seu instinto natural e não porque tivesse aprendido antes a desenvolvê-lo nem porque algo tivesse aprendido por estudo depois, era ele o mais capaz de todos na rapidez da decisão, na análise do que no presente acontecia, e era quem sabia prever melhor os acontecimentos que iam acontecer no futuro. Além disso, era capaz de explicar as iniciativas que tinha entre mãos e quanto aquelas de que não tinha experiência, não deixava de as julgar com competência, prevendo claramente para o melhor ou para o pior, o que ainda estava na obscuridade futura. Para dizer tudo numa palavra: pela força da sua natureza própria e devido à sua breve experiência, demonstrou ser o melhor de todos a tomar por si só as necessárias decisões. [4] Foi por doença que terminou a vida. Dizem alguns que foi por sua livre vontade que se matou com veneno, por estar convencido de que não seria capaz de levar a bom fim o que tinha prometido ao Rei. [5] Há um monumento que na Magnésia, na Ásia, lhe é

dedicado, na praça do mercado. Era ele com efeito que mandava naquela região, pois o Rei tinha-lhe dado para o pão a Magnésia, que lhe proporcionava cinquenta talentos por ano, e Lâmpsaco para o vinho (era considerada então a melhor região vinícola) e Miunte para a carne. [6] Os seus ossos, dizem os parentes, foram levados para a sua casa e por sua ordem, e foram enterrados na Ática sem que os Atenienses o soubessem. Não era permitido por lei enterrá-lo ali uma vez que tinha sido exilado por traição. Eis como foi o fim de Pausânias, o Lacedemónio, e de Temístocles, o Ateniese, que foram os mais brilhantes Helenos do seu tempo.

CXXXIX. Os Lacedemónios, quando da primeira embaixada, tinham dado directivas, e em resposta tinham recebido também dos Atenienses, ordens sobre as medidas a tomar quanto à expulsão dos malditos. Seguidamente vieram com frequência a Atenas para pedir que abandonassem Potideia e que concedessem independência a Egina, e de todas as condições a que era mais declaradamente proclamada era a de que só se poderia evitar que a guerra se declarasse, caso rescindissem o decreto sobre os Megarenses, pelo qual os proibiam de utilizar os portos que estavam sob o mando dos Atenienses e mesmo o mercado público de Atenas. [2] Mas os Atenienses não deram ouvidos aos seus outros pedidos nem rescindiram o decreto, acusando os Megarenses de se terem apoderado de terra sagrada, que não estava delimitada por marcos, e de receberem escravos fugitivos. [3] Por fim, quando chegaram os últimos embaixadores de Lacedémon, Rânrias, Melesipo e Agesandro, que nada disseram do que anteriormente costumava ser dito, mas outrossim as palavras seguintes: “Os Lacedemónios querem que haja paz, e que haverá paz se for dada independência aos Helenos.” Organizaram então os Atenienses uma assembleia para que os cidadãos lhes transmitissem as suas

próprias opiniões, pois eram de parecer que, de uma vez por todas, deviam tomar uma decisão sobre todas as questões e sobre elas dar uma resposta. [4] E muitos avançaram e falaram, dizendo o que pensavam das duas versões, do que estava em questão, uns dizendo contudo que era necessário fazer a guerra; outros que o decreto não devia ser um impedimento para a paz e que devia ser anulado. Então Péricles, filho de Xantipo, o mais importante ateniense do seu tempo e o mais capaz de discursar e de realizar, avançou e aconselhou o seguinte:

CXL. “Atenienses, sempre fui da mesma opinião, de que não devemos ceder aos Peloponésios, embora saiba que os seres humanos não se deixam dominar pela mesma animosidade, desde que se trate de se entrar em guerra e que chegam pois a vias de facto, conforme os acontecimentos mudam as suas atitudes. Vejo agora que tenho de vos dar o mesmo ou similar conselho e desejo que de entre vós os que estão convencidos o estejam para apoiar as decisões em comum, mesmo que porventura falhemos, ou então que se tivermos sucesso, não venham reclamar a sua parte nele. Na verdade sucede que no decorrer dos acontecimentos se avance, com um saber ainda menor do que quaisquer discernimentos do ser humano. É por esse motivo que costumamos acusar o destino, quando as coisas sucedem ao contrário do que pensámos. [2] “Desde o princípio que era evidente que os Lacedemónios estavam a conspirar contra nós e agora é mais claro do que nunca. Efectivamente enquanto foi estipulado que deviam ser submetidas a julgamento as discordâncias que entre nós tivéssemos, e que este devia ser realizado e obedecido por forma a que cada um tivesse o que tem, nem jamais pediram um julgamento, nem o aceitaram quando nós nos oferecemos para tal. Querem resolver as suas queixas antes pela guerra do que pela discussão, e aqui estão eles já a ditar e não a propor. [3] Ordenam-

-nos que levantemos o cerco a Potideia, que demos independência a Egina e que anulemos o decreto dos Megarenses. Estes homens, que em último lugar vieram, proclamam também que devemos dar a independência aos Helenos. [4] Que nenhum de vós acredite que vamos para a guerra devido a um assunto sem importância, caso não rescindamos o decreto dos Megarenses, no qual insistem especialmente, dizendo que se o anularmos não haverá guerra, nem deixeis ficar nos vossos espíritos o complexo de culpa de que ides para a guerra devido a uma ninharia. [5] Esta ninharia pressupõe com efeito nada menos do que o fundamento e a justificação da nossa atitude política. Se lhes cederdes, logo a seguir recebereis a ordem de ceder noutro ponto mais importante, porque neste já haveis cedido por medo. Tendo recusado, demonstrais-lhes abertamente que se devem dispor a discutir convosco em pé de igualdade.

CXLI. “Por esse motivo pensai bem se deveis, ou acatar ordens antes de sofrer algum revés, ou se decidirmos ir para a guerra, como pessoalmente me parece melhor, não ceder seja a que pretextos for, importantes ou mesquinhos, nem mesmo para continuar a ter por medo o que possuímos. Pode ser uma autêntica escravatura a que está no âmbito de uma exigência grande ou pequena imposta por iguais aos seus vizinhos e não por intervenção da justiça. [2] Quanto à guerra e aos recursos de que dispõem ambos os lados, sabeis que estamos numa situação não menos forte que a deles, conforme me ouvis dizer acerca de cada aspecto. [3] De facto os Peloponésios dispõem de trabalho braçal, mas disponibilidades financeiras não as têm, nem no sector privado nem no público. [4] Além disso não têm experiência de guerras nem de longa duração, nem ultramarinas, por só poderem atacar-se uns aos outros devido à sua pobreza. Povos desta qualidade não podem engajar tripulações para os navios, ou mandar com frequência expedições por terra

porque estariam ausentes das suas propriedades e ao mesmo tempo iam gastar dos seus bens privados e além do mais impossibilitados de ter acesso ao mar. [5] São as riquezas acumuladas, mais do que impostos cobrados à força, que sustentam as guerras. Os homens que trabalham com as próprias mãos são mais capazes de arriscar as vidas na guerra, do que as riquezas, porque têm a confiança de poderem sobreviver aos perigos, mas não têm a segurança de não esgotarem os fundos financeiros, se, como é previsível, mesmo contra as expectativas, a guerra que fazem se prolongar. [6] Se for numa só batalha, os Peloponésios e seus aliados são capazes de defrontar-se com todos os Helenos, mas não têm poder para fazer guerra contra quem tenha uma organização militar concebida em moldes tão diferentes dos deles, visto que nem dispõem de uma assembleia popular, onde podem rapidamente tomar medidas a tempo, visto que têm todos igual direito a voto e, como não são todos da mesma raça, cada um se esforça pelos próprios interesses. De tais circunstâncias costuma não se obter qualquer resultado. [7] Com efeito alguns há que querem vingar-se de alguém em especial o mais possível, mas outros há que têm posses e querem ser afectados o menos possível. Como levam muito tempo para reunir-se, é escasso o tempo de que dispõem para analisarem em comum o que lhes interessa, mas levam a cabo o que privadamente lhes diz respeito. Cada um nem sequer pensa poder vir a ser prejudicado pelo seu descuido, pois compete a cada um dos outros providenciar pelo que lhe pertence, e de tal forma que tendo todos a mesma noção das coisas, lhes escapa tratar-se de destruição que a todos vai afectar.

CXLII. “Mas o mais importante é que vão ser impedidos pela escassez dos meios financeiros, e procurando-os com lentidão podem atrasar-se, e as ocasiões favoráveis para a guerra não esperam. [2] Nem tão-pouco a implantação de

fortificações no nosso território, nem o seu poder naval são dignos de nos meter medo. [3] De facto já é difícil em tempo de paz construir uma cidade que seja nossa rival, quanto mais numa região em tempo de guerra, quando temos fortificações que se podem bater com as deles. [4] Suponhamos, contudo, que vão construir um forte e que vão devastar parte das nossas terras com incursões ou com a fuga dos nossos desertores, mas mesmo dessa forma não serão capazes de impedir que construamos fortificações nas terras que ocupamos e que naveguemos contra eles e, por onde quer que pudermos, façamos contra-ataques com os nossos navios. [5] Tiramos igualmente melhores resultados para a luta terrestre da nossa experiência no mar, do que eles tiram para a guerra marítima da sua experiência terrestre. [6] E não será fácil para eles serem sabedores das artes náuticas, [7] enquanto vós as começastes a praticar imediatamente depois das guerras médicas, e nem mesmo agora as dominais ainda completamente. Como é que agricultores e não marinheiros poderão fazer qualquer coisa digna de menção, quando nós não os deixamos praticar, visto que sempre nos opomos com os nossos muitos navios? [8] Se fossem poucos os que se lhes opusessem, talvez se atrevessem a correr o risco, encorajados pela própria ignorância quanto ao número real; mas se forem impedidos por muitos ficarão inactivos e por falta de prática tornar-se-ão cada vez mais incapazes e mais enfraquecidos. [9] O poder naval é uma questão de técnica, como qualquer outro, mas não pode ser deixado para quando há tempo; pelo contrário, há que praticá-lo sem que nenhuma outra actividade possa ser feita ao mesmo tempo do que ele.

CXLIII. “Se se precipitassem, contudo, para os tesouros de Olímpia ou para Delfos e tentassem com um melhor salário aliciar os mercenários nossos marinheiros, isso poderia ser perigoso, se nós não tivéssemos igual preparação, e

nós próprios assim como os nossos metecos não tripulássemos os nossos navios. Neste aspecto estamos à altura deles, e até em melhor posição, pois temos cidadãos que sabem pilotar e as tripulações são mais numerosas e as melhores de toda a Hélade. [2] Nenhum dos nossos mercenários, em face do risco, aceitaria ser exilado da sua terra, ao mesmo tempo que teria menor esperança de vitória devido apenas à oferta de um salário grande mas por poucos dias. [3] Assim é como pessoalmente julgo ser a situação dos Peloponésios, ou então comparada com a nossa, julgo estarmos livres dos defeitos que a seu respeito critiquei, e que temos grandes vantagens que eles não podem igualar. [4] Se avançarem com a infantaria sobre o nosso território, nós navegaremos contra a sua terra, agora é necessário, o mais próximo possível dessa ideia, imaginarmos ter de deixar a nossa terra, as nossas casas, mas manter a guarda do mar e da cidade, e não ir lutar contra os Peloponésios e o ser destruída uma parte do Peloponeso, nunca será igual a ser destruída toda a Ática. Eles não terão outros espaços para substituir o deles sem luta, ao passo que nós temos muita terra tanto nas ilhas como no continente. [5] O que importa é o domínio do mar. E olhai! Se fôssemos ilhéus, quais seriam os menos atacáveis? Agora o que é necessário é, pensando o mais possível como eles, deixar a nossa terra e as nossas casas e manter a guarda do mar e da cidade, e não ir lutar contra os Peloponésios, muito mais numerosos, só porque estamos furiosos devido ao que perdemos. Levando a melhor teremos de novo de combatê-los com o mesmo número de gente, mas se falharmos, os nossos aliados, origem da nossa força, estarão perdidos para nós. Não ficarão quietos se nós não formos mais capazes de os atacar. Mas não devemos lamentar-nos pela perda de casas e de terra mas sim de vidas, pois não são as casas e a terra que adquirem os homens, são os homens que as adquirem a elas. Se porventura pensasse que podia convencer-vos, dir-vos-ia para avançar, e devastá-

-las vós mesmos, mostrando assim aos Peloponésios que não é por estas coisas que vos ides submeter a eles.

CXLIV. “Tenho muitos outros argumentos que me dão esperança de sermos superiores, se a vossa vontade for de não alargar o vosso império, ao mesmo tempo que combateis uma guerra, nem acrescentar por vossa própria escolha os perigos que correis. Tenho de facto mais medo dos nossos próprios erros do que dos planos dos nossos adversários. [2] Mas quanto a isto, se falará noutro discurso, quando estivermos a lutar. Por agora mandemo-los embora com a seguinte resposta: que deixaremos os Megarenses utilizar o nosso mercado e os nossos portos, se também os Lacedemónios deixarem de fazer leis que permitem a expulsão de estrangeiros, tanto no que nos diz respeito, como no que toca os nossos aliados, pois nada no tratado proíbe um ou outro; que daremos a independência às cidades, se já eram independentes, quando fizemos o tratado, e todas as vezes que por sua vez eles derem a essas cidades o direito de exercer a independência, não no interesse dos Lacedemónios, mas como o desejarem para elas mesmas. Quanto à arbitragem, estamos dispostos a submeterno-nos dentro dos termos do tratado, e não seremos nós a iniciar a guerra, mas defender-nos-emos contra quem a começar. Responder assim é justo e ao mesmo tempo é digno da nossa cidade. [3] Mas é preciso saber que vamos ter guerra, e quanto mais o aceitarmos de boa vontade, tanto menos os nossos inimigos estarão ansiosos por nos atacar, pois é dos grandes perigos que se geram as maiores honras para a cidade e para os indivíduos. [4] Os nossos antepassados, de qualquer forma, fizeram frente aos Medos e não tinham os mesmos recursos, e tendo deixado mesmo o que possuíam, mais pela sua resolução do que por sorte, mais por coragem do que por poder, derrotaram o Bárbaro e fizeram progredir a nossa fortuna para a actual situação. É preciso que não

esqueçamos o seu exemplo, mas que nos defendamos de todas as maneiras dos nossos inimigos e tentemos legar aos nossos sucessores um império não diminuído.”

CXLV. Foram estas as palavras de Péricles: e os Atenienses acreditando que ele os aconselhava no melhor sentido, votaram na forma como lhes propusera, e aos Lacedemónios responderam segundo a opinião dele, em cada um dos pontos que explicara e no todo, e que nada fariam do que eles lhes ordenassem mas que estavam dispostos, de acordo com os princípios do tratado, a sujeitar-se à arbitragem no que dizia respeito às queixas, dentro de um espírito de equidade e de igualdade. E os Lacedemónios regressaram a casa e depois não houve mais embaixadas.

CXLVI. São estas as acusações e as discordâncias que se levantaram dos dois lados antes da guerra, e que começaram logo a seguir aos acontecimentos em Epidamno e Corcira. No meio dessas recriminações continuaram a encontrar-se e a visitar-se uns aos outros sem arautos, mas não sem suspeitas. E na verdade o que estava a acontecer era a anulação do tratado e um pretexto para a guerra.

LIVRO II

I. Começa agora a minha narrativa da guerra entre Atenienses e Peloponésios e os seus respectivos aliados que, não só nunca mais mantiveram negociações entre si sem ser por intermédio de emissários, mas também, assim que decidiram abrir hostilidades, nunca mais cessaram de combater. Todos os acontecimentos são registados na ordem em que sucederam, seguindo as estações de Verão e Inverno.

Tebanos querem Plateias: a confrontação generaliza-se

II. O tratado de paz de trinta anos celebrado depois da tomada da Eubeia durou catorze anos; no décimo quinto ano quando Crísis era sacerdotisa em Argos há quarenta e oito anos, Enéias, éforo em Esparta, Pitodoro tinha ainda de servir quatro meses mais como arconte em Atenas, e seis meses depois da batalha de Potídeia, no começo da Primavera, alguns Tebanos, cerca de trezentos, sob o comando dos beotarcas em funções, Pitângelo, filho de Filéides e Diêm-poro, filho de Onetóridas, entraram armados durante o primeiro quarto da noite em Plateias, cidade da Beócia, mas aliada de Atenas. [2] Trouxeram-nos como aliados e abriram-lhes as portas da cidade cidadãos de Plateias, nomeadamente Naclidés e os seus camaradas que, com o fito de obterem poder pessoal, desejavam matar os cidadãos que lhes eram hostis e entregar a cidade aos Tebanos. [3] Tudo

isto fizeram com a cumplicidade de Eurímaco, filho de Leontíades, homem de grande influência em Tebas. Na verdade, os Tebanos, calculando que a guerra ia ser uma realidade, queriam ocupar Plateias, que sempre se lhes tinha oposto, enquanto ainda se estava em paz, e a guerra não tinha sido oficialmente declarada. Portanto, mais facilmente entraram sem serem notados pois não havia ainda guardas a tomar conta da cidade. [4] Tomaram posições na praça pública mas em vez de executarem os planos dos que os tinham trazido para a cidade como aliados, isto é, cumprir de imediato a missão combinada e entrar nas casas dos inimigos, decidiram fazer uma proclamação conciliadora e consequentemente levar a cidade a uma relação de convivência e amizade. O arauto anunciou que se alguém quisesse tornar-se aliado, segundo as ancestrais tradições beócias, devia trazer as suas armas e juntar-se-lhes. Pensavam os invasores que a cidade desta maneira mais facilmente se lhes entregaria.

III. Quando os cidadãos de Plateias se aperceberam de que os Tebanos estavam dentro da cidade e esta tinha sido tomada de repente, aterrorizados e pensando, porque era de noite e não podiam ver, que os ocupantes eram em maior número, decidiram-se pelo acordo e tendo aceitado a proposta, quedaram-se não-agressivos, especialmente porque os Tebanos não estavam a cometer violências contra ninguém. [2] Mas quando estavam a negociar os termos do acordo, os Plateenses aperceberam-se que os Tebanos não eram muitos e pensaram que, se os atacassem, facilmente os dominariam; na verdade, a maioria dos Plateenses não queria sair da liga com os Atenenses. [3] Portanto, decidiram que deviam tentar imediatamente o contra-ataque e assim juntaram-se, passando de umas casas para as outras por dentro, depois de terem aberto buracos nas paredes que as separavam, para não serem vistos a andar nas ruas; e para servirem de barricadas

trouxeram para as ruas carros sem as bestas de tiro e prepararam outras coisas segundo aquilo que parecia a cada um ser apropriado para a situação presente. [4] Quando os preparativos estavam tão prontos quanto possível, esperaram pelo momento da noite mesmo antes da alvorada e saíram das suas casas numa sortida contra os Tebanos que não queriam atacar quando, com a luz do dia, se tornassem mais afoitos e ficassem no mesmo pé de igualdade com eles, mas sim de noite quando os Tebanos estavam mais receosos por não estarem familiarizados com a cidade. Assim, lançaram-se imediatamente contra eles e rapidamente estavam a lutar corpo a corpo.

IV. Quando os Tebanos se deram conta de que tinham sido completamente enganados, cerraram fileiras e repeliaram os ataques onde quer que eles sucedessem. [2] Duas ou três vezes prevaleceram, mas quando os Plateenses com grande clamor se lançaram sobre eles, enquanto simultaneamente as mulheres e os escravos das casas, soltando gritos e berraria lhes atiravam pedras e telhas, também durante a noite tinha caído muita chuva, ficaram aterrorizados e voltando as costas fugiram pela cidade. Porém, como a maioria deles na escuridão e lama desconhecia os caminhos a tomar para se salvar, estes acontecimentos deram-se no fim do mês quando não havia lua, e por outro lado os perseguidores sabiam bem como evitar que eles fugissem, muitos pereceram. [3] Um dos Plateenses usando na fechadura a ponta duma lança em vez de ferrolho, fechou as portas por onde os Tebanos tinham entrado, as únicas que tinham estado abertas, assim eliminando também esta saída. [4] Perseguidos pelas ruas da cidade, alguns deles tendo trepado à muralha atiraram-se para baixo e deste modo a maioria morreu. Outros, não muitos porque em breve foram descobertos, saíram por porta não guardada de que partiram a tranca com um machado que uma mulher lhes tinha dado.

Outros ainda, dispersos por toda a cidade, foram barbaramente trucidados. [5] Mas o maior número deles que sempre se tinha conservado em grupo entrou precipitadamente num prédio grande que pegava com a muralha e por acaso tinha as portas abertas, porque pensavam que estas eram as portas da cidade e portanto passagem directa para o exterior. [6] Quando os de Plateias os viram encurralados deliberaram se os deviam queimar ali mesmo, pegando fogo ao prédio, ou se deviam dar-lhes uso diferente. [7] Finalmente, estes e outros Tebanos que sobreviveram e vagueavam pela cidade fizeram um acordo com os Plateenses, segundo o qual eles se entregavam com as suas armas e os Plateenses disporiam deles como quisessem.

V. Enquanto isto sucedeu aos Tebanos em Plateias, os outros Tebanos que deviam ainda durante a noite chegar com todo o exército para o caso de as coisas não terem corrido bem aos que tinham entrado na cidade, receberam no caminho a notícia do que acontecera e foram em socorro deles. [2] Mas Plateias dista de Tebas setenta estádios e a chuva que tinha caído de noite demorou a chegada deles. Na verdade, o rio Asopo corria bem cheio e não era fácil de atravessar. [3] E assim, marchando na chuva e atravessando o rio com dificuldade, chegaram tarde demais, quando alguns dos homens tinham sido mortos e os sobreviventes feitos prisioneiros. [4] Logo que os Tebanos compreenderam o que tinha sucedido, começaram a engendrar planos contra os Plateenses que estavam fora das muralhas da cidade; havia obviamente gente pelos campos e propriedades privadas, uma vez que o inesperado ataque ocorrera em tempo de paz. Assim, eles pensavam que se apanhassem alguma dessa gente poderiam negociar a troca de quem apanhassem pelos companheiros que porventura estivessem prisioneiros. [5] Mas os Plateenses, ainda estavam os Tebanos a deliberar, suspeitaram do que iria passar-se e receando

pelo futuro dos que estavam fora das muralhas, mandaram aos Tebanos um arauto dizendo que eles tinham cometido um acto criminoso ao tentar tomar a cidade durante o armistício, e deram-lhes ordens para não destruir nada fora das muralhas. Caso contrário, eles próprios Plateenses declaravam que matariam os Tebanos que haviam feito prisioneiros; mas se eles retirassem, os prisioneiros ser-lhes-iam restituídos. [6] Os Tebanos dizem que estas foram as condições postas na mensagem e que os Plateenses as garantiram por juramento, mas estes não concordam que prometeram devolver os prisioneiros imediatamente, mas sim que aquelas eram negociações antes de se chegar a um acordo e que também não tinham feito qualquer juramento. [7] De qualquer modo, os Tebanos retiraram sem causar quaisquer danos. E assim que os Plateenses trouxeram para dentro da segurança das muralhas tudo o que estava no campo, imediatamente mataram os prisioneiros, que eram cento e oitenta, entre os quais Eurímaco, com o qual os traidores tinham negociado.

VI. Quando acabaram de fazer isto, enviaram um mensageiro para Atenas, entregaram aos Tebanos os mortos, ao abrigo de tréguas, e arranjaram tudo na cidade como lhes pareceu melhor para as presentes circunstâncias. [2] Quando a notícia do que acontecera em Plateias chegou aos Atenienses, estes sem demora prenderam os Beócios que estavam na Ática e enviaram um emissário para Plateias com ordens para que não fizessem mais nada aos Tebanos que tinham prisioneiros antes que eles próprios deliberassem sobre o assunto. [3] Na verdade, ainda não tinham recebido a notícia de que os prisioneiros tinham sido mortos, porque o primeiro mensageiro tinha saído quando os Tebanos entraram na cidade e o segundo justamente quando tinham sido dominados e feitos prisioneiros, e assim os Atenienses não sabiam nada do que tinha acontecido depois. Portanto,

sem conhecerem os factos mandaram as suas ordens e o arauto, quando chegou, encontrou os homens mortos. [4] Depois disto, os Atenienses marcharam para Plateias, levaram mantimentos, deixaram uma guarnição e trouxeram consigo os homens incapacitados de fazer guerra juntamente com as mulheres e as crianças.

Atenas e Esparta preparam-se para a guerra

VII. Depois destes acontecimentos em Plateias, violação flagrante do tratado, os Atenienses prepararam-se para a guerra e os Lacedemónios e os seus aliados fizeram o mesmo, tencionando ambos mandar embaixadas ao Grande Rei e a outros povos bárbaros na esperança de receberem possível ajuda e também de tornarem aliadas cidades que estavam fora da sua esfera de influência. [2] Ordens foram dadas pelos Lacedemónios àqueles da Itália e da Sicília, que tinham alinhado com eles, para construírem navios de acordo com a grandeza das suas cidades para juntar aos que já tinham, de modo a fazer um total de quinhentos navios; e também para prepararem uma determinada quantia em dinheiro. Quanto ao resto, que estivessem tranquilos e que recebessem os Atenienses apenas se eles viessem com um só navio até que os preparativos tivessem sido efectivados. [3] Por sua vez, os Atenienses reviram atentamente a lista dos aliados já assegurados e enviaram delegados mais para a região na área do Peloponeso como Corcira, Cefalénia, Acarnânia e Zacinto, calculando que se a amizade destes fosse sólida, poderiam subjugar o Peloponeso cercando-o por todos os lados.

VIII. Nenhuma das partes fez planos em pequena escala mas, pelo contrário, mostraram grande entusiasmo pela guerra, o que não era um absurdo, já que de um modo geral

as pessoas se entregam a uma causa com mais fervor princípio e naquele tempo havia no Peloponeso muitos homens novos e muitos também em Atenas que não tinham experiência de guerra e que portanto se implicariam nela sem ser contra vontade. Entretanto, o resto da Grécia estava em suspenso, porque as duas cidades mais importantes se iam defrontar uma com a outra. [2] Muitas eram as profecias que corriam e muitos os que as interpretavam, quer entre aqueles que se preparavam para a guerra, quer entre as restantes cidades. [3] Para além de tudo isto, pouco antes dos acontecimentos em Plateias, Delos tinha sido sacudida por um tremor de terra que os Helenos jamais se lembravam de ter sentido na região. Isto era o que se dizia e parecia o prenúncio do que estava para suceder. E na verdade, todas as ocorrências deste género eram cuidadosamente examinadas. [4] Havia contudo um optimismo generalizado entre as gentes a favor dos Lacedemónios, especialmente porque eles tinham proclamado que iam libertar a Hélade. Cada cidadão privado, cada cidade, na medida das suas possibilidades tinha grande desejo de os ajudar, quer pela palavra quer pela acção. E assim, a cada um parecia que se pessoalmente não participasse, os interesses públicos seriam prejudicados. [5] A maioria detestava os Atenienses de tal maneira que uns queriam libertar-se do seu domínio, outros receavam ser dominados por eles.

IX. Foi com estes preparativos e em tal estado de espírito que entraram no conflito. [2] Cada uma das cidades foi para a guerra com os seguintes aliados. Do lado dos Lacedemónios, todos a sul do Istmo, com excepção dos Argivos e Aqueus (estes eram simpatizantes dos dois lados; e os Pelénios foram os únicos dos Aqueus que primeiro combateram do lado dos Lacedemónios até que depois todos o fizeram); fora do Peloponeso Mégara, Beócia, Lócrida, Fócida, Ambrácia, Leucádia, Anactória. [3] Forneceram navios Corinto,

Sicíone, Pelénia, Héliida, Ambrácia, Leucádia; a Beócia, a Fócida e a Lócrida contribuíram para a cavalaria e outras cidades para a infantaria. [4] Estes eram portanto os aliados dos Lacedemónios. Os dos Atenenses eram Quios, Lesbos, Plateias, os Messénios em Naupacto, a maioria dos Acarnanos, Corcira, Zacinto e também outras cidades tributárias nas seguintes regiões: Cária, junto ao mar, os Dórios vizinhos dos Cários, a Jónia, o Helesponto, zonas na costa da Trácia, e também, à excepção de Melos e Tera, ilhas entre o Peloponeso e Creta para o lado do sol nascente. [5] Destas, as ilhas de Quios, Lesbos e Corcira forneceram navios, as outras, homens e dinheiro. [6] São estes os aliados de ambos os lados e os preparativos para a guerra.

Primeira invasão da Ática

X. Imediatamente depois do incidente de Plateias, os Lacedemónios mandaram ordens para o Peloponeso e para a confederação de aliados fora do Peloponeso para prepararem uma expedição militar e fazerem arranjos logísticos que fossem adequados a uma campanha militar no exterior, pois tencionavam invadir a Ática. [2] Quando estava tudo preparado em todas as cidades, dois terços do contingente de cada cidade reuniram-se no momento aprazado no Istmo. [3] E assim que todas as forças militares se juntaram, Arquidamo, rei dos Lacedemónios, que era o comandante de toda a expedição, convocou os estrategos e também os homens mais importantes de todas as cidades e exortou-os assim:

XI. “Peloponésios e aliados, os nossos pais tomaram parte em muitas campanhas quer no Peloponeso, quer fora do Peloponeso e entre nós os mais velhos sabemos bem o que é a guerra. Todavia, muito embora nunca tivéssemos ido para a luta com forças mais bem preparadas do que as



nossas agora, uma vez que somos em maior número e muito bons guerreiros, a verdade é que vamos enfrentar um estado muito poderoso. [2] De qualquer modo é justo esperar que não nos mostremos inferiores aos nossos pais nem para alguém da nossa fama. Além disso, toda a Hélade está em alvoroço com o começo das hostilidades, em disposição de espírito que nos é favorável e, por causa do ódio que sente pelos Atenenses, vê com simpatia os nossos planos. [3] Portanto, mesmo se a alguns de nós parecer que vamos atacar com um número grande de soldados e consequentemente temos quase por certo que o inimigo não nos vai assaltar primeiro, não devemos, por causa disto, proceder com menos cuidado nos nossos preparativos. Pelo contrário, cada comandante e cada soldado de cada cidade deve, pelo seu lado, esperar encontrar algum risco. [4] A verdade é que o que acontece na guerra é imprevisível, pois os ataques, a maioria, surgem de repente e com grande fúria. E muitas vezes, uma força mais pequena temperada pelo medo é capaz de sair vitoriosa contra uma força que, porque é mais numerosa, despreza o inimigo. [5] Assim, quando em campanha em território inimigo, é necessário não só combater com coragem mas também para cada acção fazer cuidadosos preparativos, como se ditados pelo medo. Deste modo, pode-se ser o guerreiro mais destemido no ataque ao inimigo e também o mais seguro a enfrentar o seu ataque. [6] Nós não vamos atacar agora uma cidade impotente para se defender, como se diz, mas sim uma cidade muito bem preparada em todos os aspectos; de tal forma que devemos esperar que nos ataquem e mesmo que não se tiverem precipitado para o local onde nós ainda não estamos, vão fazê-lo assim que nos virem a pilhar o seu território e a destruir os seus bens. [7] Todo o homem que é vítima de violência inesperada e a testemunha com os seus próprios olhos no momento em que esta está a acontecer, não pensa com a cabeça, age com coragem. [8] É portanto razoável pensar

que, mais do que quaisquer outros, os Atenienses actuem desta maneira, eles que pretendem dominar todos os povos, e estão no hábito de invadir e pilhar os territórios vizinhos mas não de ver o seu próprio território destruído. [9] E portanto, uma vez que vamos atacar um povo tão poderoso e alcançar com os resultados, para os dois lados, a maior glória quer para os nossos antepassados quer para nós próprios, sigamos quem nos comanda dando toda a importância à disciplina e à vigilância e obedecendo rigorosamente a ordens. É muito nobre e sinal de grande firmeza aparecermos como sujeitos a disciplina única, muito embora sejamos uma força muito numerosa.”

XII. Assim que proferiu estas palavras e despediu a assembleia, Arquidamo primeiro enviou a Atenas o espartano Melesipo, filho de Diacrito na esperança de que os Atenienses, ao verem que os Lacedemónios já estavam a caminho, optassem por render-se. [2] Mas eles não o deixaram entrar na cidade, nem na assembleia; na realidade, uma moção de Péricles tinha já determinado que não iam receber arauto nem embaixada depois de os Lacedemónios iniciarem a invasão. Portanto, despediram-no antes de o ouvir e mandaram-no sair do território ateniense naquele mesmo dia. E mais: que se quisessem mandar embaixadores, os Lacedemónios primeiro tinham de retirar-se do território deles. E para que Melesipo não comunicasse com ninguém, mandaram com ele uma escolta. [3] Quando ele chegou à fronteira e estava quase a deixar a escolta, proferiu as seguintes palavras: “Este dia marca para os Helenos o princípio de grandes desgraças.” [4] Assim que Melesipo entrou no acampamento e Arquidamo percebeu que os Atenienses não iam fazer concessões, então imediatamente levantaram arraial e avançaram para o território ateniense. [5] Entretanto, os Beócios não só forneceram o seu contingente e cavaleiros para servir com os Peloponésios na Ática mas

também se dirigiram a Plateias com os restantes guerreiros e arrasaram o território.

XIII. Enquanto as forças dos Peloponésios se concentravam no Istmo e iam a caminho mas não tinham ainda entrado na Ática, Péricles, filho de Xantipo, que era um dos dez estrategos, ao perceber que a invasão ia ser uma realidade, receou que Arquidamo, que por acaso ele tinha recebido na sua casa como hóspede, poupasse as suas propriedades e as não destruísse ou como favor pessoal, porque queria ser-lhe agradável, ou porque os Lacedemónios assim lho tinham ordenado para o caluniar, como já tinham feito quando tinham exigido que os Atenienses expulsassem a família maldita, anunciou aos Atenienses reunidos na assembleia que Arquidamo tinha sido seu hóspede, mas que esta relação não era para prejudicar a cidade; e se os inimigos não destruíssem nem os seus campos, nem as suas casas como faziam à propriedade doutros, ele declarava-os propriedade pública e assim nenhuma suspeita surgiria contra ele por causa destas circunstâncias. [2] E acerca da situação presente deu-lhes o mesmo conselho que tinha dado antes: que se preparassem para a guerra e que trouxessem as suas coisas dos campos e não saíssem para atacar o inimigo, mas assim que entrassem na cidade, que a protegessem; e que preparassem os navios, que eram a força principal, e conservassem os aliados bem controlados dizendo que o poder dos Atenienses dependia das riquezas daqueles e que a maioria das vezes o sucesso na guerra dependia de bom senso e abundância de recursos económicos. [3] Disse-lhes também que estivessem confiantes porque mais ou menos seiscentos talentos de tributo dos aliados entravam na cidade por ano, sem contar com outros rendimentos; além disso, havia na acrópole seis mil talentos em prata cunhada; a quantia máxima tinha sido nove mil e setecentos, mas destes tinham-se gasto três mil e setecentos para construir os Propileus da

Acrópole e outros edificios e também para Potideia. [4] Além disto, havia ouro e prata não em moeda, de ofertas privadas e públicas e os adornos sagrados usados em procissões e jogos e também os despojos dos Medos e outras coisas da mesma espécie, avaliados em não menos do que quinhentos talentos. [5] E acrescentou ainda as riquezas não insignificantes doutros santuários que eles poderiam usar; e, quando em circunstâncias desesperadas, poderiam usar até as placas de ouro que cobriam a deusa. E mostrou-lhes que a estátua tinha quarenta talentos de peso em ouro de lei que podia ser todo extraído. Podiam usar este tesouro para sua protecção, disse ele, mas tinham de pôr de volta não menos do que tinham tirado. [6] Desta maneira encorajava-os ao falar-lhes dos recursos económicos que tinham. Disse-lhes também que havia treze mil hoplitas, sem contar com os dezasseis mil homens nos torretes e nas muralhas. [7] Na verdade, foram estes que no princípio guardaram a cidade, quando os inimigos iniciaram a invasão; era um grupo formado principalmente por homens mais velhos e mais novos e também por metecos que eram hoplitas. A muralha Falérica estendia-se por trinta e cinco estádios até à muralha em círculo à volta da cidade, e desta, a parte protegida por guardas media quarenta e três estádios; havia desta uma parte não guardada entre a Grande Muralha e a Falérica; e as longas muralhas até ao Pireu mediam de comprimento quarenta estádios dos quais só o exterior estava guardado; e as do Pireu, incluindo Muníquia mediam sessenta estádios dos quais estavam metade guardados. [8] Péricles indicou também que havia mil e duzentos cavaleiros incluindo archeiros montados e trezentas trirremes prontas para navegar. [9] Portanto estas, e não menos do que estas, eram as forças de que os Atenienses dispunham quando a primeira invasão pelos Peloponésios estava para acontecer e os impeliu para a guerra. Péricles, como era seu hábito, dizia-lhes estas coisas para mostrar que eles iriam ser vencedores na guerra.

XIV. Assim que os Atenienses ouviram estas palavras e se deixaram persuadir por elas, trouxeram dos campos os filhos e as mulheres e também mobília, arrancando mesmo as guarnições de madeira das suas casas. Ovelhas e animais de tracção mandaram para Eubeia e ilhas próximas. [2] A mudança foi particularmente difícil para eles pois muitos estavam habituados a viver sempre no campo.

XV. E desde tempos muito antigos esta forma de viver era própria dos Atenienses mais do que de qualquer outro povo. De facto, desde o tempo de Cécrops e dos primeiros reis até Teseu, a Ática estava ordenada em cidades independentes com as suas próprias assembleias e arcontes e, uma vez que não tinham nada a recear, não se juntavam para deliberar na presença do rei, mas cada um administrava os seus assuntos e tomava decisões por si próprio. Alguns deles combateram mesmo em guerras contra o rei, como os Eleusinos com Eumolpo e contra Erecteu. [2] Mas quando Teseu se tornou rei, sendo inteligente e poderoso em tudo, reorganizou o país dissolvendo as assembleias das outras cidades e os seus tribunais e estabelecendo uma única assembleia e tribunal na cidade que agora existe. Assim, formou uma só comunidade e ainda que cada um continuasse a ter as suas coisas, forçou-os a usar como sua esta cidade que, porque todos pagavam um tributo para ela, se tornou uma grande cidade e assim foi legada por Teseu à posteridade. Desde aquele tempo até agora os Atenienses celebram em honra da deusa um festival religioso e público das Sinécias. [3] Antes disto, a cidade era o que é agora a Acrópole e a zona por baixo desta voltada para o sul. [4] Isto é comprovado pelo seguinte: na Acrópole erguem-se os templos de outros deuses e da deusa Atena e fora da Acrópole, mas mais nesta área da cidade, foram dedicados também outros templos como o de Zeus Olímpio, o de Apolo Pítio, o da deusa Geia, o de Diónisos Limneu em honra do qual se

celebravam as mais antigas Dionísias no dia doze do Antestério, costume que os Jónios descendentes dos Atenenses adoptaram. Outros antigos santuários foram também erigidos na mesma área da cidade. [5] Também a fonte que os tiranos modificaram e desta maneira é agora chamada Eneacruno, era outrora chamada Calíroe, quando a nascente estava à vista; essa fonte, os antigos Atenenses usavam-na muito, porque estava próxima e hoje ainda o uso daquela água é reconhecido nos ritos antigos dos casamentos. Porque a Acrópole foi habitada desde velhos tempos pelos Atenenses, e estes ainda hoje lhe chamam 'pólis'.

XVI. Os Atenenses há muito viviam independentes na região e mesmo depois de se agregarem numa só cidade, por força de hábito, a maioria deles e dos seus descendentes, até esta guerra, continuava a residir com as suas famílias nos campos e não aceitou a mudança com facilidade porque tinham justamente acabado de recuperar as suas casas depois das guerras médicas. [2] Preocupavam-se com o facto de terem de deixar as casas e os templos que através dos tempos continuavam a pertencer-lhes e as instituições dos antepassados que, desde o princípio, lhes davam direitos de cidadania, e também com a necessidade de mudar de regime de vida e basicamente cada um abandonar a sua cidade natal.

XVII. Quando chegaram ao alto fortificado da cidade, alguns tinham casa própria, ou encontraram refúgio junto de amigos ou familiares, mas a maioria foi residir para locais vagos da cidade e para os templos e todos os altares dos heróis, excepto os que ficavam na Acrópole e no Eleusínio, ou para lugares cujo acesso era habitualmente limitado. Também o chamado Pelárgico por baixo da Acrópole, muito embora existisse uma praga que proibia que fosse usado para residência, e o final de um verso de um oráculo Pítio confirmasse esta proibição assim, "O Pelárgico não ocupado é

melhor”, a verdade é que sob a pressão da necessidade imediata, passou a ser lugar de residência para muita gente. [2] Quanto a mim, parece-me que o oráculo se cumpriu, mas ao contrário do que se esperava. Não foi porque era ilegal ocupar o Pelárgico para viver que as calamidades caíram sobre a cidade, mas sim porque a guerra trouxe a necessidade de se viver ali e o oráculo, sem mencionar a guerra, tinha vaticinado que aquele lugar jamais seria habitado para quaisquer boas finalidades. [3] Muitos estabeleceram-se nas torres das muralhas ou por onde cada um podia. Na realidade, a cidade não tinha lugar para eles todos juntos e depois, divididos em grupos, até ocuparam o espaço entre as Longas Muralhas e grande parte do Pireu. [4] Enquanto isto acontecia, os Atenenses preparavam-se para a guerra reunindo os aliados e equipando uma armada de cem navios para a expedição contra o Peloponeso. E assim estavam os Atenenses nesta fase de preparativos para a invasão.

XVIII. Entretanto, o exército dos Peloponésios, tendo avançado, chegou à Ática em Énoe, o primeiro lugar por onde tencionavam começar a invasão. E enquanto tomavam posições, prepararam o ataque à muralha com engenhos de guerra e outros meios, [2] pois Énoe, que ficava na fronteira entre a Ática e a Beócia, era uma cidade fortificada e os Atenenses usavam-na como fortaleza sempre que havia guerra. Portanto, enquanto preparavam o ataque, os Lacedemónios perderam tempo. [3] A partir daqui, Arquidamo foi alvo de não insignificantes censuras, pois parecia ter sido indolente nos preparativos da guerra, conciliador para com os Atenenses, e não tinha instigado as tropas a combater com valentia. Depois que as tropas se juntaram no Istmo, criticaram-lhe a demora ali e em seguida, a jornada lenta mas, mais do que tudo, a paragem em Énoe porque, entretanto, os Atenenses levaram os seus bens para dentro da cidade e por isso os Peloponésios pensaram que se não fossem as

delongas de Arquidamo, podiam ter atacado de imprevisto e apanhado tudo que estava ainda fora dela. [5] Em tal disposição contra Arquidamo estava o exército enquanto esperava. Mas Arquidamo, dizia-se, não atacava na esperança de que os Atenienses se rendessem, enquanto o território deles estava intacto, e evitassem qualquer acção que levasse à sua destruição.

XIX. Contudo, depois de atacarem Énoe e tentarem tomá-la de todas as maneiras sem sucesso, e de os Atenienses não mandarem arautos, finalmente levantaram arraiais, mais ou menos oitenta dias depois dos acontecimentos em Plateias; era Verão e o trigo estava pronto para a ceifa, quando eles invadiram a Ática. Comandava as forças Arquidamo, filho de Zeuxidamo, rei dos Lacedemónios. [2] Depois de estabelecerem uma base, destruíram primeiro Elêusis e as planícies de Triásia e repeliram um contingente de cavalaria ateniense perto do lugar chamado Reitós. Depois, conservando à direita o monte Egáleo, avançaram através da Crópia até alcançarem Acarnas, o maior dos locais da Ática, a que chamam demos. Tendo parado aqui, assentaram arraiais e ali permaneceram muito tempo a saquear a região.

XX. Diz-se que a intenção de Arquidamo ao ficar-se por Acarnas, preparado para o combate, mas não descendo à planície durante a invasão, foi a seguinte: [2] ele esperava que os Atenienses que tinham um grande número de rapazes na flor da idade e estavam preparados para a guerra como nunca antes, viessem talvez ao seu encontro e não permitissem que o seu território fosse saqueado. [3] Mas quando eles não o confrontaram nem nos territórios de Elêusis nem na planície da Triásia, Arquidamo estabeleceu acampamento em Acarnas para experimentar se os Atenienses os iam atacar. [4] Na realidade, parecia-lhe que não só o local era apropriado para acampar mas também a gente

de Acarnas, sendo uma parte importante da cidade (tinham três mil hoplitas), não ia suportar ver os seus campos destruídos mas iria incitar todos os outros a combater. Por outro lado, se os Atenienses não reagissem a esta invasão, ele no futuro iria destruir com mais confiança os territórios e mesmo avançar até Atenas; e os de Acarnas, uma vez despojados dos seus haveres, não estariam tão prontos a correr riscos pelos haveres de outros e assim haveria dissensão na opinião geral. [5] Foi com este intuito que Arquidamo se deixou ficar por Acarnas.

XXI. Os Atenienses, enquanto o exército dos Lacedemónios permanecia na região de Elêusis e na planície Triásia, conservavam a esperança de que eles não avançariam mais para perto, lembrados de Plistóanax, filho de Pausânias, rei dos Lacedemónios, que tinha invadido a Ática até Elêusis e Tria com um exército de Peloponésios, catorze anos antes desta guerra e bateu em retirada sem avançar mais; por esta razão foi exilado de Esparta porque parecia que tinha sido subornado para voltar para trás. [2] Mas quando viram o exército na região de Acarnas, a sessenta estádios da cidade, não acharam mais a situação tolerável e, como é evidente, parecia-lhes terrível que a terra deles fosse saqueada diante dos seus olhos, o que os mais novos jamais tinham visto, e os mais velhos também não, à excepção do tempo das guerras médicas; todos, especialmente os mais novos, pensavam que era altura de atacar e não de ser espectador de tal situação. [3] Juntos em grupos adversários debatiam-se, sendo uns a favor de atacar o inimigo, outros contra esta ideia. Profetas recitavam profecias de toda a espécie, cada um ouvindo conforme os seus desejos. E os Acarnanos, que se consideravam a parte mais importante dos Atenienses, uma vez que era o território deles que estava a ser destruído, eram os que mais queriam lançar-se ao ataque. De todas as maneiras, a cidade estava enraivecida e sentiam ódio contra

Péricles. Na verdade, esqueceram os conselhos que ele primeiro lhes dera e criticavam-no porque, sendo ele estrategista, não os tinha mandado combater e pensavam portanto que ele era o causador de tudo que estavam a sofrer.

XXII. Mas Péricles, vendo que eles estavam enfurecidos com a situação presente e a não pensar claramente, convencido por um lado de que estava certo em não atacar, não convocou a assembleia nem qualquer reunião militar, e por outro lado, convencido de que eles poderiam fazer enormes erros se se juntassem furiosos em assembleia e sem o poder de avaliar a situação, manteve a cidade protegida e em paz na medida em que pode. [2] De qualquer modo, ordenou sortidas de cavalaria continuamente, para que as linhas avançadas do exército inimigo atacando os campos próximos da cidade os não saqueassem. Na realidade, houve um breve recontro de cavaleiros na Frígia, entre uma unidade de cavaleiros atenienses e tessálios contra cavaleiros da Beócia em que os Atenienses e os Tessálios levaram a melhor até ao momento em que hoplitas vieram socorrer os Beócios, que já estavam a fugir. Alguns dos Tessálios e dos Atenienses foram mortos, mas os corpos foram recuperados naquele mesmo dia sem haver tréguas. E no dia seguinte os Peloponésios levantaram um troféu. [3] Esta força de Tessálios veio auxiliar os Atenienses de acordo com uma antiga aliança, e os que vieram eram Larisseus, Farsálios, Cranónios, Pirásios, Girtónios, Fereus. Eram seus chefes, de Larissa, Polímedes e Arístonos, cada um com seu grupo; os Farsálios eram comandados por Ménon. Os outros tinham arcontes segundo cada cidade.

XXIII. Entretanto, os Peloponésios, uma vez que os Atenienses não saíam para os combater, levantaram o acampamento em Acarnas e devastaram alguns dos demos entre os montes Parnes e Brileso. [2] Enquanto os Peloponésios estavam ainda em território ateniense, os Atenienses man-

daram à volta do Peloponeso cem navios que tinham equipado com mil hoplitas e quatrocentos arqueiros, comandados por Cárcino, filho de Xenótimo, Próteas, filho de Épicles e Sócrates, filho de Antígenes. [3] Com esta força partiram para circum-navegar o Peloponeso, enquanto os Peloponésios, tendo permanecido na Ática por tanto tempo quanto as provisões que tinham o permitiam, retiraram pela Beócia por caminho diferente do utilizado na invasão. Passando junto de Oropo, saquearam o território de Graia habitado pelos Orópios, vassalos dos Atenienses. E quando chegaram ao Peloponeso, o exército foi dispensado, cada contingente voltando para as suas cidades respectivas.

Expedições de Atenas

XXIV. Depois da retirada dos Peloponésios, os Atenienses estabeleceram postos de vigia por terra e por mar, uma vez que tencionavam conservá-los guarnecidos durante a guerra. Decidiram também pôr de lado mil talentos do dinheiro na Acrópole como fundo de reserva e não para gastar, e servir-se doutros dinheiros para subsidiar a guerra. E se alguém sugerisse ou pusesse a voto usar aquele dinheiro para outro fim, que não a defesa da cidade, se os inimigos a atacassem por mar, o castigo a impor devia ser a pena capital. [2] A esta reserva de dinheiro juntaram trirremes escolhidas, cada ano, entre as melhores, com os seus respectivos comandantes; nenhuma destas era para ser usada, como o dinheiro, excepto em caso de perigo, se fosse necessário.

XXV. Entretanto, os Atenienses, com uma armada de cem navios e os Corcireus que os vieram ajudar com cinquenta e alguns outros aliados daquela área, pilharam outras zonas na costa peloponésia enquanto navegavam, foram desembarcar em Métone na Lacónia e atacaram as muralhas

que eram fracas e não tinham homens para as defender. [2] Mas aconteceu que Brásidas, filho de Télis, cidadão espartano, estava por aquelas paragens com uma guarnição de cem hoplitas para proteger a região e vendo a situação foi em socorro dos que estavam na fortaleza. Atirando-se sobre as tropas dos Atenienses que estavam dispersas pela região e voltadas para as muralhas, avançou para Métone e tendo perdido apenas alguns dos seus homens no assalto, salvou a cidade. Por este acto de coragem, o primeiro nesta guerra, Brásidas foi aclamado em Esparta. [3] Os Atenienses então levantaram ferro, continuando a navegar ao longo da costa, desembarcaram em Fia na Élida, saquearam o território durante dois dias e venceram em batalha trezentos soldados escolhidos da área da Élida e alguns dos Elidenses. [4] Apanhados numa tempestade de forte ventania numa região sem porto de abrigo, a maior parte deles voltou para os navios e dobrando o cabo chamado Íctis foram para o porto de Fia; entretanto, os Messénios e alguns outros que não tinham podido embarcar, fizeram a retirada por terra e tomaram Fia. [5] Seguidamente os navios voltaram atrás, apanharam estes homens e fizeram-se ao mar depois de abandonar Fia, pois uma força grande de Elidenses tinha vindo em socorro da cidade. E os Atenienses continuaram a navegar e a pilhar a região.

XXVI. Por este tempo, os Atenienses mandaram trinta navios para a Lócrida e também para proteger a Eubeia. Cleopompo, filho de Clínias, comandava esta esquadra. [2] Este, tendo desembarcado, pilhou os territórios que ficavam na costa, tomou Trónio e fez reféns alguns dos seus habitantes, e em Álope derrotou os Lócrios que tinham vindo em defesa da cidade.

XXVII. Durante este Verão, os Atenienses expulsaram de Egina os Eginetas, homens, mulheres e crianças, acusando-

do-os de serem a principal causa da guerra contra si próprios. Na verdade, porque Egina ficava junto do Peloponeso pareceu aos Atenienses mais seguro povoar a cidade com colonos seus. E assim, não muito depois destes acontecimentos, mandaram para Egina colonos. [2] Quanto aos exilados Eginetas, os Lacedemónios concederam-lhes Tireia como refúgio para habitar e para cultivar, não só porque eles se tinham oposto aos Atenienses, mas também porque os tinham ajudado por ocasião do tremor de terra e da revolta dos hilotas. O território de Tireia fica na fronteira entre a Argólida e a Lacónia, e estende-se até ao mar. Alguns Eginetas estabeleceram-se ali, outros espalharam-se pelo resto da Hélade.

XXVIII. Durante este mesmo Verão no princípio do mês lunar, no único momento em que isto pode acontecer, houve um eclipse do Sol depois do meio-dia; tomou a forma dum crescente e depois de novo ficou cheio e algumas estrelas tornaram-se visíveis.

XXIX. Neste mesmo Verão, Ninfodoro, filho de Pites, cidadão de Abdera, que tinha uma irmã casada com Sitalces e consequentemente grande influência sobre este, foi nomeado cidadão honorário pelos Atenienses que, no entanto, o tinham anteriormente considerado inimigo; chamaram-no a Atenas, porque queriam como aliado Sitalces, filho de Teres, rei dos Trácios. [2] Este Teres, pai de Sitalces, foi o primeiro a estabelecer o grande reino dos Odrísios que se estendia por grande parte da Trácia, muito embora a maioria dos Trácios fosse independente. [3] Este Teres não tem nada a ver com Tereu que casou com Procne, filha de Pandión de Atenas, nem sequer eram da mesma região da Trácia. Tereu vivia na Dáulia, na região agora chamada Fócida, que era então habitada pelos Trácios. Foi nesta terra que as mulheres cometeram o crime contra Ítis; em lembrança do rouxinol, muitos

poetas chamam-lhe a ave da Dáulia. É também provável que Pandíon tivesse contratado o casamento da filha para proveito mútuo, pois era preferível a curta distância, aos muitos dias de viagem para chegar aos Odrísios. De qualquer modo, Teres que nem sequer tem o mesmo nome que Tereu foi o primeiro rei com grande poder entre os Odrísios. [4] Era seu filho, Sitalces, que os Atenienses queriam fazer aliado, porque desejavam que ele os ajudasse a subjugar as cidades da Trácia e o rei Perdicas. [5] Portanto, Ninfodoro veio a Atenas, executou a aliança com Sitalces e conseguiu que o filho deste, Sádoco, se tornasse cidadão ateniense. Prometeu também pôr fim à guerra na Trácia e convencer Sitalces a enviar aos Atenienses uma força trácia de cavaleiros e peltas-tas. [6] Também conseguiu um acordo entre Perdicas e os Atenienses e convenceu estes a restituírem Terme àquele. Perdicas juntou imediatamente as suas forças às dos Atenienses sob o comando de Formião, para a luta contra os Calcídicos. [7] Foi assim que Sitalces, filho de Teres, rei da Trácia e Perdicas, filho de Alexandre, rei da Macedónia, se tornaram aliados dos Atenienses.

XXX. Entretanto, os Atenienses com a armada de cem navios navegando em volta do Peloponeso, tomaram Sólio, cidade dos Coríntios, e deram-na, território e cidade, aos Palereus na Acarnânia. Também tomaram pela força Ástaco que era governada pelo tirano Evarco. Os Atenienses expulsaram-no e integraram Ástaco na sua liga de aliados. [2] Navegando então para a ilha de Cefalénia, trouxeram-na para o seu lado sem ter de combater. Cefalénia fica perto da Acarnânia e da Lêucade e tem quatro comunidades: Pale, Crânios, Sameus, Pronos. [3] Não muito depois, os navios regressaram a Atenas.

XXXI. No começo do Outono, os Atenienses com todas as suas forças, eles e os metecos, invadiram Mégara sob

o comando de Péricles, filho de Xantipo. Entretanto, os Atenienses com a armada de cem navios cruzando à volta do Peloponeso, já na viagem de regresso a Atenas quase em Egina, quando se aperceberam que todas as forças militares atenienses estavam em Mégara, navegaram naquela direcção e juntaram-se a elas. [2] Foi este sem dúvida o maior exército de Atenienses, que jamais se reuniu, uma vez que a cidade estava então no auge da sua grandeza e não tinha sido ainda atingida pela peste. Os Atenienses eram não menos do que dez mil hoplitas, sem contar com os três mil que estavam em Potidea, e os metecos contribuíram com não menos de três mil hoplitas sem contar com grande número de tropas ligeiras. [3] Depois de terem saqueado grande parte do território de Mégara, retiraram-se. Depois, no decurso da guerra, todos os anos os Atenienses invadiram Mégara ou com cavalaria ou com todos os ramos do exército até à tomada de Niseia.

XXXII. No fim deste Verão, os Atenienses fortificaram e montaram uma guarnição em Atalanta, ilha deserta que fica junto da costa dos Lócridos Opúncios para impedir que piratas viessem pelo mar de Opunte ou de outros pontos da Lócrida e atacassem a Eubeia. Foram estes os acontecimentos durante o Verão depois de os Peloponésios se terem retirado da Ática.

XXXIII. No Inverno seguinte, o acarnano Evarco, desejando voltar para Ástaco, convenceu os Coríntios a navegarem com uma esquadra de quarenta navios e mil e quinhentos hoplitas para o reinstalar no poder, e ele próprio contratou alguns mercenários. Comandavam esta expedição Eufamidas, filho de Aristónimo, Timóximo, filho de Timócrates, e Êumaco, filho de Crisis. [2] E assim os Coríntios navegaram até Ástaco e reinstalaram Evarco no poder. Como desejavam controlar outros territórios da Acarnânia

que ficavam junto ao mar, tentaram conquistá-los, mas foram mal-sucedidos e viajaram de volta para Corinto. [3] Navegando junto à costa, desembarcaram em Cefalénia e atacaram o território dos Crânios, mas foram traídos num acordo com estes e perderam alguns homens quando os Crânios os atacaram de surpresa; forçados a bater em retirada, regressaram a Corinto.

A oração imperial de Péricles: elogio dos mortos e do poder democrático

XXXIV. Durante este mesmo Inverno, os Atenenses, seguindo o exemplo dos seus antepassados, celebraram da seguinte maneira funerais públicos em honra dos que primeiro morreram nesta guerra: [2] durante três dias, as ossadas dos mortos ficam expostas numa tenda construída para o efeito e cada um trazia aos seus mortos a oferta que queria. [3] Quando o cortejo fúnebre se realizou, carros levaram os caixões de cipreste, um para cada tribo. Os ossos são colocados no caixão de cada tribo; uma carreta fúnebre é deixada sem nada dentro e adornada em honra dos desaparecidos, cujos corpos não tenham sido encontrados para fazer o funeral. [4] Qualquer pessoa pode tomar parte no cortejo, quer seja cidadão quer seja estrangeiro. Também presentes, e fazendo as suas lamentações, estão as mulheres da família dos mortos. [5] Os caixões são colocados no sepulcro público, que fica no subúrbio mais bonito da cidade, e aí enterram sempre todos os que morrem nas guerras, excepto os que morreram em Maratona, porque julgaram que o heroísmo destes era extraordinário, e assim sepultaram-nos onde tinham morrido. [6] Quando os restos mortais dos guerreiros são enterrados, um cidadão escolhido pelo estado e considerado pelo povo como o primeiro em judiciosa prudência e visão, profere a oração fúnebre apropriada. Depois disto,

todos se retiram. [7] É assim que os Atenienses enterram os seus mortos. E durante a guerra, sempre que a ocasião se proporcionava, usaram este costume. [8] Consequentemente, para o elogio fúnebre destes primeiros soldados foi escolhido Péricles, filho de Xantipo. E quando o momento apropriado chegou, ele avançou do túmulo para uma plataforma mais alta, construída de tal maneira que pudesse ser ouvido pela maioria da multidão, e falou assim:

XXXV. “Muitos dos que falaram aqui antes de mim elogiaram quem acrescentou este discurso ao costume desta cerimónia como se honrar com palavras os que morreram em combate pudesse de alguma maneira igualar o seu heroísmo. No que me toca, julgo suficiente que homens que se distinguiram por actos sejam homenageados por actos tais como os que acabámos de presenciar, o funeral preparado pelo Estado, ainda que as virtudes de tais homens não dependam, para serem justamente apreciadas, dum único factor, os dotes oratórios, bons ou maus, dum só homem. [2] É de facto difícil falar com moderação sobre tudo isto no momento em que ainda é complicado verificar com exactidão o que é verdade. Porque o homem que conhece os factos e os escuta com simpatia pode mesmo assim pensar que eles não foram descritos com a grandeza que ele desejava ou sabia que eles mereciam. E o que os não conhece, sempre que ouvir qualquer coisa que ultrapassa as suas capacidades naturais, por inveja, vai pensar que é tudo um exagero. De facto, elogios feitos por outros só são aceitáveis até ao ponto em que cada um pensa que pode fazer o que ouve dizer que foi feito. Porém aquilo que ultrapassa esta circunstância, provoca inveja e incredulidade. [3] Mas uma vez que isto que foi aprovado pelos antigos como um acto nobre, também eu, obedecendo a este costume, tenho de tentar satisfazer o melhor que puder os desejos e as expectativas de cada um de vós.

XXXVI. “Vou falar primeiro dos nossos antepassados pois é justo e apropriado que em ocasião como a presente lhes seja dada a distinção desta memória. Na verdade até hoje em sucessivas gerações eles viveram sempre nestas terras e graças ao seu esforço legaram-nas livres à posteridade. [2] E se aqueles merecem louvor, mais ainda os nossos pais que ganharam, não sem dificuldade, para além daquilo que tinham recebido, o império que agora temos e que eles nos legaram como herança. [3] E a maior parte deste império, nós próprios que estamos no vigor da vida, aumentámos e também preparámos a cidade por todos os meios para ser completamente auto-suficiente quer para tempos de guerra quer para tempos de paz. [4] Contudo, não quero, nem vou falar de feitos militares conhecidos de todos nós que nos deram o que temos hoje, nem tão-pouco vou lembrar como nós ou os nossos pais corajosamente confrontaram agressões inimigas, fossem elas de origem bárbara ou helénica. Mas antes de fazer o elogio dos mortos, vou descrever que princípios de acção nos trouxeram à presente situação e com que instituições políticas e com que costumes nos tornámos um grande império, porque penso que este é o tema adequado ao momento presente e que o povo aqui reunido, de cidadãos e de estrangeiros, pode escutar com proveito.

XXXVII. “Temos uma forma de governo que em nada se sente inferior às leis dos nossos vizinhos mas que, pelo contrário, é digna de ser imitada por eles. E chama-se democracia, não só porque é gerida segundo os interesses não de poucos, mas da maioria, e também porque, segundo as leis, no que respeita a disputas individuais, todos os cidadãos são iguais; no que respeita a prestígio pessoal, quando alguém se distingue em alguma coisa, não é preferido para honras públicas mais por posição de classe do que por mérito; por outro lado, no que respeita a falta de riqueza pessoal, o cidadão que tem aptidão para servir a cidade nunca, por causa

da sua condição humilde, é impedido de alcançar a dignidade merecida. [2] Governamos a coisa pública em liberdade e nos negócios de cada dia não agimos com desconfiança nem reagimos violentamente contra um vizinho se ele segue as suas preferências, nem tão-pouco o olhamos com antipatia que não fere, mas magoa. [3] Mas enquanto na vida privada convivemos com tolerância, sem nos sentirmos ofendidos, na vida pública não desrespeitamos as leis mais por medo, porque obedecemos sempre a quem tem o poder e também às leis, sobretudo as que foram promulgadas para ajudar aqueles que são vítimas de injustiça e também as que, embora não sendo escritas, trazem desonra que é por todos reconhecida.

XXXVIII. Para além disto, nós proporcionamos muitas formas para o espírito se repousar dos trabalhos do dia-a-dia, com jogos e sacrifícios durante todo o ano e com edifícios particulares elegantes; o prazer que vem de os contemplar mantém os sofrimentos a distância. [2] Também, em virtude da grandeza da nossa cidade, todos os produtos de todo o mundo entram aqui e o resultado é que gozamos com o mesmo prazer produtos gerados por nós ou por povos de outras terras.

XXXIX. “E se falarmos das práticas de guerra, também nestas somos diferentes dos nossos adversários. Abrimos a nossa cidade a todo o mundo e não existem, como em Esparta, medidas para manter os estrangeiros fora da cidade, nem impedimos ninguém de aprender ou ver aquilo que, porque não foi escondido, pode ajudar qualquer dos nossos inimigos que o veja; não confiamos mais em preparativos e estratégias do que na coragem que existe em cada um de nós, quando chamados a agir. Também no que respeita a educação, enquanto desde crianças eles por meio de dolorosa disciplina procuram tornar-se homens de coragem, nós

que levamos uma vida mais equilibrada, estamos não menos prontos a enfrentar os mesmos perigos. E aqui está a prova. [2] Quando os Lacedemónios invadem o nosso território, fazem-no com a ajuda de todos os seus aliados, e nós ao atacarmos em território alheio, vizinhos que estão a defender as suas casas, sem dificuldade saímos vencedores. [3] Até hoje nenhum dos nossos inimigos se pôde confrontar ao mesmo tempo com todas as nossas forças, porque nós escolhemos desenvolver a nossa marinha e também porque, por terra, enviamos tropas nossas para muitos locais diferentes. Mas eles se travam batalha com um pequeno contingente das nossas forças e dominam uns poucos de nós, gabam-se de ter desbaratado a totalidade das nossas forças, e se somos nós os vencedores, dizem que estavam em situação de inferioridade em relação a todos nós. [4] Se é mais por facilidade de temperamento do que por trabalho árduo e não tanto pela obrigação de obedecer às leis, como pela nossa maneira de ser, que podemos ser corajosos, é mais vantajoso para nós não nos preocuparmos com desgraças que podem vir a acontecer porque, quando estas acontecem, mostramos não ser mais covardes do que aqueles que se sentem sempre angustiados pelo medo. Assim a nossa cidade é digna de admiração por todas estas características e também por muitas outras.

XL. “Na verdade, nós cultivamos a beleza com simplicidade e o saber sem fraqueza. Riqueza nós usamos mais como oportunidade para agir do que como assunto para nos gabarmos. Para nós, admitir a pobreza não é vergonhoso mas não tentar escapar a ela pelo trabalho, já é. [2] Entre nós é possível que uns cidadãos tenham tanto interesse pelos negócios privados como pelos públicos e que outros, embora mais virados para os seus próprios negócios, mantenham não menos interesse pelos assuntos públicos. De facto, nós somos o único povo que pensa que um cidadão que não

participa na vida pública não é apolítico mas sim inútil no que diz respeito aos interesses da cidade. E também somos os únicos que não só escolhemos mas verdadeiramente reflectimos sobre os negócios do Estado e não somos de opinião de que estas reflexões são prejudiciais a uma intervenção em qualquer acção, sim, porque o mal vem de não se ter feito um plano antes de se entrar em acção. [3] Na verdade, temos isto de diferente em relação a outros povos; por um lado, somos resolutos, por outro, reflectimos naquilo que vamos tentar fazer, enquanto outros homens têm a coragem que a ignorância lhes traz, e a hesitação é causada pela reflexão. Mas aqueles que são julgados como os mais fortes na sua alma são justamente os que conhecem com maior segurança o que é perigoso e o que é agradável e por isso mesmo não voltam as costas aos perigos. [4] Também no que diz respeito a fazer bem, somos o oposto de outros homens pois não é recebendo favores, mas sim concedendo-os que nós arranjamos amigos. Na verdade, quem concede o favor está sempre em posição superior, pois que o favor concedido num acto de benfeitoria ajuda aquele a quem é concedido; mas o que o recebe está em posição inferior, sabendo que quando o retribuir, não é como um favor, mas sim como pagamento de uma dívida. [5] Somos também os únicos que prestamos ajuda não com a ideia de obter vantagens para nós mas pela crença que temos na nossa visão de liberdade.

XLI. “Em resumo, eu digo que não só a nossa cidade serve de exemplo a toda a Hélade mas também, na minha opinião, cada um de nós, Atenienses, como indivíduo, na maioria dos casos, é exemplo do cidadão que cuida de si próprio com brandura e habilidade. [2] E que isto não é presunção minha inventada para esta ocasião, mas sim a pura verdade dos factos, é provado pelo poder da nossa cidade adquirido como consequência desta forma de estar. [3] De

facto, Atenas é a única cidade que, posta à prova, é melhor do que a fama que tem e é também a única que nem dá aos inimigos que a atacam razão para se sentirem humilhados por causa do que sofreram às nossas mãos, nem a quem lhe paga tributo, motivo para a criticarem como não sendo ela merecedora. [4] Porque somos poderosos, e disto temos dado muitas provas, seremos olhados com admiração não só pelas gentes de hoje, mas também pelas gerações vindouras. E não precisamos de um Homero para nos elogiar, nem de qualquer outro poeta, cuja poesia encantar-se-á no momento em que é escrita, mas será desmentida pela verdade dos factos, pois forçámos todo o mar e toda a terra a conceder acesso à nossa bravura e por todo o lado deixámos monumentos que para sempre conservarão a memória dos nossos feitos, bons e maus. [5] É pois esta a cidade pela qual estes homens combateram e morreram, julgando que era seu dever não deixar que ela fosse conquistada pelo inimigo; é justo também que os sobreviventes estejam prontos também a sacrificar-se por ela.

Servir a pátria

XLII. “É por esta razão que me demorei mais a falar da grandeza da nossa cidade, querendo mostrar-vos que a nossa luta é diferente da luta dos que não têm os mesmos valores que nós, e também estabelecer com testemunhos incontestáveis o elogio destes homens que agora celebro. [2] Na verdade, grande parte deste já está feito, pois quando fiz o elogio da cidade, as virtudes que a honram são as destes homens e doutros como estes e a fama dos feitos daqueles mostrou a muitos Helenos que estes não poderiam nunca ser igualados. Também me parece que ao apontar para coragem de um guerreiro se tem de falar do que primeiro foi revelado e agora, por fim, da sua morte que foi confirmada.

[3] E até para os que não agiram com o mesmo valor, é justo tornar pública a bravura com que combateram por Atenas contra os seus inimigos. Na realidade, substituindo o mal pelo bem, ajudaram a causa comum mais do que a prejudicaram com o seu comportamento individual.

[4] Nenhum destes homens, pelo prazer de gozar a riqueza ou na expectativa de escapar à pobreza, se tornou um comodista, como se escapar à morte pudesse enriquecê-lo e adiar o sofrimento. Mas tendo tomado o castigo dos inimigos como bem mais desejável do que isto, e ao mesmo tempo considerando aquele como o mais glorioso dos perigos, escolheram vingar-se do inimigo, abandonando os outros interesses, deixando a esperança duma prosperidade incerta para o futuro mas confiando em si próprios para a tarefa que os enfrentava. E assim, quando o momento de combate chegou, decidiram que era melhor defenderem-se e sofrerem do que fugir para se conservarem vivos; escaparam assim à desonra de tal decisão e aguentaram o ataque com o seu próprio corpo; portanto, mais no auge da sua glória do que do seu medo, foi assim que deixaram este mundo.

XLIII. “Estes homens morreram de maneira que honra a nossa cidade. E vós que estais vivos, muito embora por certo pedindo aos deuses um fim mais favorável, deveis enfrentar o inimigo com a mesma coragem, mas sem dar atenção aos benefícios que já conheceis, sobre os quais alguém pode fazer-vos um longo discurso enaltecendo a honra de defender a cidade dos inimigos; vós deveis sim contemplá-la em cada dia na grandeza do seu poder e tornar-vos seus amantes. E quando compreenderdes bem essa grandeza, considerai que homens corajosos, sabedores dos seus deveres, conscientes do sentimento de honra em acção, fizeram estas coisas para si próprios e, apesar da probabilidade de insucesso, decidiram que a cidade não merecia ser

privada da sua coragem e assim concederam-lhe, servindo-a, a melhor oferta que podiam dar-lhe. [2] Na realidade, ao sacrificar as suas vidas pela causa comum, eles obtiveram a admiração que nunca morre e o mais ilustre de todos os túmulos, não aquele em que os seus corpos jazem sepultados mas sim aquele em que a glória deles fica guardada como memorial para em cada oportunidade ser celebrada com palavras ou emulada em acções. [3] O mundo inteiro é de verdade o túmulo dos homens famosos, e não é só o epitáfio gravado nas pedras tumulares na pátria onde nasceram, mas também a memória não escrita que em terras que não são as suas comemora mais a sua coragem do que as suas acções. [4] E vós que seguistes o seu exemplo, e decidistes que felicidade é liberdade e liberdade é coragem, não hesiteis perante os perigos da guerra. [5] Na verdade, os desgraçados não podem dar a sua vida de maneira mais digna, eles que não têm nada de bem a esperar, mas o mesmo não pode dizer-se daqueles para quem, no tempo que ainda têm para viver, existe sempre a possibilidade de mudança de fortuna, ou daqueles que, se falharem nisto, sofrerão consequências muito sérias. [6] Para um homem de carácter, adversidade com covardia é mais dolorosa do que a morte, que chega de repente sem ser prevista, quando ainda se tem vigor e uma esperança em comum.

XLIV. “Por esta razão, não são pêsames mas sim palavras de conforto que vou dirigir aos pais destes homens aqui presentes, pois sabem que passaram muitas vicissitudes. Boa sorte é daqueles homens que, como estes, têm um fim glorioso, muito embora isto vos cause tristeza, e também que tenham sido felizes na vida e tenham um fim condigno dela. [2] No entanto, eu sei que é difícil convencer-vos disto, quando muitas vezes os sucessos de outros, com que em tempos vos alegrastes, vos lembrarem a sua memória, porque o sofrimento existe não por causa do que a pessoa

foi privada de experimentar, mas sim por causa do que lhe foi tirado e que já tinha experimentado. [3] Aqueles que estão ainda em idade de ter mais filhos devem tê-los; na verdade, os filhos que nascerem daqui para o futuro serão para vós motivo para não vos lembrardes tanto dos que já partiram, e para a nossa cidade trarão duplo benefício: não a deixam despovoada e asseguram a sua estabilidade. De facto, só são imparciais e justos os pareceres dos homens que os dão, tendo entregado à causa comum os seus próprios filhos. [4] Quanto a vós, que já sois de mais idade, considerai como ganho a maior parte da vida que já vivestes e em que éreis felizes e, como o resto do tempo que vos resta vai ser breve, aliviai o vosso sofrimento por meio da fama destes. Na realidade, só o culto da honra não envelhece e não são riquezas, como dizem alguns, mas sim honra que dá prazer quando se chega à idade.

XLV. “Para vós, filhos ou irmãos destes homens que estais aqui presentes, eu vejo que o conflito é grande uma vez que o costume é louvar quem já não vive; ainda que com dificuldade vos mostreis superiores em coragem, não sereis nunca apreciados como iguais mas sim até como um pouco inferiores. A verdade é que os vivos são objecto de inveja por parte dos seus rivais, enquanto os que foram afastados do nosso caminho gozam de apreço indiscutível. [2] Se me é permitido recordar também a virtude feminina, como a das mulheres que acabaram de ficar viúvas, vou dar-lhes com brevidade o seguinte conselho: grande será a vossa glória se não ficar abaixo das qualidades que a natureza vos deu e se o vosso bom nome não se prestar a ser falado entre os homens em louvor ou em má-língua.

XLVI. “Obedecendo ao nosso costume, proferi as palavras que achei apropriadas a esta ocasião e, com os nossos actos estes homens, cujo funeral agora fazemos, já foram cele-

brados; também os filhos deles a nossa cidade vai manter com fundos públicos até chegarem à maior idade, concedendo assim aos mortos e aos seus sobreviventes como prêmio destas lutas uma coroa benéfica para todos. Na verdade, onde as recompensas da coragem são as melhores, aí existem os melhores cidadãos. [2] E agora, assim que cada um de nós concluir as suas lamentações, podeis regressar às vossas casas.”

XLVII. Foram estas as cerimónias fúnebres que tiveram lugar durante este Inverno. Assim acabou o Inverno e com ele o primeiro ano desta guerra.

Outra invasão da Ática e a peste em Atenas

[2] Assim que o Verão começou, os Peloponésios e os seus aliados, dois terços das suas forças, como anteriormente, invadiram a Ática comandados por Arquidamo, filho de Zeuxidamo, rei dos Lacedemónios e, depois de tomarem posições, arrasaram a região. [3] Ainda não tinham estado na Ática muitos dias, quando pela primeira vez surgiu entre os Atenienses a peste. Dizia-se que já tinha aparecido antes em muitos lugares, principalmente em Lemnos e outras áreas, muito embora não houvesse memória em lugar nenhum duma tal pestilência causadora da morte de tantos homens. [4] No princípio nem os médicos podiam ajudar uma vez que estavam a tratar uma doença que não conheciam e morriam em grande número especialmente porque visitavam muitos doentes; mas também nenhuma outra arte humana ajudava, como ir aos santuários como suplicante, ou o recurso a profecias, e outras coisas, tudo era inútil. No fim abandonavam tais esforços vencidos por tal calamidade.

XLVIII. Dizia-se que tinha começado na Etiópia para além do Egipto e depois passou para o Egipto, Líbia e

grande parte do território do Grande Rei. [2] De repente, caiu sobre a cidade de Atenas, atacou primeiro as gentes do Pireu e por isso foi dito por eles que os Peloponésios tinham envenenado as cisternas. Na realidade, ainda não havia ali fontes. Mas depois alcançou a cidade e aí muitos mais morreram. [3] Agora, que qualquer cidadão, médico ou não, faça o seu diagnóstico sobre a origem desta doença e que causas semelhantes a estas explicam tal mudança. De facto, como eu próprio tive esta doença e vi muitas das suas vítimas, vou falar dos sintomas e assim pelo estudo destes, no caso de a doença voltar, alguém pode reconhecê-la.

XLIX. Aquele ano, segundo a opinião geral, tinha sido particularmente saudável no que respeita a outras doenças. Mas se uma pessoa já estava doente, a doença que tinha transformava-se nesta. [2] Noutros casos, sem qualquer motivo, de repente, estando de boa saúde, as pessoas eram tomadas por febres altas, vermelhidão e inflamação dos olhos e por dentro a garganta e a língua ficavam ensanguentadas e emitiam um cheiro não natural e nauseabundo. [3] Depois disto, espirravam, tinham dores de garganta e em muito pouco tempo o mal descia ao peito com tosse muito forte. E quando se fixava no estômago transformava-o de tal maneira que vômitos de bÍlis, das espécies todas a que os médicos tinham dado nomes, [4] os afligiam com grande sofrimento físico. Para muitos seguiam-se arrancos secos que produziam terríveis convulsões, em certos casos depois de terem melhorado dos vômitos secos, noutros muito mais tarde. [5] Quando tocado por fora, o corpo não estava nem muito quente nem pálido, mas um pouco avermelhado, lívido e coberto de pústulas ulceradas, mas por dentro ardia em fogo de tal forma que os doentes não suportavam contacto nem com mantos, nem com coberturas de tecido leve e não queriam senão estar nus; e também se atiravam para água bem fria, na verdade, muitos dos que não tinham

quem cuidasse deles, atiraram-se para dentro de poços, atormentados pela sede que não podiam mitigar. De qualquer modo, o resultado era igual, quer bebessem muito ou pouco. [6] Também tinham dificuldade constante em descansar ou dormir. E o corpo, enquanto a doença estava no auge, não ficava debilitado mas, pelo contrário, aguentava o sofrimento de tal modo que ou a maioria deles no sétimo ou no nono dia morria da febre que os consumia por dentro muito embora ainda conservassem algum vigor ou, se escapassem, a doença descia aos intestinos e, criada ali uma ferida grave acompanhada de diarreia excessiva, muitos morriam vítimas da debilidade assim causada. [7] Na verdade, tendo a doença começado em cima, estabelecendo-se primeiro na cabeça, espalhava-se por todo o corpo e se alguém sobrevivia a todos estes sofrimentos, o ataque às suas extremidades deixava marca. [8] Com efeito, esta doença destruiu as partes pudendas, dedos de pés e mãos e muitos escaparam mesmo sem aqueles, enquanto outros perderam os olhos. Havia também pessoas, que mal se restabeleciam da doença, eram atacadas por falta de memória de tudo o que fosse e nem se reconheciam a si próprias nem aos seus amigos.

L. Na verdade, o carácter geral desta pestilência foi tal, que não há palavras para a descrever; além disto, atacou cada vítima com mais violência do que a natureza humana podia tolerar e assim mostrou que era diferente das outras doenças habituais. De facto, pássaros e animais quadrúpedes que se alimentavam de cadáveres humanos, embora houvesse por todo o lado corpos não sepultados, ou não lhes tocaram ou, se o fizeram, morreram. [2] E a prova do que digo é a seguinte: notou-se que as aves deste tipo deixaram de ser vistas por outros lados, e também por onde os cadáveres jaziam; mas os cães, porque vivem com os homens, deram-nos a oportunidade de observar melhor o que aconteceu.

LI. Tais eram portanto as características gerais da doença deixando de parte a sua singular natureza, uma vez que afetou cada vítima de maneira diferente. Durante o tempo em que grassou a peste, ninguém se queixou das doenças habituais. E se alguém o fez, acabou sempre vítima daquela. [2] Morreram os que não eram tratados, e também os que tinham excelente cuidado. E não havia um único remédio que se dissesse podia ajudar quem o usasse, porque a intervenção que era útil para um, fazia mal a outro. [3] Mas o pior de todo este mal era que nenhum corpo tinha resistência suficiente, quer fosse forte ou fraco, na luta contra a doença, mas todos eram destruídos, mesmo os que tinham sido tratados com bons cuidados médicos. [4] O mais terrível desta doença era o desespero das vítimas; quando se apercebiam de que estavam doentes, julgando imediatamente que não havia esperança, deixavam de oferecer resistência e porque se infectavam cuidando uns dos outros, morriam como carneiros. E isto produziu o maior número de mortos. [5] Na verdade, se não pudessem visitar-se uns aos outros por medo, morriam abandonados e assim muitas casas ficaram vazias por não haver quem tratasse dos doentes. E se visitassem os doentes, eles próprios morriam, especialmente aqueles que tinham coragem. Com efeito, fizeram um ponto de honra de não se coíbiarem de visitar os amigos, quando os familiares destes, vencidos pela virulência de tal desgraça, se cansaram dos lamentos dos moribundos. [6] Mas mais vezes, eram os que tinham recuperado da doença que se compadeciam dos moribundos e dos que estavam doentes, porque sabiam o que eles próprios tinham experimentado e estavam confiantes na imunidade. De facto, a doença não atacava ninguém duas vezes, a ponto de matar. Não só recebiam os agradecimentos dos outros mas também eles próprios sentiam logo imensa alegria e concebiam a esperança vã para o resto das suas vidas de nunca morrerem vítimas de outra doença.

LII. A juntar à calamidade que tinha surgido, a vinda de muitos habitantes do campo para a cidade, e estes foram não menos afectados, tornava a situação mais difficil. [2] Porque não havia casas para eles mas viviam em barracas muito abafadas no calor da estação, a doença appareceu entre eles sem controlo; não só os mortos e os moribundos eram postos uns em cima dos outros, mas pelos caminhos e perto de todas as fontes deambulavam os semimortos no seu anseio por água. [3] Os templos em que viviam estavam repletos de cadáveres dos que ali tinham morrido e as pessoas tão desanimadas pela doença, não sabendo o que ia acontecer-lhes, passaram a desprezar igualmente as coisas sagradas e as profanas. [4] Todos os costumes que observavam antes no que dizia respeito a funerais foram lançados em confusão uma vez que enterravam os mortos como cada um podia. Muitos, porque lhes faltava o que era necessário por causa dos muitos que já tinham morrido, recorreram a formas de sepultar que eram abomináveis. Em piras alheias construídas antes por outros, collocavam o cadáver que lhes pertencia e pegavam-lhe fogo; outros lançavam o cadáver que transportavam sobre outro que já estava a arder e iam-se embora.

LIII. Noutros aspectos, a peste introduziu na cidade um desrespeito total pela lei. Na verdade, todos se tornaram mais descarados naquilo que antes faziam às escondidas não para seu prazer, quando viram a mudança repentina na sorte dos que eram ricos e morriam de repente, enquanto quem primeiro nada possuía num momento ficava com os bens dos outros. [2] Uma vez que consideravam que a vida das pessoas e riquezas eram igualmente transitórias, resolveram que valia a pena gozar rapidamente o que lhes dava prazer. [3] Ninguém estava interessado em sofrer com antecipação por aquilo que parecia honroso porque, não sabendo se iam morrer antes de alcançar esse objectivo, o que quer que desse immediato prazer ou a isso levasse, passava por nobre e

útil. [4] Nem o medo dos deuses nem as leis dos homens os dissuadiam ao compreender que ser piedoso ou não eram a mesma coisa uma vez que viam todos a morrer igualmente e ninguém esperava estar vivo até ser feita justiça e receber o castigo das suas faltas. E parecia-lhes que um castigo muito maior estava iminente e antes de ele cair sobre eles, queriam ter algum prazer na vida.

LIV. Tal era a desgraça que caíra sobre os Atenienses e os fazia sofrer: dentro das muralhas, o povo a morrer e fora delas, o território, que lhes pertencia, a ser pilhado. [2] E no meio desta calamidade pareceu natural que recordassem o seguinte verso que os homens mais velhos diziam ter sido cantado muito tempo antes:

*“VIRÁ UMA GUERRA DÓRICA E COM ELA
UMA PESTILÊNCIA”.*

[3] Surgiu então uma polémica entre os homens; dizia-se que a palavra usada no verso pelos antigos não era ‘loimós’ pestilência, mas sim ‘limós’ fome. Naturalmente, dadas as circunstâncias daquele tempo, prevaleceu ‘loimós’ pestilência, como a palavra usada. De facto, os homens recordavam segundo aquilo que sofreram. E, penso eu, se houver outra guerra dórica no futuro e acontecer que fome a acompanhe, não é absurdo que escolham ‘limós’ como a palavra apropriada. [4] Entre aqueles que sabiam coisas como esta, recordava-se o oráculo dado aos Lacedemónios pelo deus que, quando consultado, respondeu que se lutassem com valentia, a vitória seria deles e ele próprio os ajudaria. [5] Portanto, no que dizia respeito ao oráculo, eles tomaram os acontecimentos como a realização do prometido. A peste rebentou assim que os Peloponésios invadiram a Ática e não entrou no Peloponeso, mas espalhou-se sobretudo por Atenas e outros locais mais densamente povoados. Esta é a história da peste.

LV. Os Peloponésios assim que saquearam o campo aberto, avançaram para o território costeiro de Páralo até Láurio onde ficam as minas de prata dos Atenienses. E primeiro saquearam a parte de onde se vê o Peloponeso, depois a parte virada para a Eubeia e Andros. [2] Péricles, sendo estratega, era da mesma opinião que tinha na primeira invasão: que os Atenienses não deviam sair para responder ao ataque.

LVI. Mas enquanto os Peloponésios estavam ainda na planície, Péricles preparou uma armada de cem navios para atacar o Peloponeso e quando ela ficou pronta, fez-se ao mar. [2] Nos navios levou consigo quatro mil hoplitas atenienses e trezentos cavaleiros em barcos de transporte de cavalos, usados então pela primeira vez e construídos de embarcações velhas. Juntaram-se-lhes, com cinquenta navios, os Quios e os Lésbios. [3] Quando esta expedição se fez ao mar, deixou os Peloponésios na Ática junto à costa. [4] Assim que chegaram a Epidauro no Peloponeso saquearam todo o território e atacaram a cidade na esperança de a tomarem, mas não foram bem-sucedidos. [5] De Epidauro fizeram-se ao mar e saquearam o território de Trezenas, Halias e Hermíone, sempre na costa do Peloponeso. [6] Daqui os navios de novo partiram dirigindo-se a Prásias, uma cidade na costa da Lacónia, onde saquearam a região, tomaram a cidade e pilharam-na. Depois destas acções regressaram a Atenas. Aí deram-se conta de que os Peloponésios já não estavam na Ática, mas se tinham retirado.

LVII. Durante este tempo, enquanto os Peloponésios estavam na Ática e os Atenienses na campanha marítima, a peste destruía os Atenienses, quer nos navios, quer na cidade, de tal forma que se disse que os Peloponésios receosos da pestilência, uma vez que sabiam pelos desertores que ela grassava na cidade e percebiam que havia funerais, deci-

diram sair mais rapidamente da região. [2] Mas de facto nesta invasão permaneceram mais tempo e saquearam toda a região, uma vez que passaram na Ática quase quarenta dias.

LVIII. Durante este mesmo Verão, Hágnon, filho de Nícias e Cleopompo, filho de Clínias, que juntamente com Péricles eram comandantes das forças militares atenienses, tomaram parte das forças que aquele tinha usado e imediatamente partiram em expedição contra os Calcídicos na Trácia e contra Potideia ainda cercada. Chegaram e puseram as máquinas de guerra em acção contra Potideia e por todas as formas tentaram conquistá-la, [2] mas não foram bem-sucedidos nem na tomada da cidade nem em qualquer outra coisa que valesse a expedição. Na verdade, ali mesmo surgiu a peste e trouxe muito sofrimento aos Atenienses, destruindo o exército de tal modo que até os soldados, que ali estavam primeiro e eram saudáveis, apanharam a peste em contacto com os soldados de Hágnon. Formião e o seu exército de mil e seiscentos homens já não estava na Calcídica e salvou-se. [3] Hágnon voltou para Atenas nos seus navios, tendo perdido, em pouco mais de quarenta dias, mil e cinquenta homens vítimas da peste, dos quatro mil hoplitas sob o seu comando. Os soldados da primeira expedição permaneceram onde estavam e continuaram a cercar Potideia.

Governante mal-amado em tempo de crise: discurso de Péricles

LIX. Depois da segunda invasão peloponésia, os Atenienses, uma vez que o território que lhes pertencia fora saqueado pela segunda vez e a doença e a guerra combinadas lhes trouxeram enorme sofrimento, [2] mudaram de opinião e acusaram Péricles de os ter feito ir para a guerra e por causa dele, terem sido vítimas de tantas desgraças e,

ansiosos por chegarem a um acordo com os Lacedemónios, enviaram embaixadores a Esparta mas sem sucesso. De todas as maneiras, em grandes dificuldades, atacaram Péricles. [3] Ao ver que eles estavam furiosos com a presente situação e a reagir como ele esperava, Péricles convocou uma assembleia – era ainda estrategista –, desejando animá-los, acalmá-los e libertá-los do medo que sentiam. Avançou e disse as seguintes palavras:

LX. “Estava à espera destas vossas demonstrações de ira contra mim e uma vez que conheço as suas causas, convoquei esta assembleia para vos relembrar certos pontos e censurar não só a ira que, sem razão, dirigis contra mim, mas também o desejo de capitular provocado pelas calamidades que tendes vivido. [2] Na minha opinião, uma cidade que é próspera como comunidade procura mais ajudar os seus cidadãos individualmente do que tornar-se próspera com a boa sorte de cada indivíduo e falhar como comunidade. [3] A verdade é que se um homem está em boa situação, mas a sua terra natal é destruída, ele nem por isso deixa de perecer com ela. Mas se está em desgraça e a cidade é próspera, é muito provável que ele recupere. [4] Portanto, uma vez que a cidade é capaz de ajudar nos infortúnios dos seus cidadãos como indivíduos, mas cada indivíduo não pode ajudá-la nos seus infortúnios, não será o dever de todos lutar por ela e não fazer como vós fazeis? Aterrorizados com as vossas desgraças privadas, não só desististes da salvação da comunidade, mas também me considerais a mim como culpado de ter dado o conselho de ir para a guerra, com a qual vós próprios concordastes. [5] No entanto, eu que sou o tal homem contra o qual estais furiosos, penso que não sou pior do que qualquer outro, quer para decidir o que é necessário fazer, quer para explicar tal decisão; e não só sou um patriota, mas também estou acima da influência do dinheiro. [6] Na verdade, aquele que faz planos e não sabe

explicá-los claramente, é igual a quem nunca fez planos nenhuns. E quem pode fazer ambas as coisas, mas não tem amizade pela sua cidade, não pode igualmente aconselhá-la com lealdade. E se professa lealdade mas é influenciado por dinheiro, só por isto, tudo na cidade está à venda. [7] Portanto, se pensastes que mais do que outros eu tinha, ainda que moderadamente, aquelas qualidades e vos deixastes persuadir a ir para a guerra, não existe naturalmente motivo, para que eu agora sofra a acusação de ter errado.

LXI. “Para quem a possibilidade de escolha existe e que está bem na vida, ir para a guerra é completa loucura. No entanto, se for forçosa a escolha entre entregar-se e imediatamente submeter-se aos vizinhos, ou correr os riscos da luta e sair vencedor, o que foge ao perigo é mais merecedor de censura do que quem o enfrenta. [2] A verdade é que, enquanto eu sou o mesmo, e não modifiquei a minha posição, vós sofrestes uma mudança, pois aconteceu que fostes persuadidos, enquanto não afectados pelos acontecimentos, mas arrependestes-vos, quando começastes a sofrer e assim, com a vossa capacidade de avaliar diminuída, o meu conselho não vos parece agora correcto, porque o sofrimento domina em cada um de vós a percepção da realidade e a prova das vantagens para todos não está ainda à vista; uma vez que esta tremenda mudança entrou violentamente nas vossas vidas sem qualquer aviso, com o vosso poder de compreender a realidade muito diminuído, não mostrais firmeza naquilo que já tínheis decidido. [3] Com efeito, o que é repentino e não esperado e acontece sem qualquer plano de premeditação, pode subjugar o raciocínio. E isto, para além de outras razões, em especial a peste, foi o que nos aconteceu. [4] Contudo, uma vez que sois cidadãos duma cidade tão importante e fostes criados em costumes que correspondem à sua importância, deveis por vontade própria suportar as calamidades por maiores que sejam e não manchar a vossa

reputação (de facto, os homens julgam igualmente apropriado censurar aquele cuja tibieza fica para quem da sua já conhecida reputação, e odiar quem tem a audácia de alcançar uma reputação que não merece), mas sim deixar de sofrer por causa dos vossos interesses particulares e tomar como causa a salvação da comunidade.

LXII. “Quanto ao sofrimento ao longo desta guerra, que ele não seja muito, mesmo que nada mais conquistemos. Que seja suficiente para vós aquilo que noutros discursos em diferentes ocasiões muitas vezes vos mostrei: que as vossas apreensões são infundadas. Mas vou agora chamar a vossa atenção para uma coisa que me parece que nunca compreendestes e de que eu não falei em discursos prévios: o princípio para vós da grandeza do vosso império. E não falaria disto agora, porque contém declaração bastante pomposa, se não vos visse tão excessivamente tomados de pânico. [2] Na realidade, vós pensais que tendes poder somente sobre os aliados, mas eu declaro que das duas partes que o homem pode explorar, a terra e o mar, vós sois senhores supremos duma parte completa, tal como agora a ocupais e também mais território se assim o desejardes, e não há ninguém, nem o Grande Rei, nem qualquer outro povo que existe nos tempos presentes que se vos oponha quando navegais com as forças navais que possuis. [3] Este poder não se compara com o uso das vossas casas e das vossas terras, coisas que considerais importantes e de que fostes despojados; mas não é razoável que uma pessoa se mortifique por causa delas, mas sim que lhes dê pouco valor, pensando que, em comparação com este poder, são apenas como um jardim, um adorno supérfluo duma grande fortuna, e que compreenda que a liberdade, se a conservarmos e a defendermos, facilmente recuperará aquelas coisas que perdestes. Por outro lado, se uma pessoa se deixa subjugar por outros, mesmo aquilo que adquiriu no passado vai desaparecer. Em

ambos os aspectos, tendes pois de não vos mostrar inferiores aos vossos pais que, pelos seus próprios esforços, sem receber nada de outros, adquiriram estas coisas, as conservaram e a vós as transmitiram; é na verdade mais desonra perder o que se tem, do que falhar em obtê-lo. E tendes de enfrentar os inimigos não só com o sentido da vossa superioridade mas até com um certo sentimento de desprezo. [4] Na realidade, mesmo um covarde pode ter confiança em si próprio que lhe vem da bem-aventurada ignorância, mas desprezo é privilégio daquele que confia na sua capacidade de raciocínio para dominar os adversários, como é o nosso caso. [5] Na verdade, sendo a sorte semelhante, o conhecimento que vem da consciência de que se é superior torna a coragem mais forte, menos confiada em esperança, que é o poder último em situações desesperadas, e mais na opinião que se forma nas circunstâncias presentes a partir da qual é mais seguro fazer previsões.

LXIII. “É justo que vós sejais portanto chamados para defender esta cidade, cujo prestígio vem do império que vós todos admirais, e que não eviteis sacrifícios a não ser que não procureis obter as suas honras. E não penseis que a luta é sobre uma questão única, a vossa servidão ou a vossa liberdade. É também sobre a perda de poder sobre outros e sobre o perigo em que o ódio causado pela forma de exercício de poder vos pôs. [2] Vós não podeis agora renunciá-la mesmo se, nas presentes circunstâncias, alguém, por medo, escolher evitar os negócios de Estado de forma corajosa. Porque o que agora tendes é uma tirania, que talvez fosse injusto ter criado, mas é certamente perigoso eliminar. [3] Homens como estes destruiriam rapidamente a cidade, quer se conseguissem convencer outros a segui-los, quer noutras terras se vivessem sem quaisquer obrigações. Na verdade, homens que não se entregam à acção política não estão seguros a menos que protegidos por homens de acção. Tal inércia não

é benéfica na cidade imperial, mas sim na cidade vassala, o que equivale a dizer em escravatura, se bem que em segurança.

LXIV. “Não vos deixeis enganar por tais cidadãos nem continueis na vossa ira contra mim, quando vós próprios consentistes em fazer esta guerra, se os inimigos chegaram de repente e fizeram exactamente aquilo que por certo fariam se vós recusasseis submeter-vos a eles e para além destas coisas que aconteceram, esta peste caiu sobre nós, o único acontecimento dentre todos que surgiu sem nós esperarmos. E é por causa desta sobretudo que eu sei que me detestais ainda mais, o que não é justo a não ser que, quando houver um sucesso que não foi planeado, me atribuídes o crédito. [2] O que é necessário é suportar o que vem dos deuses com resignação e o que vem dos inimigos com coragem. Este era o costume antigo nesta cidade e não deveis agora opor-vos a ele. [3] Lembrai-vos também que se Atenas tem o nome mais ilustre na humanidade, é porque não se rendeu à adversidade; também porque consumiu mais vidas e esforço na guerra do que qualquer outra cidade e até hoje ganhou poder que é maior do que qualquer outro existente, e assim vai ficar para sempre na memória da posteridade, mesmo se um dia cedermos um pouco, na verdade, segundo as leis da natureza, tudo cresce e decai, tal como nós de todos Helenos tivemos poder sobre a maioria dos Helenos e combatemos as maiores guerras contra eles, quer quando em conjunto com os seus aliados, quer quando sozinhos, e vivemos numa cidade sem rival em riqueza e grandiosidade. [4] E contudo, quem não é politicamente activo pode criticar estas glórias enquanto quem quer fazer alguma coisa vai querer imitá-las e, se alguém as não tem, vai invejá-las. [5] Ódio e sofrimento nas circunstâncias presentes aconteceram sempre àqueles que se atreveram a dominar os outros. Mas quem aceita o ódio com a intenção de

realizar os seus mais ambiciosos planos toma a decisão correcta. Na realidade, o ódio não resiste por muito tempo mas o esplendor do presente e a glória que depois vem, ficam como herança para sempre recordada. [6] Portanto, vós que já decidistes o que é nobre no futuro e não vergonhoso no presente, aceitai ambos com entusiasmo e não mandeis emissários aos Lacedemónios, nem mostreis que estais atormentados pelos vossos sofrimentos presentes, pois aqueles cujo pensamento está menos angustiado com os seus infortúnios e a estes mais resistem pelas suas acções, são os mais fortes quer sejam cidades ou cidadãos.”

LXV. Com estes argumentos, Péricles queria libertar os Atenienses do rancor que sentiam contra ele e impedi-los de pensar nos problemas imediatos. [2] Do ponto de vista público, eles deixaram-se convencer por Péricles e não só não enviaram emissários aos Lacedemónios mas também tomaram mais interesse pela guerra. Porém, do ponto de vista privado, continuaram angustiadados com os seus sofrimentos. A verdade é que o povo que começara com poucas coisas, fora privado mesmo dessas, mas os poderosos perderam bonitas propriedades no campo com casas e mobílias caras e, pior ainda, estavam agora em guerra em vez de paz. [3] Portanto, não desistiram da ira contra ele antes de o castigarem com uma multa. [4] Mas pouco tempo depois, como as massas gostam de fazer, escolheram-no como estratega e confiaram-lhe todos os negócios de Estado, porque cada um se tinha tornado então menos sensível à dor causada pelos seus assuntos privados e porque julgavam que ele era o homem de mais valor de que a cidade necessitava. [5] Na verdade, enquanto em tempo de paz ele esteve à frente dos negócios da cidade, desempenhou o cargo com moderação, manteve a cidade em segurança e durante este tempo, Atenas atingiu o auge da sua grandeza, e quando a guerra começou, parece que fez o prognóstico correcto do

seu poder. [6] A guerra tinha começado há dois anos e meio, quando Péricles morreu. E depois da sua morte as previsões que tinha feito sobre a guerra tornaram-se ainda mais claras. [7] Na verdade, ele tinha dito aos Atenenses que, se esperassem pacientemente, cuidassem da sua marinha e não conquistassem mais território durante a guerra, nem pusessem a cidade em risco, sairiam vencedores. Mas eles fizeram tudo ao contrário do que ele lhes aconselhara e também, em matéria que aparentemente nada tinha a ver com a guerra, governaram a cidade de acordo com as suas ambições e interesses privados, prejudicando-se a si próprios e aos aliados da cidade, e quando falharam, causaram prejuízo à cidade durante a guerra. [8] A razão disto é que Péricles tinha poder devido à sua competência e reputação e era de forma bem clara totalmente incorruptível; conteve a multidão como quis e guiou-a mais do que foi guiado por ela. De qualquer modo, porque nunca obtivera para si próprio nada que não lhe pertencesse, falou-lhes da absoluta necessidade de seguirem os seus conselhos, e não para lhes agradar. E mantendo-se firme na sua exigência, contrariou-os a ponto de lhes provocar ira. [9] De qualquer modo, quando os via confiantes e cheios de arrogância não justificada, com uma palavra incutia-lhes medo mas, por outro lado, se estavam em pânico, restaurava-lhes a confiança. E assim Atenas de nome uma democracia, era na realidade governada pelo seu cidadão mais importante. [10] Os sucessores de Péricles, uma vez que eram mais iguais uns aos outros, mas cada um tentava tornar-se no cidadão mais importante, mudaram a conduta dos negócios da cidade e entregaram-na à população e seus caprichos. [11] Como consequência disto, tratando-se de cidade grande com império, muitos outros erros foram cometidos como em especial a expedição à Sicília, que foi não tanto um erro de decisão o ir contra ela, mas sim o facto de os responsáveis não terem procurado arranjar o que era necessário para os expedi-

cionários. Em intrigas privadas para obter a posição de chefia do povo, fizeram a armada mais fraca e pela primeira vez trouxeram para Atenas perturbação social. [12] Depois de terem falhado o projecto na Sicília, perdida grande parte da armada e espalhada a revolta pela cidade, mesmo assim conservaram dez anos mais o poder contra inimigos que já existiam, também contra os Sicilianos e até contra aqueles dos seus aliados que se tinham virado contra eles; e finalmente contra Ciro, filho do Grande Rei, que deu aos Peloponésios dinheiro para a armada deles. E não se renderam antes de ter falhado por implicarem uns com os outros em discórdias privadas. [13] Para Péricles naquele momento havia tantos recursos na cidade que ele podia prever que Atenas com grande facilidade poderia levar a melhor aos Peloponésios nesta guerra.

Os Lacedemónios atacam

LXVI. Durante este mesmo Verão, os Lacedemónios e os seus aliados fizeram uma expedição com cem navios contra a ilha de Zacinto que fica junto da Élida. Os habitantes da ilha são colonos dos Aqueus do Peloponeso e aliaram-se aos Atenenses. [2] Havia a bordo mil hoplitas lacedemónios e comandava-os o almirante espartano Cnémon. Tendo desembarcado na ilha, devastaram muita coisa, mas uma vez que os habitantes não se renderam, rumaram de volta à sua terra.

LXVII. E no fim do mesmo Verão, o coríntio Aristeu e três embaixadores lacedemónios, Aneristo, Nicolau e Pratomamo, e também Timágoras de Tegeia e Pólis de Argos, este na sua capacidade de cidadão privado, partiram para a Ásia para ver se podiam convencer o Grande Rei a contribuir com dinheiro para a guerra e a juntar-se a eles como aliado.

Chegaram primeiro à corte de Sitalces, filho de Teres da Trácia, que desejavam convencer, se pudessem, a abandonar a aliança com os Atenienses e a mandar uma expedição para Potideia, na altura cercada por forças atenienses e qualquer que fosse o resultado das suas diligências, desejavam a sua ajuda para atravessar o Helesponto e serem recomendados a Farnaces, filho de Farnabazo, que iria então mandá-los ao Grande Rei. [2] Mas dois enviados atenienses, Learco, filho de Calímaco e Aminíades filho de Filémon, que por acaso estavam de visita a Sitalces, convenceram Sádoco, filho de Sitalces, que se tornara cidadão de Atenas, a entregar-lhes os homens para que eles não pudessem chegar ao Grande Rei e, em conformidade com o que já tinham feito, causar dano à sua cidade. [3] Sádoco concordou e tendo enviado algumas tropas com Learco e Ameiníades com ordens para entregar os prisioneiros aos Atenienses, prendeu os embaixadores que viajavam através da Trácia a caminho do navio que os levaria ao outro lado do Helesponto, antes que o tivessem alcançado. Assim que os apanharam, os enviados atenienses levaram-nos para Atenas. [4] Quando chegaram, os Atenienses receando que Aristeu escapasse e lhes causasse de novo mais problemas, uma vez que ele tinha sido obviamente o principal agente do que acontecera em Potideia e de tudo o que acontecera na Trácia, sem os julgar nem ouvir o que possivelmente queriam dizer, naquele mesmo dia mataram-nos e atiraram-nos para uma ravina. Pensavam que era justificável defender-se usando os mesmos métodos que os Lacedemónios tinham usado no princípio da guerra quando, tendo apanhado mercadores atenienses e dos seus aliados em navios mercantes que navegavam perto do Peloponeso, os mataram e os atiraram para ravinas. Na verdade, no princípio da guerra, os Lacedemónios matavam como inimigos todos os homens que apanhassem no mar, quer eles combatessem do lado dos Atenienses, quer fossem neutros.

LXVIII. Por esta mesma altura, com o Verão a acabar, os próprios Ambraciotas com muitos dos Bárbaros que tinham incitado para a luta fizeram uma expedição contra Argos na Anfilóquia e contra toda a Anfilóquia. [2] O ódio entre Ambraciotas e Argivos teve a seguinte origem: [3] Anfíloco, filho de Anfíarau, no regresso da guerra de Tróia, não satisfeito com a situação em Argos fundou uma nova Argos na Anfilóquia junto do golfo de Ambrácia e chamou-lhe Argos, com o mesmo nome da sua cidade natal. [4] E esta cidade era a maior da Anfilóquia e tinha os habitantes mais poderosos. [5] Muitas gerações depois, acossados por desgraças, convidaram os Ambraciotas seus vizinhos a partilhar com eles o território e em consequência desta união com os Ambraciotas pela primeira vez aprenderam então o Grego que agora falam. Na realidade, os outros Anfílocos são bárbaros. [6] Passado algum tempo, os Ambraciotas expulsaram os Argivos e tomaram a cidade. [7] Quando isto aconteceu, os Anfílocos colocaram-se sob a protecção dos Acarnânios e juntamente com estes pediram auxílio aos Atenienses, que lhes mandaram o estratega Formião e trinta navios. Assim que este chegou, tomou a cidade pela força e reduziu os Ambraciotas à escravatura e deste modo, Anfílocos e Acarnânios colonizaram a área juntos. [8] Foi depois disto que primeiro se estabeleceu a aliança entre Atenienses e Acarnânios. [9] Os Ambraciotas conceberam primeiramente ódio contra os Argivos, porque estes lhes tinham imposto a escravidão; seguidamente, durante a guerra, fizeram uma expedição em que interviewaram, além deles próprios, os Caónios e alguns outros Bárbaros vizinhos. E quando chegaram perto de Argos, atacaram a cidade, mas como não puderam tomá-la, retiraram para as suas terras de origem, separando-se segundo os respectivos povos. Foram estes os acontecimentos do Verão.

LXIX. No Inverno seguinte, os Atenienses mandaram à volta do Peloponeso vinte navios sob o comando de

Formião que, fazendo de Naupacto a sua base de operações, montou ali vigia de tal modo que ninguém pudesse navegar de Corinto ou para Corinto e o mesmo para o Golfo Cri-seu; mais seis navios sob o comando de Melesandro foram enviados para a Cária e Lícia, para que estas pagassem tributos e para que a pirataria dos Peloponésios não estabelecesse ali base de operações para impedir viagens de barcos mercantes a partir de Fasélida e da Fenícia e de outras terras do continente. Mas Melesandro desembarcou com uma força de Atenienses e aliados na Lícia e tendo sido derrotado no campo da batalha, foi morto e com ele parte do exército que o acompanhava.

LXX. Durante este mesmo Inverno, os habitantes de Potideia porque não podiam suportar mais o cerco, e as incursões dos Peloponésios na Ática não tinham levado, mais do que antes, os Atenienses a levantar o cerco e partir, e porque as provisões se esgotaram e de verdade ali muitas coisas aconteceram provocadas pela necessidade de arranjar sustento, pois que até se comeram uns aos outros, mandaram aos estrategos atenienses Xenofonte, filho de Eurípides, Hestiodoro, filho de Aristoclides e Fanómaco, filho de Calímaco proposta para capitularem. [2] Os estrategos aceitaram a proposta, porque viam o sofrimento do exército ateniense em lugar tão invernososo e também porque Atenas já tinha gasto dois mil talentos no cerco. [3] Os termos do tratado eram os seguintes: os Potideus deixavam a cidade com os filhos, as mulheres e as tropas mercenárias, cada um com um manto, as mulheres com dois, e uma determinada soma em dinheiro para a viagem. [4] Assim, de acordo com os termos do tratado saíram para a Calcídica e para onde cada um pôde. Mas os Atenienses acusaram os estrategos de fazerem um acordo sem os consultarem. Pensavam eles que podiam ter dominado a cidade pela força, segundo os seus termos e seguidamente, mandaram os seus próprios colonos para

Potideia e colonizaram-na. [5] Isto aconteceu no Inverno e assim termina o segundo ano desta guerra sobre a qual Tucídides escreveu.

LXXI. No Verão seguinte, os Peloponésios e os seus aliados não invadiram a Ática mas fizeram uma expedição contra Plateias. Comandava-os Arquidamo, filho de Zeuxidamo, rei dos Lacedemónios, e depois que ele fez o exército acampar e se preparava para pilhar a região, os de Plateias mandaram-lhe logo embaixadores que disseram o seguinte: [2] “Arquidamo e Lacedemónios, ao invadir o território dos Plateenses, vós agis injustamente, de forma que nem é digna de vós nem dos vossos antepassados. Na verdade, Pausânias, filho de Cleombroto, o Lacedemónio, quando libertou a Hélade dos Medos com o auxílio dos Helenos que desejaram participar do perigo da batalha que se realizou perto da nossa cidade, ofereceu na praça pública de Plateias um sacrifício a Zeus Libertador e tendo convocado todos os aliados, restituiu aos Plateenses o seu território e a sua cidade para a habitarem em independência e sem que ninguém jamais pudesse injustamente atacá-la ou escravizar. E se isto acontecesse os aliados presentes defendê-la-iam com todo o seu poder. [3] Estas concessões deram-nos os vossos antepassados em virtude da coragem que mostrámos naqueles perigos, mas vós fazeis o contrário. Com os Tebanos, que são os piores dos nossos inimigos, vindes para nos escravizar. [4] Sejam os deuses testemunhas dos nossos juramentos de então, e os deuses dos vossos pais e da nossa cidade, quando vos pedimos que não causeis dano à terra de Plateias, nem violeis os vossos juramentos, mas nos deixeis viver independentes como Pausânias julgou ser o nosso direito.”

LXXII. Quando os Plateenses acabaram de falar, Arquidamo respondeu e disse: “Ó cidadãos de Plateias, o que dizeis é justo se os vossos actos corresponderem às vossas palavras.

Na verdade, como Pausânias vos concedeu tal direito, vivei independentes e juntai-vos a nós para libertar aqueles que, tendo participado nos perigos de então, juraram convosco os mesmos juramentos mas estão agora sob o poder ateniense, e estes preparativos e esta guerra surgiram por causa deles e para outros libertar. Por isto principalmente deveis participar e conservar-vos fiéis aos vossos juramentos. Se não, como já vos propusemos primeiro, conservai-vos em paz, gozando do que tendes; não tomeis partido, recebei os dois lados como amigos, mas nenhum dos dois para a guerra. E isto será suficiente para nós.” [2] Assim falou Arquidamo, e os enviados plateenses depois de o escutarem, regressaram a Plateias; e depois de terem comunicado ao povo o que tinha sido dito, responderam a Arquidamo que era impossível para eles fazer aquilo que ele propunha, sem o parecer dos Atenienses, uma vez que os filhos e as mulheres deles estavam em Atenas e eles receavam pelo futuro da cidade no seu conjunto já que depois de os Lacedemónios retirarem, os Atenienses podiam voltar e não sancionar o combinado, ou os Tebanos, ligados pelo mesmo juramento de neutralidade, podiam tentar de novo tomar a cidade. [3] Mas Arquidamo desejando incutir-lhes confiança disse-lhes: “Confiai-nos a nós Lacedemónios a vossa cidade e as vossas casas, mostrai-nos os limites da vossa terra trazendo-nos o número das vossas árvores e do que quer que possa ser contado e vós emigrai para onde quiserdes enquanto há guerra. Assim que esta acabar, nós restituiremos tudo que tomámos. Até lá, conservaremos tudo em depósito, trabalharemos a terra e pagar-vos-emos o que vos parecer adequado.”

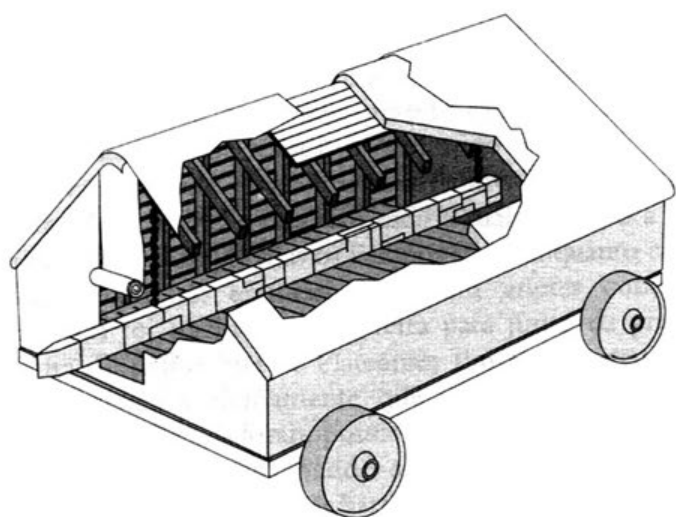
LXXIII. Depois de ouvirem estas palavras, os enviados de Plateias voltaram de novo à cidade e tendo consultado o povo, responderam que primeiro queriam comunicar estas propostas aos Atenienses, e se os persuadissem, fariam o que

Arquidamo tinha proposto. Entretanto, pediram tréguas e que não lhes saqueassem o território. Arquidamo deu-lhes tréguas para o número de dias obviamente necessários para a viagem e não destruíram o território. [2] Mas quando os enviados de Plateias foram aos Atenenses e os consultaram sobre o assunto, voltaram para Plateias e anunciaram o seguinte: “Homens de Plateias, em tempo algum passado desde que somos aliados dos Atenenses, dizem eles, que jamais vos abandonaram quando alguém vos fez mal, nem agora vão ignorar-vos mas sim ajudar-vos com todo o seu poder. Assim, ordenam-vos que, de acordo com os juramentos que os vossos pais juraram, não façais mudanças no que respeita à aliança.”

LXXIV. Assim que os enviados fizeram este comunicado, os Plateenses decidiram não trair os Atenenses e passarem por ver o seu território destruído, se fosse necessário, e suportar quaisquer outros sofrimentos que pudessem sobrevir. Decidiram também que ninguém devia sair da cidade e que das muralhas seria dada a resposta de que era para eles impossível fazer o que os Lacedemónios tinham proposto. [2] E quando eles deram esta resposta, o rei Arquidamo então invocando os deuses e heróis da região como testemunhas, disse o seguinte: [3] “Deuses e heróis que possuis esta terra de Plateias, testemunhai que no princípio nós não fizemos nada de errado, mas quando os Plateenses primeiro abandonaram o juramento que todos tinham jurado, nós invadimos o território no qual os nossos pais invocando-vos nas suas orações, venceram os Medos, território que vós tornastes propícios para os Helenos combaterem e agora, se nós agirmos, não faremos qualquer injustiça uma vez que lhes fizemos muitas propostas razoáveis e eles não as aceitaram. Castigai aqueles que foram os primeiros a cometer uma injustiça, e que aqueles que de acordo com a lei procuram vingança, a obtenham.”

LXXV. Depois deste apelo aos deuses, prepararam o exército para a guerra. Primeiro, fizeram uma paliçada com árvores que tinham cortado para que ninguém pudesse sair da cidade; depois, ergueram uma barreira junto da cidade na esperança de a tomarem rapidamente uma vez que tinham um tão grande exército. [2] Portanto, cortaram madeira de Citéron e construíram um muro de dois lados opostos um ao outro e em grade, de tal forma que a barreira não se alargasse muito e trouxeram e atiraram para dentro dela entulho composto de mato, pedras, terra e o que quer que pudesse completar a construção. [3] Continuaram o trabalho durante setenta dias e noites sem interrupção, divididos por turnos de tal forma que enquanto uns laboravam, outros dormiam e comiam. [4] E os Plateenses ao verem a construção a progredir, ergueram uma paliçada que levaram para junto da barreira dos Lacedemónios e dentro dela colocaram tijolos que tiraram das casas que ficavam na vizinhança. [5] As madeiras serviam para conservar os tijolos ligados uns aos outros e para que a estrutura não se tornasse frágil enquanto crescia em altura. Tinha também uma espécie de coberturas feitas de peles e couros para proteger os trabalhadores e as madeiras das flechas incendiárias atiradas pelo inimigo. [6] Enquanto este engenho crescia grande em altura e a barreira do lado oposto aumentava também sem dificuldade, os Plateenses imaginaram um novo estratagema; abrindo uma passagem na muralha no sítio onde se ligava à barreira, trouxeram a terra para dentro da cidade.

LXXVI. Mas os Peloponésios descobriram o que se passava e envolvendo com barro vimes entrelaçados, atiraram estes para a abertura feita pelos Plateenses na barreira, para que ela não se desmanchasse assim que a terra fosse extraída. [2] Os Plateenses, impedidos de levar o projecto avante, modificaram o plano e escavaram uma passagem subterrânea a partir da cidade e calculando o local debaixo



Aríete

da barreira onde tinham de escavar, começaram imediatamente a tirar a terra debaixo da barreira e a transportá-la para o lado deles. E durante muito tempo não foram notados pelos que estavam de fora, de tal modo que os materiais que atiravam para construir a barreira pouco adiantavam uma vez que eram extraídos da camada do fundo em que assentavam. [3] Mas receosos de não poderem mesmo assim resistir contra tantos inimigos, sendo eles tão poucos, arranjaram ainda um outro estratagema: deixaram de trabalhar na construção junto da barreira e, começando da muralha baixa, de cada lado dela construíram do lado de dentro na direcção da cidade uma muralha nova na forma dum crescente para que, se a muralha grande caísse nas mãos do inimigo, esta pudesse resistir, e o inimigo tivesse de construir nova barreira e ao avançar para dentro desta área, teria o dobro do trabalho e também estaria mais exposto a ataques dos dois lados. [4] Mas os Peloponésios, enquanto construíam a barreira, também trouxeram aríetes contra a cidade: um foi trazido pela barreira para junto da grande estrutura de defesa que os Plateenses tinham construído e derrubou-a tão violentamente que os Plateenses ficaram aterrorizados. Outros foram postos noutros pontos da muralha mas os Plateenses apanhando-os num laço, partiam-nos. Também suspenderam longas barras de madeira com cadeias de ferro ligadas dos dois lados a barrotes que assentavam na muralha e se estendiam para além dela; puxando para si as barras atravessadas, sempre que um aríete estava a ponto de atacar, largavam-nas com as cadeias lansas e sem as controlar com as mãos, e com o impulso da queda elas partiam a cabeça do aríete.

LXXVII. Depois disto, os Peloponésios ao verem que os aríetes não lhes davam qualquer ajuda e que a rampa que construíam era neutralizada pelas fortificações que os Plateenses erigiam para sua defesa, pensando que era impossível

tomar a cidade sem meios mais eficazes do que os presentes, começaram a preparar-se para a cercar com uma muralha. [2] Mas primeiro decidiram tentar o fogo, na esperança, se o vento mudasse, de poderem queimá-la uma vez que a cidade não era grande. Na verdade, em toda a espécie de estratégia pensaram, pela qual de toda a maneira a cidade pudesse ser conquistada sem a despesa dum cerco. [3] Portanto, trouxeram feixes de lenha e atiraram-nos primeiro da barreira para o espaço entre esta e a muralha, e rapidamente, tendo esta área ficado cheia de gente para ajudar, juntaram os feixes e atiraram-nos pelo ar o mais possível para dentro da cidade e em seguida pegaram-lhes fogo com enxofre e pês. [4] Surgiu assim um incêndio tão grande como ninguém tinha jamais visto produzido por mão de homem. É verdade que nas montanhas quando madeira roça contra outra madeira, fogo e chamas surgem espontaneamente causadas por esse facto. [5] Mas este fogo em Plateias foi enorme e quase destruiu os Plateenses que tinham escapado a outros perigos. Com efeito, numa área grande da cidade ninguém se podia chegar ao fogo e se o vento, soprando na direcção da cidade tivesse surgido, como o inimigo tinha esperança que acontecesse, os Plateenses não tinham escapado. [6] Mas diz-se que chuva intensa e trovoadas apagaram as chamas e assim puseram termo a este perigo.

LXXVIII. Tendo falhado nisto, os Peloponésios deixaram em Plateias uma parte do exército, mandaram embora a maioria e cercaram a cidade com uma muralha dividindo-a para defesa entre as cidades presentes. Fizeram uma vala dentro e outra fora da muralha donde extraíram a terra para fazer os tijolos. [2] E quando a muralha ficou completa, mais ou menos quando Arcturo aparece no céu, puseram guardas em metade da muralha e, na outra metade, estavam de vigia os Beócios. Depois, retiraram as tropas e despediram-nas de acordo com as cidades a que pertenciam.

[3] Os Plateenses tinham mandado para Atenas filhos, mulheres e também os homens mais velhos e grande número de homens já incapacitados para a guerra. Os homens que tinham ficado na cidade cercada eram quatrocentos e também oitenta Atenienses e cento e dez mulheres para fazer a comida. [4] Estes eram todos os que ficaram na cidade, quando o cerco começou, e não havia dentro da muralha mais ninguém, quer fosse escravo ou homem livre. Tal foi a estratégia usada no cerco de Plateias.

Combates a Norte do mar Egeu

LXXIX. Durante o mesmo Verão, ao mesmo tempo que a expedição contra Plateias estava a decorrer, os Atenienses com dois mil dos seus hoplitas e duzentos cavaleiros marcharam contra os Calcídicos na Trácia e os Botieus, exactamente quando o trigo está maduro. Comandava-os Xenofonte, filho de Eurípides, e mais dois estrategos. [2] Quando chegaram perto de Espartolo na região de Botica, destruíram a colheita. Julgavam também que a cidade lhes passaria para as mãos, porque estavam em negociações com uma facção dentro da cidade. Mas a oposição não queria esta solução e tinha mandado palavra a Olinto e assim, hoplitas e outras tropas tinham vindo para proteger a cidade. E quando estes fizeram uma sortida saindo de Espartolo, os Atenienses tiveram de travar batalha com eles em frente da cidade que queriam conquistar. [3] Os hoplitas dos Calcídicos e alguns mercenários foram derrotados pelos Atenienses e retiraram para Espartolo mas os cavaleiros dos Calcídicos e as tropas ligeiras derrotaram os cavaleiros e as tropas ligeiras dos Atenienses. [4] Os Calcídicos tinham alguns peltastas vindos da terra chamada Crúsis. E justamente depois da batalha, outros peltastas vieram de Olinto para ajudar. [5] E quando as tropas ligeiras de Espartolo os

viram, encorajados pela sua chegada e porque antes não tinham sido derrotados, imediatamente atacaram de novo os Atenenses com o auxílio da cavalaria calcídica e dos que tinham acabado de chegar para os ajudar. E os Atenenses recuaram na direcção das duas companhias que tinham deixado junto das bagagens. [6] E sempre que os Atenenses atacavam, eles recuavam, mas quando os Atenenses bateram em retirada, eles atacaram-nos, atirando-lhes dardos. Depois a cavalaria da Calcídica aproximando-se, atacou-os sempre que tinham oportunidade causando não pouco medo entre os Atenenses e, finalmente, puseram-nos em fuga e perseguiram-nos por considerável distância. [7] Os Atenenses refugiaram-se em Potideia, e a seguir, protegidos por um tratado de tréguas, recuperaram os seus mortos e retiraram para Atenas com o exército que lhes restava, tendo perdido quatrocentos e trinta homens e todos os estrategos. Os Calcídicos e os Botieus ergueram um troféu, e depois de recolherem os seus próprios mortos, foram mandados embora para as suas cidades.

A investida dos Lacedemónios na Acarnânia

LXXX. Durante este mesmo Verão, não muito depois destes acontecimentos, os Ambraciotas e os Caónios, desejando subjugar toda a Acarnânia e separá-la de Atenas, convenceram os Lacedemónios a preparar uma armada de forças aliadas e a mandar mil hoplitas contra a Acarnânia dizendo que se eles viessem por mar e por terra simultaneamente, uma vez que os Acarnanos não podiam ser socorridos por mar, com facilidade tomariam a Acarnânia e seriam talvez também senhores de Zacinto e Cefalénia. E a viagem por mar à volta do Peloponeso não seria possível para os Atenenses como antes. [2] Além disto, havia a esperança de conquistar também Naupacto. Os Lacedemónios tendo

concordado, mandaram imediatamente Cnemo, então ainda navarco, e os hoplitas em poucos barcos e deram ordens para que a armada aliada fosse equipada e o mais rapidamente possível partisse para a Leucádia. [3] Os Coríntios estavam especialmente interessados uma vez que os Ambraciotas eram seus colonos. A armada que viria de Corinto e Sicione e doutros lugares da região estava ainda a ser equipada, mas a de Leucádia, Anactório e Ambrácia tendo chegado primeiro, ficou à espera em Leucádia. [4] Cnemo e os mil hoplitas que estavam com ele, depois de fazerem a travessia sem serem notados por Formião que comandava os vinte navios atenienses a proteger Naupacto, prepararam imediatamente a expedição por terra. [5] Com ele, dos Helenos, estavam Ambraciotas, Anactórios e Leucádios e também os mil Peloponésios que o tinham acompanhado e os Bárbaros eram mil Caónios, que não tendo rei, eram comandados por Fócio e Nicanor da família governante daquele ano. Com os Caónios estavam também Tesprotos que igualmente não tinham rei. [6] Molossos e Atintanes eram comandados por Sabilinto, tutor do rei Táripes que era ainda criança; comandava os Paraveus o rei Oredo. Mil Orestas, cujo rei era Antíoco, combatiam ao lado dos Paraveus uma vez que Antíoco os tinha confiado a Oredo. [7] E Perdicas também enviou, sem os Atenienses saberem, mil Macedónios que chegaram tarde demais. [8] Com este exército Cnemo iniciou a marcha sem esperar pela esquadra que vinha de Corinto e ao passar por Limneia, aldeia não muralhada no território de Argos, saquearam-na. Alcançaram Estrato, a maior cidade da Acarnânia, pensando que se pudessem tomá-la primeiro, o restante território facilmente se lhes entregaria.

LXXXI. Quando os Acarnanos perceberam que um grande exército os tinha invadido por terra e do mar com navios e que os inimigos estavam a chegar, não se juntaram

para se ajudar mas cada um protegeu o que era seu e mandaram pedir a Formião que os ajudasse. Mas este disse que com uma armada inimiga prestes a deixar Corinto não podia deixar Naupacto sem ninguém. [2] Entretanto, os Peloponésios e os seus aliados, tendo dividido as tropas em três esquadrões, avançaram para a cidade dos Estrácios, para acampar perto dela e, se não os pudessem convencer por palavras, tentar assaltar a muralha pela força. [3] Avançaram, tendo os Caónios e os outros Bárbaros o centro, à direita destes iam os Leucádios e os Anactórios e os que estavam com estes; à esquerda, Cnemo e os Peloponésios e Ambra-ciotas. As forças estavam muito separadas umas das outras, de tal forma que nem se viam. [4] E os Helenos avançavam em boa ordem, conservando-se vigilantes até montarem acampamento em local apropriado. Mas os Caónios, confiados em si próprios e conhecidos pelas gentes da região como os melhores guerreiros, não pararam para assentarem acampamento e, tendo avançado precipitadamente com os outros Bárbaros, pensavam que poderiam tomar a cidade sem resistência e ficar com a glória do feito para si próprios. [5] Porém os Estrácios, vendo que eles continuavam a avançar e pensando que se os vencessem enquanto isolados, os Helenos não os atacariam da mesma forma, prepararam-lhes emboscadas nos arredores da cidade e quando eles chegaram perto, avançaram e das emboscadas atiraram-se sobre eles. [6] Em pânico, muitos dos Caónios foram mortos e os outros Bárbaros, ao verem-nos falhar, não mantiveram as suas posições e puseram-se em fuga. [7] Nenhuma das divisões dos Helenos sabia desta batalha, porque os Bárbaros tinham ido muito à frente deles e porque pensavam que eles se apressavam para arranjar lugar para o acampamento. [8] Mas quando os Bárbaros, fugindo, entraram pelo acampamento deles, receberam-nos e juntando os dois contingentes conservaram-se em sossego durante o dia, uma vez que os Estrácios não se aproximaram, porque os outros Acarnanos

ainda os não tinham vindo socorrer, mas de longe usavam fundas e causavam dificuldades aos Helenos, que não podiam mexer-se sem armadura. Parece que os Acarnanos eram os melhores nesta forma de combate.

LXXXII. Quando caiu a noite, Cnemo retirou-se rapidamente com as suas forças para o rio Anapo, que fica a oitenta estádios de Estrato, e no dia seguinte, ao abrigo de tréguas, recolheu os seus mortos e, como os Eníadas tinham participado na expedição por amizade, retirou para o território deles antes de ter chegado ajuda, e dali cada um voltou para casa. E os de Estrato levantaram um troféu para comemorar a batalha com os Bárbaros.

Formião e as batalhas navais em Patras e Naupacto

LXXXIII. Entretanto, a armada de Corinto e de todos os aliados do Golfo Criseu que devia juntar-se a Cnemo para impedir que os Acarnanos da orla marítima viessem ajudar os do interior, não o fez e teve de combater Formião e os vinte navios atenienses que estavam a guardar Naupacto, mais ou menos no mesmo dia da batalha em Estrato. [2] Na verdade, Formião estava a vê-los a sair do golfo e queria atacá-los no mar alto. [3] E os Coríntios e os seus aliados que iam a caminho da Acarnânia, não preparados para batalha naval mas sim para batalha em terra firme, não pensaram que os Atenienses com vinte navios ousariam travar batalha com os seus quarenta e sete. Mas quando viram que os Atenienses navegavam do lado oposto àquele em que eles próprios navegavam e, quando tentaram zarpar de Patras na Acaia para terra firme no lado oposto para irem para a Acarnânia, notaram que os Atenienses navegavam na direcção deles vindos de Cálcis e do rio Eveno e, tendo tentado escapar durante a noite sem sucesso, foram assim obri-

gados a travar batalha naval no meio do golfo. [4] Eram comandados, segundo as cidades que tinham contribuído para a expedição: dos Coríntios, Macáon, Isócrates e Agatárquidas. [5] Os Peloponésios formaram a linha de batalha como um enorme círculo de navios, de tal forma que nenhuma embarcação inimiga podia penetrá-lo. Apresentavam-se com as proas viradas para fora, as popas para dentro do círculo e colocaram as embarcações ligeiras, que os acompanhavam, no interior do círculo e também cinco dos seus melhores navios prontos a navegar rapidamente para onde quer que o inimigo atacasse.

LXXXIV. E os Atenienses, ordenados em linha singular, navegavam ao longo do círculo dos Peloponésios, bem próximos, apertando-os cada vez mais e dando a impressão de estarem prontos para atacar imediatamente. Mas Formião tinha dado ordem para não atacarem antes de ele dar o sinal. [2] Com efeito, esperava que os navios inimigos não mantivessem a ordem de batalha em que estavam, como em terra firme uma força de infantaria manteria, mas sim que batessem uns contra os outros e que as pequenas embarcações causassem confusão se, como ele esperava enquanto navegava à volta do círculo inimigo, do golfo se levantasse a brisa que costumava surgir pela madrugada; então, as embarcações não permaneceriam imobilizadas por tempo algum. Pensava que uma vez que os seus navios navegavam melhor, o ataque seria quando ele quisesse e aquele seria o melhor momento. [3] Assim, quando o vento se levantou e os navios que estavam em espaço reduzido foram lançados em desordem empurrados por duas coisas, o vento e as pequenas embarcações, quando barco batia contra barco e as tripulações os empurravam com varas para os manter separados, enquanto gritavam uns contra os outros e praguejavam de tal forma que nem ouviam as ordens que lhes eram dadas nem o ritmo marcado pelo patrão dos rema-

dores e, como eram inexperientes, não podiam levantar os remos no mar revolto e alto tornando assim os barcos mais difíceis de manejar para os homens do leme. E foi precisamente neste momento crítico que Formião deu o sinal e os Atenienses, atirando-se sobre os Peloponésios, afundaram primeiro um dos navios comandantes e seguidamente destruíram outros barcos para onde quer que eles fossem e nesta confusão nenhum dos Peloponésios se voltou para se defender, mas fugiram para Patras e Dime na Acaia. [4] E os Atenienses perseguiram-nos e, depois de terem capturado doze navios e trazido para bordo a maioria das tripulações, navegaram para Molícrio, ergueram um troféu junto a Rio, dedicaram um navio a Poseidon e regressaram a Naupacto. E os Peloponésios com os navios que lhes restavam, também navegaram dali imediatamente sempre junto à costa, de Dime e Patras para Cilene que era uma base naval dos Elidenses. Também Cnemo que vinha de Lêucade com os navios que se deviam ter juntado aos outros navios coríntios chegou a Cilene depois da batalha em Estrato.

LXXXV. E os Lacedemónios mandaram-lhe como conselheiros Timócrates, Brásidas e Lícofron, ordenando-lhes que preparassem melhor o próximo recontro naval e que não deixassem que uns poucos de navios os impedissem de se fazer ao mar. [2] Por outro lado, parecia-lhes que aquele era um resultado imprevisto, porque não só este era o primeiro combate naval em que participavam, mas também porque pensavam que a sua armada não era assim tão fraca; portanto, devia ter havido alguma cobardia mesmo sem comparar a longa experiência dos Atenienses com a falta de preparação deles. [3] Assim, enfurecidos, mandaram os conselheiros. Quando estes chegaram, juntamente com Cnemo, expediram mensagens para as cidades aliadas para prepararem mais barcos e equiparem para combate os que tinham à disposição. [4] Por seu lado, Formião enviou mensageiros

para Atenas para anunciar os preparativos do inimigo e para contar da batalha naval que eles tinham vencido e pedindo que lhe mandassem rapidamente tantos navios, quantos pudessem mandar, uma vez que todos os dias estava na expectativa de nova batalha. [5] Assim, enviaram-lhe vinte navios mas deram ordens ao comandante para passar primeiro por Creta. Na realidade, Nícias, um cretense de Gortina, que era próximo deles, convenceu-os a atacar por mar Cidoneia prometendo trazer esta cidade inimiga para o grupo aliado dos Atenienses. Mas fez esta proposta para ser agradável aos Policnitas, que eram vizinhos dos Cidones. [6] Assim, o comandante levou os navios para Creta e juntamente com os Policnitas arrasou o território dos Cidones e, em virtude de maus ventos e um temporal, perdeu ali não pouco tempo.

LXXXVI. Entretanto, enquanto os Atenienses estavam detidos em Creta, os Peloponésios em Cilene, tendo-se preparado para combate naval, navegaram ao longo da costa rumo a Panormo na Acaia para onde o exército dos Peloponésios tinha vindo a fim de os ajudar. [2] Formião também navegou ao longo da costa para Rio Molícrio e ancorou do lado de fora com os mesmos vinte navios com os quais tinha combatido. [3] Este Rio era simpatizante dos Atenienses mas o outro Rio fica do outro lado, no Peloponeso. Distam um do outro mais ou menos sete estádios que é a boca do golfo Criseu. [4] Portanto, então em Rio da Acaia que não fica muito distante de Panormo, onde o exército deles estava, ancoraram os Peloponésios com setenta e sete navios, quando viram os Atenienses a ancorar. [5] E durante seis ou sete dias, ancorados em frente uns dos outros, exercitaram-se na arte de combater e prepararam-se para a batalha naval, sabendo uns que não queriam sair de entre os dois Rio para o mar alto, receando a repetição do desastre, e os outros que não queriam navegar para os estreitos, porque

julgavam que combater nas zonas estreitas dava vantagens ao inimigo. [6] Finalmente, Cnemo e Brásidas e os outros estrategos peloponésios, desejando travar a batalha o mais depressa possível, antes que viessem reforços dos Atenienses, primeiro convocaram os seus soldados e vendo que muitos deles, em virtude do que se tinha passado antes, estavam receosos e desalentados, exortando-os, falaram-lhes assim:

LXXXVII. “Peloponésios, a recente batalha, se algum de vós por causa dela, acaso receia a batalha que está para acontecer, não é de facto por ter uma boa razão para agora estar com medo. [2] Na realidade, não estávamos suficientemente preparados, como sabeis; e de qualquer modo, nós viemos não tanto para combater no mar mas mais em terra. Aconteceu também que por força da sorte, não poucas circunstâncias nos foram adversas e talvez mesmo a nossa inexperiência tenha causado a nossa falha uma vez que combatíamos no mar pela primeira vez. [3] O facto de termos sido derrotados não teve como causa a nossa cobardia; também não está certo que, quando o espírito não foi dominado pela força, mas conservou o seu poder de resposta, deixemos que seja abatido pelo resultado negativo dos acontecimentos; deve pensar-se também que os homens podem ser derrotados pela Fortuna mas quando, como homens corajosos, conservaram sempre verdadeiramente a sua determinação, não podem estes mesmos homens em circunstância alguma, usar a ignorância do que é coragem como justificação da sua cobardia. [4] A vossa inexperiência não é de modo algum tão grande quanto a vossa superioridade em coragem. No que respeita à perícia deles, que vós mais temeis, se acompanhada de bravura, lembrar-se-á no momento de perigo de pôr em prática o que aprendeu, mas sem coração intrépido, não há perícia que tenha poder contra as situações de perigo. A verdade é que o medo afasta o poder de lembrar e a perícia sem força física não tem qualquer utilidade.

[5] Portanto, contra a maior experiência deles, vós colocastes a vossa maior audácia, contra o medo causado pela derrota aconteceu o facto de não estardes preparados. [6] Vós tendes a vantagem de possuir um maior número de navios e de combater perto da vossa terra com hoplitas presentes. E a vitória pertence geralmente a quem tem o maior número de combatentes e está mais bem preparado. [7] Portanto, não há nenhuma razão para nós falharmos. Quanto aos erros que cometemos primeiro, uma vez que eles aconteceram, que eles nos sirvam de lição. [8] Tende coragem portanto, pilotos e marinheiros, e segui as ordens, cada um para si próprio, sem abandonar a posição que lhe foi atribuída. [9] Nós vamos preparar-nos para o combate de forma não inferior à dos que vos comandaram primeiro e não daremos a ninguém motivo para ser covarde. Mas se alguém quiser ser covarde, será punido com o castigo apropriado, enquanto os valorosos serão homenageados com honras adequadas ao seu valor.”

LXXXVIII. Com tais palavras os comandantes peloponésios exortaram os seus homens. E Formião, temendo ele próprio a apreensão dos seus homens e notando que eles, juntos em grupos, receavam o grande número dos navios inimigos, decidiu convocá-los para os encorajar e para lhes dar conselhos sobre o que ia fazer na situação presente. [2] Antes, tinha-lhes sempre dito e preparara os seus ânimos, dizendo que não havia nenhum número de navios que fosse tão grande que eles não pudessem repelir o seu ataque. E assim, os seus marinheiros há muito que estavam compenetrados, de que por serem Atenienses, não recuavam nunca perante qualquer número grande que fosse de Peloponésios. [3] Mas neste momento, vendo que eles estavam desanimados pelo que viam à frente, quis lembrar-lhes a sua coragem. Convocou-os e disse-lhes as seguintes palavras:

LXXXIX. “Soldados, vejo que estais assustados com o número de inimigos e assim chamei-vos porque, não achando que isto seja causa para alarme, quero dizer-vos que não há necessidade de estardes em pânico em relação a acontecimentos profundamente adversos que podem não vir a acontecer. [2] Em primeiro lugar, eles prepararam este grande número de navios igual a nenhum outro, porque foram derrotados antes e não pensam que podem competir connosco. Depois, em relação àquilo em que mais confiam quando vêm contra nós, a coragem que é seu atributo, porque graças a ela prevalecem e têm a experiência de ter sido vencedores muitas vezes em batalhas em terra, pensam assim que o mesmo vai acontecer em batalha no mar. [3] Mas para falar verdade, é a nós que ela agora pertence, se é deles a da batalha em terra, pois em coragem, não nos são superiores e cada um de nós confia mais naquilo em que é mais experimentado. [4] Além disto, os Lacedemónios mandam nos seus aliados para benefício da sua glória; forçam a maioria deles a expôr-se a perigos contra sua vontade pois doutra maneira, tendo sido completamente derrotados uma vez, eles não teriam tentado uma segunda batalha naval. [5] Portanto, não deveis reear a sua ousadia. Pelo contrário, vós incutis neles enorme medo muito mais merecedor de crédito, porque já os derrotastes e também porque crêem que não os irieis enfrentar se não esperásseis resultado ainda melhor. [6] Adversários em grande número como estes atacam mais confiados na sua força física do que na sua habilidade. Mas os que são bem inferiores em número e não são obrigados a atacar, atrevem-se a fazê-lo certos do seu discernimento. Tomando tudo isto em consideração, estes nossos inimigos receiam-nos mais por aquilo que não lhes parece apropriado para as circunstâncias, do que por preparativos mais adequados. [7] Além disto, muitas forças têm caído às mãos de menor número de combatentes, vítimas da sua falta de experiência e também de ousadia. E neste momento, nós

não partilhamos de nenhuma destas falhas. [8] No que respeita ao combate naval, voluntariamente não vou combater no golfo nem navegar para o seu interior. Pois eu sei que, contra muitos navios que não são comandados com competência, o espaço de mar limitado põe em desvantagem um pequeno número de barcos com tripulações experimentadas. Na verdade, não é possível navegar para atacar sem ter o inimigo na mira bem de longe, nem se pode retroceder em caso de necessidade. E não há espaço para manobras, como romper a linha inimiga ou voltar para trás para atacar de novo que são precisamente as táticas dos navios bem tripulados, e assim a batalha naval transformar-se-á numa batalha em terra e, neste caso, quem tem forças mais numerosas vence. [9] Contra isto eu tomarei providências da melhor maneira que puder. E vós conservai-vos bem disciplinados nos vossos postos junto dos vossos navios, aceitai prontamente as ordens de comando especialmente, porque as duas armadas estão ancoradas bem perto uma da outra. Quando em acção, fazei de ordem e silêncio as duas mais importantes regras de conduta, úteis em qualquer conflito guerreiro e ainda mais numa batalha naval, e confrontai o inimigo de maneira digna dos vossos feitos passados. [10] O desafio é importante para vós: destruir a esperança que os Peloponésios puseram no seu poder naval ou levar os Atenienses a enfrentar mais de perto o medo que têm do mar. [11] Uma vez mais, lembro-vos que já derrotastes muitos destes homens. E tendo sido já derrotados, as suas disposições nunca serão iguais se tiverem de defrontar os mesmos perigos.”

XC. Estas foram as palavras com que Formião exortou os seus homens. E os Peloponésios, quando os Atenienses não navegaram para o golfo e estreitos ao encontro deles, desejando forçá-los a avançar mesmo contra vontade, fizeram-se ao mar de madrugada ordenando os navios em quatro filas e navegaram ao longo da sua própria costa na

direcção da parte interior do golfo, como tinham ancorado, a ala direita a abrir caminho. [2] De facto, na ala direita eles tinham colocado os seus vinte melhores navios para que, se Formião pensasse que eles estavam a navegar na direcção de Naupacto e querendo socorrer a cidade navegasse junto da costa para ali, os Atenienses não poderiam talvez escapar ao ataque para além da ala deles, mas os barcos ficariam bem próximos dos barcos atenienses. [3] E Formião, como os Peloponésios esperavam, quando os viu fazer-se ao mar, receando pela segurança da cidade que não estava protegida, contra vontade, apressadamente embarcou os seus homens e navegou junto da costa enquanto o exército messénio o seguia em terra como apoio. [4] Quando os Peloponésios viram que eles navegavam junto à costa em fila única e já estavam dentro do golfo, próximo de terra, como eles tanto desejavam, a um sinal, de repente, voltaram-se e navegaram em fila, cada navio o mais rápido que podia, caindo sobre os Atenienses na esperança de interceptar todos os barcos. [5] Onze dos navios que iam à frente escaparam à ala dos Peloponésios e navegaram para o mar alto. Mas todos os outros navios foram capturados, enquanto tentavam fugir, empurrados para terra e danificados e os Peloponésios mataram todos os Atenienses que não nadaram para longe. [6] Alguns dos navios foram amarrados com cabos e levavam-nos a reboque, uns vazios, outros ainda com a tripulação lá dentro, quando os Messénios vieram em socorro e tendo-se atirado ao mar com armas e entrado a bordo, combateram no convés e libertaram alguns dos barcos que estavam a ser rebocados.

XCI. Nisto portanto os Peloponésios foram vencedores e destruíram os navios atenienses. Mas os vinte navios da ala direita perseguiram os onze navios atenienses que tinham conseguido escapar-lhes para o mar alto, quando eles deram a volta. Os onze navios atenienses, com excepção de um,

alcançaram Naupacto antes deles e ancorando junto do templo de Apolo com as proas viradas para fora, prepararam-se para se defender, se o inimigo navegasse para terra com o fim de os atacar. [2] Quando os Peloponésios em seguida se aproximaram, cantavam péanes de vitória, enquanto navegavam como se fossem já vencedores. E um navio da Leucádia, muito à frente dos outros, perseguia o navio ateniense que tinha ficado para trás. [3] Aconteceu que um navio mercante tinha lançado âncora na enseada e o navio ateniense, tendo-o alcançado primeiro, navegou à sua volta e abalroou pelo meio o navio leucádio que o perseguia, afundando-o. [4] Em consequência deste acontecimento inesperado e improvável, o pânico apoderou-se dos Peloponésios que, em virtude da sua superioridade, perseguiam os navios atenienses em completa desordem. Alguns remadores nas embarcações, porque queriam esperar pelo grosso da armada, imobilizaram os remos parando os barcos, um erro, com o inimigo a tão curta distância. Outros, porque não conheciam a área, encalharam os navios nos baixios.

XCII. Quando os Atenienses viram o que estava a acontecer, encheram-se de coragem e obedecendo a um único comando, aos gritos, atiraram-se sobre o inimigo. Os Peloponésios, em virtude dos erros que tinham feito e da desordem em que estavam, resistiram durante muito pouco tempo e depois viraram os barcos e foram para Panormo de onde tinham saído. [2] Os Atenienses perseguiram-nos e tomaram seis dos navios que estavam mais próximos e também recuperaram os seus próprios navios que os inimigos no princípio tinham inutilizado e levado a reboque no combate próximo de terra. Mataram alguns homens, outros fizeram-nos prisioneiros. [3] O lacedemónio Timócrates a bordo do navio da Leucádia que se afundou, perto do navio mercante, quando viu o seu navio completamente destruído, matou-se e o corpo deu à costa no porto de Naupacto.

[4] Os Atenienses retiraram e ergueram um troféu no local de onde tinham partido para a vitória; recolheram os mortos e os barcos naufragados perto da costa, e ao abrigo de um tratado de tréguas deram ao inimigo os deles. [5] Mas os Peloponésios também ergueram um troféu por serem vencedores, quando destruíram os navios perto de terra. E o navio, que tinham apanhado em Rio da Acaia, puseram-no junto do troféu. [6] Depois disto, receando que viessem reforços de Atenas, fizeram-se ao mar encobertos pela noite e foram todos, com excepção dos Leucádios, para o golfo Criseu e Corinto. [7] Pouco depois da retirada dos Peloponésios, os Atenienses chegaram a Naupacto vindos de Creta com os vinte navios que deviam ter chegado a Formião antes da batalha. E assim acabou o Verão.

Tentativa falhada de ataque contra o Pireu

XCIII. Antes de terem dispersado a armada para Corinto e para o golfo Criseu, Cnemo, Brásidas e os outros comandantes dos Peloponésios, no princípio do Inverno queriam, instigados pelos Megarenses tentar atacar o Pireu que é o porto dos Atenienses. Por causa da superioridade dos Atenienses no mar, o porto não tinha obviamente guardas a protegê-lo e a entrada era aberta. [2] Foi decidido portanto que cada marinheiro pegasse no seu remo, almofada e correia de prender o remo e fosse a pé por terra, de Corinto para o mar do lado ateniense, e se dirigisse o mais rapidamente possível para Mégara, e da doca em Niseia embarcasse em quarenta navios seus que ali estavam e navegasse directamente para o Pireu. [3] Na verdade, não havia navios de guarda ao porto nem ninguém esperava que os inimigos de surpresa atacassem desta maneira, uma vez que não ousariam tal ataque abertamente e, se o preparassem às escondidas, seria por certo descoberto antes do tempo. Assim, os

Peloponésios tomaram a decisão e puseram-na em prática imediatamente. [4] Chegaram à noite, lançaram os navios à água e de Niseia navegaram não para o Pireu como tencionavam, por estarem muito receosos do perigo (diz-se também que um vento os impediu de avançar), mas para o promontório de Salamina que fica defronte de Mégara. Assaltaram o forte, levaram a reboque as trirremes sem tripulação, saquearam o resto de Salamina, atacando os habitantes que os não esperavam.

XCIV. Entretanto, sinais de fogo foram levantados para alertar Atenas e o pânico que surgiu ali foi tão grande como qualquer surgido durante esta guerra. De facto, os habitantes da parte alta da cidade pensavam que os inimigos já tinham entrado no Pireu e os do Pireu, que Salamina tinha sido tomada e que os inimigos estavam para entrar no porto deles, o que podia ter facilmente acontecido se estes não tivessem decidido fugir do perigo. [2] E nem o vento os impediria. Porém, assim que amanheceu, os Atenienses vieram em massa com todas as tropas para ajudar os do Pireu, lançaram os navios ao mar e, embarcando com grande pressa e alarido, singraram para Salamina, colocando as tropas de terra como protectoras do Pireu. [3] Os Peloponésios já tinham destruído grande parte de Salamina e feito prisioneiros e pilhagem e tomado três navios no forte de Budoro, quando viram os reforços dos Atenienses. Então rapidamente navegaram na direcção de Niseia. Havia ainda o facto de eles recearem a condição dos seus navios que não tinham sido lançados ao mar há tempos e não estavam bem calafetados. Assim que chegaram a Mégara, regressaram a Corinto a pé. [4] E os Atenienses não os tendo encontrado em Salamina, também regressaram a Atenas e depois disto, protegeram melhor os portos, conservando-os fechados e tomando outras precauções.

Expedição de Sitalces a norte do Egeu: os Odrísios e a Macedónia

XCV. Por esta mesma altura, no princípio do Inverno, o odrísio Sitalces, filho de Teres, rei dos Trácios, fez uma expedição contra Perdicas, filho de Alexandre, rei da Macedónia e contra os Calcídicos da Trácia, desejando exigir o cumprimento duma promessa e a concessão duma outra. [2] Na verdade, Perdicas, quando no princípio da guerra estava em dificuldades, tinha feito uma promessa a Sitalces dependente das seguintes condições: que Sitalces o reconciliasse com os Atenienses e que não trouxesse de volta Filipe, que era seu irmão e inimigo, para ser rei. Perdicas não cumpriu o que tinha prometido. Por outro lado, Sitalces tinha feito um tratado com os Atenienses, quando se tornou seu aliado para pôr fim à guerra calcídica na Trácia. [3] Portanto, por estes dois motivos fez a expedição, trazendo consigo Amintas, filho de Filipe, para o fazer rei da Macedónia e também embaixadores dos Atenienses que por acaso estavam com ele por esta razão, sendo o chefe destes Hágnon. Na verdade, supunha-se, quanto aos Atenienses, que eles o iriam ajudar contra os Calcídicos com a maior armada e exército possíveis.

XCVI. Portanto, começando pelos Odrísios, chamou às armas os Trácios entre as montanhas Hemo e Ródope, aqueles que estavam sob o seu poder até ao mar na costa do Euxino e do Helesponto, depois os Getas para além do Hemo e todos os outros povos deste lado do rio Istro mais na direcção do Ponto Euxino. Eram os Getas e os habitantes daquela região também vizinhos dos Citas, todos eles archeiros a cavalo. [2] Chamou também muitos dos Trácios que vivem independentes nas montanhas e usam sabres e são chamados Dios, a maioria habitando em Ródope. Uns, contratou-os como mercenários, outros vieram como volun-

tários. [3] Chamou às armas também os Agrianes, os Leeus e todas as outras tribos peónicas sob o seu poder. Estes eram os que estavam nos confins do seu império, até aos Leeus Peónios e ao rio Estrímon, o qual vem do monte Escombros e corre pelas terras dos Agrianos e dos Leeus, limitados finalmente pelos Peónios que já eram independentes. [4] Na fronteira com os Tribalos, e estes também independentes, estão os Treres e os Tilateus. E estes habitam o território a norte do Monte Escombros e para o ocidente vão até ao rio Óscio. Este rio nasce na mesma montanha onde nascem o Nesto e o Hebro. Esta é uma montanha erma e vasta que fica junto do Ródope.

XCVII. Quanto a grandeza, o império dos Odrísios estendia-se no litoral desde a cidade de Abdera até ao Ponto Euxino, junto do rio Istro; esta terra corresponde, ao longo da costa da maneira mais rápida e, se o vento for à popa num navio mercante, a uma viagem de quatro dias e igual número de noites; a jornada de Abdera ao Istro por terra pode ser feita por um homem em boa forma física o mais rapidamente possível em onze dias. [2] Esta era a distância junto ao mar, mas no interior, de Bizâncio aos Leeus e ao rio Estrímon, pois este era o ponto mais distante do mar, levaria treze dias para um homem em boa forma física completar a viagem. [3] O tributo de todos os Bárbaros e cidades helénicas que os Odrísios dominavam no tempo de Seutes, que foi rei depois de Sitalces e o aumentou, era no máximo quatrocentos talentos pagos em dinheiro de ouro e de prata. E os presentes de não menor valor em ouro e prata, sem contar com tecidos bordados e não bordados e outras coisas para casa eram oferecidos não só a ele próprio como aos outros príncipes e nobres odrísios que eram seus súbditos. [4] Estes tinham na verdade estabelecido o costume contrário ao do reino dos Persas, mas existente também entre outros Trácios: para eles, receber presentes tinha pre-



cedência sobre dar presentes, pois era mais vergonhoso para alguém não dar, se lhe tivessem pedido para dar, do que, tendo pedido, não receber; assim, porque eram mais poderosos, os reis odrísios usavam mais este costume de tal modo que não se podia fazer nada sem lhes dar presentes. Portanto, o reino tornou-se ainda mais poderoso. [5] Pois de todos os reinos da Europa entre o Golfo Jónico e o Ponto Euxino era o maior em rendimento de dinheiros públicos e em bem-estar geral, mas em poder no campo de batalha e tamanho do exército era muito inferior ao reino dos Citas. [6] Em relação a este, não existe povo na Europa que se lhe possa igualar, nem mesmo na Ásia existe povo que tenha forças, de homem para homem, para opor-se aos Citas, se eles estiverem unidos. Mas no que respeita a poder de deliberação e compreensão das condições da vida do dia-a-dia, não podem ser comparados com outros povos.

XCVIII. Portanto, Sitalces sendo o rei de tamanho território preparava o seu exército. E quando tudo estava pronto, iniciou a marcha para a Macedónia primeiro através do seu próprio império, depois pelas montanhas ermas de Cercina que ficam entre os Sintos e os Peónios. E passou através desta zona usando a estrada que ele próprio tinha construído antes, abrindo um caminho na floresta quando tinha feito uma expedição contra os Peónios. [2] Ao atravessarem a montanha vindos do território dos Odrísios, tinham à direita os Peónios e à esquerda os Sintos e os Medos. Depois de atravessarem, chegaram a Dobero na Peónia. [3] Durante a marcha, não perderam soldados, excepto por doença, mas pelo contrário aumentaram o seu número, pois muitos dos Trácios independentes, sem serem chamados, juntaram-se aos Odrísios na esperança de pilhagem, de tal modo que se diz que o número total não era menor do que cento e cinquenta mil, [4] sendo o maior número infantaria e quase um terço cavalaria. Destes, o

maior contingente era de Odrísios e depois de Getas. De infantaria, os que estavam armados com sabre eram os melhores combatentes e vinham das tribos independentes da região do Ródope. O resto da tropa seguia em turbas mistas, ameaçadoras sobretudo pelo número.

XCIX. Portanto, reuniram-se em Dobero e prepararam-se para, partindo do cimo da montanha, invadir as regiões baixas da Macedónia que eram governadas por Perdicas. [2] Dos Macedónios fazem parte também os Lincestas, os Elimiotas e outras tribos da região alta que, embora aliados e súbditos dos Macedónios da zona baixa, têm os seus próprios reis. [3] Mas o litoral, hoje chamado Macedónia, obtiveram-no primeiro Alexandre, pai de Perdicas e os seus antepassados que eram Teménidas de Argos. Instalaram-se como reis depois de derrotarem numa batalha e expulsarem os Piérios da Piéria, os quais mais tarde se fixaram no sopé do Pangeu do outro lado do Estrímon em Fagres e noutras regiões de tal modo que ainda hoje se chama golfo Piério à zona entre o Pangeu e a beira-mar. Da região chamada Bótia expulsaram os Botieus que habitam hoje uma área fronteiriça dos Calcídicos. [4] Conquistaram também uma pequena faixa de terra ao longo do rio Áxio desde o interior até Pela e o mar. E ocuparam outra faixa estreita desde o Áxio até ao Estrímon chamada Migdónia, depois de expulsarem os Edonos. [5] Também expulsaram os Eordos da região chamada Eórdia – destes mataram a maioria, mas um pequeno grupo estabeleceu-se perto de Fisca. Expulsaram também os Almopes da Almopia. [6] Estes Macedónios, também pela força, apoderaram-se e ainda mantêm outros locais pertencentes a outras tribos como Ântemo, Grestónia, Bisálcia e até uma grande parte dos Macedónios. A região toda passou a chamar-se Macedónia e Perdicas, filho de Alexandre, era rei quando Sitalces invadiu.

C. Como não podiam defender-se dos ataques de exército invasor tão numeroso, os Macedónios refugiaram-se em todos os lugares seguros e fortalezas que havia no território. [2] Estas não eram muitas, mas tempos depois Arquelaus, filho de Perdicas, quando se tornou rei, construiu as que existem hoje no país, abriu estradas direitas e doutras maneiras organizou o país equipando-o para a guerra com cavalaria, armas e outros preparativos que o tornaram mais forte ultrapassando tudo quanto os oito reis que o precederam juntos tinham feito. [3] Mas o exército dos Trácios vindo de Dobero invadiu primeiro o território que tinha estado antes sob o poder de Filipe e tomou pela força Idómene, Gortínia, Atalanta e outras regiões, pois estas renderam-se por acordo devido à amizade por Amintas, filho de Filipe, que acompanhava Sitalces. Também puseram cerco a Europa mas não conseguiram tomá-la. [4] Depois, avançaram para a outra parte da Macedónia que fica a oeste de Pela e Cirro. Não foram porém para além destes, para Botieia e Piéria, mas saquearam a Migdónia, Grestónia e Antemunte. [5] Os Macedónios nem pensaram em defender-se, mas depois de terem pedido aos seus aliados no interior mais cavalaria, onde quer que lhes pareceu, muito embora fossem poucos contra muitos, lançaram-se ao ataque contra os Trácios. [6] E onde quer que atacassem, ninguém podia resistir aos cavaleiros que eram excelentes guerreiros e estavam protegidos por couraças, mas, assediados constantemente por multidões de soldados em número muito maior do que o deles, colocavam-se em posição de perigo, de tal forma que cessaram as suas actividades, pensando que não podiam aventurar-se contra forças tão numerosas.

CI. Sitalces fez negociações com Perdicas sobre as razões que o tinham levado à campanha e uma vez que os Atenienses, que não tinham acreditado que ele viria, muito

embora lhe tivessem mandado presentes e embaixadores, não tinham chegado com a sua armada, mandou parte do seu exército contra os Calcídicos e Botieus e, conservando-os dentro das suas cidades muralhadas, saqueou-lhes o território. [2] Enquanto permaneceu nestas paragens, os povos que viviam para o sul, Tessálios, Magnetes e outros súbditos dos Tessálios, e Helenos até às Termópilas, receando que o exército avançasse contra eles, prepararam-se para a guerra. [3] O mesmo receio sentiram os Trácios para o Norte, do outro lado do Estrímon, os que ocupavam a planície como os Paneus, Odomantos e Droos e Derseus, todos povos independentes. [4] Espalhou-se entre os Helenos, inimigos dos Atenienses, o boato de que os Trácios trazidos por estes, obedecendo a um tratado de aliança que tinham uns com os outros, poderiam também atacá-los. [5] Entretanto, Sitalces fixando a sua atenção na Calcídica, Botica e Macedónia destruiu-as por completo, mas como não atingira nenhum dos objectivos que tinham dado origem à invasão e o exército não tinha víveres e estava a sofrer as dificuldades do Inverno, deixou que Seutes, filho de Esparádoco, e também o homem mais poderoso junto dele, o convencesse a retirar sem demora. Mas Perdicas tinha secretamente atraído Seutes para o seu lado prometendo dar-lhe em casamento a sua própria irmã, com um rico dote. [6] Portanto Sitalces, convencido pelo conselho de Seutes, regressou rapidamente ao seu país tendo a invasão durado apenas trinta dias, oito dos quais na Calcídica. E Perdicas depois disto deu Estratonica, sua irmã, em casamento a Seutes conforme prometera. Portanto, isto foi o que aconteceu no que respeita à expedição de Sitalces.

CII. Durante este mesmo Inverno, depois de a armada dos Peloponésios ter dispersado, os Atenienses em Nau-pacto fizeram uma expedição sob o comando de Formião. Navegando junto à costa para Ástaco, uma vez desembarca-

dos dos navios, invadiram o interior da Acarnânia com quatrocentos hoplitas atenienses dos navios e quatrocentos messênios. E depois de terem expulsado de Estrato, Coronta e outros lugares, homens que não lhes pareciam merecedores de confiança e de terem reposto no poder em Coronta, Cines, filho de Teólito, voltaram de novo para os navios. [2] Na verdade, porque era Inverno, não parecia possível fazer uma expedição contra Eníadas, a única cidade dos Acarnanos que lhes era sempre hostil. De facto, o rio Aqueloo que nasce no Pindo e corre pelos territórios dos Dólopes, dos Agreus e dos Anfilocos e pela planície da Acarnânia e junto da cidade de Estrato na parte mais alta, desagua no mar perto da cidade de Eníadas rodeada de pântanos, que tornam impossível um ataque militar durante o Inverno. [3] Também muitas das ilhas dos Equínades ficam do lado oposto a Eníadas, nada longe da foz do Aqueloo de tal forma que sendo este um grande rio deposita constantemente aluvião na zona e algumas das ilhas juntaram-se já à terra firme e receia-se que em não muito tempo todas elas sofrerão o mesmo destino. [4] Na realidade, a corrente é grande, caudalosa e turva, as ilhas, próximas e juntas, formam uma barreira que não deixa que a água se disperse directamente para o mar, porque estão não em fila mas em disposição irregular. [5] Estas são ilhas desertas e não grandes. E conta-se que, quando Alcméon, filho de Anfiarau, vagueava pelo mundo depois de ter matado a mãe, Apolo, por meio de oráculo, lhe ordenou que habitasse esta terra, sugerindo que não se libertaria dos seus terrores antes de encontrar e colonizar um território que na altura em que matou a mãe não tivesse nunca sido visto pelo sol, uma vez que todo o resto da terra estava contaminado por ele. [6] Sem saber que fazer, segundo se diz, finalmente avistou a barra de areia formada pelo Aqueloo e pareceu-lhe que durante o não pouco tempo em que tinha vagueado pelo mundo, desde que tinha matado a mãe, suficiente aluvião

tinha sido depositado para nele suportar vida. Portanto, fixou-se ali na região de Eníadas, tornou-se seu príncipe e deixou-lhe o nome vindo do seu filho Acarnano. Esta é pois a história que recebemos sobre Alcméon.

CIII. Os Atenienses e Formião saíram da Acarnânia e chegaram a Naupacto e depois, na Primavera, navegaram de volta a Atenas trazendo com eles os homens livres de entre os prisioneiros das batalhas marítimas, os quais foram seguidamente libertados em trocas de homem por homem e os navios que eles tinham capturado. E este inverno acabou e acabou também o terceiro ano da guerra sobre a qual Tucídides escreveu.

LIVRO III

A Ática invadida

I. No Verão seguinte, os Peloponésios e os aliados na altura em que o trigo já aloirava, fizeram uma expedição contra a Ática – comandava-os Arquidamo, filho de Zeuxidamo, rei dos Lacedemónios –, e depois de assentarem arraiais, começaram a pilhar as terras. [2] Havia sortidas, como era costume, da cavalaria ateniense, onde aparecia tal oportunidade, quando o grande contingente de tropas ligeiras era impedido de ultrapassar os seus postos avançados e de devastar os arredores da cidade. [3] Ficaram os invasores o tempo que duraram os mantimentos e então retiraram-se e dispersaram-se pelas cidades.

A revolta de Lesbos

II. Logo a seguir à invasão dos Peloponésios, imediatamente Lesbos, com excepção de Metimna, revoltou-se e afastou-se de Atenas. Tinham querido fazer isto já antes da guerra, mas os Lacedemónios não os tinham querido receber, e foram forçados a fazer esta revolta antes da ocasião em que pensavam fazê-la. [2] Esperaram até terminarem os paredões dos portos, a edificação das muralhas e a construção de navios e que chegasse do Ponto tudo de quanto necessitavam, archeiros e cereal e o que já tinham mandado

buscar. [3] Os habitantes de Ténedo estavam em desacordo com eles e os de Metimna, como também alguns de Mitilene, que, por motivos particulares, estavam contra, pois eram próximos dos Atenenses, e por isso se tornaram seus informadores a respeito da intenção de Mitilene de levar à união política, pela força, Lesbos sob o poder de Mitilene, além de que todos os preparativos de acordo com os Lacedemônios e seus parentes Beócios eram realizados com a intenção de revolta. Se alguém não tomasse já providências, Atenas ficaria privada de Lesbos.

III. Mas os Atenenses que estavam a braços com um surto de peste e com a guerra que havia pouco rebentara e estava no auge, pensaram que era um grande encargo tornarem-se inimigos de Lesbos, que dispunha de uma armada e de um poder incomparável. Por tal razão não aceitaram de início as acusações, dando lugar mais importante ao seu desejo de que não fossem verdadeiras. Enviaram depois embaixadores que não conseguiram convencer os de Mitilene a abandonar as medidas de união política e a sua preparação, e por isso ficaram com receio e decidiram desfazê-la. [2] Mandaram de um momento para o outro quarenta navios, que acontecia estarem preparados, para navegar à volta do Peloponeso, comandados por Cleípides, filho de Deínias, e mais outros dois. [3] De facto tinha-lhes chegado a notícia de que haveria um festival em honra de Apolo Maloente fora de Mitilene, no qual todos os seus habitantes tomavam parte nos festejos, e os Atenenses tinham portanto a esperança de os assaltar de surpresa. Se a tentativa resultasse, tanto melhor, se não, tinham de dizer aos de Mitilene para entregarem os navios e demolirem as muralhas, e caso não obedecessem, atacá-los; partiram assim com os navios. [4] Acontecia que dez trirremes dos de Mitilene estavam por essa altura como forças auxiliares em Atenas, seguindo os termos da aliança de defesa, e os Atenenses

detiveram as suas tripulações e puseram-nas sob prisão. [5] Mas aos de Mitilene chegou essa notícia do ataque naval, por um homem, que tendo atravessado de Atenas para a ilha Eubeia e percorrido a pé o caminho até Geresto, conseguiu embarcar num navio de carga que estava a rumar para o largo, aproveitou a viagem e ao terceiro dia depois de deixar Atenas, chegou a Mitilene. Os habitantes de Mitilene não só não foram ao templo de Apolo Maloente, como se puseram de guarda ao que faltava fazer das muralhas e dos postos não acabados, protegendo-os.

IV. Quando os Atenienses não muito depois de terem chegado e se terem dado conta do que viram, comunicaram os estrategos as suas ordens, mas como os de Mitilene as não quiseram ouvir, começaram então as hostilidades. [2] Os de Mitilene, porém, que não estavam preparados para a guerra e que a ela eram subitamente forçados, navegaram com os barcos até pouca distância do porto, como se fossem travar uma batalha naval. Quando depois foram rechaçados para terra pela esquadra ateniense, entraram logo em negociações com os estrategos, desejando que pudessem fazer partir na altura presente a sua esquadra de forma que fosse razoável. [3] Os estrategos atenienses aceitaram, pois eles próprios receavam não serem capazes de se defrontar com toda a ilha de Lesbos. [4] Depois de conseguirem obter um armistício, mandam os de Mitilene a Atenas um dos informadores, que já se tinha arrependido, juntamente com outros, com o intuito de conseguir persuadir os Atenienses a chamar a esquadra de volta, e eles da sua parte nada empreenderem de revolucionário. [5] Nessa mesma altura mandaram também para Lacedémon representantes seus numa trirreme, às escondidas da esquadra ateniense, que estava ancorada em Málea, a Norte da cidade. De facto não confiavam no bom sucesso das negociações com os Atenieneses. [6] E estes enviados, que chegaram a Lacedémon, depois de terem feito

uma difícil viagem no mar, começaram a negociar no sentido de que viesse alguma ajuda para eles.

V. Mas quando os embaixadores de Atenas voltaram sem nada conseguirem, entraram em guerra os de Mitilene e o resto de Lesbos, com excepção de Metimna. Os habitantes desta vieram contudo em ajuda dos Atenienses e assim também os Ímbrios e os Lémnios e alguns outros aliados, mas poucos. [2] Os de Mitilene organizaram um ataque com todas as suas forças contra o acampamento dos Atenienses e deu-se a batalha, na qual os de Mitilene não tiveram os piores resultados, mas nem por isso pernoitaram no lugar da luta, nem tiveram confiança em si próprios, e por isso retiraram. Desde esse momento nada mais fizeram, porque decidiram que só com a ajuda do Peloponeso ou de outros quaisquer, seria possível arriscar. Tinham entretanto chegado até eles Méleas da Lacónia e o tebano Hermeondas, que tinham sido enviados anteriormente à revolta, e os quais, por não terem podido chegar antes da expedição marítima dos Atenienses sem serem notados, depois da refrega, logo a seguir, tinham-se feito ao mar numa trirreme, e aconselhando-os agora a mandar uma outra trirreme e outros enviados que os acompanhassem. E os de Mitilene mandaram isso tudo.

VI. Os Atenienses muito animados devido à inacção dos de Mitilene, convocaram os aliados, que vieram à sua presença bem mais depressa, por verem que nenhuma iniciativa enérgica era lançada pelo lado dos Lésbios. Também montaram entretanto à volta da parte sul da cidade dois acampamentos para guardarem ambos os lados da zona norte, e bloquearam com barcos os dois portos. [2] Impediram por consequência os de Mitilene de terem acesso ao mar; quanto a terra, os de Mitilene e os outros Lésbios, que já tinham vindo reforçá-los dominavam toda a ilha, enquanto os

Atenienses de pouca terra dispunham à volta dos acampamentos, e era mais em Málea que dispunham de um embarcadouro para as forças navais e de um mercado para se aprovisionarem. E foi assim que se começou a guerra à volta de Mitilene.

VII. Por essa mesma época desse tal Verão, os Atenienses mandaram fazer-se ao mar trinta navios à volta do Peloponeso, com Asópio, filho de Formião, a comandá-los, visto que os Acarnânios lhes tinham pedido que lhes mandassem alguém da família de Formião, fosse seu filho ou seu parente. [2] Ora os navios, tendo navegado junto à costa da Lacónia, devastaram as terras ligadas ao mar. [3] Depois Asópio mandou de novo para a sua terra a maior parte dos navios, mas ele próprio manteve doze ao seu serviço, aportou a Naupacto [4] e depois tendo feito revoltarem-se todas as forças dos Acarnânios, lançou uma expedição contra Eníadas, mas pelo Aqueloo fez uma sortida por mar, e por terra o exército devastou os campos. [5] Como não se tivessem entregado, mandou retirar a infantaria e ele próprio navegou sobre Lêucade e tendo organizado uma descida sobre Nérico, ao retirarem tanto ele como parte das suas forças armadas foram mortos pela gente daquelas bandas e por um pequeno número de guardas que se lhes tinham vindo juntar. [6] Posteriormente os Atenienses, fizeram-se ao largo e mais tarde mediante tréguas levaram os seus mortos da terra dos Leucádios.

VIII. Os enviados que tinham sido mandados pelos Mitilénios no primeiro barco, como os Lacedemónios lhes disseram para comparecerem em Olímpia, para que os outros aliados pudessem tomar uma decisão, depois de os terem ouvido, chegaram a Olímpia. [2] Foi a Olimpíada em que Dorieu de Rodes tinha ganho o prémio pela segunda vez. Depois do festival e quando os trouxeram para falar e

de terem preparado um encontro, os embaixadores disseram o seguinte:

IX. “Lacedemónios e membros da aliança, sabemos bem qual é o princípio tradicional sentido pelos Helenos no que respeita os que nas guerras abandonaram a aliança em que antes estavam: os que os receberam, ficaram satisfeitos, pelas vantagens que com eles podem tirar, mas consideram-nos como traidores para com os amigos que tinham anteriormente e deles pensam o pior possível. [2] E este julgamento não é injusto, desde que os que abandonaram e os que foram abandonados tivessem uma compatível igualdade de opinião política e de boa intenção no mútuo relacionamento, e tivessem equilíbrio quanto à preparação para a guerra e quanto ao poder, desde que não houvesse qualquer pretexto de peso para o abandono. Ora nós não tínhamos tal situação frente aos Atenienses. [3] Não pensem que somos menos dignos por sermos respeitados por eles em tempos de paz e de nos revoltarmos contra eles em tempos de perigo.

X. “Teremos de falar primeiramente de justiça e de rectidão, muito especialmente por precisarmos de fazer uma aliança e por sabermos que nem a amizade entre os seres humanos é algo de durável e que nem a comunidade de interesses entre cidades a nada leva, a menos que com evidente honestidade uns com os outros se comportem e tenham, quanto ao resto, a mesma visão e o mesmo pensamento. As diferenças dos actos realizados residem na diversidade de convicções. [2] A aliança entre nós e os Atenienses surgiu logo após terdes acabado a guerra médica, tendo ficado eles a ocupar-se do que faltava acabar dos trabalhos. [3] Não nos tornámos de facto aliados dos Atenienses para escravizarmos os Helenos, mas para libertarmos os Helenos do poderio dos Medos, e até ao ponto em que conduziram a sua hegemonia dentro de um plano de igualdade,

seguimo-los da melhor vontade. [4] Depois, quando nos demos conta de que eles abrandavam na hostilidade contra os Medos e se lançavam na escravização dos aliados, já então não nos sentimos fora de perigo. [5] Como os aliados se mostravam incapazes de se unir devido ao diferente número de votos para se prepararem para se defender, ficaram todos sujeitos à escravatura com a excepção de nós e dos Quios. [6] É que nós lutámos ao seu lado sendo de nome, “independentes”, e pelo menos livres. Mas já não podemos considerar o comando ateniense como digno de confiança, e basta tomar como exemplo o que já aconteceu no passado. Não era provável que eles, depois de os terem subjogado, tratassem de maneira diferente os que juntamente connosco tinham entrado em tréguas e não concedessem o mesmo tratamento aos que ficavam de fora, se o tivessem podido fazer.

XI. “Se todos estivéssemos ainda independentes, teríamos então ficado mais seguros quanto a não provocarem mudanças de inusitada violência. Tinham subjogado a maior parte, mas connosco procediam em pé de igualdade, o que naturalmente lhes começou a parecer irritante suportar, muito especialmente por sermos nós os únicos a enfrentá-los em situação de igualdade, diferentemente em outros aspectos em que eram eles mais poderosos do que os outros, e nós cada vez mais isolados. E de facto o receio ligado ao equilíbrio de poderes, é o único elemento de fiar numa aliança. O que quiser transgredir é impedido pelo receio, visto que não pode avançar por não ser mais forte. [2] E foi-nos permitido sermos independentes por nenhuma outra razão que não fosse a de terem compreendido claramente que para atingirem o mando total era necessário dominar a situação com mais habilidade no discurso e investir pela acção política mais do que pela força. [3] Além disso, também nos usaram para provar que aqueles que dispunham de

igual voto nunca com eles combateriam, a menos que os que atacassem tivessem feito algo errado. Por outro lado também atiravam a coligação dos mais fortes primeiramente contra os mais desprovidos de recursos e deixando aqueles com estes, esperavam que no fim, quando despojados de tudo, os iam encontrar mais fracos. Se tivessem começado connosco, enquanto a totalidade dos aliados novos era forte, e tinha um chefe em que apoiar-se, não se teriam apoderado do poder da mesma forma. [4] O nosso poder naval infundia-lhes respeito, não fosse ele porventura unir-se ao vosso ou ao de outro qualquer, criando assim um perigo para eles. [5] Tirámos vantagens também das boas relações que em conjunto sempre tivemos com eles e com os seus dirigentes. [6] Mas estávamos cientes de que isso não seria possível por muito tempo, por pensarmos nos exemplos que nos deram na relação com outros, a menos que esta guerra não tivesse rebentado.

XII. “Que espécie de amizade era então essa, ou que liberdade em que podíamos confiar, quando nos suportávamos mutuamente apesar das nossas opiniões? Eles que nos temiam em tempos de guerra, tinham atenções para connosco, mas nós procedíamos da mesma forma em tempos de paz. A lealdade que geralmente com outros fortalece a confiança, no nosso caso, era pelo medo que se tornava fiável, e era pelo receio, mais do que pela amizade que estávamos unidos em aliança. Qualquer de nós que, de um momento para o outro, sentisse a ousadia que a segurança proporciona, esse seria o primeiro a cometer uma transgressão. [2] Se a algum de vós parecer que nós procedemos mal ao revoltar-nos com antecedência, devido à preparação que pela sua parte possuem e que para nós é temível, sem que tivéssemos esperado até sabermos com certeza o que eles preparavam, pois esse mesmo não analisa correctamente o problema. [3] Se estivéssemos em condições de paridade para

tomar contramedidas adequadas, então teria sido nossa obrigação esperar para nos lançarmos contra eles. Mas foi nas mãos deles que sempre residiu o poder de atacar, mas nas nossas mãos era necessário que estivesse o poder de nos defendermos.

XIII. “Foram estes os pretextos e as razões que tivemos, Lacedemónios e aliados, para que nos revoltássemos, e eles são suficientemente claros para dar a conhecer aos que os ouvem, que procedemos com toda a razão, e que as causas eram suficientes para nos causar medo e nos levar a tomar medidas de protecção. Era o que queríamos já há muito tempo, quando, ainda em paz, vos mandámos emissários, quando tencionávamos revoltar-nos, e disso fomos impedidos, visto que da vossa parte não nos recebíeis. Agora, porém, que os Beócios nos convidaram, respondemo-lhes prontamente, pois o nosso intento era provocar uma dupla revolta que nos afastasse dos Helenos, para não os prejudicar juntamente com os Atenienses, mas para em conjunto os libertar, e afastando-nos dos Atenienses, antecipar-nos a destruí-los evitando que nos aniquilassem depois. [2] No entanto a nossa revolta foi precipitada e sem preparação. Por essa razão ainda mais importante é que nos recebais como aliados e nos envieis rapidamente reforços, para que seja evidente que socorreis aqueles que da vossa ajuda necessitam e que está no vosso poder atacar os vossos inimigos. [3] Esta é a oportunidade que antes nunca existiu. De facto os Atenienses estão a ser dizimados pela peste e pelos gastos do seu tesouro. Navios seus rondam a vossa costa e outros a nossa, [4] de tal maneira que não é provável que tenham reservas de barcos, se durante este Verão os atacardes pela segunda vez com a vossa esquadra e a vossa infantaria ao mesmo tempo. Nesse caso ou não conseguem resistir ao vosso ataque por mar, ou terão de retirar as suas armadas dos nossos dois litorais. [5] Que ninguém acredite que irão pôr a sua

terra em qualquer perigo a favor de terra alheia. Pois se a esse parece que Lesbos está a grande distância, o auxílio que lhe dará virá de bem perto, porque a guerra não será feita na Ática, como alguém pode pensar, mas nos territórios de que a Ática se aproveita. [6] Os rendimentos do seu tesouro provêm dos aliados, e maiores serão, se nos dominarem. Nesse caso, ninguém se revoltará e as nossas riquezas juntar-se-ão às deles, e iremos sofrer tratamentos piores, do que aqueles que já há muito são escravos. [7] Se nos prestardes auxílio de boa vontade juntareis a vós uma cidade que dispõe de uma grande armada, da qual bem precisais, e com maior facilidade vencereis os Atenienses ao privá-los dos seus aliados – pois todos se sentirão com vontade de mudar de lado –, e ficareis livres da acusação que vos é atribuída, de não ajudardes os que contra os Atenienses se revoltam. E se aparecerdes como libertadores, a vitória na guerra ficará mais forte do vosso lado.

XIV. “Tende portanto respeito pelas esperanças que os Helenos em vós depositam e também por Zeus Olímpico em cujo templo igualmente estamos como suplicantes, ajudai os de Mitilene tornando-vos nossos aliados, e não nos abandonéis quando arriscamos sozinhos as nossas vidas, pois daremos a todos um benefício comum, se nos sairmos bem, mas provocaremos uma ruína ainda mais generalizada se, por não terdes sido convencidos, acabemos por falhar. [2] Comportai-vos portanto como homens da qualidade que os Helenos vos atribuem e como o medo que sentimos o deseja.”

XV. Foi o que disseram os Mitileneus, e os Lacedemónios e os seus aliados depois de os terem ouvido, aceitaram as suas propostas e receberam os Lésbios na aliança. Então aos aliados que estavam presentes com a finalidade de proceder à invasão da Ática, foi-lhes ordenado que avançassem sobre o Istmo com os dois terços das forças, que os com-

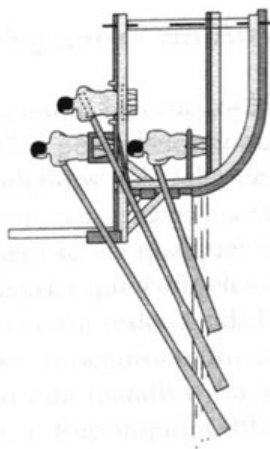
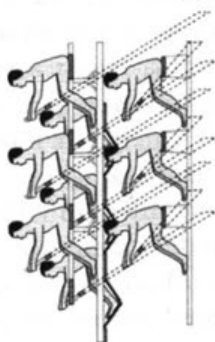
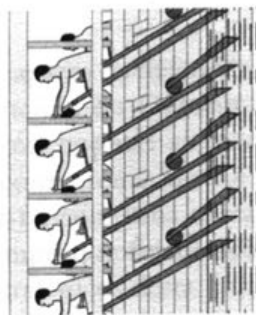
punham; e os Lacedemónios chegaram ao Istmo primeiro e prepararam comboios de barcos para os transportarem de Corinto para o mar do lado de Atenas, de forma a atacarem ao mesmo tempo por mar e por terra. [2] E foi com grande ânimo que realizaram estes planos. Mas os outros aliados começaram a reunir-se lentamente, pois estavam em plena colheita e sem vontade de combater.

XVI. Por seu lado os Atenienses apercebendo-se de que o inimigo estava a fazer preparativos, porque se convenceu encontrarem-se eles numa situação de fraqueza, e quiseram-lhe demonstrar que não estava a avaliar a situação correctamente, pois era-lhes possível, sem que tocassem na esquadra em Lesbos, facilmente defenderem-se com a que vinha do Peloponeso, e puseram tripulações em cem navios, embarcando cidadãos, excepto os cavaleiros e os pentacosiomédimos, juntamente com os metecos. Avançando pela costa do Istmo procederam a uma demonstração da sua força e a desembarques no Peloponeso por onde lhes agradava. [2] Quando os Lacedemónios se deram conta do grande erro de cálculo e consideraram que o que tinha sido relatado pelos Lésbios não correspondia à verdade e se convenceram de que a acção militar era impraticável, tanto mais que os seus aliados não estavam junto a eles e que notícias tinham chegado de que os trinta navios dos Atenienses que navegavam em torno do Peloponeso andavam a destruir os seus territórios, retiraram-se então para casa. [3] Depois prepararam uma força naval que queriam mandar para Lesbos e exigiram aos aliados um contingente de quarenta navios e nomearam Alcides como almirante, que como tal devia embarcar. [4] E os Atenienses voltaram com os seus cem navios, depois que viram partir o inimigo.

XVII. Por esta altura já os navios percorriam os mares e o seu número era o maior que jamais estivera no activo ao

mesmo tempo, muito embora estivessem em número aproximado ou mesmo maior, quando do princípio da guerra. [2] Eram cem os vasos de guerra, que guardavam a Ática, a Eubeia e Salamina, e outros cem rondavam o Peloponeso, sem contar os que navegavam à volta de Potideia e noutras paragens, de tal forma que na sua totalidade se juntavam num só Verão duzentos e cinquenta. [3] Foi este esforço, juntamente com o de Potideia, que contribuiu sobremaneira para gastar os recursos do tesouro. [4] No que dizia respeito a Potideia, ganhavam os hoplitas dois dracmas por dia (recebiam por dia um para cada e outro para o seu impedido); ora de princípio eram eles três mil, e não eram menos no decorrer do cerco, além dos mil e seiscentos que vieram com Formião, mas que se foram embora antes do fim do cerco. E todas as tripulações dos navios recebiam o mesmo salário. E foi assim que as reservas financeiras começaram de início a ser gastas, e este foi o maior número de navios que foram por eles equipados.

XVIII. Entretanto os Mitileneus, ao mesmo tempo que os Lacedemónios permaneciam à volta do Istmo, investiram por terra contra Metimna, tal como se lhes estivesse a ser traiçoeiramente entregue, tanto a eles como aos seus mercenários. Tendo assaltado a cidade, logo que se aperceberam que a sua tentativa não corria como previsto, dirigiram-se então contra Antissa, Pirra e Éreso, e depois de se fixarem naquelas cidades com apoios mais seguros e de terem reforçado as muralhas, rapidamente se retiraram para suas casas. [2] Porém, logo que se retiraram, os Metimneus atacaram Antissa, mas tendo sido organizado um contra-ataque pelos Antisseus e suas tropas auxiliares, os Metimneus foram derrotados e acabaram por morrer muitos nessa operação e os que escaparam, fugiram com grande pressa. [3] Quando os Atenienses souberam do acontecido e que os Mitileneus dominavam a região, mas que os soldados que tinham do



seu lado não eram capazes de defender as fortificações, mandaram logo no princípio do Outono Paques, filho de Epicuro, à frente de mil hoplitas atenienses. [4] Os soldados também serviam como remadores e quando chegaram a Mitilene, cercaram-na com uma muralha simples e em círculo, ao mesmo tempo que fortificações eram estabelecidas nos pontos mais estratégicos desta. [5] E foi assim que Mitilene foi impedida pela força de ter contactos com ambos os lados, por terra e por mar, quando começou a época invernal.

XIX. Os Atenienses, no entanto, começaram a ter necessidade de fundos financeiros para continuarem o cerco, depois de eles próprios terem lançado, para começar, um imposto extraordinário de duzentos talentos, mandaram aos aliados doze navios para a cobrança de impostos e com eles Lisicles como seu comandante e mais outros quatro. [2] Foi ele navegando a recolher dinheiro em vários lugares, mas ao marchar pela terra de Miunte na Cária através da planície do Meandro até à colina de Sândio, foi atacado pelos Cários e Aneitas e ele próprio foi morto, bem como muitos do seu contingente.

Os Plateenses refugiam-se em Atenas

XX. Naquele mesmo Inverno, os habitantes de Plateias, que estavam cercados pelos Peloponésios e pelos Beócios, começaram a ser afligidos pela falta de mantimentos, além de que nenhuma esperança havia quanto a qualquer ajuda vinda de Atenas, nem se via qualquer outro meio de salvação, eles e os Atenienses que com eles aguentavam o cerco, primeiro planejaram deixar todos a cidade e transpor as muralhas dos inimigos, se conseguissem forçar a passagem. Quem lhes tinha proposto esta tentativa, foram Teéneto, filho do adivinho Tolmides, e Eupômpides, filho de Daímaco, que

também comandava. [2] Logo a seguir, por qualquer razão, metade dos homens começou a ter medo do perigo, porque o julgavam demasiado grande, até se chegar ao número de duzentos e vinte elementos que de boa vontade persistiram na saída feita e da seguinte maneira. [3] Montaram escadas da mesma altura que a das muralhas do inimigo e mediram-nas, contando as camadas de tijolos, do lado virado para eles e onde a muralha não tinha sido rebocada. Muitos contaram as camadas ao mesmo tempo e, embora muitos provavelmente se enganassem, a maior parte parecia ter acertado no número exacto, especialmente porque contavam várias vezes ao mesmo tempo, por não estarem a grande distância e porque a muralha cujos tijolos queriam contar era fácil de enxergar. [4] Foi assim que conseguiram obter as medidas das escadas de acordo com a grossura dos tijolos, cujas medidas avaliavam.

XXI. A muralha dos Peloponésios era edificada da seguinte forma: tinha em círculo duas fileiras envolventes. A de dentro estava virada para Plateias e a outra por fora servia de defesa contra Atenas. Os dois circuitos distavam entre os dois, no máximo, dezasseis pés. [2] O espaço de dezasseis pés entre as construções fora construído com guardas reservadas para as sentinelas, e a construção era contínua de maneira a parecer uma grossa muralha com plataformas defensivas de cada lado. [3] Passado cada décimo parapeito erguiam-se grandes torres de igual espessura da muralha e que penetravam em direcção ao muro interior e para o espaço exterior de tal forma que não houvesse passagem nas faixas exteriores das torres, tendo os guardas de passar por entre essas torres. [4] Durante as noites, quando a invernía era chuvosa, os guardas deixavam as plataformas e ficavam de sentinela instalados nas torres que não ditavam muito entre si e tinham um telhado por cima. Era assim concebida a muralha que tinha circundado os de Plateias.

XXII. Estes, terminados os preparativos, saíram depois de terem esperado por uma noite invernosa, ao mesmo tempo com chuva e com vento e sem lua. Eram conduzidos pelos que tinham sido os autores da tentativa. Primeiramente atravessaram o fosso que os rodeava, depois aproximaram-se da muralha dos inimigos escondendo-se dos guardas, pois estes não os conseguiam lobrigar devido à escuridão, e quanto ao barulho que faziam ao aproximarem-se não podiam ser ouvidos por causa das rajadas de vento. [2] Ao mesmo tempo mantinham os fugitivos muita distância entre si, de maneira a que as armas não se entrecocassem e chamassem a atenção. Estavam, além disso, levemente armados e calçados só no pé esquerdo por uma questão de segurança, devido ao escorregadio da lama. [3] Assim se aproximaram do espaço entre as torres, pois sabiam que os patamares não estavam guardados. Primeiramente vieram os que transportavam as escadas e que as encostaram à muralha. A seguir vieram doze homens com armas ligeiras, somente com uma adaga e uma couraça, os quais subiram pelas escadas, comandava-os Ameas, filho de Corebo, que foi o primeiro a subir, e depois dele seguiam-no seis que subiam de cada lado da torre. Na fase seguinte e atrás destes avançaram outros com armas ligeiras, vinham armados com pequenas lanças e para os ajudar seguia outro grupo com os escudos às costas, para que os primeiros avançassem com maior facilidade, e para lhes entregar, quando chegassem a ficar face a face com os inimigos. [4] Quando já muitos tinham chegado ao topo, deram-se conta deles as sentinelas das torres. Nessa altura, um dos Plateenses ao ocupar a sua posição, atirou para baixo uma telha, que na queda fez grande barulho. [5] Imediatamente se levantou alvoroço e a guarnição precipitou-se sobre a muralha. Não tinham conhecimento do perigo que os esperava numa noite escura como breu e tempestuosa, pois nesse momento os de Plateias, que tinham ficado na cidade, saíram e ataca-

ram a muralha dos Peloponésios do lado oposto àquele por onde os seus homens tinham subido, com o fim de afastar o mais possível a atenção desses mesmos. [6] Apesar do tumulto, permaneceram as sentinelas nos seus postos, pois ninguém se atrevia a ajudar, saindo do seu posto de guarda, por nem sequer conseguirem saber o que estava a passar-se. [7] Além disso os trezentos a quem tinha sido ordenado que fossem ajudar onde necessário, correram para fora da muralha em direcção ao alarido, e sinais luminosos que indicavam perigo inimigo foram iluminados na direcção de Tebas. [8] Os da cidade de Plateias, por seu lado, também lançaram da sua muralha muitos sinais luminosos que tinham sido preparados com antecedência, com a mesma finalidade, isto é, para que se tornassem ininteligíveis para os inimigos os sinais de luzes e assim não pudessem enviar qualquer auxílio, por pensarem que algo se estava a passar diferente da realidade, antes que os seus homens fugissem e atingissem um ponto de segurança.

XXIII. Entretanto, quando os Plateenses que estavam a escalar as muralhas conseguiram subir até ao topo e reduziram ao seu poder as duas torres, depois de matarem os guardas, colocaram-se nos corredores entre as torres e puseram-se em guarda de maneira a que nenhum dos inimigos pudesse intervir. Lançaram então as escadas a partir das muralhas até ao cimo das torres e mandaram lá para cima o maior número de homens possível, a fim de que estes do alto das torres mantivessem a distância os que viessem atacar, alvejando-os por cima e por baixo. A maior parte dos restantes encostaram muitas escadas e depois deitaram abaixo as plataformas e começaram a trepar por entre as torres. [2] Cada um dos que chegava ao outro lado parava sempre na borda da vala e daí desfechava setas ou lançava dardos contra qualquer inimigo que tentasse aproximar-se ao longo da muralha e viesse interferir com o seu avanço. [3] Por isso, quando

todos atingiram o outro lado, os que defendiam as torres e saíram em último lugar, fizeram-no com dificuldade, mas avançaram para a vala e nessa altura vieram atacá-los os trezentos que empunhavam os archotes. [4] Então os Plateenses, quando os viram mais claramente no meio da escuridão estando eles sobre os bordos da vala, começaram a alvejá-los com setas e com dardos sobre as partes descobertas. Foi essa a razão por que, estando eles pouco visíveis ainda, devido aos archotes do inimigo, conseguiram passar os de Plateias e mesmo os mais atrasados passaram através do fosso, com dificuldades e muito esforço. [5] Com efeito, tinha-se formado gelo no fosso, não suficientemente sólido para que pudesse ser calcado, mas do tipo lamacento provocado pelo vento leste e não pelo vento norte, e a noite, com neve a cair e o mesmo vento, levou a água do fosso a um tal nível, que difficilmente, mantendo as cabeças fora da água, o atravessaram. Contudo foi sem dúvida a violência da tempestade que lhes possibilitou a travessia.

XXIV. Ao saírem do fosso os de Plateias avançaram num só destacamento pelo caminho que se dirigia para Tebas, tendo à direita o templo do herói Andrócrates, pois pensavam que ninguém iria suspeitar que eles fossem tomar o caminho que os levaria até aos inimigos. Além disso viram os Peloponésios, que seguravam archotes e tomavam o caminho em direcção a Citéron e a Drioscéfalas, que era o que conduzia a Atenas. [2] Durante seis ou sete estádios a gente de Plateias seguiu o caminho que conduzia a Tebas, depois mudou de direcção e seguiu o caminho que conduz às montanhas, em direcção a Éritras e Hísias, e foi pelo caminho das montanhas que conseguiu fugir para Atenas. Eram duzentos e doze homens que restavam de um número bem maior. De facto alguns tinham voltado para a sua cidade antes de tentarem escalar a muralha, e um deles, um archeiro, tinha sido detido fora do fosso. Os Peloponésios então desis-

tiram da perseguição e voltaram aos seus postos. Mas os que tinham ficado em Plateias nada sabiam do que tinha acontecido, e informados apenas pelos que tinham voltado, de que ninguém escapara, mandaram um arauto, logo ao raiar do dia, e pediram que se fizessem tréguas para que pudessem ir buscar os seus mortos, mas disso desistiram, quando souberam o que na realidade tinha sucedido. Foi assim que os de Plateias, que conseguiram saltar as muralhas, se salvaram.

Tomada de Mitilene

XXV. De Lacedémon, quando aquele mesmo Inverno chegou ao fim, foi mandado de trirreme Saletó, um lacedemónio, para Mitilene. Desembarcou em Pirra e daqui prosseguiu a pé, no leito de uma vala, da qual era possível passar para o fosso em volta das muralhas e chegar sem ser detectado a Mitilene. Aí, disse aos magistrados que haveria uma invasão da Ática e que ao mesmo tempo chegariam quarenta navios, cuja missão era ajudá-los e que ele próprio tinha sido enviado com antecedência devido a esses factos e para se ocupar ao mesmo tempo de outros assuntos. [2] Os Mitileneus sentiram-se encorajados e tinham cada vez menos a intenção de chegar a acordo com os Atenenses. Terminou este Inverno e com ele o quarto ano de guerra, cuja história Tucídides escreveu.

XXVI. No Verão que se lhe seguiu, os Peloponésios depois de terem mandado para Mitilene os quarenta barcos, cujo comando confiaram a Alcidas, que era almirante dos Lacedemónios, tanto eles como os seus aliados invadiram a Ática, com o fim de que os Atenenses, ameaçados ao mesmo tempo por terra e por mar, se sentissem menos tentados a atacar a esquadra que já estava a navegar rumo a

Mitilene. [2] Era Cleómenes que comandava esta invasão, regente em vez de seu sobrinho Pausânias, filho do seu irmão Plistóanax, o qual, embora filho de rei, era ainda menor de idade. Pilharam as partes da Ática que já antes tinham sido devastadas, mesmo que a sementeira já tivesse nascido, e todas as outras que nas invasões anteriores tinham ficado de fora. Foi esta a invasão a mais severa que os Atenienses sofreram, com excepção da segunda. [4] Como os inimigos continuamente esperavam ter notícias de Lesbos e de alguma acção da sua esquadra, porque pensavam que esta já tinha atravessado o mar, continuaram a devastar brutalmente a região. Quando, porém, nenhum resultado lhes chegou do que pretendiam e como os mantimentos estavam a esgotar-se, retiraram e dispersaram-se para cada uma das cidades.

XXVII. Entretanto os Mitileneus, visto que os seus navios não chegavam do Peloponeso, pois se demoravam no caminho, e como a comida já faltasse, foram forçados a chegar a acordo com os Atenienses pelos seguintes motivos. [2] Saleto, como pessoalmente já não esperasse a vinda dos navios, armou com equipamento pesado os populares, que antes estavam equipados com armas ligeiras, para se lançarem contra os Atenienses. [3] Mas eles, quando pegaram nas armas, deixaram de obedecer aos chefes e dispersaram-se em bandos e ordenaram que os mais poderosos mandassem trazer os mantimentos às claras e que os distribuíssem por todos ou então que eles próprios chegassem a acordo com os Atenienses e diriam que iam entregar a cidade.

XXVIII. Dando-se conta, os que detinham o mando, de que nem eram capazes de o evitar e que corriam perigo, se fossem excluídos da capitulação, decidiram juntamente com os plebeus chegar a acordo com Paques e o seu exército. O acordo consistia em que os Atenienses pudessem

deliberar quanto aos Mitileneus como lhes aprouvesse e que o exército sitiante fosse recebido na cidade e que fosse permitido aos Mitileneus enviarem uma embaixada a Atenas para decidir da sua sorte. Entretanto, até que viessem de volta, Paques não devia pôr a ferros qualquer dos Mitileneus, nem escravizá-los ou executá-los. E foi assim que se firmou o acordo. [2] No entanto, os que mais se tinham comportado como agitadores a favor dos Lacedemónios, ficaram aterrorizados, quando as tropas entraram, e não se conseguiram dominar, indo imediatamente refugiar-se nos altares. Paques, porém, demoveu-os ao prometer-lhes que lhes não faria mal e mandou-os ficar em Ténedo, até que os Atenienses chegassem a uma decisão. [3] Também mandou trirremes para Antissa e dela se apoderou e tomou outras decisões quanto às tropas da forma que lhe pareceu melhor.

XXIX. Mas os Peloponésios, com os seus quarenta navios aos quais competia terem chegado rapidamente, perderam tempo navegando em torno do Peloponeso, continuaram o resto da rota com todo o vagar e passaram despercebidos da armada ateniense até que chegassem a Delos. Porém, ao largarem depois para Ícaro e Míconos, receberam pela primeira vez notícia de que Mitilene tinha sido conquistada. [2] Querendo mesmo assim obter mais notícias, navegaram para Êmbato na Eritreia. Foram bem sete dias que levaram até chegar a Êmbato, depois de Mitilene ter sido tomada. Quando tiveram notícias fiáveis, começaram então a discutir a situação que se apresentava. Foi então que Teutiplotu, um homem da Elida, lhes falou assim:

XXX. “Alcides e todos os comandantes das forças peloponésias que estamos aqui presentes. Parece-me que nos devíamos fazer ao mar em direcção a Mitilene, antes que se fique a saber onde estamos. [2] Segundo todas as probabilidades iremos encontrar os homens que há pouco se apode-

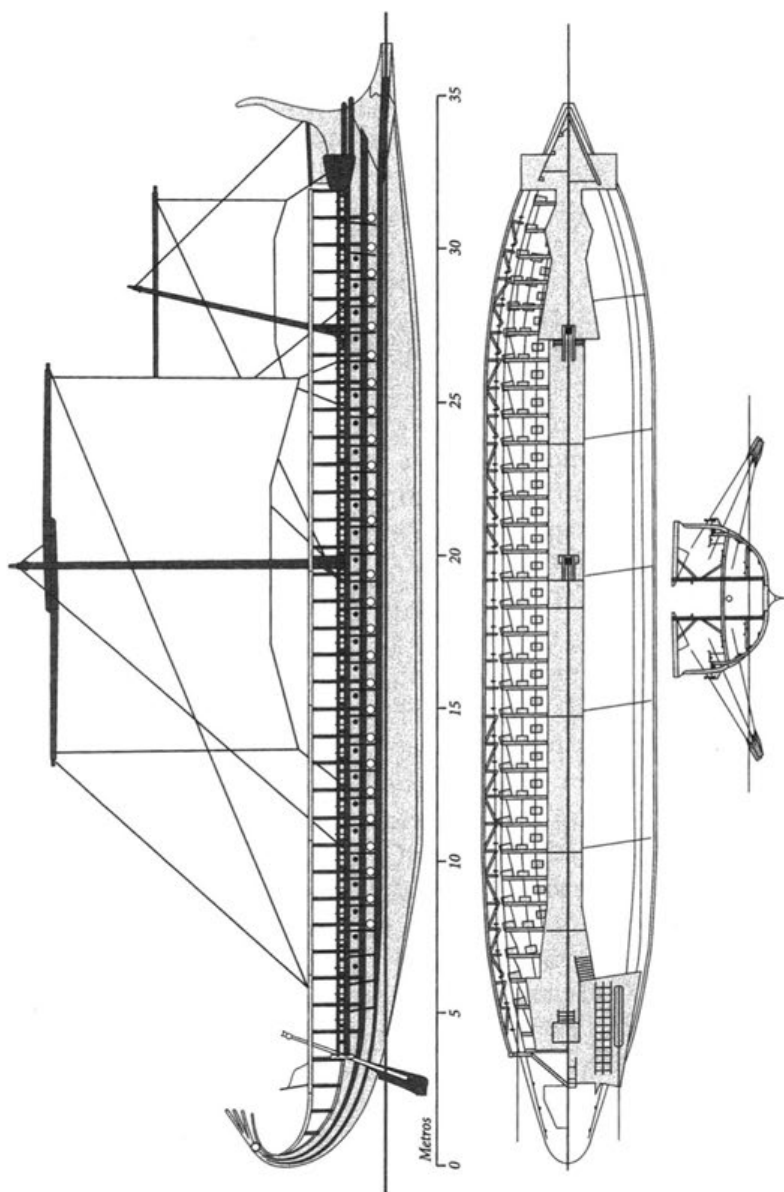
raram da cidade devido à pouca preparação defensiva. Do lado do mar e principalmente desse lado não esperam eles que lhes venha a surgir um ataque inimigo e é aí que precisamente reside a nossa vantagem. Também é verosímil que as suas forças terrestres estejam espalhadas pelo casario sem preocupações, porque crêem que venceram. [3] Se cairmos sobre eles de repente e de noite, espero que com os que estão lá dentro, se porventura ainda lá resta algum dos nossos simpatizantes, poderemos dominar a situação. [4] E não nos devemos retrair perante o perigo, pois sabemos que não há outra surpresa na guerra que não seja precisamente deste género. E se um estratega, no que lhe diz respeito, se defende dessas surpresas, quando se trata de usá-las contra o inimigo, tenta aproveitá-las, e conseguirá então grande sucesso.”

XXXI. Tendo proferido estas declarações, não conseguiu convencer Alcides. Então alguns outros, de entre os refugiados da Jónia e os Lésbios, que com a esquadra tinham navegado, aconselharam-no, pois que eles temiam o risco desta manobra, a tomar uma das cidades da Jónia, ou Cime na Eólia, a fim de que agindo, apoiados numa cidade, levassem a Jónia a revoltar-se — e esperanças havia, pois a sua chegada a ninguém tinha desagradado —, para que privassem os Atenienses do seu maior rendimento, e ao mesmo tempo, caso lhes opusessem resistência, esta lhes importaria mais despesas. E pensavam também que podiam persuadir Pissutnes a juntar-se-lhes na guerra. [2] Alcides, contudo, não aceitou as propostas, pois era mais da opinião, porque já era tarde quanto a Mitilene, que deviam quanto antes regressar ao Peloponeso.

XXXII. Assim levantou vela de Êmbato e navegou junto à costa e ao aportar a Mioneso, no país dos Teios, executou a maior parte dos cativos que tinha aprisionado durante a

viagem. [2] Lançou ferro seguidamente em Éfeso e chegaram então delegados dos Sâmios estabelecidos em Aneia que lhe disseram que não era aceitável a forma que ele usava para libertar a Hélade, quando massacrava homens que nem sequer tinham levantado as mãos contra ele, nem tão-pouco eram inimigos, mas simplesmente aliados dos Atenenses por necessidade, e que se não terminasse com esse comportamento, poucos inimigos de Atenas conquistaria para o seu lado, mas faria pelo contrário muito mais inimigos do que amigos. [3] Convenceu-se ele então e libertou quantos homens de Quios que estavam em seu poder e alguns dos outros. De facto as populações do litoral, quando viram os navios dos Peloponésios, não fugiram, mas bem pelo contrário aproximaram-se, como se fossem navios atenienses e nem tinham a menor expectativa quanto a navios dos Peloponésios se aventurarem nas costas jónicas, visto que os Atenienses é que dominavam os mares.

XXXIII. Quando saiu de Éfeso, Alcides navegou com pressa e pôs-se em fuga, visto ter sido avistado pelas trirremes *Salamínia* e *Páralo*, quando ainda estava ancorado perto de Claro, as quais acontecia terem-se posto a navegar largando de Atenas. Temendo a perseguição rumou pelo mar alto de forma a que, por decisão sua, não aportasse em nenhuma terra que não fosse do Peloponeso. [2] As notícias que dele tinham chegado a Paques e aos Atenenses, chegavam então agora de todo o sítio. Não estando as povoações da Jónia protegidas por muralhas, havia grande receio, não fossem os Peloponésios ao navegar pela costa, mesmo que não necessitassem de permanecer, devastar e pilhar as suas cidades. Finalmente as trirremes *Páralo* e *Salamínia* trouxeram consigo o testemunho de que elas próprias o tinham visto em Claro. [3] Paques iniciou então com rapidez a perseguição. E continuou-a até à ilha de Patmos, mas como foi evidente que não a conseguia alcançar, voltou para trás. Considerou além disso



Trireme

um ganho, o facto de não se ter cruzado no mar alto com a esquadra dos Peloponésios, e que estes o não tivessem forçado a montar arraial em porto algum, obrigando os Atenienses a vigiá-lo e a montar um bloqueio.

XXXIV. Na viagem de volta, quando navegava junto à costa aportou a Nócio dos Colofónios, na altura em que a parte alta da cidade fora tomada por Itamenes e os Bárbaros, os quais por uma das facções tinham sido chamados no seguimento de uma revolução local. Esta parte da cidade tinha sido tomada, quando da segunda invasão da Ática pelos Peloponésios. [2] Aqueles que tinham fugido para a baixa da cidade e ali passaram a residir, é que provocaram uma revolta, e foram esses que tendo recebido de Pissutnes mercenários dos Arcádios e dos Bárbaros, os instalaram na parte com muralhas separada do resto da cidade, e os Colofónios da parte alta da cidade, os quais tinham simpatia pelos Medos, foram-se juntar a eles e acederam à cidadania, mas os que tinham fugido em segredo para a parte baixa e agora estavam no exílio chamaram Paques. [3] Este convocou Hípias, o chefe dos Arcádios, que estava no recinto muralhado, para conversações na condição de o enviar de novo para a zona fortificada são e salvo, caso o que tivesse dito não merecesse o seu acordo. Quando Hípias veio ter com ele, prendeu-o com guardas mas sem grilhões, enquanto se lançava, de repente e sem que o esperassem, ao ataque da área fortificada, que tomou, mandando depois matar os Arcádios e todos os Bárbaros que ali estavam. Quanto a Hípias levou-o depois para a fortaleza, como tinha combinado. Porém, quando o agarrou lá dentro trespassou-o com setas. [4] Entregou então Nócio aos Colofónios à excepção dos colaboradores dos Medos. Depois os Atenienses mandaram colonos para colonizarem Nócio segundo as suas leis, depois de terem reunido todos os Colofónios das diferentes cidades e de onde quer que estivessem.

XXXV. Paques, após chegar a Mitilene, tomou conta de Pirra e Ereso e tendo preso Saleto, o Lacedemónio, que estava escondido na cidade, mandou-o para Atenas e assim também mandou de Ténedo os homens que fizera ali guardar e quaisquer outros que lhe parecesse terem estado implicados na origem da revolta. Também mandou de volta a maior parte do exército e com os soldados que lhe ficaram, procedeu à solução dos problemas de Mitilene e de Lesbos da forma como lhe pareceu melhor.

XXXVI. Quando Saleto e os outros chegaram, os Atenienses mandaram executar imediatamente Saleto, que se oferecia, entre outras coisas, para fazer sair os Peloponésios de Plateias, que estava ainda sitiada. [2] Quanto aos outros ainda trocaram opiniões, mas devido à raiva que sentiam, decidiram mandar matar não só os Mitileneus que estavam presentes, mas todos os que tinham chegado à idade adulta, bem como reduzir à escravatura as suas mulheres e filhos. Acusavam-nos de terem feito esta sedição, sem que fossem sujeitos tão duramente como os outros aliados, mas o que ainda se juntava e não pouco para aumentar a sua fúria, era o facto de a esquadra peloponésia ter ousado aventurar-se no litoral jónio para lhes prestar ajuda. De facto pareceu-lhes que esta revolta tinha sido pensada depois de rápida planificação. [3] Mandaram portanto uma trirreme a Paques com a informação do que tinha sido determinado e com a ordem de se livrar rapidamente dos Mitileneus. [4] No dia seguinte, porém, imediatamente sentiram um certo arrependimento, ao reconhecerem que a decisão tomada era monstruosa e cruel, ao mandarem destruir uma cidade inteira em vez dos culpados. [5] Quando os representantes dos Mitileneus e os de Atenas, que eram seus apoiantes, tiveram conhecimento disto, levaram os que estavam no poder a que, sem perder tempo, pusessem o caso em discussão pública. Persuadiram-nos com facilidade de que para eles era evidente que a

maior parte dos cidadãos desejava que lhes fosse dada a oportunidade de deliberar outra vez. [6] Foi reunida rapidamente a assembleia e outras opiniões foram formuladas por diversos oradores, um dos quais Cléon, filho de Cleeneto, o qual tinha levado a cabo a decisão de que fossem executados os Mitileneus. Ele era não só o mais violento dos cidadãos, mas também o que então exercia de longe maior influência no povo. Avançou pela segunda vez e disse:

XXXVII. “Já muitas vezes e por outras ocasiões eu pessoalmente reconheci que a democracia é incapaz de governar outros, sobretudo num caso, como este é, de uma mudança de atitude da vossa parte em relação a uma situação como a de Mitilene. [2] Pelo facto de no dia-a-dia tudo se passar sem receios nem suspeitas no que respeita as vossas relações em comum, o mesmo sentis em relação aos vossos aliados, e, deixando-vos convencer pelas suas palavras sois por eles enganados e se cedeis à compaixão, não é sem perigo que assim pensais, no que vos diz respeito, nem tão-pouco granjeais a gratidão dos mesmos. Não conseguis ver que é tirania o poder que sobre eles exerceis e que, sempre intrigando contra vós, são eles comandados por vós contra sua vontade, e não é por serem beneficiados por vós com prejuízo vosso que vos obedecem, mas mais pelo poder que exerceis do que pela sua vontade. [3] O pior de tudo é que, se nada do que decidirmos nos nossos planos, tiver bases duráveis, por não reconhecermos que um Estado que dispõe de leis inferiores e invioláveis é mais forte do que um que as tenha melhores mas sem autoridade; que a ignorância na companhia de algum bom senso é de maior utilidade do que a competência acompanhada de pouco discernimento, e que homens com menos inteligência em relação aos mais capazes são, na maior parte das vezes, melhores cidadãos. [4] Os que pretendem demonstrar que são mais sábios do que as leis, e que sempre querem prevalecer nas

reuniões públicas em que falam, como se não houvesse outros factos mais importantes em que possam fazer vingar a sua opinião, por motivos dessa ordem, na maior parte das vezes arruinam os Estados. Os outros, pelo contrário, não confiando na sua opinião pessoal, consideram-se menos sabedores do que as leis e de não serem capazes de criticar alguém que se exprime num belo discurso, mas sendo juizes imparciais, mais do que espíritos de contradição, acertam as mais das vezes. [5] Por estes motivos é necessário que passemos à acção e que não nos deixemos comover pela habilitade eloquente e pelos combates espirituosos, aconselhando o nosso povo de forma contrária à que pensamos.

XXXVIII. “Por mim continuo com a mesma opinião e fico admirado com os que propõem que de novo se discuta a questão dos Mitileneus e que interpõem um período de discussão, o que é a favor dos que procederam mal. Ora quem sofreu, perde por uma reacção tardia contra quem lhe fez mal, ao passo que, quando o castigo se sucede logo a seguir ao crime, é o castigo equivalente à ofensa. Pergunto-me se haverá alguém que me conteste e que julgue poder provar que as malfeitorias dos Mitileneus nos trouxeram algum benefício e que as nossas infelicidades se consideram injuriosas para com os nossos aliados. [2] É evidente que esse, ou deve ter tanta confiança no seu discurso a ponto de tentar demonstrar que a opinião communmente aceite não é reconhecida, ou, incitado pelo ganho, tentará compor um elaborado discurso que vos desvia da verdade. [3] Nestas disputas é que a cidade concede prémios a outros, enquanto ela corre todos os riscos. [4] E sois vós os culpados por estes certames serem mal concebidos por estardes habituados a ser espectadores de palavras, e ouvintes de feitos, vendo os futuros feitos, por aquilo que ouvistes dizer habilmente como sendo praticáveis, mas já quanto a factos realizados, não tomando em conta o que foi feito de maneira inegável,

negais acreditar no que foi feito por ser mais fiável pelo que vedes do que pelo que ouvistes, mas por influência dos que o valorizam pela arte da palavra. [5] Estais destinados a ser enganados por um discurso oportunista e a não querer seguir o que está comprovado, sendo escravos do que não se pode realizar e sentindo desprezo pelo que costuma acontecer. [6] Cada um de vós só pode querer ser um orador, e caso assim não seja, bater-se com os que dizem coisas desse género, para não parecerdes ficar atrás nas agudezas de opinião, aplaudi-los antes que a palavra saia das suas bocas, sendo rápidos a pressentir o que vai ser dito e lentos a prever o que dali vai resultar, [7] pois procurais, por assim dizer, qualquer coisa de diferente da realidade em que vivemos, dando pouca importância ao que na realidade existe. Em poucas palavras: sendo vencidos pelos prazeres do ouvido, sois mais parecidos com os espectadores sentados em certas mes de sofistas, do que com homens que tentam solucionar os problemas da Cidade.

XXXIX. “É deste procedimento que eu vos tento afastar, quando demonstro que Mitilene, mais do que qualquer outra cidade, vos prejudicou. [2] Eu ainda compreendo, que por não serem capazes de suportar o vosso domínio, se revoltam, ou procedam da mesma maneira forçados que são por forças inimigas. Mas estes vivem numa ilha rodeada de muralhas e só pelo mar podem temer os nossos inimigos, mas até neste caso não estavam desprovidos de uma organização de trirremes, além de que vivem independentes e tratados por nós com a mais alta consideração, e mesmo assim praticam tais actos. Como poderemos considerar este procedimento senão como conspiração e rebelião em vez de revolta, pois revolta é a reacção de quem é submetido à violência, uma vez que tentaram destruir-nos ao lado dos nossos maiores inimigos? Ora tal atitude é ainda mais assustadora do que, se por si próprios, declarassem a guerra contra

nós para assumir o poder. [3] Não serviram de aviso para eles, nem as desgraças por que passaram os seus vizinhos, que por se terem revoltado foram por nós reprimidos. Tão-pouco o bem-estar que existia os fez hesitar antes de se precipitarem em situações perigosas. Pelo contrário: tornaram-se demasiado confiantes quanto ao futuro, concebendo esperanças maiores do que as suas forças, mas mais fracas do que os seus planos, e começaram uma guerra, considerando que a força deve ser posta à frente do que é justo. No momento em que se julgaram superiores, contra nós se lançaram, sem que os tivéssemos provocado. [4] É na verdade habitual que cidades às quais, sem se esperar e em pouco tempo chegou a prosperidade, assumam uma atitude de insolência, enquanto na maior parte dos casos os homens, quando por um processo razoável lhes correu bem a vida, a consideram mais segura, do que se tudo se tivesse passado fora das expectativas, porque, por assim dizer, mantêm mais facilmente afastada a possibilidade de falharem, do que conservam a prosperidade. [5] Tinha sido necessário que os Mitileneus, logo de início, não tivessem sido tratados por nós com maior consideração do que os outros, porque então não se teriam deixado arrastar para esta insolência. A natureza do homem reage habitualmente de outra maneira: despreza os que a tratam bem e admira os que a isso não querem ceder. [6] Que eles sejam castigados agora de forma digna do seu crime, e não carregueis a acusação sobre os ombros dos aristocratas, dela aliviando o povo. Todos de igual maneira se lançaram contra vós, pois se alguns se tivessem aliado ao nosso lado poderiam estar agora reinstalados na sua cidade. Mas porque pensaram que era mais seguro para enfrentar os riscos, puseram-se ao lado dos aristocratas. [7] Pensai nos vossos aliados: infligirdes aos que foram contrangidos pelos inimigos as mesmas penas que quem por sua livre vontade se revoltou, qual deles pensais vós então não vai revoltar-se ao mínimo pretexto, quando vêem que a

liberdade os espera, se tudo lhes correr bem e que nada de irreparável terão de sofrer, se falharem? [8] Quanto a nós, temos de pôr em perigo a nossa fazenda e as nossas vidas contra cada cidade. E tendo sucesso, temos de tomar a nosso cargo uma cidade arruinada e ficar privados de rendimentos, que são a raiz da nossa força, e se falharmos passaremos a dispor de mais inimigos a juntar aos que já temos, e no tempo em que devíamos resistir aos inimigos que agora existem, temos de estar a combater os nossos aliados.

XL. “De forma alguma, por consequência, se deve dar-lhes a esperança, seja ela oferecida por palavras ou comprada por dinheiro, de que serão perdoados, porque o seu erro foi humano. Não foi contra vontade que nos trataram mal, decidiram-no outrossim conscientemente, e só o que é feito sem intenção é que é perdoável. [2] Por isso eu me bato agora, tal como fiz anteriormente, para que não volteis atrás no que decidistes antes, nem vos deixeis cair no erro por compaixão, pelo prazer da eloquência e pela clemência, que são os três sentimentos mais prejudiciais para quem detém o poder. [3] A compaixão deve ser retribuída aos que também a sentem e não aos que nem a retribuem e por necessidade continuam sempre inimigos. Os oradores que se deliciam com discursos terão oportunidade de se apresentar noutras ocasiões de menor importância e não numa circunstância, em que a cidade só para sentir breve satisfação será punida duramente, enquanto eles só por falarem bem serão premiados com grandes recompensas. A clemência deve ser antes reservada para os que no futuro se comportarão como amigos e assim permanecem, mais do que para aqueles que continuam a ser como sempre foram e nem mais nem menos do que nossos inimigos. [4] Posso dizer, tudo resumindo numa só frase. Se me derdes crédito levarei a cabo o que é justo ao mesmo tempo para os Mitileneus e mais conveniente para nós, mas se decidirdes de outra forma não

conquistareis as suas simpatias, mas o castigo cairá sobre vós próprios. Se na verdade tivessem razão, quando quebraram a aliança, vós então íeis dominá-los sem a isso ter direito. Se decidirdes, contudo, que com razão ou sem razão deveis continuar assim a proceder, força é então castigá-los para defender os vossos interesses. Caso contrário deveis deixar de exercer o vosso império e tranquilamente agir segundo os vossos bons e humanos preceitos. [5] Tomai pois a decisão de infligir o mesmo castigo que já achastes justo, e os que não colaboraram não devem parecer menos ferozes do que os que conspiraram, se vos convencerdes de que segundo todas as probabilidades eles teriam agido da mesma maneira se vos tivessem levado a melhor, tanto mais que foram eles que iniciaram a malfetoria. [6] Na maior parte dos casos, são aqueles que sem pretexto atacam outrem, que depois o perseguem até o destruírem, por se aperceberem do perigo que pode advir de um inimigo que foi poupado. Quem sofre sem que para tal houvesse necessidade, se fugir, é sempre mais perigoso do que um inimigo que sofreu castigo justo. [7] “Não sejais pois traidores para convosco próprios, mas lembrando-vos o mais possível do que vos fizeram sofrer, avaliai quanto teríeis dado para os destruir; pagai-lhes agora o que lhes é devido, sem que o vosso coração fraqueje ao vê-los na situação terrível em que estão e sem vos esquecerdes do perigo que pende sobre as nossas cabeças. [8] Castigai-os como merecem e dai claro aviso aos outros vossos aliados, de que quem se revolta, será punido com a morte. Se isto for entendido, não tereis de negligenciar os vossos inimigos, por terdes de combater os vossos aliados.”

XLI. Foi assim que Cléon falou. Seguiu-se-lhe Diódoto, filho de Êucrates, que já na anterior assembleia se tinha oposto a que executassem os Mitileneus, e tendo ele avançado, proferiu então as seguintes palavras:

XLII. “Não vou criticar os que propuseram que se voltasse a analisar a questão dos Mitileneus, nem tão-pouco vou louvar os que se opuseram a que por muitas vezes se pusessem à consideração os assuntos mais importantes. Estou convencido de que duas causas há que se opõem a uma boa decisão, nomeadamente a pressa e a raiva, parecendo esta preferir a companhia da loucura, e a outra a de um pensamento sem disciplina e apressado. [2] Quanto a palavras, quem quer que pretenda defender que elas não são as mestras das nossas acções, ou é destituído de inteligência ou está a defender interesses privados. Com falta de inteligência, se pensa que pode dar-se conta por outros meios do que o futuro reserva e desvenda o que ainda não é visível; defende interesses próprios, quem pretende persuadir que se tomem medidas vergonhosas, mas se apercebe de que não pode dizer bem de uma má solução, e assim pode facilmente difamar e intimidar os seus oponentes e os que o estão a ouvir. [3] Os piores, contudo, são os que, antes de mais nada, acusam e tentam demonstrar que alguém é retoricamente corrupto. De facto se simplesmente acusassem um orador de ignorância e de que não tinha conseguido persuadir, aquele podia sair com a reputação de não ser inteligente, mas não com a de ser desonesto. Quando a acusação é a de ser desonesto, mesmo que persuada, torna-se objecto de suspeição, mas se falhar não só é considerado sem inteligência, como corrupto. [4] Em todo este processo só é a Cidade que tem a perder, pois, devido ao medo, vai ser privada de conselheiros. Seria a Cidade mais favorecida, se tivesse no seu seio cidadãos desta qualidade, embora incapazes de comunicar. Haveria então menos risco de o povo agir erradamente por ter sido convencido. [5] Mas o bom cidadão não deve tentar atemorizar os seus adversários, mas sim demonstrar que é orador mais capaz em situação de igualdade, pois se uma cidade com bom senso não deve conferir honras sem reservas a quem conseguiu aconselhar de

forma positiva em muitas resoluções, também por outro lado não deve diminuir o respeito que é devido mesmo ao que não conseguiu impor a sua opinião, e longe de o castigar, tão-pouco o deve tratar sem consideração. [6] Seria de facto muito negativo que o orador com sucesso, para se tornar merecedor de honras maiores, viesse a falar faltando à verdade por visar a recompensa, e que o orador sem sucesso viesse a fazer o mesmo, tentando agradar e assim ganhar a simpatia da multidão.

XLIII. “Nós seguimos na direcção oposta e além disso, se alguém alvo de suspeição por ser corrupto ao mesmo tempo dá os conselhos mais valiosos, levamos-lhe a mal por causa de uma opinião duvidosa, de que ele é corrupto, e simultaneamente somos privados de uma evidente vantagem para a cidade. [2] Chegou-se pois a um ponto em que boas sugestões ditas com franqueza, em nada têm vantagem sobre as más, e de tal forma assim é que se alguém tiver a intenção de propor as piores soluções, é forçado a mentir para conquistar o povo a favor da sua opinião, da mesma forma, que quem pretender apresentar as melhores soluções, também é forçado a mentir para ser digno de crédito. [3] “E é por este excesso de esperteza que Atenas é a única cidade em que nada se pode fazer bem feito com sinceridade, a menos que se tente enganar. A verdade é que, se alguém quer dar abertamente algo de bom, é logo suspeito de secretamente querer ganhar alguma coisa. [4] Por isso é forçoso em casos desta gravidade que nos caiba avaliá-los, indo mais longe do que vós, que só sois capazes de prever a curta distância, tanto mais que nós temos de vos dar conselhos com responsabilidade para a vossa forma de ouvir, que de responsável nada tem. [5] Se na verdade o que desse conselhos e o que os aceitasse fossem prejudicados de igual maneira, tomaríeis decisões com mais bom senso. Neste caso porém acontece que com a raiva que acabais de sentir, cedeis e

castigais a opinião de quem vos aconselha e não as vossas opiniões que são muitas e também participaram do erro.

XLIV. “Mas eu avanço não para me opor defendendo os Mitileneus, nem para os acusar. A questão para nós, se tivermos bom senso, não se resume ao mal que contra nós fizeram, mas sim às resoluções avisadas que tomarmos. [2] Mesmo que eu demonstre o enorme mal que contra nós praticaram, nem por isso os mandaria executar, a menos que nos fosse vantajoso, e tão-pouco pedirei que tenham direito a ser perdoados, desde que seja evidente que isso não será a favor da cidade. [3] Estou certo de que vamos decidir muito mais a respeito do futuro do que do presente. E quanto ao que Cléon defende firmemente, que será de nosso interesse no sentido de diminuir tentativas de revolta, aplicar a pena de morte, quanto a mim, no que respeita um nosso futuro melhor, veementemente penso o contrário. [4] Não vos peço para não aceitardes os aspectos pragmáticos do meu discurso devido à beleza formal do seu. De facto as suas palavras adaptam-se mais do ponto de vista legal à vossa presente cólera contra os Mitileneus. Não estamos contudo numa questão jurídica contra eles, que nos leve a decidir qual a questão justa, estamos sim a decidir politicamente se eles poderão vir a ser de alguma utilidade para nós.

XLV. “Com efeito, em várias Cidades as penas de morte têm sido aplicadas para muitos crimes que nem são equivalentes a este, mas bem menos graves; apesar disso, inspirados pela esperança, homens arriscam. Todavia não houve ninguém, que tendo consciência de que não ia ter sucesso com a decisão tomada que avançasse para esta terrível medida. [2] E quanto a Cidades, qual é a que alguma vez congeminou a revolta e avançou para ela, sem que estivesse convencida de que estava bem preparada, ou com recursos próprios, um com uma aliança, o outro com outras? [3] Todos

os seres humanos por natureza, tanto no domínio privado como no público, podem enganar-se, e não há lei, seja ela qual for, que o possa evitar. A realidade é que os homens já percorreram toda uma série de castigos, tornando-os sempre mais pesados, na esperança de que diminuíssem as malfeitorias dos criminosos. É provável que antigamente as penas fossem mais suaves para os grandes crimes, mas como continuavam a ser cometidos, a maior parte era punida pela morte. [4] Mesmo assim os crimes continuavam da mesma forma. Por consequência, ou se encontra um horror mais terrível do que a morte, ou esta em nada evita o crime. É a necessidade ligada à pobreza que leva a humanidade à violência, e o sucesso gera a insolência e a soberba da ganância, e outras conjunturas no temperamento dos homens, e como cada um deles é cada vez mais dominado por impulsos mais poderosos, lançam-nos em situações de maior risco. [5] Em todos os casos estão presentes a esperança e a cobiça: esta última dirige, enquanto a outra espera. A cobiça é que planeia a decisão; a esperança apoia o sucesso da iniciativa, e ambas são prejudiciais, pois sendo invisíveis, têm muito mais poder do que os perigos que se vêem. [6] Também a Sorte contribui não pouco para levar os homens a arriscar. Quando aparece, sem se saber porquê, leva a que os homens avancem para o risco mesmo sem estarem preparados e não menos do que os homens, as próprias Cidades, uma vez que se trata do sucesso mais importante, a sua liberdade ou o império sobre os outros, e qualquer homem apoiado por todos julga irracionalmente ser mais poderoso do que é. [7] Numa palavra, é impossível e sinal de grande inocência que haja quem pense que a natureza humana, quando está empenhada cegamente em qualquer empreendimento, dele se afaste, seja pela força da lei, ou por qualquer outra ameaça.

XLVI. “Não devemos por isso acreditar que a pena de morte seja o meio apropriado para evitar que se tomem

decisões erradas, nem tão-pouco, por não haver saída, levar por bom caminho os que estão preparados para a rebelião, sem terem a possibilidade de arrependimento, nem de, num breve espaço de tempo, anular o erro cometido. [2] Pensai agora que nas presentes circunstâncias, se uma cidade, depois de se ter revoltado, se der conta de que não terá sucesso, poderá chegar a acordo, enquanto ainda é capaz de pagar a indemnização e de honrar o tributo, que pagará no futuro. Por outro lado, que cidade pensais que não achará preferível preparar-se melhor do que esta agora, e aguentar um cerco até aos limites do possível, se o resultado que a espera é exactamente o mesmo, quer se renda imediatamente ou com todo o vagar? [3] No que nos diz respeito, como poderemos sofrer o prejuízo de termos de persistir no cerco de quem não se rende, e se a conquistarmos, entrar na posse de uma cidade destruída, o que nos levará no futuro a ficarmos privados de qualquer rendimento que dela provenha e que é o que nos torna poderosos em relação aos nossos inimigos? [4] É pois necessário que não nos permitamos ser juizes tão severos, que acabemos por nos castigar mais a nós do que os delinquentes, antes de ver que se castigarmos com moderação nos tempos que se irão seguir, teremos ao nosso serviço cidades bem providas, de cujas riquezas poderemos aproveitar. Além disso a protecção que devemos procurar não tem de residir no terror imposto pelas nossas leis, mas sim na vigilância da nossa administração. [5] Neste momento estamos exactamente a fazer o contrário: cada vez que um povo livre é tomado pela força e o dominamos, quando ele muito naturalmente luta pela independência, pensamos logo erradamente que o devemos castigar severamente. [6] Ora devemos pelo contrário, em vez de punir violentamente povos livres que se revoltam, de preferência estarmos bem vigilantes antes de se revoltarem e assim prevenir que se deixem conduzir nesse sentido, e depois de dominarmos uma revolta devemos apontar a acusação para o menor número possível de culpados.

XLVII. “Será que já tendes consciência do grande erro que cometeríeis se dêsseis crédito a Cléon? [2] Neste preciso momento está o povo em todas as cidades satisfeito convosco, quer não se juntando aos aristocratas, mesmo que forçado, quer demonstrando imediatamente hostilidade para com os agitadores e dessa forma tereis o povo da cidade, que contra vós se revoltar, do vosso lado, se tiverdes de ir para a guerra. [3] Se massacrardes o povo de Mitilene, o qual nem sequer tomou parte na revolta e logo que entrou na posse das armas de sua livre vontade vos entregou a cidade, cometeréis em primeiro lugar uma injustiça, ao executardes quem vos fez bem; em segundo lugar, ireis dar oportunidades aos mais poderosos desses homens, que é exactamente isso que preferem. É que da próxima vez em que instigarem as cidades a revoltarem-se terão nessa precisa altura o povo como aliado, dado que fostes vós que demonstrastes que igual castigo deve ser aplicado aos culpados e aos que o não são. [4] Impõe-se portanto que mesmo os que foram culpados não sejam tratados em consequência, com a finalidade de evitar que os que ainda não são hostis para connosco, o não possam vir a ser. [5] Estou convencido de que este procedimento é muito mais favorável à manutenção do nosso poder, admitindo conscientemente termos sido ofendidos, do que, mesmo com razões justas, procedermos a massacres dos que não necessitamos de aniquilar. E quanto ao castigo de Cléon, em que se combinam a justiça e a idoneidade do castigo devido, verifica-se não ser possível que as duas coexistam nesta proposta.

XLVIII. “Reconheceis agora que as minhas propostas são as melhores, pois nem resultam de excessiva piedade e clemência, para as quais eu nunca me permitiria influenciar-vos, mas simplesmente pelos motivos que vos expliquei, deixai-vos convencer, e julgai culpados os Mitileneus que Paques para aqui mandou, mas deixai os outros viver em

paz. [2] São estas as medidas que são favoráveis ao nosso futuro, e que serão temíveis para os nossos inimigos. Quem decide com justiça para com os seus adversários, é mais forte do que aquele que irracionalmente e com força bruta os ataca.”

XLIX. Estas foram as palavras de Diódoto. Tendo sido proferidas estas opiniões, uma contra a outra, praticamente com a mesma veemência, entraram os Atenienses na discussão das propostas, ainda que parecidas, e acabaram no voto com a mão no ar por estarem em igualdade, mas venceu a proposta de Diódoto. [2] Logo a seguir despacharam uma segunda trirreme a grande velocidade, na esperança de que a primeira trirreme, que levava um avanço de aproximadamente um dia e uma noite, não chegasse primeiro e a segunda fosse encontrar a cidade já destruída. [3] Os enviados mitileneus abasteceram a tripulação do navio com vinho e farinha de cevada e prometeram grandes recompensas se chegassem a tempo. Tal era o ritmo dos remadores que, enquanto remavam, comiam a farinha de cevada amassada com vinho e azeite, e por turnos dormiam e remavam. [4] Houve a sorte de nenhum vento contrário se levantar, mas o navio que saíra primeiro e que navegava sem pressa para cumprir uma missão monstruosa, foi ele que mesmo assim chegou à frente, e assim permitiu a Paques ter tempo suficiente para ler o decreto, mas quando já estava prestes a executar as ordens, atracou o último navio, logo a seguir, e impediu que a cidade fosse destruída. E foi assim que Mitilene escapou ao perigo.

L. Os outros homens que Paques tinha mandado para Atenas como sendo os causadores da revolta, foram executados pelos Atenienses, conforme a proposta de Cléon, e contavam-se em pouco mais de mil, ao mesmo tempo que eram demolidas as muralhas dos Mitileneus e aprisionadas as

embarcações. [2] Seguidamente em vez de imporem um tributo aos Lésbios, dividiram a terra, com excepção da dos Metimneus, em três mil courelas e tendo reservado trezentos lotes, que consagraram aos deuses, mandaram colonos atenienses, escolhidos à sorte, para tomarem conta do resto. Foi com estes que os Lésbios combinaram pagar uma renda a dinheiro de duas minas anuais por cada lote, desde que fossem eles que cultivassem a terra. [3] Os Atenienses também se apoderaram no continente dos centros urbanos que estavam na posse dos Mitileneus e que depois ficaram como propriedade dos Atenienses. E foi assim que se resolveram os problemas de Lesbos.

LI. Naquele mesmo Verão, depois da conquista de Lesbos, os Atenienses encarregaram Nícias, filho de Nicérato, de fazer uma expedição contra a ilha de Minoa, que está situada diante de Mégara. [2] Utilizavam-na os Megarenses, como porto de guarda avançada, e nela tinham construído uma torre. Nícias, por seu lado, queria que a guarda, por ser menor a distância, fosse de ali mesmo exercida pelos Atenienses e não a partir de Budoro em Salamina, de maneira a que os Peloponésios dali não pudessem organizar pela calada incursões com trirremes como tinham feito antes ou barcos de corsários, ao mesmo tempo evitando que carga alguma chegasse por mar aos Megarenses. [3] Assim foi conquistar primeiramente, largando de Niseia, as duas torres, utilizando a partir do mar máquinas de guerra, e depois de ter aberto o canal entre a ilha e o continente, começou a construir uma muralha no lado virado para a costa onde por uma ponte assente num baixio, era possível levar auxílio à ilha, que não distava muito do litoral continental. [4] Quando a obra foi completada, no seguimento, em poucos dias, Nícias levantou outra muralha ao longo da ilha, e nela deixando uma guarnição, dirigiu-se então com o exército para Atenas.

Queda de Plateias

LII. No decorrer deste Verão também os Plateenses, que se encontravam sem reservas alimentares e já não estavam em condições de enfrentar o cerco, renderam-se aos Peloponésios do seguinte modo. [2] Dava-se então um assalto à sua muralha que eles já não eram capazes de repelir. Tendo conhecimento o comandante dos Lacedemónios da fraqueza em que se encontravam, não pretendia contudo conquistá-los pela violência; tinha-lhe de facto chegado um aviso de Lacedémon, explicando que, se porventura tréguas fossem feitas com os Atenenses, cada um teria de devolver quantos territórios tivessem ocupado na guerra, ficando de fora Plateias, cujos habitantes, de livre vontade, se lhes tinham juntado. Enviou por esse motivo um arauto para lhes comunicar, que se por sua própria vontade quisessem entregar a cidade aos Lacedemónios e aceitar as suas exigências, só seriam castigados os culpados, mas que ninguém o seria sem a intervenção de juízes nem fora dos ditames da justiça. [3] Foi isto que o arauto transmitiu, e eles que tinham chegado ao último grau de fraqueza, entregaram a cidade. Os Peloponésios alimentaram então durante alguns dias os Plateenses, até à altura em que chegaram cinco juízes de Lacedémon. [4] Quando vieram, nenhuma acusação foi proferida, mas foram chamados pelos juízes que lhes puseram a seguinte e única questão: “se porventura na guerra que então se dera tinham prestado algum bom serviço aos Lacedemónios ou seus aliados”. [5] Os Plateenses disseram então que pediam para poder falar mais longamente e como seus porta-vozes nomearam de entre eles Astímaco, filho de Asopolau, e Lácon, filho de Eimnesto, que era próximo dos Lacedemónios. Avançaram estes e disseram o seguinte:

LIII. “Quando decidimos proceder à rendição da nossa cidade, foi na boa fé de que não seríamos submetidos a este

tipo de julgamento, mas que o processo se daria mais dentro das normas da lei e aceitámos que os juizes não fossem outros senão vós, tal como é agora o caso, e pensávamos que seríamos submetidos a um tratamento equitativo. [2] Tememos agora que nos tenhamos enganado quanto a ambas as suposições. Temos toda a razão para suspeitar que o processo seja instruído pelas causas mais graves e que vós não vos comporteis como juizes imparciais. Partimos desse princípio, uma vez que nenhuma acusação tinha sido contra nós proferida, que exigisse que nos defendêssemos antes, mas tivemos de ser nós próprios a pedi-lo, tanto mais que a questão que nos está a ser posta é tão curta, que se a ela respondermos com a verdade, esta será contra os nossos interesses, enquanto uma resposta enganosa é posta em dúvida. [3] Por estarmos numa situação sem saída, somos forçados, e tal parece ser o caminho mais seguro, a falar e a correr riscos. De facto se nenhuma palavra for pronunciada, para quem esteja na nossa situação, surgirá sempre a censura, de que se tivéssemos falado, poderíamos ter encontrado a salvação. [4] Para nós, contudo, é difícil conseguir persuadir quando a isto se juntam outros factores. Pois se entre nós não nos conhecêssemos, poderíamos apresentar provas que vós não conheceis, e das quais poderíamos tirar proveito. Mas agora tudo o que for dito será a quem já o sabe, e porque já decidistes que as nossas qualidades são inferiores às vossas, e disto nos acusais, querendo vós ser atenciosos para com outros, tememos ir ser submetidos a juízo já premeditado.

LIV. “Mesmo assim vamos apresentar as justas reivindicações a que temos direito, tanto no que respeita às disputas com os Tebanos, como a nós próprios e ao resto dos Helenos, e iremos pois recordar os nossos bons serviços para tentar convencer-vos. [2] No que respeita à vossa questão brevemente formulada, se porventura prestámos algum bom

serviço aos Lacedemónios e seus aliados nesta guerra, se nos interrogais como inimigos, dizemos que em nada fostes prejudicados por nós nem fostes beneficiados, mas se nos interrogardes como amigos, estamos certos de que nos fizestes maior mal do que nós vos fizemos, visto que fostes vós que nos atacastes. [3] Na paz que se seguiu à guerra contra os Medos, demonstrámos a nossa honestidade, e não fomos os primeiros a quebrar as tréguas, e dos Beócios fomos os únicos que então se uniram em defesa da liberdade da Grécia. [4] Embora fôssemos um povo que habitava o continente, tomámos parte na batalha naval de Artemísio e na luta que foi travada aqui nas nossas terras, estivemos ao vosso lado e de Pausânias. E, se por esses tempos, algum perigo pairava sobre os Helenos, a todos apoiámos mesmo para além das nossas forças. [5] E no que só respeita particularmente a vós, ó Lacedemónios, naquela altura em que, depois do terramoto, Esparta foi possuída por grande terror, quando os Hilotas revoltados se apoderaram de Itome, enviámos um terço dos nossos cidadãos em vossa ajuda. Eis os factos que ficaria bem não serem esquecidos.

LV. “Eis os antigos e valorosos feitos de que nos orgulhamos ter praticado. Só depois é que nos tornámos vossos inimigos mas por culpa vossa. Quando os Tebanos nos quiseram oprimir e procurámos uma aliança convosco, repudiastes-nos e mandastes que nos dirigíssemos aos Atenienses, que estavam mais próximos, ao passo que vós estáveis situados mais longe. [2] Nessa mesma guerra, da nossa parte nada houve que minimamente sofrêsseis ou vos pusesse na eminência de sofrer. [3] Se recusámos revoltar-nos contra os Atenienses a vosso pedido, não o fizemos erradamente, pois foram eles que vieram em nosso auxílio na luta contra os Tebanos, enquanto da vossa parte vos abstivestes. Nunca teria sido digno da nossa parte abandoná-los depois, visto que por eles tínhamos sido bem tratados e que a nosso

pedido tínhamos sido incluídos no número dos seus aliados e compartilhávamos direitos de cidadania, sendo portanto compreensível que de livre vontade seguissemos as ordens que nos davam. [4] Quanto ao que ambos exigis dos vossos aliados, não é a nós que vos seguimos, que deve ser imputada qualquer falta cometida, mas sim a quem nos levou a um comportamento tão fora das regras acordadas.

LVI. Os Tebanos, por seu lado, procederam mal nas muitas afrontas do passado, e vós próprios estais agora a experimentar aquilo por que passámos até chegar a esta situação. [2] Tentaram ocupar a nossa cidade em tempo de paz e além disso no meio de um festival. Com toda a justiça tínhamos razão para os castigar, respeitando o que está estabelecido por lei e para todos: repelir um inimigo que vos ataca, seja ele qual for, e agora não seria razoável que viéssemos a sofrer por causa deles. [3] Se neste momento assumirdes como posição justa servir os vossos interesses imediatos e a sua hostilidade, aparecereis não como juízes verdadeiros do que é Justiça, mas pelo contrário como escravos do que mais vos interessa. [4] E se agora os Tebanos vos parecem ser de maior utilidade, muito mais fomos nós e os restantes Helenos na altura em que estáveis num perigo maior. Agora estais a atacar outros e a ser uma ameaça para eles, enquanto naqueles momentos, em que o Bárbaro nos estava ameaçando a todos com a escravatura, essa gente estava junta a ele. [5] É justo, contudo, que apresenteis o nosso erro actual, se é que porventura algum erro houve, em comparação com a boa vontade que nessa altura demonstrámos. Descobrireis então que ela foi maior do que o erro e em tempos nos quais era raro, por parte dos Helenos, oporem alguma coragem à força de Xerxes. Eram louvados então os que em vez de zelarem em segurança pelos seus interesses perante a violência, queriam ousar feitos valorosos no meio dos perigos. [6] Ao número destes pertencemos e fomos

honrados entre os primeiros, mas agora, em circunstâncias idênticas, tememos ser destruídos, porque escolhemos os Atenienses mais por motivos de justiça do que a vós, pelo proveito material a obter. [7] Eis a razão por que deveis comportar-vos da mesma maneira, quando avaliardes factos idênticos e admitir que o vosso interesse vai no mesmo sentido: acalentar permanente gratidão para com os melhores entre os vossos aliados, devido ao seu valor, e ao mesmo tempo assegurar o que neste momento vos é vantajoso.

LVII. “Olhai também para o facto de serdes considerados agora pela maior parte dos Helenos como um exemplo de cavalheirismo. Se porém o que decidirdes quanto a nós não for aceitável visto que a sentença que ides proferir não é secreta, e vós que nos julgais, não sois desconhecidos, nem nós os réus tão-pouco somos menosprezados, dai atenção a que não sejam repudiados julgamentos de homens bons por outros, que, sendo ainda melhores, mesmo assim os julgaram de forma indecorosa e que não sejam considerados como afronta nos templos que temos em comum, as dedicatórias e os despojos por nós tomados, por nós os benfeitores da Hélade. [2] Mais horrendo parecerá que os Lacedemónios saqueiem Plateias e que vós, cujos pais inscreveram devido a feitos valorosos na trípole de Delfos o nome da nossa cidade, venham a arrasá-la, casa a casa, do mapa da Hélade, só para agradar aos Tebanos. [3] Eis a que ponto de desgraça chegámos, nós que fomos arruinados pelo poder dos Medos, os mesmos que agora somos tratados por vós, outrora nossos melhores amigos, em condições de inferioridade em relação aos Tebanos. Estamos agora a enfrentar dois problemas gravíssimos: se não entregássemos a cidade, morreríamos de fome, e agora estamos a defrontar um julgamento, de que depende a nossa vida. [4] Somos de Plateias e estamos abandonados por todos, nós que para lá das nossas forças estivemos ao lado dos Helenos, e nos encontramos

neste momento sós e indefesos. E visto que nenhum dos nossos aliados nos vem agora defender, nós, ó Lacedemónios, consideramo-vos a nossa única esperança, mas tememos que dela vós não sejais os portadores.

LVIII. “Mesmo assim vos imploramos, em nome dos deuses que outrora nos fizeram aliados e pelo nosso valioso serviço em prol dos Helenos, para adiar a vossa decisão, mesmo que tenhais sido convencidos pelos Tebanos, e para lhes pedirdes por vossa iniciativa para não serem mortos aqueles que não vos fica bem matar, para assim receberdes uma gratidão honesta em vez de uma digna de vergonha, ao dar prazer a outrem e receber em troca um feito vergonhoso para vós. [2] É num instante que podeis matar os nossos corpos, mas é penoso fazer desaparecer a infâmia de tal acto. Não somos inimigos que com bons motivos ireis castigar, mas gente boa, que só lutou convosco porque a isso foi forçada. [3] Faríeis um acto piedoso se garantísseis a segurança das nossas vidas e se tivésseis previamente no vosso espírito que nos prendestes, mas de boa vontade nos entregámos e fizemo-lo de mãos estendidas, e é lei dos Helenos que nestes casos não se deve matar, tendo sido nós além do mais vossos benfeitores. [4] Olhai para os túmulos dos vossos pais, que, mortos pelos Medos, foram enterrados nas nossas terras e que todos os anos honramos com a oferta pública de vestimentas funerárias e com outras ofertas tradicionais. Os primeiros frutos que a terra nos ofereceu a eles são dados, trazendo-lhes tributos de toda a ordem, com a reverência de uma terra amiga, os aliados que outrora foram seus companheiros de armas. E vós podeis proceder exactamente num sentido contrário, decidindo de forma injusta. [5] Olhai: quando Pausânias os enterrou, pensou que o fazia em terra amiga e junto de homens amigos. Vós, se nos matardes e transformardes a terra de Plateias em terra de Tebas, que acto praticais senão deixar os vossos pais e parentes em terra

inimiga, junto aos seus assassinos, desonrados e sem as atenções de que hoje são alvo? Mas mais ainda: ireis escravizar a terra na qual os Helenos recobram a sua liberdade; ireis trazer a desolação para os templos, dos quais pelas suas orações conseguiram levar a melhor aos Medos, e ireis roubar aos sacrifícios religiosos a paternidade dos que os instituíram e estabeleceram.

LIX. “Estes actos não correspondem à vossa honra, Lacedemónios, e são um insulto à tradição legal dos Helenos e dos vossos antepassados, nem tão-pouco o matar-nos a nós, vossos benfeitores, devido à inimizade de outros, sem que nada vos tenhamos feito. Ao poupar-nos deveis ter comiseração e compaixão, não pensando apenas no lado negativo, mas também meditando em quem somos e como vamos sofrer e como é insegura a Fortuna, cujos golpes podem cair sobre quem é inocente. [2] Quanto a nós, tal como nos compete e levados pela necessidade, pedimo-vos em nome dos deuses, que são comuns à raça helénica e que nós invocamos, que nos deis ouvidos. Trazemos à vossa memória os juramentos que os vossos pais pronunciaram, em como nunca nos esqueceriam e assim nos tornámos suplicantes diante dos túmulos ancestrais e rogamos aos que aqui jazem que não caiamos nas mãos dos Tebanos, nem que a eles sejamos entregues, a eles os piores inimigos dos vossos antepassados, nós os vossos maiores amigos. Também lembramos aquele dia no qual levámos a cabo juntos com eles os feitos mais brilhantes, nós que neste momento estamos em risco de sofrer o que há de mais cruel. [3] E agora é necessário e trata-se do pior que pode acontecer a quem está na nossa situação, levar o discurso a seu fim, já que o perigo existe de o fim da nossa vida se dar ao mesmo tempo. Mas ao terminar dizemos que não entregámos a nossa cidade aos Tebanos, que preferíamos em vez disso acabar por morrer de fome, o fim mais terrível de uma vida, e que capi-

tulámos por ter confiança em vós. [4] E é justo, caso não vos convenceremos, que permitais voltarmos à nossa situação anterior e deixar-nos escolher por nós próprios o perigo que temos de enfrentar. Também vos suplicamos ao mesmo tempo, nós que somos de Plateias e que sempre estivemos ao lado das causas helénicas, que não nos entregueis, ó Lacedemónios, das vossas mãos para as dos Tebanos nossos piores inimigos, uma vez que somos suplicantes e pela confiança que temos em vós, e assim nos torneis nos nossos salvadores, e não, enquanto libertais o resto dos Helenos, nos torneis vítimas de uma destruição total.”

LX. Assim falaram os de Plateias. E os Tebanos, receando que os Lacedemónios não deixassem de ficar impressionados com as palavras deles, disseram que também eles queriam falar visto que, e contra a sua opinião, aos de Plateias tinha sido concedido mais tempo do que era necessário para falar e responder à questão que lhes tinha sido posta. Como os juízes acedessem ao pedido, disseram o seguinte:

LXI. “Não deveríamos ter sido forçados a pedir para fazer este discurso, se os de Plateias tivessem com brevidade respondido ao que lhes era perguntado, porém, tendo-se virado contra nós fizeram-nos acusações, e a seu próprio respeito, saíram fora dos temas combinados e sem serem acusados procederam à sua defesa, e sem que ninguém os tivesse difamado procederam ao seu próprio elogio. Cumpre-nos pois contestar as suas acusações e avaliar a forma como se elogiaram, de maneira a que nem a nossa maldade nem a glória deles lhes seja de qualquer proveito. Julgai pois sobre a verdade que ireis ouvir a respeito de ambos os lados. [2] Nós começámos a ter problemas com eles, na altura em que ocupámos Plateias, a seguir a ter já ocupado o resto da Beócia e outros lugares com ela, dos quais tomámos conta depois de expulsarmos uma população de raças misturadas,

e eles não aceitaram, tal como fora combinado primeiro, submeterem-se à nossa governação, e afastando-se do resto dos Beócios, sem respeitarem as tradições dos nossos pais, logo que começaram a ser forçados, passaram-se para o lado dos Atenienses e em conjunto com eles fizeram-nos muito mal, processo devido ao qual também tiveram o seu quinhão de sofrimento.

LXII. “E porque dizem que quando o Bárbaro avançou sobre a Hélade, foram eles os únicos dos Beócios a não “medizar” e por esse motivo se pavoneiam e nos rebaixam. [2] Ora nós afirmamos que eles não “medizaram”, simplesmente porque os Atenienses o não fizeram, com o mesmo propósito que a seguir, quando os Atenienses começaram a tomar toda a Hélade, foram eles os únicos Beócios a com eles colaborar, a “aticizar”. [3] Dai atenção agora à situação em que cada um de nós assim procedeu. Acontecia que naquela altura a nossa cidade não era governada nem por uma oligarquia, com leis de igualdade, nem por uma democracia. A sua política era dominada por leis, que eram o que havia de mais contrário a um regime com política moderada, pois era sim muito próxima da tirania, visto que uma dinastia de poucos homens detinha as decisões em suas mãos. A ambição deles era a de ainda aumentarem os seus poderes pessoais. [4] E para o caso de o Medo levar a melhor, à força conservavam submetido o povo e trouxeram-no como aliado. Foi assim que a cidade inteira, visto não ter autonomia, teve de fazer o que fez, e não é digno acusá-la, quando errou por não ser governada por leis. [5] Quando o Medo se retirou e criámos as nossas leis, foi na altura, é preciso que vos deis conta disso, em que no seguimento os Atenienses se lançaram sobre o resto da Hélade e até tentaram reduzir a nossa terra ao seu poder, e devido ao mal-estar social entre nós, tomaram conta de grande parte da cidade, e foi lutando contra eles em Coroneia que, depois de os

termos vencido, libertámos a Beócia e agora é com entusiasmo que tentamos libertar os outros que faltam, fornecendo-lhes cavalos e equipamentos em maior quantidade do que os outros aliados. E eis aqui o que é importante dizer como defesa à acusação de “medismo”.

LXIII. “Tentaremos agora demonstrar que vós, os de Plateias, fizestes mais mal aos Helenos do que nós e que por isso mereceis um castigo severo. [2] Obtivestes para vos protegerdes de nós, como dizeis, a aliança e a cidadania com os Atenienses. Esse facto devia ter-vos levado a atacarem-nos a nós e não a juntarem-se a eles para atacarem outros. Era esta uma possibilidade que tínheis, mesmo que contra vontade fosseis forçados pelos Atenienses, uma vez que uma aliança com os Lacedemónios já tinha sido por vós firmada contra os Medos, a mesma aliança que vós continuamente nos lembrais. Teria ela sido o bastante para nos manter à parte, e o que é mais importante, para que sem medo pudésseis tomar uma decisão. Mas não! Foi por vossa vontade e não forçados que escolhesteis a causa dos Atenienses. [3] Dizeis ainda que era vergonhoso trair os vossos benfeitores. Muito mais vergonhoso e injusto é trair os Helenos para a sua destruição, tendo com eles jurado uma aliança que constava de serem somente os Atenienses que promoveram a escravidão da Hélade, enquanto outros a tentavam libertar. [4] A recompensa que lhes destes não foi equitativa nem estava isenta de desonra. Como dizeis, pediste-lhes ajuda, quando estáveis a ser prejudicados, para depois vos juntardes a eles, quando eram eles que estavam a prejudicar outros. Pagar favores com favores correspondentes, não constitui desonra desde que sejam devidos em circunstâncias justas e não quando são retribuídos para pagar más acções.

LXIV. “É pois evidente, como demonstraís, que não foi por causa dos Helenos que fostes os únicos dos Beócios a

não “medizar”, mas porque os Atenienses não quiseram, enquanto nós o fizemos, e vós preferistes aliar-vos com uns e tomar partido contra os outros. [2] E quereis agora ser recompensados por bom comportamento, quando, se assim fizestes, foi por influência de terceiros? Ora isto não é razoável! Visto que escolheste os Atenienses, continuai a lutar ao seu lado e não continueis a recordar como argumento a aliança que outrora fizemos, simplesmente porque a achais necessária para vos pordes a salvo. [3] Essa aliança ignoraste-a e abandonando-a tomastes parte em vez disso na escravização dos Eginetas e de alguns outros membros da aliança, em vez de a impedir. Ora praticastes estes actos não contra vossa vontade, visto que dispúnheis de leis, as quais até hoje ainda estão em vigor, e sem que ninguém vos forçasse, como aconteceu connosco. Além disso recusastes a última proposta que vos fizemos antes de vos sitiarmos, a de vos deixar em paz se não fôsseis atacar ninguém. [4] Quem poderá ser mais odiado pelos Helenos se não vós próprios que tentastes contrapor o vosso carácter de homens de coragem à ruína deles? De facto todas essas virtudes que vos são próprias, como dizeis, acabais agora de demonstrar não vos pertencerem, porque a natureza das coisas decidiu que tudo fosse demonstrado pela verdade. Foi de verdade com os Atenienses que prosseguistes o caminho criminoso que eles percorriam. [5] É pois assim que afirmamos o nosso “medismo” contra a nossa vontade e o vosso “aticismo” por vontade própria.

LXV. “Quanto às últimas razões, que antes referistes, que tínhamos procedido mal, que contra a lei tínhamos em tempo de paz, atacado a vossa cidade no meio das festas religiosas, não pensamos que neste caso sejamos nós os que mais estamos em falta. [2] Se foi por nossa iniciativa que fomos atacar a vossa cidade e que devastámos a vossa terra como inimigos, somos de facto culpados. Mas se gente vossa, dirigentes e homens de dinheiro e de boas famílias quiseram

pôr fim à vossa aliança com outros de fora, a fim de se manterem os princípios dos nossos pais, comuns a todos os Beócios, e se esses por sua livre vontade nos pediram ajuda, de que somos nós culpados? [3] Culpados são mais os que não respeitam a lei do que os que a seguem. Pensamos contudo que nem aqueles nem nós próprios procedemos mal. Sendo aqueles, cidadãos de pleno direito, tal como vós o sois, mas correndo maior perigo, abriram os portões das suas muralhas, levaram para a sua cidade amigos e não inimigos, porque queriam que os piores da vossa gente não fossem ainda piores, e que os melhores fizessem o que era digno, e sendo os censores dos vossos princípios políticos, não iriam privar a cidade das vossas pessoas, mas congrassar os da vossa origem, sem vos fazerem inimigos de ninguém mas sim restaurando a paz igualmente com todos.

LXVI. “E a prova disso é que não procedemos como inimigos, nem prejudicámos ninguém, e proclamámos que quem desejasse ser cidadão, conforme as leis hereditárias dos Beócios, podia vir para junto de nós. [2] E vós viestes de boa vontade e tendo feito um acordo, comportaste-vos primeiramente com tranquilidade. Depois, contudo, dando-vos conta de que éramos poucos, e uma vez que parecia que tínhamos agido de forma bastante abusiva, tendo entrado sem o acordo do vosso povo, não nos pagastes na mesma moeda, não começando por actos de violência, mas tentando por argumentos levar-nos a sair, e quando, contra o que fora combinado, nos assaltastes, fostes matar em luta corpo-a-corpo alguns, não sentimos por eles o mesmo grau de dor, pois sofreram o que qualquer um sofre pela lei da guerra, mas já aqueles que estenderam as mãos para vós e a quem poupastes a vida, tendo-nos prometido também que não os mataríeis depois, e que apesar disso selvaticamente massacrastes, como não foi então abominável o vosso procedimento? [3] Depois de terdes cometido tais actos, três

crimes, num curto espaço de tempo, a violação de um acordo e a seguir o assassinio dos nossos homens e o mentir-nos, com a promessa de que lhes pouparíeis a vida se não devastássemos os vossos campos, sois agora vós que nos dizeis termos sido nós que transgredimos a lei, e pedis para vós próprios que o castigo vos não seja aplicado? [4] Isso não! Se estes juízes julgarem pelo que é justo. Por causa de todos estes crimes deveis ser punidos.

LXVII. “Estes foram assuntos, ó Lacedemónios, que largamente discutimos, no que nos respeita e no que vos respeita, de forma a que vós saibais que os ireis condenar com justiça, e que nós, por nosso lado, nos vingámos ainda com mais razão. [2] E ao ouvirdes os seus antigos feitos valorosos, se é que jamais algum houve, não vos deixeis comover: podem vir essas virtudes em auxílio dos que foram vítimas de malfetorias, mas para os que cometeram actos vergonhosos, merecem elas um duplo castigo, na medida em que o mal que cometeram nem sequer se coaduna com o seu habitual comportamento. Não deixeis tão-pouco que sejam ajudados pelos seus lamentos e pelo dó que provocam, nem por invocarem os sepulcros dos vossos pais e a sua própria miserável situação. [3] Por nossa parte poderíamos contrapor que bem mais dolorosas desgraças atingiram por sua causa os nossos rapazes, que foram por eles massacrados, embora os pais de alguns deles tivessem morrido em Coroneia, tentando levar a Beócia para o vosso lado, enquanto outros já velhos e deixados ao abandono em suas casas vos suplicam, com bem maior justiça, que o castigo seja sobre eles aplicado. [4] Mais dignos de piedade são aqueles que sofrem um imerecido destino, mas com toda a justiça, gente como esta deve, pelo contrário, ser objecto de sentimentos opostos a sentimentos de alegria. [5] O estado de privações em que se encontram, por eles próprios foi causado. Foi por sua livre vontade que recusaram uma

aliança melhor. Agiram mal sem que em nada fossem por nós maltratados, deixando-se levar pela opinião originada no ódio e não pelo que seria justo, não podendo agora já pagar com um castigo que lhe seja equivalente. Para todos os efeitos sabemos que serão tratados segundo a lei e que não vêm agora do combate como suplicantes estendendo as mãos, como alegam, mas entregaram-se à justiça depois de assim terem acordado. [6] Castigai pois, ó Lacedemónios, seguindo o espírito da lei dos Helenos que por estes foi transgredida, e pagai-nos a nós que tivemos de sofrer os seus actos de fora-da-lei, uma recompensa digna de tudo o que, com firme vontade, por vós fizemos. Não deixeis que, pelas suas palavras, sejamos postos de lado quando convosco lidamos, dai aos Helenos o exemplo de que os julgamentos que instituístes não são de palavras mas de actos, que se forem de qualidade, basta uma sua breve enunciação para já terem poder, ao passo que, se de má qualidade forem, mais não serão do que discursos alindados por palavras, que só servem como véus para encobrir a verdade. [7] Mas se os que mandam, como vós mesmos neste momento, despreveram com brevidade os factos para todos os que a eles estão ligados, então dítai a sentença, e será menos necessário procurar belas palavras depois de terem sido cometidos tão criminosos actos.”

LXVIII. Foram estas as palavras que os Tebanos proferiram. E os juízes lacedemónios decidiram que para eles era honesta a questão que fora posta: se na guerra tinham recebido algum benefício da parte dos Plateenses, visto que sempre lhes tinham pedido que se comportassem segundo as cláusulas do tratado de paz por eles firmado com Pausânias depois da vitória sobre os Medos; tinham-lhes proposto também, antes de se proceder ao cerco de Plateias, que se mantivessem neutros de acordo com o tratado, mas não aceitaram. [2] Portanto, eram de opinião de que já não estavam obrigados por aquela decisão que, ao abrigo do tratado,

tinham tomado, e portanto sentiram-se maltratados por eles. De novo fizeram-nos avançar um por um e perguntaram-lhes o mesmo, se tinham prestado alguma ajuda aos Lacedemónios e seus aliados durante a guerra, ao que eles responderam que “não”, mandavam-nos retirar e executavam-nos sem que se poupasse nenhum. [3] Dos Plateenses mataram não menos do que duzentos, dos Atenienses, que ajudaram no cerco, vinte e cinco, e as mulheres venderam-nas como escravas. Quanto à cidade, permitiram os Tebanos que fosse ocupada por cerca de um ano por homens de Mégara, que tinham sido expulsos por se terem revoltado, bem como pelos de Plateias que tinham tomado partido pela sua causa. Seguidamente arrasaram toda a cidade até ao chão e sobre as suas fundações construíram, vizinha ao santuário de Hera, uma estalagem de duzentos pés quadrados, com quartos em toda a volta, em cima e em baixo, e utilizaram para essa finalidade os telhados e as portas dos Plateenses. Com o restante material de cobre e de ferro, que ficara dentro das muralhas, fizeram camas e dedicaram-nas a Hera, em homenagem da qual construíram um templo de pedra com cem pés de comprimento. A terra que confiscaram, alugaram-na por dez anos e foram os Tebanos que a ocuparam. [4] Quase tudo o que os Lacedemónios fizeram em relação a Plateias foi a favor dos Tebanos, calculando já que eles poderiam ser úteis na guerra que justamente naquela altura estava a começar. [5] E foi assim que se deu o fim de Plateias, no nonagésimo terceiro ano desde que se tinha tornado aliada dos Atenienses.

De novo, dificuldades em Corcira

LXIX. Entretanto os quarenta navios peloponésios, que tinham ido em socorro dos Lésbios e que nessa altura, em fuga, atravessavam o mar alto depois de terem sido persegui-

dos pelos Atenienses, foram atingidos por uma tempestade nas proximidades de Creta e, já dispersos, navegaram dali até ao Peloponeso, onde encontraram em Cilene treze trirremes de Leucádios e Ambraciotas, bem como Brásidas, filho de Télis, que tinha vindo como conselheiro de Alcidas. [2] Como tinham falhado na tomada de Lesbos, os Lacedemónios queriam de facto aumentar o seu poder naval e navegar para Corcira, que se tinha revoltado nessa altura, quando os Atenienses em Naupacto somente tinham doze navios, e os Lacedemónios queriam-no fazer portanto antes que um maior número de forças navais viesse de Atenas para os reforçar. Foi pois com este fim que Brásidas e Alcidas se começaram a preparar.

LXX. Os Corcireus estavam em revolução, desde que tinham chegado à sua terra os cativos presos nas duas batalhas navais nas águas de Epidamno, e que pelos Coríntios tinham sido libertados. Segundo o que corria, foram libertos devido à fiança de oitocentos talentos paga pelos seus representantes oficiais, mas na realidade tinham sido subornados para trazerem Corcira para o lado dos Coríntios. Ora o que eles fizeram limitou-se a irem falar com cada um dos cidadãos, para que levassem a cidade a sair do domínio ateniense. [2] E quando chegou um barco da Ática e outro de Corinto trazendo embaixadores, depois de estes terem iniciado conversações, os Corcireus votaram a favor de continuarem aliados dos Atenienses segundo o tratado mas de continuarem, por outro lado, amigos dos Peloponésios, como antes. [3] Foi nessa altura que os tais prisioneiros levaram a tribunal Pítias, que estava entre eles e era próspero voluntário dos Atenienses e chefe da facção popular, acusando-o de querer tornar Corcira escrava de Atenas. [4] Ele, porém, por ter sido ilibado, moveu um processo contra os cinco mais ricos de entre eles e acusou-os de terem cortado vides dos recintos sagrados de Zeus e de Alcínoo. A multa

por cada vide estava calculada por lei em uma estatera. [5] Quando eles foram condenados e se refugiaram como suplicantes nos templos, para que pagassem em prestações a multa por ser muito pesada, Pítias que pertencia ao conselho, convenceu-o a que deixasse a lei seguir o seu curso. [6] Quando os condenados se viram obrigados pela lei, ao mesmo tempo que souberam que Pítias, enquanto membro do conselho, se preparava para convencer as massas populares a aceitarem uma aliança defensiva e ofensiva com os Atenienses, juntaram-se e empunhando punhais, correram de repente para o conselho e aí mataram Pítias, e outros dos conselheiros e particulares, ou seja sessenta ao todo. Contudo, alguns, mas poucos, que eram da opinião de Pítias, fugiram para a trirreme ática que ainda estava no porto.

LXXI. Depois de terem assim procedido, os conspiradores chamaram os Corcireus a reunirem-se e contaram-lhes que os acontecimentos eram os mais favoráveis e que agora as probabilidades eram poucas de caírem na servidão de Atenas; que para o futuro não deveriam receber quem quer que fosse, a menos que viesse pacificamente num só navio, e que deveriam considerar hostil quem viesse com maior número. Tendo assim falado, obrigaram o povo a ratificar esta proposta. [2] Também para Atenas mandaram imediatamente enviados para explicar os recentes acontecimentos em Corcira, como se fossem no interesse de Atenas, e para convencer os que para lá tinham fugido a nada fazer contra eles, de maneira a que não houvesse uma reacção contrária a Corcira.

LXXII. Mas quando a delegação chegou, os Atenienses prenderam os legados como se fossem revolucionários e todos os que como tal os tinham ouvido, e mandaram-nos para Egina. [2] Entretanto os que dominavam a situação em Corcira, quando chegou uma trirreme de Corinto com legados lacedemónios, atacaram os da facção popular e derro-

taram-nos na luta travada. [3] Depois de anoitecer, os do Povo fugiram para a acrópole e para as partes mais altas da cidade e agrupando-se, ali se estabeleceram, e tinham em seu poder o porto Hilaico, ao passo que os adversários detinham a ágora, onde a maior parte deles habitava, bem como o porto que se lhe seguia e que dava para o continente.

LXXIII. No dia seguinte travaram pequenas escaramuças entre as duas facções e espalharam-se pelos campos, chamaram os escravos e prometeram-lhes que, se a eles se juntassem, lhes dariam a liberdade. A maior parte dos escravos aliou-se ao Povo, enquanto a outra facção se reforçou com oitocentos mercenários vindos do continente.

LXXIV. Decorrido entrementes um dia, de novo se travou batalha, na qual venceu o Povo, que tinha a vantagem de ocupar posição mais favorável e de dispor de mais combatentes. Mesmo as mulheres corajosamente vieram em sua ajuda e arremessavam as telhas das casas e comportavam-se nos recontros de forma que ultrapassava a sua natureza feminina. [2] Já por volta da noite, os oligarcas temendo, em plena fuga, que o Povo num primeiro ímpeto avançasse e se apoderasse do arsenal militar e os passasse a fio de espada, lançaram fogo às casas, que estavam à volta da ágora, bem como aos prédios de habitação, para impedir o seu assalto, não poupando nem as suas próprias casas nem as dos outros, de tal forma que muitas mercadorias dos comerciantes foram queimadas e a cidade ficou em perigo de ser completamente destruída, se porventura tivesse vindo um vento, que sobre ela assoprasse as chamas. [3] Pararam então as hostilidades e durante esse intervalo ambas as partes descansaram, enquanto montavam a guarda para a noite. Foi então que o navio de Corinto, depois de o Povo ter vencido, se fez silenciosamente ao mar, e muitos dos mercenários chegaram assim escondidos ao continente.

LXXV. No dia seguinte o estratega dos Atenenses, Nicóstrato, filho de Diitrefes, veio em seu auxílio com doze navios e quinhentos hoplitas messênios. Tentou fazer um acordo e convenceu as duas facções a aceitarem tanto uma como a outra a deixar ir a julgamento dez homens de cada lado que fossem os maiores agitadores, os quais fugiram e já ali não estavam, e deixar os outros a viver ali depois de terem feito tréguas uns com os outros, e considerarem-se, na relação com os Atenenses, numa aliança ofensiva e defensiva. [2] Depois de ter levado a cabo este processo, preparava-se para se fazer ao mar, mas os chefes do Povo persuadiram-no a deixar-lhes cinco navios, dos que com ele vinham, de maneira a que os seus adversários estivessem menos inclinados a reagir, enquanto eles, tendo equipado igual número dos seus navios, os mandariam a acompanhá-lo. Ele concordou e logo a seguir começaram eles a enganar os inimigos para os navios. [3] Estes, por seu lado, com medo de serem enviados para Atenas, sentaram-se no templo dos Dioscuros como suplicantes. [4] Nicóstrato tentou fazê-los levantar e convencê-los, e como os não convencesse, o Povo armou-se com o pretexto, de que nada de são havia naquela decisão de mostrarem desconfiança em navegar com Nicóstrato, e foi buscar armas a casa e teria morto alguns dos oligarcas que por acaso encontrasse, se Nicóstrato o não tivesse impedido. [5] Os que restavam, ao ver o que se estava a passar, sentaram-se como suplicantes no templo de Hera e não se contavam em menos de quatrocentos. Então o Povo temeu que tomassem alguma resolução revolucionária, levou-os a levantarem-se e conduziu-os para uma ilha em frente do templo de Hera e mandou que provisões fossem transportadas para eles.

LXXVI. Neste estádio da revolução, no quarto ou quinto dia depois do envio dos homens para a ilha, os barcos peloponésios, cinquenta e três em número, chegaram de

Cilene, onde tinham ficado depois do retorno da Jónia. Comandava-os Alcidas, como antes, e a bordo viajava Brásidas seu conselheiro. Tendo ancorado em Sibota, porto do continente, ao raiar da manhã navegaram para Corcira.

LXXVII. Os Corcireus estavam em grande confusão e assustados com o que se passava na cidade e com a chegada de navios inimigos, prepararam rapidamente sessenta navios, que mandaram fazer-se ao mar contra os adversários, logo que os equiparam com tripulações, muito embora os Atenenses lhes tivessem aconselhado a que os deixassem partir primeiro e que só depois avançassem em conjunto com todos os barcos. [2] Quando os barcos já estavam frente aos inimigos nesta maneira dispersa, logo dois desertaram. Nos outros, as tripulações lutavam entre si. Nenhuma ordem havia no que estavam a fazer. [3] Ora os Peloponésios vendo aquela confusão, fizeram avançar vinte barcos contra os Corcireus, e os restantes contra os doze navios dos Atenenses, entre os quais dois havia com os nomes de *Salamínia* e de *Páralo*.

LXXVIII. Enquanto os Corcireus, que atacavam indisciplinadamente e com poucos navios se tinham posto ao mesmo tempo em dificuldade naquela batalha, os Atenenses com medo do número dos inimigos e de poderem ser cercados, não avançaram contra o conjunto da esquadra nem para o meio dos navios que contra eles estavam alinhados, mas lançaram-se contra uma das suas alas e afundaram um navio. A seguir, como os inimigos se organizassem num círculo, começaram a navegar à sua volta para tentarem lançá-los em confusão. [2] Dando-se conta da manobra, os Peloponésios que se defrontavam com os Corcireus e temendo que acontecesse o mesmo que em Naupacto, vieram em socorro da outra parte, e agora, junta a armada, rumaram imediatamente contra os Atenenses. [3] Quando isto acon-

teceu, os Atenienses começaram a recuar e a fazer marcha à ré, para que os Corcireus pudessem fugir o mais depressa possível, enquanto eles retiravam com lentidão, organizavam-se contra eles os adversários. [4] Foi assim que se deu a batalha naval que durou até o Sol se pôr.

LXXIX. Os Corcireus, porque temiam que os inimigos animados pela vitória navegassem contra a cidade ou que embarcassem os que estavam na ilha, ou cometessem qualquer outro acto de violência, transferiram de novo os da ilha para o templo de Hera e começaram a guardar a cidade. [2] Os inimigos, apesar de vencedores na batalha naval, não se atreveram a proceder ao ataque contra a cidade, mas agora tendo em seu poder treze navios dos Corcireus navegaram rumo ao continente para o porto de onde tinham saído para o mar. [3] No dia seguinte tão-pouco pensaram em navegar contra a cidade, ainda que os seus habitantes estivessem em plena desordem e com medo, e Brásidas tivesse aconselhado a Alcidas que o fizesse, tal como se conta, sem que obtivesse resultado. Limitaram-se a desembarcar no promontório de Leucime e devastaram os campos.

LXXX. Entretanto o Povo corcireu temeroso nas actuais circunstâncias em que os navios contra eles navegavam, entrou em negociações com os suplicantes e também com outros, para que a cidade viesse a ser salva. A alguns deles convenceram-nos a entrar a bordo e desta forma conseguiram tripulação para trinta navios. [2] Os Peloponésios, por seu lado, devastaram a região até ao meio-dia, e puseram-se a navegar, até que ao cair da noite viram sinais luminosos provenientes de sessenta navios atenienses, saídos de Lêucade, que vinham em sua direcção, sob o comando de Eurimedonte, filho de Tucles, enviados pelos Atenienses, quando souberam da revolta, e que a armada comandada por Alcides se preparava para navegar para Corcira.

LXXXI. Portanto, os Peloponésios naquela mesma noite partiram para sua casa imediatamente, com grande rapidez, e navegando junto à costa, arrastaram as embarcações pelo istmo Leucádio, de modo a evitar serem vistos pelos que navegassem à sua volta, e assim escaparam. [2] Os Corcireus, logo que se aperceberam de que os navios áticos se aproximavam e que a armada dos inimigos estava longe, juntaram os Messénios e trouxeram-nos para dentro da cidade, porque anteriormente tinham estado fora, e mandaram que os navios que eles tinham tripulado navegassem à volta para o porto Hilaico; enquanto eles estavam ocupados nessa operação, mataram os inimigos pessoais que puderam apanhar. Também todos os que tinham convencido a ir para as suas embarcações, delas os forçaram a desembarcar e eliminaram-nos; depois, indo para o templo de Hera, persuadiram cerca de cinquenta homens de entre os suplicantes que os iriam julgar, e a todos condenaram à morte. [3] O grande número de suplicantes que não se deixaram convencer, quando viram o que se passava, mataram-se uns aos outros no próprio templo, enquanto alguns se enforcaram nas árvores, outros suicidavam-se, como puderam. [4] No espaço de sete dias, enquanto Eurímedon ali ficou com os seus sessenta navios, assassinaram os Corcireus os inimigos que julgavam ter contra si, os quais acusavam de que estavam a conspirar contra a democracia, mas alguns foram mortos devido a inimizades pessoais, e outros, porque dinheiro lhes era devido, foram assassinados pelos que lho tinham pedido emprestado. [5] Todas as espécies de morte surgiram, e toda a qualidade de horrores que costumam acontecer em situações deste género, e nada deixou de se passar que a violência não trouxesse e ainda pior. Até houve pais que mataram os filhos e dos templos foram outros arrasados e diante deles assassinados, tendo alguns também morrido por terem sido emparedados no templo de Diónisos.

A orgia revolucionária

LXXXII. Foi este o nível de crueldade que a revolução atingiu, o qual ainda pareceu mais grave, por ser a primeira das que ocorreram, visto que nos tempos que se seguiram, por assim dizer, se estendeu a todo o mundo helénico, pois dissidências surgiam em ambas as facções, querendo os cabe-cilhas populares impor os Atenienses, e os oligarcas os Lacedemónios. E quando em tempo de paz não haveria razão nem disposição para pedir a sua intervenção, por estarem agora as duas partes em guerra, qualquer das facções procurava aliados no sentido de prejudicar os adversários e desta situação tirar vantagem para a sua própria causa. [2] Muitos foram os sofrimentos que devido às revoluções caíram sobre as cidades, os que sempre aconteceram e acontecerão, enquanto a natureza do homem continuar a ser a mesma, podendo contudo ser pior ou mais suave e variada nas suas manifestações, conforme sucederem em cada caso variações das circunstâncias. Em tempo de paz e de bem-estar, as cidades e os particulares demonstram sentimentos melhores, porque não têm de descer a necessidades tão baixas. A guerra, porém, que os priva da aquisição do que é necessário no dia-a-dia, é um mestre severo, e põe o ódio de muitos a igual nível das circunstâncias adversas em que se encontram. [3] E foi assim que a revolução fez o seu caminho de cidade para cidade, e as que só depois caíram nesse estado, ao ouvirem o relato do que se tinha passado antes, foram levadas para um estado ainda mais violento, pela invenção de novas técnicas, pelo engenho posto nos ataques e pela atrocidade das suas retaliações. [4] Mesmo as palavras tinham de mudar o seu sentido habitual e adaptarem-se ao que se pensava ser próximo das necessidades. Audácia já irracional passou a ser considerada como coragem fiel; hesitação prudente, refinada cobardia; moderação é considerada como premeditado jogo sem coragem viril; ter visão global

das coisas, correspondia a ser incompetente em tudo. Avançar, freneticamente e de cabeça, era considerado digno de um verdadeiro homem; querer decidir com segurança, não passava de pretexto bem-falante para se escusar. [5] O homem radical é sempre de confiança, o que se lhe opõe é suspeito. Quem tem sucesso a conspirar, é esperto; quem descobre uma conspiração ainda é mais esperto. Mas providenciar para que nenhum desses cenários seja necessário, é quebrar a união do partido, e ter medo frente aos adversários. Numa palavra: quem impedisse um criminoso de praticar um crime era tão louvado, quanto aquele que encorajasse quem nenhum crime tinha cometido. [6] Além disso os laços familiares eram mais afastados do que os laços partidários devido ao facto de o partidário estar mais disposto a arriscar sem hesitações. Associações deste tipo não eram formadas para servir juntamente com as leis estabelecidas, mas sim contra estas, a fim de servirem interesses pessoais. Os compromissos que entre si tomavam não eram mais confirmados pela lei divina, mas pela transgressão comum da mesma. [7] As propostas honestas dos adversários eram recebidas com os olhos postos no que faziam, se estivessem em posição favorável, mas não com generosa confiança. Vingar-se sobre alguém tinha mais valor do que evitar ser magoado. E se porventura juramentos de reconciliação fossem trocados, ficavam só válidos no momento em que cada lado estivesse em dificuldade e por não terem nenhum outro recurso de outra parte. Mas no caso de se oferecer uma oportunidade, aquele que primeiro tomasse coragem ao ver o inimigo descuidado, achava mais agradável ter-se vingado apesar do juramento, do que se o tivesse atacado abertamente; e tomando em conta o ter agido em segurança, por ter vencido por artimanha também ganhava o prémio da astúcia. É mais fácil que muitos malandros sejam chamados espertos do que bons os estúpidos, pois sentem vergonha neste caso, mas enchem-se de glória no outro. [8] A causa

de todos estes factos é o desejo de dominar com ganância e ambição e são estes dois factores que geram a violência partidária na luta em que se empenham. Os dirigentes das cidades avançaram com promessas honestas, de um lado a igualdade política perante a lei, para o Povo, do outro a aristocracia moderada. Mas tentaram obter vantagens enquanto tratavam, pelo que diziam, do bem comum, mas por todas as formas se batiam para se vencerem uns aos outros e ousavam então os processos mais terríveis e tentavam obter ainda maiores vinganças, não se limitando a ficar dentro das fronteiras da justiça e dos interesses da Cidade, traçando para cada partido como limite o capricho de momento, ou então obtendo uma condenação por uma votação injusta e em conseguindo a autoridade pela violência das próprias mãos, eram capazes de fazer calar as animosidades de momento. Como nenhum deles tinha qualquer crença na religião, aquele que com frases elegantes conseguia cometer actos criminosos, era digno de consideração. Entretanto os cidadãos moderados eram destruídos no meio dos dois lados, ou porque se não juntassem à luta, ou porque por inveja os não deixassem escapar.

LXXXIII. Foi assim que toda a espécie de iniquidade se implantou devido ao tumulto revolucionário no mundo helénico. O que era comportamento civilizado, do qual fazia parte algum sentimento nobre, era objecto de troça e desapareceu, enquanto a sociedade ficava dividida entre si em toda e qualquer opinião, sem que confiasse em ninguém. [2] Não havia forma de congraçar as pessoas, nem palavra que merecesse crédito, nem juramento que merecesse ser digno de temor; todas as facções que eram mais fortes apoiavam-se no calculismo, dentro da falta de esperança, numa situação que era para continuar e tomavam precauções para não serem prejudicadas, em vez de confiarem. [3] Eram pois os que careciam de visão apropriada que

levavam a melhor. Por temerem as suas próprias deficiências e a capacidade dos seus adversários, para que se não vissem inferiorizados nos debates e para evitar que não fossem surpreendidos pela habilidade e análise dos outros, precipitavam-se com temeridade na acção. [4] A parte contrária pensava com arrogância que conseguiria saber tudo com antecedência e que de forma alguma era necessário recorrer à acção, mas sim ao que a análise dos factos providenciava, foi vítima frequentemente de não se ter prevenido.

LXXXIV. Mas foi em Corcira que se ultrapassaram todos os exemplos das maiores atrocidades, das muitas retaliações que levaram a cabo os que eram governados mais com arrogância do que com sábia moderação, quando se lhes apresentou a hora da vingança; das injustiças dos que se queriam libertar da pobreza a que estavam acostumados e que, devido ao muito que sofreram, desejavam os bens do vizinho; finalmente dos ataques a que se lançaram selvaticamente e sem piedade, não por cupidez do ganho, mas por zelo partidário os que eram sobretudo arrastados pela incontrolável ferocidade da raiva. [2] Na confusão em que foi mergulhada a vida na cidade durante esta ocasião, prevaleceu a natureza humana contra todas as leis, a qual habituada a cometer injustiças contra essas mesmas leis, tinha prazer em mostrar que as suas paixões não eram controláveis e se sentia mais forte do que a justiça e inimiga do que lhe fosse superior. Não devia a vingança ser considerada superior ao sagrado, nem a ganância acima da justiça, se nesse processo a inveja não tivesse exercido o seu poder fatal. [3] Os seres humanos quando procuram vingar-se de outros, no princípio acham bem abolir as leis, em cujos princípios reside a salvação para todos os que estão em perigo, sem que as deixem subsistir até ao momento em que porventura alguém ameaçado necessitar da ajuda de uma delas.

LXXXV. Durante o tempo em que pela primeira vez os Corcireus, que ficaram pela cidade, faziam sentir as suas paixões uns contra os outros, Eurimedonte e a esquadra ateniense fizeram-se ao mar. [2] Seguidamente os exilados Corcireus, dos que tinham conseguido salvar-se, cerca de quinhentos, tomaram as fortificações que estavam em território continental, assenhorearam-se das terras vizinhas e a partir destas organizavam expedições para saquear os que ficaram na ilha e devastaram tanto que uma avassaladora fome se fez sentir na cidade. [3] Mandaram também legações a Lacedémon e para Corinto a fim de possibilitar o seu regresso. Como, porém, nada conseguissem, procuraram a seguir equipar navios e engajar mercenários e atravessaram para a ilha, à volta de seiscentos ao todo. Queimaram então as embarcações, para que não subsistisse outra esperança que não fosse a de se tornarem senhores da ilha e subiram ao monte Istone, onde depois de ali construírem um forte, começaram a atacar os que estavam na cidade e a tomar conta do território.

O princípio da catástrofe na Sicília

LXXXVI. Por volta do fim do mesmo Verão, os Atenienses mandaram vinte navios para a Sicília e Laques, filho de Melanopo, e Caréades, filho de Eufileto, como seus comandantes. [2] Estavam em guerra nessa altura os Siracusanos contra os Leontinos. Aliadas dos Siracusanos eram, com excepção de Camarina, as outras cidades dórias, que tinham alinhado primeiramente como aliadas dos Lacedemónios nos começos da guerra, mas sem terem efectivamente combatido. Com os Leontinos aliaram-se Camarina e as cidades calcídicas. [3] Do lado de Itália, Locros era a favor dos Siracusanos, e os de Régio, devido a uma origem comum, dos Leontinos. Mandaram os Leontinos e os seus

aliados uma embaixada a Atenas, com a qual tinham uma antiga aliança, visto que eram Jónios de origem, para os persuadirem a mandarem-lhes navios. Estavam de facto a ser expulsos da sua terra e do seu mar pelos Siracusanos. [4] E os Atenienses mandaram os barcos com o pretexto do seu parentesco, mas sobretudo porque queriam que os transportes de trigo não saíssem da Sicília, importados pelo Peloponeso, e para fazerem uma tentativa preliminar e ver se lhes seria possível pôr os interesses da Sicília sob o seu domínio. [5] Estabeleceram-se em Régio na Itália e promoveram a guerra juntamente com os seus aliados. E assim o Verão chegou ao fim.

LXXXVII. No decorrer do Inverno seguinte, a peste, pela segunda vez, assaltou os Atenienses, ela, que em nenhuma ocasião tinha desaparecido completamente, ainda que tivesse havido um período de alívio. [2] Durou, desta segunda vez, não menos do que um ano, enquanto, da primeira, durara dois anos e de tal forma que os Atenienses sofreram devido a ela mais do que por qualquer outro infortúnio, além de ter feito mal ao seu poderio. [3] Das fileiras do exército tinham morrido quatro mil e quatrocentos hoplitas, mais trezentos elementos da cavalaria, e do restante povo um número impossível de contar. [4] Também então se sucederam muitos tremores de terra em Atenas, na Eubeia e na Beócia, sobretudo em Orcómeno da Beócia.

LXXXVIII. Entretanto, na Sicília, naquele mesmo Inverno, os Atenienses e os de Régio, com uma esquadra de trinta navios, foram atacar as chamadas ilhas de Éolo. Tudo isto porque no Verão era impossível atacá-las devido à falta de água. [2] São os Lipareus que as povoam, colonos originários de Cnido. Habitam numa das ilhas, que não é grande, e cujo nome é Lípara, e é saindo dela que vão cultivar as

outras, Dídime, Estrôngile e Hiera. [3] O povo daquela região acredita que foi na tal Hiera que Hefesto instalou a forja, visto que nela se eleva durante a noite uma coluna de fogo e de dia uma de fumo. Essas ilhas estão situadas em frente da terra dos Sícelos e dos Messênios, que eram aliados dos Siracusanos. [4] Os Atenienses arrasaram aquelas terras, mas como os habitantes não se lhes juntassem, zarpavam para Régio. Terminou o Inverno e com ele chegou ao fim o quarto ano desta guerra, da qual Tucídides escreveu a história.

LXXXIX. No Verão seguinte, os Peloponésios com os seus aliados foram invadir a Ática, sob o comando de Ágis, filho de Arquidamo, rei dos Lacedemónios, e chegaram até ao Istmo. [2] Tendo, porém, surgido muitos tremores de terra, tiveram de voltar para trás, não se tendo dado a invasão. Foi nessa época em que os sismos ocorriam sistematicamente que Oróbias na Eubeia foi invadida, desde a orla da costa, pelo mar, na forma de uma vaga que submergiu parte da cidade, ficando a cobrir uma zona e retirando-se de outra, mas agora há mar onde antes havia terra. Matou toda a gente que não fugiu a tempo e correu para as partes mais altas. [3] Também inundaçāo idêntica ocorreu em Atalante, uma ilha perto da costa de Lócrios Opúncios, que arrastou parte do forte construído pelos Atenienses e despedaçou um dos dois navios, que tinham sido rebocados para terra. [4] Em Peparetos houve um certo recuo da água, mas não houve inundaçāo. Um sismo, contudo, fez ruir parte da muralha, o pritaneu e outras habitaçōes, mas poucas. [5] A causa deste fenómeno, segundo creio, foi o terramoto, pois onde ele se fez sentir mais violentamente, sucedeu aí que o mar recuou e quando repentinamente de novo voltou, avançou com redobrada violênciā provocando a inundaçāo. Sem que tivesse havido o terramoto, parece-me que tais incidentes não se teriam dado.

XC. Durante o mesmo Verão, outros povos também entraram em guerra entre si, na Sicília. Mesmo os Sicilianos guerrearam-se uns aos outros e os Atenenses também ao lado dos seus aliados. Só vou lembrar os factos que são mais dignos de referência, sobretudo o que os aliados fizeram juntamente com os Atenenses ou contra os Atenenses os que se lhes opunham. [2] Depois de pelos Sicilianos ter sido morto em batalha Caréades, o estratega dos Atenenses, Laques, tendo assumido sozinho o comando da esquadra, lançou, com os aliados, um ataque contra Milas, lugar pertencente aos Messénios. Aconteceu que duas tribos de Messénios estavam de guarda a Milas e tinham montado uma emboscada contra os que tinham desembarcado dos navios. [3] Mas os Atenenses e aliados puseram em fuga os que estavam na emboscada, mataram muitos, e lançando-se seguidamente ao assalto da fortificação, obrigaram mediante um acordo, os defensores a entregarem a acrópole e marcharam com eles sobre Messena. [4] Depois disto, os Messénios perante o avanço dos Atenenses e seus aliados também se renderam, e depois de darem reféns, ofereceram todas as garantias requeridas.

XCI. Nesse mesmo Verão os Atenenses mandaram trinta navios rondar o Peloponeso, sob o comando de Demóstenes, filho de Alcístenes, e Procles filho de Teodoro, e sessenta outros e dois mil hoplitas para Melos; comandava-os Nícias, filho de Nicérato. [2] Desejavam subjugar os Mélios, que embora fossem ilhéus se recusavam estarem a eles sujeitos e tão-pouco a entrarem na sua confederação. [3] Como não se submetessem, mesmo depois de a sua terra ter sido devastada, os Atenenses levantaram ferro e de Melos navegaram rumo a Oropo, no território de Graia, onde ao chegarem ao cair da noite imediatamente os hoplitas partiram dos barcos e a pé em direcção a Tânagra na Beócia. [4] Aí juntaram-se-lhes todos os Atenenses da cidade, coman-

dados por Hipónico, filho de Cálias, e Eurimedonte, filho de Tucles, que vieram por terra para o mesmo ponto, no seguimento de um sinal combinado. [5] Depois de terem acampado, passaram aquele dia a devastar o território de Tânagra e ali pernoitaram. No dia seguinte tendo vencido num recontro alguns dos Tanagrenses e Tebanos, que tinham vindo como reforço para os atacar, capturaram-lhes as armas e tendo erguido um troféu, seguiram caminho, uns para a cidade e outros para os navios. [6] Nícias navegou então ao longo da costa com sessenta navios, arrasou as terras do litoral dos Lócrios e voltou para casa.

XCII. Foi por essa altura que os Lacedemónios fundaram Heracleiá, a sua colónia na Traquínia, com o seguinte projecto. [2] A população total de Mália consiste em três partes: os Parálios, os Hiereus e os Traquínios. Dentro deste grupo, os Traquínios destruídos na guerra pelos Eteus, seus vizinhos, numa primeira fase estiveram prestes a unir-se aos Atenienses, mas temendo que não pudessem confiar neles, mandaram a Lacedémon Tisámeno, que escolheram como seu embaixador. [3] Juntamente com esta embaixada, também os da Dórida, metrópole dos Lacedemónios, participaram e com o mesmo pedido. Tinham também sido vítimas dos mesmos Eteus. [4] Depois de os terem ouvido, os Lacedemónios tomaram a decisão de que deviam ir fundar uma colónia, visto quererem ajudar os Traquínios e os Dórios. Ao mesmo tempo o sítio da cidade a fundar parecia-lhes ideal para fazerem a guerra contra os Atenienses. Com efeito uma armada poderia ser equipada ali contra a Eubeia, porque a travessia se tornava rápida, e simultaneamente era útil para expedições ao longo da costa em direcção à Trácia. Numa palavra: tinham pressa de se estabelecer naquela região. [5] Essa a razão por que, em primeiro lugar, foram consultar o deus em Delfos, e por ordem dele, mandaram ir colonos, Espartanos e periecos, e convidaram

quem quer que fosse dos outros Helenos que desejasse ir, à excepção de Jónios e Aqueus e também de outras raças. Os fundadores da colónia foram três Lacedemónios, Leonte, Alcides e Damagon. [6] Quando se instalaram, construíram e fortificaram a cidade num sítio novo, o qual se chama agora Heracleia, que dista cerca de quatrocentos estádios das Termópilas e vinte da orla marítima. Prepararam então docas e fecharam o lado que dava para as Termópilas através do estreito, de forma a ficarem mais bem defendidos.

XCIII. Com a fundação desta cidade e os seus colonos, ficaram os Atenienses primeiramente alarmados, pois pensavam que tinha sido instalada visando sobretudo a Eubeia, visto que a travessia marítima dali até Ceneu na Eubeia era de curta distância. Nos tempos que se seguiram, porém, sucedeu tudo ao contrário. Não houve nenhum incidente negativo que dali viesse, [2] e eis a razão: os Tessálios que eram os mais poderosos naquelas regiões e que sentiam a ameaça sobre a sua terra, devido aquela construção, e com medo de que a vizinhança se tornasse muito poderosa, começaram a perseguir e a mover contínua guerra contra os recém-chegados colonos, até que conseguiram cansar os que primeiramente lá estavam em grande número – pois todos tinham vindo de toda a parte com grande audácia, quando os Lacedemónios começaram a estabelecer-se, na convicção de que a cidade era segura. [3] Não menos importante foi o facto de que os arcontes, mandados ir pelos próprios Lacedemónios, destruíram os resultados obtidos e reduziram a população a um pequeno número, metendo medo a muitos por ordens violentas e governando de forma pouco honesta, aumentando desta maneira a atracção dos vizinhos sobre ela.

Demóstenes em Lêucade e na Etólia

XCIV. Durante o mesmo Verão e por volta do mesmo tempo em que os Atenienses se tinham detido em Melos, também os Atenienses dos trinta navios que andavam em torno do Peloponeso, primeiramente em Elomeno na Leucádia, montaram uma emboscada e mataram alguns soldados da guarnição, para avançarem depois sobre Lêucades, com um contingente maior, composto por todos os Acarnânios, cujo povo à excepção dos Eníadas, se lhes tinha juntado na totalidade, assim como com Zacíntios e Cefalénios e quinze navios de Corcira. [2] Enquanto isto, os Leucádios assistiam à devastação das suas terras por fora e já dentro do istmo, onde se situava a cidade de Lêucade e o templo de Apolo, e nada fizeram, uma vez que estavam esmagados pelo número de atacantes. Foi então que os Acarnânios tentaram levar Demóstenes, o estrategista dos Atenienses, a construir um muro para cortar a comunicação com o continente, porque pensavam que assim era mais fácil vencê-los pelo cerco e verem-se livres, de uma vez por todas, dessa cidade que era sua inimiga. [3] Por essa altura também Demóstenes foi persuadido pelos Messénios de que aquela ocasião era propícia, tendo reunido um exército daquela envergadura, para atacar os Etólios, que não só eram inimigos de Naupacto, como também se fossem derrotados, seria mais fácil para ele submeter o resto da terra continental ao poderio de Atenas. [4] O povo etólio era, segundo eles, numeroso e guerreiro, mas como vivia em povoações sem muralhas e muito separadas e como usava armaduras ligeiras, parecia-lhes não ser custoso dominá-los antes que os Etólios pudessem vir em auxílio uns dos outros. [5] Aconselharam a atacar primeiro os Apodotos, a seguir os Ofíoneus e depois destes os Euritânios, por constituírem a maior tribo dos Etólios, embora, segundo se conta, falem uma língua muito difícil de entender e comam carne crua. Se todas estas

tribos fossem dominadas, mais facilmente as outras se renderiam.

XCV. Demóstenes confiou, para ser agradável, nos Messénios, e sobretudo porque estava convencido de que mesmo sem as forças de Atenas seria capaz, com os aliados do continente e ajudado pelos Etólios, de organizar por terra uma expedição contra os Beócios, atravessando o território da Lócrida Ozola até Citínio na Dórida, tendo à sua direita o Parnasso, até que descesse até aos Focienses, os quais, julgava ele, de livre vontade ou então obrigados pela força, em nome da antiga amizade com os Atenienses, se lhe juntariam para combater. Os Focienses já estavam na vizinhança da Beócia. Rapidamente, portanto, com todas as suas forças armadas, embora contra a vontade dos Acarnânios, partiu de Lêucade a navegar pela costa em direcção a Sólio. [2] Tinha comunicado o seu plano aos Acarnânios, mas estes não o aceitaram, devido a não ter construído o muro à volta de Lêucade. Ele então, com o resto do exército, composto pelos Cefalénios, Messénios e Zacíntios, mais trezentos soldados atenienses da marinha que vinham nos respectivos barcos, visto que quinze navios de Corcira tinham regressado, marchou contra os Etólios. [3] Partiu do porto de Éneo na Lócrida, visto os Lócridos Ozolas serem aliados, e deverem juntar-se a ele com todas as suas forças no interior. Porque eram vizinhos dos Etólios e utilizavam o mesmo armamento, eram considerados de grande utilidade, visto que combatiam com a experiência militar dos outros e conhecimento das regiões.

XCVI. Estabeleceu o seu quartel general e o exército no recinto do templo de Zeus Nemeio – no qual se conta ter sido morto Hesíodo pelo povo da região, muito embora lhe tivesse sido profetizado por um oráculo que isso se passaria em Nemeia –, e partiu imediatamente ao romper da

aurora para a Etólia. [2] E conquistou logo no primeiro dia Potideia e no segundo Crocílio e no terceiro Tíquio, onde ficou e mandou o produto do saque para Eupálio na Lócrida. Era sua intenção conquistar o resto do território até aos Ofioneus, se estes não quisessem colaborar, e voltar de novo a Naupacto para preparar uma segunda expedição. [3] Aos Etólios, contudo, não passou despercebida esta sua estratégia, nem mesmo quando começou a ser congeminada, e logo que o exército os tinha invadido, e todos eles tinham logo procurado auxílio com grandes forças, como os mais distantes dos Ofioneus, que se estendiam até ao golfo Melíaco, os Bomienses e os Cálíos, que vieram em seu apoio.

XCVII. Os Messénios deram no entanto a Demóstenes o mesmo conselho que antes: asseguraram-lhe que era fácil a conquista dos Etólios e aconselharam-no a lançar-se o mais depressa possível sobre as aldeias e não esperar que os adversários depois de reunirem todas as forças se lhe opusessem, mas sim tentar dominar a primeira que lhe ficasse no caminho. [2] Dando-lhes crédito e confiando na sua boa fortuna e, porque nada se lhe opunha, não esperou pelos Lócrios que lhe deviam ter trazido reforços, uma vez que precisava urgentemente de arqueiros com armas ligeiras, avançou sobre Egício, que conquistou tomando-a de assalto com toda a força. Mas os habitantes tinham fugido à socapa e colocaram-se nas colinas sobranceiras à cidade, que se situava em terrenos altos distanciados do mar pelo menos oitenta estádios. [3] Os Etólios então – que já tinham vindo em socorro de Egício –, atacaram os Atenenses e seus aliados, descendo a correr por todos os lados das colinas, lançando flechas, mas recuando logo que o exército dos Atenenses avançava, e avançando, quando recuava. E a batalha continuou por muito tempo, com avanços e recuos, ficando em ambos os casos os Atenenses em pior situação.

XCVIII. Enquanto os archeiros tiveram setas e foram capazes de as usar, os Atenienses aguentaram o embate, – visto os archeiros etólios, por terem um armamento leve, serem repelidos. Quando, porém, o chefe dos archeiros foi morto e os seus homens se dispersaram, porque tinham ficado cansados, ocupados que estiveram durante tanto tempo em enorme esforço, ao verem os Etólios que os apertavam e atingiam com flechas, os soldados voltavam-se e fugiam, despenhando-se em ravinas onde não havia saída ou em terrenos que não conheciam e nos quais infelizmente morriam. [2] Além disso aconteceu que o messénio Crómion, que tinha sido o seu guia por aqueles caminhos tinha sido morto. E os Etólios continuavam a alvejá-los com dardos e sendo gente com pés ligeiros e armas ligeiras apanhavam muitos na corrida a pé e matavam-nos, pois grande número enganou-se nos caminhos e encaminhou-se para a floresta, da qual não havia saída, e esses foram bloqueados pelo fogo e morreram queimados na floresta à sua volta. [3] Toda a espécie de fuga e de morte foi experimentada pela expedição ateniense e só com dificuldade os sobreviventes conseguiram alcançar o mar em Éneon na Lócrida, de onde tinham partido. [4] Muitos dos aliados e cerca de cento e vinte hoplitas dos próprios Atenienses morreram. Um grande número de homens da mesma idade, na verdade os melhores da cidade de Atenas, foi morto nesta batalha. Também perdeu a vida Procles, um dos dois estrategos. [5] Quando receberam os mortos num período de tréguas e se retiraram para Naupacto, foram depois reconduzidos na armada para Atenas. Demóstenes ficou para trás em Naupacto, pois receava os Atenienses, devido ao que tinha acontecido.

XCIX. Nessa mesma altura os Atenienses que tinham navegado em torno da Sicília, num desembarque venceram os Lócrios, que contra eles vieram e tomaram uma fortaleza que estava situada no rio Alex.

Expedição de Euríloco na Lócrida e Naupacto

C. Nesse Verão os Etólios, antes destes acontecimentos, tinham mandado enviados a Corinto e a Lacedémon, nomeadamente o ofíoneu Tólofo, o euritânio Boríades e o apodoto Tisandro para lhes pedirem que enviassem uma expedição contra Naupacto, devido à invasão dos Atenenses. [2] E os Lacedemónios despacharam pelo Outono três mil hoplitas dos seus aliados. Estavam neste contingente quinhentos de Heracleia, a cidade recentemente fundada na Trácia. À frente do exército comandava o espartano Euríloco, que era secundado por Macário e por Menedαιο também Espartanos.

CI. Quando em Delfos se juntaram essas forças militares, Euríloco mandou um arauto aos Lócrios Ozolas, uma vez que pelo seu território passava o caminho para Naupacto, porque pretendia que contra os Atenenses se revoltassem. [2] Com ele colaboraram sobretudo os Lócrios de Anfissa, que sentiam receio por serem inimigos dos Focenses. Estes foram os primeiros a darem-lhe garantias e reféns, e convenceram depois os outros, pois todos temiam o exército invasor, a colaborarem, e em primeiro lugar os seus vizinhos Miónios, é por este seu território que a passagem na Lócrida é mais difícil, e seguidamente os Ipneus, Messápios, Triteus, Caleus, Tolofónios, Héssios e Eanteus, que se juntaram todos à expedição. Os Olpeus, deram também reféns, mas não os acompanharam, e os Hieus não deram reféns, até que a sua aldeia de nome Pólis, foi conquistada.

CII. Quando todos os preparativos estavam prontos e os reféns enviados para Citínio na Dórida, Euríloco avançou com o exército contra Naupacto através da Lócrida, conquistando durante a marcha Éneon e Eupálio, duas cidades dos Lócrios, que se tinham recusado a juntar-se-lhes. [2] Entre-

tanto os Etólios também se vieram juntar, e então o exército devastou a região e tomou os subúrbios da cidade, que não estava fortificada. Avançaram sobre Molicreio, colônia fundada pelos Coríntios, sujeita a Atenas, e conquistaram-na. [3] Mas o ateniense Demóstenes que desde a campanha da Etólia tinha ficado por Naupacto, recebeu informação antecipada sobre o ataque militar e temendo pela cidade, foi convencer os Acarnânios, não sem dificuldade devido à sua retirada de Lêucade, para virem em auxílio de Naupacto. [4] E estes mandaram com ele a bordo da sua esquadra mil hoplitas, que entraram na região e a salvaram. A situação era de facto periclitante, porque mesmo sendo a muralha grande, poucos eram os que a defendiam, não podendo portanto resistir. [5] Euríloco e os seus camaradas, logo que souberam que um contingente militar tinha entrado e que seria impossível tomar a cidade pela força, bateram em retirada, não para o Peloponeso, mas para a Eólida, como é agora chamada, para Calídon e Plêuron, para as terras vizinhas e para Prósquio na Etólia. [6] E os Ambraciotas vieram ter com eles e convenceram-nos a com eles atacarem Argos de Anfilóquia e ao mesmo tempo a Acarnânia, alegando que, caso a conquistassem, todo o território continental viria a aderir a uma aliança com os Lacedemónios. [7] Euríloco ficou convencido e depois de dispensar os Etólios, manteve-se em descanso com o exército naquela região, até que os Ambraciotas viessem fazer a sua campanha, à qual se iria juntar à volta de Argos. E terminou o Verão.

CIII. No Inverno que se lhe seguiu, os Atenienses que estavam na Sicília com os seus aliados helénicos e com quantos Sícelos, que contra vontade eram súbditos dos Siracusanos e eram seus aliados, mas revoltaram-se contra eles e juntamente com os Atenienses combateram e atacaram a cidade siciliana de Inessa, cuja acrópole estava ocupada pelos Siracusanos, e como a não pudessem tomar, foram-se

embora. [2] Na sua retirada, porém, os aliados que marchavam na retaguarda dos Atenienses foram atacados pelos Siracusanos que estavam na fortaleza e que lhes caíram em cima, puseram em fuga parte do seu exército e mataram muitos. [3] Depois destes incidentes, Laques e os Atenienses fizeram vários desembarques na Lócrida e perto do rio Cecino, venceram em batalha trezentos Lócrios que vinham contra eles sob o comando de Próximo, filho de Capaton, apreenderam algumas armas e partiram.

A purificação religiosa de Delos

CIV. Nesse Inverno, os Atenienses purificaram Delos obedecendo, parece, a um determinado oráculo. Já Pisistrato, o tirano, a tinha purificado antes, não toda a ilha, mas a parte da ilha que podia ser vista a partir do templo. Foi toda agora purificada da seguinte maneira. Os túmulos dos mortos, tantos quantos havia em Delos, foram todos removidos, e para o futuro proclamaram que ninguém mais iria morrer na ilha nem ali dar à luz, mas devia ser enviado para Reneia. [2] A distância de Reneia a Delos é tão pouca que Polícrates, o tirano de Samos, que durante algum tempo dispôs de poderio naval e dominara as outras ilhas, ao tomar Reneia, dedicou-a a Apolo Délio e ligou-a a Delos com uma corrente. Foi depois desta purificação que os Atenienses pela primeira vez ali celebraram a festa quadrienal das Délias. [3] De facto no passado tinha havido um grande encontro de Jónios em Delos, bem como dos habitantes das ilhas vizinhas, que vinham assistir na companhia das mulheres e dos filhos, tal como os Jónios vão aos festivais Efésios, e organizavam-se então provas de atletismo e de poesia e as cidades mandavam coros de bailarinos. Testemunha mais fiel destes factos são os versos de Homero, com as palavras tiradas do *Hino a Apolo* (*Hinos Hom.*, I, vv.146-150):

*“Noutros tempos, ó Febo, em Delos muito o teu espírito
se alegrava,
Quando os Jónios, de túnica pelo chão, ali juntava.
Com seus filhos e mulheres pelas tuas ruas andando,
E ali com luta, dança e versos cantando,
Alegravam-se com o teu nome lembrar,
No momento de o festival organizar.”*

E havia uma prova de música em que costumavam competir homens, conforme Homero recorda nos versos seguintes do mesmo hino. Cantando o coro feminino de Delos, termina o elogio com as seguintes palavras nas quais a si próprio se refere (*Hinos Hom.*, I, vv. 165-172):

*“Mas vinde, a Apolo e Ártemis sede propícias,
De todas vós me despeço. Lembrai-vos de mim
No futuro, todas vezes que outro, qualquer outro
Homem, dos que sobre a terra andam, e por aqui
Andar e vos perguntar: “Meninas, qual dos aedos
Por aqui passou, qual é o homem com a voz doce
E que mais vos delícia? E vós todas a uma só voz,
respondei, sobre nós, com lindas palavras: “É o homem
Cego, que vive em Quios, essa ilha rugosa.”*

[6] Foi este o testemunho que Homero deixou de que também em tempos de antanho havia grande afluência popular no festival em Delos. Tempos depois os ilhéus e os Atenenses continuaram a mandar coros para os sacrifícios, mas tudo o que se passava à volta dos concursos e a maior parte das cerimónias foi-se perdendo, segundo é provável, devido a calamidades, até que os Atenenses restauraram no nosso tempo os concursos e até corridas de cavalos, que antigamente não havia.

A campanha de Euríloco e a queda de Ambrácia

CV. Nesse Verão, os Ambraciotas, como tinham prometido a Euríloco, quando o retiveram e o seu exército, fizeram uma expedição contra Argos de Anfilóquia com três mil hoplitas, e invadiram o território argivo, conquistaram Olpas, sólida cidade numa colina sobre o mar, que os Acarnânios tinham fortificado nos tempos em que a utilizavam como tribunal de justiça comum, e que está distanciada da cidade de Argos, junto ao mar, cerca de vinte e cinco estádios. [2] Parte dos Acarnânios veio em socorro de Argos, enquanto outros acamparam na zona de Anfilóquia que é denominada Crenas, montando guarda a fim de impedirem que os Peloponésios de Euríloco viessem, escondidos, juntar-se aos Ambraciotas. [3] Mandaram contactar Demóstenes, que estava a comandar as tropas atenienses contra a Etólia, para que viesse assumir a chefia, e também os vinte navios atenienses que na ocasião se encontravam a navegar à volta do Peloponeso, comandados por Aristóteles, filho de Timócrates, e Hiérofon, filho de Antimnesto. [4] Os Ambraciotas que estavam em Olpas também mandaram um emissário à sua própria cidade, a pedir-lhe que enviasse todas as tropas que tivesse em seu auxílio, pois temiam que as forças armadas de Euríloco não conseguissem atravessar por entre os Acarnânios, não tendo então outra solução que não fosse lutarem sozinhos, ou bater em retirada o que não era sem perigo.

CVI. Os Peloponésios de Euríloco, quando souberam que os Ambraciotas tinham chegado a Olpas, levantaram arraiais de Prósquio e a toda a pressa foram levar-lhes reforços e atravessando o Aqueloo avançaram pela Acarnânia que estava deserta de população, pois esta tinha ido como reforço para Argos. [2] Tinha a seu lado direito a cidade dos Estrácios e a sua guarnição, e à esquerda o resto da Acar-

nânia. Depois de atravessarem as terras dos Estrácios, marcharam pela Fícia e de novo pelas fronteiras de Médeon e depois por Limneia, até que chegaram, deixando para trás a Acarnânia, à terra amiga dos Agreus. [3] Chegaram a atravessar os montes de Tíamo, já território dos Agreus, e por ali avançaram até descerem para território argivo, quando já era noite. Passaram por dentro da cidade de Argos, escondidos das sentinelas dos Acarnânios em Crenas, até que em Olpas se foram juntar aos Ambraciotas.

CVII. Juntaram os soldados, quando despontava o dia, e instalaram-se num lugar chamado Metrópole e aí acamparam. Pouco depois, chegam os Atenienses, nos seus vinte navios, ao golfo Ambrácico a fim de reforçarem os Argivos, e também Demóstenes, tendo consigo duzentos hoplitas messênios e sessenta archeiros atenienses. Os navios, à volta da colina de Olpas, foram sitiá-la a partir do mar. [2] Entretanto os Acarnânios e uns poucos de Anfílocos, pois a maior parte estava detida à força pelos Ambraciotas, tinham-se já dirigido para Argos e prepararam-se para combater os adversários, depois de elegerem Demóstenes como comandante das forças aliadas, juntamente com os seus estrategos. [3] Fez ele avançar os seus homens para perto de Olpas e aí acampou. Uma ravina enorme separava os inimigos. Cinco dias tranquilos entretanto se passaram, mas no sexto dia ambos os exércitos cerraram fileiras para a batalha. Agora são as forças peloponésias, que, mais numerosas, ultrapassam as dos seus adversários. Receando ser cercado, Demóstenes mandou preparar uma emboscada de hoplitas e de tropas ligeiras, cerca de quatrocentos em conjunto, num caminho fundo e com muito mato, de forma a que a seguir à primeira refrega, eles se levantassem e atacassem pela retaguarda. [4] Logo que ambos os lados estiveram preparados, lançaram-se uns contra os outros. Estava Demóstenes na ala direita com os Messênios e alguns Atenienses, poucos,

enquanto o resto da linha de batalha era constituído pelos Acarnânios, que formavam fileiras por tribos, e pelos archeiros dos Anfilocos, que estavam presentes. Os Peloponésios e Ambraciotas alinhavam todos em fileiras misturadas, com excepção dos Mantineus. Estes agrupavam-se do lado esquerdo, sem que atingissem a ponta da ala mas não na parte mais afastada, oposta aos Messénios e a Demóstenes, que era formada por Eurícolo e as tropas sob o seu comando.

CVIII. Quando o confronto já se estava a dar, os Peloponésios ultrapassaram com o flanco esquerdo o flanco direito dos inimigos, de forma a já estarem a cercá-lo, quando os Acarnânios, surgindo da emboscada, se lançaram pelas costas contra eles e puseram-nos a fugir, de tal forma que nenhuma resistência ofereceram mas, pelo pânico que sentiam, levaram a maior parte do exército a pôr-se também em fuga. Quando viram que o contingente comandado por Euríloco, o seu melhor contingente, estava a ser desfeito, ainda com mais medo ficaram. E foram os Messénios, que estavam naquele sector sob o comando de Demóstenes, que executaram grande parte desta proeza. [2] Os Ambraciotas e os que estavam na ala direita saíram vitoriosos contra os que se lhes opunham, e perseguiram-nos até Argos. Acontecia que eles eram de facto os melhores guerreiros daquelas regiões. [3] No entanto, quando voltaram e viram que a maior parte das suas forças tinha sido derrotada e que os Acarnânios vitoriosos se lançavam contra eles, passaram, mesmo com dificuldade, a escapar-se para Olpas, mas muitos deles foram mortos, por se terem precipitado quebrando fileiras e desordenadamente, com excepção dos Mantineus, que mantiveram as suas fileiras mais em ordem, do que o exército inteiro, enquanto se retiravam. Foi já para o fim da tarde que a batalha terminou.

CIX. No dia seguinte, por morte de Euríloco e de Macário, Menedaio em pessoa tomou o comando e ficou

sem saber, devido à pesada derrota, se havia maneira de ficar, pois seria cercado, fechado como estava, tanto por terra como por mar pelos navios atenienses, ou se podia salvar-se, caso procedesse à retirada. Entrou então em conversações sobre tréguas e retirada com Demóstenes e os estrategos dos Acarnânios para tratar simultaneamente da recolha dos mortos. [2] Eles devolveram os mortos, erigiram um troféu, e recolheram os seus mortos; cerca de trezentos era o número dos que tinham morrido. Não concordaram, contudo, abertamente em permitir a retirada a todos os combatentes inimigos, mas em segredo Demóstenes e seus estrategos aliados dos Acarnânios, concederam-na aos Mantíneos e a Menedáio e a outros comandantes dos Peloponésios, e quantos fossem mais dignos de consideração também podiam retirar, mas depressa. A sua intenção era a de privar os Ambraciotas do grande contingente de mercenários estrangeiros, e sobretudo desejava desacreditar os Lacedemónios e os Peloponésios perante os Helenos daquela região, visto que eram apresentados como se tivessem traído, por terem preferido defender os seus próprios interesses. [3] Os Peloponésios recolheram então os mortos e rapidamente os enterraram, conforme puderam, e em segredo começaram a planear a retirada os que tinham obtido essa autorização.

CX. Chegou então a Demóstenes e aos Acarnânios a notícia de que os habitantes da cidade de Ambrácia, ao receberem as primeiras novas de Olpas, vinham em massa trazer reforços pelo território dos Anfílocos, pois desejavam juntar-se aos seus compatriotas que estavam em Olpas, nada tendo sabido do que se tinha passado. [2] Demóstenes imediatamente mandou um contingente do seu exército para armar emboscadas ao longo dos caminhos e para antecipadamente ocupar as posições mais favoráveis, ao mesmo tempo que com o resto do exército se preparava para ir avançar contra eles.

CXI. Entretanto os Mantineus e outros que estavam incluídos no acordo acederam ao pretexto de irem buscar ervas e juntar lenha para começarem a escapar-se em pequenos grupos, juntando ao mesmo tempo a colheita que os tinha feito partir. Quando já tinham avançado até ficarem longe de Olpas, começaram a estugar o passo. [2] Mas os Ambraciotas e outros que em grupo também os tinham seguido, quando se deram conta de que fugiam, também eles começaram a acelerar o passo e puseram-se a correr na intenção de os alcançar. [3] Os Acarnânios ao princípio acreditaram que todos estavam a partir sem autorização e lançaram-se igualmente na perseguição dos Peloponésios e quando alguns estrategos os tentaram impedir, dizendo que lhes tinha sido dada autorização, mesmo assim alguém lhes atirou dardos, pois acreditava que eles os tinham traído. Depois deixaram ir os Mantineus e os Peloponésios, mas mataram os Ambraciotas. [4] Provocou então muita raiva o facto de não se saber distinguir entre o que era um Ambraciota e um Peloponésio. Entretanto mataram duzentos homens daquela gente, e os restantes fugiram para Agreia, que era vizinha, e Salíntio, o rei dos Agreus, que era amigo, acolheu-os.

CXII. Os Ambraciotas da cidade, chegaram entretanto, a Idómene. Idómene consiste em duas colinas altas. Quanto à maior das duas tinham conseguido ocupá-la durante a noite e sem serem vistos os soldados que Demóstenes tinha mandado avançar ao saírem do acampamento, a colina mais baixa, porém, tinham-na ocupado antes os Ambraciotas e nela tinham acampado. [2] Depois de ter jantado, Demóstenes avançou sem perder tempo com o resto do exército no final da tarde e ele próprio com metade dessas forças marchou para o desfiladeiro, tendo a outra metade seguido pelos montes Anfilocos. [3] De madrugada caiu sobre os Ambraciotas que ainda estavam nas camas e não se tinham

dado conta do que se passara, mas pelo contrário pensavam tratar-se de gente sua. [4] Demóstenes propositadamente mandara marchar à frente os Messénios, para que se expressassem frente ao inimigo em dialecto dórico, de maneira a criar confiança nas sentinelas, tanto mais que não podiam ser vistos, porque ainda era noite. [5] Desta forma caiu sobre o exército dos Ambraciotas, que se puseram em fuga, e mandou matar ali mesmo grande parte, enquanto os que escaparam se precipitavam em fuga para as montanhas. [6] Como as veredas tinham sido previamente ocupadas e porque os Anfilóquios conheciam bem as suas terras e estavam armados ligeiramente em comparação com os hoplitas, os seus adversários sem qualquer experiência da zona e não sabendo por onde fugiam, caíam em desfiladeiros ou eram mortos em emboscadas que lhes tinham sido montadas. [7] Alguns por terem esgotado todas as possibilidades de fuga, dirigiam-se para o mar que não estava muito distante, mas quando viram os barcos atenienses a rondar a costa, enquanto esta acção se passava, começaram a nadar na sua direcção, pensando no pânico de momento, que era melhor, se outro remédio não houvesse, serem abatidos pelas tripulações dos barcos, do que pelos Anfilocos, Bárbaros e seus mais do que detestados inimigos. [8] Desta maneira os Ambraciotas foram dizimados, tendo de tantos escapado bem poucos que fossem para a cidade. Os Acarnânios, depois de recolherem os cadáveres e de erigirem um troféu, regressaram a Argos.

CXIII. No dia seguinte veio ter com os Atenienses um arauto em nome dos Ambraciotas, que de Olpas se tinham refugiado junto dos Agreus. Vinha pedir que permitissem a recolha de cadáveres dos que tinham sido mortos depois da primeira batalha, quando com os Mantineus e outros contemplados pelas tréguas, tinham tentado fugir sem que tivessem autorização. [2] Quando o arauto olhou para as armas dos Ambraciotas da cidade, ficou estupefacto com o seu

número. Não sabia ainda da recente desgraça, e pensava que as armas eram do seu regimento. [3] Perguntou-lhe então alguém a razão por que se admirava e quantos dos seus camaradas tinham morrido, pois quem fazia a pergunta julgava que o arauto representava as forças que tinham combatido em Idómene. [4] Respondeu o arauto que tinham morrido cerca de duzentos. Respondeu-lhe então quem o interrogava: “De forma alguma estas armas podem vir somente de duzentos, mas com mais probabilidade de mil.” E o arauto de novo respondeu: “Então estas armas não são as dos que estiveram a combater comigo.” E o outro retorquiu-lhe: “São sim, se é que vós estivestes ontem a combater em Idómene.” “Mas ontem não combatemos com ninguém, mas sim anteontem, quando retirávamos.” “O que é certo é que ontem combatemos com estes que vinham em vosso auxílio da cidade dos Ambraciotas.” [5] Quando o arauto ouviu isto e tomou conhecimento de quantas forças vindas da cidade em seu auxílio, tinham sido chacinadas, lamentou-se em alta voz, chocado pela enormidade dos males sucedidos e partiu imediatamente sem nada ter feito do que devia, nem mesmo tendo requerido os mortos. [6] Esta tragédia foi a maior que caiu sobre uma só cidade da Hélade, num número igual de dias, depois que esta guerra tinha sido começada. Não registei o número dos que caíram, porque a multidão que se diz ter perecido é inacreditável, dadas as dimensões da cidade. Sei contudo que se os Acarnânios e os Anfílocos tivessem querido prestar auxílio aos Atenienses e a Demóstenes, tinham tomado Ambrácia no primeiro assalto. Mas a verdade é que tinham medo que os Atenienses depois de terem tomado a cidade, ainda fossem piores vizinhos do que os Ambraciotas.

CXIV. Depois destes acontecimentos os Acarnânios dividiram um terço dos despojos pelos Atenienses e repartiram o resto pelas cidades. A maior parte dos despojos que

couberam aos Atenienses fora capturada no mar, mas as armas que estavam depositadas nos templos áticos, e que eram trezentas panóplias, foram postas à parte para Demóstenes e foi na viagem de volta a Atenas que ele as trouxe. Depois do desastre na Etólia, o resultado destes feitos tornou menos arriscado para Demóstenes o seu regresso. [2] Os Atenienses partiram então nos seus vinte navios para Naupacto. Quanto aos Acarnânios e Anfilocos, depois da partida dos Atenienses e Demóstenes, permitiram aos Ambraciotas e Peloponésios, que se tinham refugiado junto de Salíntio e dos Agreus que saíssem das Eníadas, para onde tinham ido depois de deixarem Salíntio. [3] Os Acarnânios e os Anfílóquios também firmaram para o futuro um tratado de paz e uma aliança com os Ambraciotas para durar cem anos, nos seguintes termos: “Que os Ambraciotas não tinham de combater ao lado dos Acarnânios contra os Peloponésios, nem os Acarnânios ao lado dos Ambraciotas contra os Atenienses, deveriam porém prestar auxílio uns aos outros nas respectivas terras, e os Ambraciotas deveriam devolver, quer territórios, quer reféns que tivessem dos Anfilocos, e não deviam auxiliar Anactório que era inimiga dos Acarnânios.” [4] Depois de determinarem estes princípios, puseram fim à guerra. Seguidamente, porém, os Coríntios mandaram para Ambrácia uma guarnição com os seus soldados, que constava de trezentos hoplitas, comandados por Xenoclides, filho de Êuticles, os quais fizeram com dificuldade o seu caminho no continente, mas chegaram ao seu destino. Foi assim que se deram os acontecimentos em Ambrácia.

CXV. Na Sicília, os Atenienses, naquele mesmo Inverno, fizeram um desembarque da sua esquadra em Himera, de acordo com os Sicelos que do interior tinham vindo invadir a região fronteira e igualmente com os seus barcos as ilhas de Eolo. [2] Ao voltarem para Régio encontraram o estra-

tego Pitodoro, filho de Isóloco, à frente da esquadra, como sucessor de Laques que a comandara. [3] Os aliados da Sicília tinham feito a viagem no mar até Atenas e persuadido os Atenienses a ajudá-los com maior número de navios. Como eram os Siracusanos que mandavam na sua terra e como estavam excluídos do poder naval por disporem de poucos navios, começaram a equipar uma força naval para que não tivessem de se submeter. [4] E os Atenienses aparelharam quarenta navios para lhes mandar, porque pensavam, por um lado, que deste modo a guerra mais depressa chegaria ao fim, por outro, que criavam uma oportunidade de treinar a sua armada. [5] Mandaram, por consequência, um dos seus estrategos Pitodoro, com um pequeno número de navios, e trataram de enviar em seguida Sófocles, filho de Sostrátides, e Eurimedonte, filho de Tucles, com uma esquadra mais numerosa. [6] Quanto a Pitodoro, que já tinha tomado o comando dos navios de Laques, fez-se ele ao mar, por volta do fim do Inverno, navegando contra a fortaleza de Lócrios, que anteriormente Laques conquistara, mas foi vencido pelos Lócrios e voltou para Régio.

CXVI. Por volta da Primavera seguinte começou a sair do Etna uma corrente de fogo, como em ocasiões anteriores. Destruiu uma parte da terra dos Cataneus, que vivem nas faldas do Etna, a mais alta montanha da Sicília. [2] Diz-se que esta erupção se deu cinquenta anos depois da última que se dera. Ao todo já por três vezes se deu a erupção desde que os Helenos habitam a Sicília. [3] Foi isto o que aconteceu neste Inverno, e com ele terminou o sexto ano desta guerra que Tucídides relatou.

LIVRO IV

A guerra entra no sétimo ano

I. No Verão seguinte, quando o trigo já estava a espigar, dez navios de Siracusa e igual número de navios dos Lócrios navegaram para Messena na Sicília e ocuparam-na a convite dos seus habitantes e assim Messena separou-se dos Atenienses. [2] Os Siracusanos fizeram isto mais porque viram que Messena era a entrada para a Sicília e recream que os Atenienses a tornassem um dia base de operações de onde os poderiam atacar com mais facilidade; e os Lócrios, porque tinham ódio aos de Régio e queriam subjugá-los por terra e por mar. [3] E na verdade, os Lócrios com todas as suas forças tinham invadido o território dos Régios para que eles não ajudassem os de Messena e ao mesmo tempo, Régios que viviam entre eles no exílio tinham-nos incitado ao ataque; de facto, há muito tempo que Régio estava em revolução e nestas circunstâncias não podia defender-se contra os Lócrios, que assim ainda mais se empenhavam em a atacar. [4] Os Lócrios, depois de destruírem o território, retiraram-se com a sua infantaria mas alguns navios ficaram a guardar Messena enquanto outros estavam a ser equipados com tripulações para virem para o porto e dali fazer guerra.

O problema de Pilos na Messénia

II. Por esta mesma altura na Primavera, antes de o trigo estar em plena maturação, os Peloponésios e os aliados invadiram a Ática (comandava-os Ágis, filho de Arquidamo, rei dos Lacedemónios) e tendo ali armado o acampamento, arrasaram o território. [2] Entretanto, os Atenienses mandaram para a Sicília quarenta navios, como tinham planejado, sob o comando dos estrategos Eurimedonte e Sófocles, que tinham ficado para trás, pois o terceiro, Pitodoro, já tinha chegado antes deles à Sicília. [3] Receberam estes ordens para que no decurso da viagem junto à costa da Corcira ajudassem os habitantes desta ilha que estavam a ser constantemente atacados pelos exilados que viviam na montanha. Na verdade, os Peloponésios com sessenta navios, já tinham navegado para a região para apoiar os que estavam na montanha, julgando que em virtude da grande fome que grassava na cidade, mais facilmente controlariam a situação. [4] Demóstenes, que não desempenhava funções oficiais desde que tinha regressado da Acarnânia, foi autorizado pelos Atenienses, conforme ele próprio tinha pedido, a utilizar como quisesse os quarenta navios em operações à volta do Peloponeso.

III. Quando os Atenienses chegaram junto da costa da Lacónia e ouviram dizer que os navios peloponésios já estavam na Corcira, Eurimedonte e Sófocles quiseram apressar-se em direcção à ilha mas Demóstenes mandou-os primeiro aportar a Pilos e fazer o que era necessário fazer antes de continuar a viagem. E enquanto eles punham objecções a este plano, uma tempestade surgiu por acaso e forçou os navios a ancorar em Pilos. [2] Demóstenes ordenou-lhes que de imediato fortificassem o lugar (por esta razão ele tinha acompanhado a armada) fazendo-lhes notar a grande abundância de madeira e pedra e também que o

lugar era por natureza fortificado e ermo, bem como a região que o circundava. Na verdade, Pilos dista de Esparta cerca de quatrocentos estádios e fica no território que era outrora Messénia; porém os Lacedemónios chamam-lhe Corifásio. [3] Mas os outros estrategos disseram que havia no Peloponeso muitos picos de montanha desabitados que ele podia tomar se quisesse gastar dinheiro do Estado. Contudo, parecia a Demóstenes que este lugar tinha mais para oferecer do que quaisquer outros uma vez que perto havia um porto e também, porque os Messénios que habitavam a região desde tempos imemoriais e falavam a mesma língua que os Lacedemónios, lhes causariam os maiores danos se fizessem dali base de operações e ao mesmo tempo se tornassem guardas fiéis do lugar.

IV. Muito embora Demóstenes não tivesse convencido nem os estrategos, nem os soldados, mesmo depois de ter comunicado com os comandantes das brigadas, fizeram todos uma pausa devido ao mau tempo até que os soldados que estavam sem fazer nada foram assaltados pelo desejo de fortificar completamente o lugar. [2] E tomando a tarefa nas mãos, lançaram-se ao trabalho; como não tinham ferramentas de ferro, pegaram em pedras e juntaram-nas conforme elas melhor se ajustavam umas às outras, e a argamassa, se era necessária, porque não tinham em que a transportar, levavam-na de costas curvadas, as mãos entrelaçadas por trás para que a argamassa não caísse, de tal maneira que ela se conservava onde a tinham posto. [3] De todas as maneiras, apressaram-se a fortificar os pontos mais fáceis de atacar antes de os Lacedemónios chegarem para ajudar na luta contra eles. Na verdade, grande parte do local era naturalmente fortificado e não precisava de muralhas.

V. Acontece que, na altura, os Lacedemónios celebravam um festival e tomaram conhecimento dos factos sem

lhes atribuir grande importância pensando que, quando fizessem uma sortida, os Atenienses ou não aguentariam o ataque ou facilmente seriam tomados pela força. Também o facto de o exército lacedemónio estar ainda em Atenas demorou o ataque. [2] Os Atenienses, tendo fortificado o lugar em seis dias na parte virada para terra e também onde mais precisava, deixaram-no a ser guardado por Demóstenes com cinco navios, enquanto eles próprios com a maior parte dos navios se apressaram a navegar para Corcira e Sicília.

VI. Mas os Peloponésios que estavam na Ática, quando tomaram conhecimento da tomada de Pilos, retiraram rapidamente para a sua terra, convencidos os Lacedemónios e o seu rei Ágis que o que se passava em Pilos estava directamente relacionado com eles. Também, como tinham iniciado cedo a invasão, quando os cereais ainda não estavam maduros, muitos necessitavam de comida e as tempestades, que tinham surgido na Primavera mais violentas do que era costume, igualmente forçaram o exército a retirar. [2] Portanto, muitas razões se combinaram para a retirada mais rápida e esta foi a invasão mais curta; os Peloponésios permaneceram na Ática apenas quinze dias.

VII. Por este mesmo tempo, o estratego ateniense Simónides, tendo juntado alguns atenienses das guarnições militares e um grande número de aliados da região, tomou por traição dos seus habitantes, Éion na Trácia, colónia dos Mendeus, mas inimiga de Atenas. Porém, foi logo rechaçado pelos Calcideus e pelos Botieus que vieram em socorro e perdeu muitos soldados.

VIII. Quando os Peloponésios regressaram da Ática, os Espartanos e os Periecos que estavam mais próximos de Pilos imediatamente foram em seu socorro, mas a ajuda dos

outros Lacedemónios veio mais devagar uma vez que tinham acabado de regressar duma outra campanha. [2] Ordens foram dadas no Peloponeso para que rapidamente se prestasse auxílio a Pilos e também para que os sessenta navios que estavam em Corcira de lá regressassem. Na verdade, estes foram levados a reboque por terra através do istmo Leucádio e, sem que os navios atenienses que estavam em Zacinto os notassem, chegaram a Pilos onde já estavam as forças de infantaria. [3] Mas Demóstenes, antes de os navios peloponésios chegarem, mandou em segredo dois dos seus navios para anunciar a Eurimedonte e aos que faziam parte da armada ateniense em Zacinto que Pilos estava em perigo. [4] Em consequência da mensagem de Demóstenes, a armada fez-se logo ao mar. Entretanto, os Lacedemónios preparavam-se para atacar a fortaleza por terra e por mar na esperança de facilmente tomarem uma estrutura que tinha sido construída à pressa e estava protegida por tão poucos homens. [5] Uma vez que esperavam que os navios atenienses viessem de Zacinto para ajudar Pilos, decidiram, caso não a tomassem primeiro, bloquear as entradas do porto, de tal forma que os navios atenienses ali não pudessem ancorar. [6] Na verdade, a ilha chamada Esfactéria estende-se ao longo da costa do continente tornando o porto seguro mas com entradas estreitas, de tal forma que do lado da fortaleza dos Atenienses e de Pilos existe passagem para dois navios, enquanto do lado do continente há espaço para oito ou nove. A ilha, porque não era habitada, estava completamente coberta de vegetação, sem caminhos abertos e tinha de comprimento à volta de quinze estádios. [7] Os Lacedemónios tencionavam bloquear as entradas do porto com navios colocados de proas viradas para fora, mas receosos de que os Atenienses tornassem a ilha base para operações militares, levaram para lá hoplitas e estacionaram outros no continente do lado oposto. [8] Deste modo, a ilha seria hostil aos Atenienses e também o lado do continente que não lhes

dava lugar para desembarcarem; com efeito, na costa de Pilos, fora da entrada do porto para o lado do mar, não havia locais para aportar de onde, uma vez ancorados, os Atenienses pudessem socorrer os companheiros. E assim, os Lacedemónios sem batalha naval nem perigo tomariam provavelmente a fortaleza como resultado do cerco, uma vez que aquela nem tinha provisões nem estava preparada para tal contingência. [9] Assim que decidiram isto, transportaram para a ilha os hoplitas tirados à sorte de todas as companhias. Outros já tinham feito antes a travessia por turnos, mas os últimos que ali foram deixados com os Hilotas que os acompanhavam eram em número de quatrocentos e vinte, comandados por Epitadas, filho de Mólobro.

IX. Quando Demóstenes viu que os Lacedemónios estavam prontos para atacar com navios e ao mesmo tempo com infantaria, fez ele próprio os seus preparativos. As trirremes que tinham ficado, das que lhe tinham sido confiadas, trouxe-as para junto da fortaleza e protegeu-as com uma paliçada; em seguida, armou os marinheiros com escudos de fraca qualidade, muitos feitos de vimes, mas a verdade é que em local ermo não era possível obter armas, e até os escudos foram tirados dum barco pirata de trinta remos que pertencia aos Messénios, e dum outro pequeno barco que por acaso ali estavam. Tinham à volta de quarenta hoplitas, que ele usou juntamente com os outros. [2] Seguidamente, colocou a maior parte das forças, as que não estavam armadas e as que estavam, nas áreas mais protegidas por muralhas e mais seguras da região, viradas para o lado de terra, com ordens para se defenderem se fossem atacadas. Ele próprio, tendo escolhido de entre todos os guerreiros sessenta hoplitas e alguns archeiros, avançou da fortaleza para junto do mar, onde esperava que os inimigos com mais probabilidade desembarcassem e atacassem. Na verdade, o local era difícil e rochoso do lado do mar mas como a mura-

lha era ali mais fraca, Demóstenes pensou que o inimigo queria forçar por ali a sua entrada em Pilos. [3] De facto, os Atenenses não esperando nunca ser vencidos num combate naval não tinham fortificado o lugar, que seria fácil de tomar, se os inimigos ali aportassem para o conquistar. [4] Por esta razão, avançou para junto do mar e colocando os hoplitas de maneira a que, se fosse possível, eles impedissem o inimigo de entrar na fortaleza, exortou-os com as seguintes palavras:

X. “Homens, meus companheiros neste perigo, espero que nenhum de vós neste momento de necessidade queira mostrar a sua argúcia reflectindo sobre a terrível situação em que nos encontramos mas que, pelo contrário, sem deliberações, se precipite contra os inimigos na esperança de sair vivo destes incidentes. Na verdade, quando se chega a uma situação de necessidade como esta, reflexão é aquilo de que menos se precisa, mas sim enfrentar o perigo com a maior rapidez possível. [2] E na verdade, eu vejo que na sua maior parte as circunstâncias nos são favoráveis se quisermos aguentar firmes e, sem nos deixarmos aterrorizar pelo grande número de inimigos, não quisermos deitar a perder as nossas vantagens. [3] A inacessibilidade desta região, se permanecermos nos nossos postos, favorece-nos mas, se batermos em retirada, o terreno muito embora difícil tornar-se-á de acesso fácil para o inimigo se não houver quem se lhe oponha e então nós enfrentaremos um inimigo ainda mais temível pois para ele a retirada será difícil, quando for vencido por nós. A verdade é que enquanto estão nos navios eles são muito fáceis de repelir mas, uma vez desembarcados, estão em posição de igualdade connosco. [4] No que respeita ao número, não precisamos de os temer em demasia; embora eles sejam muitos, por causa da dificuldade em ancorar, vão ter de combater em pequenos destacamentos; também o exército deles, maior do que o nosso, não está em

terra mas sim em navios no mar onde muita coisa tem de acontecer no momento próprio para haver sucesso. [5] Eu creio que estas suas dificuldades compensam a desvantagem que nós temos em número e portanto espero que vós que sois Atenienses e sabeis por experiência que não se pode forçar o desembarque de um navio contra inimigos, se estes permanecerem nos seus postos e não recuarem apavorados pelas ondas enormes causadas pelos navios a acostar, espero assim que permaneçais agora nas vossas posições e, defendendo-vos à borda da água onde as ondas quebram, vos salveis a vós e a este lugar.”

XI. Os Atenienses sentindo-se mais encorajados com as palavras de exortação de Demóstenes desceram para junto do mar e colocaram-se em ordem de batalha. [2] Os Lacédemónios marcharam por terra e atacaram a fortaleza com tropas e também com navios em número de quarenta e seis, comandadas pelo navarca espartano Trasimelidas, filho de Cratésicles. E Trasimelidas atacou precisamente onde Demóstenes esperava que ele atacasse. [3] Assim, os Atenienses assaltados por terra e por mar defendiam-se de ambos os lados. E os inimigos tendo dividido a armada em pequenos grupos de navios, porque não havia espaço para atracar um grande número, simultaneamente atacavam por turnos, uns combatendo enquanto outros se recompunham para de novo entrarem no combate mostrando grande valentia e encorajando-se uns aos outros na esperança de forçarem, de alguma maneira, os inimigos a recuar e de tomarem a fortaleza. De entre todos Brásidas foi quem mais se evidenciou. [4] Na verdade, sendo ele próprio comandante duma trirreme, ao ver que por causa da dificuldade do terreno, os outros trierarcas e pilotos, mesmo quando parecia possível atracar, hesitavam por tomarem cuidado em não destruir os seus navios, aos berros dizia-lhes que não estava certo que poupassem as madeiras dos barcos e tolerassem a fortificação

que os inimigos tinham construído na região; e dava-lhes ordens para que mesmo que destruíssem os seus navios forçassem o desembarque, e aos aliados ordenava-lhes que, como retribuição dos grandes benefícios já recebidos, não hesitassem na situação presente em oferecer aos Lacedemónios os seus navios, encalhando-os, para desembarcarem de qualquer maneira possível e dominarem os homens e a região.

XII. Não só encorajava os outros com tais exortações mas também ele próprio, forçando o piloto a encalhar o navio, avançou para a prancha de desembarque; porém, ao tentar desembarcar, foi obrigado a retroceder pelos Atenenses e, repetidamente ferido, perdeu os sentidos. Ao cair para a proa do navio, o escudo deslizou para o mar e tendo dado à costa, os Atenenses apanharam-no e usaram-no depois para o troféu que levantaram para comemorar este recontro. [2] Os outros foram também muito corajosos mas não conseguiram desembarcar por causa da dificuldade do terreno e porque os Atenenses permaneceram nas suas posições e não lhes cederam espaço. [3] Tanto tinha mudado a sorte, que os Atenenses, de terra, terra que era dos Lacónios, combatiam estes que atacavam do mar, enquanto os Lacedemónios dos seus navios tentavam desembarcar no seu próprio território, que agora lhes era hostil, tendo a confrontá-los os Atenenses. Na realidade, há muito que os Lacedemónios tinham fama de ser mais de terra, invencíveis com os seus exércitos, enquanto os Atenenses eram homens do mar, superiores nos seus navios.

XIII. Depois de continuarem os ataques naquele dia e parte do dia seguinte, os Lacedemónios desistiram. E no terceiro dia mandaram alguns dos navios a Ásine para arranjar madeira para montar máquinas de guerra na esperança de tomar a muralha que se erguia alta do outro lado do porto.

[2] Entretanto, veio de Zacinto uma esquadra ateniense de cinquenta navios, pois tinham-se-lhes juntado alguns dos navios que estavam a guardar Naupacto e também quatro navios de Quios. [3] Mas quando viram que tanto a costa continental como a ilha estavam repletas de hoplitas e que no porto os navios não davam sinais de se fazer ao mar, os Atenienses, sem terem onde ancorar, navegaram então para a ilha de Prote que era desértica e ficava não muito longe de Pilos e ali acamparam. No dia seguinte prepararam-se para combate naval na hipótese de os inimigos desejarem sair ao seu encontro no alto mar e, caso eles o não fizessem, eles próprios iam entrar no porto. [4] Ora os Lacedemónios não atacaram e acontece que nem tinham tomado as precauções, que tencionavam tomar, para proteger as entradas do porto, mas permanecendo à espera em terra, equipavam e preparavam os navios para que, se alguém entrasse no porto, que não era nada pequeno, ali lhe darem batalha.

XIV. Os Atenienses, tendo observado o que se passava com cada uma das entradas do porto, apressaram-se a entrar por elas e caindo sobre os navios já então equipados e a navegar de proas viradas para a frente, puseram-nos em fuga e tendo ido em sua perseguição, porque a distância entre perseguidor e perseguido era pouca, danificaram muitos, tomaram cinco e até um com toda a tripulação; também continuamente atacavam os restantes que tinham procurado refúgio em terra; e aqueles que estavam ainda a ser equipados reduziram-nos a pedaços mesmo antes de se fazerem ao mar. Outros levaram a reboque, sem as tripulações, que entretanto se tinham posto em fuga. [2] Ao verem isto os Lacedemónios impressionados com tamanho desastre, uma vez que os companheiros estavam agora isolados na ilha, foram em seu socorro e entrando no mar, mesmo armados, apanharam os barcos e puxaram-nos para trás. Nestas circunstâncias, cada um pensava que nada progredia a não ser

que participasse com o seu esforço pessoal. [3] Levantou-se grande tumulto pois durante este recontro de navios em que as táticas de combate de Atenienses e Lacedemónios tinham sido invertidas. Na verdade, os Lacedemónios por heroísmo e terror, por assim dizer, nada mais fizeram do que combater de terra uma batalha naval e os Atenienses que já estavam vencedores mas queriam, enquanto a sua boa fortuna durasse, levar a vitória até ao fim, combatiam com soldados uma batalha campal a bordo dos navios. [4] E depois de causarem uns aos outros muito sofrimento e de haver um grande número de feridos, separaram-se e os Lacedemónios salvaram as suas embarcações vazias com excepção das que tinham sido tomadas primeiro. [5] Ambos retiraram para os acampamentos, e os Atenienses levantaram um troféu, deram de volta os mortos, asseguraram a posse dos navios naufragados, e imediatamente começaram a navegar em torno da ilha mantendo-a sob vigilância por causa dos homens que ali estavam separados de todos os outros Peloponésios. Estes na costa continental e também aqueles que tinham chegado de todo o lado para os ajudar permaneceram no local diante de Pilos.

XV. Quando as notícias do que acontecera em Pilos chegaram a Esparta, em virtude da gravidade da situação, decidiram enviar magistrados ao acampamento para que, depois de examinarem a situação, determinassem o que lhes parecia dever ser feito. [2] Quando viram que era impossível socorrer os homens na ilha e, por outro lado, não querendo correr o risco de serem eles vítimas da fome ou de serem dominados, depois de terem sido violentados às mãos de inimigo mais numeroso, decidiram que, depois de celebrarem tréguas com os estrategos atenienses, se eles assim o desejassem, mandavam embaixadores a Atenas para negociar um tratado e tentar salvar os homens o mais rapidamente possível.

XVI. Como os estrategos aceitaram a proposta, as tréguas foram celebradas nos seguintes termos: deviam os Lacedemónios entregar aos Atenienses, trazendo-os para Pilos, os navios em que tinham combatido e todos os que estavam na Lacónia e que eram grandes; não deviam os Lacedemónios andar armados nas zonas fortificadas, nem por terra nem por mar; e os Atenienses por seu lado autorizavam os Lacedemónios do continente a enviar aos homens que estavam na ilha, farinha em quantidade determinada e já amassada, isto é, para cada um, duas doses de cevada moída, duas medidas de vinho e uma ração de carne e para cada impedido metade disto. Mandavam estas provisões sob a vigilância dos Atenienses e nenhum barco de carga podia secretamente navegar para a ilha. Os Atenienses por sua vez continuavam a guardar a ilha como antes mas não podiam ali desembarcar e os soldados não podiam usar armas contra o exército dos Peloponésios fosse por terra fosse por mar. [2] E se qualquer dos lados violasse de alguma forma o tratado, este seria imediatamente anulado. O tratado valia até que os embaixadores dos Lacedemónios regressassem de Atenas. E os Atenienses levavam-nos numa trirreme e traziam-nos de volta. Quando eles regressassem, estas tréguas terminariam e os Atenienses restituíam os navios nas mesmas condições em que os tinham recebido. [3] As tréguas foram celebradas nestes termos, os navios em número de sessenta foram entregues aos Atenienses e despachados os embaixadores, os quais, quando chegaram a Atenas falaram assim:

XVII. “Atenienses, os Lacedemónios mandaram-nos aqui para representar os nossos soldados na ilha e para vos persuadir a encontrar uma solução que seja para vós vantajosa e para nós, no nosso presente infortúnio, o mais honrosa possível. [2] Ao falarmos mais longamente deste assunto, não estamos a ir contra o nosso costume de usar poucas

palavras, quando não há necessidade de usar muitas, mas sempre que é preciso explicar alguma coisa de nosso interesse, também nós usamos mais palavras para conseguirmos a solução apropriada. [3] Não considereis isto de forma hostil ou como se nós vos estivéssemos a ensinar, porque sois incapazes de pensar, mas sim como uma simples chamada de atenção dirigida a homens que sabem deliberar acertadamente. [4] Na verdade, vós podeis fazer bom uso do vosso presente sucesso conservando o que conquistastes, de mais a mais adquirindo simultaneamente honra e fama, sem sofrer aquilo de que homens que recebem inesperadamente boa fortuna geralmente sofrem. Na realidade, uma vez que o sucesso surgiu inesperado, tudo fazem na esperança de conseguir mais. [5] De facto, aqueles que passam por muitas provas, boas e más, têm toda a razão em não confiar em bom sucesso. E isto, pela experiência vivida, pode com razão aplicar-se quer à vossa cidade quer a nós próprios.

XVIII. “Para o compreenderdes, olhai as desgraças por que passámos, nós que tínhamos a maior fama entre todos os Helenos, temos agora de vir pedir-vos aquilo que éramos nós antes que tínhamos o direito de conceder. [2] E no entanto não chegámos a esta situação por falta de poder nem porque, sendo mais poderosos, nos tornámos arrogantes, mas sim porque avaliámos mal as circunstâncias presentes e isto mesmo pode acontecer igualmente a todos. [3] Portanto, não é justo pensar que em virtude do presente poder da vossa cidade e do crescimento do vosso império a boa fortuna vai estar sempre convosco. [4] Os homens sábios não erram ao considerar os seus ganhos como incertos (e são eles que podem ser mais perspicazes a enfrentar calamidades) pois julgam que não se pode conduzir uma guerra só na parte em que cada um quer participar, mas sim conforme o destino manda. Na verdade, tais homens que não confiam no sucesso e portanto não se deixam entusiasmar

por ele, cometem menos erros e são mais capazes de fazer a paz quando os acontecimentos são favoráveis. [5] Atenienses: tendes neste momento, não mais tarde, a honrosa missão de poderdes fazer isto em relação a nós mas, se por acaso não ficando persuadidos, falhardes, e há muitas probabilidades, julgar-se-á que os vossos sucessos de hoje surgiram por acaso, quando é possível que deixeis para a posteridade reputação de poder e sensatez sem nunca vos terdes escusado aos perigos.

XIX. “Portanto, os Lacedemónios pedem-vos para aceitar este tratado e terminar a guerra oferecendo-vos paz, aliança e o princípio de relações muito amistosas entre os dois povos, apenas pedindo em troca os homens que estão na ilha, julgando que é melhor para ambos os lados não correr riscos, como procurar fugir num acto de violência se uma hipótese de libertação se apresentar, ou como resultado do bloqueio, ser levado prisioneiro. [2] Nós cremos também que violentas discórdias entre povos não se resolvem em reconciliação estável, se um lado, ao defender-se contra o outro, prevalecer de maneira decisiva na guerra e obrigar o outro lado a chegar a um acordo em termos desiguais. Mas se é possível fazer o tratado de forma mais apropriada e se o lado que com valor saiu vencedor aceitar o outro num acordo de paz em termos mais razoáveis. [3] Desta maneira, o inimigo em situação de devedor não resiste como aquele que sofre violência e, para retribuir o favor, está mais pronto por medo de desonra a obedecer aos termos do tratado. [4] Também os homens agem assim mais em relação aos seus piores inimigos do que àqueles com quem tiveram questões de importância moderada. E por natureza, com prazer, fazem concessões àqueles que voluntariamente por sua vez lhes fizeram concessões enquanto, contra o seu próprio parecer, correm enormes riscos ao opor-se aos que os trataram com arrogância.

XX. “Agora, portanto, mais do que nunca a reconciliação entre os nossos dois povos aparece auspiciosa antes que alguma coisa de irremediável aconteça entre nós e nos force a odiar-vos para sempre, quer em assuntos do Estado, quer em assuntos particulares e vos prive das condições que agora vos propomos. [2] Enquanto isto não for decidido mas vós conservardes o vosso bom nome e a nossa amizade, e a desgraça que nos sucedeu continuar controlada sem nada de muito grave acontecer, tomemos esta oportunidade para nos reconciliarmos, para escolhermos, em vez de guerra, a paz e para concedermos a todos os Helenos uma pausa para os seus sofrimentos. Na verdade, eles vão por certo pensar que a reconciliação partiu mais de vós. Não sabem quem começou as hostilidades mas, quando surgir a paz que agora depende completamente de vós, é a vós que eles vão dedicar a sua gratidão. [3] Se vos decidirdes pela paz podeis obter dos Lacedemónios a sua firme amizade que eles vos estão a oferecer com muito interesse, dominando-os mais por gratidão do que por violência. [4] Em todo este processo, considerai as vantagens que provavelmente ireis obter. Se nós e vós chegarmos a um acordo podeis ter a certeza de que o resto do mundo helénico, que é menos poderoso do que nós, honrar-vos-á com enorme respeito.”

XXI. Assim falaram os Lacedemónios pensando que os Atenienses, que antes desejavam tréguas a que os Lacedemónios se tinham oposto, iriam aceitar a paz oferecida e entregar de volta os homens. [2] Mas os Atenienses, uma vez que tinham os homens prisioneiros na ilha, pensaram que podiam fazer a paz quando quisessem e entretanto desejavam mais do que a oferta que lhes estava a ser feita. [3] Incitava-os nesta direcção Cléon, filho de Cleéneto, dirigente populista que naquele tempo era muito bem aceite pela multidão. Este convenceu-os a responder que os homens na ilha tinham primeiro de se entregar com as suas armas e ser

trazidos para Atenas. Assim que eles chegassem, os Lacedemónios tinham de dar de volta aos Atenenses Niseia, Pegas, Trezenas e Acaia, lugares conquistados não pela força das armas mas por um acordo prévio celebrado com os Atenenses, quando estes estavam em más circunstâncias e precisavam de tréguas mais do que agora. Podiam então recolher os homens e fazer o tratado para durar tanto tempo quanto aquele que as duas partes decidissem.

XXII. Os embaixadores não responderam a esta proposta dos Atenenses mas pediram para escolher membros da assembleia que os ajudassem a analisar cada ponto da proposta e, em ambiente de calma, decidirem o que era aceitável para os dois lados. [2] Cléon atacou-os com veemência dizendo que antes disto já sabia que eles não tinham boas intenções e agora isso era claro uma vez que eles não queriam dizer nada ao povo, mas desejavam apenas encontrar-se em conferência com alguns homens. E pediu-lhes que, se a proposta deles era sã, a comunicassem a toda a assembleia. [3] Porém, os Lacedemónios ao verem que não era possível falar em público se, em vista da situação desastrosa em que se encontravam, lhes parecesse que deviam concordar com o que estava a ser-lhes proposto e que podia trazer-lhes problemas em relação aos seus aliados por fazerem propostas que não eram aceites, e também vendo que os Atenenses não iam conceder aquilo que propunham em condições razoáveis, retiraram de Atenas sem ter conseguido nada daquilo para que tinham vindo.

XXIII. À chegada deles a Pílos anulou-se imediatamente o tratado de paz e os Lacedemónios exigiram a entrega dos seus navios conforme o acordo. Mas os Atenenses, acusando-os de terem atacado o forte e doutras coisas que não parecem dignas de menção, não entregaram os navios insistindo que tinha sido estipulado que, se de alguma maneira o tratado

fosse violado, ficaria imediatamente sem efeito. Por sua vez, os Lacedemónios negaram a acusação e, chamando a este caso dos navios uma injustiça, foram-se embora e recommçaram a guerra. [2] E assim em Pilos, a guerra continuou activamente de ambos os lados, os Atenienses mandando de dia em torno da ilha dois navios a navegar em direcção contrária e à noite ancorando todos os navios à sua volta excepto do lado do mar alto, quando havia vento. E chegaram de Atenas mais vinte navios para o bloqueio de tal forma que a armada tinha agora o total de setenta navios. Por sua vez, os Peloponésios estavam acampados na zona continental fazendo ataques ao forte, sempre atentos ao momento oportuno que se lhes deparasse para salvar os homens na ilha.

A provável ocupação da Sicília

XXIV. Entretanto na Sicília os Siracusanos e seus aliados, tendo juntado aos navios que estavam de guarda em Messena a outra força naval que tinham preparado, faziam guerra a partir de Messena. [2] Incitavam-nos principalmente os Lócrios por causa do ódio que tinham aos Regíonios, cujo território tinham invadido com todas as forças. [3] Os Siracusanos queriam tentar a sua sorte num combate naval, quando viram que os Atenienses tinham ali poucos navios e ouviram dizer que o grosso da armada, que era para se lhes juntar, estava ocupada no bloqueio à ilha. [4] Na verdade, tinham esperança de que, se saíssem vitoriosos com a armada, atacando Régio por terra e por mar facilmente a dominavam e ficavam então em situação de superioridade uma vez que estando o promontório de Régio na Itália e o de Messena na Sicília bem próximos um do outro, os Atenienses não podiam estabelecer o bloqueio e dominar o estreito. Este estreito é o mar entre Régio e Messena onde a Sicília menos dista do continente e é aquele a que chamam

Caribdis por onde se diz que Ulisses navegou. Porque é apertado e a água dos dois grandes mares, o Tirreno e o Sicélico, nele se precipita em turbilhão, é naturalmente considerado perigoso.

XXV. Foi portanto neste estreito que, por causa de um navio mercante, os Siracusanos e seus aliados, com pouco mais de trinta navios, foram obrigados, ao fim de um dia, a uma batalha naval contra dezasseis navios atenienses e oito de Régio. [2] Derrotados pelos Atenienses, navegaram rapidamente, como cada um pôde, de volta aos seus ancoradouros tendo perdido um navio. E a noite caiu enquanto ainda combatiam. [3] Depois disto, os Lócrios deixaram o território dos Régios e os navios dos Siracusanos juntaram-se em Peloro na Messena onde ancoraram e as forças de terra juntaram-se-lhes. [4] Os Atenienses e os Régios, ao verem que os navios não tinham tripulação, navegaram contra eles e atacaram-nos, mas eles próprios perderam um navio contra o qual tinha sido lançado um harpão de abordagem, tendo os homens fugido a nado. [5] Depois disto, os Siracusanos embarcaram nos seus navios e iam navegando para Messena junto à costa presos por cabo de reboque, quando os Atenienses os atacaram outra vez, mas de novo perderam outro navio porque os Siracusanos, tendo mudado de repente de rumo, caíram sobre eles. [6] Quer na viagem junto à costa quer no peculiar combate naval que se seguiu, os Siracusanos levaram a melhor e singraram para o porto em Messena. [7] E os Atenienses, tendo ouvido dizer que Camarina ia ser entregue aos Siracusanos por Árquias e os do seu grupo, navegaram para lá. Naquele momento, os Messénios com todo o seu contingente a pé e de barco marcharam contra Naxos, sua vizinha calcídica. [8] No primeiro dia, sitiaram os Nákios dentro das suas muralhas e arrasaram-lhes as terras; no dia seguinte, enquanto os navios navegavam em direcção do rio Acesines e arrasavam as

terras na região, eles atacaram a cidade com a infantaria. [9] Entretanto, grande número de Sicelos desceu do alto das montanhas para ajudar na luta contra os Messênios. E os Nákios quando os viram, ganharam ânimo e exortavam-se uns aos outros dizendo que os Leontinos e outros aliados helenos se aproximavam para os ajudar e fizeram então subitamente uma sortida saindo da cidade e caindo sobre os Messênios, puseram-nos em fuga matando mais de mil e os restantes com dificuldade regressaram à sua cidade, pois os Bárbaros atacaram-nos nos caminhos e mataram a maioria. [10] E os navios depois de terem aportado a Messena dispersaram cada um para as suas cidades. Imediatamente os Leontinos e os aliados juntos com os Atenenses assaltaram Messena então enfraquecida, os Atenenses com os navios atacando o porto e a infantaria atacando a cidade. [11] Mas os Messênios e alguns Lócrios, sob o comando de Demóteles, que ali tinham sido deixados como guardas depois do desastre de Naxos, fizeram uma sortida e caindo subitamente sobre eles puseram em fuga a maior parte do exército dos Leontinos e mataram muitos soldados. Ao verem isto, os Atenenses desembarcaram dos seus navios e vieram em socorro dos Leontinos e tendo atacado os Messênios, enquanto estes estavam em desordem, perseguiram-nos até eles reentrarem na cidade. Erigiram então um troféu e retiraram para Régio. [12] Depois disto, os Helenos na Sicília, sem os Atenenses, lutaram uns contra os outros em terra.

De novo os problemas de Pilos

XXVI. Entretanto em Pilos os Atenenses continuavam o bloqueio aos Lacedemónios na ilha, enquanto o exército dos Peloponésios, no continente, permanecia na mesma posição. [2] Porém, o bloqueio era penoso para os Atenenses por causa da falta de mantimentos e de água. Na verdade, só

havia uma fonte na própria acrópole de Pilos e não era grande, e assim a maioria dos soldados fazia um buraco na areia da praia e bebia a água que ali podia encontrar. [3] Também o espaço era pouco e estreito para os soldados que estavam no acampamento e os que estavam nos navios, porque não havia ancoradouro, tomavam as refeições em terra por turnos enquanto outros ficavam nos navios fundeados no alto mar. [4] Trazia-lhes também enorme desânimo o muito tempo passado para além do que era de esperar, quando tinham pensado que em poucos dias iam dominar com o bloqueio, homens que estavam cercados numa ilha deserta com água salobra por única bebida. [5] A razão é que os Lacedemónios tinham chamado voluntários para levar para a ilha cereais moídos, vinho, queijo e outras comidas que fossem de consumir num cerco, prometendo grandes quantidades de ouro e até aos hilotas a liberdade. [6] E muitos, especialmente os hilotas, arriscaram-se para chegar à ilha, saindo de onde calhava no Peloponeso, navegando durante a noite para o lado da ilha que está virado para o mar, e de preferência esperando por vento para os levar até à costa [7] pois era mais fácil escapar à vigiância das trirremes, quando o vento vinha do mar, porque estas então não podiam ancorar e eles podiam atracar sem problemas. Na verdade, as embarcações em que eles atracavam tinham o seu valor já estabelecido em dinheiro e além disso os hoplitas na ilha vigiavam os lugares em que eles podiam atracar. Mas aqueles que se aventuraram, quando mar e vento estavam calmos, foram apanhados. [8] No porto, mergulhadores nadavam debaixo de água, rebocando, puxados por cordas, odres cheios de sementes de papoila misturadas com mel e linhaça moída. No princípio estes não foram notados, mas mais tarde havia guardas para os detectar. [9] E assim, cada lado empregava todos os recursos, um para levar os mantimentos, o outro para não deixar que estes chegassem ao seu destino.

XXVII. Entretanto em Atenas, quando ouviram as notícias sobre as privações que o exército estava a sofrer e que a comida chegava aos homens na ilha por barco, ficaram em dúvida receosos de que o Inverno os apanhasse no bloqueio; e ao ver que o transporte de mantimentos à volta do Peloponeso seria impossível e sendo a região sem recursos, mesmo no Verão difícil de abastecer, pensaram que sem portos o bloqueio não poderia continuar e, quando os Atenienses afrouxassem a vigilância, os homens na ilha iriam escapar, ou esperariam por mau tempo e embarcariam nos mesmos barcos que lhes traziam mantimentos. [2] Acima de tudo, estavam alarmados com a atitude dos Lacedemónios pensando que era porque estavam em posição de força que não faziam novas propostas de paz. E arrependeram-se de não ter aceitado as tréguas antes propostas. [3] E Cléon, sabendo que as suspeitas lhe eram dirigidas por se ter oposto ao tratado de paz, disse que os mensageiros não falavam verdade, ao que estes responderam que, se os Atenienses não acreditavam neles, mandassem observadores. Cléon foi escolhido pelos Atenienses e também Teógenes. [4] Cléon percebendo que ou era obrigado a dizer o que os outros tinham dito ou, ao dizer o contrário, aparecia como um mentiroso, aconselhou-os, porque os sentiu predispostos a mandar uma expedição, a não mandar inspectores nem deixar passar a oportunidade, se lhes parecia que as informações eram verdadeiras, de ir contra os Lacedemónios com uma esquadra. [5] E apontando para Nícias, filho de Nicérato, que era estratega, mas que ele detestava, repreendeu-o dizendo que com os preparativos certos, se os estrategos fossem homens de verdade, seria fácil navegar para a ilha e capturar os inimigos. E que este seria o plano que ele executaria se as forças estivessem sob o seu comando.

XXVIII. E Nícias, dado que os Atenienses começaram a clamar contra Cléon perguntando-lhe por que não nave-

gava ele agora, se o projecto lhe parecia tão fácil, notando também a crítica que lhe era destinada, ordenou-lhe que tomasse a força que quisesse e tentasse o ataque pois o comando estava de acordo. [2] Mas Cléon, a princípio pronto, porque pensava que Nícias estava a fingir quando dizia que lhe cedia o comando, ao dar-se conta de que Nícias queria mesmo entregar-lho, assustado e sem ter pensado nunca que Nícias teria a audácia de lhe ceder a posição, tentou retroceder e disse que não era ele quem comandava, mas sim Nícias. [3] De novo Nícias o incitou a ir e demitiu-se da sua posição de comando para a expedição contra Pilos, tomando os Atenienses como testemunhas do seu acto. E estes, como é costume das multidões, quanto mais Cléon tentava esquivar-se à expedição e desobrigar-se dos seus planos, mais insistiam com Nícias para ele ceder o comando da expedição e gritavam a Cléon que partisse. [4] Portanto, não tendo maneira de escapar às suas propostas, Cléon tomou a seu cargo a expedição e dirigindo-se à assembleia disse que não receava os Lacedemónios e que ia partir sem levar da cidade um único ateniense, mas sim Lémnios e Ímbrios que estavam em Atenas e soldados com escudos ligeiros que tinham vindo de Eno para ajudar e quatrocentos peltastas doutros lados. Disse também que com estes guerreiros a juntar aos que já estavam em Pilos em vinte dias ou trazia de volta os Lacedemónios vivos ou matava-os no local. [5] Riram-se os Atenienses com esta fanfarronada que, no entanto, agradou aos homens mais avisados que concluíram que uma de duas coisas ia acontecer: ou se libertavam de Cléon, o que eles preferiam, ou, se este desejo se malograsse, ele subjugaria os Lacedemónios para eles.

XXIX. Depois de ter determinado tudo na assembleia e de os Atenienses terem votado a favor da expedição, Cléon escolheu para seu companheiro Demóstenes, um dos gene-

rais já em Pilos e preparou-se para uma partida rápida. [2] Escolheu Demóstenes porque tinha ouvido dizer que ele planeava desembarcar na ilha, uma vez que os seus soldados que sofriam privações causadas pela falta de recursos da região e eram mais vítimas de um cerco do que seus promotores, estavam prontos para correr todos os riscos. Encorajava-o ainda mais o ter deflagrado fogo na ilha. [3] Na verdade, previamente o facto de a ilha ter muito arvoredo e nenhuns caminhos, porque não era habitada, causava-lhe grande receio pois pensava que estas circunstâncias favoreciam o inimigo que, atacando de zonas escondidas, poderia infligir danos sérios a uma força grande que ali desembarcasse. E de facto, nem as deficiências nem os preparativos deles eram visíveis sob a folhagem da floresta, mas as falhas do seu exército eram tão evidentes que eles poderiam atacar inesperadamente se quisessem e, portanto, era a eles que pertencia o poder de ataque. [4] Por outro lado, se fosse forçado a ir ao encontro do inimigo na floresta densa, ele pensava que uma força mais pequena, familiarizada com o terreno, seria mais forte do que uma maior que o desconhecesse. Na verdade, o seu exército, embora numeroso, poderia ser destruído de improviso porque não havia para os soldados maneira de enxergar onde era necessário auxiliarem-se uns aos outros.

XXX. Foi depois do desastre na Etólia, que em parte fora causado pela floresta, que estes pensamentos principalmente ocorreram a Demóstenes. [2] Em virtude da estreiteza de espaço os soldados tinham de ser levados para a borda da ilha a fim de tomarem as suas refeições, sempre com guardas de vigia e um deles, sem querer, pegou fogo a uma área da floresta; depois disto, levantou-se o vento e a maior parte da floresta foi consumida pelas chamas antes de eles se darem conta. [3] E assim Demóstenes observou que os Lacedemónios eram muitos, quando primeiro pensava

que o número de soldados a quem mandavam mantimentos era menor. Ficou também a saber que era possível desembarcar na ilha, portanto, que os Atenienses estavam a tentar alcançar um objectivo de valor, e assim organizou o ataque convocando tropas de aliados vizinhos e fazendo outros preparativos. [4] E Cléon que tinha mandado anunciar a Demóstenes que ia a caminho com o exército que ele tinha pedido, chegou a Pilos. E assim que se juntaram, primeiro mandaram um mensageiro ao acampamento inimigo no continente convidando-os, se quisessem, a ordenar aos homens que estavam na ilha que entregassem as armas e se rendessem sem os porem em perigo e, como consequência, ficariam prisioneiros em condições razoáveis até que se chegasse a um acordo sobre toda a situação.

XXXI. Ora esta oferta não foi aceite, e os Atenienses esperaram um dia inteiro e no dia seguinte, ainda de noite, embarcando todos os hoplitas em alguns navios, fizeram-se ao mar e antes do nascer do Sol, desembarcaram nos dois lados da ilha, o que dá para o mar e o que está virado para o porto, sendo o número de hoplitas desembarcados oitocentos e avançaram numa corrida contra o primeiro posto de defesa na ilha. [2] As posições inimigas eram as seguintes: neste primeiro posto havia perto de trinta hoplitas; na parte central e mais plana da ilha, junto da fonte de abastecimento de água, estava o grosso das forças comandadas pelo arconte Eпитadas; um pequeno destacamento protegia a ponta mais afastada da ilha virada para Pilos, escarpada na direcção do mar e difícil de atacar do lado de terra. Ali existia um velho forte construído de maneira simples com pedras apanhadas no local que eles julgaram que lhes podia ser útil como refúgio se fossem forçados a retirar. Era assim que estavam as forças distribuídas.

XXXII. E os Atenienses imediatamente mataram os guardas no primeiro posto que tinham atacado de surpresa,

enquanto eles estavam ainda na cama e a tentar armar-se, sem que tivessem antes notado o desembarque pensando que, como de costume, os navios estavam a navegar para os locais onde iam ancorar durante a noite. [2] Assim que nasceu o dia, desembarcaram de setenta navios as restantes forças quase todas, com excepção dos remadores nos bancos mais no fundo, cada um armado à sua maneira, e também oitocentos arqueiros e não menor número de soldados com armamento ligeiro, e os Messénios que tinham vindo para ajudar e todos os outros que estavam a ocupar posições na área de Pilos menos os que estavam de guarda à fortaleza. [3] E Demóstenes organizou-os dividindo-os em grupos de mais ou menos duzentos, que tomaram os pontos mais altos da ilha, para que os inimigos cercados por todos os lados ficassem nas maiores dificuldades, sem saber que ataque enfrentar se fossem atacados dos dois lados pelos inimigos – se atacassem os que estavam em frente, atacavam-nos por trás, e se atacassem pelos flancos, eram repelidos pelos inimigos colocados em ordem de batalha de ambos os lados. [4] E para onde quer que avançassem havia sempre na retaguarda tropas ligeiras inimigas que eram as mais difíceis, porque combatiam de longe com setas, dardos, pedras e fundas. E não podiam chegar a elas para as atacar porque elas fugiam vitoriosas e voltavam ao ataque quando eles recuavam. Este foi portanto o plano que Demóstenes inventou e pôs em prática para desembarcar na ilha.

XXXIII. Quando os homens comandados por Epitadas, que constituíam o maior contingente de tropas na ilha viram que o primeiro posto de defesa tinha sido destruído e um exército avançava contra eles, colocaram-se em ordem de batalha para atacar os hoplitas atenienses, desejosos de lhes deitar as mãos. Estes eram na verdade os que estavam em frente deles, enquanto as tropas ligeiras ocupavam os flancos e a retaguarda. [2] Mas não conseguiram implicar no

combate os hoplitas e usar contra eles a sua destreza especial, pois as tropas ligeiras atacavam-nos continuamente de ambos os lados com dardos e ao mesmo tempo os hoplitas nem atacavam nem se mexiam do lugar onde estavam. No entanto, os homens de Epitadas punham em fuga as tropas ligeiras sempre que estas, nos seus ataques, se aproximavam mais, mas estas voltavam e combatiam outra vez já que estavam equipadas com armas ligeiras e podiam fugir mais facilmente devido ao terreno difícil e escarpado numa ilha até então desabitada, enquanto os Lacedemónios equipados com armamento pesado não podiam persegui-los.

XXXIV. Durante um pequeno espaço de tempo, combateram assim uns contra os outros. Mas quando os Lacedemónios já não podiam acudir rapidamente onde eram atacados, as tropas ligeiras notando que eles eram mais vagarosos a defender-se, ganharam confiança no seu poder ao ver com os olhos que eram em muito maior número e acostumando-se à ideia de que o inimigo não parecia tão temível como antes, e também porque não tinham sofrido tantas perdas como esperavam, nem estavam dominados, como no princípio, quando tinham desembarcado, pelo pensamento de que iam combater Lacedemónios, e então, um pouco desdenhosos, soltaram um grito e em uníssonos lançaram-se sobre eles e atiraram-lhes pedras, setas e dardos conforme o que cada um tinha à mão. [2] A gritaria lançada simultaneamente com o ataque provocou pânico entre homens não acostumados a esta forma de combate e a nuvem de pó que se ergueu da floresta recentemente queimada tornou difícil ver o que se passava em frente de cada um por causa das setas e pedras atiradas por entre a poeira e por muitos homens. [3] Neste momento, a batalha tornou-se difícil para os Lacedemónios. Com efeito, os capuzes de feltro não os protegiam das setas, dardos tinham-se partido nos homens atingidos e eles próprios nada podiam fazer,

impedidos de ver para a frente e impossibilitados de ouvir as ordens de comando por causa dos gritos dos inimigos. Rodeados de perigo por todos os lados, ficavam impedidos de se salvar.

XXXV. Finalmente, quando muitos deles estavam feridos, porque repetiam as mesmas acções sempre no mesmo sítio, cerraram fileiras e retiraram para o forte no extremo da ilha, o qual não ficava muito longe, e para os seus companheiros que o protegiam. [2] Assim que eles cederam terreno, imediatamente as tropas ligeiras encorajadas pelo que se passava, com um grito ainda mais forte, caíram sobre eles. Aqueles dos Lacedemónios que foram apanhados, quando batiam em retirada, morreram, mas muitos escaparam para o forte e organizaram-se em ordem de batalha com os guardas no forte para o defenderem onde podia ser atacado. [3] Os Atenenses que foram em perseguição não tinham um caminho à volta do forte, nem maneira de os cercar por causa das características do local, tentaram portanto desalojá-los em ataque frontal e durante muito tempo, a maior parte do dia, embora ambos os lados sofressem dificuldades causadas pela batalha, pela sede e pelo sol, aguentaram-se frente a frente, um lado tentando desalojar o outro das alturas, o outro tentando não se render. E os Lacedemónios defendiam-se com mais facilidade do que antes porque não estavam cercados nos flancos.

XXXVI. Mas uma vez que a luta parecia não ter fim, um estratega messénio foi ter com Cléon e Demóstenes e disse-lhes que o lado deles estava a sofrer em vão. E se eles lhe quisessem dar alguns arqueiros e tropas ligeiras para ir à volta até à retaguarda por caminho que encontrasse, parecia-lhe que podia forçar o acesso ao forte. [2] Logo que obteve o que pedira, o estratega apressou-se a partir de um lugar que os inimigos não podiam ver, e avançando sempre que

era possível ao longo dos precipícios da ilha, chegou a um local onde os Lacedemónios, confiados na inacessibilidade do terreno, não tinham posto guardas. E assim indo à volta sem ser detectado entre perigos e dificuldades, apareceu de repente junto do forte na retaguarda do inimigo para consternação deste que os não esperava e para encorajar os companheiros que viam agora aquilo por que tinham estado à espera. [3] Consequentemente, os Lacedemónios eram agora assaltados de dois lados e estavam na mesma desgraçada situação em que os seus compatriotas tinham estado nas Termópilas, se compararmos pequenas acções com grandes, onde aqueles na realidade tinham sido mortos pelos Persas que lhes apareceram pela retaguarda no desfiladeiro. Assim, assaltados pela retaguarda e pela frente, os Lacedemónios já não resistiam e como a luta era agora de poucos contra muitos, com os corpos enfraquecidos pela fome, batiam em retirada e os Atenenses detinham agora o domínio dos acessos ao forte.

XXXVII. Cléon e Demóstenes, compreendendo que, se os inimigos continuassem a ceder mesmo minimamente, iam ser trucidados pelo exército deles, fizeram parar a batalha e conservaram os seus homens afastados, pois queriam levar os Lacedemónios vivos para Atenas no caso de eles, ao ouvirem o grito do arauto, perdessem ainda mais a coragem e se submetessem, face à situação terrível em que se encontravam. E anunciaram-lhes que, se quisessem, se entregassem mais as suas armas aos Atenenses, que decidiriam do seu destino como lhes parecesse melhor.

XXXVIII. Quando ouviram isto, a maioria dos Lacedemónios baixou os escudos e acenou com as mãos mostrando que concordava com o que tinha sido anunciado. Em seguida, feito um armistício, reuniram-se em conferência Cléon e Demóstenes pelos Atenenses e Estífon, filho de

Fárax pelos Lacedemónios, uma vez que dos seus arcontes, o primeiro, Epitadas, tinha sido morto, e Hipagretas que fora escolhido como sucessor, embora ainda vivo, jazia entre os cadáveres e era tido como morto. E Estífon fora o terceiro escolhido para arconte como mandava a lei para o caso de alguma coisa acontecer aos outros. [2] Estífon e os que estavam com ele disseram que queriam enviar um mensageiro aos Lacedemónios no continente para lhes perguntar o que deviam fazer. [3] Mas os Atenienses não deixaram nenhum deles ir e em vez disso convocaram mensageiros do continente e depois de conferenciarem duas ou três vezes, o último homem que fez a travessia dos Lacedemónios do continente para a ilha trouxe a seguinte mensagem: “Os Lacedemónios ordenam-vos que decidais por vós próprios sem fazer nada que seja desonroso.” Depois de deliberarem entre si, entregaram-se e as suas armas. [4] Durante aquele dia e na noite seguinte, os Atenienses conservaram-nos sob guarda. No dia seguinte, depois de terem levantado um troféu na ilha, prepararam-se para partir e distribuíram os prisioneiros pelos trierarcas para que os conservassem sob guarda. E os Lacedemónios, tendo enviado um mensageiro, recolheram os seus mortos. [5] O número dos que morreram na ilha ou foram feitos prisioneiros era o seguinte: dos quatrocentos e vinte hoplitas que tinham feito a travessia para a ilha, duzentos e noventa e dois foram transportados vivos para Atenas e os restantes morreram. Dos sobreviventes, cerca de cento e vinte eram Espartanos. Dos Atenienses não morreram muitos, pois a batalha não se travara em luta corpo-a-corpo.

XXXIX. O total de tempo que os homens passaram cercados depois da batalha naval até à batalha na ilha foi de setenta e dois dias. [2] Durante aproximadamente vinte destes dias, enquanto os embaixadores estiveram ausentes a negociar o tratado de paz, os homens receberam regular-

mente provisões, nos restantes dias foram abastecidos por aqueles que aportaram à ilha secretamente. De facto, havia algum cereal e outras coisas para comer na ilha, quando esta foi tomada. O arconte Epitadas dava a cada um menos do que as reservas que tinha. [3] E assim os Atenienses e os Peloponésios retiraram de Pilos com as respectivas forças, cada um para a sua cidade, e apesar de um pouco louca, a promessa de Cléon foi bem-sucedida, pois no prazo de vinte dias trouxe os homens para Atenas conforme tinha prometido.

XL. De todos os acontecimentos da guerra nenhum foi para os Helenos mais difícil de compreender do que este, pois pensavam que nem fome nem qualquer outra necessidade forçava os Lacedemónios a entregarem as armas, mas sim que eles as conservavam lutando sempre enquanto podiam, até morrer. E não podiam acreditar que se tinham entregado ao inimigo homens semelhantes em qualidade aos que tinham morrido. E quando um dos aliados atenienses, um pouco mais tarde, perguntou em tom mordaz a um dos prisioneiros que tinha vindo da ilha, se os Lacedemónios que tinham morrido eram homens valorosos e de bem, a resposta foi que teria grande valor a seta que determinasse quem eram os homens de bem, tornando assim claro que era a sorte que escolhia quem era morto com pedras e setas.

XLI. Logo que os prisioneiros chegaram, os Atenienses decidiram conservá-los na prisão até chegarem a um acordo e se antes disto os Peloponésios invadissem o território, tiravam-nos da prisão e matavam-nos. [2] Também puseram uma guarnição em Pilos e os Messénios de Naupacto que consideravam Pilos como território dos antepassados (na verdade, Pilos pertencera outrora ao território da Messénia) mandaram para ali os homens mais bem adaptados à tarefa de guardar a cidade, arrasaram o território da Lacónia e

causaram muitos danos, porque falavam a mesma língua. [3] E os Lacedemónios, visto que anteriormente não tinham experiência de pilhagem e dessa espécie de guerra e por estarem os hilotas a desertar, receavam que a revolução se espalhasse ainda mais por toda aquela zona, não suportavam com facilidade a situação e muito embora não desejassem que os Atenienses a conhecessem, mandavam-lhes embaixadores para tentar recuperar Pilos e os prisioneiros. [4] Mas os Atenienses exigiam sempre mais, e apesar de os embaixadores os terem visitado muitas vezes, mandavam-nos embora sem ter conseguido qualquer resultado. No que respeita a Pilos foram estes os acontecimentos.

Os Atenienses na Coríntia

XLII. Durante o mesmo Verão e imediatamente depois destes acontecimentos, os Atenienses fizeram uma expedição contra a Coríntia com oitenta navios, dois mil dos seus hoplitas e duzentos cavaleiros em barcos para transporte de cavalos. E dos aliados acompanhavam-nos Milésios, Ândrios e Carístios, todos sob o comando de Nícias, filho de Nicérato e mais dois colegas. [2] Navegando, chegaram ao dealbar do dia a um ponto entre Quersoneso e Rito e desembarcaram na parte da costa que fica logo abaixo da colina Soligeia onde os Dórios de outrora se estabeleceram e combateram na cidade os Coríntios que eram Eólios. Existe hoje ali uma aldeia chamada Soligeia. Desta praia onde os navios aportaram, Soligeia dista doze estádios, a cidade de Corinto sessenta, e o Istmo vinte. [3] E os Coríntios que já tinham sido informados de Argos que a expedição viria de Atenas, por mais forte razão para se defenderem, juntaram-se no Istmo com todas as suas forças com excepção das que ficavam a norte do Istmo, e de quinhentos dos seus homens que estavam ausentes na Ambrácia e na Leucádia. Os outros todos

em conjunto estavam a vigiar onde os Atenienses iam desembarcar. [4] Mas como os Atenienses, navegando durante a noite, escaparam à vigilância e eles foram informados do desembarque por sinais, deixaram metade das tropas em Quencreia, e para o caso de os Atenienses atacarem Crómion, marcharam rapidamente em sua defesa.

XLIII. Enquanto Bato, um dos estrategos (havia dois estrategos presentes na batalha), tomou uma companhia de soldados e marchou para a aldeia de Soligeia que não era muralhada, para a proteger, Lícofron lançou-se no combate com os outros soldados. [2] Primeiro, os Coríntios assaltaram a ala direita dos Atenienses que tinham acabado de desembarcar em frente do Quersoneso e depois atacaram também a outra ala. Este combate foi intenso e completamente corpo-a-corpo. [3] A ala direita dos Atenienses e dos Carístios (estes tinham sido postos na extremidade) recebeu o ataque dos Coríntios e obrigou-os a retroceder mas com dificuldade. E os Coríntios então refugiaram-se em cima numa barreira de pedras (de facto o local era em declive escarpado) e do alto atiravam pedras contra os Atenienses e depois de cantarem um péane de vitória, atacaram de novo. Os Atenienses receberam a carga e de novo o combate foi corpo-a-corpo. [4] Então uma companhia dos Coríntios, tendo vindo reforçar a sua ala esquerda, pôs em fuga a ala direita dos Atenienses e perseguiu-os até ao mar, mas de novo dos navios os Atenienses e os Carístios recuperaram. Entretanto, o resto dos exércitos de ambos os lados combatia sem interrupção, sobretudo a ala direita dos Coríntios que estava sob o comando de Lícofron contra a ala esquerda dos Atenienses que Lícofron conservava à distância. Na realidade, eles esperavam que os Atenienses tentassem atacar Soligeia.

XLIV. Durante muito tempo aguentaram-se sem que um lado cedesse ao outro. Então os Coríntios (visto que a

cavalaria ajudou os Atenienses combatendo ao lado deles, enquanto o outro lado não dispunha de cavalaria) viraram as costas e refugiaram-se no monte onde tomaram posições sem voltar a atacar e sem nada empreenderem. [2] Foi neste revés sofrido pela ala direita que a maioria dos Coríntios morreu, e também o estrategista Lícofron. Mas o resto do exército nesta situação nem sofreu perseguição apertada, nem fuga desordenada; quando sofreram a violência, procuraram refúgio nas alturas e ali tomaram posição. [3] E os Atenienses, uma vez que ninguém vinha enfrentá-los em combate, despojaram de armas os cadáveres dos inimigos, recolheram os seus mortos e imediatamente levantaram um troféu. [4] Entretanto, a outra metade do exército dos Coríntios, que estava estacionada em Quencreia para a proteger se os Atenienses navegassem para Crómion, não pôde ver a batalha por causa do monte Oneion. Mas quando eles viram a nuvem de pó, compreenderam o que se passava e imediatamente foram em socorro. O mesmo fizeram os homens mais velhos de Corinto, quando perceberam o que tinha acontecido. [5] E os Atenienses ao verem todos estes homens a avançar contra eles pensaram que era uma força auxiliar vinda dos Peloponésios vizinhos e retiraram rapidamente para os seus navios levando consigo os despojos do inimigo e os seus mortos à exceção de dois que deixaram para trás por não os terem podido encontrar. [6] Portanto, embarcaram nos seus navios e navegaram para as ilhas próximas; dali mandaram mensageiros para recuperar em tréguas os mortos que tinham deixado para trás. Nesta batalha morreram duzentos e doze Coríntios e menos de cinquenta Atenienses.

XLV. Deixando as ilhas, os Atenienses navegaram no mesmo dia para Crómion em território coríntio, distando da cidade cento e vinte estádios. Ancoraram, saquearam o território e ali passaram a noite. [2] No dia seguinte, nave-

gando junto à costa, chegaram primeiro a Epidauro onde aportaram, depois alcançaram Metana entre Epidauro e Trezena e construíram uma muralha no istmo que liga à península onde fica a cidade, separando esta da terra que lhe está ligada. Ali deixaram uma guarnição que daquele tempo para a frente saqueava as terras de Trezena, Hálías e Epidauro. Mas os Atenienses, assim que a muralha na região ficou feita, navegaram de volta a Atenas.

Os massacres em Corcira

XLVI. Durante este mesmo tempo, enquanto isto ia acontecendo, Eurimedonte e Sófocles depois que saíram de Pilos navegaram com os navios para a Sicília. Quando chegaram a Corcira, participaram com os homens da cidade numa expedição contra os Corcireus que se tinham instalado no monte Istone e aí firmado a sua posição dominando o território e causando muitos danos. [2] Os Atenienses atacaram e tomaram o forte, e os homens que o defendiam fugiram em grupo e refugiaram-se nas alturas mas chegaram a um acordo segundo o qual tinham de entregar as tropas mercenárias e eles próprios as armas, deixando a decisão sobre a sua sorte ao povo ateniense. [3] E os estrategos, de acordo com o tratado, transferiram-nos para Ptíquia como prisioneiros até serem mandados para Atenas; se algum fugisse, porém, o tratado ficaria sem efeito para todos. [4] Mas os chefes populares dos Corcireus, receosos de que os Atenienses não fossem matar os prisioneiros quando eles chegassem a Atenas, congregaram o seguinte plano: [5] tentaram convencer alguns dos homens na ilha a fugir, mandando-lhes amigos que, de boa fé, lhes diziam que era melhor para eles fugir o mais depressa possível e que eles próprios teriam um barco pronto para eles. E diziam-lhes também que os estrategos atenienses iam entregá-los ao povo corcireu.

XLVII. Assim que os homens foram persuadidos e depois apanhados a fugir no barco arranjado pelos que tinham urdido o plano, o tratado ficou anulado e todos os prisioneiros foram entregues aos Corcireus. [2] Em não pequena medida contribuíram para isto, quer dizer, o facto de o pretexto ser convincente e os que o executavam não terem receio de o pôr em prática, os estrategos atenienses que obviamente, uma vez que iam a caminho da Sicília, não queriam que os prisioneiros fossem transportados para Atenas por outros que assim ficariam com as honras. [3] Então os Corcireus, tomando controle dos prisioneiros, fecharam-nos num grande edifício e mais tarde tiraram-nos dali em grupos de vinte e fizeram-nos passar entre duas filas de hoplitas alinhadas uma em frente da outra e, estando os prisioneiros acorrentados uns aos outros, eram espancados e esfaqueados pelos hoplitas sempre que um deles visse um inimigo pessoal. E homens de chicote marchavam ao lado deles para apressar aqueles que andavam mais devagar.

XLVIII. Desta maneira, sessenta homens foram levados e mortos sem que ninguém no edifício onde estavam soubesse. Na verdade, eles pensavam que estavam apenas a ser levados para outro local. Mas quando perceberam ou alguém lhes disse o que se passava, apelaram para os Atenienses pedindo-lhes que, se desejassem, os matassem. E declararam igualmente que da casa não sairia mais nenhum deles e, tanto quanto estivesse no seu poder, também não entraria ninguém. [2] Na verdade, os Corcireus não tinham qualquer intenção de forçar a entrada pelas portas mas subiram ao telhado da casa, abriram aí um buraco por onde atiravam para baixo telhas e setas. [3] Os prisioneiros procuravam proteger-se conforme podiam mas muitos suicidaram-se, uns enterrando no pescoço setas, que tinham caído de cima, outros enforcando-se com as cordas das camas que por acaso ali estavam ou com faixas feitas dos tecidos das

suas roupas. Assim durante a maior parte da noite (na verdade, fez-se noite enquanto estas atrocidades aconteciam), mataram-se ou eram mortos por aquilo que lhes atiravam de cima. [4] Quando o dia surgiu, os Corcireus atirando os cadáveres em camadas para carroças, levaram-nos para fora da cidade. E as mulheres prisioneiras na casa os Corcireus venderam-nas como escravas. [5] Desta maneira, os Corcireus vindos do monte foram mortos pelo povo e a grande revolução acabou pelo menos durante esta guerra pois na realidade dos outros nada sobrou que mereça referência. [6] Os Atenienses navegaram para a Sicília, como de princípio planeavam, e ali continuaram a guerra com a ajuda dos seus aliados.

XLIX. No final do mesmo Verão, os Atenienses em Naupacto e os Acarnanos fizeram uma expedição contra Anactório, cidade dos Coríntios, que fica na boca do golfo Ambrácio e tomaram-na por meio de traição. Depois de expulsarem os Coríntios, os Acarnanos ocuparam o lugar com colonos vindos de todo o lado. E assim acabou o Verão.

Manobras de Inverno

L. No Inverno seguinte, Aristides, filho de Arquipo, um dos comandantes dos navios que tinham sido mandados aos aliados para recolher o tributo, prendeu em Éion na costa do Estrímon, Artafernes, cidadão persa que ia de viagem vindo do Grande Rei a caminho de Lacedémon. [2] Levado para Atenas, os Atenienses, depois de traduzidas as cartas que estavam escritas em caracteres assírios, leram-nas. Entre muitas matérias tratadas, a mais importante era sobre os Lacedemónios: o Rei não podia compreender o que eles queriam. Dos muitos embaixadores que o tinham visitado, nenhum tinha dito a mesma coisa. Portanto, se eles

desejavam falar com clareza que lhe mandassem homens com o Persa. [3] Depois disto, os Atenienses mandaram Artafernes para Éfeso numa trireme acompanhado de embaixadores. Mas estes quando ouviram dizer que Artaxerxes, filho de Xerxes, tinha morrido (de facto, ele faleceu por esta altura) regressaram a Atenas.

LI. Durante este mesmo Inverno, os Quios deitaram abaixo as muralhas novas por ordem dos Atenienses, que suspeitavam que os Quios estavam a preparar uma revolução contra eles. Mas antes, obtiveram dos Atenienses, tanto quanto podiam, promessas e garantias de que não iam considerar nada que não fosse normal contra eles. E assim acabou o Verão e também o sétimo ano desta guerra, cuja história Tucídides compôs.

LII. Mesmo no princípio do Verão seguinte, houve um eclipse do Sol durante a lua nova e no princípio desse mês um tremor de terra. [2] Também exilados de Mitilene e doutras cidades de Lesbos, na maioria vindos do continente, mercenários contratados no Peloponeso e outros dali mesmo, juntaram-se e tomaram Reteio, que imediatamente deram de volta, sem lhe causar qualquer dano depois de receberem dois mil estateres da Fócida. [3] Depois disto fizeram uma expedição contra Antandro e capturaram a cidade por traição. O plano deles era libertar também todas as cidades a que chamavam Ácteas e que tinham sido primeiro habitadas por Mitilenos e estavam agora ocupadas pelos Atenienses, mas mais do que todas, queriam libertar Antandro. E tendo consolidado nesta a sua posição, na verdade havia ali excelentes recursos para construir navios, dada a abundância de madeiras e a proximidade do monte Ida e também outros materiais, podiam mais facilmente sair dali para saquear Lesbos que ficava próxima e dominar as cidades eólicas fortificadas do continente. Estes eram os planos que estavam prontos para executar.

LIII. Neste mesmo Verão, os Atenienses, com sessenta navios, dois mil hoplitas e alguns cavaleiros, e também alguns Milésios e outros aliados fizeram uma expedição contra Citera. Eram comandados por Nícias, filho de Nicérato, Nicóstrato, filho de Diitrefes e Áutocles, filho de Tolmeu. [2] Citera é uma ilha que fica junto da Lacónia, em frente do cabo Málea. Os habitantes são Periecos lacedemónios e um magistrado vinha de Esparta todos os anos para governar a ilha. Os Lacedemónios conservavam ali sempre uma guarnição de hoplitas e dedicavam à ilha muita atenção, [3] pois ela era porto para os navios mercantes vindos do Egipto e da Líbia e também os piratas não podiam causar tantos danos à Lacónia do lado do mar, que era o único lado em que podia ser assaltada. De facto, a costa da Lacónia estende-se ao longo dos mares Sicélico e Crético.

LIV. Portanto, os Atenienses aportaram ali com as suas forças, dez navios e dois mil hoplitas milésios, e tomaram a cidade chamada Escandia que fica junto ao mar; depois, com o resto das forças, desembarcaram no lado da ilha que fica voltado para Málea e avançaram contra a cidade dos Citérios que fica afastada do mar e descobriram então que os habitantes se tinham entrincheirado. [2] Seguiu-se um combate e, durante algum tempo, os Citérios aguentaram-se, mas quando derrotados, fugiram para a parte mais alta da cidade, tendo depois chegado a um acordo com Nícias e seus colegas a quem se entregaram, com garantias de que o que quer que lhes acontecesse excluía a pena de morte. [3] Tendo já havido antes negociações entre Nícias e alguns dos Citérios por esta razão, o acordo fez-se com rapidez e em termos mais vantajosos para os Citérios que, caso contrário, os Atenienses teriam expulsado, porque eles eram Lacedemónios e também porque a ilha estava situada ao largo da Lacónia. [4] Depois do tratado, os Atenienses tomaram a cidade de Escandia perto do porto e tendo instalado

aí uma guarnição para guardar Citera, navegaram para Ásine e Helos e outras cidades costeiras desembarcando e passando a noite em locais que lhes pareciam convenientes, e durante cerca de sete dias saquearam a região.

LV. E os Lacedemónios, vendo que os Atenenses haviam tomado Citera e prevendo que eles fizessem incursões semelhantes contra o seu território, não organizaram as suas forças contra eles em sítio nenhum, mas mandaram para a região guarnições com o número de hoplitas que era necessário para cada lugar, enquanto se mantinham intensamente vigilantes, receosos de que surgisse uma revolução contra a sua ordem interna. Também tinham sofrido terrível e inesperada tragédia na ilha; Pilos e Citera estavam ocupadas e uma guerra que avançava rápida e de resultados imprevisíveis envolvia-os de todos os lados. [2] Consequentemente, organizaram uma força de quatrocentos cavaleiros e de arqueiros e, contra o que era seu costume, tornaram-se então muito mais hesitantes em matérias militares, se isto é possível, do que antes de terem tomado parte num combate naval, ramo alheio aos seus habituais poderes, demais a mais contra os Atenenses, para quem não tentar realizar um plano é sempre falhar, no que respeita a levar planos a bom termo no futuro. [3] Além disto, em pouco tempo muitas alterações da sorte tinham-nos afectado sem qualquer razão, provocando grande consternação e o medo de que talvez uma calamidade, como a da ilha, caísse de novo sobre eles. [4] E por causa disto, eram menos destemidos em ir combater e pensavam que não seriam bem-sucedidos no que quer que empreendessem, porque, não acostumados a falhar, tinham sem razão perdido a confiança em si próprios.

LVI. Assim, enquanto os Atenenses saqueavam a orla costeira, eles não se mexiam e de tal forma que, de cada vez que um destes desembarques acontecia perto duma guarni-

ção, cada uma delas julgava-se sempre inferior em número para responder efectivamente àquela situação particular. E uma guarnição na região de Cotirta e Afrodícia, que se defendeu, aterrorizou com um ataque súbito um grupo desorganizado de tropas ligeiras, mas quando hoplitas os enfrentaram, recuaram de novo depois de terem perdido alguns homens e armas. E os Atenienses levantaram um troféu e navegaram para Citera. [2] Dali navegaram para Epidauro Limera e depois de saquearem uma parte da região, chegaram a Tireia no território chamado Cinúria, na fronteira entre os territórios dos Argivos e dos Lacónios. Os Lacedemónios que a ocupavam tinham-na dado aos Eginetas expulsos de Egina para eles ali viverem por causa dos bons serviços prestados aquando do tremor de terra e da revolta dos hilotas e porque, apesar de eles serem vassalos dos Atenienses, sempre tomavam o lado deles.

LVII. Portanto, enquanto os Atenienses estavam ainda a navegar, os Eginetas deixaram um forte que estavam a construir junto à costa e retiraram-se para a cidade no alto onde viviam e que distava do mar à volta de dez estádios. [2] Uma guarnição de Lacedemónios, das que estavam distribuídas pela região e estava a ajudá-los na construção, recusou-se a acompanhá-los, quando os Eginetas lhe tinham pedido, porque lhes parecia perigoso ficarem fechados no forte. Retiraram-se em vez disso para a parte alta onde ficaram em descanso, porque não se consideravam preparados para combater o inimigo. [3] Entretanto, os Atenienses, tendo desembarcado e avançado imediatamente com todas as suas forças para Tireia, tomaram a cidade. Queimaram-na e saquearam o que estava dentro. Os Eginetas, que não morreram na luta juntamente com o arconte lacedemónio que estava presente, Tântalo, filho de Pátrocles, levaram-nos para Atenas. Tântalo tinha sido ferido e foi feito prisioneiro. [4] Levaram também alguns homens de Citera que lhes

pareceu melhor mudar por motivos de segurança pessoal. Os Atenenses decidiram pôr estes nas ilhas e deixar os outros Citérios a ocupar as suas terras mediante o pagamento de um tributo de quatro talentos; decidiram também matar todos os Eginetas que tinham aprisionado por causa da velha hostilidade entre Eginetas e Atenenses, e conservar Tântalo prisioneiro na ilha juntamente com os outros Lacedemónios.

Tréguas na Sicília

LVIII. Naquele mesmo Verão na Sicília, fez-se o primeiro armistício entre Camarineus e Gelôos. Depois disto, outros Siciliotas, representantes de todas as cidades, reuniram-se em Gela para conversações sobre se deviam pôr fim às guerras entre si. Depois de muitas opiniões expressas de ambos os pontos de vista, pois cada um julgava que o seu lado estava a ser prejudicado, Hermócrates, filho do siracusano Hérmon, que era quem mais os tinha convencido a estas conversações, dirigiu as seguintes palavras a toda a assembleia:

LIX. “Siciliotas, a minha cidade, nem é a menos importante, nem a que mais tem sofrido na guerra, mas eu vou falar-vos daquilo que na minha opinião é a melhor solução para o bem comum da Sicília. [2] Por que motivo havia alguém de escolher fazer um discurso sobre guerra e a sua horrenda realidade diante de pessoas que sabem bem isto por experiência? A verdade é que ninguém é obrigado a participar em guerra por ignorância ou a evitá-la por medo se não pensa que há nela ganhos a realizar. O que acontece é que para uns, os ganhos parecem sempre maiores do que os horrores, enquanto outros desejam mais implicar-se em perigos do que ficar temporariamente em situação de infe-

rioridade. [3] Mas se por acaso ambos escolheram agir em momento que não era oportuno, então recomendações que induzem à reconciliação podem ser vantajosas. [4] E se nos compenetrarmos desta ideia, nas circunstâncias presentes podemos colher muitos benefícios. A verdade é que cada um de nós começou a guerra, porque desejava satisfazer interesses particulares e agora estamos a tentar reconciliar-nos por meio de conversações; mas se no fim nos separarmos sem que cada um de nós tenha obtido o resultado equitativo, então voltaremos à guerra.

LX. “Como homens prudentes temos de compreender que esta conferência não é só para discutir os nossos interesses mas sim também se somos suficientemente fortes para salvar toda a Sicília que é, segundo eu penso, o objecto principal das insídias dos Atenenses que tudo farão para a dominar. Temos, portanto, de compreender que eu, ao intervir nestas conversações, use das minhas palavras para falar dos Atenenses que constituem agora o problema mais premente. De facto, de entre os Helenos, são eles a maior potência militar e estão aqui presentes com alguns navios a observar atentamente os nossos erros para, em nome de uma aliança legítima, transformar a nossa hostilidade natural contra eles em situação que lhes traga as vantagens que lhes convêm. [2] Na realidade, se nós começarmos a guerra e os chamarmos como nossos aliados, eles são homens que marcham contra quem os não convidou, e se causarmos danos a nós próprios usando os nossos dinheiros, estamos a abrir o caminho para a soberania deles e é portanto de esperar que, quando nos virem exaustos, voltem com uma força militar maior e tentem pôr tudo o que temos sob o seu domínio.

LXI. “Contudo, se formos prudentes, cada um de nós representando o seu estado, só devemos convocar aliados e correr riscos para obter aquilo que ainda não nos pertence

e nunca para arruinar aquilo que já é nosso. Devemos também perceber que é o mal-estar político a razão principal da destruição das nossas cidades e da Sicília; quanto a esta, nós os seus habitantes estamos completamente unidos no que respeita as insídias movidas contra nós todos, mas, individualmente em relação às cidades, continuamos divididos em querelas. [2] Percebido isto, deve reconciliar-se cada cidadão com cada cidadão, cada cidade com cada cidade, e temos de nos unir para em conjunto salvarmos toda a Sicília. E que ninguém imagine que só os Dórios entre nós são inimigos dos Atenienses, enquanto os Calcidenses, pela raça unidos aos Jónios, estão em segurança. [3] Os Atenienses atacam não porque sentem ódio por uma das duas etnias que nós compartilhamos, mas porque cobiçam tudo o que na Sicília é bom e nós possuímos em comum. [4] E acabam de o demonstrar na resposta ao convite dos de ascendência calcídica. A um aliado que nunca lhes deu qualquer espécie de ajuda, os Atenienses concederam voluntariamente mais do que, de acordo com o tratado, era justo. [5] Por nossa parte escusamos os Atenienses por desejarem alcançar mais do que têm e portanto fazerem planos para conseguir o que desejam. Também não censuramos os que desejam dominar, mas sim os que se submetem com demasiada prontidão. Na realidade, é tão próprio da natureza humana dominar quem se rende depressa, como resistir a quem ataca. [6] Portanto se, sabendo isto, não acudimos imediatamente a este problema, ou se alguém está aqui com dúvidas sobre este momento tão importante, tomar em conjunto uma resolução contra o perigo que nos afecta a todos, cometemos um erro grave. [7] A maneira mais rápida de nos libertarmos disto é chegarmos a um acordo uns com os outros, pois os Atenienses para atacar não vão partir do seu próprio território mas sim do daqueles que os convidaram para aqui. [8] E assim, em vez de guerra dar origem a guerra, mais facilmente desacordos entre nós vão acabar em paz e aque-

les que, com um bom pretexto, foram convidados a intervir, com boa razão ir-se-ão embora sem terem sido bem sucedidos.

LXII. “Portanto, no que respeita aos Atenienses, esta vantagem é para aqueles que tomam boas decisões. [2] E quanto à paz, que todos nós concordamos é o melhor dos bens, por que razão não a fazemos nós agora aqui entre nós? Ou sois vós de opinião que, se um lado conta com circunstâncias favoráveis e o outro com circunstâncias adversas, a paz não é melhor do que a guerra para acabar com a última situação e conservar a primeira? E a paz tem glória e honras próprias, sem os perigos da guerra, as quais podem ser celebradas com a mesma grandeza com que se celebra aquela. Deveis tomar tudo isto em consideração e não desprezar as minhas palavras mas sim, a partir delas, cuidar da vossa segurança. [3] E se algum de vós está convencido de que por direito de justiça ou força física pode conseguir alguma coisa, que não fique muito desiludido na sua esperança com as dificuldades que vai encontrar sabendo que muitos, quer perseguindo por vingança quem lhes tinha feito mal ou esperançados em obter alguma vantagem, não só não conseguiram vingar-se mas também foram destruídos e acontece que, em vez de obterem ganhos, perderam o que tinham. [4] A verdade é que a vingança não é necessariamente bem-sucedida só porque injustiça foi feita. Nem força física significa segurança, porque tem confiança em si própria. De facto, é a incerteza do futuro que prevalece acima de tudo e se mostra simultaneamente a mais traiçoeira e a mais proveitosa pois, uma vez que todos a receamos igualmente, atacamo-nos uns aos outros com mais cautela.

LXIII. “Uma vez que estamos tão receosos desta dupla incerteza, medo indefinido do futuro e a presença assustadora dos Atenienses que estão aqui agora, consideremos que

o plano de acção que cada um de nós elaborou falhou exactamente por causa destes obstáculos que lhe fizeram adequada opposição. Vamos expulsar do nosso território o inimigo que aqui se instalou e nós especialmente reconciliemo-nos para sempre e, se isto não puder ser, depois de fazer paz que dure tanto tempo quanto for possível, púnhamos de parte as nossas diferenças até mais tarde. [2] Em resumo, reconheçamos que se o meu conselho for aceite, cada um de nós terá a sua cidade livre e, como consequência, seremos independentes para nos defendermos igualmente de quem nos faz mal e de quem nos faz bem. Mas se o meu conselho for rejeitado, vamos ficar submetidos a outros e portanto não poderemos vingar-nos de ninguém; mas mesmo se por sorte isso acontecer, poderemos tornar-nos amigos dos nossos piores inimigos e por necessidade ficar em desacordo com quem nunca devia ser nosso inimigo.

LXIV. “Como eu disse no princípio, represento uma cidade muito poderosa e embora mais disposto a tomar a iniciativa do ataque do que a defender-me, porque antecipo estes perigos, tenho de fazer certas concessões e, portanto, não causar tanto mal aos meus inimigos que acabe eu próprio por sofrer muito mais danos ou, numa absurda teimosia, julgar que sou igualmente senhor das minhas opiniões e da sorte sobre a qual não tenho qualquer poder; tenho sim de submeter-me àquilo que é razoável. [2] E assim eu peço-vos a todos para fazer o que eu faço e consentir isto de vossa própria vontade, não por imposição dos inimigos. [3] Não é vergonha nenhuma que parentes se submetam a parentes, Dórios a Dórios, Calcidenses a gente da mesma raça uma vez que somos todos vizinhos, habitantes da mesma região, cercados pela mesma água e com o mesmo nome único de Siceliotas. E eu creio que poderemos ir para a guerra outra vez e quando isso acontecer, outra vez celebraremos paz em futuras negociações entre nós. [4] E se formos homens

avisados lutaremos contra o invasor inimigo, todos juntos, uma vez que quando um de nós é atacado, todos estamos em perigo; e nunca mais a partir de agora vamos chamar ninguém, nem como aliados nem como intermediários. [5] Se fizermos isto neste momento, vós prestareis à Sicília um duplo serviço – libertá-la dos Atenenses e da guerra civil –, e para o futuro viveremos só nós nesta terra livre, menos sujeita a intrigas de outros.”

LXV. Assim que Hermócrates acabou de falar, os Sice-liotas convencidos chegaram a um acordo entre si: acabar com a guerra ficando cada um com o que tinha antes, mas os Camarineus ficaram também com Morgantina mediante o pagamento aos Siracusanos da quantia estabelecida. [2] E os aliados dos Atenenses convocaram estes e comunicaram-lhes que iam fazer a paz e o tratado iria incluí-los. E quando os Atenenses aprovaram, concluíram o tratado, e a armada ateniense depois disto partiu da Sicília. [3] Assim que os estrategos chegaram a Atenas, os Atenenses na cidade condenaram ao exílio Pitodoro e Sófocles e ao terceiro estratego impuseram o pagamento de uma multa, porque eles tinham podido subjugar a Sicília, mas deixaram-se comprar para que abandonassem a ilha. [4] Os Atenenses estavam tão acostumados à sua habitual sorte que julgavam que nada podia opôr-se-lhes e eram capazes de alcançar igualmente o que era possível e o que era mais difícil, quer com preparação adequada ou mais deficiente. A razão para isto era o extraordinário sucesso de muitas das suas acções que os enchia de enorme esperança.

Os Atenenses em Mégara

LXVI. No mesmo Verão, os habitantes de Mégara que eram acoissados regularmente pelos Atenenses que invadiam

o seu território, duas vezes por ano com todo o exército, e também pelos seus próprios exilados em Pegas que tinham sido expulsos como resultado de uma revolução do povo e com rancor lhes saqueavam o território, conversaram uns com os outros sobre se não seria melhor receber de volta os exilados, para que a cidade não fosse destruída pelos dois lados. [2] E os amigos dos exilados, ao perceberem a agitação, mais abertamente do que antes, pediram que a sugestão fosse adoptada. [3] Porém, os cabecilhas do povo vendo que o povo em virtude dos seus próprios sofrimentos talvez não lhes desse mais o seu apoio, receosos, mandaram mensagens aos generais atenienses Hipócrates, filho de Árifron, e Demóstenes, filho de Alcístenes, propondo entregar-lhes a cidade pois pensavam que isto seria para eles menos perigoso do que o regresso dos que tinham sido exilados por eles. [4] Concordaram que primeiramente os Atenienses tomavam as Longas Muralhas, que se estendiam por mais de oito estádios, desde a cidade até ao porto em Niseia, para que dali não viesse ajuda dos Peloponésios, que eram a única guarnição ali estacionada para proteger Mégara; seguidamente, eles tentariam entregar-lhes a parte alta da cidade. E depois disto ter acontecido, a cidade toda ia render-se facilmente.

LXVII. Assim que preparativos foram feitos por ambos os lados em palavras e acções, os Atenienses, ao cair da noite, navegaram para Minoa, uma ilha ao largo de Mégara, com seiscentos hoplitas sob o comando de Hipócrates; estes tomaram posições numa trincheira de onde tijolos para as muralhas tinham sido extraídos e que não ficava longe. [2] Os homens sob o comando do outro estratega, Demóstenes, que eram tropas ligeiras de Plateias e também alguns guardas de fronteira, esconderam-se no templo de Eniálio que ficava mais próximo e durante aquela noite ninguém se apercebeu do que se passava excepto os homens que tinham

de saber. [3] Perto do amanhecer, os traidores de Mégara entraram em acção. Para preparar a abertura das portas sem levantar suspeitas, havia já algum tempo que, com licença do comandante, como se fossem piratas, traziam eles todas as noites numa carroça uma pequena embarcação a remos que levavam pela vala para o mar de onde saíam para navegar. E antes do nascer do Sol, traziam o bote de volta na carroça para dentro das muralhas através das portas para que ele não fosse detectável pela guarda ateniense em Mínoa, uma vez que não havia qualquer barco no porto. [4] Naquela ocasião, a carroça já estava junto das portas, e quando estas se abriram como de costume para o bote, os Atenienses, na realidade, tudo isto fora combinado por acordo, assim que viram isto, correram do local onde estavam escondidos para alcançar as portas antes de elas se fecharem outra vez, enquanto a carroça estava ainda na passagem a obstruí-la. Ao mesmo tempo, os traidores de Mégara mataram os guardas que guardavam as portas. [5] E primeiro, os Plateenses e os guardas de fronteira sob o comando de Demóstenes precipitaram-se para onde se ergue agora o troféu e assim que passaram as portas, travaram combate com os Peloponésios que estavam mais próximos, os quais, ao perceberem a situação, tinham vindo ajudar a cidade. Os de Plateias venceram e apossaram-se das portas, garantindo a segurança para os hoplitas atenienses que por elas entraram de roldão.

LXVIII. Depois disto, cada Ateniense que entrou avançou para a muralha. [2] Alguns dos Peloponésios que a guardavam, primeiro ofereceram resistência e defenderam-se e uns poucos morreram, mas a maioria fugiu aterrorizada, porque os inimigos os tinham atacado de noite e porque os traidores megarenses estavam a lutar contra eles; por isso pensaram que todos os Megarenses os tinham traído. [3] Aconteceu também que o arauto dos Atenienses por iniciativa própria anunciou que, se algum Megarense quisesse, pode-

ria combater do lado dos Atenienses. Quando eles ouviram isto, não esperaram mais e pensando que estavam num combate que tinha sido combinado contra eles, fugiram para Niseia. [4] Pela madrugada, quando as muralhas já tinham sido tomadas e os Megarenses na cidade estavam em tumulto, os que estavam a colaborar com os Atenienses, juntamente com alguns mais que estavam dentro do assunto, disseram que era necessário abrir as portas e sair para combater. [5] Na verdade, tinha sido combinado que assim que as portas se abrissem, os Atenienses deviam precipitar-se por elas, enquanto deviam untar-se com óleo para se diferenciarem e não serem feridos. E havia mais segurança na abertura das portas uma vez que, conforme o acordo, marchando a noite inteira, tinham vindo de Elêusis quatro mil hoplitas atenienses e seiscentos cavaleiros que estavam agora ali presentes. [6] Já quando eles tinham posto o óleo e se encontravam junto das portas, um cúmplice revelou aos outros a conjura. E estes tendo-se juntado num grupo único vieram e disseram que não deviam nem sair, na realidade, nunca se tinham aventurado a tal, mesmo quando tinham mais força, nem expor a cidade a um perigo óbvio. E se alguém discordasse, a batalha era ali mesmo. E não mostraram que sabiam o que estava a acontecer, insistindo que a recomendação deles era a melhor mas, entretanto, permaneceram vigilantes junto das portas, para que os conspiradores não pudessem pôr em prática os seus planos.

LXIX. Quando os estrategos atenienses se deram conta de que havia surgido um impedimento e não podiam tomar a cidade pela força, começaram imediatamente a montar uma muralha à volta de Niseia pensando que se a tomassem antes de chegar ajuda, Mégara mais depressa cairia. [2] De Atenas vieram rapidamente ferro, pedreiros e muitos outros materiais necessários. Começaram na muralha que já era deles e a partir dali construíram uma parede perpendicular

à que tinham dos dois lados de Niseia, em frente a Mégara, até ao mar e o exército dividiu entre si o trabalho, quer na construção da vala como na muralha, usando pedras e tijolos encontrados nas redondezas. Também cortaram árvores de fruto e da floresta e construíram paliçadas onde eram necessárias e até as casas das redondezas, tomadas como baluartes, faziam parte da fortificação. E trabalharam o dia inteiro. [3] Mas no dia seguinte à tarde, com a muralha quase acabada, a guarnição em Niseia ficou receosa pela falta de comida, na verdade, eram abastecidos todos os dias pelos da cidade lá no alto, e pensando que não só os Peloponésios não viriam depressa em seu socorro, e que também os Megarenses lhes eram hostis, fizeram um acordo com os Atenienses que estipulava que eles entregavam as armas e cada um era resgatado pelo pagamento de uma soma em dinheiro; quanto aos Lacedemónios, incluindo o seu comandante ou qualquer outro que ali estivesse, os Atenienses podiam proceder como quisessem. Aprovado este acordo, eles saíram de Niseia. [4] E os Atenienses cortaram as Muralhas Longas onde elas se juntavam às da cidade de Mégara, tomaram Niseia e continuaram os seus preparativos.

LXX. Por esta altura, aconteceu que Brásidas, filho do lacedemónio Telis, estava na região de Sicione e Corinto preparando um exército para ir para a Trácia. Quando soube da tomada das muralhas, receando pela segurança dos Peloponésios e que Mégara fosse capturada, mandou mensagem aos Beócios para que, o mais depressa possível, fossem ao seu encontro com um exército em Tripodisco, uma aldeia no território de Mégara, que fica no sopé do monte Gernia. Ele próprio partiu imediatamente com dois mil e setecentos Coríntios, quatrocentos Flíásios, seiscentos Sicíones e tantos dos seus homens quantos já tinha recrutado, julgando que chegaria antes de a cidade ser tomada. [2] Mas quando soube o que se tinha passado (na verdade, aconteceu que ele

tinha saído para Tripodisco durante a noite), escolheu trezentos soldados do seu exército pessoal e antes de ser descoberto, chegou a Mégara sem que os Atenienses, que estavam junto ao mar, o notassem. A sua intenção e se fosse possível o que queria tornar realidade era atacar Niseia e, melhor ainda, entrar na cidade de Mégara e garantir a sua segurança. Consequentemente pediu aos Megarenses que o recebessem bem porque vinha na esperança de retomar Niseia.

LXXI. Mas as facções políticas de Mégara tinham receio, uma de que ele trouxesse para a cidade os exilados e os expulsasse a eles; a outra, que o povo, receando isto mesmo, os atacasse e assim a cidade, com guerra dentro das muralhas, seria destruída completamente enquanto os Atenienses estavam à espera ali bem perto. Portanto, não receberam Brásidas parecendo melhor às duas facções políticas não fazer nada e esperar. [2] Na realidade, cada uma delas tinha esperança de que, se fosse travada uma batalha entre os Atenienses e os que tinham vindo ajudar, seria mais seguro juntar-se ao lado que era favorecido, quando este saísse vencedor. Como não os convenceu, Brásidas retirou-se outra vez para junto do seu exército.

LXXII. Ao amanhecer, chegaram os Beócios que tinham decidido, mesmo antes de Brásidas os convocar, ir ajudar Mégara (eles próprios tinham corrido perigo semelhante), e já estavam com todas as suas forças em Plateias. Na realidade, quando o mensageiro chegou, sentiram-se mais fortes na sua decisão despachando imediatamente dois mil e duzentos hoplitas e seiscentos cavaleiros e regressando à sua terra com os restantes. [2] Quando o exército completo estava presente, não menos de seis mil hoplitas, e os hoplitas atenienses estavam em formatura perto de Niseia e do mar, mas as tropas ligeiras estavam espalhadas pela planície, os

cavaleiros beócios atacaram aquelas inesperadamente e empurraram-nas para o mar; na verdade, nunca antes disto tinha vindo para os Megarenses ajuda de lado algum. [3] Os cavaleiros atenienses por sua vez atacaram-nos e durante muito tempo travou-se uma batalha entre as duas cavalaria em que os dois lados se consideraram vencedores. [4] Mas os Atenienses mataram o comandante dos Beócios e alguns cavaleiros, não muitos, que tinham avançado no ataque até Niseia. Despojaram-nos das armas e, celebradas tréguas, devolveram os mortos e levantaram um troféu. E neste incidente, nenhum dos lados acabou em posição mais forte e portanto, separaram-se, os Beócios indo para junto dos seus, os Atenienses para Niseia.

LXXIII. Depois disto, Brásidas e o seu exército avançaram para mais perto do mar e da cidade de Mégara e, tomando uma posição vantajosa, organizaram-se em ordem de batalha, mas ficaram inactivos, pensando, por um lado, que os Atenienses os iam atacar e, por outro, sabendo que de certeza os Megarenses estavam à espera de ver qual dos dois lados sairia vencedor. [2] E pensavam que ambas as possibilidades lhes eram igualmente favoráveis, pois não sendo os primeiros a iniciar o ataque, ou a deixar-se envolver voluntariamente pelos riscos de combate, tinham contudo demonstrado que estavam prontos para se defender, de tal modo que a vitória lhes seria concedida com toda a justiça, sem nada fazerem. Nestas circunstâncias, em relação aos Megarenses, tudo estava a acontecer da maneira certa. [3] Na verdade, se não se tivessem apresentado, quando chegaram, não teria havido para eles qualquer possibilidade de serem escolhidos pelos Megarenses, mas era evidente que, se tivessem sido derrotados, teriam perdido a cidade imediatamente. Porém agora podia acontecer que os Atenienses não quisessem aceitar o repto e assim eles ganhariam sem combate aquilo para que tinham vindo em primeiro lugar. [4] E foi

isto que aconteceu. Os Megarenses, como os Atenienses tinham saído e formado diante das Longas Muralhas, e não atacados, não se mexiam conservando-se inactivos, porque os estrategos calculavam que seria para eles enorme perigo, uma vez que já tinham alcançado a maior parte dos seus objectivos, começar uma batalha contra inimigo mais numeroso, e ou vitoriosos tomarem Mégara ou, perdendo, enfraquecerem o que tinham de melhor em hoplitas nas suas forças, e do lado do adversário cada elemento do total do contingente ali presente iria arriscar-se com audácia, esperaram pois algum tempo os dois exércitos, sem que nenhuma acção avançasse nem dum lado nem do outro, retirando depois, primeiro os Atenienses para Niseia e logo em seguida os Peloponésios para o local de onde tinham saído e então finalmente os Megarenses amigos dos exilados, uma vez que os Atenienses tinham renunciado a combater, encheram-se de coragem e abriram as portas a Brásidas e aos comandantes das outras cidades, como se eles fossem vencedores, e tendo-os recebido bem, entabularam com eles conversações, enquanto os que tinham conspirado com os Atenienses ficaram em pânico.

LXXIV. Seguidamente, depois de os aliados terem ido de volta para as suas cidades, Brásidas regressou a Corinto e começou a preparar uma expedição à Trácia, que era o seu destino original. [2] E os Megarenses na cidade, que tinham estado mais ligados aos Atenienses, assim que estes regressaram a Atenas, sabendo que tinham sido descobertos, imediatamente saíram de Mégara em segredo, enquanto os outros, depois de consultarem os amigos dos exilados, os trouxeram de volta de Pegas e fizeram-nos jurar solenemente que jamais sustentariam qualquer animosidade contra a cidade, mas que considerariam sempre em primeiro lugar os melhores interesses desta. [3] Porém, assim que tomaram o poder e inspeccionaram as armas, tendo sepa-

rado as companhias, escolheram de entre os inimigos e daqueles que lhes pareciam ter tido mais contacto com os Atenienses, cerca de cem homens e obrigando o povo a julgá-los por voto aberto, quando eles deram a sentença, mataram-nos. E assim estabeleceram uma oligarquia absoluta na cidade. [4] Nunca houve uma mudança de governo levada a cabo por tão pequeno número de homens de uma única facção que durasse tanto tempo.

Expedições para a Ásia Menor helenizada

LXXV. Neste mesmo Verão, quando Antandro estava para ser fortificada pelos Mitileneus, como tinham planejado, os estrategos que comandavam os navios atenienses, que recolhiam os tributos, Demódoco e Aristides que estavam na região do Helesponto (o terceiro estratego, Lâmaco, com dez navios tinha navegado para o Ponto), ouviram falar da fortificação do lugar e pareceu-lhes que isto constituía perigo semelhante ao que correria Anaia em relação a Samos, pois foi em Anaia que os exilados sâmios se estabeleceram e dali ajudavam os Peloponésios enviando-lhes pilotos para os navios, levando os Sâmios que viviam na cidade a completa agitação e recebendo os que eram enviados para o exílio. Juntaram assim uma força de aliados e navegando para a região, não só saíram vencedores na batalha contra os que se lhes opuseram vindos de Antandro, mas também retomaram a cidade. [2] Não muito depois destes acontecimentos, Lâmaco que tinha viajado para o Ponto e havia ancorado no rio Cales no território de Heracleia perdeu os navios por causa de chuva torrencial que tinha caído no interior e os arrastou numa enxurrada súbita. Porém, ele e o exército marcharam por terra através do território dos Trácios Bitínios que ficam no lado oposto na Ásia, e chegaram à Calcedónia, colónia dos Megarenses no estuário do Ponto.

Política e guerra na Beócia

LXXVI. No mesmo Verão, imediatamente depois da retirada dos Atenienses de Mégara, o estratega ateniense Demóstenes com quarenta navios chegou a Naupacto. [2] Ele e Hipócrates estavam empenhados em negociações na Beócia a pedido de alguns homens em várias cidades que desejavam mudar a forma de governo que tinham para uma democracia como a dos Atenienses. Pteodoro, exilado de Tebas, era o principal instigador destes preparativos. [3] Alguns homens entregariam por traição Sifas, cidade costeira que ficava em território dos Téspios no golfo Criseu. Queroneia, que era uma cidade tributária de Orcómeno, outrora chamada Orcómeno dos Mínios e agora Orcómeno da Beócia, seria entregue por outros de Orcómeno, visto que exilados desta cidade estavam especialmente activos contratando soldados do Peloponeso, a quem pagavam. Também alguns da Fócida participavam neste projecto uma vez que Queroneia fica na fronteira com a Beócia perto de Fanótida na Fócida. [4] Também os Atenienses tinham de tomar Délío, o templo de Apolo no território de Tânagra do outro lado da Eubeia e tudo isto aconteceria simultaneamente, em dia combinado, de tal maneira que os Beócios não concentrassem as suas forças em Délío, e cada um dos outros tivesse os seus próprios problemas com que se preocupar. [5] E se este plano resultasse e Délío fosse fortificado, tinham esperança de que, mesmo se mudanças não ocorressem imediatamente nos governos das cidades beócias, desde que a região ficasse sob o seu domínio e dali o território pudesse ser saqueado e fosse um lugar de refúgio para cada um por causa da pequena distância entre eles, a situação por toda a região não seria a mesma e, passado tempo, quando os Atenienses viessem para ajudar os rebeldes e os outros estivessem divididos, eles poderiam resolver a situação segundo as suas conveniências.

LXXVII. Era assim que o plano tinha sido preparado. Na realidade, o próprio Hipócrates estava para atacar os Beócios com uma força vinda de Atenas, quando o momento chegasse, e mandou Demóstenes à frente com quarenta navios para Naupacto para juntar naquela região uma força expedicionária de Acarnanos e outros aliados e navegar depois para Sifas esperando que esta lhes fosse entregue por traição. E entre os dois combinaram um dia em que tinham de fazer tudo isto ao mesmo tempo. [2] E quando Demóstenes chegou, encontrou os Eníadas já forçados pelos Acarnanos a pertencerem à aliança com os Atenenses e portanto, ele próprio levantou todas as forças expedicionárias naquela região e depois de uma campanha contra Salíntio e Agreus que subjugou, fez os seus preparativos para ir para Sifas, quando fosse necessário.

O espartano Brásidas na Trácia

LXXVIII. Por esta mesma altura durante o Verão, Brásidas viajando para a Trácia com mil e setecentos hoplitas, quando chegou a Heracleia em Traquínia, mandou dali um mensageiro aos seus amigos em Farsalo pedindo-lhes que o escoltassem a ele e ao seu exército através da região. Vieram ao seu encontro em Meliteia na Acaia, Panero, Doro, Hipólóquidas, Torilau e Estrófaco, que era cidadão honorário dos Calcídicos, e só então Brásidas continuou a jornada. [2] Acompanhavam-no também outros Tessálios entre os quais Nicónidas de Larissa que era amigo de Perdicas. Na realidade, de um modo geral, não era fácil atravessar a Tessália sem escolta, sobretudo com um exército. Também entre todos os Helenos era igualmente motivo de desconfiança atravessar o território de um vizinho sem pedir autorização. Além do mais, a maioria dos Tessálios fora sempre simpaticamente dos Atenenses. [3] Mas se os Tessálios não tivessem

sido governados, de acordo com as regras do seu país, mais por uma dinastia do que por uma isonomia, Brásidas nunca teria podido avançar. E mesmo assim, outros Tessálios da facção contrária confrontaram-no e impediram-lhe a passagem junto do rio Enipeu, dizendo-lhe que ele não tinha direito de passar sem a licença de todos os Tessálios em comum. [4] Porém os homens que o escoltavam disseram-lhes que não continuariam a viagem contra a vontade de todos e que estavam apenas a cumprir deveres de hospitalidade, acompanhando um visitante que tinha chegado sem ser esperado. Também o próprio Brásidas disse que tinha vindo como amigo da Tessália e deles e que estava em armas contra os Atenenses que eram seus inimigos, mas não contra eles. Que não sabia também de qualquer hostilidade entre Tessálios e Lacedemónios que os impedisse de passar pelo território um do outro, mas não continuaria contra a vontade deles (de facto não tinha poder para isso), e pedia-lhes que o não impossibilitassem de continuar. [5] E eles ao ouvirem isto foram-se embora. E Brásidas, de acordo com o conselho dos da escolta, antes que um grupo maior se juntasse para lhe impedir a passagem, saiu a toda a velocidade, sem paragens, e nesse mesmo dia em que saiu de Meliteia chegou a Farsalo e acampou junto do rio Apidano. Foi depois para Fácio e dali para Perrébia. [6] Aqui a escolta de Tessálios deixou-o e os Perrébios, que são vassalos dos Tessálios, levaram-no para Díon, no território dominado por Perdicas e que é uma pequena cidade na Macedónia, no sopé do monte Olimpo, voltada para a Tessália.

LXXIX. Desta maneira, Brásidas correu através da Tessália, antes que alguém pudesse preparar-se para o impedir e alcançou Perdicas e a península Calcídica. [2] Na realidade, os povos da Trácia que se haviam separado dos Atenenses e Perdicas, alarmados com o sucesso destes, tinham trazido do Peloponeso este exército. Também os Calcídicos, que pen-

savam que os Atenienses os iam atacar primeiro e as cidades da região, que ainda se não tinham revoltado, em segredo haviam convidado os Peloponésios a intervir. E Perdicas, muito embora não fosse abertamente inimigo dos Atenienses, receava as antigas discórdias entre ele e os Atenienses e sobretudo, queria subjugar Arrabeu, rei dos Lincestas. [3] Mas foi contudo a adversidade que naquele momento se abatera sobre os Lacedemónios que tornou mais fácil recrutar um exército do Peloponeso.

LXXX. Na verdade, uma vez que os Atenienses atacavam o Peloponeso e principalmente o território dos Lacedemónios, estes esperavam que a melhor maneira de desviar os Atenienses era atacá-los de volta, mandando um exército aos aliados que aliás estavam prontos para o manter e os chamavam para ajudar na revolta contra os Atenienses. [2] Também os Lacedemónios ficavam satisfeitos por terem uma desculpa para mandar para fora alguns dos Hilotas pois receavam que eles, no estado presente de coisas, com Pilos ocupada pelos inimigos, pudessem revoltar-se. [3] Assim, receosos do arrojo juvenil e do número destes, e porque as relações entre Lacedemónios e Hilotas tinham sempre como centro a segurança, fizeram o seguinte: anunciaram que aqueles que julgavam ter-se distinguido mais nas lutas contra os inimigos se separassem dos outros Hilotas para serem libertados. De facto, os Lacedemónios experimentaram isto pensando que os que se achavam primeiro, por si próprios, com direito a liberdade seriam também os que, em virtude da sua arrogância, os atacariam primeiro. [4] Escolheram assim à volta de dois mil Hilotas a quem puseram coroas na cabeça e foram em procissão aos templos como se tivessem sido libertados. Porém os Lacedemónios, não muito tempo depois, fizeram-nos desaparecer e nunca ninguém soube de que maneira cada um tinha morrido. [5] Portanto, os Lacedemónios de boa vontade mandaram com Brásidas setecen-

tos Hilotas como hoplitas e este recrutou o resto do exército no Peloponeso, contratando soldados como mercenários.

LXXXI. Os Lacedemónios enviaram Brásidas principalmente, porque ele assim o queria, e também porque os Calcídicos o desejavam ter. Era Brásidas um homem que em Esparta era considerado eficiente em tudo que fazia e depois, fora do país, foi de grande valor para os Lacedemónios. [2] Na realidade, na situação presente, tendo-se mostrado justo e moderado para com as cidades, levou muitas a revoltarem-se, e apoderou-se de muitas regiões por meio da traição dos seus habitantes de tal forma que os Lacedemónios tinham lugares para dar em troca e negociar quando quisessem fazer um tratado de paz com os Atenien-ses, como fizeram, e suspender as hostilidades no Pelopo-neso. A seguir, durante a guerra, depois da expedição à Sicília, foram a virtude e a inteligência de Brásidas que mui-tos experimentaram pessoalmente e de que outros ouviram falar, que mais atraíram os aliados de Atenas. [3] Na verdade, uma vez que ele foi o primeiro Lacedemónio a visitá-los e a mostrar-se um homem de bem em todos os aspectos, con-venceu-os de que os outros Lacedemónios eram da mesma qualidade.

LXXXII. Entretanto, quando os Atenienses souberam da chegada de Brásidas à Trácia, declararam Perdicas seu inimigo, e pensando que ele era a razão da expedição, puse-ram os aliados da região sob vigilância mais intensa.

LXXXIII. Perdicas recebeu Brásidas e o exército dele que juntou às suas forças e imediatamente fez uma expedi-ção contra Arrabeu, filho de Brómero, rei dos Lincestas Macedónios, que era seu vizinho, com o qual tinha desa-venças, e que portanto desejava subjugar. [2] Mas quando Perdicas acompanhado por Brásidas e o exército chegaram

junto da entrada para Linco, Brásidas disse, sem dar lugar a discussão, que desejava antes de começarem a combater, se fosse possível, fazer Arrabeu aliado dos Lacedemónios. [3] Na verdade, Arrabeu tinha mandado mensagens por arauto a Brásidas e estava pronto a confiar nele como seu mediador. Também os enviados calcídicos que estavam com Brásidas, lhe tinham recomendado que não tirasse a Perdicas razões para estar preocupado, para que ele tivesse para com eles e os seus interesses disposição mais favorável. [4] Além do mais, os embaixadores de Perdicas tinham dito em Lacedémon que ele poderia fazer aliados de muitos territórios vizinhos de Perdicas e portanto Brásidas julgava que devia encontrar-se com Arrabeu. [5] Mas Perdicas disse que não tinha trazido Brásidas para juiz das questões entre ele e Arrabeu, mas sim para destruir os inimigos que ele designasse e disse também que Brásidas procederia mal se entrasse em negociações com Arrabeu, quando era ele, Perdicas, que pagava a manutenção de metade do exército. [6] Mas Brásidas contra a vontade de Perdicas e sem concordar com ele, teve conversações com Arrabeu e deixando-se convencer pelos argumentos do rei, retirou o exército antes de ter invadido o país. Depois disto, Perdicas considerando-se ofendido só pagou a terça parte dos mantimentos em vez de metade.

LXXXIV. No mesmo Verão logo a seguir a estes acontecimentos e um pouco antes da colheita, Brásidas com os Calcídicos fez uma expedição contra Acanto, colónia dos Ândrios. [2] Mas no que respeita a recebê-lo, os Acântios estavam divididos em dois grupos, o que com os Calcídicos lhe tinha pedido para intervir, e a facção popular. De qualquer modo, receosos do que podia acontecer às uvas que estavam ainda fora da cidade à espera de serem apanhadas, o povo foi persuadido por Brásidas a recebê-lo a ele só para, depois de ouvir o que ele tinha para dizer, tomar uma

decisão. Ele apresentou-se diante do povo -- para Lacedemónio não falava muito mal -- e disse o seguinte:

LXXXV. "Cidadãos de Acanto, os Lacedemónios mandaram-me aqui com o meu exército para provar a verdade do que nós dissemos no princípio desta guerra: que nós, como libertadores da Hélade, combateríamos os Atenien-
[2] Se chegámos tarde, porque tínhamos uma expectativa diferente desta guerra, nós esperávamos destruir os Atenien-
ses rapidamente sem qualquer perigo para vós, ninguém deve ser acusado de culpa uma vez que agora aqui estamos à vossa disposição e viemos para tentar destruir os Atenien-
ses com a vossa ajuda. [3] Contudo, fico admirado não só porque as vossas portas estão fechadas para mim, mas também porque vós não mostrais qualquer satisfação em ver-me chegar. [4] Na realidade, nós, Lacedemónios, pensando que vínhamos juntar-nos a aliados em espírito, mesmo antes de aliados de facto, e que de algum modo éramos desejados, empreendemos esta longa jornada de muitos dias por terras alheias, correndo grandes riscos para agora aqui estarmos com todo o nosso empenho. [5] Será contudo terrível se forem diferentes as vossas intenções e assim levantardes obstáculos, não só à vossa liberdade, mas também à dos outros Helenos. É que na realidade não é só o facto de vós vos opordes a mim mas também o que isso implica em relação àqueles de quem me aproximar; cada um vai ficar menos disposto a aceitar-me considerando suspeito que vós, a quem eu primeiro me dirigi e que representais uma cidade digna de respeito e sois homens avisados, não me recebestes. [6] E na explicação que eu der, eles não vão acreditar mas sim que eu trouxe uma oferta de liberdade inadequada, ou então que não tenho poder para vos ajudar contra os Atenien-
ses, se eles atacarem. [7] E no entanto, quando eu fui ajudar Niseia com este mesmo exército que está aqui comigo, os Atenien-
ses, muito embora em maior número do

que nós, não quiseram combater connosco, não sendo portanto provável que em navios mandem contra nós o mesmo número de tropas que tinham em Niseia.

LXXXVI. “No que me diz respeito, eu não vim para causar danos aos Helenos, mas para os libertar e estabeleci com os Lacedemónios condições reforçadas por juramentos: aqueles que eu aliciar para aliados, conservarão as suas leis; também eu não vim para vos fazer aliados à força ou por artimanha, mas, pelo contrário, para celebrar uma aliança convosco, que fostes escravizados pelos Atenenses. [2] Penso que não deveis olhar-me com desconfiança uma vez que vos ofereço tantas garantias, nem considerar-me um protector incapaz, mas deveis sim ter a coragem de vos juntardes a mim. [3] E se alguém tem talvez receio por motivos particulares que eu entregue a cidade a alguma facção, essa pessoa entre todas deve sentir-se confiante, [4] pois eu não vim para me juntar a qualquer facção. Nem penso que a liberdade que eu ofereço seria verdadeira se eu, desprezando as vossas instituições, submetesse a maioria à minoria, ou a minoria à maioria. [5] Isso seria ainda pior do que viver sob domínio estrangeiro e para nós, Lacedemónios, o resultado não seria o agradecimento pelo nosso trabalho árduo, mas sim a censura em vez de honra e glória; e as queixas que nos levam a mover a guerra contra os Atenenses vê-las-íamos voltar-se contra nós e apareceríamos mais desprestigiados do que quem não professa virtude. [6] Na verdade, é mais vergonhoso para quem tem boa reputação ganhar vantagens por meio de embuste plausível do que por meio de força visível. Um ataca com a justificação da força que a fortuna dá; o outro com a intriga de mente pérfida.

LXXXVII. “Nós dedicamos muita atenção aos assuntos que são da maior importância para nós e para vós, para além dos juramentos de que já vos falei, não podereis ter melhor

garantia do que a que vos vem de examinar os nossos actos em relação às nossas palavras, e chegar à conclusão inevitável de que é de nosso interesse agir exactamente como eu disse. [2] Mas se vós dizeis que não podeis aceitar estas minhas ofertas mas, como nossos amigos, não achais justo que por causa desta recusa, tenhais de sofrer danos e que esta liberdade, como a vedes, não é sem perigos e que é justo oferecer-lá a quem a pode tomar, mas não forçá-la para alguém que a não deseja, vou tomar os deuses e heróis da vossa terra como testemunhas do seguinte: eu vim aqui para vosso benefício mas não pude convencer-vos e agora vou tentar obrigar-vos, usando a força para saquear a vossa terra. [3] E não considerarei que estou a cometer uma injustiça, porque tenho justificação razoável em virtude de duas obrigações minhas: em relação aos Lacedemónios, muito embora vós me considereis amigo, não vos juntaís a mim e eu não posso permitir que eles sofram danos causados pelos dinheiros que pagais como tributo aos Atenienses. E quanto aos Helenos, não posso permitir que eles sejam impedidos por vós de escapar à escravidão. [4] Na verdade, nem o nosso comportamento seria justificado, nem nós Lacedemónios somos obrigados a libertar quem não quer ser libertado a menos que isso seja para benefício comum. [5] Além do mais, nós não queremos um império e empenhamo-nos sobretudo em impedir outros de o obterem e fariamos mal à maioria se, ao trazer autonomia para todos, permitíssemos que vós vos opusésseis. [6] Deliberai com prudência e esforçai-vos por ser os primeiros a introduzir a liberdade para os Helenos e a estabelecer glória eterna para vós, enquanto ao mesmo tempo evitais danos às vossas propriedades privadas e angariais para toda a cidade a mais nobre reputação.”

LXXXVIII. Assim falou Brásidas. Mas os Acântios, depois de muito ter sido dito sobre os dois aspectos do assunto em causa, votaram em segredo e porque parte

do que Brásidas dissera era aliciante e também porque receavam perder a vindima, decidiram por maioria separar-se dos Atenienses e tendo-o feito jurar os mesmos juramentos que os magistrados dos Lacedemónios tinham jurado quando o mandaram ali, que aqueles que ele vinculasse como aliados ficariam independentes, finalmente receberam o exército. [2] E não muito depois, Estagiros que era colónia dos Ândrios revoltou-se também. Estes foram os acontecimentos daquele Verão.

As operações bélicas em Délio

LXXXIX. Imediatamente no princípio do Inverno que se seguiu, quando os lugares na Beócia eram para ser entregues a Hipócrates e Demóstenes, que eram generais atenienses, e Demóstenes era para ir com os seus navios para Sifas e Hipócrates para Délio, houve um engano nos dias em que ambos deviam partir e Demóstenes saiu primeiro para Sifas tendo consigo nos seus navios Acarnanos e muitos aliados da região, mas não foi bem-sucedido pois Nicómaco, um homem de Fanótida na Fócida revelou o plano aos Lacedemónios e estes aos Beócios. [2] Vieram então todos os Beócios ajudar (na realidade, Hipócrates não estava ainda no território deles para os atormentar) e Sifas e Coroneia foram ocupadas antecipadamente. Quando os conspiradores se aperceberam do engano não causaram qualquer perturbação nas cidades.

XC. Entretanto, Hipócrates recrutou Atenienses em grande número, cidadãos, metecos e estrangeiros que estavam na cidade chegando a Délio mais tarde, quando os Beócios já tinham voltado de Sifas. E tendo acampado com o seu exército, fortificou Délio da seguinte maneira. [2] Escavaram um fosso à volta do templo e do santuário e em vez

de uma muralha fizeram uma barreira com a terra que tinham escavado, acrescentando sobre ela uma paliçada. Cortaram as vinhas à volta do templo e tiraram também pedras e tijolos das casas que estavam à volta e de todas as formas aumentavam a altura da fortificação. Levantaram torres de madeira onde era possível e do templo não existiam quaisquer estruturas pois na verdade até o pórtico tinha caído. [3] Começando no terceiro dia desde que tinham saído de Atenas, trabalharam naquele dia, no quarto e no quinto até à hora de jantar. [4] Então, quando estava tudo quase completo, o exército retirou-se de Délío até cerca de dez estádios a caminho da sua terra e a maioria das tropas ligeiras continuou imediatamente a jornada, mas os hoplitas fizeram alto e quedaram-se em posição de descanso. E Hipócrates ficou para trás ainda, dispondo os guardas e tudo que era necessário para terminar o que dizia respeito à fortificação.

XCI. Durante estes dias os Beócios reuniram-se em Tânagra. Quando eles se juntaram vindos de todas as cidades e notaram que os Atenienses iam de volta à Ática, de todos os beotarcas havia onze que não aprovavam combater os Atenienses, uma vez que já não estavam na Beócia (na verdade, estavam já na região fronteira de Orópia quando pousaram as armas), mas Pagondas, filho de Eóladas, um dos beotarcas de Tebas, juntamente com Ariântides, filho de Lisimaquidas, porque comandava então o total das forças e desejava combater, pensando que era melhor correr tal risco, convocou cada homem de cada companhia de maneira a que não deixassem as armas todos ao mesmo tempo, e tentou convencer os Beócios a ir contra os Atenienses e atacá-los dizendo o seguinte:

XCII. “Homens da Beócia, a ideia de que não podemos atacar os Atenienses e dominá-los, a não ser que eles

estejam ainda em território beócio, nunca devia ter ocorrido a nenhum de nós, comandantes. A verdade é que eles vieram do território vizinho, construíram uma fortaleza no nosso território com a intenção de nos destruir e portanto são sem dúvida nossos inimigos, seja qual for a região em que sejam apanhados, quando dali vieram para perpetrar actos de hostilidade contra nós. [2] Mas agora, se alguém julga que tal solução é a mais segura, que mude de opinião. A verdade é que àqueles que são atacados, quando as suas terras estão em questão, não é possível reagir da mesma maneira prudente que é possível para quem, seguro do que é seu, por simples ganância de obter mais património e também por sua escolha, ataca outros. [3] De facto, é hábito que vem dos vossos antepassados repelir um exército invasor estrangeiro quer no vosso território, quer igualmente em território próximo, tanto mais quando se trata de Atenien- ses e eles estão aqui mesmo junto das nossas fronteiras. [4] Na realidade, quando se trata de povos vizinhos, a liberdade assenta sempre no equilíbrio de poderes, mas com vizinhos como estes, que tentam escravizar não só quem está perto mas também quem está longe, será que não é necessário levar o combate até ao fim? Tomemos o exemplo das acções deles contra a Eubeia do outro lado do canal e também contra grande parte da Hélade. É necessário igualmente reconhecer que, enquanto povos vizinhos lutam entre si por causa de disputas sobre fronteiras dos seus territórios, para nós, se formos derrotados, será fixada uma fronteira, sem dar qualquer hipótese a disputa, pois os Atenienses virão e apoderar-se-ão pela força de tudo quanto é nosso. [5] É nesta vizinhança, mais perigosa do que outras, que vivemos. Além disto, é próprio de homens que confiam na sua força, como os Atenienses agora fazem, terem o hábito de invadir os vizinhos que não reagem nem se defendem senão em território próprio, e serem menos afoitos a dominar aqueles que os confrontam para além das fronteiras

e, se a oportunidade surge, tomam a iniciativa de os atacar. [6] Nós temos a prova disto no que respeita os Atenenses, pois derrotámo-los em Coroneia, quando eles ocuparam o território por causa das nossas discórdias internas, e demos à Beócia grande segurança que prevalece ainda hoje. [7] Lembrados disto, aqueles dentre nós que somos mais velhos devemos emular os nossos feitos de outrora, e os mais novos, filhos de pais heróicos naquele tempo, devem tentar não desonrar as virtudes dos seus antepassados. E confiados na ajuda do deus, cujo templo eles profanaram, ocupando-o e transformando-o numa fortaleza, e também nos sinais favoráveis das vítimas que ali oferecemos, vamos ao seu encontro e mostremos que eles podem conquistar os que não se defendem, quando eles atacam, mas os que, por direito de nascimento, sempre conservaram o seu território livre pela força das armas e não escravizam injustamente o que é de outros, não vão deixá-los partir sem um combate.”

XCIII. Estas foram as palavras de exortação de Pagon-das aos Beócios que assim foram persuadidos a atacar os Atenenses. Depois disto, Pagondas levantou o acampamento rapidamente, já estava o dia nas horas da tarde, e à frente do seu exército saiu do local, e quando chegou próximo do exército inimigo, parou num sítio em que os dois exércitos, por causa duma colina que se levantava entre eles, não podiam ver-se um ao outro, e tomando ali posição, preparou-se para a batalha. [2] Entretanto quando Hipócrates que estava em Délio foi informado de que os Beócios se aproximavam, mandou ordens ao seu exército para se pôr em formação de batalha e pouco depois, ele próprio juntou-se aos seus homens, tendo deixado cerca de trezentos cavaleiros em Délio para protecção deste, no caso de alguém atacar, e também para esperar por momento oportuno para atacar os Beócios. [3] Mas estes prepararam um destacamento para se lhes opor e, quando tudo estava pronto como

queriam, apareceram no alto da colina e dispuseram as suas forças na ordem em que iam combater: cerca de sete mil hoplitas, mais de dez mil tropas ligeiras, mil cavaleiros e quinhentos peltastas. [4] Os Tebanos e os estados confederados da Beócia tinham a ala direita. Os Haliárcios, os Coroneus e os Copeus e outros à volta do lago ocupavam o centro; os Tespieus, Tanagreus e Orcoménios tinham a ala esquerda. A cavalaria e as tropas ligeiras estavam nas duas alas. Os Tebanos estavam em filas de vinte e cinco escudos e outros, conforme calhava. [5] Assim estavam os Beócios preparados e colocados em ordem de batalha.

XCIV. Os hoplitas atenienses em todo o exército estavam dispostos em filas de oito e eram em número iguais ao do inimigo, e a cavalaria estava disposta nas duas alas. Não havia tropas ligeiras preparadas, nem a cidade tinha nenhuma; mas outros que se tinham juntado aos Atenienses, em maior número do que os inimigos, seguiam, muitos deles desarmados já que em Atenas tinha havido uma chamada às armas de estrangeiros que estavam em Atenas, bem como cidadãos, e como eles tinham iniciado o seu regresso à cidade, não estavam presentes senão alguns. [2] Quando se alinharam em ordem de batalha e estavam prontos para combater, o estratega Hipócrates passou revista às suas tropas e exortou-os com as seguintes palavras:

XCV. “Atenienses, não vai ser longa a minha exortação, mas para vós, homens de coragem, não é preciso mais e é só para vos lembrar aquilo que já sabeis mais do que para vos encorajar. [2] Que nenhum de vós pense que, pelo facto de estarmos em território estrangeiro, corremos riscos que não devemos correr. É verdade que a batalha é em terra alheia, mas é em defesa do nosso território. E se nós vencermos, os Peloponésios privados da sua cavalaria nunca mais invadirão a nossa terra e assim numa só batalha conquistais

este território e mais ainda, libertais o vosso. [3] Avançai pois, indo ao seu encontro com o espírito que dignifica esta cidade, que vós considerais vossa pátria, a primeira entre todas as cidades da Hélade, e também os vossos pais que sob o comando de Mirónides derrotaram estes homens em Enófitos conquistando assim toda a Beócia.”

XCVI. Estava Hipócrates ainda a exortar os seus homens, tendo chegado ao meio do exército, quando não teve tempo para mais, porque os Beócios, que Pagondas exortara de novo com brevidade, cantaram o péan e avançaram da colina. Os Atenienses avançaram também ao seu encontro e em corrida iniciaram o combate. [2] As alas extremas dos dois exércitos nunca chegaram a contactar pois ambas tiveram as mesmas dificuldades: torrentes de água impediram-nos de avançar. Mas o resto dos combatentes empenhou-se em luta feroz, escudo contra escudo. [3] E a ala esquerda dos Beócios até ao centro foi destruída pelos Atenienses, que os atacaram ali violentamente em especial os Téspieus. Na realidade, quando as tropas que estavam situadas ao lado destes cederam terreno e eles ficaram cercados num pequeno espaço, todos os que morreram foram trucidados a defender-se corpo-a-corpo. Até os Atenienses, confundidos pelo círculo em que se batiam, mataram outros Atenienses sem os reconhecerem. [4] Aqui os Beócios foram derrotados e fugiram na direcção onde ainda se combatia, mas a ala direita, onde estavam os Tebanos, levou a melhor aos Atenienses, empurrando-os primeiro a pouco e pouco e depois indo em sua perseguição. [5] Aconteceu também que Pagondas, porque a ala esquerda estava em dificuldade, mandou dois esquadrões de cavalaria à volta da colina de um ponto em que não podiam ser vistos e, quando apareceram de repente, a ala vencedora dos Atenienses, pensando que outro exército se aproximava, entrou em pânico. [6] Na verdade, por dupla razão, por causa disto

e porque os Tebanos os estavam a perseguir e a quebrar a sua linha de batalha, o total das forças dos Atenienses pôs-se em fuga. [7] Uns fugiram para Délio e para o mar, outros para Oropo, outros ainda para o monte Parnes ou para onde tinham esperança de encontrar salvação. [8] E os Beócios, especialmente a cavalaria de Beócios e Lócrios que tinham chegado para ajudar, justamente quando os Atenienses começavam a debandar, perseguiram-nos e matavam-nos. A chegada da noite pôs termo a tal movimentação e a grande massa de fugitivos mais facilmente conseguiu pôr-se a salvo. No dia seguinte, depois de deixarem uma guarnição em Délio, que de facto ainda e apesar de tudo ocupavam, as tropas em Oropo e Délio regressaram a Atenas por mar.

XCVII. Os Beócios levantaram um troféu, recolheram os seus mortos, e tendo despojado de armas os corpos dos inimigos, deixaram-nos com guarda e regressaram a Tâna-gra para planear um assalto a Délio. [2] Um mensageiro que vinha de Atenas para pedir os mortos cruzou-se com um mensageiro beócio que o mandou para trás dizendo-lhe que ele não podia fazer nada até ao seu regresso. E quando chegou a Atenas, entregou a mensagem dos Beócios dizendo que os Atenienses tinham procedido mal ao violar os costumes dos Helenos. [3] Pois entre todos tinha sido estabelecido o costume de, quando invadissem os territórios uns dos outros, se conservarem afastados dos templos ali existentes, mas os Atenienses tinham fortificado Délio onde viviam agora e faziam ali aquilo que os homens fazem em locais profanos, tirando até para si água benta que era para ser usada apenas em libações nos templos. [4] E assim os Beócios, em nome do deus e no seu próprio nome, invocando os deuses que ali eram venerados e Apolo, davam aos Atenienses aviso para que saíssem do templo e levassem consigo os seus pertences.

XCVIII. Isto foi o que o mensageiro beócio disse. E os Atenienses enviaram então aos Beócios o seu próprio mensageiro que disse que os Atenienses não tinham causado qualquer dano ao templo nem de propósito lhe causariam danos no futuro. De facto, desde o princípio não tinha sido com essa intenção que eles tinham entrado no templo, mas sim para se defender daqueles que lhes estavam a causar agravos. [2] A lei dos Helenos ditava que quem quer que tivesse poder sobre um território, fosse ele grande ou pequeno, dele eram também os templos onde, na medida do possível, os mesmos rituais continuariam a ser celebrados como antes, de acordo com os costumes. [3] Na verdade, os Beócios, e muitos dos outros, sempre que expulsaram pela força alguém dum território, ocupando-o, receberam primeiro os templos como propriedade de outros e agora possuem-nos como seus. [4] Quanto aos Atenienses, seria sua pertença uma parte maior do território dos Beócios se a tivessem conseguido dominar, mas a parte que já tinham não a iam abandonar de livre vontade. [5] E quanto à água, eles só a tinham tocado por necessidade, não por sacrilégio, mas porque tinham sido forçados a usá-la, enquanto se defendiam dos Beócios, que primeiro tinham atacado o território deles. [6] Muito provavelmente até o próprio deus perdoa aquilo que se faz por imposição de guerra ou doutra calamidade. A verdade é que os altares são lugares de refúgio para crimes involuntários, e violador é o nome dado a quem comete actos de sacrilégio sem necessidade, não a quem tem a coragem de realizar um acto, como consequência de adversidade. [7] Dar de volta os mortos em troca dos templos, como os Beócios exigem, é muito mais um acto profano do que não querer obter com os templos aquilo a que se tem direito. [8] E ordenaram que os Beócios lhes dissessem sem ambiguidades não que eles tinham de retirar-se do território deles (na verdade, eles, Atenienses consideravam que não estavam em território beócio uma vez que

o tinham conquistado pela força das lanças) mas sim que, de acordo com os costumes ancestrais, eles podiam levar os seus mortos ao abrigo de tréguas.

XCIX. Os Beócios responderam que se eles estavam na Beócia que saíssem e levassem consigo o que era deles, mas se estavam em território que lhes pertencia, que decidissem o que deviam fazer. Na realidade, os Beócios pensavam que Orópia, onde os mortos jaziam, uma vez que a batalha acontecera nas extremas do território, como súbdita dos Atenien-ses, pertencia a estes mas eles não podiam exigir a sua entrega à força (de qualquer modo, os Beócios não iam certamente celebrar tréguas em relação a território que pertencia aos Atenienses), portanto, pareceu-lhes razoável responder que 'assim que retirassem do território beócio podiam reaver o que estavam a pedir'. Ao ouvir isto, o mensageiro dos Atenienses retirou-se sem ter conseguido aquilo para que viera.

C. Imediatamente, os Beócios tendo mandado pedir do golfo Maliano lançadores de dardos e fundibulários, com a ajuda de dois mil hoplitas coríntios que se lhes tinham juntado depois da batalha, e com a guarnição de Peloponésios que tinha vindo de Niseia e alguns Megarenses, fizeram uma expedição contra Délio e atacaram a fortificação. Depois de usarem várias formas de ataque, tomaram Délio trazendo para junto da fortificação uma máquina de guerra assim construída: [2] serraram uma longa viga de madeira em duas metades esvaziando por completo o interior; depois juntaram de novo cuidadosamente as duas partes como se fossem um cano e numa das extremidades penduraram com cadeias um caldeirão onde ligaram, saindo da viga e dobrado para dentro do caldeirão, um tubo em ferro dum fole; também grande parte da madeira estava forrada a ferro. [3] Em carros trouxeram de longe esta máquina para junto da muralha, na zona onde era feita principalmente de vides e madeira, e

quando estava próxima da muralha introduziram na extremidade que ficava perto deles um fole bem grande e sopraram. [4] Quando esta lufada de ar entrou no caldeirão, que tinha carvão em brasa, enxofre e resina, produziu uma grande chama que pegou fogo à muralha de tal modo que ninguém podia permanecer nela mas, abandonando-a, os guerreiros puseram-se em fuga e desta maneira, a fortaleza foi tomada. [5] Da guarnição morreram alguns, e duzentos foram feitos prisioneiros. Mas a maioria dos outros embarcaram nos navios e foram transportados para Atenas.

CI. Délio foi capturada dezassete dias depois da batalha, e quando o mensageiro ateniense que não sabia do que se tinha passado voltou não muito depois para de novo pedir os mortos, os Beócios entregaram-lhos sem lhes dar a mesma resposta. [2] Na batalha morreram um pouco menos de quinhentos Beócios, um pouco menos de mil Atenienses, incluindo o estrategista Hipócrates e também um grande número de tropas ligeiras e dos que transportavam os mantimentos. [3] Não muito depois desta batalha, Demóstenes, uma vez que o plano da traição de Sifas não tinha resultado bem quando ele fez a viagem para ali, embarcou nos seus navios a força de Acarnanos, Agreus e quatrocentos hoplitas Atenienses e foi atacar o território dos Sicíones. [4] Mas antes de todos os navios chegarem a terra, acorreram os Sicíones e puseram em fuga os que já tinham desembarcado, perseguindo-os de perto ao voltarem para os navios, matando uns e tomando outros vivos. Depois, levantaram um troféu e ao abrigo de tréguas deram de volta os mortos. [5] Também Sitalces, rei dos Odrísios, foi morto por esta mesma altura dos acontecimentos em Délio, quando comandou uma expedição contra os Tribalos e foi vencido por eles numa batalha. Seutes, filho de Esparádoco, seu sobrinho, tornou-se rei dos Odrísios e da parte da Trácia de que Sitalces tinha sido rei.

Brásidas em Anfípolis e Torone

CII. Durante o mesmo Inverno, Brásidas com os seus aliados na Trácia fez uma expedição contra Anfípolis, colónia ateniense no rio Estrímon. [2] O local onde hoje se ergue a cidade tinha Aristágoras de Mileto, primeiro tentado colonizar, quando fugiu de Dario, rei dos Persas, mas foi derrotado pelos Edonos; trinta e dois anos após, os Atenienses mandaram para ali dez mil dos seus próprios colonos e quem quer mais que quisesse ir, mas estes foram chacinados pelos Trácios em Drabesco. [3] Vinte anos depois os Atenienses vieram outra vez quando Hágnon, filho de Nícias, foi enviado para ali como colonizador. Os Atenienses expulsaram os Edonos e estabeleceram a colónia que primeiro era chamada Enéaodos ou seja 'nove caminhos'. [4] A base de operações era Éion, mercado e porto de mar que eles já possuíam e ficava na boca do rio, a vinte e cinco estádios da cidade agora ali existente, a que Hágnon chamou Anfípolis, porque o rio Estrímon corria pelos seus dois lados e levantou uma muralha grande que ia de rio a rio construindo a nova cidade de tal forma que era visível do mar e de terra.

CIII. Portanto, foi contra esta cidade que Brásidas saindo de Arnas na Calcídica marchou com o seu exército. Tendo chegado ao entardecer a Áulon e Bromisco, onde o lago Bolbe se abre para o mar, depois do jantar, continuou a avançar durante a noite. [2] O tempo estava invernososo e havia um pouco de neve, por isso apressou-se querendo manter-se escondido dos habitantes de Anfípolis, excepto daqueles que iam entregar-lhe a cidade. [3] Na verdade, havia em Anfípolis colonos argílios – eram de Árgilo, colónia dos Ândrios e outros que o ajudavam no plano, uns instigados por Perdicas, outros pelos Calcídicos, [4] mas mais que todos os Argílios que viviam próximo, de quem os

Atenienses sempre desconfiavam, e que na verdade estavam constantemente a urdir planos contra Anfípolis. Quando a oportunidade surgiu e Brásidas chegou, eles que já tinham estado em comunicação com outros cidadãos de Anfípolis para entregar a cidade, deixaram Brásidas entrar na cidade e revoltaram-se contra os Atenienses naquela mesma noite, e antes da alvorada trouxeram o exército de Brásidas para junto da ponte sobre o rio. A cidade fica a alguma distância desta ponte [5] e não estava ligada a ela por muralhas, e havia apenas um pequeno número de sentinelas a guardá-la. Portanto, Brásidas dominou-os mais facilmente não só por traição, mas também porque estava mau tempo e ele os atacou de surpresa. Atravessou a ponte e imediatamente ficou senhor de tudo o que os Anfípolitanos, que viviam fora das muralhas da cidade, tinham.

CIV. Uma vez que esta travessia da ponte por Brásidas tinha apanhado de surpresa quem estava na cidade e muitos dos que estavam fora das muralhas ou tinham sido feitos prisioneiros ou tinham fugido para dentro delas, os Anfípolitanos tomaram-se de grande medo, porque suspeitavam uns dos outros. [2] E diz-se que se Brásidas tivesse querido imediatamente avançar contra Anfípolis, em vez de deixar o seu exército saquear o território fora das muralhas, provavelmente tê-la-ia tomado. [3] Mas depois de ter conquistado de surpresa o território fora das muralhas, e não ter nenhum dos resultados que esperava da parte dos que estavam na cidade, montou acampamento para o seu exército e parou. [4] Entretanto, os que se opunham aos traidores tendo em número força para evitar que as portas fossem abertas imediatamente, de coligação com Eucles, o estratega que tinha vindo de Atenas para proteger a região, mandaram chamar para os vir ajudar o outro estratega que tinha a seu cargo a região da Trácia, Tucídides, filho de Óloro, que escreveu esta história, e que estava em Tassos, uma ilha

colonizada pelos Pários e que, por mar, ficava a cerca de meio dia de distância de Anfípolis. [5] E este ao ouvir o pedido, fez-se ao mar rapidamente com sete navios, que por acaso estavam à mão, pois queria acima de tudo chegar antes de Anfípolis se render e, se não, tomar Éion.

CV. Entretanto, Brásidas receoso da ajuda que vinha de Tasos, tendo ouvido dizer que Tucídides tinha o direito de explorar as minas de ouro na região da Trácia e por esse motivo tinha influência sobre os cidadãos mais proeminentes do continente, apressou-se a tomar a cidade, se fosse possível, antes que o povo de Anfípolis, com a chegada de Tucídides, na esperança de que este arranjasse uma aliança entre os homens das ilhas e da Trácia para os proteger, não quisesse mais render-se. [2] Portanto, oferecendo um acordo em termos moderados fez a seguinte proclamação: os Anfípolitanos e Atenienses que quisessem permanecer na cidade conservariam a sua igualdade como cidadãos e também os seus bens; os que não quisessem ficar, tinham de sair com o que lhes pertencia no prazo de cinco dias.

CVI. Ao ouvirem isto, muitos mudaram de opinião, porque entre os cidadãos havia poucos Atenienses e a maioria dos outros era de origem mista e também porque muitos dos que tinham sido apanhados fora tinham parentes na cidade; portanto, tomaram a proclamação como justa comparada com o medo que sentiam. Os Atenienses ficaram satisfeitos por poderem sair, uma vez que pensavam que o perigo que corriam não era igual ao dos outros cidadãos, e além disso não esperavam que a ajuda ia chegar rápida. As restantes gentes da cidade estavam contentes por não serem privadas dos seus direitos e por, contrariamente ao que esperavam, ficarem livres de perigo. [2] E assim, com os partidários de Brásidas a defenderem abertamente as suas propostas, quando viram que a multidão tinha mudado de

opinião e já não obedecia ao general ateniense presente na cidade, fez-se a entrega e eles receberam Brásidas de acordo com os termos da sua proclamação. [3] Entregaram a cidade, enquanto ao cair da tarde deste mesmo dia Tucídides e os seus navios entraram em Éion. [4] Brásidas tinha acabado de tomar Anfípolis justamente naquele momento e ia tomar Éion durante a noite. Na verdade, se os navios não tivessem vindo tão depressa para ajudar, teria sido tomada de madrugada.

CVII. Depois disto, Tucídides estabeleceu-se em Éion para garantir a sua segurança imediata e também para o futuro no caso de Brásidas atacar. Recebeu também aqueles que desejavam sair de Anfípolis segundo os termos do acordo. [2] E Brásidas de surpresa navegou pelo rio abaixo com muitos barcos para controlar a entrada do porto, se tomasse a ponta que se projectava das muralhas, e, ao mesmo tempo, tentou também atacar por terra, mas, batido nas duas frentes, foi fazer preparativos respeitantes a Anfípolis. [3] E Mircino, cidade dos Edonos, passou-se igualmente para o seu lado, depois de Pítaco, rei dos Edonos, ter sido morto pelos filhos de Goaxis e também por Brauro, que era sua mulher. Não muito depois disto, Galepso e Esime que eram colónias dos Tásios passaram-se também para ele. Do mesmo modo, Perdicas estando presente logo depois da captura ajudou a consolidar este processo.

CVIII. Os Atenienses ficaram contudo muito alarmados com a tomada de Anfípolis, não só porque a cidade lhes era útil pois dali importavam a madeira para construir navios, mas também porque era uma fonte de rendimentos públicos. Igualmente, porque os Lacedemónios, com os Tessálios a ajudá-los na travessia do território tessálio, tinham tido acesso aos aliados dos Atenienses até ao Estrímon sem contudo controlarem a ponte; e uma vez que o rio na parte de

cima da cidade era um grande lago e eles que estavam continuamente vigiados pelas trirremes de Eion não podiam avançar mais; mas agora tudo se tornava mais fácil para eles. Receavam também que os estados aliados se separassem deles. [2] Na realidade, Brásidas noutros aspectos tinha-se mostrado comedido e nas declarações que fizera por todo o lado tinha dito que fora para ali mandado para libertar a Hélade. [3] E as cidades que eram súbditas dos Atenienses, ao tomarem conhecimento da tomada de Anfípolis e dos termos que ali haviam sido oferecidos e também da moderação com que Brásidas agia, estavam mais do que nunca interessadas em revoltar-se e secretamente mandaram mensagens a Brásidas pedindo-lhe que viesse, cada uma desejando por si só ser a primeira a separar-se. [4] Na verdade, parecia-lhes que não havia razão para medo, porque, tendo avaliado mal o poder dos Atenienses, se tinham enganado, como depois se tornou evidente visto que as decisões foram mais baseadas em desejos sem fundamento do que em previsão segura. É na verdade costume dos homens confiar aquilo que desejam vivamente à esperança, que não pensa, e usar raciocínio teimoso para rejeitar o que não querem. [5] Acrescentava-se a isto o facto de os Atenienses terem sido recentemente derrotados na Beócia e de Brásidas dizer coisas que atraíam mas que, no entanto, não correspondiam à realidade: que em Niseia os Atenienses não tinham querido combatê-lo quando ele ali estava apenas com o seu exército. Assim, tornaram-se mais arrojadados, convencidos de que nenhuma força seria mandada contra eles. [6] E acima de tudo, por causa do prazer imediato que tinham e também porque pela primeira vez iam comprovar o procedimento dos Lacedemónios, que tanto desejavam que isto acontecesse. Assim, estavam prontos a arriscar-se de qualquer forma. Sabedores de tudo isto, os Atenienses, conforme o curto prazo e o facto de se estar no Inverno lhes permitiam, mandaram guarnições para as cidades e Brásidas mandou a

Lacedémon pedir reforços e ele próprio fez preparativos para construir navios em Estrímon. [7] Mas os Lacedemónios não satisfizeram o pedido de Brásidas em parte devido à inveja dos seus dirigentes, mas também porque antes queriam recuperar os homens na ilha e pôr fim à guerra.

CIX. Neste mesmo Inverno, os Megarenses apoderaram-se das Longas Murallas que tinham estado ocupadas pelos Ateniensens e arrasaram-nas até aos alicerces e Brásidas, depois da tomada de Anfípolis, acompanhado pelos seus aliados, fez uma expedição contra a região chamada Acte. [2] É esta um promontório que se projecta do canal do Rei, e o alto monte Atos fica no fim na direcção do mar Egeu. [3] Ali estão as cidades de Sane, colónia dos Ândrios, junto do canal, virada para o mar na direcção da Eubeia. As outras são Tisso, Cleônas, Acrotoo, Olofixo e Díon, [4] as quais são habitadas por uma mistura de povos bárbaros, que falam duas línguas, e também por um pequeno contingente calcídico, mas a maioria é pelásgica, dos Tirsenos que em tempos habitaram Lemnos e Atenas, e bisáltica, crestónica e edona. Vivem em cidades muito pequenas. [5] A maioria destas cidades entregou-se a Brásidas mas Sane e Díon ofereceram resistência e ele permaneceu no território delas e saqueou-o.

CX. Como não cedessem, atacou imediatamente Torona na Calcídica, cidade ocupada pelos Ateniensens. Alguns homens, prontos para entregar a cidade, tinham-no convidado, mas chegou ainda de noite, quase ao romper do dia, e acampou com o exército próximo do templo dos Dioscuros que fica a cerca de três estádios da cidade. [2] Toda a cidade de Torona, e os Ateniensens que a guardavam, não se deram conta da chegada de Brásidas, mas os conspiradores sabendo que ele ia chegar e alguns deles tendo até secretamente avançado para ir ao seu encontro, vigiavam a sua

chegada e quando viram que ele ali estava, trouxeram para junto deles sete homens das tropas ligeiras armados com punhais — na realidade, do grupo dos vinte encarregados primeiramente desta missão, estes eram os únicos que não tinham medo de entrar —, comandados pelo olíntio Lisítrato. Passaram por uma abertura na muralha do lado do mar e, sem serem vistos, subiram ao ponto mais alto do posto de vigia dos guardas na cidade que é construída numa colina, mataram os guardas, e arrombando-a abriram a porta de trás do lado do Canastreu.

CXI. Entretanto, Brásidas, tendo avançado um pouco, ficou-se inactivo com o resto do exército, mas mandou para a frente um grupo de cem peltastas para que, quando as portas fossem abertas e o sinal combinado levantado, eles fossem os primeiros a entrar. [2] Como passou algum tempo e eles estavam intrigados com a demora, foram avançando a pouco e pouco para junto da cidade. Entretanto, os Toroneus que estavam dentro e a cooperar com os que já tinham entrado, como a porta falsa tinha sido arrombada e as que ficavam perto da praça pública tinham sido abertas depois de a tranca ser cortada, primeiro trouxeram alguns para dentro pela porta falsa, para que eles atacando de surpresa por trás e dos dois lados lançassem o pânico nos da cidade que não sabiam de nada. Depois, levantaram o sinal de fogo que tinha sido combinado e, pelas portas junto da praça pública, receberam os restantes peltastas.

CXII. Brásidas, ao ver o sinal combinado, lançou-se numa corrida incitando o seu exército a gritar bem alto e em uníssono de tal forma que provocassem entre os que estavam na cidade grande consternação. [2] E assim uns entraram imediatamente pelas portas, outros subiram a pranchas quadradas que por acaso e para o efeito de puxar pedras tinham sido colocadas contra a muralha, onde esta tinha

caído e estava a ser reparada. [3] E Brásidas com o grosso dos seus homens dirigiu-se rapidamente para a parte mais alta da cidade, pois queria capturá-la de forma decisiva e completa. O resto das suas forças espalhou-se igualmente por todo o lado.

CXIII. Enquanto o assalto à cidade estava a acontecer, a maioria dos Toroneus, que não sabia de nada, estava em confusão mas os conspiradores e os simpatizantes deles juntaram-se imediatamente aos que tinham entrado. [2] E os Atenienses – de facto, estavam a dormir na praça pública cerca de cinquenta hoplitas –, quando se aperceberam da situação, uns foram mortos em combate corpo-a-corpo, enquanto o resto fugiu ou a pé, ou nos dois navios que estavam de guarda à cidade e refugiaram-se em Lécito, a fortaleza que eles próprios haviam tomado e ocupavam, e ficava na parte da cidade, que entra pelo mar, no extremo de um istmo estreito. Também se refugiaram no mesmo local os Toroneus que eram simpatizantes dos Atenienses.

CXIV. Quando se fez dia e a cidade estava segura nas suas mãos, Brásidas fez uma proclamação para os Toroneus que se haviam refugiado junto dos Atenienses: quem quisesse voltar para o que era seu e viver como cidadão livre podia fazê-lo com segurança. Aos Atenienses ele enviou um emissário que os mandou sair de Lécito, protegidos por tréguas, e levar consigo os seus bens uma vez que o forte pertencia aos Calcídicos. [2] Porém, eles disseram que não saíam, mas pediram um dia de tréguas para recolher os seus mortos. Brásidas concedeu-lhes dois dias durante os quais fortificou as casas que ficavam próximas e os Atenienses fortificaram as suas. [3] E tendo mandado reunir os Toroneus, disse-lhes quase o mesmo que tinha dito em Acanto. Que não era justo considerar os que tinham negociado com ele a tomada da cidade como indignos ou traidores (na reali-

dade, eles não tinham sido levados a fazer isto para escravizar a cidade, nem por dinheiro, mas para o bem e a liberdade da cidade), nem pensar que os que não tomaram parte não teriam os mesmos direitos dos outros. De facto, ele não tinha vindo para destruir nem a cidade nem os seus cidadãos. [4] E por este motivo fazia esta proclamação para os que se tinham refugiado junto dos Atenienses, uma vez que não pensava que eles fossem inferiores por causa da amizade que tinham por aqueles. E quando conhecessem melhor os Lacedemónios, achava que sentiriam não menos, mas muito mais simpatia pelos Lacedemónios, de tal modo a conduta destes era mais justa, enquanto agora os temiam, porque não os conheciam. [5] E ordenou-lhes que se preparassem para se tornarem aliados seguros e para, a partir daquele momento, serem responsáveis pelos erros que fizessem. Quanto a acções passadas, considerava que não tinham feito mal aos Lacedemónios, mas que outros mais fortes do que eles lhes tinham feito mal e, portanto, se se tinham oposto a Brásidas havia uma desculpa para isso.

CXV. E depois de dizer estas coisas para lhes inspirar confiança, assim que as tréguas expiraram, lançou-se ao ataque a Lécito. Mas os Atenienses defenderam-se a partir duma fortificação que não era de construção sólida e das casas que tinham parapeito e durante um dia inteiro repeliaram os seus ataques. [2] Porém, no dia seguinte, quando os inimigos estavam a preparar-se para trazer contra eles uma máquina de guerra, de onde tencionavam lançar fogo para dentro dos tapumes de madeira e o exército já estava em marcha, ergueram, no ponto para onde eles pensavam que os inimigos iam de preferência trazer a torre e que era o mais aberto ao ataque, uma torre de madeira sobre uma casa e para ali levaram muitos jarros de água, vasos de barro e grandes pedras e houve também um grande número de homens que para ali subiu. [3] Mas a casa debaixo de

enorme peso ruiu de repente com grande barulho, importunando mais do que assustando os Atenenses que estavam perto, mas especialmente os que estavam longe e mais ainda os que estavam muito longe, os quais pensando que aquele lugar já tinha caído nas mãos do inimigo, fugiram para o mar e para os navios.

CXVI. E Brásidas, quando compreendeu que estavam a abandonar as ameias e viu o que estava a acontecer, atacou de imediato com o exército e tomou a fortaleza, matando todos que lá estavam. [2] E assim os Atenenses nos seus botes e navios abandonaram o local e transportaram-se para Palene. Brásidas (havia em Lécito um templo de Atena e ele por acaso anunciara, quando estava para iniciar o assalto, que daria trinta minas de prata ao primeiro que escalasse a muralha), julgando que a conquista de Lécito se devia a outra causa mais do que humana, deu à deusa as trinta minas para o templo e destruindo e desmantelando tudo em Lécito deu-a como terreno sagrado à deusa. [3] Durante o resto do Inverno organizou os locais que tinha conquistado e fez planos contra outros. Com o fim do Inverno completou-se o oitavo ano da guerra.

Armistício por um ano

CXVII. No princípio do Verão seguinte, quase ainda na Primavera, Lacedemónios e Atenenses fizeram um armistício de um ano, pensando os Atenenses que Brásidas assim não causaria revoltas entre os seus aliados antes de eles se prepararem com tempo e, se fosse vantajoso para eles, celebrarem até um maior número de acordos. E os Lacedemónios pensavam que os Atenenses estavam apreensivos em relação ao que receavam mas que, depois de experimentarem a cessação de trabalhos e sofrimentos com o armistício,

estariam mais desejosos de chegar a um acordo e entregar-lhes-iam os homens celebrando um tratado que durasse mais tempo. [2] Evidentemente, os Lacedemónios queriam acima de tudo recuperar os seus homens, enquanto a boa fortuna de Brásidas durava. Mas ainda que ele conseguisse mais sucessos e uma certa paridade, mesmo assim continuaram privados dos seus homens e, combatendo embora em termos de igualdade, era duvidoso que permanecessem vitoriosos. [3] Portanto, um armistício foi celebrado pelos Lacedemónios e seus aliados nos seguintes termos:

CXVIII. “No que respeita ao templo e oráculo de Apolo de Delfos, nós resolvemos que quem quer que deseje usá-los sem intento desonesto ou medo pode fazê-lo de acordo com os costumes dos antepassados. [2] Os Lacedemónios e os seus aliados aqui presentes concordam com isto e prometem mandar mensageiros aos Beócios e Focenses para os persuadirem se puderem. [3] Quanto aos tesouros do deus, nós concordamos em tomar cuidado para descobrir os que incorrerem em desrespeito, seguindo com rectidão e justiça os costumes ancestrais. Em relação a esta matéria, concordam os Lacedemónios e todos os que aqui estão. [4] Portanto, com respeito a estas coisas nós, os Lacedemónios, e o resto dos aliados concordamos com estes termos. Os seguintes acordos são também feitos pelos Lacedemónios e o resto dos aliados; se os Atenienses fizerem o tratado, cada lado permanece no seu território conservando aquilo que tem agora; os que estão em Corifásio permanecem dentro do território de Bufrade e Tomeu. Os que estão em Citera não comunicam com a Liga do Peloponeso, nem nós com eles nem eles connosco. Os que estão em Niseia e Minoa não podem atravessar a estrada que vai das portas do templo de Niso até ao templo de Poseidon e do templo de Poseidon directamente à ponte em Minoa (nem os Megarenses nem os seus aliados podem atravessar esta

estrada). Quanto à ilha que os Atenienses tomaram, que a conservem, mas nenhum lado pode comunicar com o outro. Quanto ao território de Trezenas, os Atenienses podem conservar o que têm, de acordo com o tratado celebrado com os Trezênios. [5] Quanto ao uso do mar, ao longo da sua costa e da costa dos membros da Liga, os Lacedemónios e os seus aliados podem navegar não com barcos de guerra, mas com barcos a remos, que levam de carga até quinhentos talentos de peso. [6] Que arautos, embaixadores seus servidores, tantos quantos necessários, que viajem para e do Peloponeso e Atenas, por terra e por mar, com o fim de negociarem o fim da guerra e de disputas, e viajem com salvo-conduto. [7] Durante este tempo, desertores, sejam eles homens livres ou escravos, não devem ser recebidos nem por vós nem por nós. [8] Têm de ser dadas contas por vós a nós e por nós a vós de acordo com as nossas leis ancestrais, sendo as disputas resolvidas por lei sem se recorrer a guerra. Aos Lacedemónios e seus aliados estas estipulações parecem aceitáveis. [9] Mas se vós tendes alguma proposta melhor ou mais justa, vinde a Lacedémon e elucidai-vos, pois nem os Lacedemónios nem os seus aliados vão rejeitar aquilo que vós dizeis e que seja justo. [10] Que aqueles que vierem, tenham a mesma autoridade que vós nos pedistes. E o tratado terá a duração de um ano. [11] “Decretado pelo povo”. A tribo de Acamante submeteu esta proposta a voto, Fenipo foi o secretário e Niciades presidiu e Laques, em nome da boa sorte dos Atenienses, propôs aceitar o armistício segundo os termos que os Lacedemónios e os seus aliados aprovaram. [12] E na assembleia popular foi confirmado que o armistício teria a duração de um ano, a começar naquele mesmo dia, o décimo quarto do mês de Elafebólion. [13] Durante este tempo, embaixadores e arautos irão de um estado ao outro para discutir os termos da conclusão da guerra. [14] Estrategos e magistrados têm de convocar a assembleia para os Atenienses discutirem o que a embaixada

ia propôr para a conclusão da guerra. E as embaixadas ali presentes na assembleia têm de concordar e respeitar os termos do tratado durante um ano.

CXIX. “Os Lacedemónios e os seus aliados combinaram e ratificaram estes termos com os Atenienses e os seus aliados em Lacedémon no décimo segundo dia do Gerástio. [2] Dos Lacedemónios estabeleceram e ratificaram o tratado Tauro, filho de Equitímidas, Ateneu, filho de Periclidas, Filocárides, filho de Erixilaidas; dos Coríntios Eneias, filho de Ócito, Eufamidas, filho de Aristónimo; dos Sicíones, Damótimo, filho de Náucrates, Onásimo, filho de Mégacles; dos Megarenses, Nicaso, filho de Cécalo, Menécrates, filho de Anfíodoro; dos Epidáurios, Ânfiás filho de Eupaídas; dos Atenienses, os estrategos Nicóstrato, filho de Diitrefes, Nícias, filho de Nicérato e Áutocles, filho de Tolmeu.” [3] Este foi portanto o armistício e, enquanto estava em efeito, eles reuniram-se para discutir uma paz mais duradoura.

As consequências das campanhas trácias

CXX. Durante estes dias em que discutiam os termos do tratado, Cíone, uma cidade em Palene, revoltou-se contra Atenas e passou-se para Brásidas. Diziam os Cíoneus, que eram originários de Pelene no Peloponeso, que os seus fundadores, na viagem de regresso de Tróia, tinham sido arrastados para aquela região pela mesma tempestade, de que os Aqueus tinham sofrido as consequências, e ali se tinham fixado. [2] No interesse dos que se tinham revoltado, Brásidas navegou durante a noite para Cíone, indo à frente dele uma trirreme, que era do seu lado, enquanto ele seguia atrás num pequeno barco rápido de tal forma que se ele tivesse um recontro com um barco maior do que o dele, a trirreme defendê-lo-ia mas, pensava ele, se uma outra trirreme com-

parável à dele aparecesse, não ia voltar-se contra o barco mais pequeno, mas sim contra o navio e entretanto ele faria a travessia a salvo. [3] E quando completou a travessia, convocou uma reunião de Cioneus e disse-lhes o mesmo que tinha dito em Acanto e Torone, mas acrescentou merecer os maiores louvores que eles tinham feito, uma vez que Palene tinha sido separada do restante território pelos Atenenses que ocupavam Potideia no Istmo, tornando-os em nada mais do que habitantes de uma ilha e eles, de sua livre vontade, tinham escolhido a liberdade em vez de, cobardes, esperarem pela necessidade de fazer aquilo que obviamente era para o bem da sua cidade. Isto era prova de que enfrentariam com coragem fosse o que fosse, por maior que fosse, e se ele ditasse as coisas de acordo com o que pensava, considerá-los-ia os amigos mais leais dos Lacedemónios e além disso conceder-lhes-ia muitas honras

CXXI. Os Cioneus sentiram-se honrados com estas palavras e todos eles, mesmo os que primeiro não estavam satisfeitos com o que estavam a fazer, encheram-se de coragem e decidiram apoiar a guerra com entusiasmo e receberam Brásidas com honrarias: em público, coroaram-no com uma coroa dourada como se ele fosse o libertador da Hélade; em privado, enfeitaram-no com grinaldas e vieram até ele como se fosse um atleta. [2] Brásidas, depois de ali ter deixado de imediato guardas, fez a travessia de volta e não muito depois levou para Cíone um exército maior, pois queria com os Cioneus tentar conquistar Mende e Potideia. Pensava ele que os Atenenses enviariam reforços para tomar Cíone, como se fosse uma ilha, e ele queria antecipar-se. Além disto, estava em negociações com aquelas cidades sobre a possibilidade de as tomar por traição.

CXXII. Estava, portanto, prestes a atacar estas cidades, quando os que traziam novas do armistício, Aristónimo de

Atenas e Ateneu de Lacedémon, chegaram junto dele numa trirreme. [2] E o exército imediatamente fez a travessia de volta a Torone e aqueles anunciaram a Brásidas o acordo e todos os aliados dos Lacedemónios na Trácia aceitaram o que tinha sido feito. [3] Aristónimo aprovou os outros, mas quanto aos Cioneus, porque ao fazer o cálculo dos dias se deu conta de que eles se tinham revoltado depois da data do tratado, disse que os não incluiria nele. Porém Brásidas falou contra esta resolução garantindo que a revolta fora anterior e não entregou a cidade. [4] Quando Aristónimo enviou a Atenas mensagens sobre este assunto, os Atenienses prepararam imediatamente uma expedição contra Cíone. Mas os Lacedemónios mandaram mensageiros que disseram que eles iam violar o tratado e, confiados na palavra de Brásidas, reclamaram a cidade para si e que estavam prontos para disputar a cidade em arbitragem. [5] A verdade é que os Atenienses não queriam arriscar a arbitragem, mas sim fazer uma expedição o mais rapidamente possível, estando enraivecidos, porque até já os que viviam nas ilhas pensavam em revoltar-se, confiados na força dos Lacedemónios em terra, muito embora inútil para eles. [6] A verdade sobre a revolta era mais como os Atenienses diziam; de facto, os Cioneus tinham-se revoltado dois dias depois do acordo. Os Atenienses passaram a votos, Cléon tinha feito a moção, em como os Cioneus deviam ser apanhados e mortos. E assim prepararam-se para a expedição sem qualquer alvoroço.

CXXIII. Entretanto, revoltou-se contra eles Mende, uma cidade em Palene, colónia dos Eritreus. Brásidas recebeu-os pensando que não estavam a fazer nada de mal, muito embora claramente eles se tivessem revoltado, quando o armistício estava já em vigor, mas a verdade é que havia outros pontos em que era ele que acusava os Atenienses de violarem o tratado. [2] Por causa disto também os Mendeus se tornaram mais arrojadados não só por verem a atitude reso-

luta de Brásidas mas também as conclusões a que chegaram, porque ele não tinha devolvido Cíone. Além disso, os conspiradores eram em pequeno número e assim que tiveram tudo preparado, não podiam desistir pois receavam pelas suas vidas se fossem descobertos e portanto forçaram a maioria a segui-los contra os seus desejos. [3] E os Atenien- ses logo que tomaram conhecimento disto, ficaram ainda muito mais furiosos e prepararam uma expedição contra as duas cidades. [4] Brásidas que esperava a invasão pelo mar mudou os filhos e as mulheres dos Cioneus e dos Mendeus para Olinto na Calcídica e mandou com eles quinhentos hoplitas peloponésios e trezentos peltastas calcídicos sob o comando do arconte Polidâmidas. E as duas cidades prepa- raram-se em comum para se defender, certas de que os Ate- nienses chegariam brevemente.

CXXIV. Entretanto, Brásidas e Perdicas fizeram uma campanha juntos pela segunda vez em Linco contra Arra- beu. Perdicas comandava uma força de Macedónios e um grupo de hoplitas helénicos que viviam no seu país. Brásidas comandava as tropas peloponésias que estavam ainda com ele e também Calcídicos e Acântios e tropas doutras cidades de acordo com as suas possibilidades. O total das forças helénicas era à volta de três mil, sendo a cavalaria que os acompanhava de Calcídicos num total dum pouco menos de mil e havia também um grande número de Bárbaros. [2] Quando invadiram o território de Arrabeu encontraram os Lincestes em posição de batalha contra eles e portanto tomaram posições no lado oposto. [3] A infantaria dos dois lados ocupava uma colina com uma planície no meio; a cavalaria de ambos os exércitos galopou primeiro para a planície, e começou a combater. Então, depois de os hopli- tas lincestes, juntos com a cavalaria, serem os primeiros a avançar da colina para se baterem, Brásidas e Perdicas con- duziram as suas tropas e atacaram e puseram em fuga os

Lincestes, mataram muitos, enquanto outros fugiram para locais altos onde fizeram uma paragem. [4] Depois disto, levantaram um troféu e ali ficaram dois ou três dias à espera dos mercenários ilírios pagos por Perdicas que estavam para chegar. Perdicas queria então ir atacar as aldeias de Arrabeu, em vez de estar parado, mas Brásidas preocupado com Mende, pois os Atenienses podiam fazê-la sofrer se lá chegassem antes dele e também porque os Ilírios ainda não tinham chegado, não estava interessado em avançar mas sim em regressar.

CXXV. Entretanto, enquanto eles discutiam, foi anunciado que os Ilírios tinham traído Perdicas e passado para Arrabeu. Consequentemente, por causa do medo que eles inspiravam porque eram belicosos, os dois concordaram em retirar. Mas como nada havia sido determinado sobre o que havia a fazer em virtude da disputa entre eles, e entretanto anoitecera, os Macedónios e a turba de Bárbaros imediatamente foram tomadas de pânico como geralmente acontece com grandes exércitos, sem se saber porquê, pensando que o inimigo que vinha contra eles era muito mais numeroso e estava quase em cima deles, de repente puseram-se em fuga e correram para as suas terras. Primeiro, Perdicas não sabia o que estava a acontecer, mas quando soube, foi forçado a retirar sem ver Brásidas; de facto, estavam acampados longe um do outro. [2] E ao amanhecer, quando Brásidas viu que os Macedónios já tinham saído e os Ilírios e Arrabeu estavam prontos para atacar, colocou os seus hoplitas em quadrado, com grande número de tropas ligeiras no centro, na intenção de ele próprio bater em retirada. [3] Deu ordens às tropas mais novas para assaltarem onde quer que atacassem e ele próprio com trezentos homens especialmente escolhidos colocando-se na retaguarda, tencionava oferecer resistência aos primeiros ataques dos inimigos. [4] Mas antes de os inimigos chegarem perto, conforme o curto espaço de tempo permitia, exortou assim os seus soldados:

CXXVI. “Peloponésios, se eu não suspeitasse que vós estais em estado de choque pelo facto de terdes sido abandonados e os assaltantes serem Bárbaros e em grande número, eu não vos daria esta instrução, mas somente palavras de encorajamento. Mas nas circunstâncias presentes, abandonados pelos nossos aliados e com tão grande número de inimigos a confrontar-nos, eu vou tentar chamar a vossa atenção e dar-vos o meu conselho de forma breve sobre os pontos mais importantes. [2] Na realidade, vós não deveis combater com bravura, porque os aliados estão presentes cada vez que é necessário, mas sim pela vossa coragem natural e não deveis estar assustados com o número de inimigos, vós que não vindes de estados como os deles em que não são muitos a governar poucos, mas sim poucos a governar muitos, pois o poder deles é resultante de nada mais do que da superioridade que têm no campo de batalha. [3] Quanto aos Bárbaros, que agora receais por inexperiência, é preciso ver que, por aquilo que vós sabeis por já terdes combatido os Macedónios e por aquilo que eu deduzo por comparação com outros e sei por ouvir dizer, não vão ser assim tão terríveis. [4] Na verdade, sempre que um inimigo parece forte, mas é na realidade fraco, quando a informação correcta sobre ele é obtida, os adversários tornam-se mais corajosos. O mesmo pode dizer-se daquele que não conhecendo previamente a força do inimigo se lança contra ele com muito mais audácia. [5] Estes inimigos têm um aspecto aterrador para quem os não conhece. Na realidade, o número é um espectáculo terrível, o ruído dos seus gritos difícil de suportar, e o brandir inútil das armas no ar parece ameaçador. Mas quando em luta corpo-a-corpo, contra quem lhes resiste, não são a mesma coisa. Com efeito, porque não são organizados em ordem especial, não sentem qualquer pejo em abandonar uma posição, quando se sentem pressionados. À fuga e ataque entre eles é conferida a mesma distinção, mas a coragem deles não pode ser refu-

tada, tanto mais que combate em que cada um é o seu próprio comandante, dá a cada um uma boa desculpa para se escapar. Eles pensam também que melhor que lutar convosco corpo-a-corpo é aterrorizar-vos à distância sem perigo para eles. De facto, se assim não fosse, teriam feito aquilo em vez disto. [6] Portanto, vós vedes que tudo o que parecia no princípio aterrador neles é na realidade de pouca monta e só para impressionar olhos e ouvidos. Portanto, ao resistir ao primeiro assalto e, quando a oportunidade aparecer, ao retirar outra vez em ordem, mais depressa alcançareis segurança e para o futuro ficai a saber que cambada como esta, alardeando a sua bravura, ameaça de longe aqueles que resistem ao primeiro embate e se alguém cede terreno, eles vão em perseguição rápida para mostrarem a tal coragem quando estão em segurança.”

CXXVII. Com estas palavras de recomendação, Brásidas iniciou a retirada do seu exército. Quando os Bárbaros viram isto, avançaram em grande gritaria e confusão, pensando que ele ia fugir e podiam tomar conta do exército dele e destruí-lo. [2] Mas onde quer que atacassem, as tropas, que tinham sido escolhidas, repeliam o ataque e o próprio Brásidas com os seus homens susteve o assalto e, assim, para surpresa dos inimigos, os Lacedemónios aguentaram o ataque e continuaram a defender-se e quando as investidas pararam, não cessaram a retirada. Depois disto, a maioria dos Bárbaros evitou atacar em campo aberto os Helenos sob o comando de Brásidas. Uma parte deles porém ficou para trás para os seguir e assaltar, e os restantes correram em perseguição dos Macedónios, que fugiam, e onde os encontravam, matavam-nos e depois ocuparam a passagem estreita que fica entre duas colinas e dá acesso ao território de Arrabeu, sabendo que Brásidas não tinha outro caminho para se retirar. E quando ele se estava a aproximar na parte mais difícil do caminho, cercaram-no com o fim de lhe cortar a passagem.

CXXVIII. Compreendendo a intenção deles, Brásidas mandou que os seus trezentos soldados corressem sem ordem, tão depressa quanto podiam, para a colina que parecia mais fácil de tomar e tentassem expulsar os Bárbaros que a ocupavam antes que a força principal que os estava a cercar se juntasse àqueles. [2] E eles atacando os homens na colina dominaram-nos e assim o exército dos Helenos avançou para a colina mais facilmente, pois os Bárbaros, uma vez que os seus guerreiros tinham sido desalojados das alturas, ficaram receosos e não perseguiram mais os Helenos pensando que eles já estavam na fronteira e tinham escapado. [3] Brásidas contudo, como tinha alcançado o alto, procedeu em maior segurança e chegou no mesmo dia a Arnisa, a primeira cidade dos domínios de Perdicas. [4] Os soldados de Brásidas estavam furiosos com os Macedónios por terem batido em retirada antes deles e sempre que encontravam por acaso carretas puxadas por bois ou alguma bagagem que tinha caído como era natural que acontecesse, quando a retirada tinha sido de noite e em pânico, soltavam os bois e matavam-nos, mas ficavam com o resto da bagagem. [5] A partir deste momento, Perdicas começou a considerar Brásidas um inimigo e a nutrir ódio pelos restantes Peloponésios o que não era consistente com o seu sentimento contra os Atenenses. Pondo de lado os seus melhores interesses, fez o que era necessário para rapidamente se juntar a estes e separar-se daqueles.

CXXIX. Quando Brásidas voltou da Macedónia para Torone encontrou os Atenenses já a ocupar Mende e pensando que era impossível fazer a travessia para ajudar Palene, estacionou onde chegou, mas continuou a guardar Torone. [2] Com efeito, no mesmo tempo em que os acontecimentos em Linco se desenrolavam, os Atenenses tinham navegado para Minde e Cíone, para uma expedição conforme tinham preparado. Chegaram com cinquenta navios, dos

quais dez eram de Quios e mil hoplitas deles, seiscentos arqueiros, mil mercenários trácios e também outros peltastas dos aliados que ficavam perto. Eram comandados por Nícias, filho de Nicérato, e Nicóstrato, filho de Diitrefes. [3] Tendo saído de Potideia com a armada, desembarcaram junto do templo de Poseidon e avançaram para o território dos Mendeus. Ora estes e trezentos Cioneus que os tinham vindo ajudar e auxiliares peloponésios, ao todo setecentos hoplitas com o arconte Polidâmidas a comandá-los, tinham acabado de se instalar fora da cidade numa colina. [4] Nícias tendo consigo cento e vinte tropas ligeiras dos Metoneus e sessenta homens especialmente escolhidos entre os hoplitas atenienses e todos os arqueiros, tentou alcançá-los por um caminho que subia a colina mas foi ferido e não conseguiu conquistar a posição. E Nicóstrato com o resto do exército avançou por outro caminho para a colina que era de acesso difícil mas foi lançado em completa confusão e foi por pouco que o exército inteiro dos Atenienses escapou a ser derrotado. [5] Como, durante aquele dia, os Mendeus e os seus aliados não cederam, os Atenienses retiraram e montaram acampamento e quando a noite caiu os Mendeus voltaram para a cidade.

CXXX. No dia seguinte, os Atenienses voltaram para o lado de Cíone, tomaram ali o espaço à frente da cidade passando o dia todo a saquear o território. Ninguém se lhes veio opôr pois havia uma revolta na cidade. E na noite seguinte, os trezentos Cioneus voltaram a Cíone. [2] Quando a manhã surgiu, Nícias com metade do exército avançou até à fronteira do território dos Cioneus e arrasou-o. Nicóstrato com os homens restantes postou-se junto das portas de cima na estrada para Potideia. [3] Mas Polidâmidas, aconteceu que as armas que pertenciam aos Mendeus e aos seus aliados estavam ali armazenadas, começou a organizá-los para a batalha e encorajou os Mendeus a fazer uma sortida.

[4] Alguém do povo, indisciplinado, respondeu que nem iam sair para o exterior, nem queriam combater mas assim que ele acabou de falar, Polidâmidas puxou-o pelo braço e abanou-o bem abanado e imediatamente os populares pegaram em armas e em fúria atiraram-se contra os Peloponésios e os que colaboravam com eles. [5] Tendo caído sobre eles, puseram-nos imediatamente em fuga, porque o combate fora uma surpresa e também porque receavam que as portas fossem abertas aos Atenenses. De facto, pensavam que o ataque só tinha acontecido depois de terem recebido deles uma comunicação especial. [6] Os Peloponésios, que não haviam sido mortos, imediatamente se refugiaram na cidade que tinham primeiro ocupado. E os Atenenses (na realidade, Nícias voltara e já estava próximo da cidade), entraram com toda a força pela cidade, que estava aberta, mas sem nenhum acordo ter sido celebrado, e pilharam-na por completo como se a tivessem tomado por assalto e os estrategos com dificuldade evitaram que eles matassem também os habitantes. [7] Depois disto, deram ordens aos Mendeus para organizarem um governo conforme costumavam e que entre si decidissem quem eram os causadores da revolta. E emparedaram os homens que estavam na acrópole com muralhas que iam dos dois lados até ao mar e puseram ali guardas. E quando tinham assegurado a sua posição em Mende, avançaram para Cíone.

CXXXI. Os Cíoneus e os Peloponésios tinham vindo contra eles e ocupado uma colina estratégica que os inimigos tinham de tomar antes de a cidade poder ser fortificada com uma muralha. [2] Portanto, os Atenenses atacaram com grande força, desalojaram e derrotaram em combate os que lá estavam e, tendo tomado posições, ergueram um troféu e fizeram preparativos para construir a muralha isoladora. [3] Não muito depois destes acontecimentos, já quando as muralhas estavam em construção, os auxiliares, que

estavam cercados em Mende, forçaram a passagem pelos guardas e de noite chegaram ao mar e a maior parte deles entrou na cidade tendo passado, sem serem notados, pelo exército que a estava a cercar.

CXXXII. Enquanto as muralhas de Cíone estavam a ser construídas, Perdicas enviou um mensageiro aos estrategos atenienses e fez com eles um tratado, uma vez que estava despeitado com Brásidas pela retirada de Linco. Na realidade, as negociações dele com os Atenienses haviam começado naquela altura. [2] E por acaso aconteceu então que o lacedemónio Iscágoras estava para levar por terra um exército para juntar ao de Brásidas, e Perdicas, ou a pedido de Nícias, uma vez que se aliara aos Atenienses para dar uma prova da sua sinceridade, ou também porque já não queria que os Peloponésios entrassem no seu território, negociou com os seus amigos na Tessália, com os quais sempre tinha tido boas relações, e pôs termo à passagem do exército e à expedição, de tal maneira que Iscágoras nem tentou pedir salvo conduto aos Tessálios. [3] Contudo Iscágoras, Amínias e Aristeu chegaram até Brásidas, visto que tinham sido enviados pelos Lacedemónios para investigar o que se passava e ilegalmente levaram com eles alguns jovens de Esparta para serem eles os arcontes das cidades e não quaisquer pessoas à sorte. E assim, colocaram Cleáridas, filho de Cleónimo em Anfípolis e Pasitélidas, filho de Hegesandro em Torone.

A agitação popular na Grécia

CXXXIII. No mesmo Verão os Tebanos deitaram abaixo as muralhas dos Téspios acusando-os de “aticismo”. Na verdade, sempre tinham desejado fazer isto, mas agora era mais fácil, dado que a flor da juventude dos Téspios havia pere-

cido na batalha com os Atenienses. [2] Neste mesmo Verão, o templo de Hera em Argos ardeu, porque a sacerdotisa Crisis tinha colocado uma candeia junto das grinaldas e a seguir tinha adormecido de tal modo que tudo começou a arder e foi consumido pelas chamas antes de ela se dar conta. [3] E naquela mesma noite, receosa dos Argivos, Crisis fugiu para Fliunte. E os Argivos, segundo era seu costume, imediatamente nomearam uma outra sacerdotisa de nome Faeínis. Quando fugiu, Crisis tinha sido sacerdotisa durante oito anos e meio desta guerra. [4] Pelo fim do Verão, o trabalho da muralha à volta de Cíone ficou completo e os Atenienses, tendo deixado ali uma guarnição, retiraram com todo o exército.

CXXXIV. No Inverno seguinte, o armistício conservou Atenienses e Lacedemónios inactivos quanto à guerra, mas os de Mantineia e os Tegeatas com os seus aliados respectivos travaram uma batalha em Laodócio na Oréstide e a vitória foi de resultados duvidosos, uma vez que de cada lado uma ala derrotou a ala que se lhe opunha e portanto os dois lados levantaram troféus e mandaram despojos para Delfos. [2] Contudo morreram muitos homens de ambos os lados, e a batalha não estava ainda decidida quando a noite interrompeu o combate. Os Tegeatas estabeleceram ali acampamento e imediatamente levantaram um troféu, enquanto os Mantineus retiraram para Bucólion e mais tarde levantaram também um troféu.

CXXXV. Pelo fim do mesmo Inverno, quando a Primavera estava quase a começar, Brásidas tentou assaltar Potideia. Na realidade, chegou durante a noite e colocou uma escada contra a muralha sem que ninguém o notasse, uma vez que a escada fora colocada no intervalo entre o momento em que o sino é passado e antes do regresso do guarda que o traz de volta. Contudo os guardas notaram

logo a escada antes de alguém ter subido e Brásidas imediatamente e com rapidez retirou o seu exército sem esperar pelo dia. [2] Assim acabou o Inverno e o nono ano desta guerra sobre a qual Tucídides escreveu.

LIVRO V

Completam-se dez anos de guerra

I. No Verão que se lhe seguiu, as tréguas por um ano chegaram ao fim, tendo durado até aos Jogos Píticos. Durante o armistício, os Atenienses expulsaram os Délíos de Delos, por terem concluído que, por qualquer falta antiga, não estavam purificados no momento em que foram consagrados, e que esta teria consistido nalgum erro durante a purificação, na qual, tal como antes já relatei, pensavam que procediam correctamente ao removerem os túmulos dos mortos. E os Délíos foram habitar, porque Farnaces o tinha posto à sua disposição, em Atramitio, na Ásia, conforme cada um escolheu.

Na costa da Trácia, o espartano Brásidas e o ateniense Cléon

II. Depois do armistício, Cléon convenceu os Atenienses a deixarem-no navegar pela costa da Trácia com mil e duzentos hoplitas e trezentos cavaleiros de Atenas, e ainda com uma força maior de aliados e trinta navios. [2] Chegou primeiro a Cíone, que ainda estava cercada, e dali levou hoplitas da guarnição, viajou para o porto de Cofo, não muito distante da cidade de Torona. [3] Dali, por ter sabido, por desertores, que Brásidas não estava em Torona, e que as

forças armadas locais não estavam à altura das suas, avançou contra a cidade com a infantaria, mas à volta mandou dez navios para o porto. [4] Primeiramente chegou à muralha nova que Brásidas tinha mandado construir em frente da cidade com o intento de pôr lá dentro o subúrbio e depois de ter demolido a velha muralha, fez ali uma única cidade.

III. Pasitélidas, o comandante lacedemónio, juntamente com a guarnição que ali estava, precipitaram-se para aquele sítio, a fim de repelirem os assaltos atenienses. Foram, porém, recebidos com violência e como simultaneamente viam os navios que navegavam à volta para dentro do porto, Pasitélidas temendo que se adiantassem ao seu avanço e tomassem a cidade, que estava sem defesa, e que se as novas fortificações fossem tomadas, ele próprio seria capturado, deixou-as e a passo de corrida regressou à cidade. [2] Mas os Atenienses que tripulavam os barcos, passaram-lhe à frente e tomaram Torone, e a sua infantaria indo-lhe no encalce, com ele penetrou ao primeiro assalto por uma brecha da velha muralha. Mataram numa luta corpo-a-corpo imediata alguns dos Peloponésios e dos Toroneus, e prenderam outros vivos, bem como seu chefe Pasitélidas. [3] Entretanto Brásidas vinha para Torona em seu auxílio, mas quando no caminho soube que tinha sido tomada, bateu em retirada falhando apenas por uns quarenta estádios a possibilidade de lá ter chegado a tempo. [4] Cléon e os Atenienses erigiram dois troféus, um no porto, o outro junto à nova muralha, e reduziram à escravidão as mulheres e as crianças dos Toroneus, mas os homens de Torona e os Peloponésios e alguns Calcídicos que lá estavam, num total de setecentos, mandaram para Atenas. Foi depois libertado tudo o que era peloponésio e o resto foi levado pelos Olíntios numa troca, homem por homem, de prisioneiros. [5] Por essa mesma altura, Panacto que é uma fortaleza na fronteira ática, foi tomada à traição pelos Beócios. [6] Entretanto Cléon, depois de ter formado uma

guarnição para Torona, fez-se ao mar e navegou à volta do Atos com a intenção de atacar Anfípolis.

IV. Por essa ocasião, Féax, filho de Erasítrato, juntamente com dois colegas, foi enviado como embaixador pelos Atenienses em dois navios, para a Itália e para a Sicília. [2] E os Leontinos, depois de os Atenienses terem partido da Sicília e seguidamente ao tratado de paz, começaram a aceitar em grande número novos cidadãos, e o Povo estava disposto a proceder a uma distribuição de terras. [3] Os poderosos, contudo, dando-se conta desse facto fizeram vir os Siracusanos e expulsaram o Povo. Os elementos do Povo espalharam-se então, cada um para seu lado, e os com mais poder fizeram um acordo com os Siracusanos e abandonaram a cidade, deixando-a deserta, e foram habitar Siracusa, com a condição de os aceitarem como cidadãos. [4] Tempos depois, alguns deles, por não estarem satisfeitos, saíram outra vez de Siracusa e foram então ocupar Fóceas, um bairro assim denominado da cidade de Leontinos e assim também Bricínias, uma fortificação no território leontino, e a eles se vieram juntar inúmeras massas populares que tinham sido expulsas. Ali se instalaram, e das fortificações passaram a fazer expedições militares. [5] Quando os Atenienses foram informados do que se passava, mandaram Féax, para ver se porventura persuadiam os aliados que ali tinham e os outros Sicilianos, a fazer uma expedição em conjunto contra os Siracusanos que estavam a adquirir poder, para, caso pudessem, salvar o povo dos Leontinos. [6] Féax, à chegada, persuadiu os Camarineus e os Acragantinos, mas como em Gela a sua incumbência não resultasse, não se dirigiu a mais nenhuns, por sentir que os não conseguiria convencer, mas no regresso, atravessou então as terras dos Sicelos até Cátana, ao mesmo tempo que no caminho visitou Bricínias, cujos habitantes encorajou, e fez-se depois ao mar, rumo a Atenas.

V. No trajecto de ida e volta, junto à costa, que fez para a Sicília, negociou com algumas cidades na Itália, sobre a possibilidade de criarem amizade com os Atenienses e encontrou também colonos lócrios que tinham sido expulsos de Messena para onde tinham sido remetidos, depois de ter sido firmado um acordo entre os Siciliotas, por uma das facções resultantes da revolta dos Messénios, que tinha chamado os Lócrios, do que resultou Messena ficar durante algum tempo sob o seu poder. [2] Féax encontrou esta gente, quando eles regressavam, e nenhum mal lhes fez, pois tinha acontecido que chegara a acordo com os Lócrios para um tratado de paz com os Atenienses. [3] Eram eles os únicos aliados, que não tinham feito qualquer aliança com os Atenienses, quando os Siciliotas chegaram a uma reconciliação, nem tão-pouco a teriam feito nessa altura, se não tivessem sido pressionados pela guerra contra os povos de Hipónio e de Medma, que eram seus vizinhos e seus colonos. Féax algum tempo depois chegou a Atenas.

VI. Cléon, porém, quando naquela altura navegou à volta de Torona para atacar Anfípolis tomando como base de operações Éion, avançou sobre Estagiros, uma colónia de Andros, em cuja conquista falhou, mas tomou depois de assalto Galepso, colónia de Tasos. [2] Mandou então emissários a Perdicas, para que se ocupasse do exército segundo os termos do tratado, e mandou outros para a Trácia a fim de contactarem Polês, rei dos Odomantos, para trazerem o maior número possível de mercenários trácios, enquanto ele ficava em descanso em Éion. [3] Logo que disto foi informado, Brásidas preparou-se contra ele nas alturas de Cerdílio. É este lugar situado no território dos Argílios, num sítio elevado do outro lado do rio e não distando muito de Anfípolis, oferecendo daí uma vista para todos os lados, de tal forma que Cléon não conseguisse esconder-se dele ao avançar com o exército. Ora ele esperava que Cléon avan-

çasse sobre Anfípolis, com as forças que tinha consigo, não tendo qualquer consideração pelo pequeno número dos seus oponentes. [4] Nesse preciso momento Brásidas preparou-se e chamou para as suas fileiras mil e quinhentos mercenários trácios e todos os Edonos, peltastas e cavaleiros. Dispunha além disso de mais mil peltastas mircínios e calcídicos, além daqueles de Anfípolis. [5] Ao todo as suas forças constavam de mais de dois mil hoplitas e trezentos cavaleiros helénicos. Destas forças Brásidas tirou cerca de mil e quinhentas e estabeleceu-as em Cerdílio sob o seu comando, e mandou colocar as outras em Anfípolis sob o comando de Cleáridas.

VII. Cléon manteve-se quieto durante algum tempo, mas depois foi forçado a fazer exactamente o que Brásidas tinha calculado. [2] Quando os soldados se começaram a sentir incomodados por estarem inactivos e a discutir a sua qualidade de comando e a sua experiência e também a coragem de um em comparação com a do lado adversário, e com que tipo de incompetência e de cobardia teriam de contar, e como tinha sido contra vontade que de suas casas tinham vindo juntar-se a ele, estes murmúrios chegaram-lhe aos ouvidos e porque não queria que essa má disposição se agravasse com o ficarem parados no mesmo sítio, levantou o acampamento e passou à acção. [3] Pôs em prática a mesma disposição que tinham mantido em Pilos, onde o sucesso obtido lhe tinha dado confiança nas suas capacidades. Tinha a expectativa de que ninguém viria ao seu encontro no campo de batalha, mas disse que preferia ir fazer um exame do lugar. Estava sim à espera de mais reforços, não para ter mais protecção, se à luta fosse forçado, mas para montar o cerco acabando por conquistá-la pela força armada. [4] Pôs-se em marcha e alinhou as tropas na colina sobranceira a Anfípolis, enquanto vigiava a terra pantanosa do Estrímon e definia a situação da cidade em relação ao

território trácio. [5] Julgava que podia retirar sem combater, quando lhe aprouvesse. De facto ninguém aparecia nas muralhas nem saía pelos portões, que estavam fechados na sua totalidade. Parecia-lhe um erro o ter avançado sem trazer consigo as máquinas de assalto. Poderia ter tomado a cidade por estar indefesa.

VIII. Brásidas logo que viu as manobras dos Atenienses, desceu ele mesmo de Cerdílio e entrou em Anfípolis, [2] mas não lançou nenhuma sortida organizando as suas forças contra os Atenienses, na medida em que desconfiava das suas capacidades e as considerava menos bem preparadas, não em número, pois de alguma forma eram equivalentes, mas em qualidade, visto que era o que havia de melhor entre os Atenienses, que estava no campo de batalha, juntamente com o que havia de mais forte dos Lémnios e dos Ímbrios. Preparou-se, por isso mesmo, para as atacar por estratagemas. [3] Se com efeito mostrasse ao campo inimigo o número dos seus soldados e a situação precária do armamento dos que com ele estavam, pensava que não seria fácil obter uma vitória, como seria, sem a prévia avaliação dos elementos existentes e sem o sentimento de desprezo a respeito da realidade enfrentada. [4] Por isso ele próprio seleccionou para si cento e cinquenta hoplitas e depois de colocar os outros sob o comando de Cleáridas, decidiu-se por uma carga repentina, antes que os Atenienses se retirassem, por pensar que não os apanharia de novo isolados, se reforços viessem provavelmente em seu auxílio. [5] Convocou então todos os soldados e desejando incutir-lhes coragem e explicar-lhes o plano estratégico, falou-lhes assim:

IX. “Homens do Peloponeso: qual o tipo de país do qual procedemos, país que sempre gozou da liberdade devido à sua coragem e ao facto de como Dórios estardes prestes a combater os Jónios, ao lado dos quais sois superiores, são

factos que brevemente se demonstram. [2] Irei porém expor-vos a forma como penso que devemos fazer o ataque, para que, por ser feito em destacamentos e não como um todo, não venha a ser sentido por ausência de táctica como uma aventura, e assim provoque desânimo. [3] Tenho a ideia de que por falta de consideração a nosso respeito, os adversários não esperam que ninguém os vai enfrentar em batalha, e por isso se dirigiram lá para cima e dão-nos pouca atenção, enquanto espalhados e atentos ao reconhecimento do terreno. [4] Quem se apercebe claramente de tais asneiras por parte do adversário e prepara um ataque não abertamente nem em resposta a qualquer ataque, mas segundo o que as circunstâncias aconselham no momento, esse segue o caminho de vitória. [5] São estes estratagemas que gozam da melhor aceitação, pois são eles que enganam o inimigo e ajudam enormemente os camaradas. [6] Portanto, enquanto os Atenienses, ainda não preparados, estão cheios de confiança, e segundo me parece mais dispostos a retirar do que a ficar, enquanto o seu espírito está tranquilo e antes de começarem a pensar melhor, eu, com as minhas tropas, irei surpreendê-los, se me for possível, lançando-me à carga sobre o centro do seu exército. [7] Quanto a ti, Cleáridas, logo que me vires já em acção e que eles, segundo todas as probabilidades, estarão com medo, leva os soldados que estão contigo, com os Anfípolitas e os outros aliados, para imediatamente abrirem os portões, e lanças-te à frente dos teus homens sobre eles e tentas entrar na luta corpo-a-corpo o mais depressa possível. [8] É esta a esperança de assim os fazer entrar em pânico, porque as forças que atacam depois causam mais temor ao inimigo do que as que com ele já se estão defrontando. [9] Mostra que és um homem de coragem, como é próprio de um Espartano, e vós, nossos aliados, acompanhai-o com valentia, e lembrai-vos de que há três condições para o bom combate: querer, defender a honra e obedecer aos chefes. No dia de hoje se fordes

bravos, espera-vos a liberdade e o serdes chamados aliados dos Lacedemónios, ou então súbditos dos Atenienses, se tiverdes a sorte de escapar à escravidão ou à morte, e a vossa sujeição será pior do que antes, pois ireis impedir a libertação para os restantes Helenos. Vendo agora a importância das causas por que vos bateis, não ireis acobardar-vos, e eu por meu lado tentarei mostrar que sou tão bom a exortar os que estão ao pé de mim, como a lançar-me eu próprio na refrega!”

X. Depois deste breve discurso, preparou-se Brásidas para a saída e deixou os outros com Cleáridas estacionados junto das chamadas portas da Trácia, para que, conforme fora combinado, viessem auxiliá-lo. [2] Tinha ele sido visto a descer de Cerdílio e depois na cidade, que podia ser observada do lado de fora, a realizar um sacrifício nas imediações do templo de Atena e a fazer todas estas cerimónias, tendo a notícia chegado a Cléon, que tinha então saído para o reconhecimento, de que todo o exército inimigo podia avistar-se na cidade, sendo também visível por debaixo dos portões grande número de cascos de cavalos e de pés humanos, como se estivessem para fazer uma sortida. [3] Ao ouvir isto, Cléon aproximou-se e depois de ver, não querendo travar batalha sem que os reforços chegassem e pensando que teria tempo para se afastar, ordenou que se tocasse à retirada e deu ordens aos que faziam que a fizessem sobre a ala esquerda na direcção de Éion, visto ser a única direcção possível. [4] Teve a impressão de que era feita devagar e por isso ele próprio fez virar o exército para o flanco direito, expondo esse lado que estava desprotegido, ao inimigo. [5] Foi então que Brásidas viu chegar a oportunidade, com o exército dos Atenienses em marcha, e disse aos que o acompanhavam: “Estes homens não nos vão fazer frente. Isso vê-se pela forma como deixam mover as lanças e as cabeças. Os que deixam isto acontecer, não costumam espe-

rar que os ataquem. Que alguém me abra os portões, tal como já disse, e com coragem lancemo-nos sobre eles o mais depressa possível!” [6] Saiu ele mesmo pelo portão que dava sobre a paliçada e pelo primeiro portão da grande muralha, que então ainda existia, e lançou-se à carga por aquele caminho direito no qual hoje em dia se ergue o troféu, para quem vai pela parte mais íngreme da zona, e lançou-se sobre o centro do exército dos Atenienses, que estavam em pânico devido à sua desorganização e admirados com a audácia dele. [7] Ao mesmo tempo Cleáridas, tal como lhe tinha sido ordenado, abandonou as portas da Trácia e avançou sobre o inimigo. O que aconteceu foi que os Atenienses, devido ao inesperado e rápido ataque de ambos os lados, ficaram confundidos. [8] Então a sua ala esquerda que levava avanço em direcção a Éion, ficou separada do resto e fugiu. Foi quando esta se começou a separar que Brásidas, ao atacar a ala direita, foi ferido, mas os Atenienses não o viram cair, e assim os que estavam junto dele levaram-no. [9] A ala direita dos Atenienses, aguentou-se melhor. Cléon, como logo de início não tinha tido a intenção de fazer frente, pôs-se em fuga e foi morto depois de ter sido atingido por um peltasta mircínio, mas os seus hoplitas formaram-se ordenadamente na colina e por duas ou três vezes repeliram os ataques de Cleáridas e não cederam, antes que as cavalarias mircínia e calcídica e os peltastas que estavam à sua volta e lançavam dardos sobre eles os pusessem em fuga. [10] Foi então que por fim se deu a debandada de todo o exército dos Atenienses, que fez o seu caminho com dificuldade e seguindo várias veredas pelos montes, até que os que sobravam por terem escapado à luta corpo-a-corpo ou aos golpes da cavalaria calcídica e dos peltastas conseguiram chegar a Éion. [11] Brásidas foi levado do campo de batalha pelos seus companheiros e chegou à cidade ainda a respirar. Pôde ouvir que tinham vencido os que estavam com ele, mas não se passou muito tempo e morreu.

[12] O resto do exército voltou da perseguição efectuada com Cleáridas e levantou um troféu.

XI. Depois destes acontecimentos, todos os aliados apresentaram-se com armas nas exéquias em que enterraram Brásidas, a expensas públicas, na cidade em frente do lugar onde é hoje o mercado, e os Anfípolitanos fizeram uma cerca em torno do memorial, e desde então passaram-lhe a oferecer sacrifícios como a um herói, e deram-lhe a honra de organizarem jogos e oferendas anuais. Consideraram-no como fundador da sua colónia e derrubaram os edificios dedicados à memória de Hágnon e obliteraram tudo o que pudesse lembrá-lo como fundador do lugar, pois consideravam Brásidas como o seu salvador, visto que naquela altura cultivavam a aliança com os Lacedemónios porque receavam os Atenienses, e porque a Hágnon, dadas as relações hostis com estes últimos, não podia da mesma maneira como antes e com a mesma alegria, serem-lhe prestadas essas honras. [2] Entregaram os mortos aos Atenienses. Destes tinham sido mortos cerca de seiscentos, e só sete dos seus adversários, porque a batalha não se tinha dado na forma convencional, mas foi antes o resultado de um acidente e do pânico, tal como foi relatado. [3] Depois de terem retirado os mortos, voltaram para Atenas, mas Cleáridas e os que com ele estavam, ficaram em Anfípolis a resolver os problemas que se levantassem.

XII. Na mesma altura, já no fim do Verão, Rânrias, Autocárides e Epicídides, que eram Lacedemónios, vinham trazer reforços com novecentos hoplitas para as cidades da região da Cária, e tendo chegado a Heracleia na Traquínia fizeram as reformas que lhes pareciam melhores. Foi enquanto ali passaram o tempo que se deu esta batalha e entretanto o Verão chegou ao fim.

A caminho de uma paz negociada

XIII. Imediatamente logo no princípio do Inverno, Rânrias e os seus penetraram até Piério na Tessália, mas os Tessálios opuseram-se-lhes, e porque Brásidas, para quem eram conduzidas as forças militares, tinha morrido, voltaram para casa, pensando que o momento de agir já tinha passado, que os Atenienses derrotados tinham partido e que eles próprios não estavam à altura de pôr em prática o esquema planeado por Brásidas. Foram-se contudo embora, porque já sabiam, quando partiram, que os Lacedemónios estavam com intenções mais a favor da paz.

XIV. Isto aconteceu, porque logo a seguir à batalha de Anfípolis e à saída de Rânrias da Tessália, nenhuma das partes continuou ainda a promover a guerra, pois eram de opinião ser a paz preferível. Os Atenienses tinham sido derrotados em Délcio, e de novo, pouco depois, em Anfípolis, e já não tinham confiança na sua força, em cuja segurança se tinham apoiado antes para recusarem as tréguas, por pensarem que com a então existente boa sorte poderiam ser superiores. [2] Tinham também medo dos aliados, não fossem eles, encorajados por estas derrotas, revoltar-se por toda a parte e se arrependessem de não ter aproveitado a oportunidade que se lhes apresentara depois dos acontecimentos em Pilos. [3] Por seu lado, também os Lacedemónios eram do mesmo parecer, porque a guerra tinha decorrido contrariamente às suas esperanças, pois pensavam que, pela guerra, em poucos anos poderiam reduzir a nada o poder ateniense, se devastassem o seu território. Tinham no entanto falhado na desgraça sucedida na ilha, cuja violência nunca Esparta tinha conhecido, enquanto o seu território tinha sido pilhado de Pilos a Citera, além de que os Hilotas estavam a desertar e havia sempre a apreensão de que os restantes que ficaram, dando ouvidos aos que estavam de

fora, perante o estado actual das coisas, se revoltassem, tal como já tinham feito. [4] Acontecia simultaneamente que as tréguas de trinta anos, que tinham sido firmadas com os Argivos, estavam a expirar, e que os Argivos não queriam renová-las, a menos que o território de Cinúria lhes fosse devolvido. Parecia impossível fazer a guerra ao mesmo tempo contra Argivos e Atenienses e por fim suspeitavam que algumas cidades do Peloponeso se revoltassem a favor dos Argivos, tal como veio a acontecer.

XV. A ambas as partes, que pensavam nestas possibilidades, pareceu que um entendimento era praticável, e não menos por parte dos Lacedemónios, pois que desejavam recuperar os homens que estavam na ilha. Entre eles estavam com efeito os Espartanos que pertenciam às famílias mais importantes e também os que com eles eram aparentados. [2] Começaram por esse motivo a negociar sem perder tempo após a sua captura, mas os Atenienses não queriam ceder, pois estavam em condições favoráveis para chegar a um acordo em termos razoáveis. Quando, porém, os Atenienses foram desfeiteados em Délio, os Lacedemónios logo deduziram que nessa altura estariam eles mais inclinados a aceitar propostas e concluíram as tréguas por um só ano, durante as quais aceitavam agir em conjunto e a decidirem-se por um tratado que durasse mais tempo.

XVI. Depois que a luta não tinha corrido bem para os Atenienses em Anfípolis e tanto Cléon como Brásidas tinham sido mortos, aqueles mesmos que em ambos os campos mais se tinham oposto à paz, um, porque tinha vencido e conquistado o respeito, o outro, porque estava convencido de que, se tranquilidade houvesse, tanto mais seriam conhecidas as suas malfetorias e menos crédito teriam as suas difamações, candidatavam-se agora ao poder em ambas as cidades, Plistóanax, filho de Pausânias, rei dos

Lacedemónios, e Nícias, filho de Nicérato, o mais bem-sucedido general do seu tempo, e ambos desejavam mais do que nunca a paz. Nícias desejava, porque não tinha cometido erros e gozava de boa reputação, preservar a sua boa fortuna até ao fim, e conquistar imediatamente uma pausa no que respeitava a desgraças para si próprio e para os seus concidadãos, legar para a posteridade o nome de alguém que tinha governado sem qualquer falha para a cidade, convencido que estava de que tal aconteceria se evitasse riscos, não confiasse demasiado na sorte e que a paz seria a maneira de evitar perigos. Plistóanax, por sua vez, queria a paz, porque tinha sido acusado pelos seus inimigos por ter regressado do exílio, sendo por eles constantemente criticado diante dos Lacedemónios, cada vez que qualquer facto negativo sucedia, como se tal fosse devido ao seu regresso ter sido ilegal. [2] Acusavam-no de ter subornado a profetisa de Delfos, juntamente com seu irmão Aristocles, para que respondesse aos Lacedemónios, que sucessivamente chegavam ao templo para a consultar, que do estrangeiro trouxessem para casa a semente de Zeus, pois, caso contrário, teriam de lavrar com um arado de prata. [3] Com o passar do tempo ela teria levado os Lacedemónios a trazê-lo do exílio e a restituir-lhe o poder no meio de danças e sacrificios iguais aos que tinham feito, quando pela primeira vez, ao fundarem a Lacedemónia, tinham entronizado os seus reis. Trouxeram-no do exílio dezanove anos depois de ter fugido para o monte Liceu, onde ficou exilado, devido à suspeita de ter recebido peitas para sair da Ática, e onde, por medo dos Lacedemónios, tinha então construído uma casa que tinha metade da área dentro do templo de Zeus.

XVII. Envergonhado com aquela acusação e convencido de que nenhuma catástrofe aconteceria em tempo de paz e que, por consequência, os Lacedemónios recuperariam os seus homens e ele não seria mais atacado pelos seus

inimigos, ao passo que, em tempo de guerra, é sempre inevitável que os que mandam sejam acusados por quaisquer infelicidades, também ele se tornou ardente partidário de um acordo. [2] Essa a razão por que durante o Inverno inteiro organizaram encontros, mas já na altura da Primavera houve uma tentativa bélica urdida pelos Lacedemónios, que mandam anunciar às cidades que se preparem para uma construção fortificada, que ameace os Atenienses, por forma a que estes dessem com mais facilidade ouvidos às suas propostas. Finalmente, como muitas exigências tinham resultado desses encontros, de ambas as partes chegou-se a um acordo, segundo o qual a paz seria aceite, desde que cada uma das partes restituísse os territórios conquistados, conservando os Atenienses, no entanto, Niseia, pois quando tinham pedido de volta Plateias, foi-lhes respondido pelos Tebanos que aquela terra não tinha sido tomada pela força, mas que os seus habitantes se lhes tinham juntado por vontade própria e não por traição; e da mesma maneira os Atenienses alegaram ter tomado posse de Niseia. Foi depois deste acordo que os Lacedemónios o recomendaram aos seus aliados e todos votaram a favor, excepto os Beócios e os Coríntios e os Elidenses e Megarenses, a quem as negociações tinham desagradado, e firmaram a aliança, ratificando-a com libações e juramentos para com os Atenienses, e destes para com os Lacedemónios, nos seguintes termos:

XVIII. “Os Atenienses, os Lacedemónios e os seus aliados firmam um tratado, e prestam juramento cidade por cidade, nas seguintes condições: [2] No que diz respeito aos templos comuns haverá livre entrada por terra e por mar para todos os que quiserem oferecer sacrifícios, consultar oráculos ou assistir a jogos segundo os costumes das suas terras de origem. O recinto sagrado e o templo de Apolo em Delfos, bem como o povo de Delfos, devem ser independentes e dotados de um sistema próprio de impostos e de

justiça, no que lhes diz respeito e à sua terra, seguindo as tradições da sua pátria. [3] Vigorará este tratado durante cinquenta anos entre os Atenienses e os aliados dos Atenienses e os Lacedemónios e os aliados dos Lacedemónios, sem fraude e sem ofensa, não só na terra como no mar. [4] Será proibido o porte de armas com intenções malévolas, seja para os Lacedemónios e seus aliados contra os Atenienses e seus aliados; seja para os Atenienses e seus aliados contra os Lacedemónios e seus aliados, nem mesmo por qualquer invenção técnica ou por qualquer engenho mecânico. Se porventura alguma dissensão surgir entre as duas partes, dever-se-á recorrer aos tribunais e aos juramentos, em conformidade com o que venham a acordar. [5] Os Lacedemónios e aliados deverão entregar Anfípolis aos Atenienses. Quanto ao número de cidades que os Lacedemónios cedem aos Atenienses, será permitido aos seus habitantes que delas saiam, se assim quiserem, e para onde escolherem, juntamente com os seus pertences. E essas cidades, desde que paguem os impostos estabelecidos no tempo de Aristides, serão independentes. Não será legal que os Atenienses e os seus aliados recorram ao uso das armas com fins de agressão, depois da ratificação, desde que o imposto por elas seja pago. Essas cidades são Árgilo, Estagiros, Acanto, Estolo, Olinto, Espartolo. Não deverão ser aliadas de qualquer das partes, nem dos Lacedemónios nem dos Atenienses. Se porém os Atenienses conseguirem persuadir estas cidades, será permitido que elas por sua livre vontade considerem os Atenienses como seus aliados. [6] Os Meciberneus e os Saneus e os Singeus devem habitar as suas cidades, nos mesmos termos que os Olintos e os Acântios. [7] Os Lacedemónios e seus aliados deverão devolver Panacto aos Atenienses. Os Atenienses deverão devolver aos Lacedemónios Corifásio, Citera, Metana, Pteleon e Atalante. Deverão ser restituídos à liberdade quantos Lacedemónios estiverem na prisão pública em Atenas, ou em qualquer outro lado sob o

domínio dos Atenienses e onde haja uma prisão pública, e os homens do Peloponeso que em Cíone estão a ser cercados e todos os outros que como aliados dos Lacedemónios estão em Cíone, e todos quantos Brásidas para ali mandou, acontecendo o mesmo com algum dos aliados dos Lacedemónios que estiver numa prisão pública em Atenas ou em qualquer outra parte dominada pelos Atenienses e onde haja uma prisão pública. Os Lacedemónios e seus aliados deverão da mesma forma restituir todos os Atenienses e seus aliados que estejam nas mesmas condições. [8] No caso de os Atenienses terem alguma outra cidade, além das dos Cioneus, Toroneus e Sermílios, devem os Atenienses sobre elas deliberar, como porventura sobre outras na mesma situação, conforme lhes parecer. [9] Devem os Atenienses proferir os juramentos que concernem os Lacedemónios e aliados, cidade por cidade. Que cada uma das partes jure da maneira que mais a comprometa, por meio de dezassete pessoas por cada cidade. A fórmula será concebida assim: 'Obedecerei a este acordo e tratado de forma justa e sem dolo.' O juramento será prestado pelos Lacedemónios e seus aliados nos mesmos termos para com os Atenienses. Ambas as partes renovarão o juramento, ano após ano. [10] Devem ser levantadas estelas em Olímpia, em Delfos, no Istmo, em Atenas na Acrópole, em Lacedémon, em Amiclas. [11] Se algum caso for esquecido acerca de qualquer assunto por qualquer das partes, deve ser ele ditado em palavras compatíveis com qualquer dos juramentos e de comum acordo, alterado também por ambos, Atenienses e Lacedemónios.

XIX. "O tratado entra em vigor sendo éforo Plistolas, no quarto dia antes do fim do mês Artemísio, e em Atenas, quando Alceu é arconte, no sexto dia antes do mês Elafebólion. Juraram e ratificaram o tratado as seguintes pessoas: [2] em nome dos Lacedemónios, Plistóanax, Ágis, Plístolas, Damageto, Quíonis, Metágenes, Acanto, Dáito,

Iscágoras, Filocárides, Zêuxidas, Antipo, Télis, Alcinadas, Empédias, Menas, Láfilo; em nome dos Atenienses, Lâmpôn, Istmiônico, Nícias, Laques, Eutidemo, Procles, Pitoro, Hágnon, Mírtilo, Trasicles, Teágenes, Aristócrates, Iólcio, Timócrates, Leonte, Lâmaco, Demóstenes.”

XX. Este tratado foi concluído no fim do Inverno, mesmo no princípio da Primavera, logo a seguir às festividades da cidade em honra de Diónisos. Tinham passado exactamente, com poucos dias de diferença, dez anos desde o começo desta guerra, com a primeira invasão da Ática. [2] Os períodos devem ser contados pelas estações do ano e não de acordo com a sucessão ou dos arcontes ou dos cargos honoríficos, que marcam acontecimentos passados na convicção de que é preferível dar crédito à enumeração dos nomes. Ora tal processo não é exacto, pois o acontecimento pode ter-se dado no começo ou no meio das suas funções, ou em qualquer altura do seu termo. [3] Contando por Verões e por Invernos, conforme temos feito nesta história, descobrir-se-á, que cada uma dessas estações corresponde a metade de cada ano, ou seja, dez Verões e igual número de Invernos, que se sucederam nesta primeira guerra.

XXI. Os Lacedemónios, porque lhes cabia serem os primeiros a restituir o que estava na sua posse, mandaram em liberdade os prisioneiros de guerra que estavam nas suas mãos e enviaram Iscágoras, Menas e Filocárides como embaixadores para a Trácia com ordens para Cleárides entregar Anfípolis aos Atenienses e identicamente para os seus aliados a fim de que aceitassem o tratado conforme o que para cada um tinha sido determinado. [2] Estes porém recusaram, porque não o consideravam conveniente. Tão-pouco Cleárides entregou a cidade com o fim de obrigar os Calcídicos com esse favor, pretextando que não seria capaz de a restituir contra a vontade deles. [3] Apressou-se ele então

a dirigir-se em pessoa para Lacedémon, juntamente com os embaixadores, para se defender, no caso de ser acusado por Iscágoras e seus colegas de não ter obedecido, ao mesmo tempo que pretendia averiguar se ainda se estava a tempo de alterar o acordo; ao ver que os Lacedemónios estavam comprometidos por juramento, voltou rapidamente para trás com ordens, da parte deles, para que dentro do possível entregasse o lugar, ou então, que saíssem todos os Peloponésios que estivessem lá dentro.

XXII. Os aliados estavam pessoalmente presentes em Lacedémon, e aos que entre eles não aceitavam o tratado, mandaram os Lacedemónios que o fizessem. Com o mesmo pretexto por que inicialmente tinham recusado, disseram que o não aceitavam, a menos que fossem combinadas condições mais justas do que as actuais. [2] Como eles não lhes dessem ouvidos, os Lacedemónios mandaram-nos embora e, por sua parte, fizeram uma aliança com os Atenienses, pois calculavam que os Argivos com eles não fariam aliança, visto terem recusado a sua renovação, quando da vinda de Ampélicas e Licas, o que os levava a pensar que sem os Atenienses eles não seriam perigosos e que então o resto do Peloponeso poderia viver em paz, porque seria para o lado dos Atenienses que se inclinariam se pudessem. [3] Como estavam presentes delegados dos Atenienses, houve uma reunião e chegaram a um acordo, cujos termos, feitos os juramentos, são estes:

XXIII. “Os Lacedemónios e os Atenienses serão aliados durante cinquenta anos: se alguns inimigos invadirem a terra dos Lacedemónios para lhes fazerem mal, os Atenienses deverão vir em auxílio dos Lacedemónios da forma mais eficaz que puderem, com o poder que estiver às suas ordens. Se os que praticaram a devastação, tiverem partido, a sua cidade deverá ser inimiga dos Lacedemónios e dos Ate-

nienses, e terá de ser castigada por ambos os povos, cujas duas cidades terão de chegar a acordo ao mesmo tempo. Estes princípios devem ser entendidos com honestidade, com lealdade e sem dolo. [2] Se alguns inimigos invadirem a terra dos Atenienses para lhes fazerem mal, os Lacedemónios deverão vir em auxílio dos Atenienses da forma mais eficaz que puderem, com o poder que estiver às suas ordens. Se os que praticaram a devastação, tiverem partido, a sua cidade deverá ser a inimiga dos Lacedemónios e Atenienses e terá de ser castigada por ambos os povos, cujas duas cidades terão de chegar a acordo ao mesmo tempo. Estes princípios devem ser entendidos com honestidade, com lealdade e sem dolo. [3] Se alguma insurreição de escravos acontecer, os Atenienses deverão ajudar os Lacedemónios com toda a força que puderem. [4] Juram estas cláusulas as pessoas que de ambos os lados juraram os outros tratados. Será este renovado todos os anos, e para tal finalidade, os Lacedemónios irão a Atenas na altura das Dionísias, e os Atenienses a Lacedémon na altura das Zacíntias. [5] Cada parte deverá erigir uma estela, em Lacedémon, junto do templo de Apolo em Amiclas, e outra em Atenas na Acrópole perto da estátua de Atena. [6] Se parecer necessário aos Lacedemónios e aos Atenienses acrescentarem ou retirarem qualquer elemento da aliança, o que porventura parecer, deverá estar de acordo com os juramentos de ambas as partes.

XXIV. “Pelos Lacedemónios prestaram juramento as seguintes pessoas: Plistóanax, Ágis, Plístolas, Damageto, Quíonnis, Menes, Acanto, Dáito, Iscágoras, Filocárides, Zêuxidas, Antipo, Alcínadas, Télis, Empédias, Menas, Láfilo; pelos Atenienses, Lâmpson, Istmiónico, Laques, Nícias, Eutidemo, Procles, Pitodoro, Hágnon, Mírtilo, Trasicles, Teágenes, Aristócrates, Iólcio, Timócrates, Leonte, Lâmaco, Demóstenes.” [2] Esta aliança foi feita não muito depois dos tratados de paz, e os Atenienses entregaram aos Lacedemónios os homens

presos na ilha de Esfactéria, e assim começou o Verão do décimo primeiro ano. Durante esses dez anos a primeira guerra, que agora é descrita, foi travada continuamente.

Entre duas guerras

XXV. Depois do tratado de paz e da aliança entre Lacedemónios e Atenienses, que foram concluídos a seguir ao décimo ano de guerra, ano do eforado de Plístolas em Lacedémon e no arcontado de Alceu em Atenas, os povos que aceitaram o acordo viveram em paz, mas os Coríntios e algumas cidades do Peloponeso vieram perturbar o que fora acordado, o que imediatamente levantou celeuma entre os aliados contra Lacedémon. [2] Pela mesma altura, à medida que o tempo avançava, os Lacedemónios passaram a ser suspeitos aos olhos dos Atenienses, pois nalguns pontos não cumpriam os princípios que tinham sido acordados. [3] No prazo de seis anos e dez meses abstiveram-se contudo de invadir os territórios uns dos outros, noutras zonas porém, devido a um armistício pouco estável, atacavam-se os povos uns aos outros o mais que podiam. Dez anos passados, começaram à força a impor um fim ao tratado de paz, e de novo se declararam abertamente a guerra.

Depois da paz instável, a guerra muda para longe

XXVI. A história deste período foi escrita regularmente pelo mesmo Tucídides, cidadão ateniense, na ordem cronológica em que cada um dos acontecimentos sucedeu, seguindo Verões e Invernos, até ao momento em que os Lacedemónios e seus aliados puseram fim ao domínio dos Atenienses e ocuparam as Grandes Muralhas e o Pireu. Até essa altura somaram-se na sua totalidade vinte e sete anos de guerra.

[2] Se alguém não julga acertado incluir na guerra as tréguas, que se fizeram no meio, é porque não pensará corretamente. Basta que olhe com discernimento para os factos, para que logo julgue não ser aceitável considerar autêntica aquela paz, durante a qual nem restituíram, nem receberam tudo o que tinha sido determinado. Para além destas, outras faltas ocorreram por culpa de ambas as partes, além das guerras de Mantinea e de Epidauro, os aliados na Trácia eram hostis como sempre, enquanto os Beócios tinham tréguas renovadas só por dez dias. [3] É assim que, incluindo a primeira fase da guerra de dez anos e as desconfiadas tréguas que lhe seguiram, e a guerra que veio depois, quem quer que seja encontrará esse número de anos, se meter na conta as estações, se lhes forem acrescentados alguns dias e não muitos, e também, no que respeita os que depositam a confiança nos oráculos, que só este caso se pode verdadeiramente confirmar. [4] No que me diz respeito, lembro-me sempre, desde o princípio da guerra até ao momento em que acabou, que muitos diziam que a guerra tinha de durar três vezes nove anos. [5] Vivi durante todo esse período, tendo uma idade em que já compreendia os factos e os examinava com atenção de maneira a conseguir ser exacto. Aconteceu-me também ter de me exilar da minha terra, durante vinte anos, depois do comando que assumi em Anfípolis, e estando presente em ambas as partes, mais frequentemente do lado dos Peloponésios devido ao meu exílio, tive tempo para conhecer melhor o que se passava. [6] É portanto a discórdia depois dos dez anos, a ruptura do tratado e as hostilidades que se lhe seguiram que vou agora descrever.

Argos no centro político da guerra

XXVII. Depois da conclusão do tratado de paz por cinquenta anos e seguidamente à aliança, as embaixadas vindas

do Peloponeso, que tinham sido chamadas para estas negociações, retiraram-se de Lacedémon. [2] O resto foi para suas terras, mas os Coríntios passaram primeiro por Argos e entraram em conversações com alguns dirigentes argivos, apontando para o facto de que os Lacedemónios, depois de terem firmado um tratado e uma aliança com os Atenenses, considerados antes como os seus piores inimigos, o fizeram, não para o bem do Peloponeso, mas para o submeter ao seu poderio e que, portanto, os Argivos deviam começar a ver de que forma o Peloponeso poderia ser salvo, promulgando um decreto que convidasse toda e qualquer cidade helénica que o quisesse, desde que fosse independente e proporcionasse sentenças equilibradas e justas, a poder formar uma aliança com os Argivos de forma a garantir mútua defesa e a nomear um pequeno número de magistrados a quem desse plenos poderes, sem contudo discutir com o povo estes assuntos de política internacional, para que não fossem conhecidos dos Lacedemónios os que não conseguissem convencer a maioria. E afirmaram que muitos se lhes juntariam porque odiavam os Lacedemónios. [3] Depois de terem sugerido estas medidas, os Coríntios regressaram a casa.

XXVIII. Mas os homens argivos que as tinham ouvido, transmitiram estas sugestões aos governantes e ao povo, e os Argivos aprovaram um decreto e designaram doze homens com os quais podia negociar uma aliança qualquer povo dos Helenos que o desejasse, exceptuando Atenenses e Lacedemónios. A nenhum destes, contudo, era permitido chegar a acordo com Argos sem o conhecimento do povo argivo. [2] Argos de facto aceitou esse plano principalmente porque era evidente que lhe viria a tocar uma guerra com os Lacedemónios, pois que o tratado com estes estava em vias de expirar, e igualmente porque esperavam ganhar o poder hegemónico sobre o Peloponeso. Nessa altura ouvia-se falar muito mal de Lacedémon, porque descera na con-

sideração popular devido aos seus desastres, enquanto os Argivos se encontravam em excelente situação em todos os aspectos, uma vez que não tinham tomado parte na guerra ática, pois estavam em paz com ambas as partes e disso tinham colhido frutos. [3] Foi assim que os Argivos se preparavam para acolher as alianças dos Helenos que o quisessem.

XXIX. Foram os Mantineus e seus aliados os primeiros que avançaram, por temerem os Lacedemónios. Ainda durava a guerra contra os Atenenses, quando aos Mantineus foi possível reduzir ao seu domínio certa parte da Arcádia, e estavam convencidos de que os Lacedemónios não ficariam indiferentes a esse seu domínio, visto que tinham agora a tranquilidade para interferir. Foi assim que com contentamento se voltaram para os Argivos, considerando a cidade poderosa e tradicionalmente diferente da dos Lacedemónios, e governada democraticamente como a deles próprios. [2] Quando os Mantineus mudaram de lado, o resto do Peloponeso começou a murmurar que também eles deviam fazer o mesmo, pois pensavam que os Mantineus tinham passado para o outro lado, por estarem mais bem informados, mas também tinham ódio aos Lacedemónios, entre outras razões, porque no tratado ático de tréguas estava escrito que não se quebrava o juramento, caso se acrescentasse ou retirasse qualquer cláusula, desde que tal parecesse conveniente às duas cidades, aos Lacedemónios e aos Atenenses. [3] Esta cláusula estava a causar o pânico no Peloponeso e a lançar a suspeição de que juntamente com os Atenenses queriam os Lacedemónios escravizá-los. Para eles seria mais justo, que a introduzir qualquer alteração, ela fosse feita com o acordo de todos os aliados. [4] Por temerem isto, muitos precipitaram-se para fazer cada um independentemente uma aliança com os Argivos.

XXX. Os Lacedemónios logo que se deram conta deste murmurar crescente no Peloponeso e que os Coríntios tinham sido os seus instigadores, pois eles próprios já estavam prontos para fazer um acordo com Argos, mandaram embaixadores a Corinto na intenção de interromper o que estava em curso; acusavam-nos de terem lançado todo este processo e, no caso de se revoltarem contra eles e de se tornarem aliados dos Argivos, de estarem a trair os termos dos juramentos e de já estarem a prevaricar ao não aceitarem o tratado com os Atenienses, porque tinha sido combinado que devia ser respeitado por todos o que fosse decretado pela maioria dos aliados, a menos que houvesse algum impedimento vindo da parte dos deuses e dos heróis. [2] Os Coríntios, na presença de todos os seus aliados (pois tinham-nos convocado antecipadamente) os quais, como eles, não tinham aceite o tratado, em resposta aos Lacedemónios, indagaram em que aspectos tinham eles prevaricado, sem revelarem abertamente que os Lacedemónios não tinham recuperado dos Atenienses para eles, nem Sólio, nem Anactório, nem tão-pouco outros sectores em que consideravam ter sido prejudicados, e avançaram com a desculpa de que não poderiam abandonar os seus aliados na Trácia, por lhes terem prestado juramento, em privado, no momento em que eles se tinham revoltado juntamente com os Potideus, e seguidamente noutras ocasiões. [3] Por isso mesmo afirmavam que não tinham violado os juramentos dos aliados, quando não tinham querido assinar o tratado com os Atenienses. Com fé nos deuses tinham prestado juramento àqueles aliados e portanto seria não respeitá-los se os traíssem. Ora o que se dizia para mais era: “se não houver qualquer impedimento vindo da parte dos deuses e dos heróis”; e parecia-lhes que este era um impedimento de natureza divina. [4] E deram argumentos do mesmo teor acerca dos antigos juramentos, mas quanto ao assunto atinente à aliança com Argos, disseram que estavam dispostos a conferenciar com os amigos e a fazer o que lhes

parecesse justo. [5] E os embaixadores dos Lacedemónios regressaram então a casa. Acontecia, porém, que em Corinto estavam presentes os embaixadores dos Argivos, que aconselhavam os Coríntios a avançar para a aliança sem demoras. Estes pediram-lhes contudo para estarem presentes no próximo congresso que seria em Corinto.

XXXI. Pouco depois veio uma embaixada de Elidenses e fez uma aliança com os Coríntios e seguidamente dali se dirigiram para Argos, conforme lhes tinha sido aconselhado, e tornaram-se aliados dos Argivos. Tinham tido de facto discordâncias com os Lacedemónios no que dizia respeito a Lépreo. [2] Na verdade, quando tinha sido travada uma guerra entre os Lepreatas contra alguns Arcádios, os Elidenses tinham sido convidados pelos Lepreatas a fazer uma aliança mediante a oferta de metade do seu território, mas ao terem posto fim à guerra, os Elidenses, deixando os Lepreatas na posse das suas terras, começaram-lhes contudo a cobrar um imposto de um talento a pagar a Zeus de Olímpia. [3] Até à guerra com Atenas pagaram o tributo, mas depois, com o pretexto da guerra, cessaram o pagamento, e os Elidenses tentaram obrigá-los a pagar, e eles recorreram então aos Lacedemónios. Tendo sido a arbitragem entregue aos Lacedemónios, suspeitaram os Elidenses, que a sentença não seria justa, e então renunciando ao processo, desvastaram as terras dos Lepreatas. [4] Nem por isso os Lacedemónios deixaram de levar o caso a julgamento e até ao fim, defendendo que os Lepreatas eram independentes e que os Elidenses eram agressores e como estes não respeitassem a sentença, mandaram uma guarnição de hoplitas para Lépreo. [5] Os Elidenses porém considerando que os Lacedemónios tinham recebido sob a sua protecção uma cidade que era deles e que se tinha revoltado, invocaram um acordo no qual se dizia que os aliados manterão na sua posse os territórios que tinham por ocasião da guerra com a Ática e

depois dela acabar, e por não julgarem a sentença justa, dirigiram-se para os Argivos e também com eles fizeram uma aliança, conforme as instruções recebidas. [6] Imediatamente a seguir, também os Coríntios e os Calcídicos da Trácia se tornaram aliados dos Argivos. Quanto aos Beócios e Megarenses, embora defendessem as mesmas ideias, não agiram de momento, e avaliavam os acontecimentos por julgarem que o tipo de democracia dos Argivos lhes era menos favorável, a eles que tinham um governo oligárquico, do que a constituição dos Lacedemónios.

XXXII. Por volta desses mesmos tempos e durante o Verão, os Atenienses tendo vencido no cerco os Cioneus, mataram os adultos do sexo masculino, e reduziram à escravatura mulheres e crianças, e deram o território aos Plateenses para que o habitassem. De novo repatriaram os Délios para Delos, impressionados pelas suas desventuras em batalhas e pelos oráculos do deus em Delfos. [2] Foi então que os Focenses e os Lócrios começaram as hostilidades. [3] E os Coríntios e os Argivos, que eram já aliados, avançaram para Tegeia a fim de provocar uma revolta contra os Lacedemónios, e vendo que era uma zona importante do Peloponeso, se tudo lhes corresse bem, julgavam poder em breve ter com eles o Peloponeso inteiro. [4] Como os Tegeatas se manifestassem contra a ideia de defrontar os Lacedemónios, os Coríntios que até então tinham actuado com grande zelo, abrandaram o seu ardor e ficaram com receio de que mais nenhum dos outros Peloponésios se lhes quisesse juntar. [5] De qualquer forma, dirigiram-se aos Beócios e pediram-lhes, assim como aos Argivos, para serem seus aliados e que depois agissem concertadamente com eles. Além disso, pediram os Coríntios aos Beócios, que os acompanhassem a Atenas para solicitarem para si tréguas de dez dias, como as que se tinham declarado entre Atenienses e Beócios, não muito depois de concluído o tratado dos

cinquenta anos, e que as obtivessem para eles, nos mesmos termos que os Beócios tinham conseguido, e se os Atenien-
ses não aceitassem a proposta, que recusassem o armistício e
não fizessem no futuro qualquer tratado de paz sem os
Coríntios. [6] Ao serem feitos estes pedidos pelos Coríntios,
os Beócios pediram-lhes que esperassem, devido à aliança
com os Argivos, mas mesmo assim foram com os Coríntios
a Atenas e não conseguiram as tréguas, por lhes responde-
rem os Atenenses que tréguas já existiam com os Coríntios,
uma vez que estes eram aliados dos Lacedemónios. [7] Mas
os Beócios não renunciaram vez alguma às tréguas de dez
dias, apesar de os Coríntios o terem pedido e os terem
acusado de nesse sentido terem acordado com eles. Con-
tudo, entre Coríntios e Atenenses houve um armistício sem
tréguas oficiais.

XXXIII. Ainda nesse Verão, os Lacedemónios, sob o
comando de Plistóanax, filho de Pausânias, rei dos Lacede-
mónios, marcharam com todas as suas tropas para o territó-
rio dos Parrásios da Arcádia, que eram vassalos dos Manti-
neus, os quais os tinham chamado devido a uma revolta
entre facções e ao mesmo tempo para virem destruir a for-
taleza de Cípsela, caso fosse possível, que tinha sido cons-
truída pelos Mantineus, sendo deles a guarnição e a base
situada em território parrásio que era hostil a Ciritide na
Lacónia. [2] Por consequência, os Lacedemónios arrasaram
as terras dos Parrásios e dos Mantineus e entregaram a
cidade aos guardas argivos, e tentaram ainda defender a sua
confederação, mas não conseguindo salvar a fortaleza Cípsela,
nem tão-pouco as cidades na Parrásia, retiraram-se. [3] Os
Lacedemónios depois de terem dado a independência aos
Parrásios, arrasaram a fortaleza e voltaram para casa.

XXXIV. Nesse Verão também, os soldados que tinham
ido com Brásidas voltaram da Trácia, e foram dali trazidos

por Cleáridas, depois das tréguas. Logo os Lacedemónios decretaram que aos Hilotas, que tinham combatido com Brásidas, fosse concedida a liberdade e que pudessem habitar onde desejassem. Não muito depois instalaram-nos com os Neámodes em Lépreo, que está situado na fronteira da Lacónia e da Élida, visto que nessa altura estavam em conflito. [2] Mas quanto aos seus homens que tinham sido fracos na ilha e tinham entregue as armas, temeram que devido à infelicidade sofrida, se sentissem inferiorizados a ponto de poderem revoltar-se, se continuassem a gozar de todos os seus direitos. Sem perda de tempo privaram-nos de alguns dos seus direitos, embora alguns ainda estivessem em funções nessa altura, consistindo esta restrição em não poderem exercer funções com responsabilidade, nem serem autorizados a comprar ou a vender fosse o que fosse. Passado algum tempo, contudo, os seus direitos foram-lhes de novo restituídos.

XXXV. Nesse mesmo Verão o povo de Díon apoderou-se de Tisso, uma cidade aliada de Atenas, situada em Acte no promontório de Atos. [2] Durante todo esse Verão, tudo o que se passava era realizado num intercâmbio de relações entre Atenienses e Peloponésios, pois ambas as partes suspeitavam uma da outra logo depois da conclusão do tratado, visto que não tinham procedido à entrega dos territórios nele especificados. [3] Os Lacedemónios que tinham tirado em sorte o lote e que deviam ser os primeiros a restituir, não o tinham feito com Anfípolis e outros lugares, nem tão-pouco tinham levado os seus aliados na Trácia a aceitar o tratado, procedendo da mesma forma com os Beócios e os Coríntios, embora continuassem sempre a dizer que, em conjunto com os Atenienses, os forçariam a aceitar mesmo que não quisessem. Propuseram datas, mas sem ser por escrito, durante as quais se estabelecia que seriam inimigos de ambos os que não assinassem o tratado. [4] Vendo os

Atenienses, que nenhuma destas promessas era posta em prática, suspeitaram que os Lacedemónios não tinham boas intenções, e assim não só não devolveram Pilos, quando os Lacedemónios o pediram, como também se arrependeram de terem restituído os prisioneiros feitos na ilha, e continuaram a ocupar outras regiões, esperando até que os outros fizessem o que lhes competia. [5] Os Lacedemónios, por outro lado, afirmavam terem feito o que podiam: restituíram-lhes os prisioneiros atenienses que estavam nas suas mãos, evacuaram os soldados que tinham na Trácia e executaram tudo o resto que estava em seu poder. Diziam também que não tinham poder sobre Anfípolis para a entregar, mas que tentariam trazer os Beócios e os Coríntios para dentro do tratado, reaver Panacto e tentar que fossem restituídos todos os prisioneiros atenienses em poder dos Beócios. [6] Mas exigiam que os Atenienses lhes entregassem Pilos e se não, que retirassem os Messénios e os Hilotas, tal como eles próprios o tinham feito com as tropas da Trácia, e no território podiam os próprios Atenienses instalar a guarnição se quisessem. [7] Por muitas vezes houve frequentes conferências durante aquele Verão, até que convenceram os Atenienses a retirarem de Pilos os Messénios e o resto dos Hilotas e todos os que tinham desertado da Lacónia. Os Atenienses deslocaram estes para Crânios na Cefalénia. [8] Foi assim que este Verão se passou em paz e no contacto mútuo.

Tentativa de reforço político lacedemónico no Peloponeso

XXXVI. No Inverno seguinte (eram já outros os éforos e não aqueles em cujo mandato tinha sido feito o tratado, sendo alguns dos recém-chegados contra o tratado), vieram então embaixadores da Confederação Aliada dos Lacede-

mónios, bem como se apresentaram Atenienses, Beócios e Coríntios, e não tendo chegado a qualquer acordo, depois de muita discussão entre eles, quando os embaixadores estavam para voltar para casa, Cleobulo e Xenares, entre os éforos, que eram os que mais desejavam anular o tratado, aproveitaram esta ocasião para particularmente mandarem mensagens aos Beócios e aos Coríntios, em que lhes sugeriam que coordenassem o mais possível as suas estratégias, e aos Beócios para serem primeiramente aliados dos Argivos e tentarem então, já na sua companhia, levar os Argivos a serem aliados dos Lacedemónios. Desta forma os Beócios sentir-se-iam menos forçados a aceitar o tratado com os Atenienses, visto que os Lacedemónios preferiam mesmo com o custo da inimizade com Atenas e da dissolução do tratado, que os Argivos se tornassem seus amigos e aliados. Sabiam os Beócios que os Lacedemónios sempre tinham desejado que Argos tivesse boas relações com eles, pois estavam convencidos de que seria para eles mais fácil fazer a guerra fora do Peloponeso. [2] Pediram por isso aos Beócios que entregassem Panacto aos Lacedemónios, para que estes em troca dela, caso fosse possível, conseguissem recuperar Pilos e assim se preparassem para com mais facilidade entrar em guerra com os Atenienses.

XXXVII. Depois de receberem estas propostas de Xenares e de Cleobulo e dos Lacedemónios que eram seus amigos, com o fim de as transmitirem aos seus governos, os Beócios e os Coríntios regressaram. [2] Dois elementos dos mais altos escalões da governação em Argos esperaram por eles quando partiram e juntaram-se-lhes no caminho para falarem em conjunto no sentido de proporem aos Beócios que fossem seus aliados, tal como eram os Coríntios, os Eli-denses e os Mantineus, pois pensavam que se tal se concretizasse, seria mais fácil, defendendo as mesmas posições, fazer a guerra ou fazer a paz com os Lacedemónios, se por-

ventura quisessem, ou com quem quer que fosse, se necessário. [3] Agradou aos enviados beócios o que ouviam, e ao acaso, pediram-lhes para fazer o que os seus amigos em Lacedémon lhes tinham proposto. Os dois Argivos logo que se deram conta de que a sua sugestão era aceite, disseram que enviariam legados aos Beócios, e foram-se embora. [4] Ao chegarem os Beócios, transmitiram as mensagens aos beotarcas, tanto a que provinha dos Lacedemónios como a dos Argivos, com quem se tinham encontrado. Os beotarcas, agradados com a ideia, sentiram-se com mais entusiasmo, visto que de ambas as partes coincidiam serem iguais as propostas dos Beócios às que lhes tinham sido feitas pelos seus amigos entre os Lacedemónios. [5] Não muito depois compareciam os embaixadores dos Argivos a apresentarem as propostas combinadas; e os beotarcas aprovaram as propostas e despediram-se dos embaixadores com a promessa de mandarem legados a Argos para negociar a aliança.

XXXVIII. Entretanto foi decidido pelos beotarcas, pelos Coríntios, pelos Megarenses e pelos enviados da Trácia fazerem entre si um juramento de virem em primeiro lugar em auxílio uns dos outros em qualquer caso que fosse necessário e de não fazerem a guerra ou a paz sem ser de comum acordo, e desta forma já os Beócios e os Megarenses, pois agiam em conjunto, podiam fazer a aliança com Argos. [2] Antes porém de procederem aos juramentos, os beotarcas comunicaram estes propósitos aos quatro conselhos dos Beócios, que detêm todo o poder, e aconselharam-nos a trocar juramentos com as cidades, que estivessem dispostas a com eles jurar uma defesa comum. [3] Contudo, os membros dos conselhos beócios não acederam a esta proposta, porque iriam fazer um acto hostil contra os Lacedemónios, quando em comum jurassem com os Coríntios, que daqueles tinham desertado. Não lhes tinham os beotarcas dito o que se tinha passado com Lacedémon, nem que os éforos

Cleobulo e Xenares, bem como os seus amigos, os tinham aconselhado a primeiramente fazerem uma aliança com os Argivos e com os Coríntios, e só depois desta, uma aliança com os Lacedemónios, pois estavam convencidos, embora nada revelassem, que nunca se faria uma votação diferente, daquela que tinham explicado e aconselhado. [4] Quando esta dificuldade se levantou, os Coríntios e os enviados da Trácia foram-se embora, sem que nada tivessem conseguido, mas os beotarcas que primeiramente tinham decidido, se levassem a sua avante, tentarem também fazer uma aliança com os Argivos, nem sequer levaram a questão dos Argivos aos conselhos, [5] nem mandaram a Argos os enviados, como tinham prometido, e então certa indiferença e lentidão instalaram-se neste processo.

XXXIX. Naquele mesmo Inverno, os Olíntios assaltaram e conquistaram Meciberna, que tinha uma guarnição ateniense. [2] Depois destes acontecimentos, enquanto se processavam negociações entre Atenienses e Lacedemónios acerca das conquistas que uns e outros tinham feito, os Lacedemónios esperavam que, se os Atenienses conseguissem reaver dos Beócios Panacto, eles poderiam recuperar Pilos, e enviaram uma embaixada aos Beócios para lhes pedirem que remetessem ao seu poder Panacto e os prisioneiros atenienses, para que, em troca deles, obtivessem Pilos de volta. [3] Mas os Beócios negaram-se a entregá-los, a menos que fizessem com eles uma aliança particular, tal como tinham feito com os Atenienses. Sabiam, contudo, os Lacedemónios que assim entrariam em falta com os Atenienses, pois tinha sido combinado, que sem cada uma das partes, nem a paz nem a guerra se poderiam fazer, queriam no entanto entrar na posse de Panacto a fim de que pudessem obter Pilos em troca, e os que estavam ansiosos por anular o tratado e preferiam uma aliança com os Beócios, fizeram-na já no fim do Inverno na transição para a Primavera. E Panacto

foi imediatamente arrasada. Assim acabou o décimo primeiro ano da guerra.

A diplomacia ateniense entra nas negociações

XL. Logo nos dias em que o Verão se sucedeu à Primavera, os Argivos vendo que não chegavam embaixadores dos Beócios, que eles tinham prometido mandar, e dando-se conta de que Panacto estava a ser destruída e que uma autêntica aliança particular tinha sido concluída entre Beócios e Lacedemónios, tiveram receio de ficar isolados e de que todos os seus aliados se passassem para o lado dos Lacedemónios. [2] Estavam convencidos de que os Beócios tinham sido persuadidos pelos Lacedemónios a arrasar Panacto e a entrar no tratado juntamente com os Atenienses e que os Atenienses estavam por dentro desta manobra, para que deixasse de ser possível fazerem eles uma aliança mesmo com os Atenienses. Se devido às tensões existentes não lhes fosse possível fazer um tratado de paz com os Lacedemónios, esperavam então ser aliados dos Atenienses. [3] Portanto, os Argivos, conscientes destes problemas, e temendo terem de se bater contra Lacedemónios, Tegeates, Beócios e Atenienses ao mesmo tempo, porque antes não tinham aceitado o tratado com os Lacedemónios, tendo também a pretensão de virem a mandar no Peloponeso, mandaram o mais depressa que puderam a Lacedémon como embaixadores, Eústrofo e Êson, que julgavam ser para aqueles os mais aceitáveis, com a finalidade de rapidamente poderem assinar dentro das circunstâncias presentes, um tratado que fosse o melhor possível, com os Lacedemónios, nos termos que se conseguissem negociar para obter a paz.

XLI. Chegaram os embaixadores e apresentaram as suas propostas aos Lacedemónios nos termos em que deveria ser

concebido o tratado. [2] Logo de princípio pediram os Argivos que lhes fosse dada a possibilidade de arbitragem, ou por uma cidade, ou por uma entidade privada, para decidir sobre a questão da terra Cinúria, terra fronteira por cuja posse sempre se lutou; tem no seu território as cidades de Tireia e Antena, e são os Lacedemónios que as ocupam. Depois de os Lacedemónios não deixarem que dela se falasse, mas estarem prontos a aceitar o tratado na sua redacção antiga, os enviados Argivos conseguiram que os Lacedemónios cedessem nos seguintes termos: “Na altura presente começou uma época de tréguas para durar cinquenta anos, que devia convir a ambas as partes implicadas, e que se não houver nem peste nem guerra em Lacedémon ou Argos, deverão desafiar-se e combater por aquela terra, como no passado aconteceu numa altura em que ambos se julgaram vencedores, não sendo permitido continuar para além das fronteiras da Lacedemónia e de Argos.” [3] Os Lacedemónios primeiramente consideraram esta proposta uma loucura, mas depois, visto desejarem a todo o custo que Argos fosse amiga, aceitaram as condições pedidas e assinaram-nas em conjunto. Pediam os Lacedemónios, contudo, que antes de finalizarem as negociações, regressassem primeiramente os embaixadores a Argos e as mostrassem ao Povo, e, se fossem aprovadas, que viessem para as festas Zacíntias, e então fizessem os juramentos. Os enviados puseram-se a caminho.

XLII. Durante o tempo em que os Argivos se ocupavam nestas negociações, os embaixadores dos Lacedemónios, Andrómenes, Fédimo e Antimenides, a quem competia devolver aos Atenienses Panacto e os prisioneiros que lhes seriam entregues pelos Beócios, descobriram que Panacto tinha sido destruída pelos próprios Beócios com a desculpa de que, devido a uma disputa sobre este assunto, tinham sido antigamente trocados juramentos entre eles e os

Atenienses, segundo os quais nenhum dos povos habitaria aquele lugar, mas que em comum dele se serviriam para pastorear o gado. Quanto aos Atenienses, que os Beócios retinham como prisioneiros, foram estes entregues a Andrómedes e seus colegas e por estes foram conduzidos e restituídos aos Atenienses. A respeito de Panacto e sua demolição disseram-lhes os embaixadores que pensaram valer esta como uma restituição, pois nunca mais qualquer inimigo dos Atenienses ali se poderia instalar. [2] Levaram estes muito a mal o que lhes disseram, por estarem convictos de que tinham sido tratados injustamente pelos Lacedemónios, não só devido à demolição de Panacto, que lhes devia ter sido entregue em bom estado, mas porque suspeitavam que eles tinham estabelecido com os Beócios e separadamente uma aliança particular, embora antes tivessem prometido a Atenas uma aliança em conjunto e forçado a aceitar o tratado, mesmo os que o não queriam. Também consideraram outros aspectos em que os Lacedemónios tinham falhado no esforço comum e estavam convictos de terem sido enganados, de tal forma que responderam desagradavelmente aos embaixadores e os mandaram embora.

XLIII. Depois de uma tal ruptura entre Lacedemónios e Atenienses, os que em Atenas desejavam cancelar o tratado, puseram-se imediatamente em acção. [2] Entre outros estava neste grupo Alcibíades, filho de Clínias, um homem que em qualquer outra cidade era ainda muito novo de idade, mas que era conhecido pela distinção dos seus antepassados. Parecia-lhe a ele que era preferível estar aliado aos Argivos, mas não era só por esta razão que se sentia irritado e o levava a opor-se; era porque os Lacedemónios tinham negociado as tréguas por intermédio de Nícias e de Laques, olhando-o por cima do ombro devido à sua pouca idade, e porque não tinham respeitado a antiga ligação da sua família com eles, como proxénia, a qual tinha sido renunciada pelo

seu avô, mas que ele próprio estava a pensar renovar, no momento em que tratou com os prisioneiros deles trazidos da ilha de Esfactéria. [3] Julgou pois que o seu lugar tinha sido desrespeitado em todos os aspectos, ele que desde o início tinha protestado, considerando que os Lacedemónios não eram de fiar: eles queriam sobretudo dando-lhes confiança, abater Argos e seguidamente voltar de novo contra os Atenienses já isolados; quando o diferendo se instalou, mandou a título pessoal uma missão a Argos, pedindo-lhes que rapidamente viessem para oferecer uma aliança, juntamente com os Mantineus e os Elidenses: o momento era propício e ele próprio com eles colaboraria de maneira decisiva.

XLIV. Os Argivos receberam a notícia e depois de terem conhecimento de que a aliança dos Beócios não tinha sido feita com os Atenienses, mas que estes tinham entrado em grande dissensão com os Lacedemónios, não deram mais atenção aos enviados que estavam em Lacedémon, onde tinham ido para negociar um tratado de paz, e dedicaram os seus esforços mais em direcção dos Atenienses, por acreditarem que aquela cidade, desde tempos antigos, era sua amiga, governada democraticamente, como a deles, e com grande força naval, que combateria ao seu lado se uma guerra fosse declarada. [2] Assim mandaram embaixadores aos Atenienses, para que se fizesse uma aliança. Com eles mandaram também embaixadores os Elidenses e os Mantineus. [3] Chegaram a Atenas nessa altura e com rapidez embaixadores idos dos Lacedemónios e que eram aceitáveis para os Atenienses, nomeadamente Filocárides, Leonte e Êndio, porque temiam que os Atenienses, irados, fizessem uma aliança com os Argivos, ao mesmo tempo que tinham a intenção de pedir Pilos em troca de Panacto e de darem justificações pela aliança com os Beócios, pois não a tinham feito para prejudicar os Atenienses.

XLV. Quando os legados falaram destes assuntos no conselho, e declararam que tinham vindo com plenos poderes para resolver as dissidências, assustaram Alcibíades, não fossem eles, se certas coisas dissessem à assembleia do Povo, pôr a seu lado a multidão e fazer rejeitar a aliança com os Argivos. [2] Foi então este o estratagema que para eles Alcibíades urdiu. Convenceu os Lacedemónios, dando-lhes garantias de que, se não asseverassem na assembleia do Povo terem vindo com plenos poderes, Pilos lhes seria entregue, (ele próprio persuadiria os Atenienses, ele mesmo, que naquele momento era contra a entrega), e que chegariam a um consenso quanto a outros pontos. [3] Agiu assim, porque queria afastá-los de Nícias, a fim de que na assembleia do Povo os difamasse, como se nada de sincero tivessem nos seus espíritos, nem jamais se mantivessem fiéis à suas promessas, para que levasse a bom termo a aliança com Argivos, Elidenses e Mantineus. [4] E assim aconteceu. Quando os legados chegaram junto do Povo e a quem lhe fez perguntas não revelaram, como tinham feito no conselho, que tinham vindo na condição de plenipotenciários, os Atenienses não se contiveram e deram ouvidos a Alcibíades que gritava ainda mais alto do que antes contra os Lacedemónios, e sentiram-se então dispostos a trazer os Argivos e os seus parceiros e a fazê-los seus aliados. Tendo-se porém feito sentir um tremor de terra antes de se ter chegado a qualquer ratificação, esta assembleia foi adiada.

XLVI. Na assembleia do dia seguinte, Nícias, muito embora os Lacedemónios tivessem sido enganados e ele também, visto não terem aqueles comunicado terem vindo com plenos poderes, sustentou contudo que era necessário serem amigos dos Lacedemónios, e que deviam adiar a análise das propostas dos Argivos e mandar ainda legados a Esparta, para saber das suas intenções, pois afirmava que adiar a guerra lhes daria bom nome e a eles má fama, e que lhes

convinha prolongar a excelente situação em que se encontravam, enquanto os Lacedemónios, porque a vida lhes corria tão mal, se arriscariam a encontrar uma solução o mais depressa possível. [2] Conseguiu convencê-los a mandar embaixadores, em cujo número ele se integrava, a fim de pedir aos Lacedemónios, se assim julgassem justo, para devolverem intacto Panacto com Anfípolis, e abandonarem a sua aliança com os Beócios, a menos que estes quisessem aceder ao tratado, obedecendo ao que tinha sido aceite, de nenhum fazer acordos sem o consentimento do outro. [3] Foram também aconselhados a dizer que os Atenienses, se quisessem incorrer em falta, já teriam feito dos Argivos seus aliados, visto que eles próprios tinham comparecido com esta mesma finalidade. E assim foram enviados os embaixadores do séquito de Nícias, com instruções relativas a outras queixas que os Atenienses queriam fazer. [4] Quando chegaram, comunicaram as suas instruções e outras exigências e no fim disseram que, se os Lacedemónios não recusassem a aliança com os Beócios, no caso destes não aceitarem o tratado, os Atenienses se aliariam aos Argivos e seus amigos. Os Lacedemónios recusaram-se, contudo, a revogar a aliança com os Beócios, e os partidários do éforo Xenares levaram a sua avante, bem como todos os outros que eram da mesma opinião, conseguindo Nícias que renovassem os juramentos. Receava ele que ao ir-se embora, sem que nada tivesse conseguido, viesse a cair em desgraça, tal como veio a acontecer, porque era considerado como o inspirador do tratado de paz com os Lacedemónios. [5] Quando voltou, os Atenienses ao ouvirem que nada tinha obtido da parte dos Lacedemónios, ficaram encolerizados por se considerarem prejudicados e, como os Argivos e seus aliados estavam presentes, Alcibíades juntou-os e fizeram então um tratado e uma aliança com eles nestes termos:

XLVII. “Os Atenienses, os Argivos, os Mantineus e os Elidenses firmaram entre si um tratado de paz por cem anos, para si próprios e seus aliados, cujos países governarão respectivamente, para serem respeitados sem transgressões nem violência tanto na terra como no mar. [2] Não será permitido o uso de armas de destruição nem aos Argivos, nem aos Elidenses e Mantineus, nem tão-pouco aos seus aliados contra os Atenienses e seus aliados, sobre os quais os Atenienses exercem o mando, nem aos Atenienses ou aliados, sobre os quais os Atenienses exerçam o mando, contra os Argivos, os Elidenses e os Mantineus ou os seus aliados, por forma alguma nem por qualquer estratagema. [3] A estas disposições obedecerão os Atenienses, os Argivos, os Mantineus e os Elidenses durante cem anos. Se porventura um inimigo atacar a terra dos Atenienses, virão em auxílio de Atenas, os Argivos, os Mantineus e os Elidenses em conformidade com o pedido que lhe enviarem os Atenienses e da forma mais eficaz que puderem, dentro dos limites do possível. Se o inimigo partir depois de ter devastado o território, será então essa cidade considerada inimiga dos Argivos, dos Mantineus, dos Elidenses e dos Atenienses, e deverá ser castigada por todas essas cidades. Não é permitido abandonar a guerra contra o agressor a nenhuma das cidades implicadas, a menos que tal seja aprovado por todos. [4] Aos Atenienses compete virem em auxílio de Argos, Mantinea e Élida, se um inimigo atacar as terras dos Argivos, Mantineus ou dos Elidenses, em conformidade com o pedido que lhes formulem essas cidades, e pela forma mais eficaz que puderem, dentro dos limites do possível. Se o inimigo partir depois de ter devastado a região, será então essa cidade considerada inimiga dos Atenienses, dos Argivos, dos Mantineus e dos Elidenses, e deverá ser castigada por todas essas cidades. Não é permitido abandonar a guerra ao agressor a nenhuma das cidades implicadas a menos que tal seja aprovado por todos. [5] Nenhumas forças armadas deverão ser

deixadas passar com intuitos bélicos pela terra das cidades contraentes, nem pelas dos aliados, sobre os quais cada uma exercer o mando, nem sequer por mar, a não ser que todas tenham votado favoravelmente essa passagem, ou seja, as cidades dos Atenienses, dos Argivos, dos Mantineus e dos Elidenses. [6] Aos que vierem em seu auxílio, deverá enviar a cidade que os mandou chamar, os mantimentos necessários por um período de trinta dias a contar da sua chegada à cidade que lhes pediu auxílio, e seguidamente deverá fazer o mesmo até à sua retirada. Se porventura quiser socorrer-se desse exército por tempo mais prolongado, deverá a cidade que o mandou vir, prover mantimentos, aos hoplitas, tropas ligeiras e arqueiros, pagar três óbolos eginetas por dia, e aos cavaleiros um dracma egineta. [7] Deverá a cidade que mandou vir auxílio exercer as funções de comando sobre o exército, quando a guerra se processar na sua terra. Se porém a expedição for feita em conjunto, por comum acordo, então caberá partilhar igualmente o comando por todas as cidades. [8] Devem os Atenienses jurar pelo tratado no que lhes diz respeito e aos seus aliados, mas os Argivos, os Mantineus e os Eliatas deverão jurá-lo cidade por cidade. Deverão proferir um juramento mais severo do país que representam, sobre vítimas já adultas, e o juramento deverá assim rezar: “Respeitarei esta aliança de acordo com os seus princípios, com justiça, com inocência e com fidelidade, e a ele não faltarei, por qualquer forma que seja ou por qualquer estratagem.” [9] O juramento será feito em Atenas pelo conselho e pelos magistrados locais, sob o ministério dos prítanes; em Argos, pelo conselho, pelos Oitenta e pelos artinas, tendo os Oitenta o ministério do juramento; em Mantineias, pelos demiurgos, pelo conselho e pelas outras autoridades, sob o ministério dos teoros e dos polemarcos; na Élida pelos demiurgos, pelos magistrados e pelos Seiscentos, cabendo o ministério aos demiurgos e aos tesmofilaces. [10] Cabe aos Atenienses renovar os juramentos, indo a

Élida, a Mantineia e a Argos, trinta dias antes dos Jogos Olímpicos, e aos Argivos, aos Elidenses e aos Mantineus, indo a Atenas, dez dias antes das Grandes Panateneias. [11] Os artigos de que constam o tratado e os juramentos e a aliança serão gravados pelos Atenienses numa coluna de pedra na Acrópole, pelos Argivos na ágora e no templo de Apolo, pelos Mantineus na ágora e no templo de Zeus; deverá ser erigida em conjunto uma coluna de bronze nos Jogos Olímpicos que agora se vão realizar. [12] Se parecer aconselhável a estas cidades acrescentar seja o que for aos princípios estipulados, o que por todas as cidades for desejado em comum, valerá para todas.”

XLVIII. Foi assim que se concretizaram o tratado e a aliança. Contudo o tratado entre Lacedemónios e Atenienses não foi devido a este facto renunciado por qualquer das partes. [2] Os Coríntios, que eram aliados dos Argivos, não acederam a este novo tratado, tal como não tinham jurado pelo tratado ofensivo e defensivo que antes fora firmado entre Eliatas, Argivos e Mantineus, pois disseram que lhes bastava a primeira aliança defensiva para se socorrerem umas às outras, mas sem atacarem ninguém. [3] Ficaram assim os Coríntios afastados dos que se aliaram e de novo pensaram nos Lacedemónios.

XLIX. Naquele Verão realizaram-se as Olimpíadas, nas quais Andróstenes da Arcádia foi pela primeira vez o vencedor do pancrácio. Os Lacedemónios não foram deixados entrar no santuário pelos Elidenses, sendo assim impedidos de oferecer sacrifícios e de se apresentar nos Jogos por se terem recusado a pagar a multa, que, de acordo com a lei Olímpica, lhes tinha sido imposta pelos Elidenses, que alegavam terem eles atacado a fortaleza de Firco e enviado para Lépreo hoplitas seus durante as tréguas Olímpicas. Constava a multa de duas mil minas, duas minas por cada hoplita,

conforme impunha a lei. [2] Os Lacedemónios mandaram os seus representantes e contrapuseram que a multa não lhes tinha sido imposta com justiça, pois diziam que a notícia do tratado de paz não lhes tinha chegado a Lacedémon, quando mandaram os hoplitas. [3] Os Elidenses, porém, afirmaram que o armistício já lhes era conhecido nessa altura, pois tinham sido eles os primeiros a ser informados, e porque estavam a viver pacificamente e sem esperarem qualquer ataque por existirem tréguas, os Lacedemónios tinham entrado em falta ao surpreenderem-nos com o ataque. [4] Retorquiram os Lacedemónios que não era aceitável que viessem ainda dar a notícia a Lacedémon, se já julgassem que esta tinha cometido um crime, pois fizeram isso como se em tal não acreditassem, mas sim como se acreditassem que ninguém ainda tinha pegado em armas contra eles. Mas os Elidenses ficaram na sua, dizendo que não poderiam ser persuadidos em como os Lacedemónios não eram culpados, mas que se lhes quisessem devolver Lépreo, desistiriam da parte que lhes era devida e pagariam eles próprios, em nome dos Lacedemónios, a parte devida ao deus.

L. Como a sua proposta não foi aceite, os Elidenses propuseram uma segunda solução. Que os Lacedemónios, se o não quisessem, em vez de devolverem Lépreo, subissem ao altar de Zeus de Olímpia, visto que tanto desejavam ter acesso ao templo, e que jurassem perante os Helenos que tempos depois pagariam efectivamente a multa. [2] Como nem isso quisessem fazer, os Lacedemónios foram impedidos de aceder ao templo, aos sacrificios e aos jogos, e fizeram os sacrificios na sua terra, enquanto os outros Helenos, à excepção dos Lepreatas, puderam estar presentes no festival. [3] Mas os Elidenses, temendo igualmente que os Lacedemónios entrassem pela violência para fazer os sacrificios, montaram uma guarda armada com os mais novos. Junta-ram-se-lhes os Argivos e os Mantineus, com mil guerreiros

cada um, e alguma cavalaria ateniense, que tinha ficado em Arpina à espera do festival. [4] Grande foi o receio, durante as festividades, de que os Lacedemónios viessem armados, principalmente porque Licas, filho de Arcesilau, um lacedemónio, tinha sido, durante as provas, chicoteado pelos juízes, porque tendo a sua parelha de cavalos sido a vencedora, muito embora fosse o Povo da Beócia proclamado o vencedor, embora não tenha sido aceite a sua entrada na competição, avançou contudo para o espaço de corrida e corrou o condutor, por querer assim mostrar que o carro lhe pertencia. Por esse motivo, estavam todos com muito mais medo pois parecia que algo de inesperado poderia acontecer. Mas os Lacedemónios não reagiram e as festas decorreram normalmente. [5] Depois das Olimpíadas, os Argivos e seus aliados chegaram a Corinto para pedirem à sua gente, que se lhes juntassem. Estavam, porém, presentes enviados dos Lacedemónios e depois de muita discussão a nenhuma conclusão se chegou, e tendo ocorrido um tremor de terra, cada qual se dispersou para a sua terra. E terminou o Verão.

LI. No Inverno seguinte travou-se uma batalha entre os Heracleenses em Traquínia e os Enianes, Dólopes, Malianos e alguns Tessálios. [2] Estes povos que viviam na proximidade da cidade de Heracleia eram seus inimigos, uma vez que a zona tinha sido fortificada contra nenhuma outra terra que não fosse a sua. Logo depois da sua fundação tinham-se oposto à cidade, fazendo tudo que podiam para a destruir, e foi então que na batalha, ao vencerem os Heracleenses, morreu Xenares, um lacedemónio filho de Cnidis, e seu comandante juntamente com outros Heracleenses que pereceram. E terminou o Inverno e com ele o duodécimo ano da guerra.

LII. Logo no princípio do Verão seguinte, os Beócios ocuparam Heracleia, que, depois da batalha, tinha ficado muito diminuída, e expulsaram o lacedemónio Agesípidas,

por ter mal governado, e ocuparam a região por temerem que os Atenienses ocupassem a cidade, visto que os Lacedemónios estavam perturbados com o que acontecia no Peloponeso. Os Lacedemónios ficaram, por esse motivo, ofendidos com eles. [2] No mesmo Verão, Alcibíades, filho de Clínias, agora general dos Atenienses, com a colaboração dos Argivos e dos aliados, dirigiu-se para o Peloponeso com um punhado de hoplitas atenienses e de arqueiros e de alguns aliados que ia recrutando de partes por onde passava e, com o exército foi atravessando o Peloponeso, enquanto tomava disposições contra a aliança, tal como a de convencer os Patreus a levarem as muralhas até ao mar, porque pensava construir uma fortaleza na proximidade de Rio na Acaia. Os Coríntios e os Siciónios e os outros, para quem a fortaleza era perigosa, vieram e impediram-no.

Desavenças entre Argos e Epidauro

LIII. Ainda nesse Verão houve uma guerra entre os Epidáurios e os Argivos, com o pretexto de que a oferenda devida a Apolo Pítico não tinha sido enviada pelos Epidáurios, como era seu dever, para pagar as terras de pastoreio, e os Argivos eram os donos do santuário, mas também parecia que mesmo sem aquela questão, Alcibíades e os Argivos queriam tomar conta de Epidauro se pudessem, a fim de assegurar a paz com Corinto, bem como a possibilidade de levar rápido auxílio por um caminho mais curto de uma base em Égina do que fazendo os Atenienses a navegação à volta de Cileu. Os Argivos preparavam-se então por sua iniciativa para invadir Epidauro, a fim de obterem o pagamento da oferenda.

LIV. Nessa mesma altura também os Lacedemónios, com toda a sua gente, marcharam para Leuctros, situada na

sua fronteira em frente do monte Liceu, sob o comando de Ágis, filho do rei Arquidamo, sem que ninguém soubesse para onde marchavam, nem quais as cidades que tinham enviado contingentes. [2] Como os sacrifícios para a travessia da fronteira não fossem favoráveis para eles, regressaram desta a casa, avisaram os aliados, a fim de que se preparassem para em breve (era o mês de Carneia, data sagrada para os Dórios) organizarem uma expedição. [3] Depois da partida dos Lacedemónios, os Argivos puseram-se em marcha no quarto dia, a seguir de outros três, em que terminava o mês de Carneia, deixando passar esse dia inteiro, e atacaram e pilharam então Epidauro. Os Epidáurios chamaram os aliados em seu socorro. [4] Alguns deles consideraram o mês como excusa, e outros vieram até à fronteira de Epidauro, e por ali estacionaram.

LV. Enquanto os Argivos ficaram em Epidauro, chegaram em conjunto a Mantinea embaixadas vindas de diferentes cidades, a convite dos Atenienses. Iniciadas as conversações, o coríntio Eufamidas disse que as palavras proferidas não correspondiam aos factos. Estavam de facto ali sentados num conselho, em que o tema era a paz, enquanto os Epidáurios e seus aliados e os Argivos se defrontavam com armas. Era pois necessário que, em primeiro lugar, enviados de cada uma das partes fossem separar os exércitos, e de novo então se poderia voltar ao tema da paz. [2] Convenidos por esta sugestão, puseram-se a caminho e levaram os Argivos a sair de Epidauro. Seguidamente voltaram à assembleia, mas não conseguiram chegar a acordo; e os Argivos de novo investiram contra Epidauro e pilharam a região. [3] Os Lacedemónios marcharam então para Cárias, mas como os sacrifícios feitos na passagem da fronteira não lhes fossem favoráveis, regressaram, [4] e os Argivos, logo que arrasaram a terça parte do território de Epidauro, voltaram também para a sua terra. Entretanto tinham vindo em seu

auxílio mil hoplitas atenienses com Alcibíades a comandá-los, mas logo que soube que os Lacedemónios tinham chegado ao fim da sua expedição, e que não havia necessidade da sua intervenção, retirou-se. E assim terminou o Verão.

LVI. No Inverno seguinte os Lacedemónios conseguiram esconder dos Atenienses uma guarnição de trezentos soldados que mandaram por mar, sob o comando de Agesípidas, para Epidauro. [2] Os Argivos dirigiram-se então aos Atenienses e queixaram-se de que eles os tinham deixado passar por mar, quando uma cláusula do tratado obrigava cada um dos aliados a não deixar passar os inimigos pelas suas terras, e que a menos que os Atenienses pusessem agora os Messénios e os Hilotas em Pilos a oporem-se aos Lacedemónios, considerariam que agravos haviam sido cometidos contra eles. [3] Os Atenienses foram nessa altura convencidos por Alcibíades a gravar na base do pilar lacónico, que os Lacedemónios não respeitavam os juramentos, e a mandar para Pilos os Hilotas de Crânios para pilharem a região, mas quanto ao resto nada fizeram. [4] Passaram aquele Inverno a guerrearem-se Argivos e Epidáurios, mas não houve qualquer batalha convencional, sim emboscadas e ataques, nos quais morriam uns e outros, como calhava, de ambos os lados. [5] Já no fim do Inverno e a caminho da Primavera, os Argivos equipados com escadas, dirigiram-se a Epidauro, para a conquistarem à força, esperando que devido à guerra, estivesse sem guarda, mas regressaram sem o conseguirem fazer. Quando o Inverno terminou, com ele terminou igualmente o décimo terceiro ano da guerra.

Os Lacedemónios atacam Argos

LVII. A meio do Verão seguinte, os Lacedemónios, visto que os Epidáurios seus aliados estavam em apuros e que o

resto do Peloponeso ou lhes fugia ou estava em disposição desfavorável, decidiram que se não intervissem com antecipação e rapidamente, que o mal progrediria cada vez mais, avançaram eles com todas as forças, nas quais os Hilotas estavam incluídos, contra Argos, sob o comando de Ágis, filho de Arquidamo, o rei dos Lacedemónios. [2] Faziam campanha com eles os Tegeatas e todos os outros que na Arcádia eram aliados dos Lacedemónios. Os aliados do resto do Peloponeso e de fora estacionam em conjunto em Fliunte; os Beócios, com cinco mil hoplitas e tropas ligeiras, mais quinhentos elementos da cavalaria e o mesmo número de peões, indo além desses dois mil hoplitas Coríntios, e outros, conforme cada um podia, mas os Fliásios com todas as forças, visto que as tropas estavam no seu território.

LVIII. Os Argivos tiveram de antemão conhecimento dos preparativos dos Lacedemónios e só quando estes avançaram com a intenção de se juntarem aos outros em Fliunte, é que também eles iniciaram a sua investida. Em seu reforço vieram os Mantineus com os respectivos aliados e três mil hoplitas dos Elidenses. [2] Assim avançaram até que ficaram frente a frente com os Lacedemónios em Metídrio na Arcádia. Cada um tomou posições numa colina. Foi então que os Argivos se prepararam para atacar os Lacedemónios, enquanto estavam sozinhos, mas Ágis, ao cair da noite e sem ser visto, conduziu as tropas para Fliunte, a fim de se juntar aos restantes aliados. [3] Os Argivos, logo que se deram conta, marcharam ao romper da aurora, primeiramente para Argos e depois para a estrada que descia para Nemeia, por onde esperavam que os Lacedemónios viessem a descer juntamente com os seus aliados. [4] Ágis, porém, não tomou o tal caminho em que os adversários tinham pensado, mas depois de avisar os Lacedemónios, Arcádios e Epidáurios, tomou outro caminho mais difícil e desceu para a planície. Os Coríntios, Pelénios e Fliásios avançaram por outro cami-

nho íngreme. Quanto aos Beócios, Megarenses e Siciónios foi-lhes dito para descerem pelo caminho que dava sobre Nemeia, onde os Argivos se tinham concentrado, a fim de que, se avançassem na planície contra as tropas de Ágis, eles pudessem vir em seu auxílio caindo sobre a retaguarda e servindo-se da cavalaria. Tendo Ágis assim disposto as tropas, avançou então para a planície e saqueou Saminto e outros lugares.

LIX. Quando os Argivos, já de dia, tiveram disto conhecimento partiram de Nemeia para socorrer, mas defrontando-se então com o contingente dos Fliásios e dos Coríntios, mataram um número reduzido de Fliásios, sendo, do seu lado, abatido pelos Coríntios um número um pouco superior. [2] Mas os Beócios, os Megarenses e Siciónios avançaram sobre Nemeia como lhes tinha sido ordenado, mas já ali não encontraram os Argivos, que tinham descido, quando viram que as suas terras eram destruídas e já se organizavam para combater, como igualmente, por sua vez, os Lacedemónios. [3] Estavam os Argivos completamente cercados. Efectivamente da planície, os Lacedemónios e as forças que com eles estavam, impediam-lhes o acesso à cidade; da parte de cima estavam os Coríntios, os Fliásios e os Peleneus, e do lado de Nemeia, os Beócios, os Siciónios e os Megarenses. Não tinham cavalaria à sua disposição e os Atenienenses, seus únicos aliados, ainda não tinham chegado. [4] A maior parte dos Argivos e seus aliados não se convenciam de como a situação era perigosa, e até julgavam que a batalha lhes poderia correr bem, tanto mais que tinham isolado os Lacedemónios na sua própria terra e perto da sua cidade. [5] Mas os Argivos tinham dois chefes. Trásilo, que era um dos cinco estrategos, e Álcifron, próximo dos Lacedemónios; já os exércitos se preparavam para o combate, quando os chefes foram ter com Ágis e pediram-lhe que a batalha se não concretizasse, pois os Argivos estavam dispo-

tos a comprometer-se a aceitar uma arbitragem justa e em pé de igualdade, se porventura algumas queixas os Lacedemónios tivessem dos Argivos e para o futuro fazerem um tratado e viverem em paz.

LX. Ora os Argivos que tal disseram, fizeram-no por sua própria conta e não porque o Povo lhes tivesse ordenado. Também Ágis, por conta própria, aceitou as propostas, sem que se dispusesse a consultar a maioria, limitando-se somente a comunicá-las a um oficial de alta patente, que acompanhava as forças armadas, e concedeu aos Argivos tréguas de quatro meses, durante as quais deviam levar até ao fim as suas promessas. Imediatamente mandou retirar o exército sem dar explicações a nenhum dos outros aliados. [2] Os Lacedemónios e aliados seguiram-nos conforme ditava a lei, mas entre eles tinham em má conta Ágis, convencidos que estavam da excelente situação que se lhes apresentava de atacarem em conjunto, quando os adversários estavam cercados por todo o lado, quer pelos cavaleiros, quer pelas tropas de terra, agora que regressavam sem nada terem feito que fosse digno dos preparativos. [3] Era de facto o exército helénico mais esplêndido de todos os que até então se tinham organizado. Tinha isso sido especialmente visível, enquanto ainda estava formado em Nemeia, pois ali se reuniam todas as forças, incluindo Lacedemónios, Arcádios, Beócios, Coríntios, Siciónios, Peleneus, Fliásios e Megarenses, todas elas escolhidas de cada um dos povos, e acreditando que eram forças dignas de se baterem não só contra a Confederação dos Argivos, mas contra qualquer outra que se lhe juntasse. [4] Foi assim que se processou a retirada das forças, que estavam a acusar Ágis e que se separaram ao regressarem para suas casas. [5] Os Argivos, por seu lado, ainda acusavam com muito mais vigor os que tinham feito tréguas sem consultar o Povo, pois estavam convencidos, como os Lacedemónios, de que tinham deixado esca-

par uma ocasião, que nunca se lhes depararia mais favorável, visto que o combate se teria dado junto da sua cidade e na companhia de muitos e bons aliados. [6] Ao chegarem começaram a apedrejar Trásilo, no Caradro, local onde se julgam processos militares, antes de entrarem na cidade. Conseguiu ele refugiar-se num altar e assim salvou a vida. Os seus bens contudo foram-lhe confiscados.

LXI. Depois disto vieram os Atenienses com reforços de mil hoplitas e trezentos cavaleiros, cujos comandantes eram Laques e Nicóstrato, a quem os Argivos, apesar de tudo relutantes em quebrar o contrato com os Lacedemónios, pediram para se retirar, por não os quererem apresentar diante do Povo a quem pretendiam dar uma explicação, até ao momento em que Mantineus e Elidenses, que ainda estavam presentes, os forçaram a fazê-lo, porque o exigiram. [2] E os Atenienses, numa intervenção de Alcibíades, que, como embaixador, também estava presente, disseram diante dos Argivos e seus aliados, que estes não tinham o direito de fazer tréguas sem o consentimento dos restantes aliados e agora que os Atenienses estavam tão oportunamente presentes, devia a guerra ser retomada. [3] Tendo assim convencido os aliados com os argumentos dados, marcharam todos imediatamente sobre Orcómeno na Arcádia, com excepção dos Argivos. Estes, embora convencidos, tinham-se primeiramente deixado ficar, mas logo depois também eles se puseram em marcha. Colocaram-se todos então em frente de Orcómeno, montaram-lhe um cerco e prepararam assaltos, especialmente desejosos de a conquistar. Havia também outra razão para o fazerem: é que havia refêns da Arcádia que ali tinham sido deixados pelos Lacedemónios. Mas os Orcoménios receosos pela fraqueza das muralhas e pelo número dos inimigos, devido também ao risco de serem dizimados antes que alguém viesse em sua ajuda, capitularam com a condição de se tornarem aliados e de

entregarem reféns seus aos Mantineus e de restituírem os que tinham sido ali deixados pelos Lacedemónios.

LXII. Depois disto e já na posse de Orcómeno quiseram os aliados decidir sobre qual seria dos lugares restantes, o que devia ser o seu primeiro objectivo. Os Elidenses desejavam que o primeiro fosse Lépreo, e os Mantineus que fosse Tegeia. Mas os Argivos e os Atenienses apoiaram os Mantineus, [2] e os Eliatas voltaram para casa furiosos por não se ter votado Lépreo. E os restantes aliados prepararam-se em Mantineia para ir contra Tegeia, pois alguns dos seus simpatizantes na cidade queriam entregar-lha.

LXIII. Entretanto os Lacedemónios, depois de regressarem de Argos e de terem feito o tratado de paz de quatro meses, puseram Ágis veementemente em causa por não lhes ter submetido Argos, numa oportunidade como antes nunca tinham pensado ter. Não era fácil reunir um conjunto tão numeroso de aliados daquela qualidade. [2] Mas quando lhes chegaram as notícias da conquista de Orcómeno, a sua disposição piorou muito mais e imediatamente, contrariando o comportamento que lhes era habitual decidiram arrasar-lhe a casa e fazê-lo pagar uma multa de dez mil dracmas. [3] Ágis suplicou-lhes que nada disso fizessem, prometendo que compensaria as acusações por feitos valorosos no campo de batalha, ou então, se não o conseguisse, que fizessem com ele o que quisessem. [4] Não levaram então a cabo nem a multa nem o arrasar da casa, mas logo naquele momento promulgaram uma lei, de que nunca anteriormente tinham disposto: que dez Espartanos o acompanhassem como seus conselheiros e, sem o seu consentimento, não teria poder para comandar um exército para fora da cidade.

Batalha de Mantinea

LXIV. Nessa altura chega-lhes a notícia, vinda dos seus amigos de Tegeia, de que se não comparecessem depressa, Tegeia passaria das suas mãos para as dos Argivos e seus aliados, se é que já não estava a passar. Perante isto criou-se imediatamente uma força expedicionária dos próprios Lacedemónios e de Hilotas em massa em dimensões e qualidade como nunca antes. Avançaram em direcção a Oresteia na Menália e mandaram como aviso aos Arcádios, que eram aliados, para que reunissem forças e os seguissem imediatamente em direcção a Tegeia, e já em conjunto chegaram até Oresteia, de onde mandaram uma sexta parte das suas forças, ou seja os mais velhos e os muito novos, para trás, afim de guardarem as casas, enquanto com o resto do exército chegaram a Tegeia. Não muito depois os aliados da Arcádia compareceram. Mandaram então mensagens para Corinto e para os Beócios, Foceenses e Lócrios, em que ordenavam que os viessem ajudar rapidamente para Mantinea. A estes contudo dava-lhes a ordem um prazo curto, pois não era fácil a missão, sem que viessem juntos e, por isso, tinham de esperar uns pelos outros, para atravessarem o território inimigo, que lhes fechava o acesso a meio, o que não os impedia de se apressarem. Entretanto, os Lacedemónios, acompanhados pelos aliados da Arcádia que tinham chegado, lançaram-se pelo território dos Mantineus, assentaram arraiais junto do templo de Héracles, e começaram a pilhar a zona.

LXV. Logo que os Argivos e os seus aliados os viram, puseram-se num sítio elevado e organizaram-se para a batalha. [2] E os Lacedemónios logo contra eles avançaram e aproximaram-se chegando à distância de um arremesso de pedra ou de um dardo, até à altura em que um dos mais velhos gritou a Ágis, ao ver que se dirigiam para uma zona

inimiga mais sólida, que ele devia estar a pensar que curava um mal com outro mal, e mostrava-lhe que ele queria compensar a criticada saída de Argos com o actual e despropositado voluntarismo para o combate. [3] O rei, entretanto, quer devido ao grito, quer devido a qualquer outro motivo, ou porque lhe tinha surgido ideia diferente, mandou rapidamente fazer a retirada do exército antes de chegar ao confronto. [4] Chegou depois ao território dos Tegeates e desviou para a terra de Mantineia a água, por causa da qual Mantineus e Tegeatas se combatem entre si, devido aos estragos que a água produz, quando provoca alagamentos em qualquer dos território. Queria assim forçar a descer da colina os Argivos e aliados para ajudarem a desviar a água, logo que soubessem do que se tinha passado, e assim obrigá-los a travar batalha na planície. [5] Desta forma ficou durante o dia inteiro no mesmo sítio que ocupara para desviar a água. Os Argivos e seus aliados, que de início tinham ficado perturbados com a súbita retirada dos inimigos, não sabiam o que fazer. Mas quando, depois de se retirarem, desapareceram, enquanto eles, com toda a calma, nem os tinham perseguido, começaram então a lançar críticas aos seus estrategos, porque já primeiro tinham deixado partir sem problemas os Lacedemónios, que tinham sido interceptados em frente de Argos, e agora ninguém os perseguiu, quando se puseram em fuga os inimigos sem terem quaisquer problemas, enquanto eles eram traídos. [6] Os estrategos ficaram espantados naquele momento com os protestos, e só depois deram ordens para descerem da colina e avançarem para a planície e ali acamparem e irem depois atacar o inimigo.

LXVI. No dia seguinte os Argivos e aliados formaram fileiras na ordem em que julgavam que se ia combater, se se defrontassem com o inimigo, e os Lacedemónios afastaram-se da água para de novo se instalarem no mesmo acampa-

mento junto do templo de Héracles, e viram de repente os adversários já todos em frente deles, formados em linha de batalha depois de terem avançado para a frente da colina. [2] Naquele instante os Lacedemónios sentiram um choque tão grande, como nenhum outro de que se lembrassem. Pouco era o tempo de que dispunham para se prepararem, mas foi com rapidez que se aprontaram. [3] O seu rei, dirigia tudo segundo os regulamentos, pois quando um rei está em campo é ele que dita todas as ordens, é ele que dá a palavra aos polemarcos, estes aos locagos, estes aos penteconteros, estes de novo aos enomotarcos e estes à enomótia. [4] Quanto a ordens especiais, se porventura quiserem dar algumas, têm elas de entrar na mesma cadeia e conseguem chegar depressa, visto que o exército dos Lacedemónios, salvo raras exceções, é constituído por comandantes de comandantes, e o encargo de fazer o que deve ser feito compete a muitos.

LXVII. Nesta ocasião, na ala esquerda estavam as fileiras dos Ciritas, que são os únicos dos Lacedemónios a ocupar aquela posição reservada unicamente para eles. Ao lado deles estavam os soldados de Brásidas, que tinham servido com ele na Trácia, e com eles os neodamodes. Seguidamente vinham os próprios Lacedemónios alinhados companhia após companhia, juntamente com os Arcádios de Hereia, e depois destes os Menálios e na ala direita os Tegeatas e poucos Lacedemónios, que ocupavam a extremidade da formação, assim como os cavaleiros que estavam nas pontas de cada ala. [2] Era assim que os Lacedemónios estavam alinhados. Os seus adversários, porém, tinham os Mantineus a ocupar a ala direita, pois o acontecimento dava-se na sua terra; ao seu lado estavam os aliados da Arcádia, e em seguida os mil soldados das forças especiais dos Argivos, aos quais a cidade proporcionava de há muito treino militar a expensas públicas, e além destes, o resto dos soldados argivos

em cujo seguimento vinham os aliados Cleoneus e Orneatas, até que finalmente e no extremo da ponta esquerda estavam os Atenenses, e com eles a sua cavalaria.

LXVIII. Eram estas a formatura e a preparação militares de ambas as partes, mas o exército dos Lacedemónios parecia maior. [2] Quanto a indicar o número, quer de cada um dos regimentos ou da sua totalidade, não me é possível fazê-lo com exactidão. O sigilismo do seu governo impede saber o número dos combatentes lacedemónios, e quanto ao número dos outros, devido à tendência humana para exagerar o número das forças da sua terra, não é este digno de confiança. Pelo cálculo seguinte, é possível avaliar o número de Lacedemónios então presentes. [3] Estavam preparados para combate sete batalhões, sem contar os Ciritas, que eram seiscentos; em cada batalhão estavam quatro pentecóstias, em cada pentecóstia, quatro enomótias. Na primeira fileira da frente da enomótia combatiam quatro soldados, atrás desta nem todos tinham sido alinhados de forma idêntica, pois era o comandante que decidia, mas geralmente em filas de oito em profundidade. Na totalidade contavam-se, à parte os Ciritas, quatrocentos e cinquenta homens menos dois, ou seja quatrocentos e quarenta e oito homens na primeira linha.

LXIX. Quando já estavam prestes a defrontar-se, chegaram então a cada contingente boas palavras de encorajamento dos seus respectivos chefes. Aos Mantineus foi-lhes lembrado que estavam numa batalha pela sua pátria e ao mesmo tempo pela sua soberania ou pela escravidão, e que não deviam querer ser privados daquela que estavam a experimentar, para voltarem de novo a sofrer a outra. Aos Argivos lembravam que deviam ganhar a sua antiga supremacia e igualdade na posse do Peloponeso de que então dispunham e que não deviam suportar serem disso privados para

sempre, e que ao mesmo tempo era sua obrigação punir os inimigos que eram seus vizinhos por tantas malfetorias. Aos Atenienses evocavam a glória de estarem a lutar com tantos e tão bravos aliados, sem serem inferiores a nenhum, e que ao vencerem os Lacedemónios no Peloponeso, teriam um poder mais durável e um maior império, e que nunca mais qualquer outro entraria na sua terra. [2] Foi este o incitamento que foi dado aos Argivos e seus aliados, e entretanto os Lacedemónios exortavam-se de homem para homem, com cantos guerreiros nas próprias fileiras, lembrando como homens bravos em cantos o que tinham aprendido, conscientes que estavam de que o muito esforço posto em prática salvava mais vidas do que palavras de uma breve exortação, mesmo que magistralmente pronunciada.

LXX. Depois disto deu-se o recontro. Os Argivos e seus aliados avançaram com ímpeto e fúria, mas os Lacedemónios com calma, acompanhados pela música de muitos tocadores de flauta, que tradicionalmente os acompanhavam, não por motivos religiosos, mas para que avançassem alinhadamente e com passo ritmado sem desordenarem as fileiras, como é a tendência de exércitos numerosos fazerem, quando se preparam para entrar à carga.

LXXI. Já estavam prestes a entrar em combate, quando o rei Ágis decidiu fazer a manobra seguinte; todos os exércitos fazem o mesmo: quando já estão em vias de se baterem, é sobre a sua ala direita que se deslocam e quer um quer outro exército, é com ela que tentam adiantar-se à ala esquerda do adversário, pois que, devido ao medo, cada soldado tenta colocar o seu lado desprotegido tão próximo quanto possível do escudo do camarada alinhado ao seu lado direito, por pensar que quanto mais próximos estiverem uns dos outros, tanto maior será a sua segurança. Por sua vez, é o primeiro homem na ponta da ala direita que comanda esta

manobra, e sempre tenta afastar dos adversários o seu lado desprotegido, sendo por essa razão que os seus outros camaradas o seguem. [2] Foi nesse momento que os Mantineus ultrapassaram e muito com a sua ala direita os Ciritas, e ainda mais o fizeram Lacedemónios e Tegeatas em relação aos Atenenses, na medida em que o seu exército era maior. [3] Ágis, para evitar que o seu flanco esquerdo fosse cercado e porque estava convencido de que os Mantineus já o cercavam demais, deu ordens aos Ciritas e aos soldados de Brásidas, que saíssem do lugar em que estavam e se alinhassem com os Mantineus, e disse aos polemarcas Hiponoidas e Aristocles que viessem para a frente com dois destacamentos da ala direita preencher o espaço vazio, persuadido que estava de que o seu flanco direito ainda estaria mais do que guarnecido e que assim reforçaria as fileiras que se defrontavam com os Mantineus.

LXXII. Aconteceu, porém, que ao dar estas ordens no instante do ataque e de chofre, Aristocles e Hiponoidas recusaram-se a avançar (e por esta falta foram eles depois acusados de cobardia e forçados a exilar-se de Esparta), o que teve como consequência que os inimigos lhes passassem à frente para tomar aquela posição, e muito embora o rei, quando se apercebeu de que os dois destacamentos não avançavam, tivesse ordenado aos Ciritas que voltassem para as fileiras onde tinham estado, não conseguiram eles chegar a tempo de preencher o lugar. [2] Foi depois disto que os Lacedemónios se mostraram inferiores em perícia bélica, mas foi então também que mostraram não serem mais fracos quanto a coragem. [3] Logo que chegaram à luta corpo-a-corpo com o inimigo, o flanco direito dos Mantineus deu conta dos Ciritas e dos soldados de Brásidas, e precipitando-se com os seus aliados e com mil soldados das forças especiais dos Argivos no espaço que não tinha sido fechado, uniram as suas fileiras e cercaram os Lacedemónios e obri-

garam-nos a voltar e a fugir até aos carros, matando alguns dos mais velhos que estavam ali de guarda. Foi nesta refrega que os Lacedemónios foram derrotados. [4] Mas no resto das suas forças armadas, sobretudo nas do meio, onde estavam o rei Ágis e à sua volta os assim chamados trezentos cavaleiros, caíram elas sobre os mais velhos dos Argivos, e sobre as assim chamadas cinco companhias, e sobre os Cleoneus e os Orneatas e os Atenienses logo a seguir, e derrotaram-nos sem que tivessem tempo para se defender, cedendo terreno imediatamente após os Lacedemónios sobre eles caírem, havendo alguns que foram esmagados pelos pés dos outros, porque queriam evitar serem feitos cativos.

LXXIII. Como o exército dos Argivos e aliados tivesse cedido nesse tal sector, ficou ele agora cortado simultaneamente em duas partes, ao mesmo tempo, o flanco direito dos Lacedemónios e dos Tegeatas fechou os Atenienses ao colocar-se à sua volta, o que os fez sentirem-se apertados entre duas situações que os punham em perigo, de um lado por terem sido cercados, do outro por terem sido derrotados. Teriam sofrido revezes mais graves, se não tivesse sido a ajuda da cavalaria que estava com eles. [2] Foi então que Ágis, ao perceber que a sua ala esquerda estava a ter dificuldades com os Mantineus e os mil Argivos, mandou ordem a todo o exército que avançasse para socorrer o sector em perigo de ser vencido. [3] No momento em que tal acontecia, os Atenienses quando as forças inimigas por eles passaram e deles se desviaram, conseguiram escapar tranquilamente e com eles o contingente dos Argivos que tinha sido derrotado. Os Mantineus, porém, e os seus aliados e as forças especiais dos Argivos não estiveram dispostos a fazer pressão sobre os inimigos, mas ao verem os seus amigos derrotados e os Lacedemónios a avançarem contra eles, puseram-se em fuga. [4] Muitos dos Mantineus foram mortos, mas

o grosso das forças especiais dos Argivos conseguiu salvar-se. No entanto a fuga e a retirada não foi nem apressada nem longa. De facto os Lacedemónios travam as batalhas durante muito tempo e com persistência não arredam pé até pôr o inimigo em fuga, mas alcançado o objectivo, continuam a perseguir por pouco tempo e em curta distância.

LXXIV. Foi assim a batalha, e a minha descrição dos acontecimentos é a mais fiel possível; foi a maior travada entre Helenos durante grande espaço de tempo e que se deu entre as cidades de maior importância. [2] Os Lacedemónios colocaram-se em frente dos inimigos mortos e logo erigiram um troféu, despojaram os mortos e retiraram os seus, que levaram para Tegeia, onde os enterraram, tendo devolvido em tréguas os cadáveres dos inimigos. [3] Dos Argivos, Orneatas e Cleoneus foram mortos setecentos, dos Mantineus, duzentos, dos Atenienses, juntamente com os Eginetas, duzentos e mais os dois estrategos. Do lado dos Lacedemónios, os seus aliados não sofreram perdas que mereça a pena referir, mas quanto aos Lacedemónios, já é difícil saber a verdade; diz-se que contudo, devem ter sido mortos cerca de trezentos.

LXXV. Quando a batalha estava para acontecer, Plistóanax, o outro rei, partiu com reforços constituídos pelos homens mais velhos e os mais novos, e chegou até Tegeia, mas quando soube da vitória voltou para trás. [2] Os Lacedemónios também mandaram mensagens aos aliados que vinham de Corinto e de fora do Istmo para que voltassem, e eles próprios voltaram para as suas terras, despediram os aliados, e celebraram um festival que se realizava naquela altura, quando entre eles se festejavam as Carneias. [3] A acusação de cobardia que então era lançada contra eles pelos Helenos devido ao desastre sofrido na ilha e noutros aspectos ligados à falta de vontade e curteza de vistas, foram desfeitos por

este feito único: o destino, assim se julga, podia tê-los humilhado, mas na sua natureza eles ainda eram iguais a si próprios. [4] No dia anterior a esta batalha, os Epidáurios invadiram com todas as suas forças o território argivo, porque estava desguarnecido, e mataram muitos dos guardas que tinham sido deixados pelos Argivos, quando haviam partido para a guerra. [5] Depois da batalha vieram três mil hoplitas elidenses ajudar os Mantineus juntamente com um reforço de mil Atenienses, e todas estas forças aliadas atacaram logo Epidauro, enquanto os Lacedemónios estavam ocupados nas festas Carneias e, dividindo as tarefas entre eles, começaram a construir uma muralha à volta da cidade. [6] O resto dos aliados foi-se embora, mas os Atenienses acabaram imediatamente a parte que lhes tinha sido atribuída no cabo Hereu. E foi depois de terem todos contribuído para deixar uma guarda na fortificação, que se foram embora, cada um para as suas cidades. E o Verão chegou ao fim.

As negociações de Argos e Mantineia com Esparta

LXXVI. Logo no início do Inverno seguinte, os Lacedemónios, depois de celebrarem as festas Carneias, iniciaram a campanha militar e, chegados a Tegeia, enviaram propostas a Argos, para um entendimento. [2] Tinha havido ali anteriormente uma facção desejosa de pôr fim à democracia e, depois de se ter travado a batalha, podiam com muito mais facilidade persuadir a maioria a chegar a um acordo. Tinham a intenção de primeiramente fazerem um tratado de paz com os Lacedemónios, e seguidamente uma aliança e desta forma já atacarem o regime democrático. [3] Chegou então a Argos, Licas, filho de Arcesilau, cidadão honorário dos Argivos, com duas propostas da parte dos Lacedemónios e respeitantes a Argos, uma, para o caso de quererem fazer a guerra, e a outra

para estabelecerem um processo de paz. Levantou-se grande discussão, pois Alcibíades estava presente, e os que pertenciam à facção lacedemónica, já se aventuravam agora a agir abertamente, e convenceram os Argivos a aceitarem a proposta de um tratado de paz, que rezava assim:

LXXVII. “A assembleia dos Lacedemónios acordou em negociar com os Argivos nos termos seguintes: Os Argivos deverão devolver aos Orcoménios, os seus filhos, aos Menálios, os seus homens e deverão restituir aos Lacedemónios, os homens que têm em Mantineia. Devem fazer evacuar Epidauro e demolir a fortificação. [2] Se os Atenenses se recusarem a evacuar Epidauro, serão declarados inimigos dos Argivos, dos Lacedemónios e dos aliados dos Lacedemónios e dos aliados dos Argivos. [3] Se os Lacedemónios tiverem algumas crianças de alguma cidade em seu poder, deverão restituí-las a todas as cidades. [4] Quanto à oferenda ao deus, se o desejarem, devem impor um juramento aos Epidáurios, se não, devem eles mesmos fazer o juramento. [5] Todas as cidades do Peloponeso, sejam elas pequenas ou grandes, serão todas autónomas, conforme as tradições locais. [6] Se algum poder de fora do Peloponeso vier com maus intentos contra a terra do Peloponeso, as partes contratantes devem unir-se para o repelir conforme julgarem mais conveniente para os Peloponésios. [7] Todos os que, fora do Peloponeso, forem aliados dos Lacedemónios, bem como os aliados dos Argivos deverão gozar dos mesmos direitos que os Argivos, dispondo do direito de propriedade da sua terra. [8] O tratado deverá ser dado a conhecer aos aliados e obter deles o seu consentimento, se for essa a sua opinião. Mas se os aliados assim julgarem, poderão analisá-lo na sua terra.”

LXXVIII. Esta foi a proposta que os Argivos primeiramente aceitaram, e o exército dos Lacedemónios retirou-se de Tegeia para sua casa. Depois disto continuaram os con-

tactos entre eles e não muito depois a mesma facção forçou a que os Argivos recusassem o tratado de paz com os Mantíneos, Atenienses e Elidenses, e fizessem uma aliança com os Lacedemónios, e o texto dizia o seguinte:

LXXIX. “Os Lacedemónios e os Argivos acordaram em fazer um tratado de paz e uma aliança para cinquenta anos, nos seguintes termos: todas as questões levantadas deverão ser julgadas de forma justa e imparcial conforme as tradições locais. As restantes cidades do Peloponeso podem ser incluídas neste tratado e aliança, mantendo a sua autonomia e soberania, conservando o que possuem, e todas as questões levantadas deverão ser resolvidas de forma justa e imparcial, conforme as tradições locais. [2] Todos os aliados dos Lacedemónios de fora do Peloponeso disporão de estatuto igual ao dos Lacedemónios e os aliados dos Argivos disporão de direitos iguais aos dos Argivos, mantendo o território que têm. [3] Se porventura for necessária alguma expedição em comum, devem consultar-se Lacedemónios e Argivos e tomar as decisões que sejam as mais justas possível com os aliados. [4] Se qualquer das cidades, dentro ou fora do Peloponeso tiver problemas, no que respeita a fronteiras ou a qualquer outro assunto, essa questão deve ser resolvida judicialmente. Contudo, se alguma cidade aliada tiver alguma dissensão com outra cidade, a arbitragem deve ser entregue a uma terceira cidade, que pareça imparcial quanto às outras duas. [5] Cidadãos individuais devem conduzir os seus processos conforme as tradições da sua terra.”

LXXX. Feitos o tratado e a referida aliança, devolveram as partes tudo o que tinham obtido ou pela guerra ou de qualquer outra maneira e já tratando dos negócios de Estado em comum, votaram a favor de não receberem qualquer arauto ou embaixada vindos dos Atenienses, a menos que estes depois de evacuarem as fortificações, saíssem do Pelo-

poneso, e igualmente de não chegarem a acordo ou entrarem em guerra, se o não fizessem juntos. [2] E com energia empreenderam outras acções, e para o território da Trácia e a Perdicas mandaram em conjunto embaixadores e persuadiram-no a jurar uma aliança com eles. Aquele, porém, não cortou imediatamente relações com os Atenienses, mas começou a pensar nisso, porque viu o exemplo dos Argivos, além de que ele próprio tinha de há muito as suas raízes familiares em Argos. Renovaram também antigos juramentos com os Calcídicos e fizeram mais outros. [3] Por sua vez os Argivos mandaram embaixadores aos Atenienses, para que lhes ordenassem que evacuassem a fortaleza de Epidauro. Os Atenienses, por seu lado, ao verificarem que os membros da sua guarnição eram em número mais reduzido do que os deles, mandaram Demóstenes para os fazer regressar. Chegado este, organizou, como pretexto, um concurso de ginástica fora da fortaleza e, quando o resto da guarnição saiu, fechou os portões. Seguidamente, depois de terem renovado o tratado de paz com os Epidáurios, os Atenienses devolveram de sua livre vontade a fortaleza.

LXXXI. Depois da defecção da aliança por parte dos Argivos, os Mantineus, ainda que primeiramente tivessem resistido, sentiram-se depois impotentes sem os Argivos, e dirigiram-se, por decisão sua, aos Lacedemónios e abdicaram do seu domínio sobre as cidades. [2] Os Lacedemónios e os Argivos, cada qual com mil homens, lançaram-se ambos então numa campanha, mas em Sicíone para onde foram por decisão própria, os Lacedemónios consolidaram a oligarquia, tornando-a mais poderosa do que a anterior e depois disto feito, foram ambos aniquilar o sistema democrático em Argos e estabelecer uma oligarquia favorável aos Lacedemónios. Estes acontecimentos deram-se já quando acabava o Inverno e no início da Primavera, quando se per fazia o décimo quarto ano da guerra.

LXXXII. No Verão seguinte o povo de Díon, no monte Atos, revoltou-se contra os Atenienses a favor dos Calcídicos, e os Lacedemónios trataram em seu favor dos problemas que tinham na Acaia e que antes não lhes eram favoráveis. [2] Entretanto o partido do Povo em Argos a pouco e pouco foi ganhando força e coragem e atacaram os oligarcas, depois de terem esperado pelo festival Gimnopédico dos Lacedemónios. Entrou-se em combate na cidade, e o partido do Povo levou a melhor e matou alguns dos seus adversários, e baniu outros. [3] Os Lacedemónios durante algum tempo não deram atenção às mensagens que os seus amigos lhes enviavam de Argos, mas por fim adiaram as Gimnopédicas e foram em seu auxílio. Souberam em Tegeia que os oligarcas tinham sido derrotados, e não quiseram então prosseguir apesar dos pedidos dos fugitivos, e voltaram para casa e celebraram o festival. [4] Nos tempos seguintes, quando vieram delegados e mensageiros da cidade e dos Argivos no exílio, e na presença dos aliados destes, depois de terem sido discutidos muitos pontos por ambos os lados, os Lacedemónios reconheceram que tinha procedido mal a gente da cidade, e decidiram encetar uma campanha contra Argos, mas entretanto houve demoras e hesitações. [5] Os da facção popular em Argos, com medo nessa altura dos Lacedemónios, começaram de novo a acarinhar a ideia de uma aliança com os Atenienses por pensarem que ela lhes seria muitíssimo útil e em consequência começaram a construir uma grande muralha até ao mar para que, se porventura fossem bloqueados por terra, pelo mar poderiam socorrer-se para, com a ajuda dos Atenienses, fazerem entrar provisões. [6] Ora algumas cidades do Peloponeso também eram cúmplices no respeitante à construção da muralha. Por seu lado, os Argivos, com toda a gente disponível, eles, as mulheres e os escravos, lançaram-se na construção da muralha. De Atenas também chegaram carpinteiros e pedreiros. E assim terminou o Verão.

LXXXIII. No Inverno a seguir, os Lacedemónios logo que souberam da construção da muralha, organizaram uma expedição contra Argos, eles e os aliados, à excepção dos Coríntios. Mesmo em Argos havia quem lá dentro estivesse preparado para a sua vinda. Comandava a expedição Ágis, filho de Arquidamo, rei dos Lacedemónios. [2] No entanto o que lhes parecia vir em sua ajuda na cidade, não apresentou bons resultados, mas, não obstante, tomaram e arrasaram as muralhas já construídas e depois de conquistarem a cidade de Hísias no território de Argos, mataram todos os homens livres que tinham apanhado, e voltaram para trás e distribuíram-se pelas cidades a que pertenciam. [3] Também os Argivos, depois disto, fizeram uma campanha contra Fliunte Fliásia e depois de a terem pilhado foram-se embora, tudo isto porque ali tinham sido acolhidos os seus exilados. De facto muitos destes tinham passado a residir ali. [4] Nesse mesmo Inverno, os Atenenses bloquearam a Macedónia, para retaliarem contra o acordo feito por Perdicas com os Argivos e os Lacedemónios, e também porque, quando tinham preparado uma expedição contra os Calcídicos da Trácia e contra Anfípolis, sob o comando de Nícias, filho de Nicérato, aquele quebrara a aliança e assim a campanha havia cessado principalmente porque Perdicas a tinha abandonado tornando-se por consequência um inimigo. Este Inverno terminou, e com ele perfez-se o décimo quinto ano da guerra.

Monólogo ateniense totalitário: o diálogo dos Mélios e o genocídio

LXXXIV. No Verão seguinte, Alcibíades navegou com vinte barcos rumo a Argos e prenderam cerca de trezentos homens que pareciam ser ainda suspeitos de favorecer a causa dos Lacedemónios, e os Atenenses deslocaram-nos

para as ilhas mais próximas, sobre as quais mandavam. E continuaram a expedição contra a ilha de Melos, com trinta barcos seus, seis de Quios e dois de Lesbos, mais mil e duzentos hoplitas, trezentos arqueiros a pé e vinte a cavalo, todos atenienses, e cerca de mil e quinhentos hoplitas dos aliados e das ilhas. [2] Os Mélios eram colonos dos Lacedemónios e não queriam obedecer aos Atenienses, como faziam os outros ilhéus, mas antes de tudo, queriam manter-se em paz, sem tomar partido por nenhum dos lados, mas depois de os Atenienses os quererem forçar e de arrasarem as suas terras, entraram abertamente na guerra. [3] Entretanto tinham acampado no seu território com aquele aparato bélico, os estrategos Cleomedes, filho de Licomedes, e Tísias, filho de Tisímaco que, antes de causarem danos ao território, mandaram enviados para primeiramente entrarem em negociações. Mas os Mélios não os levaram para diante da assembleia popular, e pediram-lhes que dissessem aos magistrados e a poucos outros, quais as razões por que vinham. Disseram então o seguinte os enviados atenienses:

LXXXV. “Visto que as negociações não vão ser feitas diante do Povo, claramente para impedir que de imediato se deixe seduzir ao ouvir um discurso contínuo, de argumentos convincentes e irrefutáveis, pois sabemos que foi este o motivo que vos levou a trazer-nos à presença de tão poucos, agi ainda com mais segurança, vós que aqui estais sentados. Considerai responder não num único discurso, mas imediatamente a cada ponto logo que ele não vos pareça apropriado. Mas primeiro disseí se vos agrada o que dizemos.

LXXXVI. Os representantes dos Mélios responderam: “Quanto à equidade de tranquilamente nos informarmos uns aos outros, nada há a objectar, mas o aparato bélico que está agora aqui presente e não no futuro parece não coin-

cidir com a vossa proposta. Estamos de facto a verificar que quereis ser vós próprios juizes do que for aqui dito, e que a conclusão mais provável desta negociação é a guerra contra nós, caso vamos prevalecer com justiça e não nos submetermos; e se nos deixarmos convencer, será a escravidão.”

LXXXVII. AT.: “Se foi para raciocinar sobre suspeições quanto ao futuro, ou por qualquer outra razão, que vos reunistes, e não para decidirdes face à situação presente que está diante dos vossos olhos, quanto à situação da vossa cidade, é melhor deixarmos de falar. Se assim não for, podemos continuar.”

LXXXVIII. MÉL.: “É natural e desculpável que quem está numa situação como a nossa siga muitos percursos tanto no que diz, como no que pensa. Ora esta reunião está a dar-se para discutir a nossa salvação. Que a discussão continue, se assim vos parece, da forma como propusestes.”

LXXXIX. AT.: “Quanto a nós, não vamos usar frases pomposas, como a de que temos direito ao poder, porque derrotámos o Medo, ou a de que agora vos atacamos, porque fomos vítimas de injustiças, dando uma série não fiável de razões, nem esperamos de vós que nos digais que, embora colonos dos Lacedemónios, não entrastes com eles na guerra, pensando que assim nos convenceis, ou então que em nada nos fizestes mal; esperamos que em vez disso analiséis o que é praticável, dentro do realismo que anima o pensamento de cada um de nós, pois sabeis como nós sabemos, que o que é justo na vida humana só é avaliado em circunstâncias equivalentes, e que os mais fortes fazem o que podem, enquanto os mais fracos fazem o que devem.”

XC. MÉL.: “De qualquer forma pensamos que é útil (somos forçados a dizê-lo, visto que estabelecesteis que se

fale do que é justo separadamente do que é conveniente) que não venhais destruir o que é o nosso bem comum, isto é, para quem se encontra em perigo, o que é aceitável, é igualmente justo, podendo também aproveitar de argumentos não completamente precisos, desde que persuasivos. E isto é de especial relevância para vós, pois ao falhardes, ireis estabelecer para os outros o exemplo do maior castigo.”

XCI. AT.: “Quanto a nós, não temos medo quanto ao fim do nosso império, se é que vai ter fim. Não são os que detêm o poder sobre os outros, como os Lacedemónios que causam terror aos vencidos (e de qualquer modo, não é com eles que estamos agora em luta), mas se os que são súbditos em algum lugar atacam e dominam os que neles mandam. [2] Mas quanto a isto, deixai-nos arriscar. Estamos aqui presentes por interesses do nosso império e as propostas, que vamos fazer agora quanto à salvação da vossa cidade, demonstrar-vos-ão que pretendemos mandar em vós sem grandes problemas e ver-vos a salvo para o bem de nós ambos.”

XCII. MÉL.: “Mas como pode haver a mesma utilidade em nós servirmos, e vós mandardes?”

XCIII. AT.: “Porque para vós haveria a vantagem de vos submeterdes antes de sofrer o que há de pior, e nós ganharíamos se não tivéssemos de vos aniquilar.”

XCIV. MÉL.: “Dessa forma vós não permitis que ao sermos neutrais, sejamos vossos amigos em vez de inimigos, sem sermos aliados de nenhuma das partes?”

XCV. AT.: “Não é assim. A vossa hostilidade não nos fere tanto quanto a vossa amizade, porquanto esta será uma prova da nossa fraqueza frente aos que são nossos súbditos, enquanto o ódio é prova do nosso poder.”

XCVI. MÉL.: “Será que os vossos súbditos têm uma tal noção de equidade que colocam no mesmo grupo os que nada têm a ver convosco e os muitos povos que são colonos vossos e também alguns rebeldes que por vós foram subjugados?”

XCVII. AT.: “Eles pensam certamente que nem uns nem outros carecem de um tratamento justo, pois é pela força que mantêm a independência e é por medo que os não atacamos, e portanto, para além de aumentarmos o nosso império, teríamos mais segurança se vos rendêsseis, especialmente se vós, um povo das ilhas, mais fraco do que outros ilhéus, não pudésseis levar a melhor frente aos senhores dos mares.”

XCVIII. MÉL.: “Não acreditais então que haja segurança no outro procedimento? Neste caso, visto que nos impedis de falar de justa causa e nos quereis persuadir a obedecer ao vosso interesse, também é preciso que nós vos expliquemos o que mais bem nos serve, e se acontecer que os nossos interesses coincidam, que vos tentemos convencer. Como conseguireis agora não tornar inimigos os que não são aliados de ninguém, quando esses, olhando para o nosso caso já estão certos de que os atacareis? Mas o que é isso senão fazer mais inimigos daqueles que nunca tiveram intenção de o ser?”

XCIX. AT.: “A razão é não considerarmos serem perigosos para nós os que vivem algures no continente e em liberdade, pois vão levar tempo a tomar precauções contra nós, o que não é o caso dos povos das ilhas, como vós, que estão fora do nosso império e dos que, obrigados ao império, dele estão fartos. São estes efectivamente que são mais susceptíveis de tomar decisões imponderadas e de se lançar em situações de perigo quer para eles quer para nós.”

C. MÉL.: “Então, se tão grande é o risco para não perderdes o vosso império, e os povos por vós já escravizados assumem um perigo grande para dele se livrarem, para nós que ainda temos liberdade será falta de carácter e cobardia não tentarmos tudo em vez de nos submetermos ao vosso jugo.”

CI. AT.: “Não, se tomardes uma decisão sensata, visto que a luta não se travará em pé de igualdade, no que vos diz respeito, para ter como prémio a coragem e como castigo a vergonha. É sim a questão da vossa salvação, o não resistir a quem é muito mais poderoso.”

CII. MÉL.: “Sabemos contudo que a sorte nas guerras se revela mais imparcial do que a contagem da diferença de números, e quanto a nós, cedermos significa entregarmos-nos nas mãos do desespero, enquanto entrar em acção nos dá a esperança de ficarmos de pé.”

CIII. AT.: “A esperança incita ao perigo, e para aqueles que têm recursos e a ela recorrem, embora lhes inflija perdas, não os destrói. Mas para aqueles que tudo arriscam numa só jogada (a esperança é pródiga por natureza), só se dá a conhecer aos que já estão arruinados, e enquanto houver quem dela ainda se possa defender nunca se mostra como é. [2] Ora vós que sois fracos e dependentes de uma só pesagem na balança, não deveis tomar tal decisão nem deveis imitar o vulgo, que tendo humanamente ainda meios de se salvar, logo que esperanças palpáveis os abandonam quando em situação desesperada, se voltam para esperanças invisíveis, como as profecias e os oráculos e para quantas coisas que com a esperança combinadas levam à destruição.”

CIV. MÉL.: “Sabeis bem que também nós temos consciência da vossa força e boa fortuna, e quão difícil é lutar

contra vós se não for em termos de igualdade. No entanto, acreditamos que a nossa sorte, por intervenção divina, poderá não ser inferior à vossa, porque somos gente com fê a lutar contra gente injusta, e o que nos falta em força será colmatado pela nossa aliança com os Lacedemónios, que lhes será imposta, senão por qualquer outra causa, pela vergonha, para que venham em nosso auxílio devido ao parentesco dos nossos povos. Assim já não é totalmente irresponsável a forma como confiamos.”

CV. AT.: “Quanto à benevolência dos deuses, à qual vos referis, também nós pensamos por ela não sermos abandonados. Nada pretendemos nem praticamos fora do que é a fê dos homens nos deuses, e da forma como se comportam entre eles. [2] Acreditamos que o divino e sabemos que o humano, por uma necessidade absoluta imposta pela natureza, quando dispõem do poder, ordenam. Nem somos nós que ditamos esta lei, nem os primeiros a utilizá-la quanto à nossa disposição, mas já a assumimos existente, e deixá-la-emos existir para sempre, pois limitamo-nos a usá-la. E estamos certos de que vós ou outros quaisquer, dispondo de força igual à nossa, faríeis o mesmo. [3] E assim no que concerne os deuses, não há razão para que tenhamos estar em desvantagem. Quanto à vossa convicção a respeito dos Lacedemónios, que por uma questão de vergonha virão em vosso auxílio, abençoamos a vossa inocência, mas não invejamos a vossa loucura. [4] Os Lacedemónios, quando se trata dos seus interesses ou das suas próprias leis, são de uma nobreza extrema. Como se comportam para com outros, muito se pode dizer, mas em poucas palavras é para nós mais do que evidente, que de todos os que conhecemos são os que pensam que o que é agradável é nobre e que justiça é o que lhes convém. Tal maneira de pensar não é aquela que se aplica ao socorro com que tão irracionalmente contaís.”

CVI. MÉL.: “Mas é exactamente por essa razão que confiamos na sua defesa de conveniência; no seu próprio interesse não vão decidir trair-nos a nós Mélios, seus colonos, e assim espalhar a desconfiança entre os Helenos que lhes são favoráveis e dar ajuda aos inimigos.”

CVII. AT.: “Não pensais, por conseguinte, que a conveniência está ligada à segurança. E que justiça e honra não podem ser obtidas sem perigo, e isto é o que os Lacedemónios estão menos tentados a arriscar.”

CVIII. MÉL.: “Quanto a nós pensamos pelo contrário que por nossa causa estariam dispostos a enfrentar riscos e a julgar-se mais seguros do que se fossem ajudar outros, na medida em que é a favor da sua intervenção o estarmos perto do Peloponeso, além de que, por sermos do mesmo sangue e do mesmo lado, nos torna mais fiáveis do que outros.”

CIX. AT.: “O que dá segurança aos que estão prestes a entrar em combate não nos parece ser a boa vontade de quem lhes pede socorro, mas sim uma notória superioridade de poder e acção. Ora os Lacedemónios prestam atenção a isso, dando-lhe mais importância do que outros (é de facto por falta de confiança na sua preparação interna que só atacam os vizinhos juntamente com muitos aliados), de tal maneira que não parece racional, quando nós somos os donos do mar, que eles venham atravessá-lo para esta ilha.”

CX. MÉL.: “Mas às suas ordens têm outros que também podem mandar. Largo é o mar de Creta, e por isso mesmo é mais difícil para os que nele mandam interceptar o adversário do que atravessar com segurança os que deles se querem esconder. [2] E se os Lacedemónios falharem aqui, virar-se-ão para as vossas terras e contra os que sobram dos vossos aliados, aos quais Brásidas não chegou.

Então já não será pela terra que vos não pertence, mas pela vossa própria terra e pela vossa confederação que tereis de lutar.”

CXI. AT.: “Qualquer dessas contingências pode acontecer e depois de vós as experimentardes, ficareis a saber que nunca em caso algum os Atenienses abandonaram um cerco por medo de outrem. [2] Estamos impressionados por terdes vós prometido ir ponderar quanto a soluções que vos pusessem a salvo, no entanto, ao longo desta discussão nem uma palavra dissestes, na qual seres humanos, por nela confiarem, pudessem ser salvos. Os vossos argumentos mais sólidos repousam em esperanças futuras, enquanto os vossos recursos actuais são demasiadamente limitados para poderdes vencer contra os que tendes contra vós à vossa frente. Mostrais de facto grande irracionalidade na vossa forma de pensar, a menos que ainda depois de terdes permitido que nos retiremos, encontreis qualquer outra solução mais sábia do que essa. [3] Não vos deixeis cair nesse sentimento de desonra, que, em perigos ligados à falta de dignidade e previsíveis, é tão fatal para a humanidade. Com efeito muitos que conseguem ainda ver para onde os acontecimentos os levam, deixam apesar disso que esse sentimento chamado desonra os atraia, e de tal forma ficam diminuídos pela força do termo, que vão cair voluntariamente em desastres sem remédio e resvalam para uma desonra ainda mais desonrosa por falta de bom senso, do que se o fosse por golpe do destino. [4] Contra isto, se fordes avisados, deveis defender-vos, e não considerar que é indigno submeter-vos à maior cidade da Hélade, que vos propõe soluções razoáveis como a de vos tornardes seus aliados tributários, continuando contudo a ser proprietários da vossa terra, nem tão-pouco deveis, quando vos é dado escolher entre a guerra e a segurança, preferir que vença a solução pior. Todos os que não querem submeter-se aos seus iguais e se comportam com bom senso

frente aos seus superiores e com equilíbrio face aos seus inferiores, são os que têm mais sucesso. [5] Pensai no assunto, mesmo depois de nos irmos embora, e reflecti muitas vezes, visto que decidis quanto à vossa pátria, e pátria só há uma, e de uma só decisão depende a sua prosperidade ou a sua ruína.”

CXII. Os Atenienses retiraram-se da conferência, e os Mélios que ficaram sós entre si, como mantiveram igual opinião à que deram quando discutiam, responderam o seguinte: [2] “Atenienses, a nossa resolução não mudou e é a mesma que primeiramente tivemos. Nem neste curto espaço de tempo vamos privar de liberdade uma cidade que já é povoada há setecentos anos. Porém, tendo fê no destino e no poder divino, que até hoje a preservaram e na ajuda dos homens, ou seja, na dos Lacedemónios, tentaremos salvá-la. [3] Convidamo-vos a ser nossos amigos e não inimigos de qualquer das partes, e a sair da nossa terra depois de termos feito um tratado de paz, que pareça apropriado para nós ambos.”

CXIII. Foi assim que os Mélios responderam. E os Atenienses ao afastarem-se da conferência disseram: “Sois vós, a julgar pelas vossas resoluções, os únicos, tal como nos parece, a pensar que o futuro tem maior segurança do que o que tendes diante dos olhos, e a olhar o que é invisível, como se por vossa vontade, já estivesse concretizado. E assim como vós apostastes e pusestes toda a vossa confiança nos Lacedemónios, no destino e nas esperanças, assim também sereis completamente derrotados.”

CXIV. E os enviados dos Atenienses regressaram ao exército e os seus estrategos, como os Mélios não se submeteram, lançaram-se imediatamente em campanha e, dividindo as tarefas pelas cidades aliadas, cercaram os Mélios

com muralhas. [2] Seguidamente, os Atenienses deixaram atrás de si, tanto por mar como por terra, uma guarda com os seus homens e os dos aliados e retiraram-se com o mais importante contingente das suas forças. Ficaram os que tinham sido deixados a cercar a cidade.

CXV. Por essa mesma altura, os Argivos invadiram a Flíasia, mas numa emboscada que os Flíasios e os exilados argivos montaram, perderam cerca de oitenta homens. [2] E os Atenienses de Pilos fizeram importante saque aos Lacedemónios. Mas os Lacedemónios, seguidamente, sem por causa disso romperem o tratado de paz e contra eles declararem a guerra, espalharam a proclamação de que se algum dos seus povos quisesse, podia pilhar os Atenienses. [3] Os Coríntios, por algumas dissensões particulares, também fizeram guerra contra os Atenienses, mas os outros Peloponésios permaneceram inactivos. [4] Entretanto os Mélios atacaram durante a noite e conquistaram a parte da muralha dos Atenienses nas imediações da ágora, mataram alguns homens e trouxeram para junto de si trigo e tudo quanto puderam que lhes poderia ser útil e depois de regressarem permaneceram inactivos, enquanto os Atenienses prepararam para os tempos seguintes uma guarda melhor. E assim terminou o Verão.

CXVI. No Inverno a seguir, os Lacedemónios decidiram invadir o território argivo, mas porque os sagrados sacrificios feitos para a travessia da fronteira não lhes foram favoráveis, voltaram para trás. Devido a esta sua tentativa, os Argivos começaram a suspeitar de alguns dos seus concidadãos e prenderam uns, mas outros fugiram-lhes. [2] Foi por esses tempos que os Mélios de novo conquistaram outra parte da muralha dos Atenienses, visto que destes não havia muitos guardas presentes. [3] Devido a esse incidente, veio logo depois um reforço militar de Atenas, comandado por

Filócrates, filho de Démeas, e então impuseram o cerco com toda a força, e, por via de alguma traição lá de dentro, por sua livre vontade se entregaram os Mélios aos Atenienenses, para que com eles fizessem o que decidissem. E os Atenienenses mandaram matar todos os homens adultos que apanharam e venderam para escravos crianças e mulheres. Finalmente vieram eles próprios habitar a região, depois de para lá terem enviado quinhentos colonos.

LIVRO VI

A Sicília na mira do imperialismo ateniense. História da ilha

I. Durante o mesmo Inverno, os Atenienses queriam navegar outra vez para a Sicília com uma força maior do que a de Laques e Eurimedonte e, se possível, dominá-la, muito embora muitos deles não soubessem nem o tamanho da ilha, nem o número dos seus habitantes, helénicos ou bárbaros, nem que estavam a ponto de começar uma guerra de proporções em nada inferiores às da guerra contra os Peloponésios. [2] Na realidade, a viagem à volta da Sicília num cargueiro dura não muito menos do que oito dias e sendo ela de grandes dimensões não é parte do continente por causa de cerca de vinte estádios de mar que dele a separam.

II. Foi originalmente colonizada da seguinte maneira, e foram estes os povos que a ocuparam. Os mais antigos que dizem que se fixaram numa parte da ilha foram os Ciclopes e os Lestrígones; destes nem posso determinar a raça, nem donde vieram nem para onde foram. Que seja suficiente aquilo que os poetas disseram e o que de algum modo cada um conhece acerca deles. [2] Depois destes, os Sicanos parece que foram os primeiros que ali se estabeleceram e, como eles próprios dizem, foram os primeiros indígenas mas, como prova a verdade, os primeiros foram os Iberos que tinham sido expulsos da região do rio Sicano na Ibéria pelos Lígures.

E destes veio o nome de Sicânia para a ilha que antes se chamava Trinácia. Ainda hoje os Sicanos habitam zonas ocidentais da Sicília. [3] E quando Ílion foi capturada, alguns dos Troianos que tinham escapado aos Aqueus aportaram à Sicília em barcos e tendo-se estabelecido como vizinhos dos Sicanos eram chamados, como povo, Élimos e as suas cidades Érix e Egesta. Estabeleceram-se ali também com eles alguns Focenses que, vindos de Tróia na mesma altura, tinham sido levados por uma tempestade primeiro para a Líbia, depois para a Sicília. [4] E os Sículos atravessaram da Itália, onde então viviam, para a Sicília fugindo dos Opícios, como é provável e assim se conta; vieram em jangadas e esperaram para a travessia por vento que os levasse, ou talvez tivessem para ali navegado de outra forma. Na realidade, ainda hoje há Sículos na Itália. E o país passou a designar-se Itália do nome dum certo rei sículo, que se chamava Ítalo. [5] Tendo chegado à Sicília com um grande exército venceram os Sicanos numa batalha e forçaram-nos a ir para a região do sul e do oeste da ilha que por este motivo passou a chamar-se Sicília em vez de Sicânia. E depois de terem feito a travessia, fixaram-se nas melhores terras durante cerca de trezentos anos antes de os Helenos chegarem à Sicília. E ainda hoje possuem a parte central e as zonas viradas para o norte da ilha. [6] Também os Fenícios se estabeleceram por toda a Sicília tendo tomado os promontórios junto do mar e as ilhotas vizinhas para comerciar com os Sículos. Mas quando os Helenos em grande número chegaram à ilha pelo mar, os Fenícios tendo abandonado a maioria daqueles lugares, fixaram-se em Mótia, Soloente e Panormo perto dos Élimos, confiados na aliança que tinham com estes, e também porque dali a viagem da Sicília para Cartago é a mais curta. Foram portanto estes os Bárbaros que assim se estabeleceram na Sicília.

III. Dos Helenos, os primeiros a aportar à Sicília eram Calcidenses da Eubeia que com Tucles como fundador se

fixaram em Naxos e construíram o templo a Apolo Arquégeta que fica agora fora da cidade e é nele que os emissários religiosos oferecem primeiro sacrifícios sempre que partem da Sicília. [2] No ano seguinte, Árquias dos Heraclidas de Corinto fundou Siracusa, tendo primeiro expulsado os Sículos da ilha, onde, por já não ser hoje banhada pelo mar, se ergue a cidade interior. E a cidade exterior foi seguidamente incluída dentro das muralhas, tornando-se muito populosa. [3] No quinto ano depois da fundação de Siracusa, Tucles e os Calcidenses vindos de Naxos, tendo pela guerra expulsado os Sículos, fundaram Leonte e depois Catana, mas os Cataneus escolheram Evarco como seu fundador.

IV. Por este mesmo tempo, Lâmis chegou à Sicília trazendo consigo de Mégara uma colónia e estabeleceu-se num local de nome Trótilo, para além do rio Pantáquias mas seguidamente, durante um curto período de tempo, juntou-se aos Calcidenses em Leontino. Porém, tendo sido banido por estes, fundou Tapso e morreu. E os seus outros companheiros forçados a deixar Tapso, estabeleceram-se num local chamado Mégara Hibleia, que o rei sículo Híblon lhes concedeu e para onde os conduziu. [2] E tendo ali vivido durante duzentos e quarenta e cinco anos foram expulsos da cidade e da região por Gelon, tirano de Siracusa. Mas antes de serem expulsos, cem anos depois de ali se terem fixado, fundaram Selinunte tendo para lá enviado Pamilo que vinha de Mégara, a colónia-mãe, e se lhes juntou para colonizar Selinunte. [3] Quarenta e cinco anos depois da fundação de Siracusa, Antifemo de Rodes e Entimo de Creta, tendo trazido consigo colonos, fundaram juntos Gela. E a cidade chamou-se Gela do nome do rio, mas o local onde agora se ergue a cidade e que foi primeiro fortificada, chama-se Líndios e adoptaram instituições dóricas. [4] Perto de cento e oito anos depois da sua fundação, os Geloos colonizaram

Ácragas, dando à cidade o nome do rio Ácragas e fazendo seus colonizadores Aristónoo e Pistilo. Adoptaram as instituições dos Geloos. [5] Zancle no princípio foi colonizada por piratas vindos de Cumas, cidade Calcídense na Opícia mas depois, um grande número de colonos veio da Calcídia e do resto da Eubeia e com eles compartilharam a terra. E os fundadores foram Perieres e Cratémenes, um de Cumas, o outro de Calcis. No princípio os Sículos chamaram-lhe Zancle, porque o lugar tem a forma duma foice e os Sículos chamam à foice *zanclon* mas seguidamente eles próprios foram expulsos pelos Sâmios e outros Jónios que fugindo dos Medos aportaram à Sicília. E os Sâmios não muito depois foram expulsos por Anaxilas, tirano de Régio que colonizou a cidade com população mista e lhe deu o nome de Messénia derivado do da sua terra.

V. E Himera foi colonizada a partir de Zancle por Euclides, Simo e Sácon e a maioria dos colonos era calcídense e juntamente com eles estabeleceram-se ali outros exilados de Siracusa, porque tinham sido vencidos numa revolta e eram chamados Milétidas; a língua era uma mistura de calcídico e dórico, mas as instituições que prevaleceram foram as dos Calcídenses. [2] Acras e Cásmenas foram colonizadas pelos Siracusanos, Acras setenta anos depois de Siracusa, Cásmenas perto de vinte anos depois de Acras. [3] E Camarina foi primeiro colonizada pelos Siracusanos perto de cento e trinta e cinco anos depois da fundação de Siracusa, e foram seus fundadores Dáscon e Menecolo. Porém os Camarinenses foram expulsos pelos Siracusanos como consequência da guerra por causa de uma revolta e algum tempo depois Hipócrates, tirano de Gela, tendo recebido como resgate por alguns prisioneiros de guerra siracusanos o território dos Camarinenses, tornou-se ele próprio fundador da cidade de Camarina. E de novo destruída por Gelon, foi colonizada pela terceira vez pelos Geloos.

VI. Foram estes portanto os povos de Helenos e Bárbaros que ocuparam a Sicília e tamanha era a grandeza da ilha, contra a qual os Atenienses estavam resolvidos a empreender uma campanha militar. O absolutamente verdadeiro motivo era o desejo de dominar toda a ilha, mas ao mesmo tempo era plausível quererem ajudar quem vinha da mesma estirpe deles, bem como os aliados que tinham angariado. [2] De facto eram principalmente instigados pelos embaixadores dos Egesteus que estavam presentes e activamente pediam a ajuda ateniense. Na verdade, sendo eles vizinhos dos Selinúncios entraram em guerra com estes por causa de alguns casamentos e de disputas de território. E os Selinúncios tendo chamado em seu auxílio os Siracusanos, seus aliados, perseguiram-nos quer em terra quer no mar. Consequentemente os Egesteus lembraram aos Atenienses a aliança celebrada no tempo de Laques, bem como a aliança com os Leontinos por ocasião duma guerra anterior, e pediram-lhes que mandassem navios para se defenderem. E disseram também muitas outras coisas sendo a principal que, se os Siracusanos não fossem castigados por terem expulsado os Leontinos do seu território e também por terem destruído os restantes aliados daqueles, adquirissem completo poder sobre a Sicília, havia o perigo de enfraquecer o poder ateniense, se um dia com uma força poderosa se juntassem Dórios com Dórios por causa da origem comum e também como colonos dos Peloponésios que para ali os haviam enviado. Seria portanto prudente opor-se aos Siracusanos com os aliados que ainda restavam, especialmente quando os Egesteus iam fornecer dinheiro suficiente para pagar a guerra. [3] Os Atenienses tendo ouvido estes argumentos muitas vezes de Egesteus e dos que apoiavam a causa deles, votaram enviar primeiro a Egesta embaixadores para verificar se o dinheiro estava disponível como eles diziam, quer em tesouro público, quer nos templos, e ao mesmo tempo ver o que estava a acontecer na guerra com os Selinúncios.

VII. E assim os embaixadores dos Atenienses foram despachados para a Sicília. E durante o mesmo Inverno, Lacedemónios e os seus aliados, com excepção dos Coríntios, invadiram o território argivo destruindo uma parte não muito grande deste e levaram algum cereal em carroças que tinham trazido consigo; também instalaram os exilados de Argos em Orneias e ali deixaram àqueles um pequeno número de tropas e tendo feito um tratado por algum tempo para que Orneatas e Argivos não destruíssem os seus respectivos territórios, retiraram com o exército para a sua cidade. [2] Quando, não muito depois destes acontecimentos, os Atenienses chegaram com trinta navios e seiscentos hoplitas, os Argivos juntaram-se a eles e tendo saído com todas as suas forças cercaram durante o dia os que estavam em Orneias. Mas durante a noite, enquanto o exército que cercava a cidade acampava à distância, os homens cercados escaparam de Orneias. E quando no dia seguinte os Argivos se deram conta do que tinha acontecido, arrasaram Orneias e retiraram e depois os Atenienses com os seus navios também regressaram à sua cidade. [3] Os Atenienses levaram por mar para Metona que é vizinha da Macedónia alguma cavalaria e exilados macedónios que estavam com eles e arrasaram o território de Perdicas. [4] Também os Lacedemónios exortaram os Calcidenses na Trácia que tinham com os Atenienses um tratado de paz renovável em cada dez dias a juntar-se a Perdicas na guerra. Mas eles não quiseram. E assim acabou o Inverno e com ele o décimo sexto ano da guerra cuja história Tucídides escreveu.

A invasão da Sicília como tema da Assembleia ateniense

VIII. No Verão seguinte, no princípio da Primavera, os embaixadores dos Atenienses voltaram da Sicília e com eles

os Egesteus trazendo sessenta talentos de prata não cunhada como pagamento de um mês para sessenta navios que eles iam pedir aos Atenienses que lhes mandassem. [2] Então os Atenienses convocaram uma assembleia e tendo ouvido dos Egesteus e dos seus próprios embaixadores coisas aliciantes mas não verdadeiras e que, no que dizia respeito a dinheiro, haveria muito disponível nos templos e no tesouro público, votaram enviar para a Sicília sessenta navios tendo como comandantes com plenos poderes Alcibiades, filho de Clínio, Nícias, filho de Nicérato e Lâmaco, filho de Xenófanes, para ajudar os Egesteus contra os Selinúncios e repor como colonos os Leontinos e, se vencessem na guerra, fazer também na Sicília outras coisas que eles determinassem como sendo as melhores para os interesses dos Atenienses. [3] E no quinto dia, depois disto, reuniu-se de novo a assembleia para se ocupar do que era necessário para equipar os navios o mais rapidamente possível e votar pelo que, fosse o que fosse, os estrategos pedissem para a expedição. [4] E Nícias que contra sua vontade fora escolhido, julgando que a cidade não tinha tomado a decisão certa, a qual, com fundamento num pretexto de pouca importância mas aparentemente correcto, pretendia de facto tomar toda a Sicília, empreendimento de monta, quis dissuadi-los e avançando deu aos Atenienses o seu parecer:

IX. “Esta assembleia foi convocada para discutir os nossos preparativos e o que é necessário para a expedição à Sicília. Por minha parte, contudo, parece-me que devemos reconsiderar tudo isto com mais cuidado e perguntar se é de facto melhor mandar os navios, sem quase termos deliberado sobre matéria de tão grande importância, persuadidos apenas pelas palavras de estrangeiros, a iniciar uma guerra que não nos diz respeito. [2] E no entanto, de tal empresa eu recebo honras e estando eu menos receoso pela minha integridade física do que outros estão, julgo no entanto que

é igualmente bom cidadão aquele que toma precauções em relação à sua integridade física e à sua propriedade. Na realidade, tal cidadão, para seu próprio proveito, vai desejar mais que tudo que os interesses da cidade prosperem. De qualquer modo nunca antes para obter honrarias eu disse o contrário do que pensava, e também não vou fazê-lo agora. Vou sim dizer aquilo que penso ser o melhor para a nossa cidade. [3] Na realidade, o meu discurso seria débil em relação à vossa visão do mundo se eu apenas recomendasse que conservásseis o que tendes e não arriscásseis os vossos haveres pelo que é desconhecido e que só vai acontecer no futuro. Mas eu vou mostrar-vos que não só a vossa precipitação não ocorre no momento oportuno, mas também que não é fácil obter aquilo que tão empenhados estais em alcançar.

X. “Digo-vos que na realidade deixais aqui muitos inimigos e que, por tanto desejardes navegar para a Sicília, ireis angariar ali outros. [2] Pensais provavelmente que o tratado celebrado vos garante segurança, mas a verdade é que este será apenas um tratado no nome, enquanto vos conservardes inactivos (e é assim em virtude de acções praticadas por gente daqui e por outros que estão entre os nossos inimigos) mas, se porventura com forças consideráveis falhardes, os nossos inimigos atacar-nos-ão rapidamente, em primeiro lugar porque foram forçados a celebrar o tratado como consequência do seu próprio infortúnio e em circunstâncias mais desonrosas do que nós; depois porque no tratado temos muitos pontos controversos. [3] Também há muitas cidades que ainda o não ratificaram e não são estas as cidades com menos poder. E algumas estão em guerra aberta, outras, uma vez que os Lacedemónios estão ainda inactivos, são impedidas de o fazer por tratados renováveis de dez em dez dias. [4] Provavelmente se encontrarem talvez o nosso poder dividido, o que de facto agora nós nos apressamos a

fazer, também poderão certamente ser persuadidos a juntarem-se aos Sicilianos, que eles em tempos passados, preferindo-os a outros, muito apreciaram como seus aliados. [5] É necessário portanto examinar estas matérias e não considerar correr riscos por um estado que ainda está indeciso, nem desejar um outro império antes de assegurar o que temos, uma vez que os Calcidenses na Trácia, há tantos anos em revolta contra nós, ainda não foram dominados, e outros em vários pontos do continente grego nos obedecem com lealdade duvidosa. No entanto somos rápidos em ir ajudar os Egesteus como aliados, porque alguém os desrespeitou, mas não estamos prontos a castigar aqueles que, tendo-se há muito revoltado contra nós, abertamente nos faltaram ao respeito.

XI. “E na verdade, se os dominarmos, prevaleceremos, mas os da Sicília se os dominarmos pela força, porque estão muito longe e são muitos, dificilmente poderemos exercer poder sobre eles. Na realidade é absurdo atacar quem não pode ser subjugado, quando dominado e, se não se for bem sucedido, não se ficará na mesma situação em que se estava antes do ataque. [2] Também me parece que os Siciliotas, como estão agora, se tornam ainda menos perigosos para nós, se os Siracusanos passarem a governá-los, probabilidade com que os Egesteus especialmente nos assustam. [3] Na verdade agora podem talvez vir contra nós separadamente por reconhecimento para com os Lacedemónios, mas no outro caso não é provável que um poder imperial ataque outro poder imperial; com efeito, se por qualquer meio juntamente com os Peloponésios eles nos tirassem o poder, é provável que da mesma forma eles fossem despojados do seu próprio poder pelos mesmos Peloponésios. [4] No que nos diz respeito, os Helenos na Sicília teriam muito mais receio de nós, se nós não aparecêssemos, ou então se, tendo mostrado a nossa força durante um curto espaço de tempo,

retirássemos (com efeito, todos sabemos ser, sem sombra de dúvida, o que fica mais distante e menos permite a prova da sua fama que causa mais medo). Mas se nós de alguma maneira falharmos, rapidamente poderão desprezar-nos e, juntando-se aos nossos inimigos aqui, poderão atacar-nos. [5] A verdade é que vós, Atenienses, experimentastes isto mesmo com os Lacedemónios e seus aliados e uma vez que para além das vossas expectativas os dominastes naquilo que primeiro receáveis, agora desprezai-os e desejais até conquistar a Sicília. [6] Na verdade, não deveis regozijar-vos com os infortúnios dos inimigos, e só deveis ficar confiantes, quando tiverdes prevalecido sobre os desígnios deles. E também não deveis presumir que os Lacedemónios, mesmo na situação desonrosa em que estão, consideram qualquer outra solução que não seja derrotar-nos mesmo agora se puderem, corrigindo assim o que não é característico deles, já que há muito cultivam intensamente a reputação da sua glória militar. [7] Portanto, se formos prudentes, a nossa disputa não é sobre os Egesteus na Sicília, um povo de Bárbaros, mas como vamos vigiar intensamente uma cidade que usando meios oligárquicos intriga contra nós.

XII. “Também é necessário não esquecer que a grande peste e a guerra nos deixaram recentemente em tal situação, que só agora estamos a refazer o nosso património em riquezas e em homens. Portanto, é justo usar aqui estes recursos connosco e não com estes exilados que reclamam a nossa ajuda, para quem mentir é útil, que usam apenas palavras pondo em perigo o vizinho e que, se são bem sucedidos, não mostram gratidão apropriada e se falham, implicam os amigos na sua derrota. [2] E se alguém aqui, radiante por ter sido escolhido como comandante, vos aconselha a navegar para a Sicília, tendo em consideração somente o seu próprio interesse, mas sendo ainda muito novo para comandar, e para provocar admiração devido aos cavalos que cria,

actividade dispendiosa, vier a obter algum proveito no exercício do comando, não lhe entregueis a cidade, pondo-a em perigo, para ele se notabilizar como indivíduo. Pensai que tais homens não só arruinam o estado mas também esbanjam o seu património pessoal. Isto é na realidade um assunto de enorme importância e não é para ser decidido por pessoa tão jovem, nem para ser manipulado com precipitação.

XIII. “Quando eu os vejo agora aqui sentados, instigados por este homem, encho-me de receio e exorto os homens mais velhos em sentido contrário a não se envergonharem, mesmo se algum está sentado junto destes, de parecer cobarde se não votar pela guerra. E também que não se deixem enamorar perdidamente pelo que está longe, precisamente aquilo que aqueles podem sentir, certos de que poucas coisas são bem-sucedidas só pela ambição, mas muitas por uma previsão cuidada. E sobre a nossa pátria que agora corre perigo maior do que os perigos que já correu, que levantem as mãos em oposição e votem para que os Siciliotas conservem, em relação a nós, as fronteiras que agora têm e não são disputadas – o mar Jónico quando se navega junto à costa, e o Siciliano quando se atravessa para o alto mar – e que gozem o que lhes pertence e resolvam as suas questões entre si. [2] E que digam aos Egesteus em privado, uma vez que começaram primeiro a guerra contra os Selinúncios sem os Atenienses, que lhe ponham fim por si próprios e de futuro que não façamos aliados como costumávamos, os quais temos de ajudar quando estão em dificuldades mas que não podem trazer-nos auxílio quando nós lhes pedimos.

XIV. “E tu, presidente da assembleia, se pensas que tens o dever de velar pela cidade e queres tornar-te num bom cidadão, propõe estas minhas opiniões imediatamente aos Atenienses para as votarem, e se receias pô-las a voto, pensa que violar as leis diante de tantas testemunhas não dará lugar

a qualquer acusação contra ti, mas transformar-te-á no médico que vai trazer a cura à cidade mal aconselhada. E na verdade um cidadão é bom governante, quando ajuda a sua cidade da melhor forma possível e não tem vontade de em nada a prejudicar.”

XV Assim falou Nícias. A maioria dos Atenienses que vieram falar recomendaram a expedição e que não se invalidasse o que já tinha sido votado, mas alguns falaram contra isto. [2] Incitava à expedição com mais zelo Alcibíades, filho de Clínio, que queria opôr-se a Nícias, não só porque estava em desacordo noutras posições políticas, mas também porque tinha sido mencionado por aquele de maneira difamatória e sobretudo porque desejava ardentemente ser comandante e tinha esperança de que a Sicília e Cartago fossem conquistadas por meio da sua intervenção e, se fosse bem-sucedido, isso seria útil aos seus interesses particulares quer no que dizia respeito à riqueza, quer à glória pessoais. [3] Na realidade, sendo tido em alta estima pelos seus concidadãos, tentava servir os seus caprichos que eram bem maiores do que o património de que dispunha, tais como a criação de cavalos e outras despesas. E foi precisamente isto que depois não pouco contribuiu para a destruição da cidade de Atenas. [4] De facto, a maioria dos populares receosa da magnitude do exagero com que conduzia a sua vida privada e das intenções reveladas em cada acção em que estava implicado, voltou-se contra ele como se ele pretendesse ser um tirano, e muito embora Alcibíades tivesse administrado os negócios públicos da cidade muito bem, sentiam-se assustados com o seu comportamento privado e entregaram a cidade a outros que não muito depois a arruinaram. Alcibíades adiantou-se então e deu aos Atenienses os seguintes conselhos:

XVI. “Atenienses, pertence-me a mim mais do que a outros o comando desta expedição (e é necessário que eu

comece por isto uma vez que Nícias me atacou), e também penso que sou merecedor dele. A verdade é que sou especialmente criticado por coisas que não só trazem glória aos meus antepassados e a mim próprio, mas também beneficiam a nossa pátria. [2] Com efeito, os Helenos que primeiro tinham esperança de que a nossa cidade tivesse sido arruinada pela guerra, reconheceram com a minha notável representação nos Jogos Olímpicos que ela tem ainda mais poder do que tinha antes, porque eu entrei nos Jogos com sete carros puxados por cavalos, o que nenhum cidadão privado jamais tinha feito, e ganhei o primeiro lugar e o segundo e o quarto e além disso fiz todos os preparativos dignos para a minha vitória. E portanto, como é costume, tais coisas trazem honra e do que se alcançou pressupõe-se a existência de poder. [3] Além disto, eu distingo-me na cidade financiando coros e outras actividades, coisas que naturalmente provocam inveja nos meus concidadãos, mas para os estrangeiros indicam verdadeiro poder. De facto, não é uma falta de senso inútil, se um homem, usando a sua riqueza particular, traz benefícios não só para si próprio mas também para a sua cidade. [4] Nem é condenável que aquele que se comporta com um certo orgulho seja diferente, uma vez que quem falha também não compartilha com ninguém a sua desgraça. E assim como não somos aclamados, quando falhamos, que da mesma forma tal homem sofra esta situação desprezado pelos que prosperam ou então, considerando ele que os direitos são iguais para todos, que reclame para si os mesmos. [5] Na realidade eu sei que tais homens e todos os outros que se notabilizam em algo de grandioso, enquanto vivem, são vistos como causadores de problemas em especial pelos seus pares e também por outros com quem se associam, mas depois deixam como legado os que se arrogam uma relação de parentesco com eles, mesmo que esta nunca tenha existido e, onde quer que tenham vivido, os que aí se regozijam com a sua presença,

não como estrangeiros ou falhados, mas sim como seus semelhantes e homens de bem. [6] Portanto, uma vez que são estas as minhas ambições e por causa delas sou censurado no que respeita à minha vida privada, considerai os meus actos ao serviço da cidade e vede se eu os administro pior do que qualquer outro. Na realidade, tendo juntado as cidades mais fortes do Peloponeso sem grande perigo ou despesa para vós, obriguei os Lacedemónios a disputar tudo num só dia em Mantineia. E depois disto, embora vitoriosos na batalha, eles não estão ainda agora bem seguros da vitória.

XVII. “Portanto, a minha juventude e aquilo que parece ser a minha extraordinária falta de bom senso fizeram frente ao poder dos Peloponésios com argumentos apropriados e convenceram-nos com ardor, que inspirava confiança. Não receeis isto agora e, enquanto eu estou na flor da idade e Nícias parece ser favorecido por boa sorte, utilizai os serviços de cada um de nós. [2] Não mudeis agora a vossa resolução sobre a expedição à Sicília, porque esta é muito poderosa. Na verdade, ali as cidades são povoadas por gente de muitas origens, e os cidadãos facilmente aceitam mudança e adoptam novas normas. [3] Por esta razão nenhum deles está armado como estaria para proteger a terra onde nasceu ou a si próprio, nem tem investimentos permanentes para desenvolver a terra de que dispõe, mas aquilo que cada um pensa poder obter dos bens públicos, ou por palavras persuasivas ou sedição, isso ele toma, e se não for bem-sucedido, vai viver para outra terra. [4] Não é pois provável que tal multidão dê ouvidos a palavras com um propósito único ou entre em acção pelo bem comum. E rapidamente, se for dita alguma coisa que lhes agrade, cada um deles passar-se-á para o nosso lado, especialmente se estão em estado de revolta, como nós ouvimos dizer. [5] Nem tantos hoplitas têm quantos apregoam, nem os outros Helenos parecem ser

tantos quantos cada contingente contou e a Hélade, completamente enganada no que respeita a estes números, com muita dificuldade se armou para esta guerra. [6] Portanto, segundo o que eu concluí pelo que ouvi dizer, é esta a situação ali e será ainda mais favorável (na realidade teremos muitos Bárbaros, que por causa do ódio que sentem contra os Siracusanos vão juntar-se a nós para os atacar), e a situação aqui não constituirá qualquer obstáculo se vós a considerardes de maneira correcta. [7] Na realidade, os nossos pais com os mesmos inimigos que agora se diz nós deixarmos para trás, se navegarmos para a Sicília, e demais a mais tendo como inimigos os Medos, conquistaram o império sem qualquer outra vantagem que não fosse a sua força naval. [8] E os Peloponésios nunca estiveram tão sem esperança contra nós como agora, mas se de algum modo têm força, podem invadir o nosso território, mesmo se nós não partirmos nesta expedição, contudo não podem causar-nos danos com a força naval deles, pois nós deixamos aqui uma armada que rivaliza com a sua.

XVIII. “Que pretexto vamos invocar para hesitarmos e nos excusarmos a prestar ajuda aos nossos aliados na Sicília? Nós temos de os ajudar uma vez que assim o jurámos e não devemos opor-nos a eles, porque eles não nos ajudaram. Na realidade, nós não os fizemos nossos aliados para eles nos ajudarem aqui, mas sim para que, importunando ali os nossos inimigos, os impedissem de nos atacar aqui. [2] Foi assim que adquirimos o nosso império, não apenas nós, mas todos os que adquiriram impérios, ajudando sempre activamente quer Bárbaros quer Helenos que pediram o nosso auxílio, ao passo que se todos nos conservássemos indiferentes ou determinássemos por raças os que necessitam de ser ajudados, pouco acrescentaríamos ao nosso império e até por isso poríamos em perigo a sua existência. Na realidade, quando há um poder superior, quem quer que seja não só

se defende, quando ele ataca, mas também toma precauções para que ele não venha atacar. [3] Não é possível para nós gerir o nosso império no sentido do que desejamos, mas força é, uma vez que estamos nesta situação, urdir planos contra uns e não deixar que outros se afastem, uma vez que existe o perigo de acabarmos por ser governados por outros, se nós não os governarmos primeiro. Nem inacção pode ser considerada por vós como outros a tomam, a não ser que mudeis os vossos hábitos para se parecerem com os deles. [4] Considerando pois que vamos ainda mais aumentar o nosso poder se lá formos, façamos esta viagem para arrasar a arrogância dos Peloponésios, quando mostramos o nosso desprezo pela paz, que agora temos, e navegamos contra a Sicília e ao mesmo tempo muito provavelmente tornar-nos-emos senhores de toda a Hélade, quando os Helenos ali passarem para o nosso lado, ou pelo menos destruiremos os Siracusanos, em cuja destruição nós e os nossos aliados colheremos benefícios. [5] Os nossos navios, quer no caso de ali permanecermos, se tudo correr bem, quer no caso de regressarmos, proporcionarão a nossa segurança. De facto, nós seremos senhores do mar mesmo contra a totalidade dos Siciliotas. [6] E que a apatia das palavras de Nícias e a divisão entre novos e velhos não vos dissuada mas com a nossa habitual disciplina, como os nossos pais quando eram novos, deliberando com os mais velhos levantaram o nosso poder até este ponto, agora do mesmo modo tentai vós conduzir a cidade na mesma direcção e considerai que novos e velhos, uns sem os outros, não têm qualquer poder; mas que os com pouco valor, os de médio valor e os extremamente capazes misturados têm muitíssimo poder; e também que a cidade, se permanecer inactiva, como qualquer outra coisa, vai deteriorar-se e o conhecimento de tudo o que é necessário vai envelhecer, mas se estiver sempre em luta, acrescentará sempre a sua experiência e adquirirá o hábito de se defender não por palavras mas sim pela

acção. [7] Numa palavra, eu tenho a absoluta certeza de que uma cidade que não esteja inerte me parece ser mais rapidamente destruída se se tornar estagnada e que os homens que vivem com maior segurança são aqueles que vivem de acordo com hábitos e instituições já existentes, ainda que estes não sejam os melhores e eles estejam em alguma discordância com a forma como são governados.”

XIX. Estas foram as palavras de Alcibiades. E os Atenienses tendo escutado este e também os Egesteus e alguns exilados leontinos que, tendo-se aproximado, lhes lembraram os juramentos e imploraram que os ajudassem, estavam muito mais do que antes inclinados a favor da expedição. [2] E Nícias sabendo que não podia mais dissuadi-los com os mesmos argumentos, mas podia talvez modificar a resolução deles por meio da quantidade do armamento necessário, se o fizesse de considerável grandeza, avançou de novo e disse o seguinte:

XX. “Atenienses, uma vez que vejo que vós desejais absolutamente esta expedição, e oxalá que tudo corra como nós desejamos, eu vou dizer-vos o que neste momento sei. [2] Segundo as conclusões a que cheguei, pelo que ouvi dizer, são grandes estas cidades que estamos prestes a atacar, e nem estão subordinadas umas às outras nem necessitam de mudança como a passagem da servidão forçada para uma situação mais fácil; e assim é provável também que não vão aceitar favoravelmente a nossa governação. E para uma única ilha é grande o número de cidades de origem helénica. [3] Na verdade, à excepção de Naxos e Catana, que eu espero se juntem a nós em virtude da relação com os Leontinos, há mais sete cidades armadas de maneira muito semelhante às nossas forças e não menos as que vamos atacar agora, Selinunte e Siracusa. [4] Com efeito, há ali muitos hoplitas, archeiros e lançadores de dardos, bem como muitas

trirremes e uma multidão de homens para as tripular. Também há ali dinheiro, nas mãos de cidadãos privados e nos santuários dos Selinúncios. E alguns Bárbaros trazem sempre como tributo para os Siracusanos os primeiros frutos. Mas aquilo em que principalmente têm vantagem sobre nós é o facto de terem muitos cavalos e usarem ração com cereais domésticos e não importados.

XXI. “Portanto, contra tal força nós precisamos não apenas de uma armada e de um pequeno exército, mas de muita tropa para combater em terra e que vá connosco nos navios, se quisermos obter algum resultado digno da nossa ambição e não ser impedidos de entrar no território deles pela sua numerosa cavalaria; além disto, se as cidades ficam receosas e se unem umas às outras, que não os Egesteus, não se tornam nossas simpatizantes e não nos fornecem a cavalaria para nos defendermos. [2] Seria vergonhoso se fôssemos forçados a retirar ou mais tarde a mandar pedir reforços, porque primeiro fizemos planos mal ponderados. É necessário pois largar daqui com preparação adequada sabendo que vamos navegar para muito longe do nosso território numa expedição diferente da que seria, se vós numa região onde vos pagam tributo, atacásseis um inimigo, pois aqui é mais fácil obter deles, por amizade, as provisões necessárias. Mas vós ides deslocados para uma terra completamente estranha da qual, durante os quatro meses de Inverno, é difícil fazer vir um mensageiro.

XXII. “Parece-me portanto que devemos levar muitos hoplitas, nossos e dos nossos aliados, também dos nossos tributários e até alguns do Peloponeso que podemos ou persuadir ou contratar por dinheiro e também muitos archeiros e fundibulários para sustermem o ataque da cavalaria adversária. Também em número de navios devemos ser superiores para levarmos connosco provisões essenciais. E daqui

também, em navios de carga, temos de transportar cereais, trigo, cevada torrada e padeiros pagos e recrutados dos moinhos na proporção devida, para que, se nós ficarmos por acaso apanhados por mau tempo, as forças militares tenham provisões. Na realidade, uma vez que estas forças são bem numerosas, nem todas as cidades as podem receber. E tanto quanto é possível, há que fazer todos os preparativos e não ficar dependentes doutros e principalmente devemos levar daqui tanto dinheiro quanto é possível. O dinheiro dos Egesteus que se diz que está à disposição, acreditai que está mais pronto em palavreado do que na realidade.

XXIII. “Mesmo se nós vamos daqui preparados com uma força que não só rivaliza com a deles, excepto no que respeita às tropas de hoplitas, mas de facto lhe é superior em todos os aspectos, ainda assim vai-nos ser difícil conquistar a Sicília e garantir a nossa segurança. [2] É preciso reconhecer que se vai ocupar uma cidade com gente estrangeira e inimiga e consequentemente o apropriado é que os invasores dominem de imediato o território desde o primeiro dia em que desembarcarem ou que saibam que se falharem tudo lhes será hostil. [3] Uma vez que eu receio precisamente isto e sei que nós necessitamos de planos muito bons e ainda mais de boa sorte, o que é um problema, porque somos seres humanos, desejo depender o menos possível da tal sorte, mas sim, quando partir, estar seguro de que nos preparativos foram cobertas todas as possibilidades. [4] Na realidade, julgo que estas medidas são a melhor segurança para toda a cidade e salvaguarda para nós que participamos na expedição. Se alguém pensa doutra maneira, cedo-lhe o comando.”

XXIV. Nícias disse tudo isto pensando que em virtude do grande número de dificuldades, ou dissuadia os Atenienses ou, caso tivesse de fazer a expedição, partiria assim

com muito mais segurança. [2] E eles não perderam nada o intenso desejo de realizar a expedição, apesar das complicações dos preparativos, e tornaram-se ainda mais impacientes, sendo o resultado final para Nícias o contrário do que ele pretendia. Na verdade, parecia-lhes que ele tinha feito boas recomendações e agora tudo ia ter ainda mais segurança. [3] Um desejo imenso de navegar para a Sicília apoderou-se de todos eles igualmente, os mais velhos convencidos de que ou dominavam os lugares contra os quais iam navegar, ou nada podia fazer cair tamanha força; os que estavam na idade em que podiam servir, tinham o desejo de ver longínquas paragens e panoramas e ao mesmo tempo tinham a esperança de voltar sãos e salvos; o grosso da multidão e o exército na situação presente, a perspectiva de ganhar dinheiro e aumentar as forças de guerra o que seria para eles inesgotável fonte de rendimento. [4] E assim, em virtude do excessivo fervor da maioria, se esta situação não agradava a algum, receando parecer desleal para com a cidade, não votava em oposição, conservando-se passivo.

XXV. Finalmente, um certo ateniense adiantou-se e interpelando Nícias, disse-lhe que ele não devia apresentar-lhes desculpas e adiamentos mas devia imediatamente, na presença de todos, dizer quantas forças os Atenienses tinham de votar para ele. [2] E ele contrariado disse que preferia deliberar com os outros comandantes e com o seu vagar, mas para já parecia-lhe que não deviam partir com menos de cem trirremes (também navios de transporte de tropas, tantos quantos pudessem ser necessários, dos Atenienses e de outros de aliados que tinham de os fornecer), não menos de cinco mil hoplitas dos Atenienses e dos aliados, ou mais se fosse possível. E o resto do equipamento que eles deviam aprontar para levar consigo em proporção, archeiros dali mesmo e de Creta, fundibulários e o que quer que parecesse apropriado.

XXVI. Quando ouviram isto, os Atenienses votaram imediatamente que os generais tivessem poder absoluto quer sobre a dimensão do exército quer sobre toda a expedição para fazer aquilo que lhes parecia ser melhor para os Atenienses. [2] Depois disto, iniciaram os preparativos e enviaram notícias aos aliados e ali mesmo fizeram recrutamento de soldados. Justamente neste momento a cidade estava recuperada da peste e da guerra contínua, tendo um grande número de jovens e de dinheiro acumulado durante o armistício de tal modo que tudo era obtido mais facilmente. E foi assim que decorreram os preparativos.

O sacrilégio da mutilação dos Hermes e da paródia dos Mistérios: acusam Alcibíades de estar implicado

XXVII. Estavam estes preparativos a decorrer, quando os Hermes de pedra na cidade de Atenas (são, segundo o costume da região, estátuas quadradas que existem em grande número na entrada de casas particulares e em templos) uma noite a maior parte deles teve as faces mutiladas. [2] Ninguém sabia quem tinha feito aquilo mas procuraram os culpados oferecendo grandes recompensas pagas pelo tesouro público e além disso votaram que, se alguém soubesse de algum outro sacrilégio, o revelasse sem medo fosse ele cidadão, estrangeiro ou escravo. [3] O assunto foi tomado com mais seriedade, porque parecia ser um mau presságio para a expedição e parte de uma conspiração de movimento revolucionário para derrubar a democracia.

XXVIII. Portanto, informações vieram de alguns metecos e criados não sobre a mutilação dos Hermes, mas de outras estátuas perpetrada antes por jovens na adolescência e influenciados pelo álcool, que celebravam mistérios nas suas casas em zombaria. Entre os acusados contava-se Alcibíades.

[2] Foram estas acusações aproveitadas por aqueles que estavam mais incomodados pela presença de Alcibíades, que era para eles um obstáculo à sua segura posição de proeminência entre o povo, e assim, pensando que se o afastassem, passariam eles a ser os primeiros, exageraram as acusações e proclamaram que, quer os acontecimentos relativos aos Mistérios, quer a mutilação dos Hermes, se tinham destinado a destruir a democracia e que nenhuma destas coisas tinha sido executada sem o conhecimento dele e acrescentavam como evidência a libertinagem não democrática dos seus costumes.

XXIX. Na altura Alcibíades defendeu-se imediatamente das acusações e declarou que estava pronto para ser julgado antes da viagem (na realidade já então tudo o que era necessário para a expedição tinha sido fornecido), e se fosse culpado daqueles crimes estava pronto para sofrer o castigo, mas se fosse ilibado, queria conservar o seu comando. [2] E apelou para que não fossem aceites acusações falsas contra ele, não estando ele presente, e que o matassem imediatamente se fosse culpado; também que era mais avisado, dada a natureza das acusações, não o enviarem como comandante de tamanha força militar antes de o julgarem. [3] Mas os inimigos de Alcibíades, receosos de que o exército lhe fosse favorável, se o julgassem imediatamente e de que o povo se compadecesse dele uma vez que o veneravam porque, por sua influência, os Argivos e alguns dos Mantineus participavam da expedição, opuseram-se à sugestão dele rejeitando-a. E introduziram outros oradores que disseram que ele devia partir para a expedição agora e não atrasar a partida, mas que voltasse para ser julgado em data determinada. Queriam eles arranjar uma acusação mais grave, o que seria mais fácil enquanto ele estava ausente, e mandá-lo comparecer para ser julgado.

O embarque das tropas em Atenas

XXX. Depois disto, quando o Verão já estava a meio, teve lugar a partida para a Sicília. Tinham sido primeiro dadas ordens para o maior número de aliados, os barcos de transporte de cereais e outros mais pequenos e tudo o resto que era para ser usado na expedição se juntarem em Corcira para dali todos em conjunto atravessarem o mar Jónio para o promontório Iapígio. E assim os Atenienses e os aliados que estavam com eles, na data combinada, desceram ao Pireu ao romper do dia e começaram a equipar os navios para partir. [2] O resto da multidão, quase toda, foi com eles, os que eram cidadãos, e os estrangeiros, a população de cada local acompanhando os que lhe eram próximos, camaradas, parentes, filhos partindo simultaneamente com esperança e com lamentos, possibilidades de conquistas e a dúvida de voltar a ver estes outra vez, preocupados também com a longa distância que os separava dos seus na viagem que os mandavam agora empreender. E neste momento crítico, quando estavam para partir, com todas as incertezas, deram-se mais conta dos riscos do que quando tinham votado pela expedição.

XXXI. De qualquer modo, reganharam coragem ao ver com os seus olhos a grandeza da força presente. Por sua vez, os estrangeiros e o resto da multidão tinham vindo para ver o espectáculo notável e o inacreditável projecto. Na realidade, esta força que primeiro navegou para a Sicília duma única cidade só com contingentes helénicos foi mais cara e mais gloriosa do que qualquer outra até aquele tempo. [2] Mas em número de navios e hoplitas, a expedição contra Epidauro sob o comando de Péricles e contra Potideia depois sob Hágnon não lhe era inferior. De facto, tomaram parte nessa viagem, de Atenas, quatro mil hoplitas, trezentos cavaleiros e cem trirremes e de Lesbos e Quios cinquenta trirremes e também muito mais tropas aliadas.

[3] Mas esses tinham partido para uma viagem curta e estavam mal equipados, enquanto esta expedição podendo ser de longa duração, e em terra e no mar, estava preparada com navios e homens para usar como fosse necessário; a parte naval equipada à perfeição com grande despesa dos trierarcas e também da cidade uma vez que em cada dia o tesouro público dava um dracma a cada marinheiro, tendo fornecido também sessenta navios vazios e quarenta para transporte de tropas e as melhores tripulações para os tripular. E os trierarcas também davam aos tranitas, do corpo de marinheiros, uma gratificação para além do que eles recebiam do tesouro público. Além disto, usavam insígnias e equipamentos caros, cada um deles desejoso de tornar o seu navio o melhor, quer em aparência, quer em rapidez de navegação. E as forças de terra eram escolhidas das melhores listas e com grande zelo competiam umas com as outras no que dizia respeito a armas e equipamento pessoal. [4] E daqui resultou não só uma rivalidade entre eles, sempre que cada um tinha de cumprir a missão para que tinha sido escolhido, mas também mais uma manifestação de poder e riqueza em relação aos Helenos do que preparação contra os inimigos. [5] Na realidade, se se calculasse a despesa pública da parte da cidade e em particular da parte daqueles que fizeram a expedição, da parte da cidade o que ela já tinha gasto antes e o que deu aos estrategos para levarem consigo, e da parte dos cidadãos particulares o que cada um gastou no seu equipamento e, se trierarca, com o seu navio, e ainda o dinheiro que podemos supor que qualquer pessoa iria gastar sem contar com o pagamento do tesouro público em tudo o que preparava para uma viagem como esta expedição, que podia ser de longa duração e também tudo para transaccionar, fosse soldado ou mercador em viagem por mar, descobrir-se-ia que, na totalidade, muito dinheiro havia sido retirado da cidade. [6] A expedição tornou-se não menos famosa pela admiração que provocava a sua audácia e o esplendor do

espectáculo que oferecia do que pela superioridade militar em relação àqueles que ia atacar. E também porque foi a viagem mais longa iniciada a partir de Atenas, jamais tentada e com enorme esperança no futuro, justificada pelas circunstâncias em que tudo começava.

XXXII. Quando os navios já estavam carregados e tudo o que estava para ser levado já estava a bordo, deu a trombeta o sinal de silêncio e eles dedicaram as preces que é costume oferecer quando se parte para o mar, não cada um independentemente mas todos juntos guiados por um arauto, marinheiros e oficiais espalhados por toda a formação militar; e depois de terem misturado vinho ofereceram libações em taças de ouro e prata. [2] E o resto do povo em terra, cidadãos e quem estava presente para desejar boa sorte aos que partiam, acompanharam-nos nas orações. E depois de cantarem o péan e terminarem as libações, partiram navegando primeiro em fila singular, competindo uns com os outros até Egina.

A recepção das notícias de Atenas em Siracusa

E assim apressaram-se para chegar a Corcira, onde as forças dos aliados estavam a concentrar-se. [3] Entretanto, de todos os lados chegavam a Siracusa notícias da expedição dos Atenienses mas durante muito tempo ninguém acreditou nelas, mesmo quando a assembleia foi convocada e foram feitos discursos por aqueles que acreditavam nas notícias sobre a expedição e por outros que diziam o contrário; então Hermócrates, filho de Hérmon, porque pensava que sabia claramente o que se passava, avançando falou e deu-lhes o seguinte conselho:

XXXIII. “Penso que eu, provavelmente, como todos os outros, vou contra nós dizer coisas sobre a expedição

naval, que para vós são inacreditáveis, e também sei que os que dizem ou anunciam coisas que não parecem verosímeis não só não persuadem mas também são considerados tolos; no entanto, eu não vou por medo, quando a cidade está em perigo, abster-me de dar a minha opinião, seguro de que estou mais bem informado do que qualquer outro. [2] Pois é na realidade contra vós, por mais que isto vos espante, que os Atenienses puseram em movimento uma grande força militar, naval e de terra, sendo o pretexto uma aliança com os Egesteus e a colonização dos Leontinos, mas na verdade é com o desejo de ocupar a Sicília, principalmente a nossa cidade, pensando que se se apoderarem dela com mais facilidade também se apoderarão de todo o resto. [3] Uma vez portanto que eles vão estar aqui dentro de pouco tempo, vêde de que maneira, com os recursos que agora tendes, melhor vos podeis defender contra eles para não serdes apanhados desprevenidos por negligência nem porque descurastes a situação por não acreditardes nela. [4] E se alguém acredita nas minhas palavras, que não fique consternado com a sua audácia e o seu poder. Não podem eles causar-nos a nós mais danos do que podem sofrer. E ao atacar-nos com uma larga força militar estão a fazer-nos um favor, pois isto é muito melhor em relação aos outros Siciliotas (na realidade, alarmados com a situação vão desejar mais intensamente tornar-se nossos aliados) e quer nós derrotemos os Atenienses ou os mandemos de volta sem terem conseguido aquilo para que vieram, e eu de facto não tenho dúvidas de que não vão obter o que esperavam, isto resultará para nós na mais gloriosa façanha que eu já não considero como inalcançável. [5] Na realidade, são poucas as grandes expedições de Helenos ou de Bárbaros que navegaram para longe das suas terras de origem e foram bem-sucedidas. De facto, os Atenienses não são em maior número do que os que aqui habitam e os seus vizinhos, porque estes por medo juntam-se uns aos outros, mas se falham numa terra estranha por

falta de mantimentos, legam um bom nome àqueles que planejaram atacar, muito embora a razão para a escassês de mantimentos se devesse mais a eles. Estes mesmos Atenien-ses, quando os Medos falharam inesperadamente de maneira famosa, ganharam enorme reputação, como se os Medos tivessem atacado Atenas. Portanto, para nós uma situação como esta não é uma situação sem esperança.

XXXIV. “Assim, com coragem, façamos os nossos preparativos e enviemos mensagens aos Sículos para conservarem alguns que já são nossos aliados e tentarem estabelecer relações de amizade e aliança com outros; para o resto da Sicília mandemos embaixadores que mostrem que este é um perigo comum, e para a Itália para fazermos nós próprios a aliança com eles ou para que não recebam de maneira acolhedora os Atenien-ses. [2] Também me parece melhor enviar embaixadores a Cartago. Na realidade, os Cartagineses também estão preocupados e sempre com receio de que um dia os Atenien-ses os venham atacar a eles e à sua cidade, de tal modo que talvez se considerem em perigo se esta situação progredir, e desejem ajudar-nos a defender-nos, em segredo ou abertamente. E se quiserem, no momento presente eles são os que têm mais poder para o fazer. Na realidade, têm muito ouro e prata, elementos com os quais a guerra como todo o resto progride. [3] E enviemos embaixadores também a Esparta e a Corinto para pedir que venham aqui imediatamente ajudar-nos e também para lá reactivarem a guerra. [4] E agora aquilo que eu penso ser o mais apropriado e que pela vossa costumada inactividade é decerto o que menos estareis decididos a aceitar mas mesmo assim tem de ser proposto: na realidade, se os Siciliotas todos juntos ou, se não, pelo menos o maior número deles, quiserem juntar-se a nós e, com toda a força naval que temos hoje à nossa disposição e dois meses de provisões, formos ao encontro dos Atenien-ses em Tarento e no promontório Iapígio,

mostramos-lhes claramente que para eles não haverá luta pela Sicília antes de primeiro terem de lutar pela sua passagem do mar Jónio. Assim poderemos causar-lhes imenso pavor e forçá-los a concluir que nós estamos baseados em território amigo como protectores (de facto, Tarento vai-nos acolher), mas eles têm a vastidão do mar para atravessar com todo o seu aparato militar e por causa da grande distância da viagem, é difícil manterem-se em formação; portanto, poderá ser fácil para nós atacá-los, quando eles vêm devagar e em pequenos contingentes. [5] Por outro lado, se tornarem as cargas mais leves e atacarem com barcos mais rápidos e todos num grupo, nós poderemos atacá-los, quando esgotados, se usarem os remos, ou se isto não nos parecer conveniente, poderemos também retirar para Tarento. Eles porém, tendo feito a travessia com poucos mantimentos na perspectiva de uma batalha naval, ficarão sem recursos numa zona deserta e, ou permanecem e são sujeitos a bloqueio, ou tentam navegar junto à costa deixando para trás o seu equipamento e, sem terem a certeza de que as cidades os vão receber, ficam desalentados. [6] Consequentemente, sou de opinião que, dissuadidos por isto, podem nem sequer sair de Corcira, mas depois de deliberarem usando informações sobre quantos nós somos e quais as nossas posições, podem ser forçados a ir para os portos de abrigo de Inverno, dado o tardio da estação, ou então, confundidos pelo inesperado da situação, podem decidir cancelar a expedição, principalmente porque, segundo ouvi dizer, o mais experiente dos seus estrategos comanda contra vontade e ficaria satisfeito com um pretexto para cancelar a expedição, se visse da nossa parte alguma oposição considerável. [7] Também sei que os nossos números vão ser exagerados nas informações sobre nós. Na realidade, as opiniões dos homens formam-se baseadas no que lhes é dito e assim têm mais medo daqueles que atacam primeiro ou que mostram claramente com antecedência que se defenderão,

considerando-os iguais a si próprios em nível de preparação para a luta. E esta é exactamente a maneira como os Atenienses seriam afectados neste momento. [8] Porque eles vêm atacar-nos como se não nos fôssemos defender e justamente assim, porque nós não nos juntámos aos Lacédemónios para os destruir. Mas, se nos virem mostrar uma coragem desconhecida para eles, ficarão mais perturbados pelo inesperado da situação do que pelo nosso verdadeiro poder. [9] Convençei-vos pois que o melhor é ser assim ousado, ou se não, fazer os outros preparativos para guerra o mais rapidamente possível e que cada um se compenetre de que o desprezo pelos invasores se demonstra em actos de defesa, mas nas circunstâncias presentes o melhor é reconhecer que preparativos feitos com medo são os mais seguros, e agir como se em perigo iminente, traz os resultados mais vantajosos. E eu sei ao certo que os Atenienses vêm atacar-nos, já estão em viagem e quase aqui chegados.”

XXXV. Foram estas as palavras de Hermócrates, mas o povo de Siracusa estava em profunda discórdia uns com os outros, uns porque achavam que de maneira alguma era possível que os Atenienses viessem e que as notícias não eram verdadeiras. Outros, que se eles viessem, que poderiam fazer que não lhes custasse mais sofrimento? Outros ainda, com desprezo absoluto, ridicularizavam o assunto. Havia alguns porém que acreditaram em Hermócrates e receavam o que estava para acontecer. [2] E Atenágoras que era o cabecilha do Povo e ao mesmo tempo o mais persuasivo para muitos, avançou e disse o seguinte:

XXXVI. “Quem não desejar que os Atenienses sejam tão mal-avisados que venham aqui meter-se nas nossas mãos ou é covarde ou não é amigo do seu estado. Mas daqueles que trazem tais novas e vos encham de terror, eu não admiro a audácia mas sim a estupidez se pensam que não são

evidentes as suas intenções. [2] De facto, tendo motivos particulares para estar receosos, desejam lançar a cidade num estado de consternação, de maneira a que no medo comum disfarcem o seu próprio medo. É na realidade este o poder de histórias como esta que não apareceram por acaso mas foram fabricadas por homens que estão sempre aqui a provocar agitação. [3] E vós, se considerardes bem, não é deliberando sobre o que tais homens contam, que chegareis à conclusão do que será provável, mas sobre os dados provenientes de homens poderosos e muito experimentados, que é como eu vejo os Atenienses e o que podem fazer. [4] De facto, não é provável que deixassem os Peloponésios antes de porem fim seguro à guerra e virem para aqui voluntariamente para guerra não menor, uma vez que eu creio que estão deliciados com a ideia de que nós, que temos tantas cidades e tão poderosas, não os atacamos.

XXXVII. “Mas se, como dizem, eles vierem, eu penso que a Sicília pode melhor do que o Peloponeso levar a guerra a bom termo uma vez que está mais bem equipada em todos os aspectos e a nossa cidade por si só é muito mais forte do que este exército que dizem vir a caminho, mesmo que viesse com o dobro da força. Na realidade, eu sei que os cavalos não virão com eles e não podem ser obtidos aqui excepto talvez alguns vindos dos Egesteus, nem hoplitas em números iguais aos nossos, porque têm de vir em barcos e também outro equipamento que é necessário prover contra uma cidade como a nossa que não é pequena. A verdade é que é proeza apreciável ser transportado para aqui mesmo em navios pouco carregados numa viagem marítima tão longa. [2] Portanto, e é esta a conclusão a que cheguei, parece-me que mesmo que trouxessem consigo uma cidade tão grande como Siracusa e, tendo-se instalado como nossos vizinhos, dali fizessem guerra contra nós, com dificuldade não seriam completamente destruídos, certamente

quando em território hostil, que será toda a Sicília (na verdade todas as cidades vão unir-se), estabelecerem acampamento a partir dos navios, de pequenas tendas e com poucos mantimentos sem poderem afastar-se muito por causa da nossa cavalaria. Numa palavra, penso que não poderão apossar-se de qualquer território de tal modo eu julgo que a nossa preparação é superior à deles.

XXXVIII. “E, como digo, os Atenienses conhecem isto e tenho a certeza de que tomam conta da sua própria segurança; mas aqui há homens que inventam histórias que nem são nem nunca podiam ser verdadeiras, homens que não é agora pela primeira vez, [2] mas sempre conheci, que com histórias como estas e outras ainda mais maliciosas do que estas, ou por actos, desejam lançar o pânico entre a população e dominar a cidade. E na realidade eu receio que com estas repetidas tentativas, um dia sejam bem-sucedidos. De facto, nós somos igualmente ineptos a tomar precauções, antes de estarmos em dificuldades e a entrar em acção, quando delas nos apercebemos. [3] Portanto, é por este mesmo motivo que a nossa cidade raras vezes está em paz, mas se implica em muitas revoltas e conflitos, a maioria não tanto contra inimigos mas contra si própria e até ocasionalmente contra tiranias e regimes de força sem justiça. [4] Se quiserdes seguir-me, eu vou tentar que nunca nenhuma destas coisas venha a acontecer, persuadindo-vos a vós que sois a maioria do povo e punindo os que inventaram estas mentiras, não só quando são apanhados em flagrante, o que é difícil, mas também por aquilo que desejam, mas não podem fazer; na realidade, é necessário evitar não só o que o inimigo faz, mas também aquilo que ele tenciona fazer, pois quem não toma precauções é o primeiro a sofrer as consequências. Quanto aos oligarcas, vou censurá-los umas vezes, outras vigiá-los, outras ainda ensiná-los, por me parecer que assim posso da melhor maneira dissuadi-los de ser perversos. [5] E agora uma per-

gunta que tenho muitas vezes considerado: e vós, rapazes, que quereis? Exercer o poder político imediatamente? Mas a lei não o permite. De facto, esta lei foi promulgada mais porque não estais habilitados para exercer o poder do que para vos privar de o exercer, quando habilitados. Será que vós não desejais partilhar os mesmos direitos com a maioria? Como haveria justiça se os mesmos homens não fossem julgados dignos dos mesmos direitos?

XXXIX. “Haverá quem diga que democracia nem é bem governada, nem significa igualdade e que os que têm fortuna pessoal são os mais qualificados para ser os melhores governantes. Mas eu digo que primeiro, democracia significa todo o povo, enquanto oligarquia significa apenas uma parte; depois, muito embora os ricos sejam os melhores guardas das fortunas, são os judiciosos que dão os melhores conselhos, mas para decidir uma disputa depois de ter ouvido os assuntos a discutir, o povo é o melhor. E em democracia todos estes considerados em parte ou em conjunto têm privilégios iguais. [2] Mas a oligarquia partilha os perigos com a maioria, no entanto dos benefícios não só reivindica para si a maior parte, mas também se apodera daquilo que foi tirado. Isto, que é impossível acontecer numa cidade grande, é precisamente aquilo que os poderosos de entre vós têm e os mais novos mais cobiçam.

XL. “Mas mesmo agora, ó homens mais ignorantes de todos os Helenos que eu conheço, se não aprendeis que o que estais a tentar conseguir é perverso; ou então sois os mais ingovernáveis se, sabendo-o, persistis na vossa ousadia; todavia neste momento, tendo compreendido o que se passa e arrependido dos vossos desígnios, aumentai os proveitos da nossa cidade para todos nós, pensando que os melhores dentre vós partilharão isto em medida igual ou até maior do que as massas populares, mas se tiverdes outros planos, arriscais-

-vos a perder tudo. Portanto, ignorai tais atoardas, certos de que lidais com cidadãos informados e não dispostos a aceitá-las. [2] A verdade é que esta cidade, mesmo se os Atenienses vierem, defender-se-á com honra e nós temos estrategos para o pôr em prática. E se nada disto sobre eles for verdade, como eu julgo que não vai ser, não vai ela entrar em pânico, por causa das vossas atoardas, e escolher-vos como dirigentes, lançando-se em escravatura voluntária mas, olhando para a situação por si própria, vai julgar as vossas palavras como se fossem actos e não vai deixar-se privar da presente liberdade, em virtude do que ouve, mas sim activamente tentar conservá-la, não se confiando à vossa protecção.”

XLI. Assim falou Atenágoras. Então um dos estrategos levantou-se e ordenou que nenhum outro se aproximasse, mas ele próprio disse o seguinte sobre a matéria em questão: [2] “Não é prudente para os oradores lançar tais acusações uns contra os outros, nem para os ouvintes escutarem-nas, mas em virtude das notícias aqui chegadas devíamos antes ver como cada um de nós e a cidade no seu todo melhor poderá preparar-se para se defender contra os invasores. [3] E se nada for necessário, não vem qualquer prejuízo de armar a cidade com cavalos e armas e outros meios de que a guerra se ufana, mas o cuidado e a inspecção destas estariam a nosso cargo, e enviar homens às cidades para espiar e para o que quer que seja que pareça necessário. Alguns destes preparativos nós já fizemos e o que ouvirmos, iremos trazê-lo a vós.” E os Siracusanos, assim que o estratega acabou de falar, dissolveram a assembleia.

A expedição avança para a Sicília

XLII. Entretanto, os Atenienses e todos os seus aliados estavam já em Corcira. Primeiramente os estrategos pas-

saram revista ao exército completo e em formatura para ancorar e montar acampamento. Dividiram-no em três partes cujo comando atribuíram a cada um para que, ao navegarem todos juntos, não tivessem falta de água e portos ou quaisquer outros elementos necessários nos sítios onde ancoravam e para serem mais facilmente controlados uma vez que eram atribuídos a comandantes diferentes segundo cada esquadra. [2] Em seguida, enviaram à frente para a Itália e para a Sicília três navios a fim de averiguarem que cidades iam recebê-los. E deram-lhes ordens para voltarem ao seu encontro e lhes darem informações antes de encailharem.

XLIII. Depois disto, os Atenienses partiram de Corcira para a Sicília tendo com eles todo o seu equipamento num total de cento e trinta e quatro trirremes, duas galés de Rodes de cinquenta remos — no total, cem eram áticas, sendo sessenta navios velozes e os outros de transporte de soldados, o resto da armada era de Quios e de outros aliados. De hoplitas, havia um total de cinco mil e cem dos quais mil e quinhentos eram Atenienses do registo militar e setecentos eram Tetas servindo como soldados nos navios, e outros aliados participavam também da expedição, uns de estados tributários, dos Argivos quinhentos, de Mantineus e mercenários duzentos e cinquenta. De archeiros havia ao todo quatrocentos e oitenta destes eram Cretenses; de fundibulários havia setecentos de Rodes; cento e vinte exilados de Mégara eram tropas ligeiras e um barco de transporte de cavalos com trinta cavaleiros.

XLIV. Foram estas as forças que primeiro navegaram para a Sicília nesta guerra. E para estas, trinta navios de transporte de víveres traziam mantimentos e também padeiros, pedreiros, carpinteiros e todos os instrumentos para se construírem muralhas; navegavam também com estes cin-

quenta cargueiros recrutados para serviço, mas muitos outros navios mercantes e de carga acompanhavam voluntariamente a expedição por interesses de comércio. Todos eles de momento atravessaram o golfo Jónio em conjunto. [2] E tendo a armada alcançado o promontório Iapígio e Tarento ou onde cada um podia chegar facilmente, navegaram ao longo da costa da Itália onde nenhuma das cidades os recebeu no mercado ou fortaleza, dando-lhes acesso apenas a água e ancoragem, mas Tarento e Locros nem isto, até que chegaram a Régio, um promontório na Itália. [3] Ali se juntaram todos e fora da cidade, uma vez que os Régios não os recebiam dentro, montaram acampamento no templo de Ártemis onde os Régios lhes permitiram um mercado e depois de puxarem os navios para terra, ficaram em descanso. Falaram com os Régios dizendo-lhes que era justo que eles, como Calcídicos, ajudassem os Leontinos que eram Calcídicos também. Mas eles responderam que não tomariam partido mas fariam aquilo que parecia bom para os outros Italiotas. [4] E os Atenienses consideravam qual seria a melhor forma de lidar com os seus interesses na Sicília e ao mesmo tempo esperavam que chegassem de Eggesta os navios que tinham mandado à frente, querendo saber se o dinheiro estava lá conforme os mensageiros tinham dito.

XLV. Entretanto, chegavam aos Siracusanos de muitos lados e também dos seus espiões notícias inequívocas de que a armada ateniense estava em Régio e assim começaram a fazer preparativos com muita diligência e sem quaisquer dúvidas. Mandaram aos Sículos, nuns casos, guardas, outros, embaixadores; trouxeram guarnições militares para as casas da guarda na região; na cidade fizeram inspecção de armas e cavalos para ver se tudo estava em ordem e quanto a todo o resto prepararam-se para uma guerra iminente, só que ainda não em curso.

XLVI. Os três navios, que tinham sido mandados antes, voltaram de Egesta com a notícia de que o resto do dinheiro que tinha sido prometido não estava lá, à excepção de trinta talentos. [2] Os estrategos ficaram imediatamente desanimados, porque esta dificuldade surgiu logo no princípio e os Régios que eles primeiramente tinham começado a persuadir a juntar-se à expedição e muito provavelmente conseguido, uma vez que eram aparentados com os Leontinos e amigos dos Atenienses, recusavam-se agora a juntar-se à expedição. De facto Nícias esperava tal notícia mas para os outros dois foi uma completa surpresa. [3] A verdade é que os Egesteus, quando os primeiros embaixadores dos Atenienses chegaram a Egesta para inspeccionar o tesouro, recorreram ao seguinte estratagema: levaram-nos ao templo de Afrodite em Érix e mostraram-lhes as ofertas votivas (taças, conchas para decantar vinho, turíbulos e não poucas peças de mobília que, sendo de prata, mostravam à vista muito mais valor do que valiam em dinheiro), e quando particularmente deram festas para as tripulações das trirremes, juntaram taças de ouro e prata de Egesta, mas também pediram emprestadas outras em cidades vizinhas fenícias e helénicas, trazendo-as para os festins como se fossem suas. [4] E porque todos usavam mais ou menos os mesmos serviços de mesa, aparecendo muitos por todo o lado, provocaram nos Atenienses das trirremes profunda admiração e quando estes regressaram a Atenas, espalharam a notícia de que tinham visto muita riqueza. [5] Estes homens tinham sido enganados, mas naquela altura convenceram os outros, e quando se soube que não havia dinheiro em Egesta, foram muito censurados pelos soldados. Mas os estrategos deliberaram sobre a forma como proceder nas circunstâncias presentes.

XLVII. O parecer de Nícias era que deviam navegar com toda a armada contra Selinunte, o principal objectivo

da expedição, e se os Egesteus lhes dessem o dinheiro para todo o exército, então deliberariam de acordo com a situação. Se não, deviam exigir que lhes fornecessem manutenção para sessenta navios, tantos quantos eles tinham pedido, e permanecendo ali, reconciliar os Selinúncios com os Egesteus, quer contra vontade deles, quer por tratado. E depois disto, navegar ao longo da costa por outras cidades mostrando o poder dos Atenienses e provando a sua boa vontade em ajudar amigos e aliados, navegando depois de regresso a Atenas, a não ser que em pouco tempo e de forma inesperada pudessem ajudar os Leontinos ou trazer para o seu lado algumas das outras cidades sem pôr Atenas em perigo de gastar os seus próprios recursos.

XLVIII. Alcibíades dizia que, depois de terem preparado uma tão grande força militar e navegado desde Atenas, não deviam regressar com desonra e sem sucesso, mas sim enviar arautos para as outras cidades, com excepção de Selinunte e Siracusa. E experimentar afastar os Sicelos dos Siracusanos e torná-los amigos, para que eles fornecessem comida e tropas mas, primeiro que tudo, persuadir os Messénios, pois a cidade deles ficava situada num estreito na passagem para a Sicília e seria o mais conveniente porto e abrigo para a armada. Depois de terem trazido para o seu lado as cidades, sabendo com quem podiam ir para a guerra, atacariam então Siracusa e Selinunte, a não ser que esta se ligasse aos Egesteus e a primeira os autorizasse a reinstalar os Leontinos.

XLIX. E Lâmaco era de opinião que deviam navegar sem demora contra Siracusa e, o mais rapidamente possível, levar o combate à cidade, enquanto os Siracusanos não estavam ainda preparados mas em choque devido ao pânico. [2] Na realidade, logo ao início, um exército inteiro é sempre muito apavorante, mas se demora antes de estar à vista,

os homens recuperam coragem e ânimo e lançam-lhe um olhar de indiferença quando o vêem. Contudo, se o ataque fosse de surpresa, enquanto eles estavam ainda aterrorizados à espera da agressão, os Atenienses teriam o maior sucesso e lançariam os inimigos em absoluto pânico, quer quando eles os vissem, uma vez que naquele momento apareceriam em número muito elevado, quer pela expectativa do que iria acontecer-lhes e principalmente pelo perigo imediato da batalha. [3] E era provável que muitos homens nos campos tivessem sido separados e deixados fora da cidade, porque não acreditavam que os Atenienses iam chegar e enquanto eles estavam a transportar os seus bens para dentro da cidade, o exército não teria falta de recursos se, apoderando-se do território, tomasse posições junto de Siracusa. Quanto aos restantes Siciliotas, não iam preferir aliar-se aos Siracusanos mas sim aos Atenienses, sem adiar constantemente uma tomada de posição, tomando sempre em consideração quem ia ser o mais forte. [4] E disse também que deviam fazer de Mégara que era desabitada e ficava perto de Siracusa, por mar e por terra, um porto para onde retirar e ancorar.

L. Tendo assim falado, Lâmaco apoiou contudo a opinião de Alcibíades. Depois disto, Alcibíades navegou no seu navio para Messena e tendo proposto aos Messénios uma aliança, não os persuadiu e eles responderam que não recebiam os Atenienses na cidade, mas punham à sua disposição, do lado de fora, um mercado. Alcibíades navegou de volta para Régio. [2] Imediatamente os estrategos equiparam sessenta navios de entre todos os da armada e levando provisões navegaram pela costa para Naxos, deixando em Régio o resto das forças e um dos estrategos. [3] Os Nákios receberam-nos na cidade e eles navegaram para Cátana. Mas como os Cataneus os não receberam pois havia em Naxos os que favoreciam os Siracusanos —, viajaram para o rio Térrias e tendo ali montado arraiais, no dia seguinte navega-

ram para Siracusa com todos os navios em coluna. [4] Dez navios tinham eles mandado navegar para o Grande Porto a fim de ver se alguma esquadra tinha sido lançada à água e para proclamar dos navios, quando chegassem perto, que os Atenienses vinham para reinstalar os Leontinos no seu território de acordo com a aliança e a relação de sangue que com eles tinham. Portanto, quaisquer Leontinos que estavam em Siracusa podiam vir sem medo para os Atenienses que seriam seus amigos e benfeitores. [5] Quando esta proclamação foi feita e eles tinham observado a cidade e os portos e tudo sobre a região de onde, como base de operações, iriam conduzir a guerra, navegaram de volta para Cátana.

LI. Depois de se terem reunido em assembleia, os Cataneus não deixaram entrar o exército, mas pediram aos estrategos que viessem à cidade para dizer o que desejavam. Enquanto Alcibíades falava e as gentes da cidade estavam atentas na assembleia, os soldados, depois de destruírem uma pequena porta que tinha sido mal construída, entraram na cidade e deambulavam pela praça pública. [2] Os Cataneus que eram simpatizantes dos Siracusanos, quando viram o exército dentro da cidade, alguns, não muitos, ficaram alarmados e imediatamente saíram de Cátana. Outros votaram por uma aliança com os Atenienses e convidaram-nos a trazer o resto das tropas de Régio. [3] Depois disto, os Atenienses navegaram de volta a Régio e então, juntamente com toda a armada, saíram para Cátana e quando chegaram, montaram aí o seu acampamento.

LII. Vieram então notícias de Camarina dizendo que se os Atenienses ali quisessem ir, os Camarineus se lhes juntariam, e que os Siracusanos estavam a equipar uma armada. Consequentemente, os Atenienses com todo o seu equipamento militar navegaram ao longo da costa primeiro para

Siracusa, mas quando não encontraram uma armada a ser preparada, imediatamente continuaram a navegar ao longo da costa para Camarina e ao chegarem perto da praia, enviaram um arauto para a cidade. Mas os Camarineus não os receberam dizendo que o tratado entre os dois estipulava que recebessem os Atenienses que viessem com um só navio, a não ser que eles próprios tivessem pedido mais. [2] Sem terem conseguido nada, os Atenienses navegaram dali para fora. E tendo desembarcado em território dos Siracusanos, saquearam a região mas, quando a cavalaria siracusana veio em socorro e matou alguns soldados das tropas ligeiras que se tinham dispersado, os Atenienses regressaram a Cátana.

O episódio histórico dos Pisistrátidas e a extradição de Alcibíades

LIII. Aqui encontraram o navio *Salamínia* que tinha vindo de Atenas para buscar Alcibíades, com ordens para ele navegar de volta a Atenas e se defender das acusações da cidade contra ele, e igualmente para buscar alguns outros soldados que tinham sido acusados com ele da profanação dos Mistérios e também dos Hermes. [2] Na realidade, depois de a armada se ter feito ao mar, os Atenienses continuaram activamente a indagar o que se havia passado com os Mistérios e com os Hermes e, sem avaliarem os delatores, aceitaram por inveja tudo que eles diziam e assim, acreditando na palavra de homens vis, apanharam e lançaram na prisão cidadãos absolutamente honestos, pensando que era mais vantajoso esgotar o assunto e chegar à verdade, do que escapar sem ser interrogado alguém que tivesse sido acusado graças à malvadês de um informador, muito embora tivesse boa reputação. [3] De facto, o povo sabendo pelo que ouvira dizer que a tirania de Pisístrato e seus filhos no fim

se tinha tornado opressiva e havia sido destruída não por eles, nem por Harmódio, mas sim pelos Lacedemónios, estava constantemente receoso e olhava tudo com desconfiança.

LIV. O feito corajoso de Aristogíton e Harmódio teve na verdade origem numa intriga de amor que eu vou demonstrar, depois de a ter descrito em pormenor, já que nem outras fontes nem os Atenienses, tratando-se embora dos seus próprios tiranos, de modo algum descreveram com exactidão o que se passou. [2] Na realidade, quando o velho Pisístrato morreu, sendo ainda o tirano da cidade, não foi Hiparco, como muitos julgam, que tomou o poder mas sim Hípias que era o filho mais velho. E sendo Harmódio um belo jovem na flor da idade, Aristogíton, cidadão ateniense de meia idade, era seu amante e com poder sobre ele. [3] Mas Harmódio tendo sido solicitado por Hiparco, filho de Pisístrato, não se deixou convencer e denunciou-o a Aristogíton. E este, como acontece com qualquer amante, sentiu-se extremamente ofendido e receando o poder de Hiparco e a possibilidade de este levar Harmódio à força, planeou imediatamente a destruição da tirania, tanto quanto a sua posição permitia. [4] Entretanto, Hiparco tentando de novo aliciar Harmódio sem sucesso, e não desejando usar violência, fez contudo planos, de forma velada, para o insultar, como se não fosse por aquela razão. [5] Na realidade, ele não exercia sobre o povo poder opressivo, mas governava-o sem lhe provocar ressentimentos. Estes tiranos desempenharam os seus cargos com a máxima integridade e prudência e embora cobrassem aos Atenienses somente a vigésima parte dos seus ganhos, adornaram a cidade de forma primorosa, continuaram as suas guerras e ofereceram sacrifícios nos templos. [6] Além disto, esta cidade continuou a usar as leis antes estabelecidas, mas eles tomaram o cuidado de ter sempre no poder um deles. Entre muitos que desempenha-

ram o cargo anual de arconte contava-se Pisístrato, filho de Hípias, que tinha sido tirano; tinha Pisístrato o nome do avô e, enquanto arconte, dedicou o Altar dos Doze Deuses na praça pública e o de Apolo no Santuário Pítio. [7] Tempos depois, o povo de Atenas acrescentou o altar aumentando-lhe o tamanho e a inscrição desapareceu, mas a do altar Pítio ainda hoje é visível em letras quase apagadas que dizem o seguinte: *“Pisístrato, filho de Hípias, para comemorar o seu arcontado, erigiu este monumento no recinto de Apolo Pítio.”*

LV. Que Hípias, sendo o mais velho, assumiu o poder, afirmo-o com segurança, porque sei e o ouvi dizer com mais exactidão do que outros; e qualquer um pode ficar a saber o mesmo fundamentando-se no seguinte: dos irmãos legítimos parece que de verdade só ele teve filhos como assinalam o altar e também a coluna, sobre as injustiças cometidas pelos tiranos, que os Atenienses levantaram na acrópole e em que nenhum filho de Téssalo ou Hiparco está inscrito mas sim cinco de Hípias, que os teve com Mirrena, filha de Cálías, filho de Hiperóquidas. Era de facto natural que o mais velho casasse primeiro. [2] E nesta coluna o nome de Hípias aparece inscrito depois do nome do pai, o que não é de estranhar pois ele era o mais velho depois daquele e governou igualmente como tirano. [3] Nem pessoalmente me parece que Hípias pudesse com facilidade apoderar-se da tirania imediatamente, se Hiparco estivesse no poder quando morreu, e ele próprio assumisse o cargo no mesmo dia. Mas por causa da maneira como primeiro tinha intimidado os cidadãos e do rigor que impusera aos seus guardas, tomou o poder com muito mais firmeza e não como um irmão mais novo que não sabe o que fazer por não estar previamente familiarizado com o poder. [4] Aconteceu porém que Hiparco, que se tornou conhecido pelo seu trágico destino, ganhou depois a fama de ter sido tirano.

LVI. Assim que Harmódio rejeitou as tentativas de Hiparco para o assediar este, tal como tencionava, humilhou-o. De facto, depois de terem convidado uma irmã de Harmódio, que era virgem, para levar um cesto numa procissão, despediram-na dizendo que desde o princípio não a tinham convidado, porque ela não era digna de tal honra. [2] Harmódio ficou furioso com esta ofensa e Aristogíton, por causa dele, sentiu-se ainda muito mais enfurecido e assim, quando os pormenores da conspiração estavam estabelecidos com aqueles que iam participar com eles no plano, esperaram pelas Grandes Panateneias, único dia em que não se levantavam quaisquer suspeitas pelo facto de os cidadãos que tomavam parte na procissão se juntarem armados. Assim, Harmódio e Aristogíton tinham de iniciar a execução do plano, e os outros juntar-se-lhes-iam imediatamente para destroçar a guarda pessoal de Hiparco. [3] Os conspiradores não eram muitos, por motivos de segurança. Na realidade, esperavam que se eles próprios, embora em pequeno número, agissem com ousadia, os que não sabiam do plano antes, ali mesmo, porque estavam armados, iam desejar tomar parte na sua própria libertação.

LVII. E quando a ocasião do festival chegou, Hípias encontrava-se com os seus guardas do lado de fora da muralha, no local chamado Cerâmico, estabelecendo a ordem em que era necessário que cada parte da procissão prosseguisse. E Harmódio e Aristogíton já com os seus punhais, avançavam para executar o plano. [2] Mas quando viram um dos seus cúmplices a conversar de maneira amigável com Hípias, na verdade, Hípias era acessível a todos, ficaram receosos e pensaram que tinham sido descobertos e estavam para ser presos em qualquer momento. [3] Portanto, querendo primeiro, se pudessem, vingar-se de quem os ofendera, razão pela qual tudo arriscavam, assim como estavam, precipitaram-se para dentro das portas e depararam com Hiparco no

lugar chamado Leucóríon. Imediatamente caindo sobre ele de cabeça perdida, como homens que actuam em fúria extrema, um por estar apaixonado, o outro por ter sido insultado, apunhalaram-no e mataram-no. [4] Aristogítón de momento escapou aos guardas, já que uma massa de gente se tinha juntado, mas foi mais tarde apanhado e manuseado de maneira bem dura. Harmódio foi morto ali mesmo.

LVIII. Quando a notícia chegou a Hípias no Cerâmico, ele avançou imediatamente não para o lugar do incidente mas para os soldados na procissão antes que estes, que estavam um pouco afastados, percebessem o que se tinha passado e secretamente, compondo o semblante para não trair o que tinha acontecido, apontando para um determinado local ordenou-lhes que para ali se dirigissem sem armas. [2] E eles retiraram-se para o local indicado julgando que Hípias ia falar-lhes mas este, mandando os seus guardas tomar as armas dos outros, imediatamente escolheu os que ia acusar e também quem fosse apanhado na posse dum punhal. Na realidade, o costume era ir na procissão só com escudo e lança.

LIX. E foi desta maneira que, por causa de um agravo de amor, surgiu o plano de Harmódio e Aristogítón e se executou no terror do momento o irracional acto da ousadia deles. [2] Depois disto, a tirania tornou-se mais dolorosa para os Atenienses e Hípias, agora mais receoso, mandou matar muitos cidadãos e também ao mesmo tempo olhou para o estrangeiro a ver se havia um lugar seguro para ele em caso de revolução. [3] Depois, casou a sua filha Arquedice com Eântides, filho de Hipocles, tirano de Lâmpsaco – um Ateniense a casar-se com um Lampsaquino! – pensando que estes tinham grande influência junto do rei Dario. E em Lâmpsaco existe um túmulo com a seguinte inscrição:

*“Cobre este pó Arquedice, filha de Hípias,
Na Hélade o homem mais ilustre entre os homens do seu
tempo.*

*O pai, o marido, os irmãos, os filhos, tiranos foram,
Mas nunca ela agiu com arrogância.”*

[4] Hípias continuou a ser tirano em Atenas durante mais três anos, mas no quarto ano foi deposto pelos Lacedemónios e pelos exilados Alcmeónidas e, protegido por tratado, retirou para Sigeio e para Eântides em Lâmpsaco e dali para junto do rei Dario de onde, vinte anos depois, sendo já de idade, saiu para acompanhar os Medos na expedição contra Maratona.

LX. Tomando em consideração tudo isto e lembrados do que sabiam sobre tiranos pela tradição, os Atenenses estavam então apreensivos e desconfiados daqueles que tinham sido acusados no caso dos Mistérios, pois tudo lhes parecia ter sido uma conspiração a favor da oligarquia e tirania. [2] E assim, enraivecidos com tudo isto, quando muitos homens notáveis estavam já na prisão e parecia não haver maneira de pôr termo ao caso, pois cada dia aumentava a fúria deles e mais homens eram apanhados, então um dos prisioneiros, de facto o que parecia mais culpado, foi persuadido por um dos seus companheiros de prisão a fornecer informações sobre o que se havia passado, fossem elas verdadeiras ou não, uma vez que havia argumentos a favor das duas opiniões e nunca ninguém então ou mais tarde pôde dizer ao certo quem tinha perpretado tais actos. [3] E dizendo isto, o outro prisioneiro convenceu-o de que era necessário, mesmo se ele não tivesse cometido a irreverência, salvar-se a si próprio garantindo para si imunidade e libertando a cidade da presente suspeita. Na realidade, a sua salvação seria mais certa se confessasse com imunidade, do que se recusasse fazê-lo e passasse em julgado. [4] E assim,

ele denunciou-se a si próprio e a outros como implicados no caso dos Hermes. Os Atenienses satisfeitos por chegarem à verdade, pensavam eles, irritados antes por não poder saber quem estava a conspirar contra a democracia, libertaram imediatamente o delator e com ele os outros que ele não tinha denunciado, e submeteram os acusados a julgamento, mataram muitos, tantos quantos tinham sido postos na prisão e, tendo condenado à pena de morte os que tinham fugido, prometeram abertamente uma recompensa em dinheiro a quem os matasse. [5] E nestas circunstâncias não se sabia se os que sofriam tinham sido injustamente punidos, mas a cidade naquele tempo foi manifestamente beneficiada.

LXI. No que respeita a Alcibiádes, os Atenienses, incitados pelos inimigos que, antes de ele partir para a Sicília, o tinham acusado, tomaram o caso muito a sério. E quando pensaram que eram detentores da verdade sobre os Hermes, convenceram-se ainda mais de que o que se passara com os Mistérios, de que ele era também acusado, parecia ter sido feito com o mesmo propósito de conspirar contra o Povo. [2] Na realidade, aconteceu que neste preciso momento, enquanto eles estavam em tumulto por esta razão, um contingente de Lacedemónios tinha avançado até ao Istmo por causa de negócios com os Beócios. Parecia contudo que os Lacedemónios tinham vindo de acordo com ele e por sua lavra e não por causa dos Beócios e se eles não se tivessem antecipado a pôr na prisão os homens sobre os quais haviam recebido informações, a cidade teria sido traída. E até durante uma noite inteira dormiram armados no templo de Teseu na cidade. [3] Também por esta mesma altura suspeitava-se que os amigos de Alcibiades em Argos tinham planos para atacar o povo e assim os Atenienses deram de volta ao povo argivo para serem mortos os reféns deles que por causa disto tinham sido postos nas ilhas. [4] Portanto,

por todo o lado levantavam-se suspeitas contra Alcibíades. E assim, desejando submetê-lo a julgamento para o matar, mandaram à Sicília o navio *Salamínia* para o trazer e a outros que também haviam sido denunciados. [5] Mas as ordens eram para eles proclamarem publicamente que ele os seguisse para se defender das acusações, mas que não o prendessem, uma vez que desejavam precaver-se contra motins entre os seus soldados e os inimigos na Sicília e desejavam acima de tudo que Mantíneus e Argivos permanecessem com eles já que reconheciam que tinham sido persuadidos por ele a juntar-se à expedição. [6] Assim, ele no seu navio e os que tinham sido acusados com ele, acompanharam o *Salamínia* navegando da Sicília aparentemente na direcção de Atenas, mas quando chegaram a Túrios, deixaram de seguir, e desembarcando do navio, desapareceram, receando viajar para Atenas para julgamento com tão caluniosas acusações. [7] Durante algum tempo, os homens no *Salamínia* procuraram Alcibíades e os seus companheiros, mas como não os encontrassem em lado algum, foram-se embora, navegando para Atenas. E Alcibíades, então já um exilado, não muito depois atravessou de barco de Túrios para o Peloponeso. E os Atenienses julgaram-no à revelia e condenaram-no à morte, a ele e aos companheiros.

A batalha do Olímpieu

LXII. Depois disto, os dois estrategos atenienses que ficaram na Sicília, dividiram o exército em duas partes, cada um tirando à sorte uma, e navegaram com as forças combinadas para Selinunte e Egesta querendo saber se os Egesteus iam dar o dinheiro prometido, e para observar as acções dos Selinúncios e conhecer as disputas com os Egesteus. [2] Assim, navegando ao longo da costa da Sicília à esquerda, na parte virada para o golfo Tirreno, chegaram a Himera, a única

cidade helénica nesta região da Sicília, mas como não foram ali recebidos, continuaram a viagem. [3] E na passagem, tomaram Hícara, uma pequena cidade sicana mas inimiga dos Egesteus, que ficava junto à costa. Reduziram a população à escravidão e entregaram a cidade aos Egesteus (na realidade, alguns cavaleiros destes tinham-se-lhes juntado), enquanto eles voltaram para trás com as forças de infantaria pelo território dos Sículos até chegarem a Cátana, e os navios vieram à volta trazendo os cativos. [4] Mas Nícias tendo navegado imediatamente de Hícara para Eggesta, depois de ter tratado doutros negócios e recolhido trinta talentos, juntou-se ao exército. Venderam os cativos fazendo neles o total de cento e vinte talentos. [5] E mandaram de volta pedir àqueles que eram seus aliados entre os Sículos que mandassem tropas. E com metade das forças que tinham, atacaram Hibla Geleatis, uma cidade inimiga, mas não a tomaram. E assim acabou o Verão.

LXIII. No Inverno seguinte, os Atenenses começaram a preparar-se imediatamente para avançar contra Siracusa e os Siracusanos por sua parte também para irem contra eles. Mas quando os Atenenses não os atacaram imediatamente tal como eles primeiro receavam e esperavam, com cada dia que passava, recuperavam mais coragem e quando os Atenenses foram vistos a navegar para partes da Sicília longe das deles, indo para Hibla e tentando tomá-la pela força sem sucesso, tinham ainda mais desprezo por eles, e tal como a população gosta de fazer quando está excitada, exigiram que os estrategos os levassem para Cátana uma vez que os Atenenses não os iriam atacar. [2] Os cavaleiros siracusanos, que continuamente se aproximavam do exército ateniense como guarda avançada, entre outros insultos perguntavam-lhes se tinham vindo estabelecer-se com eles em terra alheia em vez de reestabelecerem os Leontinos na sua terra.

LXIV. Os estrategos atenienses notaram isto e queriam afastar da cidade, para o mais longe possível, o povo todo, enquanto eles, a coberto da noite, navegavam ao longo da costa e ocupavam um lugar apropriado e tranquilo para acampar, sabendo bem que não o poderiam fazer se tivessem de desembarcar dos seus navios diante de inimigos preparados para se defender, ou se fossem detectados, indo por terra; na verdade, não tendo eles cavalaria, as tropas ligeiras e a turba de não-combatentes que os seguia sofreriam grandes danos causados pelos cavaleiros siracusanos, mas assim, na nova posição tomada, a cavalaria siracusana não lhes causaria danos dignos de menção. Exilados siracusanos que estavam com eles tinham-nos informado do local, perto do Olimpieu, que eles queriam ocupar. Portanto, os estrategos para obterem o que desejavam urdiram o seguinte plano. [2] Enviaram um homem da confiança deles que pareceria aos estrategos siracusanos não menos seu conhecido. O homem era um Cataneu e disse que vinha da parte de homens de Cátana, cujos nomes os estrategos conheciam e sabiam ser de amigos que ainda lhes restavam na região. [3] Disse-lhes que os Atenienses passavam a noite na cidade afastados das suas armas e se os Siracusanos quisessem avançar em força de madrugada num dia aprazado contra o exército dos Atenienses, eles fechariam as portas aos Atenienses que estavam na cidade e incendiar-lhes-iam os barcos, enquanto os Siracusanos atacavam a paliçada e facilmente tomavam o acampamento todo. E havia muitos Cataneus que se lhes juntariam e até já estavam preparados e ele vinha da parte deles.

LXV. Os estrategos dos Siracusanos, encorajados por tudo isto e tendo já a intenção de ir atacar mesmo sem a ajuda destes, confiaram no homem sem pensar, e combinando imediatamente um dia em que estariam em Cátana, mandaram-no de volta. Eles próprios (na realidade, de entre

os aliados, Selinúncios e outros já estavam presentes), deram ordens a todos os Siracusanos para se apresentarem com todas as forças. E quando os preparativos estavam completamente feitos e os dias em que tinham combinado vir chegaram perto, marchando para Cátana, estabeleceram acampamento junto do rio Simeto em território leontino. [2] Quando os Atenienses perceberam que eles se aproximavam, levantaram o acampamento e com os Sicelos e outros que se lhes tinham juntado embarcaram nos navios e barcos de transporte e navegaram a coberto da noite para Siracusa. [3] E ao amanhecer, os Atenienses desembarcaram num local do lado oposto ao do Olimpieu para aí montarem acampamento, mas os cavaleiros siracusanos que tinham sido os primeiros a chegar a Cátana e viram que o exército ateniense se tinha retirado por completo, voltaram para trás e anunciaram isto às tropas de infantaria e todos juntos regressaram à cidade para a socorrer.

LXVI. Entretanto, os Atenienses, uma vez que os Siracusanos tinham um longo caminho a percorrer, com vagar acamparam em local conveniente, de onde podiam travar batalha, quando quisessem, e a cavalaria siracusana lhes causaria menos danos quer durante a batalha quer antes dela, pois de um lado havia muralhas e casas, árvores e um lago pantanoso e do outro escarpado penhasco. [2] Também cortaram árvores que estavam ali próximas e levaram-nas até ao mar e juntando-as construíram uma paliçada junto dos navios, e em Dáscon, onde o acesso era mais fácil para os inimigos, com pedras apanhadas ao acaso e troncos de árvore ergueram apressadamente um forte e destruíram a ponte sobre o Anapo. [3] Enquanto faziam estes preparativos, ninguém veio da cidade para se lhes opor. Os primeiros a vir em socorro da cidade foram os cavaleiros siracusanos e seguidamente toda a infantaria se juntou a eles e no princípio aproximaram-se do acampamento ateniense

mas depois, como os Atenienses não saíram ao seu encontro, retiraram e atravessando a estrada Helorina, ali assentaram arraiais.

LXVII. No dia seguinte, os Atenienses e os seus aliados prepararam-se para a batalha e organizaram-se assim: na ala direita estavam os Argivos e os Mantineus, o centro era ocupado pelos Atenienses, os outros aliados estavam na ala esquerda. Metade do exército estava na frente, em fileiras com profundidade de oito, a outra metade próximo das suas tendas em formação de quadrado, também organizada em fileiras com a mesma profundidade de oito. Tinham ordens para observar onde o exército estivesse em maiores dificuldades e prestar aí o seu auxílio. E no centro desta formação colocaram os transportadores de bagagens. [2] Os Siracusanos, por seu lado, dispuseram todos os hoplitas em fileiras com profundidade de dezasseis, sendo toda a força constituída por Siracusanos e por tantos aliados quantos os que estavam presentes, a ajudá-los principalmente os Selinúncios e também a cavalaria dos Geloos, ao todo duzentos, e igualmente dos Camarineus, vinte cavaleiros e cinquenta archeiros. A cavalaria, não menos do que mil e duzentos cavaleiros, colocaram-na do lado direito e junto deles os lançadores de dardos. [3] E quando os Atenienses estavam a ponto de começar o ataque, Nícias, deslocando-se ao longo da linha de formação de batalha, exortou assim os soldados, quer como membros da nação a que pertenciam, quer como membros do exército comum de que actualmente faziam parte:

LXVIII. “Soldados, que necessidade temos nós de uma longa exortação quando viemos aqui exactamente para esta batalha? Na realidade, parece-me que o nosso exército nos dá mais motivos para sermos corajosos do que palavras bonitas com um fraco exército. [2] A verdade é que, onde

estiverem Argivos e Mantineus, Atenienses e os melhores dos habitantes das ilhas, como é que não havemos de ter a esperança enorme de sairmos vitoriosos com tais companheiros, e em tais números especialmente, contra homens que se defendem juntos em balbúrdia e não são tropas especiais como nós e, além do mais, são Siceliotas que nos desprezam mas não podem resistir aos nossos ataques, porque o seu saber guerreiro é inferior à sua ousadia. [3] Mas também que esta ideia esteja presente nos vossos espíritos: nós estamos longe das nossas terras, em território onde não temos amigos a não ser os que conquistamos em combate. E o meu conselho para vós é o contrário da exortação que, eu tenho a certeza, os inimigos dão às suas tropas. Com efeito, eles dizem que a luta é pela pátria, e eu lembro-vos que lutais num país que não é a vossa pátria e que é necessário sair vitorioso, de contrário a retirada não será fácil, já que a cavalaria deles cairá sobre nós em grande número. Portanto, lembrai-vos da vossa reputação e atakai os inimigos corajosamente considerando esta necessidade de ganhar e que as dificuldades que enfrentamos são mais temíveis do que os inimigos.”

LXIX. Depois destas palavras de exortação, Nícias dirigiu imediatamente os seus homens para o ataque. Contudo, naquele preciso momento os Siracusanos não estavam à espera de combater e alguns tinham até ido à cidade que ficava perto. E embora tivessem vindo a correr rapidamente para ajudar, chegaram tarde, tendo-se cada um juntado à maioria, tomando aí posição. Na realidade, não lhes faltava coragem nem ousadia, quer nesta batalha quer noutras e certamente não eram inferiores em bravura desde que tivessem experiência, mas faltando-lhes esta, eram batidos apesar da sua determinação. De qualquer modo, muito embora não pensassem que os Atenienses iam atacar primeiro e fossem obrigados a defender-se à pressa, pegaram imediatamente nas armas e atiraram-se contra o inimigo. [2] No princípio,

os lançadores de pedras, os fundibulários e os archeiros de cada lado iniciaram o combate, repelindo-se alternadamente como é lógico com tropas ligeiras. Em seguida, adivinhos ofereceram os sacrifícios do costume e os trombeteiros tocaram a reunir para incitar os hoplitas à carga. [3] Os Siracusanos por seu lado combatiam pela sua própria terra e cada um pela sua imediata salvação como indivíduo e pela sua futura liberdade; os Atenienses, para obterem território alheio e evitar tornar mais fraco o seu, se fossem derrotados; e os Argivos, e os aliados que eram independentes, para ganhar aquilo para que tinham vindo e, vitoriosos, voltarem a ver outra vez as suas terras. Quanto aos súbditos de entre os aliados estavam sobretudo desejosos de combater pela sua imediata segurança que só podiam esperar se vencessem e também depois, secundariamente, se ajudassem os Atenienses a levar a bom termo a conquista de novo território, poderiam eles próprios ter uma situação de dependência mais fácil.

LXX. Quando a batalha se tornou em luta de corpo-a-corpo, os dois lados aguentaram-se bem um contra o outro durante muito tempo, mas aconteceu que alguns trovões, relâmpagos e muita chuva ocorreram ao mesmo tempo de tal modo que os que combatiam pela primeira vez e aqueles que estavam menos familiarizados com a guerra, por esse motivo se encheram de medo, enquanto para os mais experimentados o que estava a acontecer-lhes parecia ser causado pela época do ano, mas o facto de os adversários não se terem deixado derrotar causava-lhes muito maior inquietação. [2] Quando os Argivos primeiramente repeliram a ala esquerda dos Siracusanos e depois deles os Atenienses repeliram os que se lhes opunham, finalmente a linha de batalha do exército siracusano quebrou e foi posta em fuga. [3] Porém os Atenienses não os perseguiram longe (na verdade, a cavalaria dos Siracusanos, sendo numerosa e não

vencida, impediu-os de o fazer caindo sobre os hoplitas, quando os via ir em perseguição, não os deixando continuar) seguindo-os em grupo, enquanto estavam em segurança, mas retiraram depois e levantaram um troféu. [4] E os Siracusanos tendo reunido as suas forças na estrada Elorina, organizaram, apesar das circunstâncias presentes, um grupo de soldados que mandaram como guardas para o Olímpieu, receosos de que os Atenienses tirassem o tesouro que lá estava, e os restantes retiraram para a cidade.

LXXI. Porém os Atenienses não foram para o templo mas recolheram os seus mortos, colocando-os numa pira, e ali ficaram naquela noite. E no dia seguinte, ao abrigo de tréguas, devolveram aos Siracusanos os seus mortos (dos Siracusanos e seus aliados tinham morrido cerca de duzentos e sessenta), depois juntaram os ossos dos seus próprios mortos (de Atenienses e seus aliados que à volta de cinquenta haviam perecido), e levando consigo os despojos dos inimigos, navegaram para Cátana. [2] Na realidade, era Inverno e parecia impossível continuar a guerra a partir dali até que lhes mandassem de Atenas cavaleiros, além de os obterem também dos aliados na Sicília, para não continuarem em situação de completa inferioridade no que respeitava a cavalaria. E desejavam igualmente recolher dinheiro dali mesmo e que algum viesse de Atenas, e atrair para a sua causa algumas das cidades, que eles esperavam estariam mais abertas a ouvi-los, depois desta batalha. Fariam também outros preparativos, como sejam alimentos, e o que quer que fosse necessário para atacar Siracusa na Primavera seguinte.

Os Siracusanos: o inimigo à altura dos Atenienses

LXXII. Com esta intenção, os Atenienses navegaram para Naxos e Cátana para passar o Inverno. Os Siracusanos

depois de enterrarem os seus mortos, convocaram uma assembleia. [2] Hermócrates, filho de Hérmon, um homem de extraordinária inteligência que tinha demonstrado experiência nesta guerra e se tornara famoso pela sua bravura, avançando, encorajou-os a não se darem por vencidos por causa do que tinha acontecido. [3] Disse-lhes que na verdade não tinha sido o ânimo deles que havia sido destruído, mas sim a falta de disciplina que os tinha prejudicado. De facto, eles não eram tão inferiores como era de esperar, especialmente quando tinham combatido contra as melhores tropas dos Helenos no que respeita a experiência, e, por assim dizer, tinha sido um combate de amadores contra profissionais. [4] Tinham também sido especialmente prejudicados pelo grande número de estrategos e pela dispersão de poderes, (havia com efeito quinze estrategos), com falta de comando não organizável de muitos. Mas se apenas alguns homens com experiência fossem escolhidos para estrategos e durante aquele Inverno treinassem uma força de hoplitas, fornecendo armas a quem as não tinha, de tal modo que o número de hoplitas fosse o maior possível e mantivessem disciplina por meio da prática de exercícios militares, era provável, dizia ele, que dominassem os inimigos, uma vez que à bravura que já tinham se acrescentava disciplina em acção. De verdade, ambas se aperfeiçoariam, a última pela prática entre perigos, enquanto o valor deles se tornaria mais seguro de si próprio devido à confiança que a experiência dá. [5] Os estrategos que tinham de escolher deviam ser poucos e com plenos poderes e deviam prestar um juramento para lhes permitir o exercício do comando conforme achavam melhor. E assim na verdade, o que era necessário conservar em segredo seria mais facilmente protegido e de um modo geral os preparativos seriam feitos de maneira ordenada e com integridade.

LXXIII. E os Siracusanos tendo-o ouvido votaram tudo como ele aconselhara e escolheram estes três generais:

o próprio Hermócrates, Heráclides, filho de Lisímaco e Sicano, filho de Execesto. [2] Mandaram embaixadores a Corinto e a Lacedémon para que os apoiassem numa aliança e para convencer os Lacedemónios a fazer a guerra juntamente com eles contra os Atenienses de forma mais firme e clara, para que assim talvez os fizessem sair da Sicília ou para impedir que eles para ali mandassem auxílio para o exército.

LXXIV. Entretanto, o exército ateniense em Cátana navegou imediatamente para Messina na esperança de que esta lhes fosse entregue por traição. Mas os planos que tinham sido feitos não se concretizaram. Pois assim que Alcibiádes deixou a sua posição de comando já como arguido, sabendo que iria para o exílio, informou os seus amigos siracusanos em Messina do que ele sabia que ia acontecer. Estes já tinham antes matado os homens que conspiravam e estando em revolta e em armas juntamente com aqueles que desejavam o mesmo, persistiram em não receber os Atenienses. [2] Os Atenienses permaneceram ali cerca de treze dias mas em dificuldades por causa de mau tempo, sem provisões e sem qualquer progresso na situação, retiraram para Naxos e tendo marcado os limites do acampamento, construíram uma paliçada e ali hibernaram. Também mandaram para Atenas uma trirreme pedindo dinheiro e cavalaria para chegarem até eles, assim que viesse a Primavera.

LXXV. Durante este Inverno também os Siracusanos construíram uma fortaleza em frente da cidade, conservando dentro dos seus limites a zona do Temenites, ao longo de toda a área voltada para as Epípolas de forma a que, se porventura fossem derrotados, não pudessem ser bloqueados, como poderia acontecer se a cidade tivesse menor dimensão, e estabeleceram fortes em Mégara e também no Olimpieu e paliçadas junto ao mar em todos os

lugares onde era possível desembarcar. [2] Sabendo que os Atenenses estavam em Naxos a passar o Inverno, atacaram Cátana com todas as suas forças, saquearam o território e depois de incendiarem as tendas e o acampamento dos Atenenses regressaram a Siracusa. [3] Também quando descobriram que os Atenenses, de acordo com uma aliança celebrada com os Camarineus no tempo de Laques, estavam a mandar enviados a Camarina para ver se de alguma maneira os poderiam atrair para o seu lado, os Siracusanos por sua vez mandaram também uma embaixada para se lhes opor. Suspeitavam que os Camarineus, que não tinham sentido grande entusiasmo com o auxílio que haviam mandado para a primeira batalha, poderiam não querer ajudá-los no futuro, ao ver que os Atenenses tinham sido bem-sucedidos na batalha e poderiam até ser persuadidos a passar para o lado daqueles por causa da anterior amizade. [4] Assim, quando Hermócrates e outros chegaram a Camarina vindos de Siracusa, e dos Atenenses Eufemo com outros, reuniu-se uma assembleia de Camarineus, e Hermócrates, desejando predispor os Camarineus contra os Atenenses, disse o seguinte:

LXXVI. “Camarineus, nós vimos junto a vós com esta embaixada não porque receamos que estejais em pânico com a actual força dos Atenenses mas mais porque temos receio das palavras que vão ser aqui proferidas da sua parte e que podem persuadir-vos antes de nos ouvirdes a nós. [2] Na realidade, eles vieram para a Sicília com o pretexto que vós conheceis e as intenções de que todos suspeitamos. Parece-me que de facto eles não querem recolonizar os Leontinos mas sim descolonizar-nos a nós. E não se compreende que eles despvoem cidades lá e colonizem aqui e que se interessem pelos Leontinos, porque são Calcideus e portanto do mesmo sangue, mas escravizem os Calcideus na Eubeia, dos quais estes são colonizadores. [3] Usando

este plano de acção, obtiveram os seus sucessos lá e agora experimentam o mesmo aqui. Na verdade, tornados dirigentes dos Jónios, por livre vontade destes e de outros que eram seus aliados e da mesma estirpe, para abertamente punir os Medos, os Atenienses acusaram uns de deserção, outros de guerrearem uns com os outros, outros ainda de algum pretexto plausível que tinham para eles, e reduziram-nos todos a vassalos. [4] Não foi portanto para obter liberdade – os Atenienses para os Helenos, ou os Helenos para si próprios – que combateram os Medos, mas os Atenienses combateram para tornar os outros seus escravos e não dos Medos, e os Helenos combateram pela mudança de senhor, não para um mais astuto, outrossim para um mais astuto em malvadez.

LXXVII. “Contudo, embora seja muito fácil censurar o estado de Atenas, não viemos aqui expor àqueles que já os conhecem, os muitos agravos por eles cometidos; viemos muito mais para nos culpar a nós próprios, porque, tendo nós exemplos de como Helenos têm sido ali reduzidos à escravatura, visto que não se ajudaram uns aos outros, e agora que os mesmos estratagemas estão a ser usados entre nós – recolonizar os Leontinos e ajudar os Egesteus, seus aliados –, não nos queremos juntar com mais empenho para lhes mostrar que aqui não somos nem Jónios, nem Helespontinos, nem ilhéus, sempre em estado de escravatura, mudando de amo e senhor, ora Medo, ora qualquer outro. Na verdade, nós somos Dórios, homens livres vindos do Peloponeso independente, vivendo agora na Sicília. [2] Ou vamos nós esperar até que as nossas cidades, uma por uma, sejam tomadas, sabendo que só assim seremos conquistados e vendo que para isto acontecer eles se voltam para este plano de acção especial: dividir alguns de nós com discursos, lançar uns contra os outros na esperança de obter aliados, e causando a outros tanto dano quanto podem, ao dize-

rem a cada um palavras lisongeiras. Ou julgamos nós, quando um compatriota que vive longe e morre antes de nós, que o mesmo perigo não vai chegar até nós, e que aquele que sofre antes de nós é apenas vítima da má sorte?

LXXVIII. “E agora, se alguém entre os Camarineus é de parecer que é o Siracusano, não ele próprio, que é inimigo dos Atenienses e julga que é aterrorizar-se pela nossa terra, que pense que não é só pela nossa terra que luta mas sim que, enquanto o faz pela nossa, está a lutar também pela sua e vai combater com muito maior segurança em tais circunstâncias, não sendo eu destruído e tendo-me portanto como aliado, em vez de combater isolado. E que pense também que os Atenienses não querem castigar a hostilidade dos Siracusanos mas sim, usando-nos como pretexto, aliciar com mais segurança a vossa amizade. [2] E se alguém nos inveja ou nos receia (na realidade os estados mais poderosos estão sempre sujeitos a estes sentimentos), e por este motivo deseja que Siracusa sofra para nos tornarmos mais moderados, mas sobreviva por causa da sua própria segurança, alimenta uma esperança que fica para além da força humana. Na realidade, de modo algum pode um homem controlar da mesma forma os seus desejos e o seu destino. [3] E se errar no seu julgamento, quando se lamentar dos seus males, talvez deseje um dia invejar mais uma vez a nossa prosperidade. Mas isso não será possível para quem nos tiver abandonado sem estar disposto a enfrentar connosco riscos, que não sendo os mesmos de nome, são por certo os mesmos na realidade, o que é o mesmo que dizer que salvaria a nossa força, mas de facto garantia também a sua própria salvação. [4] Camarineus, era especialmente apropriado que vós, que sois nossos vizinhos e os próximos a estar em risco, tivésseis previsto isto e não fôsseis os aliados tímidos que agora sois, mas, de preferência, tendo vindo ter connosco por vossa iniciativa, mostrásseis claramente aquilo que, se os Atenien-

ses tivessem atacado primeiro Camarina, iríeis por necessidade pedir-nos a nós, exortando-nos da mesma maneira para que não cedêssemos ao inimigo. Mas nem vós nem os outros até agora se esforçaram neste sentido.

LXXIX. “Talvez por medo vós pensais que estais a dispensar justiça a nós e aos invasores, dizendo que tendes uma aliança com os Atenienses. Mas essa aliança não a fizestes contra os vossos amigos, mas para o caso de um inimigo vos atacar; e também para ajudar os Atenienses se eles sofressem agravos às mãos de outros e não como agora, quando eles estão a causar agravos aos vizinhos. Na verdade, nem os Régios, que são Calcidenses, querem ajudar a recolonizar os Leontinos, que são também Calcidenses. [2] É estranho que aqueles, suspeitosos duma má acção com uma bonita justificação, são incrivelmente prudentes e vós com um pretexto crível quereis ajudar quem é vosso inimigo por natureza, e destruir, com a ajuda dos vossos piores adversários, aqueles que são da vossa estirpe por laços de natureza ainda mais chegados. [3] Ora isto não é justo, mas sim ajudar-nos sem rechar as forças deles que não são assustadoras se nós nos juntarmos todos, mas apenas se, como eles tanto desejam, nós nos conservarmos divididos uns contra os outros; a verdade é que nem quando vieram contra nós, quando estávamos sozinhos e foram superiores na batalha, fizeram o que queriam e retiraram rapidamente.

LXXX. “Portanto, se nos unirmos, não temos razão para nos sentirmos desanimados, mas sim para entrarmos nesta aliança com maior empenho, especialmente quando vai chegar auxílio dos Peloponésios, que são muito superiores aos Atenienses em tudo que diz respeito à arte da guerra. E que ninguém julgue que é justiça para nós ou segurança para vós a vossa argúcia em não ajudar nenhum lado, porque sois aliados de ambos. [2] Com efeito este argumento não é

na realidade igual ao que é no pacto alegado. Pois se é, porque vós não quereis tomar partido como aliados, que a vítima é derrotada e o vencedor triunfa, que outro resultado conseguis com esta vossa recusa excepto não dar a uns ajuda para se salvar e não impedir outros de cometer agravos? E no entanto seria mais nobre associar-vos com aqueles que foram ofendidos e são também do vosso sangue, para vantagem comum da Sicília e não permitir que esses vossos amigos, os Atenienses, façam erros. [3] Portanto, numa palavra, nós Siracusanos dizemos que não há necessidade para vos explicar a vós e a outros matéria que vós próprios conheceis bem, mas nós queremos que saibais e, se não vos persuadirmos, oferecemos testemunho de que estamos a ser alvo de planos conspiratórios por parte dos Jónios, que sempre foram nossos inimigos, mas por vós, por vós, estamos nós a ser traídos, Dórios por Dórios. [4] E se os Atenienses nos dominarem, vencem por causa das vossas decisões, mas as honras que vão receber serão em seu nome e o prémio da vitória que vão ter não será outro senão aquele que os ajudou a alcançar a vitória. E se pelo contrário nós formos os vencedores, tereis de sofrer o castigo por serdes a causa dos nossos sofrimentos. [5] Portanto, considerai, e depois escolhei, se quereis escravatura imediata sem sofrimento, ou se, tendo subsistido juntando-vos a nós, não tendes de aceitar esses déspotas vergonhosamente e também quanto à inimizade connosco, que nunca será de curta duração, evitá-la-eis.”

LXXXI. Hermócrates disse estas palavras e Eufêmo, o enviado dos Atenienses, depois dele, falou assim:

LXXXII. “Nós viemos aqui para renovar a aliança que já tínhamos, mas como o Siracusano nos atacou, é necessário falar do nosso império e da forma como nós o administramos. [2] Ele diz que a melhor prova é a de que os Jónios sempre têm sido inimigos dos Dórios. E de facto

assim é. Na realidade, sendo nós Jónios, sempre tivemos em mente a melhor forma de estarmos menos sujeitos ao domínio dos Peloponésios, que são Dórios, são mais numerosos e são nossos vizinhos. [3] Porém, depois das Guerras Médicas, tendo nós adquirido uma armada, libertámo-nos do poder e da supremacia lacedemónia, não sendo de maneira alguma mais apropriado que eles nos dêem ordens a nós do que nós a eles excepto que naquele tempo eles eram mais poderosos. Mas tendo nós ganho forças que nos tornaram capazes de mandar, governando aqueles que estavam primeiro sob o poder do Grande Rei, julgámos que desta maneira devíamos estar menos sujeitos aos Peloponésios, já que temos capacidade para nos defender. E para falar com toda a exactidão, não cometemos um acto de injustiça, quando subjugámos os Jónios e os das ilhas, que os Siracusanos dizem que nós escravizámos, muito embora eles estejam relacionados connosco por laços de sangue. [4] A verdade é que estes vieram contra nós, a sua mãe-pátria, juntamente com os Medos e não tiveram a coragem de se revoltar, destruindo as propriedades que lhes pertenciam, como nós fizemos ao abandonar a nossa cidade; assim, escolheram a escravatura para si próprios, quando queriam impô-la a todos nós.

LXXXIII. “Portanto, nós merecemos governar, porque pusemos à disposição dos Helenos a maior força náutica e o mais resolutivo fervor, e eles, por sua vez, porque prontamente fizeram isto para benefício dos Medos, prejudicaram-nos a nós; e também merecemos governar porque contra os Peloponésios desejamos ser mais fortes. [2] E nós não dizemos em frases bonitas que merecemos governar, porque ou destruímos sozinhos o Bárbaro, ou enfrentámos mais perigos pela liberdade daqueles, do que pela liberdade de todos ou até mesmo pela nossa. E não se censura ninguém por preparar adequadamente a sua própria protecção.

E agora que estamos aqui por causa da nossa segurança, verificamos que vós tendes os mesmos interesses. [3] E não vamos provar isto com as falsas acusações que eles proferiram contra nós e por aquilo que vós, com enorme receio, suspeitais, pois nós sabemos que quem tem excessivo medo sente prazer imediato nos discursos, mas depois, quando é necessário agir, toma em consideração os seus interesses. [4] Na realidade, nós dissemos que detemos a supremacia na Hélade pelo medo que inspiramos e viemos para aqui, com os nossos amigos, para vos colocar em situação de segurança, e não para vos escravizar mas antes para evitar que sejais escravizados.

LXXXIV. “E que ninguém presuma que nós estamos interessados por vós, quando isto não nos diz respeito, mas que compreenda que, se vós vos conservardes seguros e portanto não fordes fracos, podeis oferecer resistência aos Siracusanos que serão menos capazes de nos causar danos mandando uma força militar aos Peloponésios. [2] Portanto, neste caso, vós sois de grande importância para nós e por esta mesma razão é justo restaurar os Leontinos para eles não serem vassalos como são os da mesma raça em Eubeia, mas sim o mais poderosos possível para que, sendo eles vizinhos dos Siracusanos, do seu território lhes causem problemas em nossa defesa. [3] Quanto à Hélade, somos suficientemente fortes para os nossos inimigos, mas quanto aos Calci-deus que ele diz que irracionalmente nós escravizámos na Hélade e libertámos aqui, é conveniente para nós que estejam desarmados e contribuam apenas com dinheiro, mas aqui, quer os Leontinos, quer os nossos outros amigos, devem ser completamente independentes.

LXXXV. “Para o homem que é déspota ou para uma cidade que detém o poder imperial nada é irracional desde que seja útil, nem há relação a não ser que mereça con-

fiança. Mas em cada caso, de acordo com o que é oportuno, ou se é inimigo ou amigo e aqui na Sicília tiramos proveito não de destruir os nossos amigos mas de retirar aos nossos inimigos o poder por causa da força dos nossos amigos. [2] E não se deve duvidar disto. De facto, na Hélade nós governamos os nossos aliados segundo as vantagens, que cada um deles nos traz. Quios e Metimneus são independentes, fornecendo-nos navios, mas muitos, em termos mais coercivos, pagam tributo em dinheiro, e outros ainda são nossos aliados em liberdade absoluta, muito embora sejam das ilhas e fáceis de subjugar, porque vivem em lugares estratégicos à volta do Peloponeso. [3] É portanto natural que também aqui os nossos negócios sejam organizados segundo as nossas vantagens e, como nós dizemos, o receio que temos dos Siracusanos. Na realidade, desejando eles dominar-vos ou se juntam a vós à força, porque suspeitais de nós, ou porque vós ficais sós depois de nos retirarmos sem termos conseguido nada, e então eles serão os senhores da Sicília. E isso vai suceder, se vós vos juntardes a eles, pois para nós não será fácil dominar uma tão grande força combinada e, não estando nós presentes, eles não são fracos para vos confrontar.

LXXXVI. “E se alguém tem opinião diferente, os factos vão prová-lo errado. Com efeito, vós trouxestes-nos aqui antes e o único medo que brandistes diante dos nossos olhos foi o de que nós próprios estaríamos em perigo se permitíssemos que vós fôsseis dominados pelos Siracusanos. [2] Não é por conseguinte justo que agora duvideis do argumento que vós julgastes que nos convencia a nós, nem que desconfieis de nós porque estamos aqui presentes com uma força mais substancial contra o poder dos Siracusanos, quando devíeis era não confiar neles. [3] Nós não podemos permanecer na Sicília sem a vossa ajuda e mesmo que nos tornássemos perversos e a subjugássemos, não poderíamos

conservá-la devido à longa viagem por mar e à dificuldade de proteger cidades grandes armadas com forças terrestres. Porém os Siracusanos, que vivem perto de vós, não num acampamento, mas numa cidade maior que as nossas actuais forças militares, estão constantemente a urdir planos contra vós e quando têm a oportunidade, não a deixam escapar, como mostraram noutros casos e entre eles o caso dos Leontinos. [4] E agora ousam pedir-vos, como se não tivésseis qualquer bom senso, para vos opordes aos que evitaram estas coisas e até agora conservaram a Sicília livre do domínio deles. [5] Mas nós convidamos-vos para uma segurança muito mais genuína, quando vos pedimos para não trair aquela que vem de cada um de nós para ambos. E considerai que para eles, mesmo sem aliados, a via de acesso contra vós está sempre aberta por causa dos números de que dispõem, mas para vós não muitas vezes surge a oportunidade de vos defenderdes com tal força aliada. Contudo, se devido às vossas suspeitas, deixais partir esta força sem ela ter alcançado o seu objectivo, ou se ela até for derrotada, então ainda um dia ides desejar ver uma mínima parte dela, quando a sua presença não será para vós de qualquer utilidade.

LXXXVII. “Mas, Camarineus, que nem vós nem outros se deixem seduzir por estas intrigas. Nós dissemo-vos toda a verdade sobre aquilo que nos tornou suspeitos, e agora, recordando os pontos principais do nosso argumento, julgamos que vamos persuadir-vos. [2] Nós dissemos que exercemos poder sobre a Hélade para não nos submetermos a outro poder; e que libertamos as cidades na Sicília para que elas não nos causem danos. E temos de fazer muito porque muito nos temos de proteger. Quer agora, quer antes, viemos como aliados, não como não-convidados, mas sim chamados por vós para ajudar aqueles que aqui têm sofrido agravos. [3] E não vos torneis agora juizes do nosso procedimento nem tenteis corrigi-lo, o que seria agora difícil de

fazer, nem dissuadir-nos, mas desde que alguma coisa na nossa actividade seja de utilidade para vós, tomai-a e usai-a, pensando que estas coisas não são prejudiciais para todos igualmente e até beneficiam a maioria dos Helenos. [4] De facto, todos os homens em todos os lados, mesmo quando nós não estamos ainda presentes, aqueles que se pensam prejudicados ou aqueles que conspiram, uns por causa da expectativa de iminente ajuda nossa, outros por correrem o risco de não estar seguros se nós chegarmos, têm ambos de se controlar, uns moderando-se mesmo que contra vontade, outros salvando-se sem grande esforço. [5] E é esta ajuda acessível a todos que a pedem e que vos é agora oferecida e que vós ides recusar; contudo, se fizerdes como os outros e vos juntardes a nós contra os Siracusanos, em lugar de estardes sempre a vigiá-los, fareis planos contra eles da mesma maneira que eles fazem planos contra vós.”

LXXXVIII. Assim falou Eufêmo. E os Camarineus reagiram da seguinte maneira: simpatizavam com os Atenienses com excepção de pensarem que eles iam escravizar toda a Sicília, mas com os Siracusanos, segundo é costume com vizinhos, tinham sempre desavenças. Porém tinham mais receio dos Siracusanos, porque estavam próximos e podiam dominar sem a sua ajuda; assim, mandaram-lhes primeiro alguns cavaleiros e decidiram que no futuro dariam auxílio de facto mais aos Siracusanos, mas da forma mais limitada possível. E no momento presente, para não parecer que davam menos importância aos Atenienses, visto que estes se tinham mostrado mais fortes na batalha, deram em palavras a mesma resposta a ambos. [2] Tendo, portanto, tomado esta decisão, responderam que, uma vez que acontecia que eram aliados das duas facções em guerra, lhes parecia consistente com os juramentos que tinham feito, não tomar partido por nenhum. E assim os enviados foram-se embora.

Alcibíades em Esparta, e a perfídia diplomática

[3] Os Siracusanos continuaram os seus preparativos para a guerra, enquanto os Atenienses acampados em Naxos negociaram com os Sículos para trazerem para o seu lado o maior número possível. [4] Dos Sículos aqueles que viviam mais na planície e eram vizinhos dos Siracusanos, muitos não se revoltaram mas as comunidades dos que viviam no interior e que sempre antes eram independentes juntaram-se imediatamente, com excepção de alguns, aos Atenienses e trouxeram para as forças no porto provisões e até alguns trouxeram dinheiro. [5] Os Atenienses marcharam contra os que não se aliaram a eles forçando-os a aliar-se mas foram impedidos pelos Siracusanos que mandaram guardas para os ajudar. Depois de terem mudado os navios de Naxos para Cátana e de restaurar o acampamento que tinha sido queimado pelos Siracusanos, ali passaram o Inverno. [6] Mandaram também a Cartago uma trirreme em missão de amizade para, caso pudessem, mandar algum auxílio; e mandaram outra à Tirrénia onde algumas das cidades tinham prometido juntar-se a eles na guerra. Também enviaram mensageiros aos Sículos e para Egesta para pedir que lhes mandassem o maior número possível de cavalos. Além disto, prepararam tijolos e ferro e outros materiais necessários para a muralha de circunvalação, para irem para a guerra assim que chegasse a Primavera. [7] Entretanto, os embaixadores dos Siracusanos que haviam sido enviados para Corinto e Lacedémon, enquanto navegavam ao longo da costa tentaram persuadir os Italiotas a não ignorarem as actividades dos Atenienses, uma vez que estas eram também dirigidas contra eles; quando chegaram a Corinto fizeram um discurso pedindo que os ajudassem em nome das relações de sangue que tinham com eles. [8] E os Coríntios votaram primeiro em ajudá-los imediatamente com todo o empenho e também enviaram embaixadores com eles a Lacedémon para,

juntamente, fazerem estes também a guerra contra os Atenenses de forma mais aberta e enviarem alguma ajuda para a Sicília. [9] Estavam presentes em Lacedémón os embaixadores vindos de Corinto e também Alcibiádes e os seus companheiros exilados, uma vez que este tinha feito a travessia imediatamente num navio de carga, primeiro de Túrios para Cilene na Eleia, seguidamente para Lacedémón, tendo chegado ao abrigo de um salvo-conduto depois de os Lacedemónios o convidarem. Na verdade ele receava-os por causa do que tinha feito no caso de Mantinea. [10] E assim aconteceu que naquela assembleia dos Lacedemónios, os Coríntios, os Siracusanos e Alcibiádes solicitando o mesmo, persuadiam os Lacedemónios. Na realidade, os éforos e outros homens com autoridade que já tencionavam mandar embaixadores a Siracusa para os impedir de fazer as pazes com os Atenenses, não estavam dispostos a ajudá-los. Então Alcibiádes, avançando, incitou os Lacedemónios e instigou-os dizendo o seguinte:

LXXXIX. “Preciso primeiro de vos falar das intrigas contra mim, para que vós não escuteis com menos consideração estas matérias de interesse público, porque duvais de mim. [2] Os meus antepassados, em virtude de uma disputa qualquer, renunciaram à sua posição de cidadãos honorários da vossa cidade, mas eu pessoalmente renovei-a, servindo-vos em outras matérias, em especial, no desastre de Pilos. Muito embora eu respeitasse cabalmente o meu compromisso convosco, vós ao reconciliar-vos com os Atenenses por meio de negociações com os meus inimigos, concedestes-lhes poder, e a mim desonra. [3] Por esta razão, vós merecestes os agravos por mim causados, quando me voltei para o lado dos Mantineus e dos Argivos e me opus a vós noutros campos. Mas se alguém naquele preciso momento ficou, sem razão, furioso comigo, que se deixe persuadir do contrário com a ajuda da verdade. Ou se alguém pensou o

pior de mim, por eu estar mais ligado à causa democrática, que nem assim suponha que tem o direito de me detestar. [4] Na realidade, nós sempre nos opusemos aos tiranos, (e tudo o que é oposto ao poder despótico chama-se democracia), portanto, a consequência disto é que a condução política do povo permaneceu nossa. Além disso, tendo a cidade um governo democrático era necessário em muitos respeitos compreender as circunstâncias presentes. [5] Assim, nós tentámos ser mais moderados na nossa actividade política do que a intemperança vigente. Contudo, havia aquelas que, quer em tempos passados, quer agora, dirigiam as massas populares para caminhos errados. Como os homens que me exilaram. [6] Mas nós governámos tudo julgando que era justo ajudar a preservar o sistema na mesma forma em que tinha chegado até nós e durante o qual aconteceu que a cidade atingiu a condição de máxima grandeza e liberdade (no que respeita a democracia nós, homens de bom senso, sabemos bem o que é, e eu melhor do que qualquer um, de tal modo eu poderia difamá-la, mas na verdade nada de novo pode ser agora dito sobre uma confessada loucura), e não nos pareceu prudente mudá-lo quando vós, nossos inimigos, estáveis tão perto.

XC. “Portanto, isto foi o que sucedeu com respeito às falsas acusações contra mim. Quanto aos assuntos que tendes de decidir em assembleia e eu tenho de trazer aqui porque tenho sobre eles um melhor conhecimento, familiarizai-vos agora com eles. [2] Nós navegámos para a Sicília em primeiro lugar para, se pudéssemos, dominar os Siciliotas e depois destes também os Italiotas e então tentar dominar o império dos Cartagineses e os próprios Cartagineses. [3] Se estas tentativas, ou todas ou a maioria, fossem bem-sucedidas, então tencionávamos atacar o Peloponeso, trazendo para aqui todas as forças dos Helenos que ali se tivessem juntado a nós e contratando muitos mercenários bárbaros, quer

Iberos quer outros que são agora no consenso geral os mais aguerridos combatentes dos Bárbaros daquelas paragens. Tencionávamos também construir muitas trirremes, para além das que já temos, uma vez que a Itália tem muita madeira, e com elas lançar o bloqueio à volta do Peloponeso e ao mesmo tempo, atacando por terra com a infantaria, tomando umas cidades pela força, cercando outras, esperaríamos dominá-las com facilidade e depois disto, controlar todo o mundo helénico. [4] Dinheiro e provisões para tornar isto mais fácil, os territórios acrescentados na Sicília iam fornecê-los, sem dinheiro público vindo de Atenas.

XCI. “Ouvistes isto sobre a expedição, que está agora em progresso, do homem que tem o mais exacto conhecimento do que tencionávamos fazer e na verdade, os restantes estrategos, se puderem, levarão a cabo esta mesma missão. Mas vós tendes de perceber que se não ajudardes a Sicília, nada ali sobreviverá. [2] Os Siciliotas são de facto menos experimentados em matérias militares, mas se se juntarem num corpo coeso poderão talvez salvar-se. Só que os Siracusanos sozinhos, com todas as suas forças, foram completamente derrotados e ao mesmo tempo bloqueados por navios não podendo agora fazer ali frente ao exército dos Atenienses. [3] E se esta cidade for tomada, assim vai ser toda a Sicília e também a Itália. E o perigo de que vos falei agora mesmo não tardará muito a cair sobre vós. [4] Portanto, que ninguém pense que está só a deliberar sobre a Sicília; está sim a deliberar sobre o Peloponeso, a não ser que rapidamente se adoptem as seguintes decisões: enviar para a Sicília, de barco, um exército constituído por homens que façam a viagem como remadores e imediatamente possam servir como hoplitas. E, aquilo que eu penso é ainda mais importante do que o exército, um Espartano como comandante para organizar as tropas presentes e forçar a servi-las os que as não querem servir. Assim na verdade, os amigos

que já tendes sentir-se-ão mais confiantes e os que estão ainda hesitantes juntar-se-ão a vós com menos medo. [5] E é necessário que também aqui torneis as hostilidades mais ostensíveis para que os Siracusanos, julgando que vós estais interessados na situação deles, ofereçam maior resistência, e os Atenienses tenham menos possibilidades de mandar reforços às suas tropas. [6] É igualmente necessário fortificar Deceleia na Ática, que é o que os Atenienses sempre mais receiam, pensando que nesta guerra foi a única experiência que não tiveram de viver. A verdade é que a forma mais segura de causar danos ao inimigo é procurar saber aquilo de que eles têm mais medo e quando isto é determinado com certeza, atacá-los nisso uma vez que é natural que cada um esteja bem consciente dos riscos que pode correr e os receie acima de tudo. [7] Vós próprios ganhais benefícios com esta fortificação, pondo obstáculos à acção dos inimigos, mas vou deixar de parte muitos para falar apenas dos principais: na realidade, os factores de que o lugar esteja provido, virão para vós, quer por conquista, quer por entrega voluntária. E eles serão imediatamente privados dos rendimentos das minas de prata de Láurio e doutros quaisquer proventos que agora tiram da terra e dos tribunais e acima de tudo o tributo dos aliados, que viria com menos regularidade, dado que estes considerariam os Atenienses com um certo desprezo ao ver que vós estáveis implicados nesta guerra com todo o vosso poder.

XCII. “A execução de qualquer destes projectos rapidamente e com o maior empenho está nas vossas mãos, Lacedemónios, uma vez que eles são possíveis, e não penso que me enganei nos meus cálculos, tenho a certeza. [2] E eu espero que nenhum de vós me tenha em menor consideração, porque sendo eu antes considerado um fiel cidadão da minha cidade, a ataco agora vigorosamente em combinação com os seus piores inimigos. E também espero

que não duvideis das minhas palavras como se elas viessem do ardor dum exilado. [3] Eu sou de facto um exilado devido à malvadez dos que me expulsaram, mas não estou impedido, se vós me escutardes, de vos ajudar, e não são piores inimigos os que, como vós, causam danos aos seus inimigos, do que os que obrigam os seus amigos a tornar-se inimigos. [4] Quanto a patriotismo, não o tenho, quando sou ofendido, mas sim quando gozava em segurança os meus direitos de cidadão. Nem eu penso que estou a atacar a pátria, que ainda agora me pertence, mas muito mais a pátria que não é minha mas que eu procuro recuperar. O verdadeiro patriota não é aquele que, tendo perdido injustamente a sua pátria, não a ataca, mas aquele que procura de todas as maneiras possíveis recuperá-la, porque a deseja ardentemente. [5] Lacedemónios, peço-vos portanto que me useis com confiança em qualquer perigo ou dificuldade, reconhecendo aquilo que todos dizem: se como inimigo eu vos causei muito mal, como amigo poderei servir-vos com competência uma vez que conheço os planos dos Atenien-ses, enquanto os vossos eu só os podia conjecturar. Também vos peço que, sabendo que estais a decidir questões de extrema importância, não hesiteis em mandar, para a Sicília e também para a Ática, uma expedição para que ajudando-os com uma pequena parte das vossas forças possais preservar ali os vossos interesses e subjugar o poder que os Atenienses já ali têm ou venham a ter no futuro, vivendo vós depois disto em segurança como detentores do poder sobre toda a Hélade, que vos aceita voluntariamente, não à força mas com toda a boa vontade.”

XCIII. Assim falou Alcibíades. E os Lacedemónios, que já antes tencionavam fazer uma expedição contra os Atenien-ses, mas estavam ainda hesitantes e a avaliar a situação, ficaram mais encorajados depois de Alcibíades lhes ter explicado estas matérias pensando, que as tinham ouvido do

homem que por certo as conhecia melhor. [2] Dedicaram, portanto, a sua atenção à fortificação de Deceleia e imediatamente enviaram alguma ajuda aos Sicilianos. E tendo nomeado como comandante para os Sirácusanos Gilipo, filho de Cleândridas, ordenaram-lhe que com aqueles e os Coríntios determinasse, nas presentes circunstâncias, qual era a melhor e a mais rápida maneira de a ajuda ir para os Siracusanos na Sicília. [3] Gilipo ordenou aos Coríntios que lhe mandassem imediatamente dois navios para Asine e para equiparem os restantes que tencionavam mandar, para que estivessem prontos a navegar, quando chegasse o momento oportuno. Tendo concordado nestes preparativos, os embaixadores deixaram Lacedémon. [4] E a trirreme ateniense que os estrategos mandaram da Sicília para pedir dinheiro e a cavalaria chegaram a Atenas. Os Atenienses ao ouvirem o pedido, tinham votado para enviar ao exército provisões e cavalaria. O Inverno terminou e com ele o décimo sétimo ano desta guerra, cuja história Tucídides escreveu.

Operações militares na Primavera e a chegada de Gilipo

XCIV. No princípio da Primavera seguinte, os Atenienses que estavam na Sicília saíram de Cátana e navegaram junto à costa para Mégara de onde os Siracusanos no tempo do tirano Gelon, como eu já antes disse, expulsaram a população, tendo-se eles próprios depois estabelecido no território. [2] Os Atenienses desembarcaram aqui e arrasaram os campos e tendo atacado um forte dos Siracusanos sem sucesso imediato, continuaram junto à costa com a infantaria e os navios até ao rio Térias e depois de desembarcarem na planície, arrasaram-na e incendiaram os campos de cereais. E num recontro com um pequeno grupo de Siracusanos, mataram alguns, levantaram um troféu e recolheram

aos navios. [3] Tendo então navegado de volta para Cátana, reabasteceram-se e avançaram com todo o exército para Centoripa, uma cidade da Sicília, e quando esta capitulou ao passar-se para o lado deles, os Atenienses bateram em retirada, queimando simultaneamente os cereais dos Inéssios e dos Hibleus. [4] E ao chegarem a Cátana encontraram os cavaleiros que tinham vindo de Atenas em número de duzentos e cinquenta, com todo o equipamento, mas sem cavalos que deviam ser obtidos no local e também trinta arqueiros montados e trezentos talentos em prata.

XCV. Durante a mesma Primavera, os Lacedemónios empreenderam uma expedição contra Argos, chegando até Cleonas, mas quando houve um tremor de terra, retiraram. Depois disto, os Argivos invadiram Tíreia que tinha fronteiras com eles e apoderaram-se de muitos despojos dos Lacedemónios, que foram vendidos por não menos de vinte e cinco talentos. [2] E durante o mesmo Verão, não muito depois destes acontecimentos, o povo de Téspias revoltou-se contra o governo sem sucesso e quando os Tebanos acorreram em auxílio, alguns foram presos, outros foram banidos para Atenas.

XCVI. Durante o mesmo Verão, os Siracusanos, quando tomaram conhecimento de que a cavalaria tinha chegado para os Atenienses e que estes estavam prontos para os atacar, julgando que se os Atenienses não tomassem Epípolas, um local pedregoso alcantilado mesmo acima da cidade, eles próprios, ainda que derrotados em combate, não seriam facilmente sujeitos a cerco, decidiram proteger os acessos a Epípolas, para que os inimigos ao subirem por eles escapassem sem ser notados. [2] De facto, nenhuma outras vias de acesso eram possíveis, uma vez que o local está suspenso directamente sobre a cidade, não só em escarpa íngreme mas dispondo também de boa visibilidade do inte-

rior. Os Siracusanos deram-lhe o nome de Epípolas, porque está acima da cidade. [3] Assim, ao amanhecer, saíram em força para o prado ao longo do rio Anapo (aconteceu também que Hermócrates e os estrategos seus camaradas tinham acabado de tomar o comando) e fizeram uma inspecção de armas, tendo separado seiscentos homens escolhidos de entre os hoplitas para guardar Epípolas sob o comando de Diomilo, um exilado de Andros, e se fossem necessários noutro lado, para estarem rapidamente à mão e em grupo.

XCVII. Mas os Atenienses, durante a noite antes desse dia em que os Siracusanos tinham passado as suas tropas em revista, vieram de Cátana com todas as suas forças e aportaram sem serem detectados num local chamado Leonte, que dista de Epípolas seis ou sete estádios – e desembarcaram as tropas de infantaria, e ancoraram os navios em Tapso. É Tapso uma península com um istmo estreito que se estende para o mar, não muito distante de Siracusa quer por mar quer por terra. [2] As forças navais dos Atenienses depois de construírem uma paliçada em Tapso ficaram inactivas, mas as forças de infantaria avançaram imediatamente em corrida contra Epípolas e subiram primeiro para Euríalo antes que os Siracusanos, notando o que se passava, pudessem voltar do prado e da revista das tropas. [3] Vieram em socorro os outros tão depressa quanto cada um podia e também os seiscentos sob o comando de Diomilo, mas tinham de fazer não menos de vinte e cinco estádios desde o prado até contactar o inimigo. [4] Então em tais circunstâncias os Siracusanos caíram sobre os Atenienses da forma mais desordenada e tendo sido vencidos na batalha retiraram para a cidade. Não só morreu Diomilo, mas também à volta de trezentos dos outros soldados. [5] Depois disto, os Atenienses ergueram um troféu, e ao abrigo de tréguas, restituíram os mortos aos Siracusanos, e no dia seguinte avançaram contra a cidade, mas como os inimigos não saíram ao seu

encontro, retiraram e construíram um forte em Lábdalo, na borda dos penhascos de Epípolas, voltado para Mégara, para ali terem um local onde guardar equipamento militar e dinheiro, sempre que andavam para a frente, quer em combate quer a construir muralhas.

XCVIII. Não muito depois disto, vieram de Egesta trezentos cavaleiros e dos Sícelos, Nákios e doutros cerca de cem. Os Atenienses já tinham duzentos e cinquenta para os quais obtiveram cavalos dos Egesteus e Cataneus e outros eles compraram e assim juntaram ao todo seiscentos e cinquenta cavaleiros. [2] Tendo posto guardas em Lábdalo, os Atenienses avançaram para Sique onde se estabeleceram e rapidamente construíram um forte circular. É pois legítimo que os Siracusanos se tomassem de pânico dada a rapidez da construção e saíssem contra o inimigo com a intenção de o combater e não apenas observar. [3] Mas quando os dois exércitos estavam já frente a frente, os estrategos siracusanos, vendo que o seu próprio exército estava em confusão e dificilmente se organizava em ordem de batalha, retiraram para a cidade, com excepção de uma parte da cavalaria. Estes ficaram para impedir que os Atenienses trouxessem pedras e se dispersassem em maior extensão. [4] Mas um destacamento de hoplitas atenienses juntamente com toda a cavalaria atacou e pôs em fuga a cavalaria siracusana, mataram alguns e levantaram um troféu desta batalha entre cavalaria.

XCIX. E no dia seguinte, enquanto uns atenienses construíam a muralha para norte do forte circular, outros recolhiam pedras e madeira que colocavam lado a lado na direcção do local chamado Trógilo, de onde as muralhas de bloqueio ficavam à mais curta distância, desde o grande porto até ao mar do outro lado. [2] Mas os Siracusanos, por sugestão dos seus estrategos, em especial de Hermócrates, não queriam correr riscos com todas as forças em batalhas

contra os Atenienses. Pareceu-lhes melhor construir uma muralha que intersectasse a muralha que os Atenienses estavam a fazer e se chegassem lá primeiro, os Atenienses ficavam bloqueados e, se os atacassem, os Siracusanos enviariam contra eles uma parte das suas forças. Se fossem os primeiros a ocupar os acessos, os Atenienses teriam todos de interromper o trabalho e voltar-se contra eles. [3] Portanto saíram e começaram a construir uma muralha que começava na cidade e corria de través por baixo do forte circular dos Atenienses, cortando oliveiras do recinto e erguendo torções em madeira. [4] Os navios atenienses não tinham ainda chegado ao Grande Porto vindos à volta de Tapso e os Siracusanos eram ainda senhores de posições na costa; assim os Atenienses traziam as suas provisões de Tapso por terra.

C. Quando os Siracusanos acharam que as paliçadas e a construção da muralha que ia servir de barreira estavam suficientemente avançadas e os Atenienses não vieram pôr-lhes obstáculos, pois receavam que seria mais fácil combater com eles, se as forças estivessem separadas, e ao mesmo tempo se apressavam na construção da muralha de circunvalação, os Siracusanos, tendo deixado uma divisão para guardar a muralha que tinham construído, retiraram para a cidade. Os Atenienses então destruíram os canos subterrâneos que transportavam para a cidade a água de beber e tendo esperado até que muitos Siracusanos pelo meio dia se retirassem para as suas tendas, e alguns até para a cidade, e que também os que estavam na paliçada a guardassem descuidadamente, colocaram em frente trezentos dos seus hoplitas escolhidos e algumas tropas ligeiras seleccionadas com ordens para correr a toda a velocidade e atacar a muralha de intersecção, enquanto o resto do exército em duas secções avançava, uma sob o comando de um dos estrategos contra a cidade no caso de eles fazerem uma sortida, outra

sob o comando do outro estrategico contra a parte da paliçada junto da porta de trás. [2] Os trezentos atacaram e tomaram a paliçada e os guardas abandonaram-na e fugiram para o forte no recinto do templo a Apolo Temenites. Os perseguidores entraram de roldão com eles, mas uma vez dentro, foram vigorosamente rechaçados pelos Siracusanos, tendo alguns Argivos e não muitos Atenienses sido mortos naquele lugar. [3] E o exército todo retirou, destruíram a muralha, arrancaram a paliçada, levaram as estacas para seu próprio uso e levantaram um troféu.

CI. No dia seguinte, os Atenienses a partir do forte circular começaram a construir uma muralha na direcção dos penhascos sobre o pântano, que deste lado de Epípolas estão voltados para o Grande Porto, o que ia tornar a muralha de bloqueio mais curta quando eles a trouxessem para baixo atravessando superfícies planas e os pântanos até ao porto. [2] Os Siracusanos entretanto também saíram e começaram imediatamente a construir outra paliçada a partir da cidade pelo meio do pântano e ao mesmo tempo escavaram ao lado uma trincheira para que os Atenienses não pudessem completar a muralha até ao mar. [3] Quando os Atenienses terminaram as suas construções junto do penhasco, de novo atacaram a paliçada e a trincheira dos Siracusanos; deram ordens aos seus navios para navegarem de Tapso para o Grande Porto em Siracusa e eles próprios de madrugada desceram de Epípolas para terreno plano e através do pântano, onde este tinha a consistência de barro e era firme, colocaram sobre ele pranchas e portas largas para pôr os pés para o atravessar. E de madrugada tomaram imediatamente a trincheira, a paliçada com excepção de uma pequena parte e depois tomaram o resto. [4] Travou-se também uma batalha em que os Atenienses venceram, tendo a ala direita dos Siracusanos fugido para a cidade e a esquerda em direcção ao rio e os trezentos soldados escolhidos dos Atenienses que desejavam impedir os últi-

mos de atravessar, apressaram-se à desfilada para a ponte. [5] Alarmados, os Siracusanos (na verdade tinham com eles a maior parte da cavalaria), avançaram contra estes trezentos derrotando-os e atacando depois a ala direita dos Atenienses. Com este ataque, a primeira divisão desta ala também se tomou de pânico. [6] Ao ver isto, Lâmaco, do seu lugar na ala esquerda, correu para ajudar com alguns arqueiros e levando também consigo os Argivos, mas depois de ter atravessado um fosso, ele e alguns que com ele tinham atravessado ficaram isolados, tendo morrido ele e cinco ou seis que iam com ele. Foram estes, que os Siracusanos imediatamente com grande rapidez arrebataram levando-os para um lugar seguro do outro lado do rio e eles próprios retiraram quando o resto do exército ateniense começou a avançar.

CII. Entretanto, os que tinham fugido primeiro para a cidade, ao verem o que estava a acontecer, encheram-se de coragem e vieram de volta da cidade; tomando posição em linha de batalha contra os Atenienses, em frente deles mandaram uma parte das suas forças atacar o forte circular em Epípolas, julgando que este não tinha guardas. [2] Tomaram e destruíram mil pés da parede exterior, mas Nícias impediu-os de tomar o forte. De facto, aconteceu que este tinha ali sido deixado, porque estava doente. E deu ordens aos seus carregadores para pegar fogo ao equipamento de cerco e madeiras que tinham sido atiradas para baixo em frente ao forte, uma vez que sabia que sem soldados não poderiam sobreviver doutra maneira. [3] E assim foi. Com efeito, os Siracusanos não se aproximaram por causa do fogo mas retiraram. Além disso, a ajuda para o forte vinha já de baixo, dos Atenienses que ali tinham posto em debandada os inimigos. Simultaneamente, os navios dos Atenienses, de acordo com ordens recebidas, entraram no Grande Porto vindos de Tapso. [4] Quando viram tudo isto, os homens lá no alto rapidamente retiraram para a cidade e também o exército dos

Siracusanos, pensando que, com as forças que então tinham, não podiam impedir a construção da muralha até ao mar.

CIII. Depois disto, os Atenienses ergueram um troféu, restituíram aos Siracusanos os seus mortos ao abrigo de três guas, e recuperaram os corpos de Lâmaco e dos seus companheiros. E uma vez que as forças completas, navais e terrestres, estavam agora presentes, começando dos Epípolas e penhascos, construíram uma muralha dupla até ao mar para bloquear os Siracusanos. [2] Provisões para o exército chegaram de todos os pontos da Itália. E também muitos Sículos juntaram-se aos Atenienses como aliados, quando antes estavam indecisos. Da Trirrénia vieram três navios de carga de cinquenta remos. Assim, tudo alimentava as esperanças dos Atenienses. [3] Com efeito, os Siracusanos já não pensavam que era possível levar a melhor na guerra, uma vez que nenhuma ajuda lhes tinha chegado do Peloponeso e discutiam já os termos da capitulação entre si e com Nícias, que desde a morte de Lâmaco era o único comandante. [4] Contudo, nenhuma solução foi adoptada o que é natural em homens que não sabiam que fazer e estavam cercados em condições mais graves do que antes. Assim, muitas discussões se deram com ele e muitas mais ainda na cidade. Com efeito, na má conjuntura em que se encontravam, suspeitavam até uns dos outros e depuseram os estrategos sob o comando dos quais estas coisas aconteceram, com a desculpa de que tinham sido prejudicados pela má fortuna ou traição daqueles e escolheram para os substituir Heraclides, Eucles e Télías.

Entra em acção o estratego Gilipo

CIV. Entretanto, o lacedemónio Gilipo e os navios de Corinto estavam já em Lêucade, com a intenção de rapida-

mente trazerem auxílio para a Sicília. Mas como as notícias chegavam más e todas falsas, mas sobre o mesmo, que Siracusa estava completamente cercada, Gilipo já sem qualquer esperança quanto à Sicília mas desejando proteger a Itália, ele próprio e o coríntio Piten com dois navios da Lacónia e dois de Corinto, o mais rapidamente possível atravessaram o mar Jónio para Tarento, enquanto os Coríntios atravessariam mais tarde, depois de equiparem, além dos seus dez navios, dois da Leucádia e três da Ambrácia. [2] E Gilipo de Tarento foi primeiro numa embaixada a Túria, porque o pai tinha sido uma vez cidadão ali, mas não conseguindo convencê-los a segui-lo, levantou âncora e navegou ao longo da costa da Itália; porém, levado pelo vento, que ali sopra forte vindo do norte, foi levado para o mar alto e depois de uma tempestade violenta chegou de novo a Tarento. E tendo posto em doca seca os navios danificados pela tempestade, mandou-os reparar. [3] Nícias tomou conhecimento de que ele vinha a caminho mas subestimou o pequeno número dos seus navios, como os Túrios tinham feito, e pensando que estavam equipados para navegar como barcos piratas não montou qualquer guarda.

CV. Por esta mesma altura neste Verão, os Lacedemónios e os seus aliados invadiram Argos e arrasaram muito do território. E os Atenienses vieram ajudar os Argivos com trinta navios o que constituiu violação flagrante do tratado que eles tinham com os Lacedemónios. [2] Na realidade, antes disto, com a ajuda dos Argivos e dos Mantineus, faziam guerra juntos vindos de Pilos em incursões à volta do Peloponeso, mais do que na Lacónia, muito embora os Argivos lhes pedissem muitas vezes para desembarcar com armas na Lacónia e arrasar o território o menos possível de acordo com eles, e depois retirarem, o que eles nunca quiseram fazer. Mas desta vez, sob o comando de Pitodoro, Lespódias e Demarato, desembarcaram em Epidauro, Limerá, e Prásias

e outros lugares e arrasaram o território dando aos Lacedemónios, daqui para a frente, uma razão mais plausível para se defenderem dos Atenenses. [3] Depois de os Atenenses retirarem de Argos com os navios, e os Lacedemónios também, os Argivos fizeram uma incursão no território dos Fliácios, arrasando parte dele, matando alguns, e então retiraram-se para casa.

LIVRO VII

Gilipo salva Siracusa da destruição

I. Gilipo e Piten de Tarento, depois de repararem os navios, navegaram ao longo da costa, largando de Tarento para a Lócrida Epizefíria. Foram então informados com maior segurança de que o cerco de Siracusa de momento não tinha sido completamente montado, mas que ainda era possível entrar para um exército que chegasse por Epípolas; consideraram então que, ou se arriscavam a ir por mar, mantendo a Sicília à sua direita, ou então, mantendo-a à esquerda, navegavam primeiramente até Himera, acrescentavam às suas forças os próprios Himereus e outros contingentes que conseguissem trazer para o seu lado, e avançavam por terra. [2] Decidiram-se finalmente navegar por Himera, uma vez que ainda não estavam em Régio os quatro barcos atenienses mandados por Nícias logo que soube que eles estavam em Locros. Conseguiram ir à frente dessa esquadra contra eles enviada, pois atravessaram o estreito e, depois de aportarem a Régio e Messena, chegam a Himera. [3] Já aí convenceram os Himereus a lutarem ao lado deles, e não apenas a juntarem-se, mas a fornecerem armas aos marinheiros que as não tinham, pois os navios estavam em Himera varados em terra; e pediram aos Selinúncios que se encontrassem com eles, juntamente com todas as tropas em determinado sítio. [4] Também prometeram mandar-lhes tropas, não muitas, os Geloos e alguns Sicelos pois estes estavam em

condições de avançar com maior bravura, devido à morte recente de Arconides, que naquela região era senhor muito poderoso de alguns Sicelos e amigo dos Atenienses, mas igualmente por causa da coragem demonstrada por Gilipo ao vir de Lacedémon. [5] Gilipo tomou então consigo cerca de setecentos dos seus marinheiros e soldados que estavam armados, e mil hoplitas e tropas ligeiras de Himera com cem soldados de cavalaria, mais algumas tropas ligeiras e outras da cavalaria de Selinunte e alguns de Gela, mas não em grande número, e cerca de mil soldados dos Sicelos, e com todos avançou contra Siracusa.

II. Entretanto os Coríntios, com a esquadra que lhes sobrou, largaram de Lêucade e vieram ajudar, o mais rapidamente que podiam, Gongilo, um dos seus chefes, que apesar de ter partido em último lugar num só navio, chegara em primeiro lugar a Siracusa, um pouco antes de Gilipo. Tendo encontrado os Siracusanos dispostos a organizarem uma assembleia para discutir o abandonarem a guerra, evitou essa reunião e deu-lhes ânimo, assegurando que ainda havia outros navios que estavam para chegar e que era Gilipo, filho de Cleândridas, a quem os Lacedemónios tinham confiado o comando. [2] Os Siracusanos recobram coragem e imediatamente reuniram todas as suas forças e foram ao encontro de Gilipo. Tinham sido já informados de que ele se encontrava perto. [3] Vinha nessa ocasião de conquistar o forte de Ietas dos Sicelos, situado na sua rota, e tendo mandado formar as tropas como para combate, chegou a Epípolas, e agora subindo pelo Euríalo, por onde os Atenienses tinham anteriormente passado, marchou com os Siracusanos contra a fortaleza dos Atenienses. [4] Aconteceu que chegou exactamente numa altura crítica em que os Atenienses tinham acabado a muralha dupla numa extensão de sete ou oito estádios em direcção ao Grande Porto, à excepção de uma pequena distância até ao mar, onde ainda

estavam a construir, enquanto no resto da circunferência na direcção de Trógilo, situado no outro espaço marítimo, tinham sido juntas pedras, na maior parte do perímetro, com alguns sítios semiconstruídos, mas com outros completamente acabados. Era nesta situação tão perigosa que Siracusa se encontrava.

III. Os Atenenses com a repentina avançada de Gilipo e dos Siracusanos ficaram de início perturbados, mas depois dispuseram-se em formatura para a batalha. Mas Gilipo manteve os seus homens armados perto deles e enviou-lhes um arauto para lhes comunicar que, se quisessem abandonar a Sicília em cinco dias, podiam levar consigo as bagagens que lhes pertenciam, e que estava disposto a fazer tréguas. [2] Mas os Atenenses não lhe deram importância e mandaram para trás o arauto sem nada responderem. Depois disto, ambos os campos se começaram a preparar para a luta. [3] E Gilipo ao ver os Siracusanos nervosos e sem capacidade de organizar fileiras, conduziu o exército para terrenos mais abertos, enquanto Nícias não avançou com os Atenenses, mas deixou-se ficar junto das muralhas. Quando Gilipo viu que os inimigos não avançavam, subiu com as tropas para uma colina denominada Temenites e ali passaram a noite. [4] No dia seguinte conduziu a maior parte do exército para o alinhar em frente das muralhas dos Atenenses, a fim de que não pudessem ir em ajuda de qualquer outra parte, e mandou uma parte das forças para o fortim de Lábdalo, que ocupou, e quantos lá dentro estavam, mandou-os matar a todos, numa zona que não podia ser avistada pelos Atenenses. [5] Nesse mesmo dia, uma trirreme dos Atenenses, que estava ancorada no porto, foi capturada pelos Siracusanos.

IV. Depois destes acontecimentos, os Siracusanos e seus aliados começaram a construir uma única muralha que

começava na cidade e subia por Epípolas e era perpendicular à já existente, de maneira a que os Atenienses, caso não os pudessem impedir, não tivessem contudo condições para acabar a sua muralha. [2] Entretanto os Atenienses, levada até ao fim a muralha em direcção ao mar, já iam avançando para cima, e Gilipo, verificando que uma parte da muralha dos Atenienses era fraca, avançou de noite com o exército para a atacar. [3] Como os Atenienses estavam acampados fora das obras, logo que deram notícia do que estava a acontecer, contra-atacaram, o que levou Gilipo, que estava atento, a levar para trás os seus homens. Foi então que os Atenienses, depois de terem construído uma muralha ainda mais alta, a começaram a guardar nesse ponto e dispuseram os restantes aliados junto à parte restante da fortificação, tendo cada um o seu lugar para guardar. [4] Nícias decidiu então fortificar o assim chamado Plemírio, que é um promontório situado no lado oposto da cidade, e que sendo mais longo do que o Grande Porto, torna a sua entrada estreita. Se este fosse fortificado, seria mais fácil, conforme lhe parecia, fazer chegar os mantimentos e bloquear de mais perto o porto dos Siracusanos, e não, como de momento, serem obrigados, no caso de haver manobras da armada inimiga, a fazer sortidas desde a parte mais recuada do Grande Porto. Estava ele já a dar maior atenção à guerra nos mares, por verificar que as acções em terra, desde que Gilipo chegara, tinham poucas hipóteses de sucesso. [5] Em consequência desta realidade, para ali transportou algumas tropas e barcos, construiu três fortes e neles depositou a maior parte da logística necessária e mandou que ali ancorassem os grandes barcos de carga e as embarcações mais ligeiras. [6] Tudo isto foi então a primeira e não menos importante causa da degradação do bem-estar das tripulações. Era de facto escassa a água que tinham à sua disposição e não era de perto que vinha, e todas as vezes que os marinheiros saíam para apanhar lenha, eram atacados violentamente pelos cavaleiros

siracusanos, que dominavam a região. Um terço do corpo da cavalaria siracusana estava aboletado na povoação vizinha de Olímpieu, porque os Atenienses estavam em Plemírio, para evitar que pudessem sair e devastar a zona. [7] Tinha entretanto chegado informação a Nícias de que os restantes navios dos Coríntios vinham a navegar na sua direcção. Mandou portanto vinte navios dos seus para montarem a vigia, ordenando-lhes que ficassem à espera deles nas imediações de Locros e de Régio e da costa da Sicília.

V. Gilipo construía, por seu lado, uma muralha pelo meio de Epípolas, utilizando as pedras que os Atenienses tinham espalhado para a mesma finalidade, e ao mesmo tempo fazia vir sem parar Siracusanos e aliados para os mandar formar em linha de batalha diante da construção, uma vez que os Atenienses também se formavam do lado oposto. [2] Quando Gilipo julgou ser o momento, ordenou o ataque: seguiu-se-lhe uma luta corpo-a-corpo por entre as muralhas, onde a cavalaria siracusana de nada podia valer; [3] foram derrotados os Siracusanos e aliados, e depois de terem recolhido os seus mortos, levantaram os Atenienses um troféu, mas Gilipo, após ter mandado reunir as suas tropas, não lhes disse que a falta era delas, mas que era sim culpa sua, porque tendo mantido as linhas de combate demasiadamente dentro das muralhas as tinha privado do necessário auxílio da cavalaria e dos archeiros devido ao estreito espaço de manobra. Ia agora contudo conduzi-las outra vez. [4] Pediu-lhes que se compenetrassem de que a sua preparação e força em nada eram inferiores, e para lhes dar coragem incutiu-lhes a convicção de que seria inaceitável que eles, sendo Peloponésios e da raça dória, não se julgassem à altura de vencer Jónios, ilhéus e homens de toda a raça, para os expulsar do país.

VI. Depois, quando a oportunidade se apresentou, fê-los avançar novamente contra o inimigo. Pensaram então Nícias

e os Atenienses que mesmo se os Siracusanos não quisessem iniciar a batalha, eram forçados a tomar cuidado com a construção da muralha que já estava em cima da deles, pois já quase chegava ao fim da construção feita pelos Atenienses, e se a ultrapassasse, não faria qualquer diferença que em combate obtivessem uma grande vitória, ou se não combatessem de todo. Foram pois defrontar os Siracusanos. [2] Gilipo fez então marchar os hoplitas mais por fora das fortificações do que anteriormente e atacou os inimigos, colocando a cavalaria e os lançadores de dardos nos flancos dos Atenienses, dentro do espaço livre, em que terminavam respectivamente as construções de ambas as muralhas. [3] A cavalaria lançando-se na batalha, derrotou a ala esquerda dos Atenienses que estava na sua frente, razão pela qual o resto do exército foi vencido pelos Siracusanos que o fizeram recuar para dentro das fortificações. [4] Na noite seguinte, conseguiram construir a sua muralha para além da dos Atenienses, e de tal forma que nunca mais seria possível a estes fazê-los estacar, assim como lhes tiraram qualquer possibilidade, mesmo que levassem a melhor, de ainda poderem vir bloqueá-los.

VII. Seguidamente os doze navios dos Coríntios, dos Ambraciotas e dos Leucádios navegaram para dentro do porto e, sob o comando do Coríntio Erasínides, iludiram a guarda dos Atenienses e ajudaram os Siracusanos a construir o resto da muralha que faltava na construção do seu lado. [2] Gilipo então dirigiu-se para o resto da Sicília a fim de reunir forças navais e terrestres, ao mesmo tempo que trazia para o seu lado as cidades que lhe não eram afectas ou que se tinham mantido completamente afastadas da guerra. [3] Foram mandados entretanto emissários dos Siracusanos e dos Coríntios a Lacedémon e Corinto, a fim de que mais tropas fossem de qualquer maneira transportadas, ou em embarcações de carga ou de transporte de tropas ou de qual-

quer outro tipo, desde que fosse útil, visto que os Atenienses também as estavam a mandar vir. [4] Entretanto os Siracusanos estavam a engajar tripulações para a sua armada e a treinar-se de forma a dominarem também esse ramo, e estavam muito confiantes em geral.

VIII. Nícias dando-se conta desta situação e vendo, cada dia que passava, a força do inimigo e a desorientação da sua, enviava pessoalmente frequentes mensagens para Atenas em diversas ocasiões, conforme os acontecimentos se sucediam, mas principalmente agora, porque estava convencido da gravidade da situação, e a menos que os Atenienses os mandassem regressar, ou fizessem chegar reforços em não pequena escala, não havia qualquer possibilidade de salvação. [2] Tinha receio de que os seus enviados, quer por incapacidade de comunicação, ou por lhes faltar suficiente compreensão, ou então mesmo para só falarem com o fim de agradar ao povo, não conseguissem reflectir a realidade e, por isso, escreveu uma carta, na crença de que assim os Atenienses, tendo a percepção directa da sua própria opinião, sem que ela se perdesse por falhas do mensageiro, assim pudessem decidir sobre factos verídicos. [3] E partiram os emissários, que mandou, levando a carta e todas as instruções que lhes competia transmitir; ele, entretanto, tratava os assuntos das suas tropas, preocupando-se mais com a sua preparação defensiva, do que com quaisquer perigos voluntários.

IX. No fim desse mesmo Verão o general ateniense Evécion, em combinação com Perdicas, atacou Anfípolis com grande contingente de Trácios, e não conseguindo conquistar a cidade zarpou para trás em direcção ao Estrímon com algumas trirremes e, do rio, bloqueou a cidade partindo de Himereu. E terminou o Verão.

Em Atenas: más notícias comunicadas por Nícias à Assembleia

X. Sucedeu-lhe o Inverno e a Atenas chegaram os enviados de Nícias, que comunicaram oralmente o que lhes tinha sido recomendado, responderam a quem os interrogou, e entregaram a carta. O secretário da cidade avançou então, leu-a aos Atenienses e nela se dizia o seguinte:

XI. “Já sabeis por muitas outras cartas, Atenienses, o que foi realizado em operações anteriores. Este momento não é o menos indicado para saberdes agora em que situação nos encontramos, de maneira a tomardes as medidas adequadas. [2] Fomos nós que vencemos os Siracusanos, contra os quais fomos enviados, na maior parte das batalhas, mas quando tínhamos construído as fortificações em que hoje nos encontramos, veio o lacedemónio Gilipo à frente de um exército do Peloponeso e de certas cidades da Sicília. Na nossa primeira batalha contra ele saímos vitoriosos, mas na batalha seguinte, pressionados por muita cavalaria e inúmeros lançadores de dardos, tivemos de fugir para as fortificações. [3] Por isso não tendo continuado agora a construção da fortaleza de circunvalação, devido ao grande contingente de inimigos, estamos parados, e nem sequer podemos utilizar a força de que dispomos, porque uma larga parte dos nossos hoplitas está ocupada na guardaria das nossas linhas. Entretanto o inimigo construiu uma muralha simples até junto de nós, de forma a tornar impossível que o ataquemos no futuro, a menos que uma força de muita gente armada ataque essa muralha que está atravessada e a conquiste. [4] Por este motivo acontece agora que nós que parecíamos os sitiados, estamos agora a ser alvo de um cerco, pelo menos por terra, devido à sua cavalaria, e nem sequer nos podemos deslocar seja para onde for nesta região.

XII. “Além disso mandaram representantes ao Peloponeso para buscar reforços, e Gilipo foi a outras cidades da Sicília, a fim de persuadir a com ele combaterem as que até agora mantiveram a neutralidade e para vir a trazer delas reforços, caso o consiga, para as forças terrestres e equipamentos para a armada. [2] Tanto quanto penso, têm como plano lançar um ataque simultâneo com as tropas terrestres contra as nossas linhas fortificadas, e, por mar, com os navios. [3] Que a nenhum de vós pareça estranho que o queiram fazer também por mar. Tal como eles averiguaram, os nossos navios que estavam em excelentes condições no início da campanha, tanto na qualidade das embarcações, como na boa forma das tripulações, depois de já terem estado tanto tempo no mar, ficaram agora ensopados em água, e as tripulações esgotadas. [4] De facto já não é possível rebocar os barcos para terra e deixá-los a secar, porque a armada inimiga sendo numerosa e até maior do que a nossa, mantém-nos sempre na expectativa de que contra nós possa navegar. [5] As suas manobras são feitas à nossa vista, e é assim que podem tomar a iniciativa, tal como são eles que podem pôr a secar os seus navios, por não estarem a efectuar o bloqueio.

XIII. “Nós, pelo contrário, mesmo que fôssemos superiores em número de navios, dificilmente teríamos essa possibilidade, por sermos obrigados, como agora, a estar de sentinela ao bloqueio. Se, por pouco tempo que seja, aliviarmos a vigilância, não receberemos mantimentos, que mesmo agora nos são encaminhados com dificuldade devido a estarmos próximos da cidade que é deles. [2] As perdas que as nossas tripulações sofreram e ainda sofrem, são devidas às seguintes causas: devido ao abastecimento de lenha, por terem de ir procurar alimentos, pilhagem e água, e visto que é grande a distância a que se encontram, são os nossos marinheiros dizimados pela cavalaria inimiga. E agora,

reposta a situação ao nível da dos nossos inimigos, fogem os escravos, e os marinheiros estrangeiros que à força foram embarcados, voltam para casa nas suas cidades logo que podem. Outros, que foram de início atraídos por generosa paga e que pensavam mais em fazer dinheiro do que em combater, depois de verem inesperadamente a resistência que o inimigo oferece com uma força naval e tudo o resto, fogem agora, com esta desculpa, como desertores, e outros fogem como podem, pois a Sicília é vasta, e outros também há que se assumem como traficantes e persuadem os trierarcas a pôr, em vez deles, escravos hircânios a bordo, arruinando assim a disciplina da nossa força naval.

XIV. “Sei que escrevo a quem sabe que o estar em boa forma de uma tripulação, pouco tempo dura, e que poucos são os marinheiros que sabem pilotar um barco e remar a ritmo concertado. [2] Mas de tudo isto o mais desconcertante é que, sendo o posto que ocupo o de estratega, nem assim posso impedir estes abusos, pois os vossos temperamentos são difíceis de controlar, e porque nem temos sítio de onde possamos engajar tripulações para os navios, o que para os nossos inimigos é fácil em muitas partes, somos nós forçados, a contentarmo-nos com os recursos humanos que trouxemos e a reparar as nossas perdas com o que temos: efectivamente nem as cidades que são nossas aliadas, como Naxos e Cátana, têm possibilidades de o fazer. [3] Ainda há um ponto que pode vir ajudar os nossos inimigos: se as regiões da Itália, que nos abastecem os alimentos, virem em que situação nos encontramos e que vós nem sequer nos vindes ajudar, se passem para o lado dos nossos inimigos. Então a guerra por estes será ganha, sem batalhas, porque cercados teremos de nos render. [4] Poderia eu ter notícias mais agradáveis do que estas a comunicar-vos, não vos seriam elas contudo de maior utilidade, visto que deveis saber concretamente a realidade e sobre ela tomar decisões,

além de que saber eu que a vossa natureza é a de quererdes saber o que vos é mais agradável, e depois acusar quem vos informou, se os resultados por ele dados não corresponderem ao que desejais. Por isso mesmo penso ser mais seguro mostrar-vos a verdade nua e crua.

XV. “Não deveis pensar, apesar de tudo, que os soldados e agora os seus estrategos são dignos de censura, se for tomada em conta a situação que de início encontrámos. De facto foi a Sicília inteira que contra nós se uniu, e que do Peloponeso se espera outro exército. Deveis decidir prontamente, visto que as forças que temos aqui não estão à altura dos seus presentes antagonistas, se as deveis fazer regressar, ou se deveis mandar outro exército, não inferior, de tropas terrestres e de mar, financiamentos não exíguos, e um substituto para mim, porque não posso mais, devido a uma doença de rins que me aflige. [2] Julgo ser digno de alguma compreensão da vossa parte, pois, quando estava em plena forma, muitos bons serviços foram prestados sob o meu comando. O que decidirdes fazer, fazei-o logo no início da Primavera, sem vos deixardes atrasar, porque os inimigos, dentro em pouco, vão procurar reforços na Sicília e no Peloponeso, estes depois de uma espera mais longa, e a menos que presteis atenção de imediato a esta situação, os tais reforços ou vão escapar sem ser notados por vós, como já antes aconteceu, ou vos vão ultrapassar.”

Como organizar reforços e recolher financiamento

XVI. Estes foram os assuntos que a carta de Nícias revelou, e os Atenienses depois de a terem ouvido, não dispensaram Nícias do comando, mas para o ajudarem, escolheram, até que chegassem os outros que iriam ser nomeados para com ele partilharem o comando, dois que já estavam com

ele, Menandro e Eutidemo, para que Nícias não ficasse sozinho e doente a ter de suportar o peso do seu cargo, e votaram para que fossem mandadas outras tropas atenienses, marítimas e terrestres, escolhidas entre os recrutas dos Atenienses e dos aliados. Para seus colegas de comando escolheram Demóstenes, filho de Alcístenes, e Eurimedonte, filho de Tucles. [2] Mandaram Eurimedonte imediatamente para a Sicília, por volta do solstício de Inverno, com dez navios e levando cento e vinte talentos de prata, e ao mesmo tempo com a missão de anunciar aos que lá estavam que iam vir reforços e que se estava a tomar conta deles.

XVII. Demóstenes, porém, deixou-se ficar para trás a fim de organizar a expedição, o que pensava fazer, logo que chegasse a Primavera, enquanto preparava financiamento, barcos e hoplitas. [2] Os Atenienses, por seu lado, mandaram navegar à volta do Peloponeso vinte navios, para que impedissem que alguém tentasse atravessar de Corinto e do Peloponeso para a Sicília. [3] Com efeito os Coríntios, com a chegada dos emissários que lhes comunicaram que as coisas lhes corriam a favor na Sicília e convencidos de que não fora em vão terem enviado a primeira armada, estavam então a preparar-se para mandar hoplitas para a Sicília em navios de carga, ao mesmo tempo que os Lacedemónios faziam o mesmo a partir do resto do Peloponeso. [4] Os Coríntios tinham equipado com tripulações vinte e cinco navios, a fim de se lançarem numa batalha naval com a esquadra que estava a guardar Naupacto, para que os Atenienses em Naupacto tivessem maior dificuldade em impedir a partida dos seus barcos de carga, uma vez que estariam ocupados na defesa contra o ataque que as trirremes lhes moviam.

XVIII. Entretanto os Lacedemónios estavam a organizar a invasão da Ática, conforme o que com eles tinha sido

antes combinado por insistência dos Siracusanos e dos Coríntios, visto que tinham tido a informação de que reforços dos Atenenses iam para a Sicília, e dessa forma tudo seria impedido de executar, caso a invasão se realizasse. Alcibiades, por seu lado, insistia em aconselhar a que se procedesse à fortificação de Deceleia, e que o esforço de guerra não devia de todo abrandar. [2] Mas a coragem que animava os Lacedemónios provinha sobretudo do facto de acreditarem que os Atenenses estavam empenhados numa guerra em duas frentes, uma contra eles, outra contra os Siciliotas, e que portanto seriam mais facilmente dominados, tanto mais que consideravam terem sido os Atenenses os primeiros a violar o tratado de paz, embora, quando da primeira guerra, a culpa lhes tivesse cabido, pois que os Tebanos tinham atacado Plateias durante as tréguas, ainda que tivesse sido proclamado nos acordos anteriores que não haveria recurso às armas, se houvesse a intenção de submeter o caso à arbitragem, mas nem mesmo assim quiseram submeter-se à arbitragem que lhes era proposta pelos Atenenses. Foi por esse motivo que aceitaram como merecido o insucesso que tiveram, ao gravarem na sua memória a desgraça de Pilos e qualquer outra que lhes tinha acontecido. [3] Mas, quando os Atenenses a partir de Argos se fizeram ao mar com trinta navios, devastaram parte de Epidauro, de Prásias e outras regiões, ao mesmo tempo que pilhavam as terras de Pilos, e além disso, todas as vezes que surgiam disputas sobre discordâncias que deviam ser avaliadas conforme o previsto no tratado, e os Atenenses também não se queriam submeter à arbitragem proposta pelos Lacedemónios, convenceram-se estes de que a ilegalidade, em que no primeiro caso tinham eles incorrido, desta vez tinha dado uma volta ao contrário e cabia inteiramente aos Atenenses; por isso estavam decididamente dispostos a entrar em guerra. [4] Passaram esse Inverno a encomendar ferro, junto dos aliados, e outras matérias-primas que lhes permitissem construir a fortificação de

Deceleia. Simultaneamente não só tentavam recrutar homens de armas para mandarem nos barcos de carga aos seus aliados na Sicília, assim como, pela força, obrigavam os outros Peloponésios a fazer o mesmo. E assim terminou o Inverno e com ele o décimo oitavo ano da guerra, do qual se ocupou o historiador Tucídides.

XIX. Logo que começou a Primavera seguinte, com mais rapidez do que habitualmente, os Lacedemónios e seus aliados procederam à invasão da Ática. Comandava-os Ágis, filho de Arquidamo, rei dos Lacedemónios. Primeiramente devastaram as terras que estavam à volta das zonas planas da região e depois emuralharam Deceleia, dividindo as acções pelas diversas cidades. [2] Deceleia dista da cidade dos Atenienses no máximo cento e vinte estádios, e à mesma distância ou não muito mais da Beócia, e o forte tinha sido construído na planície nas melhores terras da região que eram mais facilmente postas em perigo e podia ser enxergado da cidade dos Atenienses. [3] Enquanto na Ática Peloponésios e aliados construíam a fortaleza, os que estavam no Peloponeso enviaram, por essa mesma altura e em barcas, os hoplitas para a Sicília e tendo feito os Lacedemónios uma selecção entre os Hilotas e os neadamodes, reuniram uma força conjunta de seiscentos hoplitas, comandados pelo espartano Êncrito, e os Beócios trezentos hoplitas comandados pelos tebanos Xénon e Nícon e pelo tespieu Hegesandro. [4] Foram estes os primeiros a fazerem-se ao mar em Ténaro na Lacónia. A seguir a eles e não muito depois, os Coríntios mandaram um contingente de quinhentos hoplitas, com elementos naturais de Corinto e mercenários da Arcádia, tendo escolhido para seu comandante o coríntio Alexarco. Também os Siciónios enviaram duzentos hoplitas, ao mesmo tempo que os Coríntios, sob o comando de Sargeu de Sicíone. [5] Os vinte e cinco navios dos Coríntios que tinham sido equipados durante o Inverno ficaram em

Naupacto, frente a frente aos vinte navios áticos, até ao momento em que os seus hoplitas, a bordo das barças, largaram do Peloponeso. Tinha sido com esta finalidade que inicialmente as tinham equipado, já que os Atenenses dariam menos atenção às barças do que às trirremes.

XX. Durante este tempo, também os Atenenses simultaneamente com a fortificação de Deceleia e logo no começo da Primavera, enviaram trinta navios para rondar o Peloponeso sob o comando de Cárcles, filho de Apolodoro, a quem foram dadas instruções para que mal chegasse a Argos, ao abrigo das cláusulas do tratado de paz, mandasse pedir hoplitas locais para os navios. [2] Também enviaram Demóstenes para a Sicília, tal como tinham planeado, com sessenta barcos de Atenas e cinco de Quios, mil e duzentos hoplitas do recrutamento ateniense e tantos ilhéus quantos era possível recrutar para seu serviço, em cada zona, ao mesmo tempo que requisitavam de entre os restantes aliados seus súbditos tudo o que pudesse ser útil na guerra. Deram instruções a Demóstenes, para que em primeiro lugar, navegando ao lado de Cárcles, fizesse operações bélicas à volta da Lacónia. [3] E Demóstenes tendo navegado por conseguinte até Egina, ali esperou pelas forças do seu exército que faltavam chegar e por Cárcles que tinha ido embarcar os Argivos.

Batalha naval e terrestre. Conquista surpreendente de Plemírio

XXI. Na Sicília, entretanto, naquela mesma altura da Primavera, chegou Gilipo a Siracusa, trazendo consigo, das cidades que conseguira convencer, um contingente proveniente de várias partes, tão numeroso quanto tinha sido possível. [2] Mandou reunir os Siracusanos e disse-lhes que era

necessário equipar o maior número de barcos possível e tentar a experiência dum combate naval e que tinha a esperança de que, dessa forma, tal empresa era digna do risco que corria para levar a cabo uma guerra. [3] Com ele também andava Hermócrates a fazer, e não em modesta medida, o mesmo trabalho de persuasão, para que aos aliados não faltasse a coragem de atacar os Atenienses com os barcos, afirmando que a experiência do mar não era neles uma habilidade inata e que, mais ainda do que os Siracusanos, provinham da terra continental e que só obrigados pelos Medos se tinham tornado marinheiros. Além disso, para gente ousada, como são os Atenienses, qualquer adversário que ouse enfrentá-los, é sempre uma experiência que pode ser muito perigosa; é desta maneira que, mesmo quando não ultrapassam em força a parte contrária, conseguem, por intervirem com ousadia, aterrorizar os vizinhos, e que aos Siracusanos só resta utilizar a mesma tática contra tais adversários. [4] Disse igualmente que sabia bem que, se os Siracusanos ousassem, de forma inesperada, fazer frente à armada dos Atenienses, por esse simples facto, ficariam eles em estado de choque e os Siracusanos poderiam levar a melhor aos Atenienses apesar de estes potencialmente baterem pelo seu saber a inexperiência dos Siracusanos. Incitou-os então a deixarem de lado o medo e a avançar para a prática da guerra no mar. [5] Os Siracusanos sob a influência persuasora de Gilipo e de Hermócrates, e possivelmente de outros, avançaram para a batalha naval e começaram a mandar tripulações para os barcos.

XXII. Logo que Gilipo teve a sua armada preparada, avançou pela calada da noite com todas as forças terrestres e planeou ser ele a dirigir o assalto por terra às fortificações de Plemírio, enquanto simultaneamente as trinta e cinco trirremes siracusanas, numa manobra concertada, largavam do Grande Porto, e quarenta e cinco largavam do Pequeno, que

lhes servia de estaleiro, mas estas com a intenção de navegarem à volta do porto, e de se juntarem às que estavam lá dentro, e depois atacarem Plemírio, de maneira a que os Atenenses se perturbassem, atacados que eram de dois lados ao mesmo tempo. [2] Os Atenenses, por sua vez, puseram-se logo a seguir a equipar as sessenta embarcações, e com vinte e cinco foram bater-se no Grande Porto, contra as trinta e cinco dos Siracusanos, mandando as restantes fazer frente às que navegavam à volta, saídas do estaleiro, e com rapidez travaram a batalha naval em frente da embocadura do Grande Porto, defrontando-se as duas armadas durante muito tempo, querendo uns abordar os que entravam e outros impedir os que saíam.

XXIII. Entretanto Gilipo, vendo que os Atenenses desciam para o mar, com a atenção concentrada na batalha naval, apressou-se a atacar, ao raiar da aurora e com rapidez, os fortes, e tomou primeiramente o maior, e seguidamente os dois mais pequenos, sem que as respectivas guarnições o esperassem, quando viram conquistado com facilidade o forte maior. [2] Quando da tomada do primeiro forte, os homens que compunham a sua guarnição fugiram para as embarcações e para uma barça de carga e só com dificuldade se refugiaram no acampamento pois os Siracusanos que, por seu turno, dominavam a batalha naval com os navios que estavam no Grande Porto, mandaram-nos perseguir com uma trirreme de alta rapidez. Contudo, depois de terem sido tomados os outros dois fortes, nesse mesmo momento os Siracusanos começaram a ceder e os que dos fortes fugiam, não tiveram dificuldades em por eles passar. [3] De facto os barcos siracusanos que se batiam em frente da embocadura do porto, tendo forçado os barcos atenienses a recuar, entraram lá para dentro sem qualquer ordem, embateram uns nos outros e ofereceram a vitória aos Atenienses, que não só derrotaram a esquadra, como também

os barcos, pelos quais tinham sido primeiramente batidos dentro do porto. [4] Afundaram onze barcos siracusanos e mataram a maior parte dos homens, à excepção dos que estavam em três trirremes, que capturaram. Apenas três navios dos seus se perderam e depois de terem rebocado para terra os destroços dos Siracusanos e de terem erguido um troféu na ilhota em frente de Plemírio, regressaram para o seu próprio acampamento.

XXIV. Foi assim que se comportaram os Siracusanos na batalha naval, estando, contudo, ainda na posse dos fortes em Plemírio e ergueram três troféus, um por cada um, e um dos dois fortes, o último que fora tomado, a esse demoliram-no, mas aos outros dois repararam-nos e reforçaram-nos com guarnições. [2] Muitos foram os homens que na conquista desses fortes morreram ou foram feitos prisioneiros, e muitos bens foram tomados na sua totalidade. Como os Atenienses usavam esses fortes como armazéns, estavam lá dentro muitos produtos e cereais de mercadores e também uma parte significativa pertencente aos comandantes, visto que velas de quarenta trirremes e outro equipamento foi tomado, assim como três trirremes, que estavam varadas em terra. [3] Mas o maior golpe e de todos o primeiro desferido nos Atenienses foi a tomada de Plemírio. Deixaram por esse facto de serem seguras as entradas no porto para carregar mantimentos, pois os Siracusanos, saindo com os barcos lá de dentro o impediam, e os comboios marítimos já só podiam entrar lutando, o que em geral provocou um choque e também desânimo nas forças armadas.

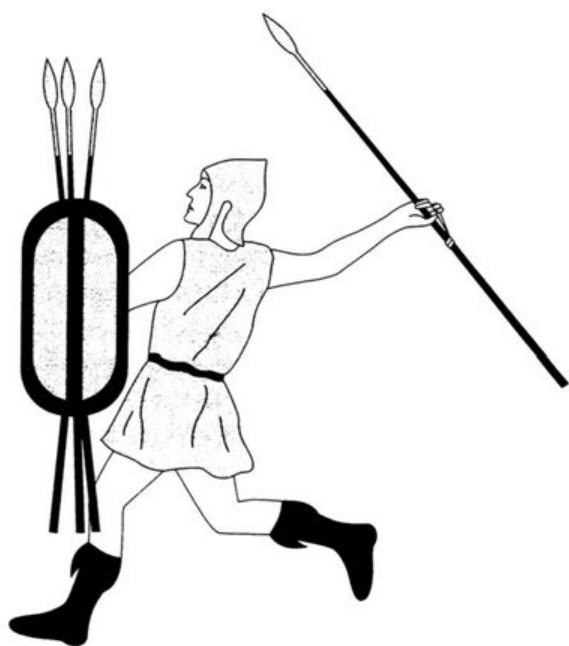
Entrada de Demóstenes para a guerra

XXV. Despacharam depois os Siracusanos doze navios; comandava-os Agatarco, um siracusano. Um deles rumou

para o Peloponeso, transportando a bordo emissários, que iam explicar a situação vivida na Sicília, para que, esperançosos como estavam, apressassem ainda mais o esforço bélico. Os onze barcos restantes singraram para Itália, por terem sido informados de que se aproximavam embarcações carregadas de mantimentos para os Atenienses. [2] Lançaram-se à abordagem dessas embarcações e destroçaram muitas, queimaram madeirame para cascos de navios no território de Caulónia, o qual tinha aqui sido preparado e empilhado para os Atenienses. [3] Seguidamente dirigiram-se para Locros, e enquanto estavam ancorados, navegou em sua direcção um dos barcos de carga, que do Peloponeso transportava hoplitas de Téspias. [4] Os Siracusanos meteram-nos a bordo e navegaram ao longo da costa para a sua terra. Porém, os Atenienses que os estavam a vigiar em Mégara com vinte navios, capturaram uma só embarcação com a tripulação pois mais não conseguiram com as outras que se escaparam para Siracusa. [5] Também se deu uma escaramuça à volta dos pilares que, no porto, os Siracusanos tinham implantado no fundo do mar em frente das antigas docas, para que os seus navios pudessem fundear dentro delas, e os Atenienses, caso lá entrassem, não pudessem navegar e os abalroassem. [6] Mas os Atenienses avançaram contra eles com uma nave de dez mil talentos, que tinha na coberta torres de madeira e baluartes, e a partir de pequenos botes enlaçavam com cabos os pilares, para depois os levantarem, os mergulharem, os partirem e os serrarem. Os Siracusanos, do seu lado, lançavam-lhes projecteis a partir das docas, e eram contra-atacados a partir da nave de carga, e finalmente os Atenienses arrancaram muitos dos pilares. [7] O mais perigoso era contudo a parte do sistema dos pilares que se não via; de facto havia pilares que tinham sido submergidos e não apareciam à superfície das águas do mar, de tal forma que era perigoso contra eles embater, pois se alguém os não visse, poderiam arrombar o casco dos navios

como se estes fossem contra um arrife. Mas também estes podiam ser afastados por mergulhadores que, mediante pagamento, os serravam. [8] De qualquer forma os Siracusanos implantaram os seus pilares outra vez, e entre ambas as forças muitas e diferentes acções se empreenderam, como é evidente entre exércitos, que estão perto um do outro e que entre si se defrontam em escaramuças, ao mesmo tempo que lançam mão de todos os estratagemas. [9] Os Siracusanos tinham mandado embaixadores para as cidades dos Coríntios, dos Ambraciotas e dos Lacedemónios, para informarem sobre a tomada de Plemírio e no respeitante à batalha naval, como tinham sido derrotados não tanto pela força inimiga, como pela sua atrapalhação, e também com o fim de mostrarem entre outros pontos que se sentiam espreçados e mereciam que os fossem ajudar com barcos e tropas, tal como era provável acontecer com os Atenienses e as suas recém-enviadas forças armadas, e para lhes pedir que se adiantassem, de forma a serem os primeiros a derrotar as actuais forças adversárias, antes de as outras chegarem, pois assim a guerra chegaria ao fim. E era assim que se lutava entre os lados inimigos na Sicília.

XXVI. Demóstenes, por sua vez, logo que conseguiu recrutar as forças militares de que precisava para ir levar ajuda na Sicília, levantou âncora em Egina e navegou em direcção ao Peloponeso para aí se juntar a Cáricles e a mais trinta navios atenienses. Depois de terem embarcado hoplitas de Argos, rumaram contra a Lacónia [2] e após terem devastado Epidauro Limera, desembarcaram na costa da Lacónia no lado oposto a Citera, onde se encontra o santuário de Apolo, e devastaram parte do território e fortificaram aquela zona que tem a forma de um istmo, a fim de que os Hilotas dos Lacedemónios para ali desertassem, e porque dali mesmo, tal como de Pilos, se podiam fazer acções de pilhagem para saquear. [3] Demóstenes, logo que se apode-



Peltasta trácio

rou dessas terras, viajou junto à costa contra Corcira, para que depois de embarcar dali as forças aliadas, se pusesse o mais depressa possível a navegar para a Sicília. Quanto a Cáricles, esperou até que acabassem de fortificar a zona e deixando ali uma guarnição, navegou a seguir para a sua terra, com os trinta navios, ao mesmo tempo que os Argivos.

XXVII. Naquele mesmo Verão chegaram a Atenas mil e trezentos peltastas dos Trácios, armados com adagas da tribo dos Dios, os quais deviam ter ido para a Sicília no transporte por mar de Demóstenes. [2] Os Atenienses, como eles tinham chegado atrasados, pensaram em mandá-los de novo para a Trácia, de onde tinham vindo. Mantê-los para entrarem na guerra que estava a ser travada em Deceleia, parecia demasiado dispendioso, pois cada um recebia um dracma por dia. [3] Na verdade desde que Deceleia tinha sido fortificada por todo o exército peloponésio durante aquele Verão e seguidamente era habitada para fazer mal à região por guarnições das cidades, que se revezavam; assim por espaços de tempo determinado, grande prejuízo era causado aos Atenienses, entre outros aspectos, pela destruição da propriedade e pela perda de homens, o que ainda mais agravava a situação. [4] Nos tempos passados, as invasões, quando se davam, duravam pouco tempo e não impediam que no tempo restante se tirasse proveito da terra. Agora, o inimigo ficava instalado permanentemente, e umas vezes vinha com grandes contingentes atacar, outras, era uma guarnição permanente que, por necessidade, percorria a região e a saqueava, enquanto Ágis, que estava presente, impulsionava a guerra não como operação acessória, e infligia aos Atenienses grandes perdas. [5] Estavam privados da totalidade do seu território; mais do que vinte mil escravos tinham desertado, sendo grande parte destes artífices, bem como se tinham perdido as ovelhas e as bestas de carga. Agora que a cavalaria fazia incursões diárias correndo con-

tra Deceleia, ou guardavam a região, os seus cavalos ou ficavam coxos devido à aspereza da terra e pelo demasiado esforço que tinham de fazer, ou eram feridos pelo inimigo.

XXVIII. Além disso os mantimentos cujo transporte se fazia da Eubeia e que anteriormente era mais rápido por ser feito por terra a partir de Oropo, teve de se fazer num percurso mais longo, pelo mar, costeando o cabo Súnio. Sem qualquer diferença, tudo o que precisava a cidade tinha de ser importado, e por esse motivo em vez de cidade tornou-se uma fortaleza. [2] Tinham os Atenienses de estar de sentinelas nas muralhas durante o dia, por turnos, durante a noite, todos tinham de montar a guarda, excepto os cavaleiros, ficando uns de sentinela e outros em cima das muralhas e, de Verão e de Inverno, eram submetidos a estas provações. [3] O que principalmente mais lhes pesava era o facto de enfrentarem duas guerras ao mesmo tempo. Tinham-se lançado numa, por ambição de vencer, na qual, antes de existir, ninguém, se tal ouvisse, teria acreditado. É que eles, cercados como estavam pelos Peloponésios por meio de fortificações, nem sequer se retiravam da Sicília, mas cercavam ali de forma idêntica Siracusa, cidade que só por si, em nada era inferior à própria cidade de Atenas, só para demonstrarem aos Helenos, por meio de provas completamente falsas, a sua força e valentia, tanto mais que no princípio da guerra ninguém pensava que aguentariam, uns por um ano, outros por dois anos e outros nunca por mais de três anos, caso os Peloponésios decidissem invadir o seu território, quanto mais no décimo sétimo ano depois da primeira invasão dos Peloponésios. Tinham ido para a Sicília, já abalados em todos os aspectos pela guerra, prosseguindo outra guerra em nada menos importante do que a já encetada com os Peloponésios. [4] Por estas razões, e porque naquela altura Deceleia em muito lhes estava a custar por causa de outras despesas que se iam acrescentando e que

eram grandes, ficaram eles enfraquecidos por falta de meios financeiros. Foi nessa altura que em vez do tributo, impuseram aos seus súbditos uma taxa de um vigésimo sobre todos os produtos transportados por mar, acreditando que assim mais dinheiro lhes chegaria. Com efeito as despesas não eram as mesmas do que antes, mas tinham-se avolumado, e cada vez mais, à medida que a guerra recrudescesse e os rendimentos desapareciam.

Os Trácios: barbárie e carnificina

XXIX. Quanto aos Trácios que tinham chegado atrasados a Demóstenes, mandaram-nos para trás, por não quere-rem, devido ao actual défice financeiro, incorrer nessa despesa; tinham encarregado Diitrefes de os reconduzir e ao mesmo tempo deram-lhe instruções para que, na viagem costeira – pois partiam através de Euripo –, que causassem estragos em terras inimigas, caso pudessem. [2] Desembarcou-os ele em Tânagra e provocou de forma rápida certa razia; depois com o cair da noite navegou de Cálcis na Eubeia pelo Euripo e desembarcando-os na Beócia, mandou-os ir contra Micalesso. [3] Durante a noite armou arraiais, sem ser visto, perto do santuário de Hermes, que no máximo dista de Micalesso dezasseis estádios, mas ao romper o dia, assaltou a cidade, que não era grande, e tomou-a, por ter caído sobre gente sem guarda organizada e que não esperava que jamais alguém vindo de tão longe e pelo mar os atacasse; para mais as suas muralhas estavam em mau estado e nalguns pontos até tinham caído, de resto eram de pouca altura, ao mesmo tempo que os portões estavam abertos devido à segurança que sentiam. [4] Caíram os Trácios sobre Micalesso e saquearam as casas e os templos, assim como matavam as pessoas, não poupando nem velhos nem novos, mas matando todos de enfiada, onde

quer que os encontrassem, matando até crianças e mulheres e mesmo bestas de carga e todos os seres vivos que porventura vissem. Era mesmo assim a raça dos Trácios, são iguais ao que de mais bárbaro existe e é a mais assassina que há, quando nada têm a temer. [5] Assim, naquela ocasião, além de uma grande confusão estabeleceu-se um ambiente de matança, e quando caíram sobre uma escola de crianças, que era a mais importante que ali havia e na qual as crianças há pouco tinham entrado, fizeram-nas todas em pedaços. Foi esta uma calamidade em nada inferior a qualquer outra que sobre a cidade inteira tivesse caído, por ser inesperada e terrível.

XXX. Quando os Tebanos souberam deste incidente, vieram em socorro e alcançaram os Trácios antes de terem avançado muito e tomaram-lhes o produto do saque e, tendo-os assustado, perseguiram-nos até ao Euripo e ao mar, onde estavam ancorados os barcos que os tinham trazido. [2] Mataram então muitos dos que, ao embarcarem, caíram sem saberem nadar, e os que tripulavam as embarcações, ao verem o que se passava em terra, ancoraram os barcos fora do alcance das setas, porque noutros lugares a retirada dos Trácios foi feita não sem organização frente à cavalaria dos Tebanos, que os atacou primeiro, pois contra ela se lançaram e serrando fileiras, numa ordem que lhes era típica, atacaram, e uns poucos foram mortos nesta operação, pois a outra parte deles fora morta na própria cidade, quando agarrados durante a pilhagem. [3] No seu conjunto perderam a vida duzentos e cinquenta Trácios, dum total de mil e trezentos. Do lado dos Tebanos e de outros que tomaram parte na operação de socorro, morreram no máximo vinte cavaleiros e hoplitas e entre eles Cirfondas, um dos beotarcas tebanos; igualmente perdeu a vida uma larga parte da população de Micalesso. [4] Esta calamidade assim experimentada por Micalesso, tendo em conta o tamanho da

povoação, não foi menos lamentável do que outros acontecimentos deste tipo que nesta guerra se deram.

XXXI. Estava então Demóstenes a navegar para Corcira, depois de ter construído o forte na Lacónia, quando encontrou um cargueiro atracado em Fia na Élida, no qual hoplitas coríntios estavam prestes a ser transportados para a Sicília, e destruiu-o, conseguindo os tripulantes fugir por tomarem outra embarcação e fazerem-se ao mar. [2] Depois disto chegou Demóstenes a Zacinto e a Cefalênia, onde engajou hoplitas e mandou procurar outro contingente de Messênios em Naupacto; atravessou então para a costa da Acarnânia, que estava do outro lado, nomeadamente para os portos de Alízia e Anactório, que eram território ateniense. [3] Enquanto estava ocupado nestas operações, veio ao seu encontro, saído da Sicília, Eurimedonte, que, por ocasião do Inverno precedente, para ali tinha sido mandado com o dinheiro para financiar o exército, e contou entre outras coisas, já estava ele no mar, ter-lhe chegado a notícia de que Plemírio tinha sido conquistado pelos Siracusanos. [4] Também veio ao encontro de ambos, Cónon, que ocupava o lugar de comandante em Naupacto, e com a notícia de que vinte e cinco barcos coríntios, ancorados no lado oposto da guarnição, não tinham abandonado a atitude agressiva, e até se preparavam para a batalha naval. Pedia-lhes então que mandassem para lá alguns barcos, pois só dispondo de dezoito navios não seria capaz de enfrentar em batalha naval os vinte e cinco de que os outros dispunham. [5] Demóstenes e Eurimedonte puseram logo ao serviço de Cónon dez dos mais velozes navios que comandavam e mandaram-nos juntar-se aos que já estavam em Naupacto. Dedicaram então os seus esforços a recrutar gente para a expedição, tendo Eurimedonte navegado para Corcira, onde mandou juntar tripulações para quinze navios, assim como recrutar hoplitas, uma vez que tinha regressado para partilhar o comando

com Demóstenes, cargo para o qual tinha sido eleito, enquanto Demóstenes recrutava fundibulários e lançadores de dardos das terras da Acarnânia.

XXXII. Quando os enviados dos Siracusanos, depois da tomada de Plemírio, tinham ido pelas cidades e as tinham levado para o seu lado e conseguido recrutar tropas para as trazer consigo, já Nícias, informado a tempo, mandara recado aos Sicelos, que eram os Centoripes, Alicieus e mais aliados de Atenas e que dominavam a passagem por onde viriam os outros, para que não deixassem passar os inimigos e os impedissem de avançar depois de reunirem forças, visto que estes por outro lado não poderiam atravessar, uma vez que os Agrigentinos não permitiam que utilizassem o caminho que por eles passava. [2] Já os Siceliotas se tinham posto em marcha, quando os Sicelos, seguindo as instruções dadas pelos Atenienses, lhes montaram uma emboscada em três locais, e assaltando-os de súbito e sem que os adversários estivessem preparados, mataram pelo menos oitocentos, além de todos os enviados, à excepção de um, natural de Corinto. Foi este que conduziu os cerca de mil e quinhentos que escaparam para Siracusa.

XXXIII. Por volta desses mesmos dias também os Camarineus vieram em seu auxílio; eram quinhentos hoplitas, trezentos lançadores de dardos e trezentos arqueiros. Mandaram igualmente os Geloos uma força naval de cinco barcos, trezentos lançadores de dardos e duzentos cavaleiros. [2] Já quase a Sicília inteira, com excepção dos Agrigentinos, os quais não alinhavam por qualquer dos lados, e os restantes povos que tinham seguido desde o princípio o processo em curso, estavam ao lado dos Siracusanos contra os Atenienses. [3] Os Siracusanos, visto que entre os Sicelos a vida lhes tinha corrido tão mal, imediatamente desistiram de atacar os Atenienses. Foi então que Demóstenes e Eurimedonte

dispondo agora de forças capazes, que tinham vindo de Corcira e do continente, atravessaram com todo o seu exército o mar Jónio em direcção ao promontório Japígio. [4] Partindo dali acostaram às Quérades, ilhas da Japígia, onde embarcaram alguns cento e cinquenta lançadores de dardos japígios da tribo messápia, depois de renovarem um pacto antigo de amizade com Artas, que era o chefe local e lhes pôs ao serviço os lançadores de dardos, com os quais chegaram a Metaponto na Itália. [5] Aí convenceram os Metapontinos a mandarem com eles, nos termos da aliança que tinham, trezentos lançadores de dardos e duas trirremes, e juntando forças navegaram junto à costa até Túria. Aqui verificaram que, em recente revolução, a facção inimiga dos Atenienses fora expulsa. [6] Quiseram então ficar ali mesmo para reunirem todas as forças e passá-las em revista, caso alguma tivesse ficado para trás, e igualmente para convencerem os Túrios a resolutamente fazerem campanha com eles, uma vez que a situação em que se encontravam os Atenienses era favorável, bem como uma aliança ofensiva e defensiva com os Atenienses, motivo pelo qual ficaram para tratar desses assuntos em Túria.

XXXIV. Pela mesma altura, os Peloponésios nos vinte e cinco navios que, para protegerem as barcas de carga na rota para a Sicília, tinham ancorado em frente dos navios atenienses em Naupacto, prepararam-se para entrar em combate e tendo ainda disposto mais tripulações por outros barcos, de maneira a ficarem em número pouco inferior ao dos Atenienses, lançaram ferro nas águas do Erineu da Acaia, na região Rípica. [2] A zona em que ancoraram tinha a forma de um crescente, e a força terrestre de ambos os lados, dos Coríntios e dos aliados da vizinhança que vinham reforçá-la, perfilava-se pelas alturas dos cabos que se projectavam para a frente, enquanto os navios ocupavam o meio e fechavam a entrada. [3] Comandava a força naval o coríntio Poliantes. Por seu lado, os Atenienses, sob o comando de

Dífilo, lançaram-se de Naupacto contra eles com trinta e três navios, [4] e os Coríntios que ao princípio não se moveram, depois de fazerem soar o sinal de ataque, quando a ocasião lhes pareceu favorável, investiram contra os Atenien- ses e travaram batalha. [5] Muito tempo passou na luta de uns contra os outros e os Coríntios perderam três embarca- ções, e sem terem muito simplesmente afundado nenhuma dos Atenienses, tornaram incapazes de navegar umas sete do inimigo, porque foram abalroadas proa contra proa e os seus cascos terminais esmagados pelos navios dos Coríntios, que, para essa exacta finalidade, tinham esporões mais reforçados. [6] Esta batalha naval de resultados parecidos para ambas as partes, levou a que cada um se considerasse vencedor, embora os Atenienses se apoderassem dos destroços, por- que o vento os empurrou para o mar alto e como os Corín- tios não fossem no seu encalço, separaram-se uns dos outros, sem que houvesse qualquer perseguição nem homens pre- sos de qualquer dos lados. Os Coríntios e os Peloponésios combateram com os barcos perto de terra e facilmente esca- param. Quanto aos Atenienses nenhum dos seus navios foi afundado. [7] Navegaram estes agora em direcção a Nau- pacto e os Coríntios rapidamente erigiram um troféu, como se tivessem vencido, por terem posto fora de combate um maior número de barcos dos seus inimigos e por estarem convencidos de que não tinham sido derrotados pelas mes- mas razões que os outros não tinham vencido. De facto os Coríntios consideravam que tinham levado a melhor, mes- mo que não o fizessem ao mais alto nível, e os Atenienses, por seu lado, estavam convencidos de que tinham sido der- rotados, porque não tinham vencido plenamente. [8] Apesar disso, quando os Peloponésios se fizeram ao mar e as suas forças terrestres se dispersaram, os Atenienses levantaram um troféu, como se tivessem vencido na Acaia, que distava vinte estádios de Erineu, onde os Coríntios estavam anco- rados. E foi assim que terminou a batalha naval.

XXXV. Demóstenes e Erimedonte, quando os Túrios se prepararam para ao seu lado combaterem com setecentos hoplitas e trezentos lançadores de dardos, mandaram-nos com os navios fazer uma rota costeira até às terras dos Crotoniatas, enquanto eles, depois de passarem primeiramente revista a todas as forças terrestres na zona do rio Síbaris, avançavam pela terra dos Túrios. [2] Ao chegarem ao rio Hílias, os Crotoniatas mandaram-lhes uma mensagem em que diziam não estarem dispostos a deixar que o seu exército avançasse pelo seu território. Desceram eles então até ao mar e ao estuário do Hílias, onde acamparam, enquanto os navios foram ao seu encontro no mesmo lugar. No dia seguinte embarcaram e navegaram junto à costa aportando a todas as cidades, à excepção de Locros, até chegarem a Petra no território de Régio.

Segunda batalha em terra e no mar. Esporões e proas reforçadas

XXXVI. Os Siracusanos entretanto ao terem notícia de que a armada se aproximava, quiseram fazer de novo uma segunda experiência com os seus navios e com as tropas terrestres, as quais para esta mesma finalidade tinham estado a reunir-se para se aprontar antes da chegada. [2] Prepararam um equipamento náutico diferente, escolhendo dos que tinham visto ter vantagens quando da última batalha naval, e encurtaram as proas dos navios, tornaram-nos mais sólidos ao juntarem fortes esporões nas proas a partir das quais fixaram traves aos costados em cerca de seis braçadas, tanto por dentro como por fora da amurada, da mesma forma como os Coríntios tinham em Naupacto equipado os seus navios a partir da proa, antes da batalha naval. [3] Verificavam os Siracusanos que os barcos atenienses não tinham sido concebidos da mesma maneira para contra eles lutarem, pois tinham a

zona da proa frágil, visto que achavam melhor, em vez de as reforçarem para a luta proa a proa, darem a volta e atacar o inimigo pelos lados, mas vindo a dar-se a batalha no Grande Porto, a qual se realizaria em pouco espaço e com muitos navios, a nova concepção não seria em seu desfavor, mas pelo contrário em seu favor. Fazendo a abordagem de proas contra proas destruiriam os barcos dos inimigos, esfrangalhando com investidas sólidas e pesadas, proas pouco espessas e fracas. [4] Para os Atenienses não haveria a hipótese, em espaço limitado, nem de fazer viragens, nem de se atravessarem com a tática em que geralmente confiavam. Também por seu lado os adversários não permitiriam, dentro do possível, que se atravessassem, e a falta de espaço seria impeditiva de poderem fazer manobras circulares. [5] Este abalroar proa contra proa, que primeiramente parecia incompetência dos pilotos, passou a ser a principal tática usada pelos Siracusanos. Vai ser ela a mais eficaz neste processo, já que os Atenienses uma vez repelidos não tinham a possibilidade de fazer marcha à ré para qualquer outra parte que não fosse para terra, e para esta só por pouco espaço, no caminho bem curto para a frente do seu próprio acampamento. [6] Quanto ao resto do porto era dominado pelos Siracusanos e os Atenienses eram enxotados para onde quer que fosse, para espaço exíguo e todos para o mesmo lugar, o que os precipitava uns contra os outros, lançando-os em desordem que era exactamente o que mais tinha prejudicado os Atenienses em todos os combates navais, uma vez que não tinham acesso ao porto inteiro para marcha à ré, como tinham os Siracusanos. Quanto a fazer uma sortida rumo ao mar alto, não lhes era possível, visto que os adversários impediam o caminho e a possibilidade de fazer marcha à ré, tanto mais que Plemírio lhes era hostil e a embocadura do porto não era larga.

XXXVII. Tais resultados deram aos Siracusanos a noção da estratégia que seguiam e da sua força, ao mesmo

tempo que lhes incutiam ânimo principalmente desde o primeiro combate naval, o que os levou a atacarem as forças inimigas terrestres ao mesmo tempo que as navais. [2] Gilipo, um pouco antes, comandou a infantaria saindo da cidade para atacar a fortificação dos Atenienses, da parte que dava para a cidade, enquanto as forças no Olímpieu, hoplitas e cavalaria que estavam lá dentro, e a cavalaria e as tropas ligeiras dos Siracusanos avançaram para o outro lado da fortificação. Logo a seguir puseram-se em movimento os navios dos Siracusanos e dos aliados. [3] Os Atenienses que primeiramente pensaram que eles iriam somente atacar as forças terrestres, ficaram perturbados quando viram que a armada se ia lançar também contra eles de um momento para o outro, e enquanto alguns se punham em posição de combate nas muralhas ou em frente delas para fazer frente aos que avançavam, outros tentavam defrontar-se com os que saíam do Olímpieu e de fora, cavaleiros em grande número e também os lançadores de dardos que se aproximavam rapidamente, ao passo que outros iam tripular os navios ou precipitavam-se para a praia para se oporem ao inimigo, e assim que os barcos tinham a tripulação, saíram em combate com setenta e cinco navios contra os Siracusanos que tinham cerca de oitenta.

XXXVIII. Passaram grande parte do dia avançando e recuando e medindo forças uns com os outros, sem que nenhuma parte conseguisse obter resultados dignos de registo, com a excepção de uma ou duas embarcações dos Atenienses que os Siracusanos conseguiram afundar, tendo-se separado seguidamente, ao mesmo tempo que as forças terrestres retiraram das muralhas. [2] No dia seguinte os Siracusanos não se mexeram e nem deram sinais do que se aprestavam a fazer, mas Nícias ao dar-se conta de que o resultado da batalha naval tinha sido equilibrado e porque estava na expectativa de que os adversários atacassem outra

vez, obrigou os trierarcas a repararem os navios, no caso de algum ter sofrido estragos, e mandou fundear os barcos de carga diante das estacas dos Atenienses, fixadas no fundo do mar diante das suas embarcações, para fazer as vezes de um porto fechado. [3] Mantinham os barcos de carga afastados uns dos outros cerca de dois pletros, para que se alguma embarcação fosse empurrada, houvesse uma saída segura e de novo pudesse navegar à vontade. Estes preparativos ocuparam os Atenienses até ao cair da noite.

XXXIX. No dia seguinte os Siracusanos utilizando o mesmo plano, muito cedo ainda, atacaram os Atenienses com as forças terrestres e marítimas. Atacaram da mesma maneira os navios adversários para de novo passarem grande parte do dia defrontando-se uns com os outros, [2] até que Aríston, um coríntio, filho de Pírrico, que era o melhor piloto dos que estavam do lado dos Siracusanos, convenceu os seus comandantes da marinha a mandar ordens aos que estavam em serviço na cidade, para que fizessem deslocar o mais depressa possível para junto do mar o mercado em que se vendiam produtos, e que obrigassem os que tivessem produtos comestíveis a trazê-los para ali a fim de os vender, para que as tripulações pudessem desembarcar e rapidamente perto das embarcações pudessem comer à vontade e, passado pouco tempo e no mesmo dia, atacassem novamente os Atenienses, quando estes menos esperassem.

XL. Convencidos os comandantes mandaram um emissário, e o mercado ficou preparado, e os Siracusanos de repente fizeram marcha à ré, navegaram de novo para a cidade e desembarcando imediatamente ali tomaram a refeição. [2] Por seu lado os Atenienses persuadiram-se de que eles se sentiam batidos e que tinham por isso voltado para a cidade, e desembarcaram calmamente e dedicaram-se a outras ocupações, entre as quais a de jantarem, porque pen-

savam que nunca naquele dia voltaria a travar-se batalha. [3] Subitamente os Siracusanos, mandaram as tripulações para os barcos e de novo navegaram contra eles. Com muito alvoroço os Atenienses, e a maior parte deles sem comer, embarcaram sem qualquer disciplina para lhes fazerem frente. [4] Durante algum tempo as duas partes tiveram o cuidado de se manterem afastadas, até que os Atenienses foram de parecer que iam deixar-se vencer pela fadiga, comportando-se daquela forma, e que deviam sim atacar o mais depressa possível e ao soar de um grito travaram batalha. [5] Os Siracusanos tendo-os esperado, utilizaram o estratagema de lançarem os barcos proa contra proa, tal como tinham planeado, e com a tática das abalroagens destruíram muitos navios atenienses partindo-lhes as proas, e os arqueiros que os alvejavam das cobertas causavam grandes danos aos Atenienses, mas maiores ainda eram os provocados pelos pequenos botes dos Siracusanos que circulavam à volta e se lançavam entre as fileiras de remos dos navios inimigos e navegando ao lado das amuradas atingiam com flechas os marinheiros.

Demóstenes e Siracusa

XLI. Por fim, batalhando violentamente com esta tática, os Siracusanos venceram e os Atenienses mudaram de rumo e fugiram por entre os barcos de carga para o seu ancoradouro. [2] Os navios siracusanos perseguiram-nos até aos barcos de carga, mas aí foram impedidos pelas traves dos guindastes, as quais estavam içadas nos barcos de carga, e tinham suspensos os golfinhos de chumbo. [3] Mesmo assim dois navios siracusanos entusiasmados com a vitória aproximaram-se demais e foram destruídos, sendo um deles apreendido com a tripulação. [4] Depois dos Siracusanos terem afundado sete navios atenienses e de terem destruído

muitos, de terem inutilizado muitos homens e morto outros, foram-se embora, e levantaram troféus pelas duas batalhas navais, guardando agora a esperança confiante [5] de que eram eles de longe os melhores como poderio marítimo, sendo de parecer de que também não seriam piores como forças terrestres.

XLII. Quando os Siracusanos se preparavam novamente para avançar por terra e por mar, nessa mesma altura Demóstenes e Eurimedonte chegaram trazendo consigo reforços de Atenas que consistiam de setenta e três navios, incluindo navios estrangeiros, cerca de cinco mil hoplitas, entre os seus e os dos aliados, não poucos lançadores de dardos, bárbaros e helenos, fundibulários e arqueiros e o restante aparelho bélico necessário. [2] Sentiram os Siracusanos e aliados um choque não pequeno logo nesse momento, com a ideia de que nenhum fim estava à vista para se verem livres de perigos, ao verificarem que apesar de Deceleia ter sido fortificada, chegara um exército em nada inferior, ou quase igual ao primeiro, e que o poder dos Atenienses parecia ser grande em todos os campos. Além disso, depois de tantos males transmitia-se agora um reforço de coragem às forças armadas atenienses que em primeiro lugar tinham chegado. [3] Demóstenes tomou consciência de como estavam as coisas e ficou convicto de que nada serviria retardar ou passar por aquilo por que Nícias tinha passado. Este logo ao chegar tinha inspirado terror, mas como não atacou imediatamente os Siracusanos, mas passou o Inverno em Cátana, foi olhado com desdém, e adiantou-se-lhe Gilipo ao chegar com um exército do Peloponeso, que os Siracusanos nunca teriam mandado vir, se aquele tivesse investido imediatamente. Teriam pois suposto que só eles dariam conta sozinhos, sem terem descoberto que eram mais fracos até estarem rodeados de muralhas e de tal maneira, que nem mesmo se fossem reforçados, já não teriam da mesma forma

aproveitado da ajuda, e, portanto, Demóstenes ao avaliar estes factos ficou consciente de que também ele, naquele presente momento do primeiro dia, era o mais temível possível para os seus adversários, e decidiu no mesmo instante aproveitar do choque provocado pela presença do seu exército. [4] Viu que os contrafortes defensivos dos Siracusanos, com os quais tinham impedido os Atenienses de os cercarem, era uma muralha simples, e que quem dominasse a subida para Epípolas e depois o acampamento lá instalado, facilmente o tomaria pois ninguém haveria que tal esperasse. Apressou-se então a lançar-se naquela tentativa, por pensar que era a forma mais rápida de levar a guerra ao seu fim [5] visto conseguir conquistar Siracusa, ou retirar com o exército, sem que sacrificasse, se fizesse diferentemente, a vida dos Atenienses e dos que com eles combatiam assim como os recursos de toda a cidade. [6] Por isso, logo em primeiro lugar, os Atenienses saíram e destruíram as terras dos Siracusanos nas imediações do rio Anapo, e conseguiram com o exército estar em posição de superioridade como logo ao princípio com as forças de terra e de mar, pois em nenhum dos sectores os Siracusanos lhes fizeram frente, excepto com os cavaleiros e os lançadores de dardos do Olimpieu.

XLIII. Em seguida Demóstenes tomou a resolução de, com máquinas de cerco, fazer uma tentativa no contraforte. Porém, quando avançava com as máquinas, foram elas queimadas pelos inimigos que os alvejavam da muralha, e como as forças com que atacava em diversos pontos foram rechacadas e tiveram de bater em retirada, decidiu então não continuar e, conseguindo obter o consentimento de Nícias e dos outros comandantes, começou, tal como planeara, a tentar a tomada de Epípolas. [2] De dia parecia impossível que os que se aproximavam para subir passassem despercebidos, portanto ordenou que se arranjassem provisões para

cinco dias, e levou consigo todos os pedreiros, carpinteiros e outros elementos necessários, como setas e tudo quanto precisava ter, se tivesse sucesso, para construir a fortificação. Depois da primeira guardaria, ele próprio, juntamente com Eurimedonte e Menandro, conduziram o exército inteiro e chegaram a Epípolas, tendo deixado para trás Nícias dentro das fortificações. [3] Quando chegaram às proximidades do Euríalo, pelo mesmo caminho que primeiramente o exército anterior tinha feito, conseguiram esconder-se dos guardas siracusanos e avançaram para o forte que eles ali ocupavam, tomaram-no, e passaram à espada alguns homens que estavam de guarda. [4] A maior parte contudo escapou-se rapidamente para o acampamento, que, em Epípolas, era constituído por três sectores fortificados: um dos Siracusanos; outro dos Siciliotas que tinham ficado; e o outro dos aliados, sendo estes os que vieram dar o alarme e informar os seiscentos Siracusanos, que antes de mais eram os guardas daquela parte de Epípolas. [5] Vieram estes imediatamente em seu auxílio, mas Demóstenes e os Atenienses fizeram-lhes frente e levaram-nos a recuar, apesar de se estarem a bater corajosamente. Os mesmos sem parar carregaram para a frente, com o fim de, ao avançarem, manterem vivo o ardor bélico, para levarem ao fim a missão guerreira a que tinham vindo, sem que perdessem esse impulso. Entretanto os outros, que desde o princípio tinham tomado os contrafortes da fortificação dos Siracusanos, porque os guardas os não esperavam, deitaram abaixo as ameias. [6] Os Siracusanos e aliados com Gilipo e os que com ele estavam, vieram trazer auxílio, saindo do perímetro das fortificações, mas atacaram os Atenienses, ainda que perturbados por se tratar de um ataque noturno a que não estavam habituados e que exigia muita coragem, e acabaram por ser por eles forçados a retirar, quando do primeiro ataque. [7] Ripostaram então os Atenienses de forma agora desordenada, porque se sentiam superiores, uma vez que queriam o mais depressa pos-

sível abrir caminho por entre as forças inimigas, que ainda não tinham entrado em combate, não fossem elas atacar quando eles próprios abrandassem o ataque. Os Beócios que foram os primeiros que lhes fizeram frente, atacaram-nos, venceram-nos e puseram-nos em fuga.

XLIV. Foi nesse mesmo momento que os Atenienses entraram em grande confusão e desorientação, pois não era fácil obter informações quanto à situação geral de qualquer dos lados. Durante o dia, a visão é mais clara, mas nem os que estão presentes no teatro da acção conseguem saber completamente tudo com a excepção do que se passa com eles próprios. Num combate noturno, porém, como este caso único em toda esta guerra de luta entre exércitos numerosos, como poderia alguém ter qualquer noção clara? [2] Era brilhante a luz da lua, podiam-se efectivamente ver uns aos outros, como é habitual à luz da lua, mas só conseguiam de facto ter a visão das formas de um corpo, sem saber ao certo se era o corpo de um camarada ou de um inimigo. Hoplitas de ambas as frentes movimentavam-se num espaço estreito. [3] Alguns do lado ateniense tinham sido vencidos, mas outros ainda na primeira investida avançavam sem terem sido dominados, e grande parte do restante exército só há pouco subira, enquanto outra ainda subia e de tal forma que não sabiam a que lado se deviam juntar. Era já confusa a forma como tudo se tinha processado antes, além de que era difícil ter qualquer noção concreta devido à gritaria. [4] De facto os Siracusanos e seus aliados, por terem levado a melhor, animavam-se uns aos outros clamando em altos gritos, por ser impossível comunicar de outra forma durante a noite, ao mesmo tempo que enfrentavam os que contra eles vinham, enquanto os Atenienses tentavam encontrar os camaradas, e julgavam ser inimigo tudo o que viesse da parte contrária, mesmo que fossem os seus companheiros que já se encontravam em

fuga, e recorriam constantemente a perguntar pela palavra-passe ou pela senha, porque não havia outro meio de se reconhecerem, o que provocava muito barulho, pois todos a perguntavam ao mesmo tempo, o que a denunciava claramente aos inimigos. [5] Não conseguiram igualmente conhecer a fórmula da senha dos adversários, porque se sentiam vitoriosos e porque, menos dispersos, tinham menor dificuldade em reconhecer-se. Daí resultou que mesmo nos casos em que eram mais fortes do que os inimigos, estes lhes fugiam por saberem a sua palavra-passe, ao passo que eles se não respondessem eram passados a fio de espada. [6] Mas o pior e que não menos os afectou, foi o cântico do péan de batalha, devido à perplexidade que causava, porque o de ambos os lados era parecido, uma vez que os Argivos e Corcireus e todo o corpo militar dórico, que estava com os Atenienses, cada vez que o cantavam assustavam os Atenienses, e o mesmo acontecia quando cantavam os inimigos. [7] Aconteceu que por fim, em muitas partes do teatro de luta, caíram uns sobre os outros, uma vez a confusão estabelecida, amigos com amigos e cidadãos com cidadãos, que não só se confundiram metendo medo uns aos outros, como se bateram uns com os outros, sendo apartados dificilmente. [8] Ao serem perseguidos, muitos lançaram-se do alto de despenhadeiros e morreram, pois a descida de Epípolas era por um caminho estreito, e porque os que tinham conseguido salvar-se descendo lá de cima para a planura, foram muitos deles, os que estiveram na primeira expedição e porque tinham já conhecimento do terreno puderam assim escapar, ao passo que os que vieram depois, enganaram-se nos caminhos e vaguearam pela região, e esses mesmos, logo que a luz do dia apareceu, foram isolados e mortos pela cavalaria dos Siracusanos.

XLV. No dia seguinte, os Siracusanos erigiram dois troféus, um em Epípolas, por onde o avanço se dera, e outro

no local da região onde os Beócios atacaram primeiro e os Atenienses recolheram os seus mortos, negociadas as tréguas. De facto muitos deles e dos aliados morreram, ainda que o número de armas recolhidas fosse ainda maior do que o dos mortos; é que alguns dos que foram forçados a lançar-se de precipícios, fizeram-no livres de peso, isto é, sem escudos e uns morreram, mas outros escaparam.

XLVI. Depois disto, os Siracusanos, porque se animaram novamente como antes, com a inesperada boa sorte, mandaram Sicano com quinze navios para Agrigento, onde se tinha dado uma revolução, para recuperarem a cidade, caso pudessem. Gilipo avançou de novo por terra para outras partes da Sicília, a fim de trazer tropas de reforço, na esperança de poder conquistar por assalto as fortificações dos Atenienses, depois do que acontecera em Epípolas.

O fracasso de Epípolas e suas consequências

XLVII. Nesta ocasião, os estrategos atenienses deliberaram face à desgraça que lhes tinha acontecido e em relação à generalizada fraqueza do seu exército. Viram então que não tinham sucesso nas suas campanhas e que os soldados estavam fartos de ali estarem. Eram de facto atacados por doença provocada por dois motivos: [2] por aquela estação do ano, na qual os homens ficam mais debilitados, ao mesmo tempo por ser pantanosa e de clima doentio a região onde se encontravam acampados, finalmente pelo decorrer dos acontecimentos que lhes parecia não ter futuro. [3] De facto Demóstenes não era de opinião que ainda fosse necessário ali ficar, mas, visto que o plano por ele elaborado de arriscar o ataque a Epípolas tinha falhado, votou no sentido de se irem embora sem perderem tempo, enquanto o mar ainda podia ser atravessado e era possível vencer com os

navios que tinham vindo com reforços. [4] E dizia que para Atenas era de maior utilidade ir mover a guerra aos que, nas terras da Ática, construíam fortificações inimigas do que fazê-la contra os Siracusanos, que já não era fácil submeter, além de que não era razoável dispendir tão grandes recursos financeiros prosseguindo com o cerco.

XLVIII. Foi esta a opinião de Demóstenes. Mas Nícias, embora pessoalmente considerasse péssimo o que se tinha passado, não queria demonstrar abertamente a sua fraqueza, nem que fosse propalado junto dos inimigos que, claramente e com maioria, se tinha votado pela retirada; fazer isso teria muito menos efeito do que se o fizessem às escondidas, quando quisessem. [2] Além disso, havia a esperança de que a situação dos inimigos por aquilo que ele sabia mais do que os outros poderia vir a ser bem pior do que a deles, caso os Atenienses perseverassem no cerco, pois iriam molestá-los com a falta de recursos financeiros, e muito especialmente agora com a armada, pois já estavam a caminho de dominar os mares. E de facto havia uma facção em Siracusa que queria entregar o poder aos Atenienses, e que lhe enviava mensagens para que não deixasse levantar o cerco. [3] Tendo estas informações e, porque tomava em consideração as duas, no discurso público que então fez, disse que não ia mandar retirar o exército, pois estava bem consciente de que os Atenienses não iriam aceitar esta decisão antes de que por eles fosse votada. Aqueles que fossem votar pela situação em que se encontravam, em vez de julgarem os factos como testemunhas presenciais como eles próprios faziam e de não prestarem atenção a críticas malévolas que ouviam, iam ser simplesmente convencidos pelas mentiras de alguns bons oradores de entre eles, e acrescentou [4] que dos muitos soldados presentes, a maior parte dos que agora gritam contra a terrível situação em que se encontram, quando chegarem a Atenas, gritarão exactamente o contrário, como se os estra-

tegos tivessem ordenado a retirada, porque por dinheito se tinham tornado traidores. Quanto a ele, que pessoalmente conhecia o carácter dos Atenienses, de forma alguma queria ser morto às mãos dos Atenienses por uma acusação vergonhosa e injusta, mas preferia antes arriscar-se a lutar e a morrer, se necessário fosse, às mãos dos inimigos, como soldado. [5] E ainda disse, que os Siracusanos estavam numa situação pior que a deles, pois gastavam dinheiro com mercenários e postos fortificados e que já mantendo há um ano uma grande armada, estavam assim em grandes dificuldades e viriam a acabar sem recursos. Já tinham gasto dois mil talentos e incorrido em grandes dívidas e se perdessem um pouco que seja do seu aparelho por não estarem em condições de pagar a sua manutenção, destruiriam a causa que defendiam, e passavam a depender mais de forças mercenárias do que do recrutamento próprio e obrigado a servir, tal como acontecia com as suas tropas. [6] Por isso, afirmou, que havia que desgastá-los e continuar o cerco, e não se retirarem vencidos por falta de financiamento, recurso no qual eram os mais fortes.

XLIX. Nícias estava seguro da importância do que dissera, pois sabia exactamente da situação em Siracusa e das suas dificuldades financeiras e também de que ali era poderoso o grupo que queria os Atenienses e que lhe mandava mensagens pedindo-lhe que não desistisse do cerco, pois, mais do que antes, se sentia encorajado por um possível sucesso devido à esquadra de que dispunha. [2] Demóstenes, por seu lado, não aceitava de forma alguma continuar no cerco, e disse que se não podiam retirar o exército sem o voto dos Atenienses, mas que se tinham de passar ali o tempo, então que se deslocassem para Tapso para o fazer, ou então para Cátana, de onde, invadindo com as tropas terrestres grande parte da região, iriam abastecer-se com a pilhagem dos inimigos, ao mesmo tempo que os prejudicariam, além de que poderiam combater com os navios que estavam

no mar alto e não em espaço restrito, o que só favorece o inimigo, pois ao largo, no mar, a sua experiência lhes seria de utilidade pois ali poderiam recuar e avançar, sem estarem confinados a um espaço reduzido e circunscrito, onde imobilizados, não se podiam retirar nem atacar. [3] Disse que se opunha de qualquer forma e numa só palavra, a que ficassem onde estavam, e que deviam levantar o cerco o mais depressa possível e não demorar. E Eurimedonte concordou com ele nesta proposta. [4] Mas como Nícias levantou objecções, surgiu alguma hesitação e atraso entre eles, ao mesmo tempo que se levantou a suspeita de que Nícias estava tão seguro, porque sabia mais do que dizia. E desta forma os Atenenses deixaram-se atrasar e ficaram onde estavam.

L. Entretanto chegaram Gilipo e Sicano a Siracusa. Sicano tinha falhado em Agrigento, pois quando ainda estava em Gela, a revolta favorável aos Siracusanos tinha sido dominada. Mas Gilipo trouxe com ele o exército numeroso recrutado na Sicília e os hoplitas que do Peloponeso lhe tinham sido enviados na Primavera nas barcas. Tinham os soldados chegado a Selinunte, vindos da Líbia [2] para onde tinham sido arrastados por uma tempestade, e foram os Cireneus que lhes deram duas trirremes e pilotos e na sua viagem costeira combateram ao lado dos Evespéritas, cercados pelos Líbios, mas venceram os Líbios. Navegaram daí para Neápolis, porto comercial dos Cartagineses, em relação ao qual a Sicília distava quando muito dois dias e uma noite de viagem, e depois atravessaram e chegaram a Selinunte.

Nova batalha em terra e mar. A falta de sorte de Eurimedonte

[3] E logo os Siracusanos, quando da sua chegada, se prepararam de novo contra os Atenenses por duas vias: por

mar e por terra. Quando os estrategos atenienses viram que um novo exército reforçava os inimigos na altura em que a sua situação não estava na melhor forma, mas para todos seguramente piorava, dia após dia, sobretudo atormentada pela fraqueza dos homens, arrependeram-se de não terem levantado arraiais previamente, uma vez que já nem Nícias levantava objecções, excepto quando insistia que se não votasse em público, e deram então ordens tão secretas quanto possível a todos os soldados para que do acampamento se fizessem ao mar, e para que estivessem preparados logo que soasse o sinal. [4] Mas quando já estavam preparados, com tudo a postos para largar, houve um eclipse da Lua, que até então tinha estado lua cheia. Os Atenienses, na sua maior parte, impressionados, exigiram que os estrategos desistissem, e Nícias que tinha grande propensão para as artes divinatórias e outras práticas do género, disse que nem podia discutir qualquer decisão, tal como os adivinhos prescreviam, antes de esperarem três vezes nove dias, para que então se pudessem pôr em movimento. E os Atenienses por isso ficaram à espera no mesmo sítio.

LI. Os Siracusanos, por seu lado, vieram a saber o que acontecia e ficaram muito mais animados a não dar qualquer possibilidade de alívio aos Atenienses, visto que estes também tinham reconhecido que de forma alguma ainda lhes eram superiores tanto no mar como em terra, porque, caso contrário, não teriam decidido fazer-se ao mar. Além disso, os Siracusanos não queriam que eles se detivessem em qualquer outra parte da Sicília, onde seria mais difícil combatê-los, e estavam decididos a obrigá-los rapidamente a travar uma batalha naval no lugar que mais lhes conviesse. Por esse motivo, mandaram tripulações para os barcos e fizeram exercícios navais durante os dias que julgaram necessários. [2] Quando a ocasião propícia se apresentou, no primeiro dia investiram contra as linhas dos Atenienses, e quando um

pequeno contingente de hoplitas e cavaleiros avançou por certos portões, isolaram um determinado número não significativo de hoplitas e cavaleiros e fizeram-nos voltar ao perseguirem-nos. Sendo a entrada estreita, perderam os Atenienses setenta cavalos e não muitos hoplitas.

LII. Nesse dia retiraram-se as tropas dos Siracusanos, mas no dia seguinte fizeram-se ao mar com os navios, que eram setenta e seis, e ao mesmo tempo atacaram com as tropas de terra as linhas de defesa. Os Atenienses por sua vez fizeram-lhe frente com oitenta e seis navios, aproximaram-se e travaram batalha naval. [2] Derrotaram os Siracusanos e seus aliados em primeiro lugar o centro da armada ateniense e depois Eurimedonte, que estava à frente na sua ala direita e cujo plano era cercar os navios seus inimigos em rota mais próxima de terra. Apanharam-no num recanto do porto, e destruíram-no e aos navios que com ele estavam. Depois disso puseram-se no encalço dos restantes navios dos Atenienses e forçaram-nos a ir para terra.

LIII. Quando Gilipo viu os navios inimigos vencidos e desviados para fora dos pilares e do seu acampamento, quis matar os que desembarcavam, para que os Siracusanos com mais facilidade pudessem rebocar os navios de uma terra que era sua amiga, e veio em seu auxílio até ao quebra-vagas trazendo consigo uma parte das tropas. [2] Mas os Tirsenos, a quem estava confiada a guarda do que era dos Atenienses naquele lugar, vendo que eles avançavam em desordem, lançaram-se contra eles e atacaram e derrotaram a vanguarda que lançaram para o pântano denominado Lisimeleia. [3] Seguidamente veio para o terreno uma força mais numerosa de Siracusanos e seus aliados e então os Atenienses vieram reforçar a sua posição, uma vez que temiam pelos seus barcos, e na batalha travada venceram-nos e perseguiram-nos, matando um número reduzido de hoplitas, mas salvaram

grande número de barcos que levaram para o acampamento onde atracaram, ainda que faltassem dezoito barcos retidos pelos Siracusanos e seus aliados, que mataram as tripulações inteiras. [4] Quanto aos restantes barcos, quiseram os inimigos queimá-los, e para essa finalidade encheram uma velha barcaça com mato seco e feixes de lenha, e como o vento soprava em direcção dos Atenienses, deitaram-lhe fogo e mandaram a embarcação contra eles. Os Atenienses temendo pelos seus navios, montaram obstáculos para extinguir o fogo, e tendo conseguido dominar as chamas e evitar que a barcaça lhes chegasse ao pé, afastaram o perigo.

LIV. Depois disto, os Siracusanos levantaram um troféu pela batalha naval e por terem interceptado os hoplitas, quando subiam para a fortificação da qual também tinham capturado os cavalos, e os Atenienses fizeram o mesmo para comemorar o feito dos Tirsenos que tinham lançado a infantaria no pântano, e, porque tinham vencido o resto do exército.

LV. Fora decisiva a vitória marítima agora obtida pelos Siracusanos. Pois anteriormente estavam receosos dos navios que com Demóstenes contra eles tinham vindo, e os Atenienses, por seu lado, tinham sido totalmente dominados pelo desânimo. Os seus cálculos tinham saído errados e era facto ainda muito mais negativo o terem tomado parte na expedição. [2] Eram estas as únicas cidades contra as quais tinham feito guerra, e que eram governadas por um regime parecido com o seu, pois viviam num sistema democrático como o deles e dispunham de navios, de cavalos e de grandeza. Não tinham conseguido, por conseguinte, fazê-las alterar o seu regime de governação no que era diferente do seu, nem trazê-las para o seu lado pela discórdia da transformação política, ou então empregando o aparelho do seu maior poder; tinham pois falhado na maior parte das tenta-

tivas, o que os levou a grande perplexidade, como não acontecera antes, tanto mais que até tinham sido vencidos no mar, o que pensavam não ser possível e ainda aumentava a sua má surpresa.

LVI. Os Siracusanos, por sua vez, começaram então a navegar livremente dentro do porto e pensaram fechar-lhe a embocadura, a fim de que os Atenienses, mesmo que o quisessem, nunca pudessem fazer-se ao largo, ainda que furtivamente. [2] Neste momento já não cuidavam os Siracusanos em salvar-se, mas sim em impedir o inimigo de escapar, pois estavam conscientes, como era o caso, de que depois do que se passara, eram eles que detinham o maior poder, e que se conseguissem dominar os Atenienses e seus aliados, por terra e por mar, esse feito seria considerado glorioso entre os Helenos. Desta forma os restantes Helenos ficariam imediatamente em liberdade e salvos do medo, pois o que ainda restava da força dos Atenienses já não seria capaz de fazer frente a uma guerra que contra eles fosse movida, enquanto eles, os Siracusanos pensavam que seriam depois muito admirados pelo resto da Humanidade e pelos vindouros, como sendo autores dessa libertação. [3] Mas se por estes feitos, a sua luta tinha ganho dignidade, tinham além disso não só levado a melhor aos Atenienses, mas igualmente a muitos dos outros aliados, não tendo levado a cabo esse feito sozinhos, mas juntamente com os que tinham vindo reforçá-los, comandando lado a lado com Coríntios e Lacedemónios, tendo oferecido a sua própria cidade para correr esse risco, e sendo eles que, à frente de todos, foram responsáveis pelo sucesso naval. [4] Um sem-número de povos vieram juntar-se diante de uma só cidade, se não metermos nessa conta a totalidade da gente que esteve presente nesta guerra pelas cidades dos Atenienses e dos Lacedemónios.

Os aliados das duas potências helénicas

LVII. São os seguintes os povos de ambos os lados que vieram contra a Sicília ou a favor da Sicília, uns que vieram para conquistar o país, os outros que a queriam salvar, pois todos lutaram em Siracusa, nem por motivos ditados pela ordem jurídica, nem tão-pouco estavam lado a lado por serem de origem comum, mas a cada um moviam motivações, quer fossem por interesse, quer por obrigação conforme as circunstâncias em que foram colocados. [2] Os Atenenses que eram legítimos Jónios foram de livre vontade contra os Siracusanos que eram Dórios; fizeram também campanha em conjunto com eles por serem todos colónias de Atenas os Lémnios, Ímbrios e Eginetas, que então ocupavam Egina, visto que falavam a mesma língua e se regiam pelas mesmas leis, e ainda os Hestieus que na ilha Eubeia habitavam Hestieia. [3] Quanto aos restantes, uns fizeram-no por serem vassalos de Atenas, outros, embora independentes, por via de uma aliança, e também havia os mercenários que se juntavam à expedição. [4] Entre os vassalos que pagavam tributo contavam-se os Erétrios, os Calcidenses, os Estireus e os Carístios, que eram da ilha Eubeia, mas das outras ilhas eram os Quios, os Ândrios e os Ténios, e da Jónia os Milésios, os Sâmios e os Quios. De entre estes, os Quios, embora obrigados a pagar tributo, eram livres, mas acompanhavam os Atenenses, fornecendo-lhes navios. Na sua maioria todos eram Jónios e descendiam dos Atenenses, à excepção dos Carístios, que eram Dríopes, e embora vassalos e obrigados a servir, eram igualmente Jónios e acompanhavam a expedição contra os Dórios. [5] Além destes havia povos da raça eólica, os Metimneus que forneciam barcos, mas não pagavam tributo, os Tenédios e os Énios. Estes, embora Eólios, lutavam por força das circunstâncias no exército siracusano contra os seus fundadores Eólios e Beócios, enquanto os Plateenses, que eram nativos

Beócios, lutavam contra os Beócios, pelo que parece, simplesmente por motivos de ordem particular. [6] Havia também os de Rodes e os Citérios, ambos Dórios, mas os Citérios que eram colonos dos Lacedemónios pegaram em armas ao lado dos Atenienses contra os Lacedemónios comandados por Gilipo, enquanto os de Rodes, que eram da mesma raça que a dos Argivos, eram forçados a combater contra os Siracusanos que eram Dórios, e também contra os Geloos, que eram seus colonos mas que combatiam ao lado dos Siracusanos. [7] Dos ilhéus que viviam em redor do Peloponeso, os Cefalénios e Zacíntios, que eram independentes, condicionados sobretudo pela sua posição insular, visto que eram os Atenienses que dominavam o mar, também os seguiam. Os Corcireus que não só eram da raça dória, e abertamente coríntios, contra os Coríntios, e os Siracusanos, pois eram colonos dos primeiros e compatriotas dos segundos, também assim se comportavam, impelidos pelo seu bom senso, mas na realidade, porque assim o queriam, devido ao ódio que sentiam pelos Coríntios. [8] E os agora chamados Messénios de Naupacto e de Pilos, que então estava sob o poder dos Atenienses, foram igualmente para a guerra. E ainda havia os exilados de Mégara que não eram muitos e que por força do destino tinham de lutar contra os Megarenses de Selinunte. [9] A campanha em que estes estavam implicados era provocada, porém, mais por sua própria vontade do que pela dos outros. Quanto aos Argivos, foi menos devido à aliança, mas sobretudo devido ao ódio que sentiam pelos Lacedemónios e por particulares interesses de momento, que levavam Dórios a acompanhar Atenienses que eram Jónios contra Dórios, enquanto os Mantineus e outros mercenários dos Arcádios habituados a carregar sempre contra os inimigos, que lhes fossem indicados e que nessa altura eram os Arcádios, que alinhavam com os Coríntios e que, só eram inimigos por nada menos que devido ao dinheiro que pensavam ir ganhar. Assim também

os Cretenses e os Etólios que só eram atraídos pelo dinheiro, tendo acontecido aos Cretenses irem por dinheiro, voluntariamente, eles que com os Rodienses tinham fundado Gela, não a favor dos seus fundadores mas sim contra os que lhes deram a colónia. [10] Também alguns Acarnânios, o faziam, ao mesmo tempo pelo pagamento, mas sobretudo devido à admiração por Demóstenes e boa vontade para com os Atenienses, sendo seus aliados, também prestaram o seu auxílio. Todos estes viviam no golfo Jónio. [11] Dos Itálicos foram os Túrios e os Metapontinos que, obrigados pelas vicissitudes de momentos revolucionários da ocasião, tiveram também de tomar aquele partido, bem como entre os Siciliotas, os Náxios e os Cataneus, e mesmo os Egesteus de entre os Bárbaros, que tiveram de avançar, e assim também a maioria dos Sicelos, e alguns dos Tirsenos de fora da Sicília, devido a desavenças com os Siracusanos e igualmente os mercenários Japígios. Foram estes os povos que fizeram a guerra ao lado dos Atenienses.

LVIII. Por seu lado, os Siracusanos eram ajudados pelos Camarineus seus vizinhos e pelos Geloos, que viviam nos arredores destes últimos; seguidamente como os Agrigentinios se mantinham neutrais, pelos Selinúncios que viviam logo a seguir a eles. [2] Todos eles viviam no sector da Sicília que estava voltado para a Líbia, e pelos Himérios provenientes da parte que se situa em frente do mar Tirreno, na qual eram os únicos habitantes helénicos, sendo eles somente os que daquela região os vieram reforçar. [3] Foram estes os únicos povos da raça helénica que ao lado deles combateram, todos eles independentes da raça dórica, e por parte dos Bárbaros só os Sicelos foram os únicos que não se passaram para o lado dos Atenienses. Dos Helenos de fora da Sicília, houve os Lacedemónios que lhes proporcionaram um comandante espartano e uma força de escravos, agora forros, e de Hilotas; por outro lado, os Coríntios foram os

únicos que a eles se juntaram com armada e forças terrestres, bem como os Leucádios e os Ambraciotas por serem da sua raça, e igualmente mercenários da Arcádia foram enviados pelos Coríntios, e os Siciónios com a obrigação de combater, e dos povos de fora do Peloponeso, os Beócios. [4] Em comparação com estas forças que lhes chegavam de fora, os próprios Siceliotas conseguiram juntar ao todo um número ainda maior formado pelos habitantes das grandes cidades. Com efeito grande número de hoplitas, de navios e de cavaleiros e, enfim, além destes, uma inumerável multidão foi agrupada. Mas em relação a todos estes, pode de novo dizer-se, que foram os mesmos Siracusanos que conseguiram congregar ainda um maior número, devido à grandeza da cidade e pelo facto de se encontrarem no maior dos perigos.

LIX. Era este o número de tropas auxiliares que se tinham juntado em ambas as frentes, as quais já naquela ocasião estavam presentes na sua totalidade e nenhuma das partes recebeu em qualquer altura qualquer outro reforço.

A catástrofe ateniense, depois da batalha em terra e mar, pela quarta vez

[2] Havia pois motivos para que os Siracusanos e seus aliados tivessem razões para pensar que um belo desenlace estava ao seu alcance, depois da recente vitória na batalha naval em que capturaram a totalidade das forças dos Atenienses, sem que os deixassem escapar para qualquer outro lado, fosse pelo mar, fosse por terra. [3] Fecharam imediatamente o Grande Porto, que tinha pelo menos oito estádios de embocadura, com trirremes atravessadas, com embarcações de grande e pequeno calado, que fixaram com âncoras e outros obstáculos, caso os Atenienses se atravessassem a

combater, por terem congeminado fosse o que fosse que teria pouco peso no respeitante aos seus planos.

LX. Os Atenienses ao verem que o porto estava encerrado e pressentindo que os inimigos tinham ainda outros planos, julgaram ser altura de convocar um conselho de guerra. [2] Os estrategos e os taxiarcas reuniram-se e discutiram as dificuldades da situação presente e seus outros aspectos, particularmente o facto de que já não tinham mantimentos para as necessidades imediatas, tanto mais que tinham mandado emissários a Cátana para dizer que não mandassem mais, uma vez que iam fazer-se ao mar, nem tão-pouco as iriam ter no futuro, a menos que dominassem os mares. Decidiram então retirar-se das muralhas mais altas, e levantando um muro atravessado junto dos barcos, reservaram o menor espaço possível, onde montariam uma guarnição, que fosse suficiente para albergar os equipamentos e os doentes, e da qual levassem todos os homens que pudessem ser aproveitados do que-lhes sobrava das forças terrestres, para com eles embarcarem em todos os navios, quer estivessem em boas condições de navegar ou menos boas, a fim de travarem batalha no mar e, caso vencessem, rumarem para Cátana, e, se assim não fosse, queimariam os barcos, e depois de formarem em ordem de batalha, retirar-se-iam o mais rapidamente possível para qualquer região, bárbara ou helénica, que pudessem atingir, desde que fosse sua amiga. Foi assim, visto que chegaram a acordo, que fizeram. [3] Desceram das muralhas mais altas e encheram com homens todos os navios, obrigando a embarcar quem quer que fosse, desde que parecesse ter idade e estar em forma para poder servir. [4] E assim conseguiram encher todos os navios, cerca de cento e dez. Puseram também a bordo muitos archeiros e lançadores de dardos dos Acarnânios e de outros grupos estrangeiros a que juntaram outros carregamentos ditados pela natureza do seu plano e pela necessidade. [5] Nícias

então, quando quase tudo estava preparado, dando-se conta de que os soldados estavam desanimados pelo facto sem precedentes de terem sido duramente derrotados no mar, e que ao mesmo tempo queriam, devido à escassez de mantimentos, arriscar-se em batalha o mais depressa possível, mandou-os juntarem-se todos e dirigiu-se primeiramente a eles dizendo-lhes as seguintes palavras:

LXI. “Soldados dos Atenienses e dos aliados, a luta em que vamos entrar é de comum interesse para nós todos, porque estão em causa a salvação e a pátria de cada um e não menos as dos inimigos. Se agora conseguirmos vencer com os nossos barcos, será possível voltar a ver a cidade onde nascemos, esteja ela onde estiver. [2] É preciso não perder o ânimo nem ter medo, como se fôsseis homens sem qualquer experiência que, quando nos primeiros recontros falham, a seguir mantêm, devido ao medo, uma esperança só ligada a desgraças. [3] Estais aqui presentes como homens de Atenas, que já têm experiência de muitas guerras, ou então como homens das forças aliadas, que sempre lutaram ao nosso lado, e lembrai-vos das enganosas expectativas das guerras, mantendo a esperança de que a sorte pode também estar do nosso lado, preparai-vos para vos baterdes com a dignidade que o vosso número exige, tal como a vós próprios é dado verificar.

LXII. “As vantagens que podemos ver na estreiteza deste porto e que podem servir-nos contra o grande número de navios e contra a organização dos inimigos nos conveses, que em fase inicial nos fizeram sofrer, essas também, depois de tudo discutido com os pilotos, estão à nossa disposição preparadas por nós nas circunstâncias presentes. [2] Grande número de arqueiros e de lançadores de dardos embarcarão, autêntica multidão, da qual não faríamos uso se entrássemos em batalha naval no mar alto, porque o nosso saber seria

anulado pelo peso das embarcações, mas será contudo útil na luta parecida com a terrestre que seremos forçados a travar a bordo dos barcos. [3] Também descobrimos as alterações que era preciso fazer nos nossos navios, contra os deles, sobretudo em relação à espessura das suas amuradas, que bastantes danos nos fizeram, e por meio da produção de arpéus de abordagem que impedirão que o navio que sobre nós se lançar faça marcha à ré, se as equipagens fizerem nas cobertas o que devem. [4] Para esta finalidade fomos forçados a travar uma luta, como em terra, de cima dos navios, e é evidente que nem a nós interessa fazer marcha à ré, nem deixar ao inimigo fazer tal manobra, principalmente quando o litoral é terreno hostil, excepto na pequena área que as nossas tropas terrestres ocupam.

LXIII. “É indispensável que vos lembreis disto, tanto quanto puderdes, para combater até à última e que não vos deixeis empurrar para terra, nem desatracar, quando um navio aborde outro navio, antes de estardes certos de que haveis varrido os hoplitas da cobertura do navio inimigo. [2] Digo estas palavras mais para os hoplitas do que para os marinheiros, porque é aos que estão em cima que mais compete esta tarefa, tanto mais que é nosso privilégio termos ainda hoje a vantagem das nossas forças terrestres. [3] Aos marinheiros dou o conselho, ao mesmo tempo que imploro, que não se deixem frustrar em demasia com os nossos insucessos, numa altura em que estamos mais bem preparados nos nossos conveses e dispomos de maior número de embarcações. Deixai-vos penetrar por esse sentimento de orgulho, que é digno de ser preservado, enquanto sois considerados Atenienses, mesmo os que o não são por nascimento, ao serdes admirados, até para além da Hélade, pelo domínio da nossa língua e imitação da nossa maneira de estar, pelo facto de terdes partilhado em não menor escala das vantagens do nosso império no que respeita o medo inspirado nos nossos

súbditos e a protecção contra injustiças. [4] A vós que tendes, em conjunto connosco e em plena liberdade, partilhado o nosso império, é justo pedir que não o sujeiteis à traição, e com desprezo pelos Coríntios, os quais vencestes bastas vezes, e também pelos Siciliotas, nenhum dos quais, quando a nossa armada estava no apogeu, jamais se atreveu a fazer-vos frente, pedir-vos que os mantenhais a distância, para mostrardes que, mesmo numa situação de fraqueza e de insucesso, o vosso saber é mais forte do que o vigor dado pela sorte a qualquer outro.

LXIV. “Aos Atenienses, que estão entre vós, quero lembrar mais uma vez que os barcos que deixastes nas vossas docas, não são iguais em qualidade aos que estão aqui, nem tão-pouco é a mesma a idade dos hoplitas que lá estão, e que se não estiver ao vosso alcance outro resultado que não seja a vitória, estes mesmos inimigos irão imediatamente navegar para lá e os nossos compatriotas que lá deixámos, não serão capazes de se defender dos que lá existem e dos que daqui vão. Vós aqui caireis logo nas mãos dos Siracusanos, e já sabeis com que intenções os viestes atacar, e os que estão na nossa terra cairão nas mãos dos Lacedemónios. [2] Visto que ambas as partes dependem desta única batalha, resisti e lembrai-vos, cada um e todos, quando agora estiverdes a bordo dos vossos navios, que sois os soldados dos Atenienses, bem como os seus marinheiros, e que a nossa cidade está abandonada e o glorioso nome de Atenas, em cuja defesa lutais; e se alguém tem vantagem sobre outro em destreza ou coragem, não terá outra ocasião melhor para o demonstrar, do que servindo os seus próprios valores e contribuindo para salvar os outros.”

LXV. Logo que Nícias acabou de proferir estas palavras, ordenou que imediatamente todos embarcassem nos navios. Entretanto Gilipo e os Siracusanos puderam perceber pelos

preparativos que viam estar a ser executados que os Atenienses se preparavam para combater no mar. [2] Tinham sido informados do lançamento dos ganchos de ferro e preparavam-se contra outras eventualidades e contra esta também. [3] Cobriram então as proas e a borda superior da amurada dos navios com cabedal, por forma a que o gancho ao ser lançado, escorregasse e não conseguisse agarrar. Depois de tudo pronto, Gilipo e os estrategos dirigiram-se aos soldados e disseram o seguinte:

LXVI. “Dos feitos gloriosos que foram por nós já praticados e dos que estão ainda para ser realizados na batalha que vai ser travada, Siracusanos e aliados, parece-nos que muitos de vós tendes consciência — nem de outra forma seria possível que resistísseis com tanta coragem —, no caso porém de haver alguém que não esteja a par desses factos como deve, vamos então explicar. [2] Os Atenienses vieram para este país, em primeiro lugar, para conquistar a Sicília, e depois disso feito, caso tivessem sucesso, para conquistar o Peloponeso e o resto da Hélade, tendo já em seu poder o maior império, nunca conhecido, nem hoje nem no passado, entre os Helenos. Fostes vós os primeiros homens que lhes fizestes frente na guerra marítima, onde tinham tudo dominado, e já os vencestes no mar, e é previsível que também agora nesta os vencereis. [3] Ora, quando homens são desfeiteados no domínio em que se julgam superiores, o que lhes resta de auto-estima passa a ser mais fraco do que alguma vez o foi, como se em tempos passados não tivessem pensado na sua superioridade, e neste momento cedem por terem feito descer a sua capacidade de elogio abaixo de qualquer esperança e de qualquer vigor do poder. Parece que é disso que provavelmente os Atenienses sofrem.

LXVII. “Quanto a nós, que primeiramente pelo espírito que nos animava, embora ainda pouco experientes,

fomos levados a arriscar, sentimo-nos mais fortes, e como a esse sentimento se junta a convicção de que somos os mais fortes, porque os mais fortes vencemos, redobrou em cada um de nós a esperança, e na maior parte dos casos, a maior das esperanças provoca a maior coragem para a acção. [2] No que respeita a técnica de combate não passa ela de uma imitação para nós familiar porque a utilizamos e estaremos preparados para nos adaptarmos a cada uma das suas versões. Mas eles, quando têm muitos hoplitas em cima das cobertas, o que vai contra as suas regras, e muitos archeiros vindos dos campos, por assim dizer, acarnânios e outros que mandam ir para os navios, não sabem estes disparar as armas, porque têm de estar sentados para não desequilibrarem as embarcações e mesmo entre eles próprios se atrapalham, porque cada um combate à sua maneira? [3] Porque não vão conseguir tirar partido do grande número de navios de que dispõem, se é que algum de vós tem porventura receio de se bater no mar com uma armada em número desigual, ao passo que num espaço diminuto, com um grande número de navios serão mais lentas a executar as operações pretendidas, e mais fáceis de atingir pelos meios de que dispomos. [4] Mas quereis saber toda a verdade, sobre a qual julgamos estar bem informados: os males que os atingiram e a confusão presente, lançou-os no desespero não por falta de confiança na sua preparação, mas sim na sua sorte, o que os leva a arriscarem da forma como puderem, para que, ou forcem a fuga por mar, ou a saída por terra, ou seja, fazendo o que fizerem, nada pode ser pior do que as circunstâncias em que se encontram.

LXVIII. “Perante uma tal desordem, que se traiu a ela própria, e perante a sorte de homens que são os nossos maiores inimigos, lancemo-nos contra eles com fúria e ao mesmo tempo com a convicção de que nada é mais digno de crédito, quanto a adversários, do que ousar satisfazer a

sua animosidade ao impor justiça, castigando quem nos agrediu, ao mesmo tempo que, se nos for dado vingar-nos dos nossos inimigos, é, segundo o provérbio, tudo quanto há de mais doce. [2] São eles inimigos mortais, como todos sabeis, que para aqui vieram para escravizar a nossa terra, e, se o tivessem conseguido, para imporem aos nossos homens as penas mais cruéis, e para os nossos meninos e mulheres as privações mais vergonhosas, e para toda a cidade o título mais indigno. [3] Perante tais factos, não digo que alguém se deixe amolecer ao ponto de acreditar que já é um ganho deixá-los partir, sem que as nossas vidas corressem perigo. Seria isso exactamente que eles fariam de igual forma se conseguissem obter a vitória? Por nossa parte, se conseguirmos, como é provável, fazer o que queremos, ou seja, castigá-los e permitir a toda a Sicília a liberdade de antanho, providenciando para que seja mais poderosa, a batalha valerá a pena. Os perigos mais raros são aqueles em que as acções falhadas provocam perdas pequenas, ao passo que ao sucesso trazem grandes vantagens.”

LXIX. Após a exortação aos soldados sob o seu comando, os estrategos siracusanos e Gilipo depois de verem que os Atenenses estavam a entrar para os barcos, começaram imediatamente também a embarcar nos seus. [2] Entretanto, Nícias, preocupado com a situação que se apresentava, e vendo quão grande era o perigo que tão próximo estava, agora que se preparava para largar das margens, e acreditando que nos momentos graves, os que enfrentam o perigo são capazes de agir em conformidade, e que, quando tudo parece dito, coisas que interessam há ainda para dizer, de novo convocou os trierarcas, um por um, tratando-o pelo nome do pai, pelo próprio nome e pelo da sua tribo, exortou cada um a que, se ambicionavam qualquer feito glorioso, que não traissem então o seu renome pessoal, que obscurecesse os valores pátrios, em que os seus

antepassados se tinham distinguido. Lembrou-lhes então a pátria, a mais livre de todas e na qual a maneira de viver de cada um não era controlada pelo poder; e deu mais argumentos do género dos que os homens suscitam em ocasiões deste tipo, não se inibindo de pregar os que a muitos parecerão antiquados, e que servem para todas as ocasiões, como sejam os que dizem respeito às mulheres, às crianças e aos deuses pátrios, princípios que dizem em alta voz, por acreditarem que tais ditos podem ser úteis em ocasiões perturbadas como esta. [3] Depois de os ter exortado, não tanto como era necessário, mas sim como lhe foi possível, afastou-se e mandou dirigirem-se as tropas para o mar, deu ordens para que se perfilassem até tão longe quanto possível, no sentido de dar grande ajuda à moral dos que estavam a bordo. [4] Demóstenes, Menandro e Eutidemo, os quais tinham embarcado nos navios dos Atenienses para os comandarem, saíram da posição em que estavam e imediatamente navegaram em direcção à barreira que fechava o porto e navegaram para o espaço vazio que tinha ficado, ao quere-rem forçar a saída para fora.

LXX. Mas os Siracusanos e os seus aliados já tinham avançado com os navios em número próximo do que tinham antes, e uma parte deles estava de guarda à saída, enquanto a outra rondava à volta do restante espaço do porto, para que simultaneamente pudessem cair de todos os lados sobre os Atenienses, enquanto as tropas terrestres se aproximaram ao mesmo tempo para ajudar no espaço onde os barcos podiam vir para junto da costa. Comandavam aquela força naval do lado dos Siracusanos, Sicano e Agatarco, dominando cada um a sua ala, com Piten e os Coríntios no meio. [2] Logo que os Atenienses se envolveram na barreira, ao primeiro embate afastaram as embarcações alinhadas e tentaram quebrar as cadeias que as entreligavam; depois disto, como os Siracusanos e os aliados os atacassem de todos os

lados, a batalha naval não se limitou a fazer-se junto da barreira, mas estendeu-se pelo porto e foi mais violenta do que qualquer das outras em tempos anteriores. [3] Muita foi a coragem em ambas as frentes por parte dos marinheiros que avançavam todas as vezes que assim lhes era ordenado, e muita a destreza dos homens do leme bem como a competição entre ambos os grupos. Cada vez que uma embarcação embatia noutra, não deixava que o que se fazia na coberta ficasse atrás do desempenho dos outros, numa palavra, cada um tentava, em cada iniciativa em que se lançava, ser considerado o primeiro. [4] Era num pequeno espaço que inúmeros barcos se defrontavam; foi o maior número de sempre que se bateu em espaço tão restrito, pois na sua totalidade pouco faltava para que de ambos os lados se contassem duzentos navios, e por isso poucos foram os choques de proa com proa que se deram, porque não havia espaço para marchas à ré ou para cortar a linha inimiga, enquanto os choques, quando acontecia um navio colidir com o outro, quer para fugir, quer para atacar, eram raros. [5] Todas as vezes que um navio procurava abalroar outro, os que estavam nas cobertas lançavam sem cessar dardos, setas e pedras sobre ele. Quando porém conseguiam navegar amurada contra amurada, os guerreiros tentavam lutar corpo-a-corpo e praticar a abordagem nos navios uns dos outros. [6] Aconteceu muitas vezes que, devido à estreiteza do espaço, quando uns abordavam outros, os seus navios eram abordados do outro lado, e também, quando dois ou mais navios eram forçados a ficar pegados num só, obrigavam os pilotos nuns casos a defender, noutros a atacar. Não era uma só acção a seu tempo, mas muitas por onde quer que fosse, enquanto o enorme ruído provocado por muitos navios que embatiam ao mesmo tempo uns nos outros, provocava terror, e simultaneamente a impossibilidade de ouvir as ordens que os comandantes transmitiam. [7] Eram de facto constantes as ordens e os gritos dos comandantes, que cumpriam o seu

dever em ambas as frentes e no calor da refrega, enquanto aos Atenienses gritavam eles de maneira a ultrapassar pela força a barreira, e agora mais do que nunca para reagir com coragem pela salvação da pátria, e os Siracusanos e aliados para conseguir o feito admirável que seria de impedir os inimigos de passar e, ao vencerem, de prestigiar a pátria natal de cada um dos intervenientes. [8] Os estrategos de ambos os lados, se vissem em qualquer situação que alguém, sem ser forçado, se dirigia em marcha à ré para terra, chamavam pelo nome o trierarca e perguntavam, os Atenienses, se pensava, ao ir encalhar numa terra tão sua inimiga, se ela era mais acolhedora para ele do que ir para o mar que com tanto custo tinham conquistado, ao passo que os Siracusanos perguntavam se ia a fugir à frente dos Atenienses que já fugiam, sabendo claramente que queriam escapar-se fosse de que maneira fosse.

LXXI. Enquanto a batalha naval se manteve equilibrada, as tropas terrestres de ambas as partes foram dominadas pela angústia e pela expectativa nas suas emoções, pois o exército local que tinha conquistado uma vitória, ansiava por uma outra ainda maior, ao passo que os invasores temiam que lhes acontecesse ainda pior do que antes. [2] Para os Atenienses tudo estava dependente da sua armada, mas o medo que sentiam pelo que se estava a passar em nada era semelhante ao que tinham experimentado, e o que se passava na guerra marítima não era igual quanto à visão que eram forçados a ter pelas posições que ocupavam em terra. [3] Pouco espaço abrangia o que se podia ver da acção na medida em que nem todos estavam a olhar para a mesma zona, e se alguns viam os seus camaradas a levar a melhor, ganhavam coragem e voltavam-se para os deuses, a quem rogavam que não os impedissem de sair dali sãos e salvos; os que dirigiam o olhar para os que estavam a ser batidos, entregavam-se aos lamentos gritados, e eram mais afectados

no ânimo por verem o que estava em curso do que os que estavam a combater. [4] Outros estavam a olhar para um lado diferente da batalha naval, devido a esta ser travada sem decisão, e os corpos movendo-se para um e outro lado reflectiam a agitação das suas mentes, de acordo com a opinião que tinham sobre a batalha, pois dela pendia por um triz a sua fuga ou a sua aniquilação. Nas próprias forças armadas dos Atenienses, enquanto o resultado da refrega foi duvidoso, ouviam-se igualmente toda a espécie de sons, desde o lamento ao grito, desde os gritos de vitória aos lamentos da derrota, e toda a espécie de manifestações ruidosas que um vasto exército em grande perigo é obrigado a emitir. [5] O mesmo se passava com os que estavam a bordo, até que finalmente os Siracusanos e seus aliados depois de ter durado a batalha muito tempo, puseram em fuga os Atenienses, e, vencendo-os brilhantemente e com muitos gritos e toda a espécie de manifestações, obrigaram-nos a ir para terra. [6] Foi então que as forças navais, as que se tinham salvo sem se afundarem, umas por um lado, outras por outro, desceram dos barcos e precipitaram-se para o acampamento; porém, as forças terrestres, já não divididas nas suas reacções, num impulso único, com altos gritos e gemidos, sentindo-se humilhadas, vieram umas para defender os barcos e outras para guardar o que restava da fortificação; outras, contudo, e em maior número, pensavam sobretudo em si próprias e como se salvar. [7] Naquele preciso momento não era possível diminuir o choque que se sentia com tudo o que se passava. Sofriam agora emoções parecidas com as que elas próprias tinham infligido em Pilos. Com os seus navios destruídos também, os Lacedemónios tinham ali perdido os homens que atravessaram para a ilha; igualmente os Atenienses não tinham qualquer esperança agora de escapar por terra, a menos que acontecesse alguma coisa extraordinária.

Queda e percurso da grande potência ateniense

LXXII. Foi uma batalha rija em que se perderam muitos barcos e homens de ambos os lados. Depois de terem vencido, foram então os Siracusanos e os seus aliados recolher os destroços e os mortos, e depois de terem regressado à cidade, ergueram um troféu, [2] enquanto os Atenienses acabrunhados pela enorme desgraça daquela ocasião, nem pensaram em pedir que os deixassem recolher os destroços e os mortos, pois planeavam escapar imediatamente ao cair da noite. [3] Demóstenes foi ao encontro de Nícias e sugeriu-lhe que deviam fazer encher de homens os barcos que restavam, e forçar, caso fosse possível, ao nascer da aurora, a sua saída por mar, argumentando que ainda era maior o número de barcos que lhes restavam, do que o dos inimigos. De facto tinham ainda os Atenienses sessenta barcos capazes, enquanto os adversários tinham menos de cinquenta. [4] Nícias acedeu à sugestão, mas quando os quiseram equipar, os marinheiros não quiseram embarcar por estarem combalidos pela derrota e por pensarem que jamais conseguiriam ter uma vitória.

LXXIII. Agora já todos tinham a mesma opinião de que deveriam ir por terra. Entretanto o siracusano Hermócrates suspeitando da sua intenção e estando certo de que era perigoso, se uma força tão grande se retirasse para terra, pois se se fixassem alguns na Sicília poderiam querer de novo mover-lhes guerra, foi explicar as suas razões aos que eram seus superiores, dizendo-lhes que não deviam deixá-los ir por terra durante a noite, mas que sem perder tempo todos os Siracusanos e aliados deviam barricar as estradas e antecipar-se para guardar as passagens mais estreitas da região. [2] Concordaram inteiramente os seus superiores com aquela proposta e decidiram o que devia ser feito, mas como os homens depois de tão importante batalha naval, o que

desejavam de momento era descansar, e também porque naquela mesma altura se celebrava uma festividade, pois entre os Siracusanos calhava ser naquele dia que se celebravam os sacrifícios a Héracles, pareceu-lhes que não seria o momento para que lhes quisessem dar ouvidos. Na verdade, na alegria reinante da vitória, muitos, durante o festival, tinham-se entregado à bebida, e poder-se-ia tentar convencê-los mais facilmente de tudo, excepto fazê-los pegar em armas e porem-se em marcha naquela altura. [3] Como era evidente que os chefes pensavam que a proposta era inaplicável e que de forma alguma Hermócrates os conseguiria convencer, recorreu então Hermócrates a um outro estratagema da sua própria autoria, porque tinha receio que os Atenienses devido à calma existente, se adiantassem e durante a noite atravessassem as passagens mais perigosas da região. Por isso mandou alguns dos seus camaradas juntamente com cavaleiros, para junto do acampamento dos Atenienses, logo que começou a anoitecer, e aproximaram-se para suficientemente perto para que pudessem ser ouvidos e chamaram mesmo alguns pelo nome, como se fossem amigos dos Atenienses, e pediram para explicar a Nícias, visto que Nícias tinha alguns agentes duplos na cidade, que não avançasse durante a noite com o exército, porque os Siracusanos já tinham guardas pelos caminhos, mas que se preparassem para partir calmamente durante o dia. [4] Disse-ram isto e foram-se embora, e os que tinham ouvido o recado comunicaram-no aos estrategos dos Atenienses.

LXXIV. Estes, depois do aviso, desistiram de partir de noite, acreditando que não se tratava de uma mensagem enganosa. Depois, como não partissem logo, pareceu-lhes melhor ficarem no dia seguinte, para que os soldados pudessem embalar o que estava disponível, tudo o que fosse de primeira utilidade e, deixando para trás tudo o resto, transportarem consigo os mantimentos que fossem indispen-

sáveis para a manutenção dos seus corpos. [2] Os Siracusanos e Gilipo partiram então com a infantaria para bloquearem os caminhos da região por onde era previsível que os Atenenses passassem, e fecharam os vaus dos riachos e dos rios, colocando guardas para receber o exército e estacionaram no sítio por onde os podiam impedir de atravessar. Avançaram, por outro lado, com os navios para terra e rebocaram da praia os barcos dos Atenenses (tinham queimado algumas poucas embarcações os próprios Atenenses, tal como tinham decidido), e as restantes, os Siracusanos, uma vez que ninguém os impedia, tranquilamente e cada uma do lugar em que estava varada, ligaram-nas aos seus barcos e levaram-nas para a cidade.

A dramática retirada para Atenas

LXXV. A seguir a estes acontecimentos, quando pareceu a Nícias e a Demóstenes que já estavam suficientemente preparados, procedeu-se ao levantamento do exército já no terceiro dia depois de se ter travado a batalha naval. [2] Foi de facto uma cena terrível e não unicamente pela simples razão de que partiam depois de terem perdido os navios, mas porque em vez de uma grande esperança estavam eles a correr perigo, eles e a cidade, porque ao abandonarem o acampamento saltava aos olhos e ao espírito de cada qual, um sentimento doloroso. [3] Tinham ficado os mortos por sepultar e quando qualquer homem via jazendo no terreno algum dos seus amigos, ficava prostrado na dor e no horror, enquanto os que estavam ainda vivos e eram abandonados feridos e doentes, provocavam porventura uma dor muito maior aos sobreviventes por serem mais dignos de dó do que os que tinham perecido. [4] Eram esses que se lançavam em preces e em lamentos levando os amigos a não saber o que fazer, pois lhes pediam para os levarem e gritando para cada

um, se pousassem os olhos nalgum dos camaradas ou dos parentes, pendurando-se nos pescoços dos companheiros de tenda que já estavam de partida, acompanhando-os enquanto podiam, e quando as forças e o vigor do corpo lhes falhavam, eram deixados para trás não sem poucas invocações aos deuses, nem sem altos gritos, e de tal maneira que todo o exército tinha os olhos cobertos de lágrimas e em tal estado de perturbação, que não lhe era fácil partir, mesmo de uma terra inimiga, onde tinha passado por sofrimentos grandes demais para lágrimas, e quando temia o que num futuro próximo outra vez viesse a sofrer. [5] Eram muitos entre eles os sentimentos de rejeição e de culpabilidade. Lembravam, com pouca diferença, uma cidade, não pequena, que depois de ser cercada, fugia às escondidas. A multidão que se punha de momento em marcha era composta na sua totalidade por não menos de quarenta mil homens. Todos os restantes carregavam o que a cada um podia ser de utilidade, e os hoplitas e os cavaleiros, contrariamente ao habitual quando em armas, carregavam os próprios mantimentos, uns por falta de impedidos, outros por falta de confiança nestes, pois tinham desertado há muito e em maior número agora. O que transportavam não era contudo suficiente e já não havia comida no acampamento. [6] Além disso o resto da sua desgraça e a partilha dos males, embora trouxessem algum conforto por ser feita com muitos, não podia ser considerada fácil no momento presente, tão desigual quanto ao antigo esplendor e grandeza do princípio em comparação com o fim humilhante a que tinha chegado. [7] Pois esta tinha sido a maior derrota que jamais tinha acontecido a um exército helénico, que em vez de ter vindo escravizar outros, tinha agora de se retirar por medo de que tivesse de passar por isso mesmo, e em vez das preces e dos péanes, ao som dos quais se tinham feito ao mar, estavam a regressar à sua terra com imprecções bem ao contrário das outras, viajando como infantaria em vez de

o fazerem como marinheiros e tendo de confiar mais em hoplitas do que em homens do mar. E no entanto, devido à grandeza do perigo que sobre eles pendia, pareciam estes factos ainda toleráveis.

LXXVI. Vendo Nícias que o exército desanimava e estava a passar por grande alteração, atravessou junto às fileiras e tanto quanto possível nas circunstâncias presentes, tentou dar coragem e conforto, gritando mais e mais conforme passava por cada companhia, porque queria, devido à sua vontade, que aproveitassem ao máximo o que ele dizia a gritar tão alto.

LXXVII. “Atenienses e aliados, é mais indispensável que perante os acontecimentos presentes, mantenhais a esperança, pois outros houve que em circunstâncias bem piores do que estas se salvaram, nem tão-pouco vos deveis acusar com demasiada severidade, nem pelos insucessos que se deram, nem pelos sofrimentos que agora sentis sem os merecerdes. [2] Quanto a mim, que em nenhum aspecto sou mais forte do que qualquer de vós (podeis vê-lo pela doença a que estou sujeito), mas que também nas voltas da sorte pareço não ser inferior a ninguém, tanto na minha vida privada como noutros aspectos, estou agora implicado nos mesmos perigos, que os mais modestos de entre vós. No entanto a minha vida foi ditada por muita devoção aos deuses e muita acção justa e sem ofensa para com os homens. [3] Por essas razões ainda tenho uma forte esperança em relação ao futuro, e as nossas desventuras não me aterrorizam mais do que valem, e talvez se tornem mais suportáveis: os nossos inimigos tiveram a sorte pelo seu lado, e, se algum deus ficou ofendido porque fizemos esta expedição, já fomos largamente castigados. [4] Outros houve que atacaram os vizinhos, e tendo praticado o que é próprio dos homens, sofreram o que é suportável. É por isso razoável agora espe-

rar que do deus venha tratamento mais suave, pois somos já mais dignos de piedade do que de inveja. Olhai pois para vós próprios e ao mesmo tempo notai o número e a qualidade dos hoplitas que estão nas vossas fileiras e não vos deixeis abater demasiado; pensai que mal vos estabeleçais em qualquer lado, logo dais forma a uma cidade, e que na Sicília nenhuma outra cidade pôde facilmente resistir a um ataque vosso, nem tão-pouco expulsar-vos caso vos estabeleceissemos nalgum sítio. [5] Dai atenção a que a marcha seja segura e organizada, e que cada um de vós não tenha outro pensamento que não seja que a região onde foi forçado a combater, deve ser conquistada e tomada como a sua pátria e bastião. [6] A rapidez deverá ser igual de noite e de dia. Disponamos com efeito de poucos mantimentos e se conseguíssemos chegar a alguma região nossa amiga entre os Sicelos, os quais apesar do medo que têm dos Siracusanos, ainda nos são fiéis, então podereis crer que estais seguros. Já foram enviadas mensagens a esses, em que se lhes dizia para virem ao nosso encontro e trazerem mantimentos. [7] Resumindo, soldados, sabeis que é necessário que sejais homens de coragem e que perto daqui não há nenhum sítio onde, se fordes cobardes, vos possais refugiar, e se agora escapardes ao inimigo, os que de vós restarem, obtereis aquilo que agora desejais e os de vós que sois Atenienses levantareis de novo a grande força do estado, embora de momento caída. As cidades são os homens e não as muralhas, nem os navios vazios de homens!”

LXXVIII. Foram estas as palavras que Nícias proferiu, ao mesmo tempo que passava revista às forças armadas e, se nalgum caso via alguém desalinhado e fora das fileiras, levava-o a pôr-se no lugar que lhe competia; Demóstenes procedia da mesma forma com os regimentos que lhe estavam confiados e a eles se dirigiu com palavras semelhantes. [2] O exército marchava numa formação quadrada, mar-

chando à frente a divisão comandada por Nícias, que era seguida pela de Demóstenes. Marchavam os hoplitas por fora, e dentro iam os carregadores de bagagens e a maior parte da multidão armada. [3] Quando chegaram ao vau do rio Anapo, encontraram alinhadas sobre o lugar fileiras de Siracusanos e seus aliados, rechaçaram-nos e vencendo-os, passaram pelo vau do rio para a outra margem. Os Siracusanos perseguiram-nos com a cavalaria e com as setas das tropas ligeiras. [4] Nesse dia avançaram os Atenenses cerca de quarenta estádios e passaram a noite numa colina. No dia seguinte partiram cedo, avançaram cerca de vinte estádios e desceram para um lugar na planície e aí montaram o acampamento, pois queriam tirar das casas, porque o lugar era habitado, o que pudessem comer e água que dali queriam levar com eles. Não era esta abundante, na zona por onde tinham de seguir e durante muitos estádios. [5] Mas os Siracusanos entretanto passaram-lhes à frente e barricaram a passagem, onde havia uma colina com muito declive que de ambos os lados estava delimitada por ravinas escarpadas e era chamada de penhasco Acreu. [6] No dia seguinte prosseguiram a sua marcha os Atenenses, e os Siracusanos e aliados com cavalaria e lançadores de dardos, que tinham em grande número, queriam detê-los de ambos os lados e lançavam-lhes dardos e atacavam-nos com os cavaleiros. [7] Tiveram os Atenenses de lutar durante muito tempo, mas a seguir retiraram de novo para o mesmo acampamento. Só que os mantimentos já os não tinham na mesma quantidade, e não havia maneira de ainda poderem sair devido à cavalaria.

LXXIX. Logo de manhã levantaram-se de novo, puseram-se em marcha e forçaram a passagem para a colina que estava fortificada, e encontraram na sua frente a infantaria inimiga que tinha alinhado atrás de não poucos escudos para defesa da fortificação, pois a zona era estreita. [2] Os Atenenses lançaram-se ao ataque e combateram na fortificação,

onde foram alvo de uma nuvem de armas de arremesso vinda da colina que era íngreme, e os lá de cima feriam-nos com mais facilidade, e não puderam forçar a passagem e de novo tiveram de retirar e de parar. [3] Aconteceu então que alguns trovões se fizeram sentir, bem como chuva, como é hábito acontecer no fim do ano por ocasião do Outono. Esses sinais provocaram ainda mais desânimo entre os Atenienses que acreditaram estar a suceder tudo no sentido da sua destruição. [4] Enquanto repousavam, Gilipo e os Siracusanos mandaram uma parte do exército construir um muro na rectaguarda da linha por onde tinham avançado. [5] Contudo os Atenienses contra-atacaram com alguns dos seus homens e impediram que tal acontecesse. Depois disto os Atenienses bateram em retirada com todo o exército e avançaram para a planície onde acamparam. No dia seguinte avançaram de novo, mas os Siracusanos rodearam-nos, atacaram por todo o lado, e feriram muitos; se os Atenienses avançassem, eles recuavam, se recuassem, lançavam-se contra eles, mas investiam sobretudo contra as últimas fileiras, para que se derrotassem poucos que fossem de cada vez, o exército poderia entrar em pânico. [6] Durante muito tempo e desta forma, os Atenienses resistiram, mas depois de avançarem cinco ou seis estádios detiveram-se na planície, e os Siracusanos afastaram-se deles e retiraram-se para o seu acampamento.

LXXX. Durante a noite, Nícias e Demóstenes tiveram a noção de que o seu exército estava em más condições devido à falta de toda a espécie de provisões e que muitos soldados estavam gravemente feridos dos muitos recontros que tinham tido com os inimigos, e mandaram então acender fogos, no maior número possível, para que o exército continuasse a marcha não pelo mesmo caminho que tinham decidido escolher, mas sim em direcção ao mar, num sentido oposto ao que estava guardado pelos Siracusanos. [2] Este

caminho não conduzia para Cátana, mas para uma outra parte da Sicília na direcção de Camarina e Gela, e de cidades helénicas também dessa zona. [3] Atearam de facto muitos fogos e marcharam durante a noite. Todos os exércitos e mais ainda os maiores, costumam ser assaltados por medos e alarmes, especialmente quando vão por terras que lhes são adversas não muito afastadas dos inimigos, e, por isso, a confusão instalou-se entre eles. [4] As tropas de Nícias, à medida que marchavam, mantiveram-se calmas e comandavam muito à frente, enquanto as de Demóstenes, que constituíam metade ou mais ainda do exército, ficaram separadas e marchavam a passo mais desordenado. [5] Ao raiar da aurora, contudo, chegaram ao mar e partiram, tomando um caminho a que se chama Helorine, para que, quando chegassem ao rio Cacíparis, seguissem pelo curso de água até ao interior da ilha, onde esperavam encontrar os Sicelos no sítio onde tinham combinado chegar. [6] Quando chegaram ao rio, encontraram aí um destacamento de Siracusanos, que barrava a passagem para o rio com uma paliçada. [7] Mas passaram o vau pela força e avançaram para outro rio, o Erineu, por onde os guias os tinham aconselhado a ir.

LXXXI. Entretanto, quando se fez dia, Siracusanos e aliados verificaram que os Atenienses tinham partido, e muitos acusaram Gilipo de intencionalmente ter deixado sair os Atenienses, e a toda a pressa foram em sua perseguição por onde calculavam que eles sem dificuldade tinham seguido, e alcançaram-nos por volta da hora de jantar. [2] Apareceram às tropas sob o comando de Demóstenes, que vinham em último lugar por marcharem mais lentamente e mais desordenadas, mas como na noite anterior se tinham sentido inquietas, caíram imediatamente sobre elas para as guerrear, e a cavalaria dos Siracusanos rodeou-as com mais facilidade, porque estavam separadas das restantes e fizeram-nas juntar-se num só lugar. [3] As forças coman-

dadas por Nícias estavam na dianteira, afastadas cerca de cinquenta estádios, uma vez que pensavam que para se salvarem não deviam querer permanecer no mesmo lugar e terçar armas, mas sim retirarem-se o mais depressa possível e apenas combaterem quando as circunstâncias a tal obrigassem. [4] Demóstenes, por seu lado, estava sujeito a ser mais molestado, pois marchava em último lugar e era o primeiro a estar exposto aos ataques dos inimigos; agora, porém, dando-se conta de que os Siracusanos moviam a perseguição, deixou de avançar e em vez disso começou a organizar as tropas para a batalha, até que, por ter perdido tempo, foi cercado pelo inimigo e tanto ele como os Atenienses, que com ele estavam, ficaram na maior confusão e foram empurrados para um lugar que à sua volta tinha um muro, mas que tinha um caminho que saía de ambos os lados e, dentro, uma plantação considerável de oliveiras, e ali eram alvejados de toda a parte. [5] Ora os Siracusanos recorriam muito conscientemente a esse tipo de ataques em que por toda a parte lutavam corpo-a-corpo. Mas arriscar a vida contra homens desesperados não era a favor deles, mas sim dos Atenienses. Ao mesmo tempo uma certa confiança já existia quanto à sua vitória, já evidente para quem não se quisesse deixar matar, pois pensavam que na tática que seguiam iriam dominar e capturar o inimigo.

LXXXII. Depois de terem durante todo o dia e de todo o lado alvejado com projecteis os Atenienses e seus aliados e de já terem verificado que estavam profundamente abalados pelas feridas e toda a espécie de aflições, Gilipo e os Siracusanos, bem como os aliados, mandaram proclamar que para os ilhéus concediam a liberdade, se a eles se viessem juntar. E algumas cidades, não muitas, foram para o seu lado. [2] Seguidamente também foi concedida a possibilidade de capitulação a todos os que lutavam com Demóstenes, desde que entregassem as armas, mas com a condição

de nenhum ser executado pela violência, ou por ser posto a ferros, ou levado à exaustão pela carência vital de alimentos. [3] Todos então se entregaram, cerca de seis mil, e depositaram todo o dinheiro que tinham nas concavidades de quatro escudos, que encheram. Foram estes levados imediatamente para a cidade. Quanto a Nícias e seus homens chegaram naquele dia até ao rio Erineu, e depois de o atravessarem, colocou ele as suas tropas num sítio elevado.

LXXXIII. No dia seguinte os Siracusanos vieram com Demóstenes submetê-los e comunicaram-lhes que ele se tinha rendido e pediram-lhes para fazer o mesmo. [2] Nícias, desconfiado, pediu tréguas para mandar um cavaleiro verificar, e quando o cavaleiro regressou com a notícia de que se tinham com efeito rendido, mandou uma mensagem a Gilipo e aos Siracusanos, que em nome dos Atenienses estava pronto a chegar a acordo e a pagar os custos expendidos pelos Siracusanos com a guerra, se deixassem partir com ele o seu exército, além de que entregaria Atenienses como reféns, enquanto o dinheiro não fosse entregue: um refém por cada talento. Mas os Siracusanos e Gilipo não aceitaram a proposta, lançando-se a atacá-los e, estando por toda a parte à sua volta, alvejaram-nos com projecteis até ao fim do dia, tal como tinham feito aos outros. [3] Ora as tropas de Nícias já estavam a sofrer com falta de comida e do que era mais necessário. No entanto aguardaram pelo silêncio da noite e conseguiram fugir. [4] Mas quando recolhiam as armas os Siracusanos deram-se conta e mandaram tocar o péan. [5] Os Atenienses conscientes de que não conseguiam esconder-se, depuseram as armas com a excepção, no máximo, de trezentos homens que forçaram a passagem por meio das sentinelas e fugiram pela noite fora e por onde puderam.

LXXXIV. Nícias logo depois de aparecer o dia avançou com as tropas. Mas os Siracusanos e aliados continuaram a

atacá-los da mesma forma, alvejando-os de todos os lados e lançando-lhes dardos. [2] E os Atenienses abriram caminho até ao rio Assínaro, ao mesmo tempo que eram atacados pelas cargas de cavalaria e da restante multidão de todos os lados, pensaram então que seria mais fácil para eles, se atravessassem o rio, devido à situação desesperada em que se encontravam e ao mesmo tempo à necessidade de beber. [3] Mas logo que se precipitaram sobre o rio, ninguém mais obedeceu a qualquer ordem, e cada um atreveu-se para onde primeiramente lhe deu na cabeça, e os inimigos atacaram-nos e dificultaram-lhes a passagem. Foram então obrigados a juntar-se e a embaterem uns contra os outros, e alguns foram rapidamente mortos, trespassados pelas próprias lanças e outras armas, sendo outros arrastados pela corrente. [4] Na outra margem do rio esperavam os Siracusanos, era a margem íngreme, e lá de cima alvejavam os Atenienses, pois muitos estavam a beber com grande avidez e agrupados desordenadamente no leito côncavo do rio. [5] Então os Peloponésios desceram sobre eles e chacinaram-nos dentro do rio. Imediatamente a água ficou suja, mas nem por isso se deixou de beber suja de sangue e de lama, enquanto entre muitos se travava a luta.

LXXXV. Finalmente quando muitos mortos já se encontravam empilhados uns sobre os outros dentro do rio e uma parte do exército tinha sido aniquilada na margem ribeirinha, enquanto outros pela cavalaria, quando tentavam fugir, Nícias entregou-se a Gilipo por ter mais confiança nele do que nos Siracusanos, e pediu-lhe que com ele fizessem os Lacedemónios o que quisessem, mas que parassem com a carnificina sobre os restantes soldados. [2] E Gilipo depois deste pedido mandou que os apanhassem vivos, e assim os que restavam foram juntos ainda em vida, salvo um grande número que tinha sido escondido pelos soldados siracusanos, e um destacamento foi mandado atrás dos trezentos

que durante a noite se tinham escapado da vigilância da guarda e que acabaram por ser aprisionados com os restantes. [3] O número de soldados presos e reunidos como propriedade pública não era grande, mas os que tinham sido aprisionados privadamente pelos soldados eram muitos, e toda a Sicília ficou cheia deles, pois tinham sido presos sem que houvesse decisão oficial, tal como acontecera com os soldados de Demóstenes. [4] Uma parte deles e não pequena acabou por ser morta, sendo este o maior massacre, por nenhum excedido, que aconteceu nesta campanha siciliana. Nos outros recontros que foram frequentes, também não poucos foram mortos na retirada. Muitos, contudo, conseguiram fugir logo de início, outros houve que depois de terem sido feitos escravos, fugiram depois, tendo sido Cátana o refúgio para estes.

A triste morte de Nícias e Demóstenes e a dura prisão dos seus soldados

LXXXVI. Quando as forças siracusanas e aliadas se voltaram a unir, juntaram tantos depojos e escravos quantos puderam e retiraram-se para a cidade. [2] Quanto ao resto dos Atenienses e seus aliados que tinham sido feitos prisioneiros, foram obrigados a ir para as pedreiras, por julgarem que era o sítio que melhor os guardava, enquanto Nícias e Demóstenes, contra a vontade de Gilipo, foram executados. De facto Gilipo acreditava que esta luta era a sua mais bela vitória em comparação com as outras, caso pudesse levar aos Lacedemónios os estrategos seus inimigos. [3] Acontecia além disso que Demóstenes era o seu maior inimigo, devido aos acontecimentos que se deram na ilha de Esfactéria e em Pilos, e por isso mesmo o mais procurado, o outro era um bom amigo, pois Nícias tinha estado a favor dos soldados Lacedemónios e convencido os Atenienses a fazerem

tréguas para os libertar. [4] Perante estes factos os Lacedemónios consideravam-se seus amigos e não foi por outro motivo que ele se rendeu confiando em Gilipo. Mas alguns dos Siracusanos, era o que se contava, temiam que por terem estado em comunicação com ele, não fosse ele por ser sujeito à tortura, perturbar de alguma forma o seu sucesso, enquanto a outros, muito especialmente os Coríntios, não fosse ele escapar por pagar subornos e convencer alguns, visto que era rico, e de novo dele partir qualquer outra iniciativa contra eles, e por isso convenceram os aliados a executá-lo. [5] Foi este ou qualquer outro motivo parecido que foi a causa da sua morte, sendo ele, de entre os Helenos do meu tempo, o que menos merecia chegar a tal destino, por ter deixado girar toda a sua existência pelos mandamentos da virtude.

LXXXVII. Quanto aos que ficaram nas pedreiras, os Siracusanos nos primeiros tempos trataram-nos com brutalidade. [2] Colocados num buraco escavado e pequeno e sendo muito numerosos, primeiramente os sóis e o calor sufocante ainda os faziam sofrer durante o dia, devido a não haver telhado, enquanto as noites que se lhe seguiam, eram pelo contrário outonais e frias, e levavam, pela mudança brusca, a um estado doentio, e como tinham, devido à estreiteza do espaço, de fazer tudo naquele lugar, e como os cadáveres se empilhavam uns sobre os outros, cadáveres dos que tinham morrido das feridas e da variação de temperatura e de causas similares, havia por consequência cheiros intoleráveis a que se juntavam a fome e a sede — pois davam a cada um deles, durante oito meses, uma malga de água e duas malgas de comida. Enfim de tudo quanto se possa imaginar que sobre eles pudesse cair para mais lhes trazer doenças, nada lhes foi poupado. [3] Durante uns setenta dias, foi assim que viveram em conjunto. Finalmente, com excepção dos Atenienses e de alguns Sicilianos e dos

Italiotas que com eles tinham combatido, os outros foram vendidos. [4] A totalidade dos prisioneiros que foram feitos, mesmo com muito trabalho, seria difícil dizer; mas não deviam ter sido menos de sete mil. [5] Foi este o maior feito helénico levado a cabo nesta guerra, e quanto a mim julgo que de todos os feitos helénicos de que temos notícia, foi ao mesmo tempo o mais brilhante para os vencedores e o mais desastroso para os derrotados. [6] Foram vencidos em tudo e por todas as formas; sofreram brutalmente; foram sujeitos a uma total destruição, conforme se diz, tanto na sua armada como nas tropas terrestres, e nada houve que não fosse destruído, e bem poucos foram os que, de tantos, regressaram a casa. Estes foram os acontecimentos que na Sicília se deram.

LIVRO VIII

Atenas e a sua sucessiva queda

I. Quando as notícias chegaram a Atenas, durante muito tempo ninguém acreditou nem mesmo nos soldados que tinham conseguido fugir do teatro da guerra e que contavam os factos com credibilidade, por se considerar que uma destruição tão completa não era concebível. Contudo, logo que se deram conta da realidade, ficaram revoltados com os oradores que tinham tomado parte no lançamento da expedição naval, como se eles próprios não tivessem sido chamados a votar, e estavam furiosos com os decifradores de oráculos e adivinhos e quantos que lhes tinham dado esperança quando largaram para a Sicília. [2] Tudo, viesse de onde viesse, os incomodava e depois do que tinha acontecido eram atormentados pelo medo e por um abatimento que nunca tinham sentido. Ao mesmo tempo, sentiam ter perdido, cada um como particular, tal como a cidade, bom número de hoplitas e de cavaleiros e de tropas jovens, não vendo com que contingente as substituir, e por isso estavam angustiados. Simultaneamente não viam nas docas navios em bom estado nem dinheiro nos cofres estatais, nem tripulações para os barcos e por isso perdiam a esperança de se poderem salvar na situação presente. Começaram imediatamente a pensar que os inimigos viessem da Sicília com a sua força naval a navegar contra o Pireu, simplesmente porque tinham obtido tão grande vitória e que os inimigos das proximidades, redobrando já nos

seus preparativos, viriam com vigor, por terra e por mar, atacá-los, ajudados pelos seus aliados que os seguiriam. [3] Eram contudo de opinião que com os meios que ainda tinham não se deviam entregar, mas sim preparar a armada juntando de onde pudessem as madeiras e o dinheiro, e tudo fazer para dar segurança aos aliados e sobretudo à ilha Eubeia, no sentido de reformar levando a bom fim os assuntos da cidade, e eleger um governo de homens mais velhos que soubessem tomar decisões sobre quaisquer situações, quando a ocasião se apresentasse. [4] Tal como em democracia se prefere fazer, quando o medo se precipita por toda a parte, ficaram todos decididos a agir no bom sentido. Foi assim que pensaram, e foi assim que fizeram, e entretanto terminou o Verão.

II. No Inverno seguinte, perante a enorme desgraça dos Atenienses na Sicília, logo se sentiram todos os Helenos preocupados. Uns que, por se não terem aliado a nenhuma das partes, mesmo que ninguém os viesse solicitar, pensavam que não se deviam ainda afastar da actividade guerreira, mas deviam ir por vontade própria contra os Atenienses, pois acreditavam, um por um, que se a guerra lhes tivesse corrido bem na Sicília, os Atenienses teriam vindo contra eles, além de que o que faltava fazer da guerra seria breve, conquistando glória para aqueles que nela tivessem participado. Por outro lado, os aliados dos Lacedemónios estavam profundamente motivados a fim de, quanto antes, se libertarem e depressa de tantos trabalhos. [2] Contudo, eram principalmente os súbditos dos Atenienses que estavam prontos, mesmo que ultrapassassem o poder que tinham, a revoltar-se contra eles porque analisavam os acontecimentos sob a influência da ira e nem sequer lhes davam hipótese de explicar se estariam em condições de durar até ao Verão seguinte. [3] Por sua vez a cidade dos Lacedemónios estava encorajada por todos estes feitos, porque era iminente a vinda até eles, nas proximidades da Primavera, dos aliados da Sicília com

forças poderosas já que por necessidade tinham adquirido poder naval. Com razões de todo o lado, que lhes davam segurança, decidiram lançar-se sem hesitação na guerra, calculando que ela terminaria vitoriosamente, que ficariam finalmente libertos daquelas ameaças, como teria acontecido, caso os Atenienses tivessem levado a melhor sobre eles, se se tivessem apoderado dos recursos da Sicília, além de que se os derrotassem estaria aberta a possibilidade de mandarem em toda a Hélade e com segurança.

III. Por conseguinte, o seu rei, Ágis, naquele Inverno pôs-se em marcha com algumas tropas de Deceleia e recolheu fundos pagos pelos aliados para financiar o sector naval e voltando-se para o golfo Mélio e dos Eteus, por motivo de antiga inimizade, pilhou grande parte do gado e tirou dinheiro, e aos Aqueus Ftiotas e a outros que na mesma região eram súbditos dos Tessálios, forçou-os, apesar dos protestos e de ser contra a vontade dos Tessálios, a darem-lhes alguns reféns e dinheiro; depois mandou instalar os reféns em Corinto e tentou levar os seus compatriotas a unirem-se numa confederação. [2] Os Lacedemónios, além disso, fizeram uma requisição às cidades, para construírem cem navios e distribuíram-nos em quotas: para eles e para os Beócios vinte e cinco para cada um; para os Focieus e Lócrios quinze; para os Coríntios, quinze; para os Arcádios, Peleneus e Siciónios, dez, para os Megarenses e Troizenos, Epidáurios e Hermioneus dez e entretanto preparam o resto que era necessário para iniciar a guerra logo que viesse a Primavera.

Crescente influência da corte persa na diplomacia ateniense e espartana

IV. Por seu lado os Atenienses também se equipavam tal como tinham planeado, nesse mesmo Inverno, no sector da

construção naval para o qual recolhiam madeira apropriada e fortificavam o cabo Súnio, para que os cargueiros de cereais estivessem a salvo quando o rondavam, bem como evacuaram a fortificação na Lacónia, que tinham levantado quando navegaram para a Sicília e no que restava cortavam com vista à poupança, se porventura achassem tratar-se de uma despesa inútil. Em primeiro lugar, contudo, davam atenção aos aliados, de maneira a que não os abandonassem.

V. Enquanto tudo isto era executado por ambos os lados, que se comportavam exactamente da mesma forma na preparação para a guerra, tal como a tinham começado, vieram em primeiro lugar representantes da ilha Eubeia à presença de Ágis para discutirem acerca da sua revolta contra os Atenienses. Ágis aceitou as propostas e enviou de Lacedémon para a Eubeia Alcámenes, filho de Estenaláides, e Melanto afim de comandarem as operações. Chegaram eles com cerca de trezentos neodamodes e Ágis mandou preparar-lhes a travessia. [2] Por esta altura também os Lésbios vieram, porque do mesmo modo queriam revoltar-se, e como os Beócios com eles colaboravam, convenceu-se Ágis a adiar os seus planos para a Eubeia, mandou fazer preparativos para a revolta dos Lésbios dando-lhes como governador Alcámenes, que estava para embarcar para a Eubeia, tendo-lhes os Beócios prometido dez barcos e outros dez Ágis. [3] Tudo isto foi feito sem conhecimento da cidade dos Lacedemónios. De facto Ágis, no tempo em que se ocupou de Deceleia com as forças que com ele estavam, tinha o poder de enviar fosse para onde fosse as suas tropas, bem como de recrutar homens e cobrar dinheiro. Durante esse tempo, os aliados obedeciam, por assim dizer, muito mais a ele do que aos Lacedemónios que estavam na cidade. Dispunha efectivamente de poder e era imediato o medo que provocava ao aparecer fosse onde fosse. [4] Quando assim actuava com os Lésbios, por outro lado os Quios e

Eritreus que também estavam prontos para se revoltar não se dirigiram porém a Ágis mas directamente a Lacedémon. Ali compareceram trazendo em sua companhia um embaixador de Tissafernes, que era das regiões costeiras o comandante do rei Dario, e filho de Artaxerxes. [5] De facto Tissafernes queria trazer para o seu lado os Peloponésios e prometia-lhes proporcionar-lhes a logística necessária. É que recentemente o Grande Rei fora levado a exigir-lhe os tributos que deviam vir da região que comandava, e porque os Atenienses não o deixavam cobrar das cidades helénicas, ele não o podia fazer e estava em dívida. Pensou por consequência que os poderia cobrar mais facilmente fazendo mal aos Atenienses, e ao mesmo tempo que fazia os Lacedemónios aliados do Rei, também podia, conforme o Rei lhe tinha ordenado, prender vivo ou morto Amorges, filho bastardo de Pissutno, que promovia a revolta na Cária. Portanto, os Quios e Tissafernes estavam de facto juntos numa tarefa em comum.

VI. O Megarense Caligueito, filho de Laofontes, e o Ciziceno Timágoras, filho de Antenágoras, ambos exilados das suas terras e que viviam na corte de Farnabazo, filho de Farnaces, chegaram por aquela ocasião a Lacedémon, a mandado de Farnabazo para levar uma armada para o Helesponto, com a finalidade, se porventura conseguisse, e era o que Tissafernes também mais desejava, de por sua influência devido aos impostos as incitar à revolta contra os Atenienses, e por este seu esforço conseguir obter uma aliança para o Rei pela parte dos Lacedemónios. [2] Como estas negociações eram feitas por ambos em separado, pelos emissários de Farnabazo e pelos de Tissafernes, criou-se uma rivalidade em Lacedémon entre eles, pois uns tentavam convencer a que mandassem primeiro os barcos e as tropas para a Jónia e Quios, e os outros para o Helesponto. [3] Ora os Lacedemónios estavam muito mais inclinados a aceitar o

pedido dos Quios e de Tissafernes, que eram apoiados por Alcibiades, íntimo amigo de família de Êndrio que então desempenhava o cargo de éforo, sendo esta a razão por que a sua casa tinha adquirido o nome de Lacónica devido à proximidade que tinham. De facto Êndrio era chamado filho de Alcibiades. [4] Os Lacedemónios no entanto mandaram Frínis, um perieco, verificar em Quios se porventura eles tinham efectivamente os navios que diziam ter, e entre outros aspectos, se a cidade tinha tanto poder quanto se dizia na descrição, mas sendo-lhes posteriormente comunicado que o que tinham ouvido correspondia à verdade, aceitaram rapidamente os Quios e os Eritreus como seus aliados, e votaram no sentido de enviar quarenta barcos, porque havia não menos de sessenta segundo as confirmações providas pelos Quios. [5] Primeiramente os Lacedemónios estavam prestes a mandar dez dos barcos com Melâncridas, que era o seu comandante, mas como logo a seguir se deu um sismo, mandaram Calcideu em vez de Melâncridas e, em vez de dez navios, apenas cinco foram equipados na Lacónia. E terminou o Inverno e com ele o décimo nono ano desta guerra de que Tucídides escreveu a história.

VII. Logo que veio o princípio do Verão seguinte insistiam os Quios em que os navios fossem enviados, pois temiam que os Atenienses viessem a saber do que estava a ser organizado, visto ser em segredo que as embaixadas eram feitas, e por essa razão mandaram os Lacedemónios três homens Espartanos a Corinto, para que do mar do lado oposto, fizessem vir o mais depressa possível os barcos para o mar do lado de Atenas, rebocando-os pelo Istmo fora, e ordenando-lhes que navegassem todos com rumo a Quios, bem como os que Ágis tinha equipado para Lesbos como os restantes. Ao todo o número de barcos dos aliados era ali de trinta e nove.

VIII. Caligeito e Timágoras que representavam os interesses de Farnabazes nem se juntaram à expedição para Quios, nem deram o dinheiro, que tinham trazido para a missão e que constava de vinte e cinco talentos, porque tencionavam partir dias depois e navegar noutra expedição. [2] Quando Ágis viu que os Lacedemónios estavam desejosos de avançar primeiramente rumo a Quios, nem ele conhecia um plano diferente, mas os aliados depois de se reunirem em Corinto decidiram navegar primeiro para Quios, comandados por Calcideu, por ter sido ele que na Lacónia tinha equipado cinco navios; depois de irem para Lesbos com Alcámenes no comando, o qual Ágis tinha escolhido, e finalmente para o Helesponto, tendo já sido nomeado para comandante Clearco, filho de Rânrias. [3] Decidiram também primeiramente rebocar através do Istmo metade dos navios que deviam ser imediatamente postos a navegar para que os Atenenses não dessem mais atenção aos barcos que largassem para o mar, do que àqueles que depois viessem por terra. [4] O largar daquela zona foi feito às claras, pois já desprezavam a falta de poder dos Atenenses, porque a força náutica deles não tinha sido vista em parte alguma. Era assim que lhes parecia e imediatamente conduziram por terra vinte e um navios.

IX. Sentiam-se estes agora impacientes por se fazerem ao mar, mas os Coríntios não estavam dispostos a partir com eles antes de celebrarem os Jogos Ístmicos, que se realizavam naquela ocasião. Ágis estava preparado para aceitar que eles não quebrassem as tréguas Ístmicas, mas disposto a assumir por sua conta o lançar da expedição. [2] Os Coríntios porém não concordaram e houve um atraso, e os Atenenses deram-se mais conta do que fora preparado em Quios, e mandaram um dos estrategos, Aristócrates, que os acusou desses planos e como os de Quios negassem, como prova de confiança, exigiram que lhes mandassem navios para os acompanhar nas forças aliadas. E eles mandaram sete.

[3] A razão desse envio de navios aconteceu, porque a maioria dos Quios não sabia dos planos a executar, e os poucos que estavam dentro do assunto não queriam travar-se de razões com o Povo, antes de adquirirem algum poder e já nem esperavam que os Peloponésios chegassem, uma vez que estavam atrasados.

X. No entrementes realizaram-se os Jogos Ístmicos, e os Atenienses, que tinham sido convidados, assistiram aos jogos, e aí tornaram-se-lhes mais evidentes as intenções dos de Quios, e logo que regressaram a Atenas, prepararam-se para que não fosse sem seu conhecimento que os navios saíssem de Quencreias. [2] É que logo a seguir às festas, os Peloponésios avançaram com vinte e um navios para Quios, levando como comandante Alcámenes. Os Atenienses primeiramente fizeram-se ao mar alto navegando com igual número de embarcações. Como no entanto os Peloponésios não os seguissem muito tempo, mas se tivessem afastado, os Atenienses também voltaram para trás. [3] Porque não julgavam os sete navios de Quios que os acompanhavam dignos de confiança, equiparam depois no conjunto da sua armada outras embarcações chegando ao número de trinta e sete, perseguiram-nos de perto até Espireu que era um porto deserto dos Coríntios que estava mais afastado nos limites da fronteira epidáuria. Os Peloponésios depois de terem perdido um barco no alto-mar, juntaram as outras embarcações e ancoraram. [4] Mas os Atenienses agora atacavam por mar com os navios e por terra com tropas que desembarcaram provocando grande alarido e muita confusão e conseguiram inutilizar a maior parte dos navios peloponésios que estavam em terra e mataram Alcámenes o seu comandante, mas também alguns deles morreram.

XI. Separaram-se então, e os Atenienses destacaram os barcos suficientes para manter sob vigilância as embarcações

inimigas e mandaram ancorar as restantes para uma ilhota não muito afastada de terra, na qual montaram o acampamento, enquanto mandavam pedir reforços a Atenas. [2] Os Peloponésios, no dia seguinte à batalha, tiveram junto de si os Coríntios que vieram em ajuda dos navios e não muito depois os outros habitantes das zonas vizinhas. Ao verem então que era difícil manter a guarda numa zona deserta, ficaram perplexos e pensaram queimar os navios, mas seguidamente decidiram rebocá-los para o litoral e aí ficaram com as tropas de terra a guardá-los, até que surgisse uma oportunidade de fugirem. Ágis, ao ser informado do sucedido, mandou-lhes um homem de Esparta de nome Térmon. [3] A primeira notícia que os Lacedemónios receberam foi a de que os navios tinham largado do Istmo – pois tinha sido ordenado pelos éforos a Alcámenes, quando estes acontecimentos se tinham dado, para mandar um cavaleiro –, e imediatamente tinham decidido mandar os seus cinco navios sob o comando de Calcideu, e Alcibíades juntamente com eles. Mas depois de estarem preparados para avançar chegaram-lhes as notícias de que os navios se tinham refugiado em Espireu e perderam a coragem, uma vez que logo à primeira tentativa feita na guerra jónica tinham falhado e deixaram de querer mandar seguir os navios que eram da sua terra, mas até pensaram em fazer retornar alguns que já se tinham feito ao mar.

XII. Apercebendo-se disto, Alcibíades convenceu de novo Êndio e os outros éforos a não abandonarem a expedição, dizendo que a viagem por mar seria feita antes dos Quios se darem conta da má sorte da armada, e que ele próprio, logo que chegasse à Jónia, facilmente convenceria as cidades a revoltarem-se ao explicar a fraqueza dos Atenien-ses e a coragem dos Lacedemónios, o que vindo dele mais do que doutros mereceria mais confiança. [2] Privadamente porém confidenciou ao próprio Êndio, que pessoalmente

seria glorioso, se pela agitação por ele provocada, a Jónia se revoltasse e se viesse a fazer o Grande Rei aliado dos Lacedemónios, em vez de esta honra vir a ser de Ágis. Acontecia de facto que Alcibíades era inimigo de Ágis. Tendo convencido os restantes éforos e Êndio, fez-se ao mar com os cinco navios, com o Lacedemónio Calcideu e com rapidez lançou-se na viagem.

XIII. Por volta desta mesma altura, os dezasseis barcos da Sicília que tinham servido durante a guerra na Sicília com Gilipo, no regresso foram interceptados e atacados nas vizinhanças de Lêucade pelas vinte e sete naves dos Atenienses, comandadas por Hipocles, filho de Menipo, que tinha a seu cargo os navios que vinham da Sicília e com excepção de um conseguiram escapar os restantes aos Atenienses e navegar até Corinto.

O jogo triplo de Alcibíades, com Espartanos, Atenienses e Persas

XIV. Entretanto Calcideu e Alcibíades em pleno mar detinham todos os que encontravam, para que não houvesse notícias da sua vinda e primeiramente deixaram-nos ir para Córico, que era o primeiro ponto do continente a que aportavam, e onde os libertaram e onde também se encontraram com alguns Quios que eram seus colaboradores e tendo-lhes sido pedido que viajassem para a cidade sem os anunciarem, chegaram sem ser esperados a Quios. [2] Muito povo ali ficou admirado e chocado, mas os oligarcas trataram logo de organizar uma assembleia que reuniu, e tendo havido discursos de Calcideu e de Alcibíades, que afirmaram que muitos outros navios estavam para ali a navegar, mas não referindo sequer o que se relacionava com o aprisionamento dos navios em Espireu, fizeram que nessa altura os de Quios se revoltassem

contra os Atenienses e logo a seguir os Eritreus. [3] Depois disto navegaram com três navios e tendo ido a Clazómenas, levaram esta a revoltar-se. Imediatamente os Clazoménios atravessaram para o continente e começaram a fortificar Policne, para que, caso fosse necessário, pudessem bater em retirada, quando forçados a sair da ilha em que habitavam. Estes povos, que estavam revoltados, encontravam-se todos instalados em fortificações e preparados para a guerra.

XV. E a notícia do que em Quios se passava rapidamente chegou a Atenas, e aí ficaram conscientes de que uma grande e evidente ameaça pairava sobre eles e que os restantes aliados não consentiriam ficar de mãos caídas perante a queda da sua cidade mais importante. Devido a essa consternação imediatamente suspenderam as penas impostas a quem tinha proposto ou votado a utilização dos mil talentos, em que durante toda a guerra tinham obstinadamente evitado tocar, e votaram para investi-los em engajar tripulações para um importante número de barcos e enviar oito embarcações das que bloqueavam o porto de Espireu, sob o comando de Estrombiquides, filho de Diótimo, as quais tinham deixado o bloqueio em perseguição dos navios comandados por Calcideu mas não os tendo alcançado tinham voltado para trás, e não muito depois mandaram em reforço mais outras doze ainda sob o comando de Trásicles fazendo-as abandonar o bloqueio. [2] Quanto aos sete navios de Quios, que com eles estavam juntos a montar o bloqueio em Espireu, mandaram-nos também em missão, depois de terem libertado os escravos que estavam a bordo, e puseram os que eram livres na prisão. Rapidamente também equiparam outras dez para bloquearem os Peloponésios em substituição de todas as embarcações que tinham partido e decidiram equipar ainda mais trinta. A sua capacidade de decisão era muita e não poupavam esforços para mandar ajuda contra Quios.

XVI. Nesse espaço de tempo Estrombíquides chegou com os oito navios a Samos, e apoderando-se de um navio sâmio, navegou para Teos e disse aos Teios para não intervir. Também Calcideu se fez ao mar de Quios para Teos com vinte e três navios, enquanto ao mesmo tempo as forças de terra dos Clazomênios e dos Eritreus por terra os acompanhavam. [2] Pressentindo com antecedência esta manobra, Estrombíquidas largou de Teos antes da sua chegada lançou-se no mar alto onde viu os muitos navios que avançavam dos lados de Quios e pôs-se em fuga para Samos, enquanto os outros o perseguiram. [3] Os Teios primeiramente não receberam as tropas terrestres, mas logo que os Atenenses se puseram em fuga, deixaram-nas entrar. Ali ficaram os soldados a esperar que os Calcideus voltassem da perseguição, e como o tempo passasse, começaram eles próprios a derrubar a muralha, que os Atenenses tinham construído na zona de terra firme da cidade dos Teios, tendo vindo não muitos bárbaros prestar-lhes ajuda sob o comando de Estages, subordinado de Tissafernes.

XVII. Calcideu e Alcibíades, depois de terem perseguido Estrombíquides até Samos, armaram os marinheiros dos navios do Peloponeso e deixaram-nos em Quios, mas em seu lugar equiparam-nos com tripulações de Quios bem como outros vinte, e navegaram para Mileto para provocar a revolução. [2] O intento de Alcibíades, que tinha amigos na classe dirigente de Mileto, era adiantar-se aos navios que vinham do Peloponeso, trazendo os Milésios para si e tal como tinha prometido, garantir para os Quios, para si próprio, e para Calcideu, a honra da batalha, assim como para Êndio que os tinha mandado partir, uma vez que tinha conseguido incitar a revoltar-se, com as forças de Quios e com Calcideu, um grande número de cidades. [3] Passando despercebidos durante a maior parte da viagem e antecipando-se não muito a Estrombíquides e a Trasicles, que acabava

há pouco de chegar com doze navios de Atenas, e que se tinha juntado a Estrombíquides na sua perseguição, levou Mileto a revoltar-se. Os Atenienses que navegavam na sua pegada e a curta distância, como os Milésios os não receberam, lançaram ferro em Lade, uma ilha que estava próxima. [4] E foi assim que entre o Grande Rei e os Lacedemónios se firmou a primeira aliança, imediatamente após a revolta dos Milésios e por intervenção de Tissafernes e Calcideu e concebida nestes termos:

XVIII. “É com estas cláusulas que os Lacedemónios e aliados fizeram a aliança com o Grande Rei e Tissafernes: A totalidade das terras e das cidades que estão na posse do Grande Rei ou que os antepassados do Grande Rei possuíram, são pertença do Grande Rei. Seja que somas de dinheiro forem ou outro bem qualquer que pelas cidades sejam habitualmente entregues aos Atenienses, serão elas impedidas de o fazer pelo esforço comum do Grande Rei, dos Lacedemónios e dos aliados, para que nunca mais esses dinheiros ou qualquer outro bem sejam recebidos pelos Atenienses. [2] Também a guerra contra os Atenienses será combatida pelo esforço comum do Grande Rei, dos Lacedemónios e dos aliados. Não será permitido cessar a guerra, sem que haja a mesma decisão de ambas as partes, ou seja, por parte do Grande Rei, dos Lacedemónios e dos aliados. [3] Se houver revoltosos contra o Grande Rei, serão eles inimigos dos Lacedemónios e dos aliados. Se porém os revoltosos forem contra os Lacedemónios e aliados, serão eles inimigos do Grande Rei segundo os mesmos princípios.”

XIX. E foi assim que se fez a aliança. Depois destes acontecimentos, imediatamente os Quios arranjaram tripulações para dez outros navios e navegaram para Anaia, pois desejavam ter informações da situação em Mileto e ao mesmo tempo levar à revolta as cidades. [2] Chegou con-

tudo uma mensagem a Calcideu no sentido de voltarem para trás, e como Amorgo estava perto e com tropas em terra, navegaram para o templo de Zeus, mas [avistaram] dezasseis barcos que Diomedonte, seguidamente a Trasicles comandava, e com eles navegava em sua direcção. [3] Logo que tal viram puseram-se em fuga, com um navio para Éfeso, e os restantes foram para Teos. Mas os Atenienses tomaram quatro das embarcações já vazias, porque os homens tinham escapado para terra. [4] As outras por seu lado fugiram para a cidade dos Teios. E os Atenienses navegaram dali para Samos e os Quios fizeram-se ao mar nos restantes navios e juntamente com eles a infantaria e foram espalhar a revolta em Lébedo e depois em Heras. Depois disto tanto a armada como a tropa de terra voltaram para suas casas.

XX. Por volta dessa altura, os vinte navios do Peloponeso que estavam no Pireu, por terem sido forçados a ir para terra e estavam bloqueados por igual número de Atenienses, arrancaram de repente, levaram a melhor na batalha naval, tomaram quatro embarcações dos Atenienses e fizeram-se ao mar rumo a Quencreia e prepararam-se de novo para navegar para Quios e para a Jónia. Aí veio de Lacedémon ao seu encontro Astíoco, ao qual tinha sido confiado todo o comando naval. [2] As forças terrestres partiram também de Teos, e Tissafernes estava pessoalmente presente com tropas, mandou demolir o que restava da muralha em Teos e partiu. Não muito depois da sua partida, Diomedonte chegou com dez navios Atenienses levou os Teios a que também os recebessem, navegou depois junto à costa rumo a Heras e atacou, mas como não tomasse a cidade, fez-se ao mar.

XXI. Deu-se por essa ocasião também uma revolta do povo de Samos contra os poderosos, com o apoio dos Atenienses, que estavam ali em três barcos. E o Povo de Samos

executou ao todo cerca de duzentos dos mais poderosos, baniram, pondo em fuga quatrocentos, apoderando-se o povo das suas terras e casas. A seguir a esse acontecimento os Atenienses decretaram a sua independência uma vez que já eram de confiança. Daí em diante governaram sós a cidade, e aos terratenentes não os deixaram ter qualquer privilégio, e nem a qualquer elemento do povo permitiram casar uma filha com eles ou casar-se com uma filha deles.

XXII. Depois disto e durante o mesmo Verão os Quios, de tal forma ficaram animados para não se deixarem abandonar pela coragem, que, mesmo sem os Peloponésios, reuniram forças suficientes para levar as cidades à revolta ao mesmo tempo que tinham vontade de reunir à sua volta o maior número possível de quem com eles quisesse arriscar-se, e eles mesmos organizaram uma expedição com treze navios contra Lesbos, tal como lhes tinha sido sugerido pelos Lacedemónios, ou seja, irem primeiro contra a ilha e daí contra o Helesponto, ao mesmo tempo que as forças terrestres dos Peloponésios que por ali estavam e dos aliados daquela zona avançavam sobre Clazómenas e Cime. Comandava as forças de terra o espartano Evalas e as de mar o perieco Deiníades. [2] A armada viajou primeiro para Metimna, em que promoveram a revolta, e aí deixaram quatro navios, e de novo com os restantes foram provocar a revolta em Mitilene.

XXIII. Era Astíoco o almirante lacedemónio dos quatro navios, e, conforme tinha decidido, fazendo-se ao mar de Quencreias chega a Quios. No terceiro dia após a sua chegada vieram vinte e cinco navios atenienses para Lesbos comandados por Leonte e Diomedonte. Leonte tinha na verdade vindo de Atenas e chegado depois com dez navios como reforço. [2] E no mesmo dia, mas mais tarde, também Astíoco se fez ao mar no seu único navio de Quios, nave-

gou para Lesbos para que fosse útil no que pudesse. E chegou a Pirra e no dia seguinte rumou para Éreso, onde foi informado que Mitilene tinha sido tomada pelos Atenenses quase sem luta. [3] De facto os Atenenses, como tinham navegado e tomado o porto sem serem notados, apoderaram-se dos navios de Quios, avançaram e ao vencer os que se lhes opunham num recontro, tomaram conta da cidade. [4] Astíoco foi posto ao corrente dos factos que diziam respeito aos Erésios e aos de Metimna, com os barcos quios de Eubulo, que tinham sido abandonados na altura em que Mitilene foi tomada, mas como lhe restassem três, pois um tinha sido tomado pelos Atenenses, não se fez ao largo em direcção a Mitilene, pôs em revolta e armou Ereso, e mandou marchar os hoplitas que vinham nos seus barcos para Antissa e Metimna pondo-os sob o comando de Eteónico. E ele próprio com os barcos que tinha consigo e com as três embarcações quias navegava junto à costa, na esperança de que os Metimneus viessem a ter coragem ao vê-los e perseverassem na revolta. [5] Mas como tudo lhe correu mal em Lesbos, fez-se ao mar embarcando as suas tropas terrestres e dirigiu-se para Quios e as tropas que eram para seguir para o Helesponto retiraram-se de novo para as suas cidades, assim como as tropas terrestres dos aliados. Entretanto dos navios aliados peloponésios que estavam em Quencreia seis vieram, depois disto, juntar-se-lhe em Quios. [6] Ora os Atenenses depois de terem restaurado a situação em Lesbos para a situação em que antes se encontrava e pondo-se a navegar dali para conquistar Policne, cidade continental dos Clazoménios, que a estavam a fortificar, de novo retiraram os habitantes para uma cidade na ilha, com excepção dos causadores da revolta. Esses foram para Dafnos e assim Clazómenas foi para a posse dos Atenenses.

XXIV. Naquele mesmo Verão, os Atenenses, que em Mileto estavam, largaram com os vinte navios fundeados

em Lades e fizeram uma descida até Panormo em território Milésio e mataram Calcideu, o comandante dos Lacedemónios, que os tinha vindo enfrentar com alguns homens, e no terceiro dia a seguir, vieram de barco e erigiram um troféu, que os Milésios, visto não deterem os Atenenses o poder naquela região, deitaram abaixo. [2] Entretanto, Leonte e Diomedonte com os barcos atenienses que tinham em Lesbos, das ilhas Enussas, situadas antes de Quios e de Sidussa e Ptéleo, fortalezas que eles tinham na Eritreia, bem como Lesbos, começaram a fazer a guerra contra os Quios a partir dos navios. E tinham a bordo, como forças de desembarque, hoplitas que estavam inscritos no rol de ordenados e que tinham sido forçados. [3] Mas tendo desembarcado em Cardamile e em Bolisco venceram em batalha as gentes que tinham vindo em auxílio dos Quios e muitos mataram, deixando naquela região as terras desoladas, e em Fanes, de novo noutra batalha, venceram pela terceira vez em Leucónio. Depois disto os Quios nunca mais os vieram defrontar, mas os Atenenses destroçaram um país bem ordenado e que nada tinha sofrido desde as Guerras Médicas até então. [4] Além dos Lacedemónios foram os Quios, dos povos que eu conheci, que conseguiam atingir o bem-estar com sabedoria, e quanto mais crescia a sua cidade, tanto maior era o cuidado com que a dirigiam. [5] Igualmente procederam no que respeita a esta revolta, mesmo se houver quem pense que o fizeram ultrapassando a sua segurança, pois só ousaram fazê-la depois de tentarem partilhar os riscos com muitos e nobres aliados e quando sentiram que os Atenenses já nem conseguiam negar, depois do desastre siciliano, o estado completamente desesperado em que se encontrava a sua situação. Igualmente, se foram surpreendidos sem dúvida nas voltas inesperadas que a vida humana nos reserva, estavam na companhia de muitos, quando lhes parecia que rápida ia ser a queda do império dos Atenenses, e reconheciam o seu erro. [6] Agora,

porém, que estavam impedidos de ir para o mar e eram devastados por terra dispuseram-se alguns a entregar a cidade aos Atenenses. Tendo notícia disto mantiveram-se sem intervirem os arcontes, mas mandaram vir de Éritras o almirante Astíoco, com os quatro barcos com que tinha ficado, e pensaram em qual seria o plano, pela entrega de reféns ou de qualquer outra maneira, e estancaram a conspiração. E foi assim que fizeram.

XXV. Pelo fim daquele mesmo Verão, mil hoplitas Atenienses e mil e quinhentos Argivos, quinhentos dos quais eram tropas ligeiras que tinham sido equipadas com armas mais pesadas pelos Atenenses, e mil dos aliados, saíram de Atenas para Samos em quarenta e oito barcos, alguns deles para transporte de tropas, sob o comando de Frínico e de Onomacles e de Sirónides, passando por Samos e foram acampar em Mileto. [2] Vieram defrontá-los os próprios Milésios com oitocentos hoplitas, e os Peloponésios vindos com Calcideu e um grupo de mercenários estrangeiros de Tissafernes, juntamente com Tissafernes e a sua cavalaria, que terçaram armas com os Atenenses e seus aliados. [3] Os Argivos arrancaram com a ala em que estavam, julgando-se superiores, sem grande ordem, porque avançavam contra Jónios para ver se estes não os conseguiam suster, e foram derrotados pelos Milésios, tendo sido abatidos pouco menos de trezentos homens. [4] Os Atenenses por seu lado tendo derrotado primeiramente os Peloponésios empurraram depois os bárbaros e a multidão, mas não travaram combate com os Milésios, pois estes tinham-se retirado para a cidade, depois da derrota dos Argivos e porque viram que a situação não corria bem com a parte restante do exército, celebraram a vitória já dentro da sua cidade de Mileto e depuseram as armas. [5] Aconteceu portanto que naquela batalha os Jónios de ambos os lados levaram a melhor aos Dórios. De facto contra os Peloponésios foram os Atenenses que venceram e

contra os Argivos venceram os Milésios. Tendo levantado um troféu, os Atenenses prepararam-se para construir uma muralha à volta daquele sítio, que tinha a forma de um istmo, pensando que no caso de trazerem Mileto para o seu lado, as outras cidades mais facilmente se juntariam a eles.

XXVI. Por essa altura, quando já mal se via, chega-lhes a notícia de que cinquenta e cinco barcos do Peloponeso e da Sicília deviam estar quase a chegar. Dos Sicilianos que eram impelidos sobretudo pelo Siracusano Hermócrates no sentido de se juntarem para provocar a destruição final do poder ateniense, vinham vinte navios Siracusanos e dois de Selinunte, além dos que vinham do Peloponeso, que tinham sido aparelhados e que já estavam prontos. Ambas as esquadras foram postas sob o comando do Lacedemónio Terímenes com ordens para as levar ao navarco Astíoco. Viajaram até Lero, a primeira ilha antes de Mileto. [2] Depois, quando dali descobriram que os Atenenses estavam em Mileto, navegaram primeiramente para o golfo Iásico por quererem saber o que em Mileto se passava. Foi Alcibiádes a cavalo para Tiquiussa da Milésia, a zona do golfo para onde tinham navegado a fim de passar a noite, e por ele são informados sobre os acontecimentos da batalha, uma vez que nela tinha participado Alcibiádes, combatendo ao lado dos Milésios, e de Tissafernes, e aconselhou-os a que, se não quisessem destruir tudo o que na Jónia existia, que fossem em socorro, o mais rapidamente possível, de Mileto e que não deixassem de impedir que fosse bloqueada.

XXVII. E eles logo pelo raiar do dia propuseram-se ir em socorro; mas Frínico, o general Ateniense, logo de Lero soube com precisão da armada inimiga, embora os seus quisessem esperar para fazer a batalha naval decisiva, recusou-se a pessoalmente travá-la ou a permitir que eles ou quem quer que fosse a fizesse, se porventura tivesse poder para o evitar.

[2] De facto no caso em que fosse possível, passado algum tempo, bater-se, havia que saber com exactidão o número de navios inimigos, bem como seria necessário preparar adequadamente e com tempo os seus navios que iriam contra os outros, mas de forma alguma deixava arriscarem-se irracionalmente para uma vergonha digna de censura. [3] Não era desonroso que os Atenienses desistissem conforme a oportunidade de um recontro naval, mas mais vergonhoso seria se por algum motivo tivessem de chegar a um acordo ou a serem derrotados. E a cidade seria alvo não só de desonra, mas de enorme perigo, visto que depois dos desastres que lhe aconteceram, dificilmente seria aceitável que, preparada com segurança, de livre vontade ou absolutamente por necessidade, ser ela a primeira a investir, ou então não sendo a isso forçada, a precipitar-se em perigos por ela escolhidos. [4] Ordenou portanto que recolhessem o mais depressa possível os feridos e as forças terrestres e quantas tendas traziam quando vieram, e deixassem para trás todos os despojos que tivessem tirado do campo inimigo, para que os navios ficassem leves para navegarem para Samos, e então daí, tendo concentrado todos os barcos, fazer sortidas, caso a ocasião se apresentasse de algum lado. [5] Assim como advertiu, assim também agiu. Foi reconhecido, não só naquela ocasião, mas depois, e não devido a este facto, mas também a muitos outros em que Frínico se encontrou, como um homem em nada incompetente. [6] E assim os Atenienses depois de uma vitória não levada até ao fim, saíram de Mileto imediatamente depois de cair a noite, e os Argivos, a toda a pressa e raivosos pelo desastre sofrido, fizeram-se ao mar rumo às suas terras.

XXVIII. Ao romper do dia os Peloponésios depois de levantarem ferro de Tiquiussa e encalharem os barcos esperando o dia, no dia seguinte avançaram com os barcos de Quios, que tinham sido primeiramente empurrados para o

porto por Calcideu. Queriam agora navegar novamente em direcção ao equipamento que tinham deixado por terra em Tiquiussa. [2] Quando chegaram, Tissafernes que os tinha acompanhado com as tropas terrestres convenceu-os a navegar para Íaso, na qual mandava Amorges, que era seu inimigo. Fizeram-se logo ao mar contra Íaso e tomaram-na, pois não eram conhecidos, tendo-os a população tomado por navios da Ática. Foram os Siracusanos os mais dignos de louvor nesta operação. [3] Deixaram vivo Amorges, filho bastardo de Pissutnes, que se revoltara contra o Grande Rei, e os Peloponésios entregaram-no a Tissafernes para o levar, se quisesse, ao Grande Rei, como este lhe ordenara, e pilharam Íaso, tendo-se o exército apoderado de muitíssimas riquezas, pois era terra rica desde há muito. [4] Quanto aos mercenários que estavam a guardar Amorges levaram-nos para junto deles e recrutaram-nos sem lhes fazer qualquer mal, pois que a maior parte era natural do Peloponeso. Entregaram a cidade a Tissafernes, assim como os captivos, escravos ou homens livres, e chegaram a acordo em receberem da sua parte e por cabeça uma estatera dárca. Depois regressaram a Mileto. [5] Quanto a Pedarito filho de Leonte, que os Lacedemónios tinham mandado para tomar o comando em Quios, mandaram-no com a tropa terrestre na direcção de Éritras levando consigo o corpo de mercenários vindo de Amorges e para Mileto escolheram Filipo como governador. E assim terminou o Verão.

XXIX. No Inverno seguinte, Tissafernes preparou Íaso para se defender, e indo a Mileto distribuiu o salário mensal como tinha prometido em Lacedémon a todos os navios, de um dracma ático a cada um dos tripulantes. Para o futuro queria pagar só três óbolos, até que consultasse o Grande Rei, mas se o Grande Rei assim ordenasse, então daria, dizia ele, um dracma inteiro. [2] Contudo perante os protestos de Hermócrates, o estratega siracusano (como Terímenes não

era navarco, mas encarregado de entregar os barcos a Astíoco, não levantou dificuldades quanto ao pagamento mensal), foi combinado, no que respeitava cinco navios, entregar mais de três óbolos a cada tripulante. Com efeito para cinquenta e cinco navios pagou trinta talentos mensais e aos outros, na medida em que eram mais do que este número, era distribuído o salário na mesma proporção.

XXX. No mesmo Inverno tinham-se juntado aos Atenienses em Samos os restantes trinta e cinco navios que vinham de Atenas comandados por Carmino, Estrombiquidas e Euctémon. Fizeram vir a esquadra de Quios e todos os outros navios e propunham-se bloquear Mileto com as forças navais e enviar contra Quios forças marítimas e terrestres tirando à sorte os respectivos comandos. [2] E assim fizeram. Estrombiquidas, Onomacles e Euctémon com trinta navios e com parte dos mil hoplitas, que tinham vindo para Mileto em barcos de transporte de tropas, foram para Quios conforme o total que lhes tinha cabido, e os outros ficaram em Samos com setenta e quatro navios e sendo os senhores do mar fizeram uma descida contra Mileto.

XXXI. Enquanto Astíoco estava em Quios tratando de recolher reféns, exigidos devido ao processo de conspiração, parou a sua acção logo que soube que os navios com Terímenes tinham chegado e que o ambiente à volta da aliança não podia ser melhor, e pegando nos navios que eram dez dos Peloponésios e dez de Quios avança. [2] Foi atacar Ptéleo, e não a conseguindo conquistar, navegou junto à costa sobre Clazómenas e ordenou que a facção pró-ateniense se instalasse na ilha de Dafnos e que passasse para o lado dos Peloponésios. Da mesma opinião era Tamos, o governador da Jónia. [3] Como os de Clazómenas o não quisessem ouvir, organizou um ataque contra a cidade que não tinha muralhas e como a não conseguisse tomar, fez-se

ao mar, com vento forte, rumo a Foceia e Cime, enquanto as restantes embarcações se ficaram pelas ilhas vizinhas de Clazómenas, Maratussa, Pele e Drimussa. [4] E por ali ficaram oito dias devido aos ventos, e tudo quanto era de Clazómenas e ali fora escondido, roubaram, destruíram, carregaram o resto e navegaram para Foceia e Cime para se juntarem a Astíoco.

XXXII. Quando este ainda lá estava, chegaram emissários dos Lésbios dizendo que era sua intenção voltarem a revoltar-se. E persuadiram Astíoco, mas como os Coríntios e os outros aliados não estavam de acordo devido à sua anterior derrota, levantando ferro navegou para Quios, mas só depois chegaram os navios a Quios, uns vindos de um lado, outros de outro, porque tinham sido espalhados por uma tempestade. [2] Depois disto Pedarito que então, deixado Mileto, marchava ao longo da costa com a infantaria, chegado a Éritras, atravessou juntamente com o exército para Quios e encontrou cerca de quinhentos soldados em armas deixados ali por Calcideu a bordo de cinco navios. [3] Entretanto alguns Lésbios vieram-lhe oferecer a possibilidade de revolta, e Astíoco avançou com a proposta a Pedarito e aos Quios de que deviam ir com os navios e conseguir a revolta em Lesbos, de forma a aumentar o número de aliados, ou caso se fechassem, de prejudicar os Atenien-ses. Mas os Quios não lhe deram ouvidos, e Pedarito disse-lhes que nem os navios lhes cederia.

XXXIII. Então Astíoco tomou os cinco navios dos Coríntios, um sexto de Mégara e um de Hermione e os da Lacónia com os quais tinha vindo, e navegou para Mileto, a fim de ser investido como navarco, proferindo muitas ameaças contra os Quios, de que não viria em seu auxílio caso viessem a precisar. [2] Avançou para Córico em Éritras e ali assentou arraiais durante a noite. Ora os Atenien-ses que

com tropas vinham a navegar de Samos contra Quios, quando ancoraram ficaram do outro lado da cidade e separados dele por uma colina, enquanto do outro lado tinham os outros ancorado, e escaparam assim à atenção uns dos outros. [3] Chegou, no entanto, durante a noite uma carta de Pedarito informando que os prisioneiros eritreus já libertados iam de Samos para Éritras para provocar ali a traição, o que levou Astíoco a imediatamente se dirigir de novo para Éritras e foi por isso que escapou de cair nas mãos dos Atenienses. [4] Pedarito fez a travessia atrás dele, e depois de terem investigado o que parecia ser uma traição, descobriram finalmente que tudo não passava de um pretexto para salvar os homens de Samos e anularam as acusações contra eles e a seguir viajou um para Quios e o outro para Mileto, tal como era sua intenção.

XXXIV. Entretanto o exército dos Atenienses que nos navios tinham embarcado em Córico e navegavam à volta de Argino, deram de frente com três grandes trirremes de Quios, e logo que as viram foram em sua perseguição. Mas entretanto uma grande tempestade surgiu e os barcos de Quios com dificuldade se refugiaram num porto, mas os barcos Atenienses, os que mais tinham perseguido, ficaram desmantelados e foram encalhar na cidade dos Quios, e os homens que iam a bordo foram um a um feitos prisioneiros ou foram mortos, enquanto o resto da armada fugiu para um porto chamado Fenicunte no sopé do monte Mimas. Foi daí que depois, tendo ido rumo a Lesbos, se prepararam para fazer as fortificações.

XXXV. Naquele Inverno o Lacedemónio Hipócrates saiu a navegar do Peloponeso com dez navios de Túria, sob o comando de Dorieu filho de Diágoro e mais dois colegas, com um barco lacónico e um siracusano, e viajou para Cnido, que já se tinha revoltado por instigação de Tissa-

fernes. [2] E quando os de Mileto souberam da chegada deles, deram ordens para que metade dos barcos ficasse de sentinela em Cnido, e os que estavam à volta de Triópio que tomassem todos os barcos de carga que viessem do Egipto. [3] Triópio é um promontório proeminente da Cnídia e consagrado a Apolo. Sabendo disto, os Atenienses fazendo-se ao mar, saídos de Samos, tomaram conta dos seis navios que estavam de guarda a Triópio. Mas as suas tripulações conseguiram fugir. Seguidamente, navegando em direcção a Cnido, atacaram a cidade e em pouco tempo a tomaram, porque não era fortificada. [4] No dia seguinte de novo se lançaram ao ataque, mas como os habitantes tivessem reforçado melhor as defesas durante a noite e a estes se tivessem juntado os que tinham fugido de navios de Triópio, não tiveram tão bom resultado. Assim os Atenienses foram-se embora, depois de terem saqueado a terra dos Cnídios, e navegaram para Samos.

XXXVI. Pela mesma altura chegou Astíoco à armada em Mileto, quando os Peloponésios tinham abundância de tudo o que precisavam para o acampamento, pois suficientes salários tinham sido pagos, e estavam na posse dos soldados grandes valores saqueados de Iaso, e por seu lado os Milésios continuavam com grande coragem para a guerra. [2] Quanto a Tissafernes consideravam contudo os Peloponésios que os primeiros pactos que tinham sido feitos com Calcideu eram insuficientes e não lhes davam tantas vantagens como para ele, e firmaram portanto outro com Terímenes ainda presente. Constam os acordos do seguinte:

XXXVII. “Pacto dos Lacedemónios e seus aliados com o Rei Dario, filhos do Rei e Tissafernes. É um tratado de paz e amizade nos seguintes termos: [2] Todos os territórios e cidades que são do Rei Dario ou que eram do seu pai ou dos seus antepassados, contra esses não podem fazer guerra

nem qualquer outra agressão, nem os Lacedemónios nem os aliados dos Lacedemónios, nem tão-pouco podem cobrar impostos dessas cidades, nem os Lacedemónios nem os aliados dos Lacedemónios. Do mesmo modo não é permitido ao Rei Dario ou àqueles de quem é soberano, fazer a guerra nem qualquer agressão, nem aos Lacedemónios nem aos seus aliados. [3] Se porventura de alguma ajuda precisarem os Lacedemónios ou seus aliados por parte do Rei, ou o Rei por parte dos Lacedemónios ou dos seus aliados, que cheguem a acordo entre si de maneira a que assim procedam correctamente. [4] Ambas as partes devem em comum fazer a guerra contra os Atenienses e seus aliados. Se fizerem a paz, que ambos a façam de comum acordo. [5] Todas as forças que se encontrem em terras do Rei, para as quais o Rei as mandou, devem ser mantidas na sua totalidade a expensas do Rei. [6] Se alguma das cidades, de quantas entram neste acordo com o Rei, atacar as terras do Rei, devem as outras impedi-la e ajudar o Rei dentro das suas possibilidades. Mas se alguma daquelas que se situam, ou que estejam sob o poder do Rei, atacar as terras dos Lacedemónios ou dos seus aliados, que o Rei a impeça e lhe providencie ajuda dentro das suas possibilidades.”

XXXVIII. Depois de firmados estes pactos, Terímenes entregou a armada a Astíoco, e fazendo-se ao mar, nunca mais apareceu. [2] Mas os Atenienses em Lesbos já tinham feito a travessia para Quios com o exército e, dominando por terra e por mar, começaram a fortificar Delfínio que era naturalmente mais forte do lado da terra e tinha também portos e não estava muito longe da cidade dos Quios. [3] Estes que já tinham sido derrotados no passado em muitas batalhas e que entre si não se entendiam muito bem, — agora que os partidários de Tideu, filho de Íon, tinham sido executados por Pedarito por serem a favor de Atenas, e que o resto da cidade tinha sido reduzida pela força à oli-

garquia, não confiavam uns nos outros, mantinham-se quietos – e nem eles, devido a estas razões, nem tão-pouco os mercenários comandados por Pedarito pareciam estar à altura do inimigo. [4] Mandaram contudo para Mileto quem pedisse auxílio a Astíoco, que não atendeu o pedido, o que levou Pedarito a mandar para Lacedémon uma carta a seu respeito, acusando-o de traição. [5] Era este o estado de coisas que se deparou aos Atenienses. Entretanto os navios que tinham em Samos avançaram contra a armada peloponésia em Mileto, mas como esta não ripostasse, de novo se dirigiram para Samos e ficaram quietos.

XXXIX. Naquele mesmo Inverno, os vinte e sete barcos que pelos Lacedemónios tinham sido equipados para Farnabazo, por influência de Caligeito de Mégara e de Timágoras de Cízico saíram do Peloponeso e navegaram para a Jónia, por altura do solstício, sob o comando do espartano Antístenes. [2] Com eles os Lacedemónios mandaram também para Astíoco, onze conselheiros espartanos, entre os quais estava Licas, filho de Arcesilau. Tinham recebido instruções para que, ao chegarem a Mileto, superintendessem nos restantes assuntos por forma a que se processassem o melhor possível e para mandarem aqueles navios, os mesmos ou mais ainda ou menor número, para o Helesponto, para Farnabazo, se assim julgassem conveniente, e pusessem no lugar de comandante Clearco, filho de Rânfió, que com eles navegava, e a Astíoco, se fosse a opinião dos onze, retirar o comando, e pôr Antístenes como navarco, visto que as cartas de Pedarito o tinham posto sob suspeição. [3] Tendo estes barcos navegado de Málea pelo mar alto, aportaram a Melos, e encontrando-se com dez barcos atenienses, apreenderam três sem carga e lançaram-lhes fogo. Depois disto, temeram que os navios dos Atenienses que tinham escapado de Melos, tal como veio a acontecer, informassem os que estavam em Samos na sua rota, e então

mudaram de rumo para Creta e tendo feito um percurso maior, por precaução atracaram em Cauno na Ásia; [4] e daí pensando que estavam em segurança, mandaram uma mensagem para a armada que estava em Mileto, para que organizasse um comboio junto à costa.

XL. Entretanto os Quios e Pedarito não desistiram, apesar do atraso, e continuaram a mandar mensagens a Astíoco em que pediam que os viesse socorrer, a eles que estavam cercados, com todos os navios e que não desviasse a vista, mas olhasse para a maior das ilhas aliadas da Jónia que estava a ser isolada por mar e por terra estava a ser sujeita à pilhagem. [2] Com efeito em Quios havia muitos escravos e mais do que em qualquer outra cidade, com excepção da dos Lacedemónios, os quais, devido ao grande número, eram castigados mais duramente quando prevariavam, e logo que o exército dos Atenenses pareceu estar em segurança por estar abrigado em zonas fortificadas, imediatamente desertaram para o inimigo e conhecedores do território fizeram grandes danos. [3] Diziam os Quios que era seu dever vir em seu auxílio, quando havia alguma esperança e era possível impedir o avanço inimigo, enquanto Delfínio estava a ser fortificado e ainda longe de acampamento, bem como a muralha mais alta que devia proteger o acampamento e a armada. Astíoco, embora não tivesse decidido por causa de ameaça anterior, quando viu que os aliados estavam dispostos a intervir, preparou-se para dar o auxílio devido.

XLI. Entretanto veio de Cauno a notícia da chegada de vinte e sete navios, mais os conselheiros dos Lacedemónios, e Astíoco protelou tudo face a outras obrigações para com a armada, a fim de poder aumentar o seu poder marítimo e de os poder acompanhar àqueles na sua importância, e para proporcionar segurança aos Lacedemónios, que tinham vindo

para o avaliar, e imediatamente abandonou a ida para Quios e navegou para Cauno. [2] Na viagem junto à costa para Cós da Merópida onde desembarcou e saqueou a cidade que não estava fortificada, porque tinha ruído devido a um terramoto que tinha sido o maior de todos os que se lembravam, e da qual os habitantes haviam fugido para as montanhas, percorreu o território saqueando-o, excepto quanto a homens livres. [3] Chegado de Cós a Cnido durante a noite foi forçado, a pedido dos Cnídios, a não desembarcar os marinheiros, a imediatamente a navegar, tal como estava, contra vinte navios dos Atenienses, sob o comando de Carmino, um dos comandantes em Samos, que preparava uma cilada às vinte e sete embarcações que vinham a navegar do Peloponeso e para se juntar às quais Astíoco navegava junto à costa. [4] Ora os Atenienses de Samos tinham transmitido a notícia da sua partida de Melos e a espera de Carmino situava-se à volta de Sime, Calce, Rodes e na vizinhança da Lícia. Portanto já tinha sabido que elas se encontravam em Cauno.

XLII. Fez-se Astíoco então ao mar, tal como estava, rumo a Sime, antes de que se espalhasse a notícia, na esperança de porventura agarrar os navios algures no mar alto. Deparou-se-lhe um céu chuvoso e um nevoeiro que descia do céu o que provocou a perda de rumo dos barcos no meio da escuridão e com ela a desordem. [2] Com o raiar da aurora a armada estava dispersa e só o flanco esquerdo era já visível para os Atenienses, enquanto o outro ainda navegava errático à volta da ilha. Carmino e os Atenienses lançaram-se rapidamente ao ataque, embora com menos do que os seus vinte navios, por estarem convencidos de que os navios de que estavam à espera eram aqueles que saíam de Cauno. [3] Atacaram-nos imediatamente e afundaram três e inutilizaram outros e nesta acção levaram a melhor, até que lhes apareceu para sua surpresa a frota maior de embarcações e

ficaram por todo o lado cercados. [4] Tendo-se posto depois em fuga, perderam então seis navios, e com os navios restantes procuraram refúgio na ilha de Teutlussa, e seguidamente em Halicarnasso. Depois disto os Peloponésios fizeram-se ao mar rumo a Cnido, onde os vinte e sete navios de Cauno se lhes juntaram, e navegaram então com a frota inteira, depois de terem levantado um troféu em Sime, e foram ancorar em Cnido.

XLIII. Os Atenienses, logo que souberam do acontecido na batalha naval, fizeram-se ao mar com todos os navios de Samos para Sime e sem que atacassem as forças navais em Cnido, carregaram para bordo em Sime a palamenta dos navios e rumando para Lorimos no continente navegaram de novo para Samos. [2] Estavam então em Cnido todos os barcos dos Peloponésios para serem reparados no que fosse preciso, e os onze comissários dos Lacedemónios conferenciavam com Tissafernes, que já estava presente, acerca dos feitos que tinham sido executados e que porventura não lhes tinham agradado e no que respeitava a guerra em curso, sobre a maneira de conduzir a guerra que fosse a melhor e trouxesse mais vantagens para ambas as partes. [3] Licas avaliava com severidade o que tinha sido levado a cabo, e disse que nenhum dos tratados de paz, nem com Calcideu, nem com Terímenes, tinha tido qualquer vantagem, mas sim resultados negativos, uma vez que o Grande Rei tinha agora a pretensão de se apoderar de todas as terras que os seus antepassados e ele tinham governado, o que significava implicitamente voltar a escravizar todas as ilhas, a Tessália e Locros e o território até aos Beócios e obrigar os Lacedemónios a conceder aos Helenos, em vez de liberdade, o domínio persa. [4] Sugeriu por isso que fossem firmados tratados mais favoráveis, pois de qualquer forma os Lacedemónios não aceitariam aqueles, nem se sentiriam obrigados a pagar qualquer tributo no que lhes dizia

respeito. Tissafernes sentiu-se ofendido de tal forma que abandonou as negociações sem nada ter decidido.

XLIV. Decidiram então os Lacedemónios navegar para Rodes, por terem sido convidados pelas mais importantes personalidades da ilha, por terem a esperança de trazer para o seu lado uma ilha bem poderosa, não só pelo número das suas forças navais como das forças terrestres, e porque ao mesmo tempo calculavam que seriam capazes de manter as suas forças navais, devido à aliança alcançada, sem terem de pedir a Tissafernes quaisquer recursos financeiros. [2] Por consequência fizeram-se ao mar imediatamente naquele mesmo Inverno partindo de Cnido e primeiramente rumaram para Camiro na zona dominada por Rodes, com noventa e quatro navios, provocando o terror em muita gente, que não estava informada do que se tinha passado e que se pôs em fuga especialmente porque a cidade não estava fortificada. Chamaram depois o conjunto dos habitantes, assim como os de duas cidades, Lindo e Ialiso, e persuadiram os Ródios a revoltarem-se contra os Atenienses. [3] Assim se passou Rodes para o lado dos Peloponésios. Os Atenienses, por seu lado, quando foram informados por essa mesma ocasião, navegaram com a armada, largando de Samos, pois queriam adiantar-se e apareceram em pleno mar, mas por chegarem um pouco depois nas imediações, navegaram para Calce, e daí para Samos e finalmente de Calce, de Cós e de Samos seguiram a rota para Rodes a fim de a atacarem. [4] Os Peloponésios por essa altura já tinham recolhido dos Ródios cerca de trinta e dois talentos, e ficaram inactivos durante oitenta dias, depois de encalharem em terra os seus navios.

XLV. Nesta altura e mesmo mais cedo, antes de partirem para Rodes, deram-se as seguintes intrigas. Alcibíades depois da morte de Calcideu e da batalha em Mileto come-

çou a ser suspeitado pelos Peloponésios, e a Astíoco chegou de Lacedémon uma carta com ordens para o matar, visto ele ser inimigo pessoal de Ágis e de resto não parecer de confiança. Alcibíades alarmado, primeiramente dirigiu-se a Tissafernes e depois começou a dizer mal, tanto quanto lhe era possível, da causa dos Peloponésios. [2] Passou então a ser o conselheiro para todos os assuntos, mandou cortar nos vencimentos da tropa, por forma a que em vez de um dracma ático recebessem um trióbolo por dia e que o pagamento não fosse recebido regularmente, pedindo a Tissafernes que dissesse aos Peloponésios que os Atenienses, há mais tempo conhecedores das actividades marítimas, só davam aos seus homens um trióbolo, não tanto por penúria, mas antes para que os seus marinheiros fossem impedidos de ser insolentes devido à abundância, e não prejudicassem as suas forças físicas, ao gastarem em produtos que provocassem a perda de energias, desertando outros dos navios sem nada ter poupado na esperança de receberem os salários que lhes eram devidos. [3] Ensinou também a Tissafernes que desse dinheiros para persuadir os trierarcas e os estrategos das cidades a fim de que todos alinhassem com ele nesses planos, com excepção dos Siracusanos de entre os quais somente Hermócrates se opôs, invocando todos os termos da aliança. [4] Mandou embora Alcibíades as cidades que exigiam dinheiro, dizendo-lhes em nome de Tissafernes, que os Quios não tinham vergonha pois sendo os mais ricos dos Helenos, depois de serem salvos pela intervenção e com a ajuda dos de fora, estivessem contudo convencidos que outros, para defenderem a sua liberdade, arriscassem as vidas e os seus haveres. [5] Disse que as outras cidades erraram porque, antes de se terem revoltado, tiveram de pagar largamente aos Atenienses e agora deviam contribuir com as mesmas verbas ou com mais ainda se queriam a sua defesa. [6] E explicou a Tissafernes, visto que estava a fazer a guerra com o seu próprio dinheiro, que era verosímil que fosse

poupado, mas que se os mantimentos viessem dos cofres do Grande Rei, então poder-lhes-ia pagar o salário inteiro e ajudar razoavelmente as cidades.

XLVI. Além disso aconselhou Tissafernes a que não se apressasse demasiado em acabar a guerra, nem tão-pouco se deixasse convencer a trazer os navios fenícios, que estava aparelhando, ou a distribuir salários por maior número de Helenos e entregar deste modo aos mesmos o poder em terra e no mar, mas sim deixando o poder a ambas as partes, para permitir ao Grande Rei, quando porventura um lado lhe causasse dificuldades, dirigir-se ao outro. [2] Se o poder terrestre e marítimo estiver unido nas mãos de um só, estará em dificuldades para saber com quem poderá destruir o poder dominante, a não ser que deseje pelos seus próprios meios reagir e levar a cabo uma luta com enorme despesa e risco. A maneira mais expedita e com a despesa de uma pequena fracção dos custos financeiros e simultaneamente com segurança pessoal será levar os Helenos a esgotarem-se uns aos outros. [3] Além disso acrescentou que os Atenienses teriam a maior abertura para compartilhar com ele o poder, pois estavam menos interessados em dominar por terra e faziam a guerra seguindo princípios e com destreza mais favoráveis ao Rei; estavam os Atenienses dispostos a submeter ao seu poder, parte do mar, e para o Rei, os Helenos que viviam no seu território, ao passo que os Lacedemónios pelo contrário os tinham vindo libertar. Por outro lado não seria provável que os Lacedemónios que tinham vindo agora libertar Helenos dos Helenos como eles, sem que desistissem de os libertar na ocasião propícia dos Bárbaros, a menos que estes mais tarde ou mais cedo, os escorraçassem. [4] Aconselhou-o portanto a desgastar primeiramente ambas as partes, e depois de ter diminuído o mais possível o poder dos Atenienses, seguidamente expulsasse os Peloponésios da sua terra. [5] E Tissafernes concor-

dou muito favoravelmente com a proposta, tanto quanto era possível conjecturar do seu procedimento, pois no seguimento das boas propostas aconselhadas, depositou em Alcibiades a sua confiança, e concedeu apoio de má qualidade aos Peloponésios e não deixou que combatessem no mar, mas pretextou que os barcos Fenícios estavam para vir e que eram mais do que suficientes para combater, o que anulou os planos e retirou o vigor ao poder naval daqueles que era muito forte e em geral tornou-se mais evidente, sem que o pudesse esconder, que não era de boa vontade que cooperava na guerra.

XLVII. Alcibiades dava estes conselhos a Tissafernes e ao Rei ao mesmo tempo, pois estava junto deles, não só por pensar que eram os melhores, mas também porque pensava preparar a sua reentrada no seu país, e por saber também que se não a falhasse, lhe daria a possibilidade um dia de persuadir os Atenenses a deixá-lo voltar, porque estava convencido principalmente de que seria um resultado positivo, o facto de poder parecer que era indispensável a Tissafernes. [2] E foi assim que aconteceu. Efectivamente os soldados dos Atenenses que estavam em Samos deram-se conta de que ele tinha influência junto a Tissafernes, facto sobre o qual Alcibiades se encarregava de mandar notícias às personalidades mais poderosas de entre eles, a fim de que fosse lembrado pelos mais importantes da classe dirigente para que, se porventura fosse imposta uma oligarquia, em vez da corrupta democracia pela qual fora banido, ele podia voltar trazendo para o lado deles a amizade de Tissafernes com o direito de partilhar a cidadania, e, mais importante ainda, era que de entre eles, os chefes militares dos Atenenses em Samos, avançassem para acabar com a democracia.

XLVIII. Este processo começou primeiramente a entrar em acção no acampamento de onde foi para a cidade de

Atenas rapidamente. Vieram de Samos algumas pessoas para entrar em conversações com Alcibíades, que primeiramente lhes prometeu fazer Tissafernes seu amigo numa primeira fase e o Grande Rei logo a seguir, desde que não instituísem o regime democrático para que o Rei tivesse neles confiança, pois os cidadãos mais poderosos nutriam grandes esperanças, por terem sido muito afectados pela guerra, de trazerem para suas mãos o poder e de vencerem os inimigos. [2] Assim foram para Samos e agruparam para conspirar os homens mais convenientes, ao mesmo tempo que a todos diziam abertamente que o Grande Rei seria seu amigo e que lhes poria à disposição fundos financeiros, desde que Alcibíades fosse reconduzido ao poder e desde que não instaurassem uma democracia. [3] A multidão muito embora de momento não ficasse muito satisfeita com o que tinha sido combinado, não se manifestou desfavoravelmente devido à porta aberta pela esperança de um financiamento por parte do Grande Rei. Por sua vez os que conspiravam a favor da oligarquia, logo que comunicaram com o povo, imediatamente começaram a analisar as propostas de Alcibíades no sentido dos seus interesses e da maior parte dos que se lhes tinham associado. [4] Enquanto na maior parte as propostas pareciam praticáveis e de confiança, a Frínico, contudo, que ainda era estrategista, não lhe pareceram aceitáveis de todo, visto que de Alcibíades se tratava, o qual tanto se importava com a oligarquia como com a democracia, e que nada mais pretendia do que encontrar uma forma de, estabelecida a ordem, mudar as instituições do país, e de ser chamado ao poder pelos seus camaradas, enquanto aos Atenienses o que mais os preocupava era estabilizar a situação de revolta. Para o Rei, pensava Frínico, não era muito favorável a situação, pois os Peloponésios já com os Atenienses mediam forças no mar e tinham em seu poder imperial cidades que não eram das menos importantes, e não havia razão para se juntar e fazer operações com os Atenienses,

nos quais confiança não tinha, em vez de as fazer com os Peloponésios tornando-os seus amigos uma vez que da sua parte de nenhum agravo tinha sido vítima. [5] Quanto às outras cidades aliadas a quem prometiam a oligarquia, mesmo que os próprios Atenienses quisessem acabar com a democracia, dizia estar bem consciente que não era por isso que os rebeldes viriam juntar-se mais depressa, e nem os que tinham permanecido ligados seriam mais firmes. Nenhum desses aliados queria, com oligarquia ou democracia, ficar sujeito fosse a quem fosse, mas preferia sobretudo dispor da liberdade fosse em que sistema se encontrasse. [6] Quanto aos assim chamados “nobres e respeitadores”, tão pouco ofereciam as mínimas garantias ao povo, pois tinham sido eles que tinham originado e proposto as desgraças que aconteceram ao mesmo povo, das quais foram eles que mais aproveitaram. Com efeito se desses tais dependessem, os cidadãos aliados seriam mortos não só sem julgamento mas com métodos mais violentos, enquanto o povo era para eles um refúgio e uma salvaguarda contra aqueles oligarcas. [7] Por terem percebido esta realidade e pela experiência dos próprios factos sabiam as cidades que ele era de confiança, tal como se apresentava. Por isso no que lhe dizia respeito nada do que estava a ser urdido por Alcibiades conseguiria naquela altura obter a sua aprovação.

XLIX. Os que se tinham reunido naquela conspiração, tal como fora a sua primeira intenção, aceitaram as sugestões apresentadas e prepararam-se para enviar a Atenas como seus embaixadores Pisandro e outros, para que se esforçassem pela chamada ao poder de Alcibiades e pela forma de acabarem com a democracia e passarem a considerar Tisáfernes amigo do seu povo.

L. Frínico sabia que se começaria a falar do chamamento de Alcibiades e que os Atenienses o aceitariam, e

temendo a inimizade com que teria de se defrontar devido ao que sobre ele tinha dito, caso tomasse o cargo, e que logo agisse, para sobre ele se vingar por se lhe ter oposto, pôs em prática a seguinte manobra. [2] Mandou secretamente a Astíoco, o navarco Lacedemónio, que ainda estava nas imediações de Mileto, uma carta em que lhe comunicava que Alcibiades estava destruindo os seus planos políticos ao querer fazer Tissafernes amigo dos Atenenses, bem como escrevendo claramente sobre todos os outros acontecimentos; acrescentava que era desculpável que avisasse do mal que ia acontecer, no que tocava a um homem seu inimigo, custasse isso embora algum prejuízo para a sua terra. [3] Astíoco por seu lado em vez de pensar em punir Alcibiades, sobretudo porque não estava como outrora na sua proximidade, foi para a Magnésia visitá-lo e a Tissafernes e ao mesmo tempo transmite-lhes a comunicação recebida de Samos e torna-se assim um informador, e ligou-se conforme se disse, para ter ganhos pessoais, a Tissafernes comunicando o que sabia sobre estes ou outros acontecimentos. Foi por essa razão, no caso da recompensa não ter sido paga na sua totalidade, que ele pôde objectar com pouca coragem. [4] Por esta ocasião Alcibiades escreveu imediatamente para Samos uma carta contra Frínico, que até compreendia os factos que ele até ao fim tinha praticado e pedindo a pena de morte para ele. [5] Frínico ficou perturbado por estar em situação tão perigosa devido à denúncia e comunicou imediatamente a Astíoco, acusando-o de não ter cuidadosamente escondido o que fora anteriormente revelado, mas que naquele momento estava em condições de lhe proporcionar a oportunidade de destruir todas as forças armadas atenienses que se encontravam em Samos, nomeando cada pormenor, visto que Samos não tinha muralhas, bem como a forma como as acções deviam ser feitas, e que espiritualmente se sentia inocente pois estava em perigo de vida devido aos inimigos e teria feito isto ou qualquer outra coisa, de preferência a

deixar-se trucidar pelos seus inimigos mortais. Também isto foi revelado por Astíoco a Alcibíades.

LI. Entretanto Frínico pressentiu que ele o estava a enganar, e que a carta de Alcibíades, que tratava deste processo estava longe de chegar, antecipou-se e informou o exército de que os inimigos, dando-se conta de que Samos não tinha muralhas e que os navios não estavam todos dentro do porto, tinham a intenção de armar o acampamento, e acrescentou que tinha tido informação segura destes factos, e queurgia amuralhar Samos o mais depressa possível e ter sob vigilância todo o resto. Como chefe, ele preparava a estratégia quando tomava estas medidas. [2] Prepararam-se eles para a fortificação e de tal forma que embora o viesse a ser de qualquer maneira, ainda mais depressa Samos ficou fortificada. A carta de Alcibíades acabou por chegar não muito depois, dizendo que o exército estava a ser traído por Frínico e que os inimigos se preparavam para atacar. [3] Visto que Alcibíades não era considerado de confiança, mas que sabia de antemão os planos do inimigo, o facto de atribuir a Frínico um conhecimento a favor dos adversários, em nada o veio desclassificar, mas antes testemunhou a favor do que tinha anunciado.

LII. Depois disto Alcibíades começou a tratar com Tissafernes e persuadiu-o a vir a ser amigo dos Atenenses, a ele que temia os Peloponésios, porque dispunham de mais navios do que os Atenenses, e queria igualmente, se de alguma forma fosse possível, deixar-se convencer, especialmente agora, porque sabia do desentendimento que se dera em Cnido entre ele e os Peloponésios devido às tréguas de Terímenes – só que por esta ocasião acontece encontrarem-se os Peloponésios em Rodes, e foi nessa altura que Licas ouviu pela primeira vez a afirmação, que era verdadeira, de que os Lacedemónios iriam libertar todas as

ciudades, declarando que era intolerável submeter-se a que o Grande Rei dominasse as cidades, em que outrora ele e os seus antepassados tinham mandado. E era Alcibiades que lutava por estes assuntos e que tentava obter o acordo de Tissafernes.

LIII. Entretanto os enviados dos Atenienses que iam com Pisandro e tinham sido enviados de Samos, chegaram a Atenas e falaram ao povo fazendo um resumo dos muitos acontecimentos, principalmente insistindo com eles para que Alcibiades fosse investido nas suas funções e que dessa forma, se não continuassem em democracia, teriam o Grande Rei como aliado e assim levavam a melhor sobre os Peloponésios. [2] Muitos contradisseram-nos e outros insistiram na democracia, ao mesmo tempo que os inimigos de Alcibiades vociferavam dizendo quão prejudicial seria, se depois de violarem as leis ainda o aceitassem. Os Eumólpidas e os Cérices não o aceitavam devido aos mistérios, que tinham sido a causa, por que fora banido por violação, e como testemunha chamaram pela protecção dos deuses para que não fosse reconduzido. Foi quando Pisandro, defrontando tanta oposição e abuso, perguntou a cada um dos oponentes chamando-os à parte, se porventura tinha alguma esperança quanto à salvação da cidade, perante o facto de os Peloponésios disporem no mar de navios em número não menor que o deles, com os quais se confrontavam, e terem maior número de cidades suas aliadas, com o Grande Rei e Tissafernes pondo à sua disposição fundos, quando os Atenienses os não tinham, caso não houvesse alguém que convencesse o Rei a estar ao seu lado. [3] Quando parecia não terem resposta, disse-lhes então abertamente que “isto não é possível que aconteça, a menos que façamos uma política com mais bom senso e de preferência ponhamos o poder nas mãos de menos gente, por forma a que possais dar confiança ao Rei, e a menos que, quanto ao nosso governo

decidamos principalmente sobre a presente situação ou pela nossa salvação – pois seguidamente poderemos então pensar em modificações, mudando, se porventura algum aspecto não nos agradar –, mas para isso teremos de aceitar Alcibíades que é agora o único capaz de levar isto a cabo”.

LIV. E o povo primeiramente ouviu falar de oligarquia com desagrado. Apreendendo claramente de Pisandro, que não havia outra saída, temendo, mas ao mesmo tempo esperando, que poderia mudar, o povo cedeu. [2] E votaram que fosse Pisandro a fazer-se ao mar com mais dez homens para chegar por onde lhes parecesse melhor a Tissafernes e a Alcibíades. [3] Ao mesmo tempo, porque Pisandro tinha acusado Frínico, o povo retirou-lhe o poder juntamente com o seu colega Sirónides, e para os substituir mandaram para os navios Diomedonte e Leonte. A acusação consistia em que Pisandro dizia que Frínico traía Íaso, e Amorges e Pisandro afirmava-o, porque o não julgava capaz de levar a cabo as negociações com Alcibíades. [4] Pisandro visitou em consequência todas as associações que existiam primeiramente na cidade para ajudar em julgamentos e na conquista do poder, indo a todas e fazendo o pedido para se unirem e por decisão em comum acabarem com a democracia. [5] Depois de ter tomado as medidas exigidas pela situação de maneira a que tempo algum perdessem, ele e os outros dez homens viajaram até junto de Tissafernes.

LV. Por seu lado Leonte e Diomedonte, naquele mesmo Inverno, tendo chegado já aos navios dos Atenenses, navegaram para Rodes. Assaltaram então os navios dos Peloponésios encalhados, e fizeram um desembarque para terra firme e depois de vencerem em batalha os Ródios, que tinham vindo em socorro, avançaram para Calques e desse ponto continuaram a batalha de preferência a partir de Cós, pois daí era mais fácil para eles observar, caso a armada dos

Peloponésios se fizesse ao mar. [2] Veio então para Rodes Xenofântidas, um Lacónico, vindo da parte de Pedarito em Quios, contando que a fortificação dos Atenienses já tinha sido construída e que se não viessem salvá-la com todos os navios, o assunto em Quios ficaria arrumado. Entenderam eles então que deviam ir em auxílio. [3] Entrementes o próprio Pedarito com os mercenários que com ele estavam e os Quios lançou-se com todas as forças contra os postes à volta dos navios Atenienses, apoderou-se de uma parte deles, que tinha sido rebocada para terra. Quando os Atenienses saíram em auxílio e derrotaram os Quios, que logo venceram, e seguidamente o que restava com Pedarito, que foi morto, assim como muitos dos Quios, tomaram posse em seguida de muitas armas.

LVI. Depois de tudo isto, os Quios foram ainda mais violentamente cercados do que primeiramente, tanto por mar como por terra, e a fome no sítio em que estavam era grande. Os enviados Atenienses no séquito de Pisandro, ao chegarem, entraram em conversações com Tissafernes acerca do pacto proposto. [2] Alcibíades porém – uma vez que para ele a posição de Tissafernes não era das mais seguras, pois receava mais os Peloponésios, e pretendia, como lhe fora sugerido por Alcibíades, desgastar ambos os lados –, aceitou o ponto de vista de que Tissafernes por exigir demasiado dos Atenienses não chegava a um acordo com eles. [3] Também me parece pessoalmente que o mesmo pretendia Tissafernes, este devido ao receio, ao passo que Alcibíades sentia que o outro não queria entrar em acordo fosse em que termos fosse, e quis então dar a impressão aos Atenienses, não de que fora incapaz de persuadir, mas de que Tissafernes já persuadido, nem mesmo assim queria juntar-se aos Atenienses, porque não lhe tinham dado o suficiente. [4] Além disso, Alcibíades levantou questões tão exageradas, e falava na presença e em nome de Tissafernes,

que os Atenenses embora estivessem em muitos aspectos de acordo com o que pedia, tinham ao mesmo tempo medo de virem a ser culpados. Pediu que toda a Jónia lhes fosse entregue, e de novo as ilhas ali situadas entre outras concessões contra as quais não levantaram os Atenenses oposição, até que por fim na terceira ronda de conversações, temendo que a sua total falta de influência ficasse exposta, pediu que permitissem ao Rei construir navios e navegar ao longo da costa por onde quisesse e com quantos navios desejasse. [5] Nesta altura os Atenenses acreditaram que nada havia a fazer e que tinham sido enganados por Alcibíades e cheios de raiva foram-se embora e dirigiram-se para Samos.

LVII. Tissafernes logo a seguir a tudo isto e no mesmo Inverno foi pela costa até Cauno, desejando trazer de novo os Peloponésios para Mileto, para ainda com eles fazer outros acordos, os que pudesse, abastecê-los com mantimentos, para não continuar num estado de completa hostilidade, e tinha receio de que, se muitos navios ficassem privados de mantimentos, se porventura fossem forçados a combater e ficassem derrotados ou então que ficassem sem tripulação por esta desertar, sem que ele interviesse, chegassem os Atenenses ao seu intento. Mas ainda o que mais temia era que os Peloponésios na procura de mantimentos viessem pilhar o continente. [2] Foi nesta ordem lógica e com esta previsão, visto que queria esgotar os Helenos uns contra os outros, que mandou, por consequência, chamar os Peloponésios e lhes deu mantimentos e com eles firmou pela terceira vez este tratado de paz:

LVIII. “No décimo terceiro ano do reinado de Dario, enquanto Alexípidas era éforo em Lacedémón, firmaram-se acordos, na planície do Meandro, entre Lacedemónios e os seus aliados com Tissafernes, Hierámenes e os filhos de Farnaces, que representavam a parte do Rei, e os que repre-

sentavam os Lacedemónios e os seus aliados. [2] A terra do Rei, que fica na Ásia, continuará a ser do Rei. Quanto a essa terra, que lhe pertence, o Rei poderá decidir como quiser. [3] Os Lacedemónios e os seus aliados não irão invadir a terra do Rei para provocar seja que mal for, tão-pouco o Rei invadirá a terra dos Lacedemónios nem dos aliados, para provocar seja que mal for. [4] Se algum dos Lacedemónios ou dos aliados for atacar a terra do Rei, os Lacedemónios e os aliados impedi-lo-ão. E se alguém da parte do Rei for atacar a terra dos Lacedemónios e dos aliados, o Rei irá impedi-lo. [5] Tissafernes providenciará para que se dêem provisões aos navios que aqui se encontram segundo o que foi estabelecido, e até que os navios do Rei venham. [6] Aos Lacedemónios e aliados, logo que os navios do Rei chegarem, competirá abastecer os seus navios à sua custa, se assim o desejarem. Se porém quiserem ir buscar os mantimentos a Tissafernes, Tissafernes providencia-los-á, mas os Lacedemónios e os aliados, quando terminar a guerra, reembolsarão as verbas a Tissafernes com quantos dinheiros tenham arranjado. [7] Depois que os navios do Rei chegarem, os navios dos Lacedemónios e dos aliados e também os do Rei em conjunto promoverão a guerra conforme parecer melhor a Tissafernes, aos Lacedemónios e aos aliados. Se quiserem porém fazer a paz com os Atenienses que a façam juntos da mesma maneira.”

LIX. E foi assim que as tréguas foram feitas. Depois, porém, Tissafernes preparava-se para trazer os barcos fenícios, tal como tinha sido combinado, e outras medidas tal como prometido, e pretendia assim demonstrar abertamente que de algum modo estava a fazer preparativos.

LX. E já o Inverno estava a acabar quando os Beócios conquistaram Oropo por traição, embora ali estivesse uma guarnição ateniense. Foram cúmplices neste golpe gente dos

Erétrios e dos próprios Orópios, por quererem provocar uma revolta da Eubeia. Era uma região que estava em frente à Erétria e seria impossível, por estar nas mãos dos Atenien-
ses, provocar grandes danos a Erétria e ao resto da Eubeia. [2] Senhores já de Oropo chegam a Rodes os Erétrias, que convocaram para a Eubeia os Peloponésios. Estes contudo estavam mais empenhados na ajuda à desgraçada Quios, e preparando todos os seus navios fizeram-se ao mar a partir de Rodes. [3] Mas quando chegaram às imediações de Triópio viram a armada dos Atenien-
ses já no mar alto, navegando de Calce. Mas como nenhuma armada atacava a outra, acabaram os Atenien-
ses por chegar a Samos, e os Peloponésios a Mileto, e aí viram que de forma alguma era possível prestar auxílio a Quios sem uma batalha naval. E este Inverno terminou, e com ele o vigésimo ano desta guerra de que Tucídides fez a história.

LXI. No Verão seguinte já no começo da Primavera, Dercílides, homem de Esparta dispondo de pequenas forças armadas foi mandado a pé para o Helesponto para incitar à revolta Abido – constituída por colonos de Mileto –; os Quios, enquanto Astíoco estava em dificuldade, sem saber como os ajudar, foram forçados, por estarem cercados, a combater no mar. [2] Aconteceu que estando Astíoco ainda em Rodes, veio juntar-se-lhes como seu comandante depois da morte do arconte Pedarito um Espartano de nome Leonte que vinha acompanhado de Antístenes, seu oficial às ordens, e com eles doze navios, que tinham estado a guardar Mileto, entre os quais se encontravam cinco de Túrio, quatro de Siracusa, bem como um de Aneítis, um de Mileto e outro do próprio Leonte. [3] Na sequência disto atacaram os Quios maciçamente e tomaram uma posição favorável no terreno ao mesmo tempo que os seus trinta e seis navios avançaram sobre a frota de trinta e duas embarcações dos Atenien-
ses, que os defrontavam, e começaram a batalha

naval. Foi um violento recontro naval tendo os Quios e os seus aliados obtido certa vantagem naquela operação, mas como já era tarde retiraram para a cidade.

LXII. Logo a seguir apresentou-se Dercílides, que tinha vindo por terra de Mileto, e Abido, no Helesponto revoltou-se a favor dele e de Farnabazo, e, dois dias depois, Lâmpsaco. [2] Estrombiquidas informado disto foi em auxílio, partindo de Quios e rapidamente com vinte e quatro navios dos Atenenses, dos quais alguns eram barcos de transporte que levavam hoplitas, e como os Lampsacenos os quiseram defrontar, derrotou-os, e conquistou Lâmpsaco, que não estava guarnecida de muralhas, ao primeiro assalto, e pilhou os bens que havia e os escravos, e mandando para casa os homens livres, partiu para Abido. [3] Como não conseguisse avançar, devido aos habitantes, nem dominar a cidade, navegou para a costa em frente de Abido e fez de Sesto, cidade do Quersoneso, que os Medos uma vez tinham dominado, a fortaleza e o ponto de vigia de todo o Helesponto.

LXIII. Por esta altura não só os Quios se tinham tornado nos maiores senhores dos mares, assim como os que estavam em Mileto, mas também Astíoco, e ao terem notícia da batalha naval e da partida de Estrombiquides e da sua armada, encheram-se de coragem. [2] Por esse motivo, Astíoco navegando junto à costa com dois navios chegou a Quios e tomou os barcos que ali estavam e com todos juntos fez-se dali ao mar até Samos. Mas como os Atenenses não viessem ao seu encontro atacar, devido à suspeição, que entre as duas facções se levantara, fez-se de novo ao mar rumo a Mileto. [3] Por esse tempo e mesmo ainda antes a democracia foi destituída em Atenas. Quando Pisandro e os enviados que o acompanhavam vieram da corte de Tissafernes para Samos, tinham mão mais firme sobre o exército e

levaram a gente importante de entre os Sâmios a que tentassem com eles estabelecer uma oligarquia, embora alguns deles se tivessem revoltado contra outros para que a oligarquia não fosse aceite. [4] Ao mesmo tempo os Atenienses em Samos depois de reunirem entre si, decidiram deixar Alcibíades de lado, uma vez que não queria acompanhá-los e porque além de tudo o mais não era o homem apropriado para entrar numa oligarquia e trataram do assunto eles próprios, pois já estavam em perigo, a fim de ver por que modo se poderia não deixar desaparecer o projecto e ao mesmo tempo fazer face às necessidades da guerra; e decidiram eles próprios voluntariamente e das suas casas privadas contribuir com dinheiro e com o que fosse necessário pois era para eles e nunca para outros todo o esforço que tinha de ser feito.

LXIV. Tendo-se encorajado desta forma entre si, mandaram logo a seguir Pisandro e metade dos emissários para Atenas a fim de aí fazerem o necessário, e instruíram-nos no sentido de estabelecer a oligarquia pelas cidades que lhes estivessem sujeitas e por onde passavam. [2] A outra metade mandaram-na para outras cidades súbditas, uns para umas, outros para outras, e Dietrefes que estava na região de Quios e tinha sido escolhido para mandar na Trácia, enviaram-no para o seu posto de comando. Quando chegou a Tasos, logo libertou o povo do regime democrático. [3] No segundo mês, depois que saiu, os Tásios fortificaram com cuidado a cidade, pois já não sentiam qualquer necessidade de terem uma aristocracia sob os Atenienses e cada dia que passava esperavam receber a liberdade dos Lacedemónios. [4] De facto alguns havia que estavam fora por terem fugido dos Atenienses para junto dos Peloponésios e esse grupo juntamente com os seus amigos na cidade queria tomar com toda a força os navios e lançar Tasos num estado de revolta. Tudo lhes aconteceu portanto à medida dos seus desejos pois a cidade tinha acalmado sem perigo e tinha-se libertado do

regime democrático que se lhes oporia. [5] No que respeita a Tasos porém aconteceu o contrário da oligarquia que os Atenienses queriam instalar, e segundo me parece, aconteceu o mesmo com muitas outras das cidades vassalas. As cidades contudo começaram a avançar com bom senso e com imunidade para um autêntico regime de liberdade, não dando qualquer importância ao vazio sistema legal proposto pelos Atenienses.

LXV. Os que, no grupo de Pisandro, navegavam junto da costa tal como fora determinado, aboliam as democracias nas cidades e traziam, como seus aliados, hoplitas daquelas regiões e entretanto chegaram a Atenas. [2] Deram-se conta aí de que a maior parte do processo já tinha sido executado pelos seus camaradas. Com efeito, um tal Andrócles que estava à frente do movimento democrático, fora morto secretamente por jovens do partido contrário, ele que tinha tido papel não desprezível no banimento de Alcibíades e também o mataram por outras duas razões, porque era um chefe populista e porque assim iam agradar a Alcibíades que pensavam viria a ser reinvestido e iria fazer de Tissafernes um amigo. Da mesma forma, secretamente, fizeram desaparecer alguns outros que não estavam a favor. [3] Por outro lado por eles fora proposto abertamente que ninguém devia ser recompensado monetariamente excepto os que tinham participado na guerra e que não mais de cinco mil deviam tomar parte no governo e destes só aqueles que o podiam servir quer pelas suas riquezas, quer pessoalmente.

LXVI. Era isto um sedutor argumento para a maior parte, visto que os que pretendiam mudar de sistema eram os mesmos que o queriam governar. Ora o povo, juntamente com o conselho escolhido à sorte, pelo voto com a fava, preferiam esta opinião escolhida. Nada decidiram que não tivesse sido aprovado pelos conspiradores e não só os

que falavam pertenciam a esse grupo, como as palavras proferidas tinham sido anteriormente pelos mesmos combinadas. [2] Nenhum dos outros veio contradizê-los, por sentir medo e por ver que a conspiração se tinha alargado muito. Se algum ousava contradizer, logo havia forma conveniente de que fosse homem morto, e nem havia qualquer investigação para saber quem o fizera, nem a justiça intervinha, se houvesse alguém que levantasse suspeitas, mas o povo conservava-se quieto e a consternação era tanta que já se considerava um ganho o não ter sido vítima de alguma violência, por ter estado calado. [3] Pensando que a conspiração era muito mais forte do que era na realidade, eram intimados a formar opinião e incapazes de descobrir a realidade, devido ao tamanho da cidade e devido a não se conhecerem uns aos outros não tinham maneira de descobrir. [4] Pelo mesmo motivo era impossível, a quem se sentisse em dificuldades, abrir-se com alguém e assim congeimar forma de tirar desforço. De facto ou encontrava um desconhecido com o qual poderia falar, ou então um conhecido no qual não podia confiar. [5] Todos os que pertenciam ao partido democrático aproximavam-se uns dos outros com desconfiança, como se cada um estivesse implicado nos acontecimentos. Havia, entre os que conjuravam, gente que ninguém jamais pensava poder aderir a uma oligarquia, e eram eles que aumentavam a desconfiança na maior parte da gente e prestavam grandemente um serviço à segurança de poucos, confirmando no povo a desconfiança face a si próprio.

LXVII. Foi nesta altura que Pisandro e o seu grupo tiveram, ao chegarem, ensejo imediato de fazerem o resto. Primeiramente convocaram o povo para uma assembleia e propuseram a resolução se serem escolhidos dez homens pelos autocratas e com plenos poderes de decisão para poderem redigir uma constituição, que deveriam apresentar ao povo,

num dia combinado, de maneira a que a cidade fosse governada da melhor forma. [2] Seguidamente, quando chegou o dia, fizeram reunir a assembleia em Colono, onde existe um templo de Poseídon fora da cidade e que dela dista pouco mais de dez estádios, e os comissários apresentaram nada mais do que uma só proposta: Que era dever dos Atenienses cumprir a obrigação de, com impunidade, manifestarem que tipo de constituição escolhiam. Se porventura alguém acusasse o orador de agir fora da lei ou de qualquer outra maneira o maltratasse, seria então submetido a pesados castigos. [3] Depois disto foi declarado abertamente que daquele momento em diante, ninguém deteria o poder conforme o sistema ainda em vigor, nem receberia qualquer pagamento, mas que teriam de nomear cinco homens, que por sua vez, elegeriam cem homens, e a cada um dos cem caberia escolher ainda mais três. Seriam esses mesmos Quatrocentos que iriam para o senado mandar, da forma que melhor soubessem, investidos que estavam de plenos poderes, e podiam convocar os cinco mil, quando lhes parecesse aconselhável.

LXVIII. Foi Pisandro que propôs esta resolução, que também noutros aspectos foi a que mais ostensivamente levou por diante a dissolução da democracia. Mas quem organizou todo este processo e desta forma o levou até ao fim, tendo-se ocupado da maior parte do trabalho, foi Antifonte, cidadão ateniense, que no seu tempo não ficava em valor pessoal atrás de ninguém, sendo o mais capaz na formulação de um plano, na elaboração de um discurso, o que pertencia ao saber que dominava, mas que, no entanto, não comparecia diante da multidão, nem de boa vontade entrava em qualquer diatribe com quem quer que fosse, sendo visto com suspeita pelo povo, por ser dotado de habilidade doutrinária, e por ser além disso um homem que numa assembleia ou num tribunal, era capaz de ajudar, desde que alguém lho pedisse. [2] No que lhe dizia pessoal-

mente respeito, quando tempos depois os actos dos Quatrocentos foram postos em causa e repudiados pelo povo, quando do retorno da democracia, foi ele quem melhor se defendeu, ainda no meu tempo, contra aqueles que o acusavam, e tão bem se defendeu que chegou ao ponto de ser perdoado de uma sentença de morte. [3] Frínico também ultrapassou todos os outros na defesa entusiástica da oligarquia, por ter medo de Alcibíades, e por saber que ele próprio tinha conhecimento de tudo o que ele em Samos contra Astíoco fizera, conquanto soubesse que segundo todas as probabilidades ele não seria reinvestido pela oligarquia. Quando, porém, esteve claramente face a face com os perigos, demonstrou que estava à altura deles. [4] Mas Terámenes, filho de Hágnon, era o primeiro entre todos os que quiseram derrubar a democracia, sendo homem, contudo, que para falar e para saber era bem dotado. Este processo posto em andamento por tantos homens sagazes não foi por acaso que, apesar de tão importante não seguiu para a frente, afinal porque era difícil, depois de terem passado cem anos a seguir à queda dos tiranos, privar os Atenienses da liberdade, e não só por não terem sido sujeitos ao poder de ninguém, quer porque durante esse período, quer porque durante mais de metade desse tempo, se acostumaram a mandar sim, mas sobre outros.

LXIX. Quando a assembleia, depois de aprovar estes princípios, se dissolveu, sem que houvesse qualquer oposição, logo a seguir os Quatrocentos foram mandados para o conselho da seguinte forma. Estavam os Atenienses armados, mas sempre junto da muralha, e os outros em formação por precaução devida contra os inimigos de Deceleia. [2] Naquele dia, os que não estavam a par do que acontecera, eram deixados sair como era seu costume. Mas aqueles que tinham estado implicados na conspiração foram avisados calmamente de que não se dirigissem para onde

estavam as armas, mas que se mantivessem afastados, e se alguém se opusesse ao que estava a ser feito, que empunhassem então as armas, mas que não interferissem. [3] Havia Ândrios, Ténios e trezentos Carístios, além de colonos Eginetas, que os Atenenses tinham enviado para colonizarem. Tinham vindo com a mesma finalidade acompanhados das suas armas, como antes lhes tinha sido recomendado. [4] Distribuídos assim em fileiras avançaram os Quatrocentos, cada um com um punhal escondido, e com eles os cento e vinte jovens helenos, de quem se serviam, onde quer que fossem necessários os seus serviços e apresentaram-se aos conselheiros escolhidos à sorte pelo lançamento da fava e que estavam no conselho. Disseram-lhes que se fossem embora depois de receberem o pagamento que lhes cabia, o qual tinham trazido para pagar todo o tempo restante de serviço e que lhes davam quando se fossem embora.

LXX. Logo que desta maneira o conselho, sem levantar qualquer objecção se afastou, sem que os restantes cidadãos esboçassem um gesto, mas na atitude da maior calma, foram então os Quatrocentos para a câmara do senado e de momento escolheram à sorte os prítanes que lhes cabiam e prestaram-se a dirigir preces aos deuses e os sacrifícios devidos, porque iam assumir um cargo, e depois afastaram qualquer forma democrática de governo – com a excepção de fazerem voltar os exilados, pelo respeito devido a Alcibiades. [2] Quanto ao resto, começaram a governar a cidade à força, mandaram matar, não em grande número, alguns homens, de quem lhes parecia útil livrarem-se, e a outros prenderam-nos ou exilaram-nos. Mandaram notícia a Ágis, rei dos Lacedemónios, que então estava em Deceleia, para o esclarecerem que desejavam fazer a paz e que lhes parecia razoável que ele estivesse agora mais disposto a encontrar-se com eles, como jamais teria sido possível em democracia, que nunca era de fiar.

LXXI. Ágis, contudo, estava convencido de que a cidade não ia acalmar-se, nem que de um momento para o outro o povo deixaria de lado a antiga liberdade, a menos que tivesse diante dos olhos um exército numeroso, e nem mesmo assim se acalmaria, sobretudo no momento presente em que estava convencido de que não era possível perturbá-lo, e deu uma resposta aos que tinham vindo da parte dos Quatrocentos, que não deixava prever um possível acordo. E Ágis mandou vir do Peloponeso, não muito depois, inúmeras forças armadas e ele próprio saiu, da guardaria em que estava em Deceleia com a guarnição, na companhia dos que o tinham vindo ver em direcção às próprias muralhas dos Atenienses, na esperança de que os Atenienses, ou por ficarem mais perturbados, se submeteriam ao que ele queria impor, ou que o fariam sem qualquer resistência, devido ao estrondo que viria certamente a ser provocado dentro e fora da cidade, e que não falharia quando ocupasse as Grandes Muralhas, devido a estarem desertas de gente armada. [2] Quando já estava bem perto e prestes a entrar, os Atenienses não fizeram qualquer movimento a partir do interior, mas pondo em campo os cavaleiros, uma parte dos hoplitas e das tropas ligeiras e dos arqueiros, atingiram mortalmente os soldados que tinham avançado para perto e tomaram conta de algumas armas e dos mortos, levando assim Ágis a tomar consciência do seu erro e a fazer retirar de novo as suas forças. [3] Ele e os seus camaradas ficaram então pela zona de Deceleia, e deixando ficar por alguns dias, mas poucos, na região os que com ele tinham atacado, mandou-os seguidamente para suas casas. Depois disto os Quatrocentos nem por isso deixaram de enviar emissários a Ágis, e como este os acolhesse melhor, por conselho dele foram mandar outros enviados a Lacedémon para negociar um tratado, pois desejavam fazer a paz.

LXXII. Mandaram também dez homens a Samos para tranquilizar o exército e informá-lo de que a oligarquia não

tinha sido ainda instituída e que não o seria para prejudicar a cidade e os cidadãos, mas sim para resolver os problemas que a todos dizem respeito e nessa tarefa estavam empenhados cinco mil e não só quatrocentos, e que devido às campanhas e actividades no estrangeiro os Atenienses não tinham tido oportunidade de encontrar assunto suficientemente importante que lhes permitisse reunir cinco mil dos seus. [2] Aos emissários foi também comunicado o que interessava dizer quanto a outros aspectos, e imediatamente os enviaram antes do regime oligárquico ser instituído, porque receavam, tal como veio a acontecer, que a gente do mar não quisesse viver num sistema oligárquico, pois tendo de Samos partido o seu lançamento, o poderiam dissolver.

LXXIII. Em Samos, de facto, já era grande a reacção contra a oligarquia, e os incidentes começaram a dar-se pela mesma altura em que os Quatrocentos se estavam a organizar. [2] Aqueles elementos eram Sâmios, que se tinham revoltado contra as classes altas e pertenciam ao partido democrático, mas tinham mudado de novo de partido, por terem sido convencidos por Pisandro, quando este por lá tinha passado, e pelos Atenienses que a ele se tinham aliado em Samos e com eles se tornaram conspiradores, mas sendo trezentos em número, estavam a impor-se ao resto dos seus concidadãos porque os consideravam do partido popular. [3] E um certo Hipérbolo, um ateniense, homem desprezível, que tinha sido ostracizado, não por medo da sua influência ou posição, mas devido à sua falta de escrúpulos e de vergonha, foi executado, com o acordo de Carmino e de alguns dos Atenienses que com eles estavam, e que lhes tinham jurado fidelidade, mas que com eles tinham praticado actos deste género, e agora tinham decidido defrontar-se com a maioria. [4] Deu-se esta conta do que se estava a passar e comunicou-o aos estrategos Leonte e Diomedonte, que, por terem sido eleitos pelo povo era contra vontade

que suportavam a oligarquia, assim como informaram Trásibulo e Trásilo, um que era trierarca, e o outro um hoplita, e ainda outros que abertamente sempre tinham parecido dispostos a oporem-se aos que conspiravam. Pediam-lhes para não tolerarem que os massacrassem e que de Samos fizessem uma inimiga dos Atenienses, quando tinha sido ela o único ponto que lhes tinha permitido manter o império. [5] Os que ouviram a mensagem, dirigiram-se a cada um dos soldados, pedindo-lhes para não se passarem para a outra facção e muito especialmente a tripulação do *Páralo*, pois eram atenienses e todos eles livres, que navegavam naquela embarcação e que tinham sido sempre inimigos da oligarquia, mesmo quando ela não tinha sido instituída. Então Leonte e Diomedonte deixaram-lhes alguns navios que lhes servissem de guarda, se porventura tivessem de sair para o mar. [6] Dessa forma, quando os trezentos os vieram atacar, todos os outros vieram em seu auxílio, especialmente os do *Páralo*, e venceram os Sâmios que eram em maior número, mataram alguns trinta dos trezentos, castigaram com o desterro mais outros três dos mais culpados, e aos outros concederam amnistia, e viveram em democracia o resto do tempo em que politicamente se governaram em conjunto.

LXXIV. O navio *Páralo*, e o ateniense Quéreas, filho de Arquístrato e seu comandante, que tinha tomado parte activa na revolução, foram mandados pelos Sâmios e pelos soldados em grande velocidade para Atenas a fim de levarem as notícias dos acontecimentos. Ainda não sabiam que ali já mandavam os Quatrocentos. [2] Quando acostaram ao porto, logo os Quatrocentos mandaram prender alguns dois ou três tripulantes do *Páralo*, mas o resto da tripulação foi evacuado do navio e embarcado noutro barco de transporte de tropas, com o encargo de montar a guarda à Eubeia. [3] Quéreas, que imediatamente se tinha escondido, mal se deu conta do que estava a acontecer, foi de novo para Samos

e pôs os soldados ao corrente, exagerando para pior tudo o que se tinha dado em Atenas, e como todos tinham sido punidos com o látego; que a ninguém era permitido falar contra os que detinham o poder; além disso que as mulheres e os filhos dos soldados eram maltratados; que tinham decidido prender e manter reclusos quantos em Samos se tinham batido e que também não eram da opinião que eles tinham, nem dos parentes de todos estes, para que, se porventura não obedecessem, fossem sujeitos à pena capital, e acrescentou mais factos negativos e falsos.

LXXV. Quando tal ouviram, a primeira reacção dos soldados foi a de se lançarem sobre os que se empenhavam em manter a oligarquia e ainda sobre os outros que com eles colaboravam, mas depois desistiram desta ideia, impedidos pelos que eram moderados e os avisaram para que não destruíssem os seus propósitos, pois tinham os navios inimigos perto e prontos para atacar. [2] Depois disto, Trasíbulo, filho de Lico, e Trásilo, que abertamente queriam tornar o regime político em Samos numa democracia, depois de terem estado à frente do movimento revolucionário, fizeram proferir aos soldados os mais solenes juramentos, e muito especialmente aos da facção oligárquica, em como aceitariam a democratização, se manteriam unidos, se lançariam activamente na guerra contra os Peloponésios e se comportariam como inimigos frente aos Trezentos e com eles não estabeleceriam contacto. [3] A totalidade dos Sâmios, maiores de idade, proferiu o mesmo juramento, e os soldados colaboraram com os Sâmios em tudo o que havia para fazer e para enfrentar as consequências dos perigos que corriam, na crença de que nem para si próprios nem para os outros havia qualquer hipótese de se salvarem, pois quer os Quatrocentos levassem a melhor, quer os inimigos de Mileto, o seu fim seria o seu aniquilamento.

LXXVI. Travava-se durante este tempo uma luta entre os que queriam forçar a cidade a aceitar a democracia, e os que queriam subjugar as forças armadas à oligarquia. [2] Os soldados organizaram imediatamente uma assembleia, na qual depuseram os seus anteriores estrategos e alguns dos trierarcas, se acaso deles suspeitassem, e elegeram outros trierarcas e estrategos, em cujo número já se incluíam Trasíbulo e Trásilo. [3] Levantaram-se além disso nos seus lugares e fizeram outras recomendações, como a de se não deixarem desmoralizar porque a cidade se tinha revoltado contra eles, visto serem mais numerosos do que os da facção contrária, e, em todos os aspectos, com mais recursos do que ela. [4] Tinham eles uma armada inteira, com a qual poderiam forçar as outras cidades em que mandavam a darem-lhes provisões monetárias, como se tivessem saído da capital – e tinham a cidade de Samos, à qual poder não faltava –, ela que chegou por pouco a tirar o domínio marítimo aos Atenienses, quando entraram em guerra, e quanto aos inimigos, deles se defenderiam da mesma base que tinham antes, tendo em suas mãos os navios, mais capazes eram de providenciar por mantimentos, do que quem na capital mandava. [5] Pelo facto de estarem situados na posição dianteira em Samos, podiam dominar com antecedência a navegação rumo ao Pireu, e agora, acrescentaram eles, se não lhes quisessem restituir a antiga Constituição, uma vez que são mais fortes, poderiam mais facilmente proibir-lhes a entrada nos mares, do que serem eles mesmos impedidos. Insignificante e não merecedora de atenção era a ajuda que a metrópole poderia prestar para vencer os inimigos, e nada tinha perdido, só que os habitantes já não tinham recursos financeiros para mandar e os próprios soldados tinham de encontrar a paga por si próprios e tão-pouco se podia obter um conselho valioso, pelo qual uma cidade domina os exércitos. Mas até nestes aspectos eles tinham errado, quando aboliram as leis dos seus antepassados, enquanto eles, os soldados, as

podiam manter e obrigar os oligarcas a fazer o mesmo, visto que entre os soldados estava quem lhes dava conselhos de maneira tão valiosa quanto os que estavam do lado contrário. [7] Quanto a Alcibíades, se por acaso lhe dessem garantias e o chamassem, viria ele a ter interesse em obter uma aliança com o Grande Rei. Mas o mais importante era que, se em tudo falhassem, com o poder naval de que eram senhores, ser-lhes-ia possível fugir para muito lado, onde encontrariam cidades e terra.

LXXVII. Eram estes os temas que debatiam em conjunto, ao mesmo tempo que se animavam, sem que deixassem de preparar tudo o que era necessário para a guerra. Por seu lado, os dez embaixadores que foram enviados pelos Quatrocentos para Samos, quando foram informados já em Delos do que lá se passava, por ali se deixaram ficar.

LXXVIII. Foi por esta altura que, entre os soldados que estavam na armada dos Peloponésios em Mileto, começou a correr o boato de que a sua causa estava a ser arruinada por Astíoco e Tissafernes. Astíoco, porque já anteriormente não tinha querido travar nenhuma batalha naval, numa altura em que as suas forças tinham ainda o maior vigor e o poder naval dos Atenienses era pequeno, e nem mesmo agora, quando, segundo lhes constava, o inimigo estava dividido em facções e os navios nem sequer se encontravam no mesmo lugar, esperam ainda pela tal armada fenícia de Tissafernes, que só existia em nome mas não em acção, e assim se arriscam a perder tempo sem nada fazerem. Tissafernes de facto, não só não faz chegar os tais navios, mas estava a prejudicar as forças marítimas, por não pagar a tempo e pagar menos do que era devido. Exigiam pois que não se devia esperar mais tempo, mas travar até ao fim a batalha. E os Siracusanos eram os que mais insistiam.

LXXIX. Quando os aliados e Astíoco se aperceberam do que se murmurava, depois de se reunirem foram de opinião de travar a batalha decisiva. Quando lhes chegou a notícia da agitação em Samos, fizeram-se ao mar com todos os navios que tinham, em número de cento e doze, e ordenaram aos Milésios que, pela costa, fossem a pé até Micalé, e também eles se puseram a navegar rumo a Micalé. [2] Os Atenienses, que de Samos dispunham de oitenta e dois navios, os quais se encontravam fundeados em Glauce de Micalé, sendo pequena a distância que naquele ponto separava Samos do continente na direcção de Micalé, quando viram os navios peloponésios a navegar na sua direcção, refugiaram-se em Samos, porque não pensavam, visto serem inferiores em número, serem capazes, mesmo com tudo do que dispunham, de lhes fazer frente numa batalha. [3] Além disso, como já tinham sabido que os inimigos estavam decididos a travar batalha a partir de Mileto, esperavam que Estrombíquides se lhes juntasse com os barcos de Quios, que tinham aportado a Abido para o virem apoiar. Já lhe tinham enviado anteriormente um mensageiro. [4] Como tinha sido desta forma que se refugiaram em Samos, os Peloponésios fizeram escala em Micalé onde estabeleceram arraiais, bem como as forças terrestres dos Milésios e de mais outros povos. [5] Quando no dia seguinte se preparavam para navegar sobre Samos, chegou-lhes a notícia da chegada de Estrombíquides com os navios que estavam no Helesponto. Assim tiveram de voltar novamente para Mileto. [6] Os Atenienses, reforçados agora com os seus navios, avançaram por sua vez com cento e oito embarcações com a intenção de entrarem numa batalha naval decisiva, mas como ninguém navegou contra eles, retiraram-se de novo para Samos.

LXXX. No mesmo Verão, a seguir a estes acontecimentos, logo os Peloponésios, porque estavam convencidos de que a totalidade dos seus navios não estava em condições

de combate, não contra-atacaram, por não saberem onde ir buscar as verbas para manterem tantos navios, tanto mais que Tissafernes os financiava de má vontade, mandaram então a Farnabazo, tal como primeiramente lhes tinha sido ordenado pelo Peloponeso, Clearco, filho de Rânfio, com quarenta navios. [2] Na verdade Farnabazo tinha-os convidado e estava preparado para os financiar, e, além disso, tinha recebido novas de Bizâncio dizendo que se queriam revoltar a seu favor. [3] Entretanto os mesmos navios dos Peloponésios fizeram-se ao mar alto, a fim de, ao navegarem, não se deixarem ver pelos Atenienses, mas foram atingidos por uma tormenta e a maioria da esquadra foi levada para Delos por Clearco e seguidamente foram de novo para Mileto, de onde Clearco novamente partiu por terra para o Helesponto, a fim de assumir o comando. Dez dos navios, sob o comando de Helixo, o estrategista megarense, conseguiram navegar a salvo até ao Helesponto e aí provocaram a revolta em Bizâncio. [4] Depois destes casos, os que mandavam em Samos, quando foram informados do que se passara, enviaram alguns barcos para o Helesponto, como reforço e guarda, e uma batalha naval pouco importante deu-se em frente de Bizâncio entre oito navios de cada lado.

LXXXI. Os governantes atenienses que tinham ficado em Samos e principalmente Trasíbulo, que sempre manteve a mesma opinião, quando passou à execução de forma a mandar vir Alcibíades e convencer um grande número das forças armadas a impor o fim da assembleia, tendo votado elas no reinvestimento e na amnistia de Alcibíades, fez-se ao mar para ver Tissafernes e trouxe de volta para Samos Alcibíades, acreditando que seria esta a única solução, caso Tissafernes se passasse do lado dos Peloponésios para o seu lado. [2] Reunida a assembleia, Alcibíades queixou-se com muitos lamentos da sua desgraçada situação pessoal, pois fora condenado ao exílio. Depois deteve-se largamente a

tratar de assuntos políticos e insistiu não pouco sobre as esperanças que deviam ter quanto ao que se ia passar e com exagero encareceu a influência que tinha sobre Tissafernes. O motivo deste comportamento tinha como finalidade provocar medo dele nos partidos que mantinham em Atenas a oligarquia, e sobretudo levar a que os partidos, que o tinham feito sob juramento, se dissolvessem, e que os soldados acantonados em Samos tivessem mais consideração por ele e sobretudo que redobrassem coragem, ao mesmo tempo para que os seus inimigos criassem um sentimento de grande desconfiança para com Tissafernes e comesçassem a perder as esperanças que ainda tinham. [3] Fez Alcibíades promessas enormes, com o seu espírito bombástico, em como Tissafernes lhe teria confidenciado que só lhe restava depositar a sua confiança nos Atenienses, e que desse modo nunca lhes faltariam mantimentos, enquanto alguma coisa de seu tivesse em sua posse, nem mesmo que para esse fim tivesse de vender a sua própria cama; que já em Aspendo estavam os navios dos Fenícios para reforçar os Atenienses e não os Peloponésios, mas que confiava tão-somente nos Atenienses, no caso de Alcibíades ser mantido são e salvo, garantindo a sua segurança pessoal.

LXXXII. Quando ouviram estas e muitas outras promessas, os soldados elegeram imediatamente Alcibíades seu estratega para o juntarem aos outros que já desempenhavam as mesmas funções, e confiaram-lhe todos os processos em curso, e não havia nenhum que não trocasse a presente esperança de salvação e de vingança sobre os Quatrocentos por qualquer coisa que fosse, e já se sentiam prontos para desprezar os presentes adversários e de navegarem sobre o Pireu. [2] Mas Alcibíades impediu que navegassem contra o Pireu, deixando atrás de si e bem perto os seus inimigos, e embora muitos levantassem objecções, porque tinha sido eleito estratega, a primeira tarefa a fazer naquela guerra era

navegar até junto de Tissafernes para saber como agir. [3] Depois desta assembleia partiu imediatamente para junto de Tissafernes, a fim de que pensassem que partilhava com ele tudo o que se fizesse, querendo ao mesmo tempo que Tissafernes o tivesse em grande consideração e demonstrar-lhe, que uma vez eleito estratega, estava em posição de lhe fazer bem ou de lhe fazer mal. Para Alcibíades o que contava era que Tissafernes tivesse medo dos Atenienses, e que estes temessem Tissafernes.

LXXXIII. Quando os Peloponésios em Mileto souberam da recepção de Alcibíades, eles que já antes desconfiavam de Tissafernes, ainda com muito mais suspeição ficaram. [2] Relacionaram isto com o ataque naval dos Atenienses contra Mileto e com o facto de, por não terem querido defrontar-se com eles em batalha naval, Tissafernes se ter mostrado mais retinente do que nunca em conceder-lhes os vencimentos, e com o ódio que por ele tinham sentido, já antes desses acontecimentos, por causa de Alcibíades. [3] Juntaram-se então os soldados uns aos outros, e faziam as mesmas reflexões do costume, e não só os soldados, mas outras pessoas, entre as quais gente de boa reputação, dizendo que nunca recebiam os salários a tempo, e o que recebiam era pouco e que nem essa quantia era paga, e a menos que combatessem em batalhas decisivas, ou se se mudassem dali para outra parte é que teriam mantimentos, caso contrário as tripulações abandonariam os navios; tudo isto por causa de Astíoco que cedia aos caprichos de Tissafernes para ganhar dinheiro em seu interesse pessoal.

LXXXIV. Enquanto estavam absorvidos nestas reflexões ocorreu o seguinte distúrbio relacionado com Astíoco: [2] quando os marinheiros Siracusanos e Túrios, que em relação à maioria eram os mais livres e na mesma medida os que tinham mais coragem, foram exigir a Astíoco o paga-

mento dos salários, respondeu-lhes este com arrogância, proferiu ameaças e contra Dorieu, que falava em nome dos seus marinheiros, levantou-lhe o bastão. [3] Quando tal viu, a multidão de soldados, à maneira dos marinheiros, avançou em fúria contra Astíoco para lhe bater. Ele previu a reacção a tempo e correu a refugiar-se num altar, não sendo assim apedrejado, e os que o faziam acabaram por se separar uns dos outros. [4] Entretanto os Milésios tomaram conta, sem dar nas vistas, do forte de Tissafernes, construído em Mileto, e expulsaram os que lá dentro o guardavam, tendo esta operação sido aprovada pelos outros aliados e muito especialmente pelos Siracusanos; [5] mas tal acção não teve a aprovação de Licas, que lhes disse que os Milésios e os outros deviam obedecer como escravos a Tissafernes, em tudo o que estivesse dentro dos limites do razoável, pois estavam nas terras do Grande Rei, até que levassem a guerra a um bom fim. Os Milésios, porém, enraivecera-se contra ele devido ao que se tinha passado e por outros factos do mesmo género, e, quando ele depois morreu de doença, não o deixaram enterrar onde os Lacedemónios, que estavam com o exército, queriam.

LXXXV. Era assim o descontentamento, devido a estes factos, entre os soldados peloponésios e Astíoco e Tissafernes, e quando Míndaro, vindo de Lacedémon, veio substituir Astíoco no comando naval e o assumiu, Astíoco largou então para o mar. [2] Tissafernes mandou com ele um emissário da sua confiança e pertencente aos seus serviços, de nome Gaulites, um Cário que era bilingue, para se queixar do comportamento dos Milésios, no que respeitava o forte, ao mesmo tempo que o defendia pessoalmente, pois sabia que os Milésios iam também fazer a mesma viagem, sobretudo para o acusarem, tanto mais que Hermócrates ia com eles, o qual tencionava demonstrar que Tissafernes estava a prejudicar os Peloponésios justamente com Alcibía-

des, fazendo jogo duplo. [3] Hermócrates de facto tinha sido sempre seu inimigo devido aos salários não terem sido, numa ocasião, totalmente pagos. Recentemente, contudo, tendo Hermócrates sido exilado de Siracusa, e ao chegarem para os navios siracusanos, fundeados em Mileto, outros estrategos, Potâmide, Míscón e Demarco, perseguiu Tissafernes Hermócrates, que já estava no exílio, com mais persistência ainda e acusou-o, entre outros crimes, de lhe ter uma vez pedido dinheiro e, como o não recebesse, ter-se tornado seu inimigo. [4] Entretanto Astíoco, os Milésios e Hermócrates navegavam rumo a Lacedémon, enquanto Alcibíades já tinha vindo de novo de Tissafernes para Samos.

LXXXVI. Por essa ocasião, os representantes de Delos, então mandados pelos Quatrocentos para pacificarem e informarem as forças armadas sediadas em Samos, acabaram de chegar já ali estando Alcibíades, e depois de reunida a assembleia tentaram falar. [2] Mas os soldados primeiramente não os quiseram ouvir, e começaram a gritar para que fossem executados os que tinham desfeito a democracia, mas depois, tendo-se acalmado, com certa dificuldade, lá os ouviram. [3] Propagandearam eles que a revolução se tinha feito não para destruir a cidade, mas sim para a salvar, a fim de que não fosse entregue aos inimigos, o que tinha sido possível fazer, quando os Lacedemónios a invadiram na altura em que os que tinham feito a revolução estavam no poder, porque todos os Cinco Mil teriam a sua parte, e os seus familiares não seriam maltratados, tal como Céreas tinha vergonhosamente anunciado, nem nenhuma violência sofreriam, mas cada um poderia permanecer na sua terra nas propriedades que tivesse. [4] Contudo, quanto mais diziam os enviados, tanto menos eram ouvidos, e tudo piorou, porque cada um apresentava uma diferente opinião, mas a que foi aceite propunha que navegassem para o Pireu. Parece que então, pela primeira vez e mais do que ninguém, Alci-

bíades prestou um serviço à cidade. De facto, se os Atenien-
ses que estavam em Samos se precipitassem para navegar
contra os seus compatriotas, nesse mesmo momento era
mais do que certo que os seus inimigos entravam imediata-
mente na posse da Jónia e do Helesponto, e foi ele que tal
impediu. [5] Naquela altura ninguém mais seria capaz de
deter a multidão, e foi ele que levou a abandonar a ideia da
expedição, e conseguiu, desvalorizando, afastar a cólera que
sentiam, por motivos pessoais, contra os enviados. [6] Ele
próprio mandou partir os enviados, explicando-lhes que
não eram os Cinco Mil que deviam ser impedidos de man-
dar, mas, foi o que lhes ordenou, eram os Quatrocentos que
importava depor e instalar como antes os Quinhentos no
conselho. Para levar as coisas a bom fim, teceu grandes elo-
gios à intenção de se cortar nas despesas, de maneira a que
os combatentes pudessem dispor de mais recursos finance-
iros. [7] E deu-lhes outras ordens: a de resistirem e em nada
colaborarem com o inimigo, porque se a cidade se salvasse,
havia grandes esperanças de as facções se reconciliarem, ao
passo que se uma das partes fosse eliminada, quer a de
Samos, quer a dos outros em Atenas, não haveria hipótese
de haver alguém com quem se reconciliar. [8] Também
compareceram enviados de Argos, que se ofereceram para
prestar ajuda aos democratas atenienses de Samos. Alcibí-
ades agradeceu-lhes amavelmente, mas mandou-os para trás,
dizendo-lhes para aparecerem, quando fossem chamados.
[9] Os Argivos estavam acompanhados pela tripulação do
Páralo, e então tinham recebido ordens para, no navio de
transporte de soldados, navegarem à volta da ilha Eubeia e
foram encarregados pelos Quatrocentos de levarem envia-
dos dos Atenien-
ses a Lacedémon, os quais eram Lespódias,
Aristofonto e Melésias, mas quando já estavam no mar,
agarraram os enviados e entregaram-nos aos Argivos, por
eles serem os que mais tinham feito para subverter a demo-
cracia, eles que por sua parte tinham saído de Argos rumo

a Samos e foi com eles que os enviados Argivos chegaram na trirreme que lhes tinha sido confiada.

LXXXVII. Naquele mesmo Verão, Tissafernes, quando, devido a outros motivos e à chegada de Alcibíades, começou a ser fortemente detestado pelos Peloponésios, porque já era evidente que andava a aticizar, e queria ao mesmo tempo, como era fácil de ver, limpar-se dessas acusações perante os Peloponésios, preparou-se para partir com os navios fenícios para Aspendo e pediu que Licas partisse com ele, dizendo que deixaria à frente das forças armadas Támon, como seu representante, uma vez que era da sua confiança, para que, enquanto estivesse ausente, se encarregasse de não faltar com o pagamento às tropas. [2] Diz-se que não foi por essa razão, nem é fácil saber qual era a intenção por que foi para Aspendo, visto que depois de lá chegar não voltou a trazer os navios de volta. [3] Que os cento e quarenta e sete navios fenícios chegaram a Aspendo é facto comprovado, mas a razão por que não voltaram é interpretada em muitas versões. Pensam alguns que partiu para que se gastassem, tal como tinha planeado, os meios financeiros dos Peloponésios, porque Támon, a quem tinha dado o posto de comando, não dispunha de facto de mais meios para pagar melhores salários, mas sim menos meios; outros acreditam que levou os Fenícios para Aspendo, a fim de lhes cobrar dinheiro para os dispensar, até porque nunca utilizou os seus serviços; outros defendem a versão que o fez, devido às acusações contra ele em Lacedémon, e para que fosse dito que não estava com más intenções, pois que à vista de todos tinha ido para os barcos, que estavam verdadeiramente bem equipados com tripulações. [4] Quanto a mim, julgo ser mais evidente que ele não trouxe a esquadra devido à propaganda contra ele e para paralisar, sem que a fizesse entrar em missões, a frota dos Helenos e para a desgastar, com todo o tempo perdido na viagem para Aspendo

e para a tornar igual às outras, de forma a que, mesmo juntando-a a qualquer dos lados, não tornaria nenhum mais forte do que o outro, pois se efectivamente ele quisesse levar a guerra a seu fim, aparecendo ele, não levantaria dúvidas, se a levasse para os Lacedemónios, cujo poder náutico no tempo que corria era capaz de enfrentar os Atenienses, mais com igualdade do que com inferioridade, e segundo todas as probabilidades concedia-lhes a vitória. [5] Mas o que o compromete principalmente é a desculpa que arranjou para não trazer os barcos de volta. Disse que eles eram em menor número, do que o Grande Rei tinha ordenado que se juntasse. De resto deviam-lhe neste caso ficar-lhe mais gratos, porque nem fez perder muitos recursos ao Rei, mas levou a missão a cabo com menos custos. [6] De qualquer maneira seja qual for a interpretação, Tissafernes chegou a Aspendo para juntar-se aos Fenícios. Foi então que os Peloponésios, a seu pedido, mandaram para se juntar aos navios, Filipo, um homem lacedemónio, com duas trirremes.

LXXXVIII. Quando Alcibiádes soube que Tissafernes estava em Aspendo, fez-se ele também ao mar levando treze navios, e prometendo ao exército em Samos um favor grande e seguro, ou seja, levar ele próprio para os Atenienses os navios fenícios, ou então impedir que eles fossem para os Peloponésios, pois estava consciente há muito tempo de que era evidente a intenção de Tissafernes de os não levar, e agora queria comprometê-lo aos olhos dos Peloponésios, no tocante à aparente amizade que ele aparentava nutrir por ele próprio e pelos Atenienses, a fim de que mais facilmente o obrigasse a juntar-se a eles. Alcibiádes põe-se entretanto a navegar dirigindo-se directamente para Leste, rumo a Cauno e Fasélis.

LXXXIX. Por seu lado, os enviados que tinham sido mandados pelos Quinhentos, quando de Samos chegaram a Atenas, comunicaram as mensagens elaboradas por Alcibía-

des, que aconselhava a que resistissem e a nunca se renderem aos inimigos, visto que tinha grandes esperanças em mudar a atitude do exército para com eles, e assim levar a melhor aos Peloponésios, e a muitos dos que faziam parte da oligarquia, que antes tinham dificuldades, e para quem seria grato verem-se de alguma forma livres, mas com segurança, das suas funções, o que logo lhes daria mais coragem. [2] Eles já estavam a formar grupos e a criticar a situação, tendo como chefes membros conhecidos, que desempenhavam funções na oligarquia onde mandavam, tais como Terâmenes, filho de Hágnon, Aristócrates, filho de Célio, e outros. Eram eles os que entre si formavam a vanguarda da revolução, e temiam agora, conforme confessavam, o exército que estava em Samos e especialmente Alcibíades, bem como os enviados que tinham mandado a Esparta, que poderiam, por não ter sido consultada a maioria, fazer algum mal à cidade, pois não tinham de facto dito abertamente que queriam ir para um governo de poucos, mas sempre mostraram que era importante elegerem os Cinco Mil de facto e não meramente de nome e firmar uma república com mais igualdade. [3] Mas tratava-se, por parte deles, de uma situação política só de palavras, pois, nas suas ambições pessoais, e neste particular, pretendiam principalmente seguir as linhas políticas pelas quais uma oligarquia, formada sobre uma democracia, era quase certo chegar à destruição. Todos consideravam sem dúvidas, que nem todos devem ser iguais, contanto que cada um deles seja o primeiro. Ora, quando se dá a escolha democrática, cada um aceita os resultados, porque não se sente diminuído, visto não ter sido escolhido pelos seus iguais. [4] O que, no entanto, seguramente os convenceu, foi o poder bem forte de Alcibíades em Samos e o facto de lhes parecer que o futuro da oligarquia não era estável.

XC. Os membros dos Quatrocentos eram definitivamente hostis a esta visão, e o mais importante, Frínico, que

tinha sido estrategico em Samos e que nessa altura se travara de razões com Alcibíades, assim como Aristarco, homem que se situava entre os que mais abertamente e por mais tempo se opuseram à democracia, e também Pisandro, Antifonte e outros de entre os mais poderosos, já antes desta altura, logo que foram investidos no poder, quando em Samos, as forças armadas deles se afastaram a favor da democracia, enviaram ambaixadores seus a Lacedémon, para tentarem fazer um acordo, e mandaram construir na zona chamada Ecionia uma praça forte e seguidamente ainda com mais empenho, porque os seus enviados, quando voltaram de Samos, tinham entrevistado muitos e mesmo aqueles que lhes pareciam seus fiéis, já tinham mudado de posição. [2] Assim mandaram à pressa Antifonte, Frínico e mais outros dez, porque ficaram assustados com a situação na sua própria terra e sem Samos, insistindo com eles para que de todas as maneiras fizessem a paz com os Lacedemónios, fosse em que condições fosse, desde que aceitáveis. Passam a construir então ainda com mais empenho a praça-forte em Ecionia. [3] A intenção de construir esta praça forte, tal como Terâmenes e outros dos seus companheiros afirmavam, não era a de impedir que os de Samos para lá entrassem pela força, mas sobretudo para não entrarem no Pireu, muito especialmente os inimigos, todas as vezes que o quisessem com uma esquadra e com tropas de terra. [4] De facto Ecionia é um molhe protector do Pireu e por ele é a entrada mais rápida. Assim a muralha, que nele se construía, ligava-se com a muralha que anteriormente já estava construída em terra firme e de tal forma, que poucos homens nela colocados podiam comandar as entradas. [5] Sobre a muralha construída na embocadura do porto, que era estreita, elevava-se uma segunda torre, que era onde terminava a velha muralha voltada para a terra firme, ao passo que a nova muralha era construída voltada para o mar. [6] Também cortaram no Pireu a passagem para o seu maior armazém,

que era de grandes dimensões e se juntava à muralha interior, mantendo-o na sua posse, e nele obrigavam todos a depositarem o trigo que já tinham, ou a descarregar o trigo que de barco vinha lá de fora e levarem-no dali se porventura o quisessem vender.

XCI. Estas medidas foram objecto das críticas de Terâmenes durante muito tempo, e quando os enviados voltaram de Lacedémon não tendo conseguido chegar a qualquer acordo, entre todos disseram que iriam correr o perigo de que as fortificações viessem a trazer a ruína à cidade. [2] Nessa mesma altura aconteceu que da parte dos Peloponésios chegaram, a convite dos Eubeus, quarenta e dois navios, entre os quais alguns havia que eram da Itália, nomeadamente de Tarento, de Locros e também da Sicília, e tinham lançado ferro em Lás na Lacónia, preparando-se para navegar rumo à Eubeia. Comandava-os Agesândrides, um espartano filho de Agesandro. Terâmenes disse que para a Eubeia não iam, mas sim para junto dos que andavam a fortificar Ecionia, pois que, se nenhuma precaução fosse tomada, antes de se darem conta, já estariam perdidos. [3] De facto algo disso se sentia por parte dos que ele acusava, pois as suas palavras não eram mera difamação. De facto, aqueles tais queriam mais do que tudo viver numa oligarquia e mandar em Atenas e nos aliados e, se tal não conseguissem, ficarem na posse de navios e de fortificações, e serem independentes. Se fossem privados disso, em vez de antes dos outros serem executados pela democracia renascida, estavam dispostos a chamar os inimigos, e sem fortificações nem navios, chegarem a um pacto que os mantivesse no governo da cidade, desde que os seus corpos fossem poupados em segurança.

XCII. Por esse motivo lançaram mãos à obra com grande vigor, fazendo as fortificações com subterrâneos,

entradas e saídas para os inimigos, e queriam acabar a obra o mais depressa possível. [2] Entretanto o falatório visava primeiramente algumas pessoas em especial e às escondidas. Quando Frínico chegou da embaixada a Lacedémon e foi apunhalado por um dos perípolos em pleno mercado devido a uma conjuração e morreu imediatamente a poucos passos do Conselho, o autor do crime conseguiu fugir, mas o seu cúmplice, um argivo, foi preso e torturado pelos Quatrocentos, sem conseguirem obrigá-lo a dizer o nome de quem o tinha encarregado, nem de quem quer que fosse, a não ser que sabia que muita gente ia a casa do chefe dos perípolos e a muitas outras casas. E como nada de novo conseguissem extrair dele, Terâmenes e Aristócrates e todos os restantes que pertenciam aos Quatrocentos e mesmo outros que estavam de fora, sentiram-se com coragem e decidiram então entrar em acção. [3] Já nesse momento os navios tinham feito o percurso à volta de Lás, ancorado em Epidauro e tinham feito uma incursão a Egina. Mas Terâmenes disse que não era provável que navegassem para a Eubeia, pois que de novo tinham vindo ancorar em Epidauro, a menos que tivessem vindo ajudar aqueles que ele sempre acusara. Não era possível por conseguinte que continuassem na inacção. [4] No final de muitos e insidiosos discursos e de suspeições terem sido proferidos, decidiram então lançar mãos ao trabalho que a situação exigia. Desta forma, os hoplitas que no Pireu construíam a fortaleza de Ecionia, entre os quais estava Aristócrates que era um dos taxiarcas e que tinha gente da própria tribo, prenderam Aléxicles, que era um estratega da oligarquia e decididamente dedicado aos seus camaradas conspiradores, e levaram-no para uma casa e aí o fecharam. [5] Colaboraram com eles simultaneamente também outros e um certo Hérmon, que comandava os perípolos que estavam estacionados em Muníquia, mas a maior ajuda era prestada com vontade por um esquadrão de hoplitas. [6] Logo que tal acontecimento foi comunicado

aos Quatrocentos, que acontecia estarem reunidos no Conselho, imediatamente, com exceção de quantos não queriam que tal acontecesse, se aprontaram a ir para o depósito de armas e ameaçaram Terâmenes e os outros seus seguidores. Terâmenes disse que estava disposto a defender-se e que iria já correr em socorro. Tomou consigo um dos estrategos que pertencia à sua facção e foi para o Pireu, seguido por Aristarco e pelos jovens de cavalaria. [7] Era um ambiente de pânico e de confusão. Os que estavam na fortaleza pensaram logo que o Pireu tinha sido tomado e que o prisioneiro tinha sido morto; os que estavam no Pireu pensaram que os que vinham da cidade dentro de pouco tempo se precipitariam sobre eles. [8] Os mais velhos tentaram decididamente fazer parar os que corriam na cidade de um lado para o outro e se dirigiam para os depósitos de armas, e Tucídides de Farsalos, cidadão honorário de Atenas, que então estava no local, lançou-se com energia entre cada um dos dois grupos, e gritou-lhes para que não pusessem a pátria em perigo, porque os inimigos estavam perto para a destruir, mas eles só a custo se acalmaram. [9] Terâmenes então dirigiu-se ao Pireu, onde ele próprio era estratega, e tanto quanto se pôde avaliar pelos gritos, mostrou-se furioso contra os hoplitas. Por seu lado, Aristarco e os adversários do Povo ficaram furiosos. [10] E os hoplitas, na sua maioria, avançaram naquele mesmo lugar para o trabalho e nem mudaram de atitude, mas perguntaram a Terâmenes se lhe parecia que a fortificação ia ser construída para uma boa finalidade ou se era melhor deitá-la abaixo. Ele respondeu que se a eles lhes parecia ser melhor deitá-la abaixo, que o mesmo lhe parecia a ele. Imediatamente os hoplitas saíram de onde estavam e subiram para cima da muralha para demolirem a fortificação e com eles muita gente que estava no Pireu. [11] Agora a palavra de ordem para a multidão era dirigida para os que quisessem que “os Cinco Mil mandassem em vez dos Quatrocentos”, que então viessem fazer a

empreitada. Encobriram por meio da expressão “Cinco Mil”, o dizerem abertamente “quem deseja que o Povo mande”, pois tinham medo que alguém falando com qualquer pessoa pudesse, se não estivesse informado, ficar em perigo. Era esta a razão por que os Quatrocentos não queriam que os Cinco Mil existissem, nem que fosse claro que não existissem, porque pensavam que se tantos fossem investidos como membros na governação, teriam indubitavelmente uma democracia, enquanto a insegurança inspiraria medo entre os cidadãos pondo-os uns contra os outros.

XCIII. No dia seguinte, os Quatrocentos, ainda que assustados, reuniram-se igualmente no Conselho, enquanto os hoplitas no Pireu libertaram Aléxicles, que antes tinham prendido, e demoliram a fortificação, foram até ao teatro de Diónisos em Muníquia e envergaram as armas para se reunirem em assembleia e rapidamente nela tomaram a decisão de rapidamente marcharem para a cidade, envergando de novo as armas em Anácio. [2] Alguns membros dos Quatrocentos, que tinham sido escolhidos, vieram no seu encalço e falaram de homem para homem com eles e convenceram os mais razoáveis a pararem e a contarem os restantes, dizendo-lhes que deviam conhecer os Cinco Mil e que destes, de forma rotativa, conforme parecesse aos Cinco Mil, sairiam Quatrocentos, que entretanto não destruíssem a cidade nem a deixassem de portas abertas para os inimigos. [3] Todo o corpo de hoplitas, do qual foram muitos os que falaram e a quem muitos outros dirigiram a palavra, ficou então mais calmo do que antes, mas preocupado sobretudo com a situação política em geral e concordaram em conjunto, num dia marcado, fazerem uma assembleia no templo de Diónisos para conseguirem alcançar a concórdia.

XCIV. Quando chegou o tempo marcado para a assembleia no templo de Diónisos e todos já estavam reunidos,

chegou a notícia de que quarenta e dois navios de Agesândridas vinham a navegar, junto à costa, de Mégara rumo a Salamina. Todos os hoplitas, dos muitos que eram, pensaram que se tratava mesmo do que por Terâmenes fora há muito dito, por ele e seus companheiros, que os navios iam navegar contra a fortificação, e pareceu-lhes então acertado que a tivessem deitado abaixo. [2] Embora fosse possível que Agesândridas, por algum plano prévio, tivesse andado à volta de Epidauro e vizinhança, e que naturalmente se tivesse mantido por ali, perante a agitação entre os Atenien-ses, na esperança de que aparecesse necessariamente uma oportunidade dali proveniente. [3] Os Atenien-ses, contudo, logo que lhes chegou a notícia, puseram-se todos imediatamente a correr em massa para o Pireu, por estar a preparar-se uma guerra maior do que a travada até agora entre eles, visto que o inimigo estava mais perto do porto. Uns subiram para os barcos que ali estavam; outros, lançaram barcos à água, e alguns preparavam-se para defender as muralhas e a embocadura do porto.

XCV. Ora os navios peloponésios tinham vindo a navegar pela costa, contornaram o cabo Súnio e ancoraram entre Torico e Prásias e chegaram depois a Oropo. [2] Os Atenien-ses por seu lado foram forçados a toda a pressa a servir-se de tripulações mal treinadas, pois tinham uma revolução na cidade e queriam defender a sua maior possessão e sem perder tempo – visto que a ilha Eubeia era tudo para eles, uma vez que a entrada na Ática lhes estava fechada –; [3] mandaram então para Erétria o estrategista Timócares e os navios, os quais, quando chegassem, juntamente com os que anteriormente estavam na Eubeia, perfariam um lote de trinta e seis, e seriam imediatamente forçados a entrar em batalha. Quanto a Agesândridas, depois de a tripulação ter jantado, saiu de Oropo com a esquadra. Oropo dista, quando muito e por mar, da cidade de Erétria sessenta estádios.

[4] Quando se pôs a navegar, os Atenienses embarcaram as tripulações nos navios, por pensarem que havia soldados junto às embarcações que eram deles. Ora acontecia que esses soldados, porque se queriam aprovisionar e porque nada havia a vender no mercado, tiveram de comprar nas casas particulares que estavam nos limites da cidade – estratégia intencional dos Erétrios –, para que indo tripular com tempo, os seus inimigos se apressassem e fossem bater-se preparados ou não, mas como estivessem. Por isso, um sinal foi içado em Erétria para os Peloponésios em Oropo, para lhes indicar quando deviam avançar. [5] Devido a essa má preparação, os Atenienses foram impelidos a travar a batalha naval fora do porto dos Erétrios, mas só conseguiram resistir por pouco tempo, e depois tiveram de se virar para fugir e foram perseguidos até à costa. [6] Todos aqueles que fugiram para Erétria, que julgavam amiga, passaram os piores tormentos e foram assassinados pelos habitantes; quanto aos que fugiram para a fortaleza ateniense de Erétria, que estava sob o seu poder, e para os barcos que iam para Cálcis conseguiram salvar-se. [7] Vinte e dois navios dos Atenienses foram aprisionados pelos Peloponésios que, depois de matarem os homens que lá estavam, ou deixando-os vivos, erigiram um troféu, e conseguiram não muito tempo depois fazer revoltar toda a Eubeia à excepção de Oreu – que estava sob o domínio dos Atenienses –, e controlaram à sua maneira os problemas da ilha.

XCVI. Quando aos Atenienses chegaram as novas dos acontecimentos sucedidos na ilha Eubeia, o choque foi maior do que em qualquer outra situação, por que antes tivessem passado. Nem mesmo a catástrofe na Sicília, embora na altura tivesse parecido grande, nem nenhum outro acontecimento os apavorou daquela maneira. O exército em Samos estava revoltado, quando não havia mais navios nem gente para os tripular; quando eles próprios estavam em conflito

interno e não era claro, quando se voltariam uns contra os outros, tão grande era a desgraça que sobre eles tinha caído, na qual navios e especialmente a sua mais preciosa possessão, a ilha Eubeia, se tinham perdido, da qual tiravam mais recursos financeiros do que da própria Ática, de tal forma que era inimaginável como estavam desanimados. Entretanto o que mais de perto os assustava era o facto de que os inimigos, encorajados, porque os tinham acabado de vencer, fossem directamente navegar para o Pireu, que estava vazio de barcos para o defender, e a cada momento pensavam que o inimigo já lá estava. Eis o que, se os adversários fossem mais corajosos, poderiam com facilidade ter feito e, nesse caso, ou causavam uma separação política ainda maior na cidade entre as facções que se degladiavam, ou, se ficassem para montar um cerco, forçariam a vir da Jónia os navios, ainda que estes fossem contra a oligarquia, mas que mesmo assim viriam em socorro dos seus familiares e de toda a cidade mas, no entretanto ficariam no poder do inimigo o Helesponto, a Jónia, as ilhas e a zona que ia até à Eubeia, o que, por assim dizer, correspondia a todo o império dos Atenienses. Mas não foi só neste aspecto que os Lacedemónios se revelaram os inimigos mais convenientes para combater, foi também em muitos outros pontos. Eram de facto diferentes de muitas maneiras em relação aos Atenienses: estes eram rápidos, os outros lentos; uns eram atrevidos, os outros timoratos, porque de outra forma não teriam os Atenienses disposto da excelência do seu poder marítimo. Demonstraram esta diferença os Siracusanos: só porque eram mais parecidos no carácter com os Atenienses, lançaram-se em acções de maior envergadura e com sucesso ganharam a guerra contra Atenas, a maior potência dos mares.

XCVII. Mal tinham recebido as notícias e logo os Atenienses armaram vinte navios com as tripulações e imediatamente reuniram pela primeira vez a Assembleia na assim

chamada Pnix, onde em tempos passados se costumavam reunir, na qual depuseram os Quatrocentos e votaram a favor dos Cinco Mil, aos quais entregaram a condução política – a eles pertenciam todos os que tinham adquirido armas –, e decidiram que não devia haver salário para qualquer lugar que se desempenhasse, e, se assim não fosse, seria quem o recebesse, amaldiçoado, e fizeram-se posteriormente frequentes assembleias, nas quais eram votados os legisladores e outras medidas no sentido de haver uma constituição. E foi pelo menos este o primeiro período da minha vida em que os Atenienses me pareceram terem constituído uma boa governação. Foi com bom senso que se deu a junção entre os partidários da oligarquia e da democracia, e foi depois de tão dolorosos acontecimentos que a cidade começou a recobrar forças. Também votaram para chamar Alcibíades e outros que com ele estavam no exílio, e mandaram-lhe emissários, como também às forças armadas de Samos, pedindo-lhes que os ajudassem no assuntos do Estado.

XCVIII. Com esta reviravolta, logo os que estavam com Pisandro e Aléxicles e quantos pertenciam à oligarquia puseram-se secretamente em fuga para Deceleia, mas Aristarco – que era um dos estrategos – foi o único que reuniu à pressa alguns archeiros, dos mais bárbaros, e com eles foi para Énoe. Existia ali uma fortificação ateniense na zona fronteira da Beócia. Montavam-lhe um cerco, por sua conta e risco, os Coríntios, que tinham chamado os Beócios em seu auxílio, devido a um revés que se tinha dado, provocado pela guarnição de Énoe, quando perderam homens seus que vinham de Deceleia. Aristarco, depois de ter organizado uma reunião com eles, enganou os de Énoe, dizendo-lhes que os seus partidários na cidade tinham chegado a acordo com os Peloponésios e, entre outras coisas, que a guarnição de Énoe devia entregar a zona aos Beócios. Que tinha sido nestes termos que tinham chegado a acordo.

E eles acreditaram-no, por se tratar de um estrategista, pois ignoravam completamente o que dizia, devido a estarem cercados, e pacificamente saíram. Foi desta maneira que Énoe foi tomada e ocupada pelos Beócios e assim também a oligarquia e a revolução deixaram de existir em Atenas.

XCIX. Durante o Verão e por esta mesma altura, era assim a situação dos Peloponésios. Por outro lado, como nenhum dos auxiliares, encarregados por Tissafernes, procedesse ao pagamento de salários – ele entretanto tinha ido para Aspenso –, e como nem os navios fenícios nem Tissafernes chegassem, Filipo, que tinha sido mandado com ele, e Hipócrates, cidadão de Esparta, que estava em Fasílis, mandaram recado a Míndaro, o navarco, dizendo que os navios não tinham aparecido de todo e que tudo era causado por culpa de Tissafernes; Farnabazo, por sua vez, tinha-os convidado e estava desejoso de fazer vir os navios, tal como Tissafernes, e fomentar a revolta contra os Atenienses nas cidades que faltavam dentro da zona em que mandava, por ter grandes esperanças de se afirmar com esta operação. Foi assim que Míndaro cedeu aos seus pedidos, mas com muita disciplina, para que não fosse visto pelos que estavam em Samos. Levantou ferro de Mileto com setenta e três navios e navegou para o Helesponto, para onde, naquele mesmo Verão, dezasseis barcos o tinham precedido, e tinham já percorrido parte do Quersoneso. Apanhado por uma tormenta foi obrigado a entrar em Ícaro, e depois de ali ficar detido sem poder navegar durante cinco ou seis dias, chegou a Quios.

C. Quando Trásilo soube que Míndaro tinha partido de Mileto, imediatamente se fez ao mar com cinquenta e cinco navios e apressou-se para que o inimigo não abordasse antes dele o Helesponto. [2] Tendo conhecimento de que ele estava em Quios, acreditou que ali se demoraria, e mandou

colocar vigias em Lesbos e na costa que está em frente, para que, se os navios se movessem fosse para onde fosse, não o fizessem sem serem vistos, e ele próprio pôs-se a navegar junto à costa para Metimna, e deu ordens para se abastecerem de farinha de cevada e de outros alimentos, a fim de que, se porventura se demorassem mais tempo, pudesse de Lesbos atacar Quios com a esquadra. [3] Ao mesmo tempo, visto que a cidade de Éreso se tinha revoltado contra Lesbos, queria fazer uma expedição contra ela e, caso pudesse, conquistá-la. Como os exilados de Metimna eram dos mais poderosos e tinham trazido de Cime cerca de cinquenta hoplitas seus companheiros de confiança, a quem se juntavam outros do continente, cujos serviços pagavam, o que ao todo perfazia cerca de trezentos homens, tendo escolhido para comandá-los Anaxandro de Tebas, por ser do mesmo sangue, atacaram primeiro Metimna, mas foram enxotados da terra firme pelas gurnições atenienses que avançaram de Mitilene, e foram de novo batidos na luta travada lá fora e só depois de atravessarem as montanhas é que espalharam a revolta em Éreso. [4] Trásilo decidiu então avançar com toda a esquadra e atacar aquele lugar. Mas Trasíbulo tinha entretanto chegado com antecedência de Samos com cinco navios, mal tinha ouvido que os exilados tinham feito a tal travessia. Chegou, porém, tarde demais para salvar Éreso e ali ancorou. [5] Vieram talvez juntar-se-lhe então dois navios provenientes do Heleponto e que iam para a sua terra e cinco navios de Metimna. Eram ao todo sessenta e sete navios, mas as tropas estavam poderosamente equipadas com máquinas de cerco de toda a ordem, para atacarem Éreso, se lhes fosse possível.

CI. Nessa altura, Míndaro e a esquadra peloponésia de Quios, que esteve a aprovisionar-se durante dois dias e tendo recebido dos Quios, cada elemento de tripulação, três tessaracostas, logo no terceiro dia começaram a navegar a

toda pressa a partir da ilha, evitando o mar alto, para não se avistarem com os navios atenienses de Éreso, mas mantendo a ilha de Lesbos à esquerda, navegaram rumo à costa. [2] Depois de chegarem ao porto de Cartérios, no território de Focéia e de aí terem jantado, navegaram ao longo da costa de Cimeia e foram cear nas Arginusas, já em terra firme, no porto que está em frente de Mitilene. [3] Daí continuaram ainda durante grande parte da noite navegando junto à costa e chegaram a Harmatonte, já na costa que confrontava com Metimna; aí comeram à pressa o almoço e continuaram a navegar junto à costa, não se detendo em Lecto, Larissa e Hamaxito e outras localidades naquela zona, até chegarem a Reteio, já no Helesponto, antes da meia-noite. Alguns dos navios aportaram a Sigeu e a outros pontos daquela região.

CII. Os Atenienses que estavam em Sesto com dezoito navios, quando os vigias os avisaram com sinais e viram muitas fogueiras que de repente tinham aparecido do lado inimigo, ficaram logo a saber que os Peloponésios estavam a entrar no estreito. Assim, naquela mesma noite e tão rapidamente quanto puderam, navegaram junto à costa do Quersoneso com rumo a Eleunte, pois queriam navegar para longe dos navios inimigos em superfície marítima mais vasta. [2] Deste modo, em Abido, conseguiram não ser vistos por dezasseis navios – apesar de estes terem sido avisados por uma embarcação sua amiga que estava de guarda, para que seguissem as manobras atenienses, não fossem eles escapar-se pelos estreitos –; no entanto ao raiar da aurora, as embarcações comandadas por Míndaro avistaram as atenienses, e ele tentou logo persegui-las, mas não teve tempo de aprisionar todas, pois muitas fugiram para Imbro e Lemnos, sendo capturadas contudo quatro, as que navegavam em último lugar, nas imediações de Eleunte. [3] Uma delas, que ficou varada junto ao templo de Protesilau, foi capturada

com todos tripulantes, as outras duas foram-no, mas sem ninguém, e o que restava, queimaram-no os inimigos e ficou abandonado junto a Imbro.

CIII. Depois disto, com a esquadra que veio de Abido e se juntou às outras embarcações, perfazendo uma totalidade de oitenta e seis barcos, foram cercar naquele dia Eleunte, mas como o cerco não resultasse, recolheram-se a Abido. [2] Os Atenienses mal informados pelos seus vigias, nunca pensaram que escapariam à sua atenção os trajectos dos navios inimigos, estavam sem grande alvoroço a atacar as muralhas, mas logo que se deram conta, imediatamente abandonaram Éreso e navegaram a toda a velocidade para o Helesponto. [3] Tomaram de assalto dois dos navios pelo-ponésios, que no entusiasmo da perseguição tinham sido levados para longe demais, e agora estavam na sua rota, mas no dia seguinte, chegados a Eleunte ali lançaram ferro e trouxeram de Imbro quantos lá se tinham refugiado, e prepararam-se para a batalha naval durante cinco dias.

CIV. Na sequência destas operações, travaram batalha da seguinte maneira: os Atenienses alinhados numa só coluna, navegaram junto à costa seguindo-a até Sesto, e os Peloponésios logo que os viram, avançaram também eles para os enfrentar. [2] Sabendo que iam combater, estenderam os Atenienses a coluna até ao Quersoneso, começando em Ídaco e terminando em Arrianos, com setenta e seis barcos, enquanto os Peloponésios alinharam uma coluna de Abido até Dárdano. [3] Os Siracusanos navegavam do lado direito da coluna formada pelos Peloponésios, do outro lado estava Míndaro com os navios que, na esquadra, navegavam em melhores condições; quanto aos Atenienses, era Trásilo que ocupava o lado esquerdo e Trasíbulo o direito. Os outros estrategos estavam distribuídos pelos diversos corpos da armada. [4] Os Peloponésios estavam ansiosos para serem

eles os primeiros a atacar, tentaram ultrapassar a direita da esquadra ateniense de forma a que com o seu flanco esquerdo conseguissem impedi-los de navegar para a embocadura dos estreitos, caso pudessem, enquanto com o meio da coluna empurravam-nos para terra, que não estava longe. Os Atenienses perceberam a manobra e, até onde queriam impedir de sair os adversários, fizeram estender a coluna e estavam a levar vantagem nessa manobra. [5] A sua esquerda já tinha ultrapassado uma ponta de terra que se chamava Sinal do Cão, Cinossema. Tendo feito esta manobra no meio da coluna, obrigou ela a enfraquecer e a separar os navios, tanto mais que dispunham de uma esquadra com menos navios e que a terra à volta de Cinossema formava uma ponta e era de tal forma angular que o que se passava do lado contrário era impossível ver-se.

CV. Caíram os Peloponésios sobre o tal meio, impeliaram os navios dos Atenienses para a costa e fizeram-nos encalhar em terra. [2] Proteger o centro, nem os que tripulavam na equipa de Trasíbulo podiam do lado direito, devido ao número de navios que vinha na sua direcção, nem tão-pouco a mesma equipa de Trasíbulo o podia fazer do lado esquerdo, pois nada se via devido à altura de Cinossema, ao mesmo tempo que os Siracusanos e outros, em número não inferior e alinhados em coluna, os empurravam, tudo isto antes que os Peloponésios, sentindo-se já inevitavelmente vitoriosos, começaram a perseguir os navios uns dos outros, o que levou a que certas partes das suas forças se tornaram mais desalinhadas. [3] Os Atenienses das tripulações de Trasíbulo ao verem isto, deixaram de estender o seu flanco, começaram a combater os barcos que contra eles se dirigiam, derrotaram-nos imediatamente e fizeram-nos voltar para trás, e arrancando sobre a parte já dispersa da armada vitoriosa dos Peloponésios, atacaram e puseram a maior parte das embarcações em fuga, sem que

um golpe tivesse sido desfechado. Os Siracusanos que, por seu lado, já tinham dado lugar aos que combatiam com Trásilo, também se lançaram abertamente em fuga, depois que viram os outros a fazer o mesmo.

CVI. Tendo-lhes sucedido este revés, fugiram os Peloponésios primeiramente para se refugiarem sobretudo no rio, e seguidamente foram para Abido, mas os Atenenses só conseguiram aprisionar poucos navios, pois o Helesponto oferecia pequenos lugares de refúgio para os adversários. A vitória conseguida na batalha pelos Atenenses, não podia ter sido mais oportuna. [2] Até esse momento os Atenenses sempre tinham temido o poder naval dos Peloponésios, não só devido a pequenas derrotas que sofreram, mas sobretudo ao desastre sucedido na Sicília. Agora, porém, deixaram de se censurar a si próprios e deixaram de acreditar que os inimigos eram inimigos dignos de respeito como forças marítimas. [3] No entanto capturaram oito navios inimigos de Quios, cinco vindos de Corinto, dois de Ambrácia e dois da Beócia, enquanto dos Leucádios, dos Lacedemónios e dos Peleneus capturaram um de cada um. Os Atenenses, por seu lado, perderam quinze navios. [4] Levantaram então um troféu no alto de Cinossema, recolheram os destroços, restituíram os mortos aos inimigos durante umas tréguas, e enviaram para Atenas uma trirreme para levar a notícia da vitória. [5] Chegado este navio, os Atenenses ao ouvirem a inesperada sorte depois dos desastres há pouco sofridos na Eubeia e durante a revolução em Atenas, ficaram muito animados e começaram a acreditar que ainda seria possível que as suas aspirações se concretisassem, desde que lançassem decididamente mãos à obra.

CVII. No quarto dia depois da batalha naval, os Atenenses que tinham ficado em Sesto, depois de terem reparado as embarcações com rapidez, navegaram para Cízico,

que se tinha revoltado. Depois de Harpágio e de Priapo, quando viram oito navios, vindos de Bizâncio, ancorados, contra eles navegaram e tendo derrotado numa batalha as tropas que estavam em terra, apoderaram-se dos navios. Quando chegaram a Cízico, que não estava fortificada, reconquistaram-na e ali extorquiram dinheiro. [2] Navegaram então os Peloponésios de Abido para Eleunte e recuperaram os seus navios que tinham sido capturados e que ainda estavam em bom estado e levaram-nos – pois os outros tinham sido queimados pelos Eleúsios –, e foi para a ilha Eubeia que mandaram Hipócrates e Épicles para dali levarem a esquadra.

CVIII. Por esta mesma ocasião regressou Alcibiades de Cauno e de Fasélis com treze navios para Samos, com a notícia de que tinha desviado os navios fenícios para irem ter com os Peloponésios e que tinha feito Tissafernes ainda mais amigo dos Atenienses, do que era anteriormente. [2] Equipou, além disso, nove navios para juntar aos que já tinha, extorquira grandes somas de dinheiro das gentes de Halicarnasso e fortificara Cós. Depois de ter feito isto e de ter investido um governador em Cós, já no Outono, fez-se ao mar, rumo a Samos. [3] Tissafernes, por seu lado, ouviu que a armada peloponésia estava a navegar de Mileto para o Helesponto, desfez o acampamento e voltou de Aspendo para trás na direcção da Jónia. [4] Estavam os Peloponésios no Helesponto, quando os Antândrios – que pertencem à raça eólica – trouxeram de Abido e por terra, atravessando o monte Ida, hoplitas que introduziram na cidade, porque sentiam terem sido maltratados pelo persa Arsaces, lugar-tenente de Tissafernes. Esse tal Arsaces era o homem que, quando os Délios se tinham instalado em Atromiteu, na altura em que foram afastados de Delos pelos Atenienses ao purificarem a ilha, fazendo de conta que existia um misterioso inimigo, convidou para actividades

militares os melhores de entre eles, e depois de os ter levado como amigos e aliados, esperou que eles jantassem e fê-los cercar pelos seus homens, que os alvejaram e mataram. [5] Este caso levou os Antândrios a temerem-no, não fosse ele ultrajá-los de novo, e também devido a ele os estar a sobrecarregar de tal forma que já não aguentavam, expulsaram a guarnição de que dispunha para fora da cidadela.

CIX. Tissafernes depois de ter sabido da acção levada a cabo pelos Peloponésios, não só ali mas também em Mileto e Cnido, onde as guarnições tinham sido forçadas a sair, convenceu-se de que havia violenta hostilidade entre eles e temeu que algo mais ainda fosse destruído pela sua raiva, tal como se sentiu humilhado, caso Farnabazo, que os aceitou a servi-lo por menos tempo e por menos dinheiro, tivesse mais sucesso contra os Atenienses, e por estes motivos decidiu partir para o Helesponto para se encontrar com eles, a fim de se queixar do que tinha sido feito em Antandro e se defender de maneira mais eficaz contra as intrigas insul-tuosas que contra ele moviam, ligadas aos barcos fenícios e a outros assuntos ainda. Chegou assim primeiramente a Éfeso e ofereceu um sacrifício a Ártemis. [2] [Quando o Inverno, depois deste Verão, terminar, completa-se o vigésimo primeiro ano desta guerra.]

GLOSSÁRIO

Acrópole: a zona alta das cidades gregas, em especial a de Atenas, onde se erguiam templos, como o *Parténon*, dedicado a Atena, deusa epónima da cidade, e a *Pnix*, onde se reunia a assembleia, e em certas cidades, fortificações.

Ágora: a praça pública nas cidades gregas, centro de actividades comerciais, entre as quais a praça de produtos alimentícios, bem como de actividades políticas e sociais.

Arcontes: magistrados atenienses escolhidos todos os anos à sorte. Eram em número de nove, e estavam encarregados de administrar a justiça.

Artinas: magistrados de Argos.

Aticizar: imitar o comportamento, maneiras e hábitos dos cidadãos atenienses (ver *medismo*).

Beotarca: representante oficial de cada estado-membro da Liga Beócia.

Cerâmico: bairro de Atenas em que viviam e trabalhavam os oleiros e onde ficava um famoso cemitério.

Cítala: pequeno bastão em que os Espartanos enrolavam uma faixa de cabedal em que escreviam uma mensagem cifrada,

que era decifrada pelo receptor por meio de outro bastão, que continha a chave para a abrir.

Demiurgos: magistrados de Mantineia e de Eleia.

Demos: unidade básica da estrutura política ateniense composta primeiro por aqueles que viviam nas aldeias à volta de Atenas. Passou a significar o conjunto de todos os cidadãos atenienses com considerável poder político, pois, pelo seu voto, condicionavam o poder executivo na democrática Atenas. A pouco e pouco significava o mesmo que “povo”, e no grego de Tucídides somente a palavra *Demos* podia significar o sistema democrático por oposição ao oligárquico.

Dracma: unidade monetária grega que valia seis óbulos e correspondia aproximadamente ao pagamento de um dia de trabalho.

Éforos: os cinco magistrados escolhidos anualmente em Esparta. Controlavam o poder político e legislativo e até os reis.

Espartiata: cidadão do nível mais elevado de Esparta, membro do escol espartano.

Estádio: unidade de comprimento grega correspondendo aproximadamente a seiscentos pés, em medida decimal cerca de 206,25 m.

Estatera: unidade monetária grega, de valor variável e cunhada em ouro ou prata.

Estratego: general, comandante de um exército ou almirante, comandante duma armada.

Hermes: o deus mensageiro dos deuses, guia das almas para o Hades. Hermes em Atenas eram pilares pequenos votivos que

existiam em grande número na entrada de casas particulares e de templos.

Hilotas: a casta mais baixa de Esparta, propriedade do Estado, servos da gleba ligados portanto à terra, a qual eram obrigados a cultivar, sendo o produto, na sua maior parte, entregue ao espartíata que deles dispunha como seu bem pessoal. Deles dependia a produção de Esparta e a sua alimentação

Hoplita: cidadão-soldado da infantaria pesada grega, que combatia em formação cerrada. Era responsável pela compra das suas próprias armas que geralmente eram transportadas por um escravo. Ser hoplita significava pois ser cidadão e livre.

Lacédemon: o mesmo que Esparta.

Locago: comandante de uma fileira de 16 homens no exército grego.

Medicizar: imitar os costumes, o comportamento, a altivez oriental e absolutista e proteger os interesses dos Medos.

Médimno: unidade de volume, geralmente para medir cereais, que na Ática correspondia a doze galões.

Medismo: comportamento registado em *medicizar*.

Medos: o mesmo que *Persas*.

Metecos: residentes imigrados de Atenas, mas sem direito de cidadania. Eram obrigados a pagar impostos e a prestar serviço militar.

Mina: unidade monetária grega equivalente a cem dracmas.

Navarco: entre os Lacedemónios, comandante de uma armada.

Neodamodes: hilotas forros, ou seja, libertos, para exercerem funções militares. Não eram, contudo, cidadãos com todos os privilégios que tal situação implicava.

Óbulo: unidade monetária grega. Equivalia a um sexto de um dracma.

Oligarcas: termo ainda hoje frequentemente usado para caracterizar sociedades não democráticas nem livres, em que poucos governam uma nação, dela tirando proveito e nela exercendo o poder. Mesmo no sistema democrático, que se define por primarismo por se poder votar em eleições, podem coexistir, mediante sistema judicial não democrático e a não separação de poderes, traços oligárquicos, em que a liberdade individual não é respeitada.

Ostracismo: processo essencialmente político, pelo qual os Atenienses podiam expulsar da cidade ou de qualquer território sob o seu poder, pelo espaço de dez anos, um cidadão, sem este perder a cidadania ou os seus bens. A expulsão era votada escrevendo-se o nome do cidadão a ostracizar em fragmentos de barro, ou cascas de ostra (*óstraka*), e eram necessários seis mil votos para ser efectiva.

Panateneias: festival religioso ateniense realizado todos os anos, e com maior grandeza de quatro em quatro anos, para celebrar o nascimento de Atena. Montavam-se então grandes representações dramáticas.

Páralo: uma das duas trirremes atenienses (*Salamínia* era a outra) pertencentes ao Estado e mandadas em missões especiais com embaixadas de carácter religioso ou para encontros oficiais.

Péan: hino guerreiro cantado por soldados e marinheiros, quando avançavam para combate, e também para celebrar uma vitória.

Peltastas: soldados que constituíam as tropas ligeiras, combatiam não em formação cerrada e alinhada, mas armados com lança

e um pequeno escudo, *peltê*, de onde deriva o seu nome. Tinham a mobilidade da ainda hoje existente guerrilha.

Pentacosiomédimnos: o estrato mais alto dos cidadãos atenienses, com rendimento anual de quinhentos ou mais *médimnos*.

Periecos: os “que viviam à volta de” Esparta, em território espartano, pagavam impostos e serviam no exército, mas não podiam participar na vida política de Esparta.

Polemarca: em várias cidades gregas, alto funcionário do Estado. Em Esparta, comandante militar.

Próxeno: cidadão dum Estado grego escolhido por outro Estado para representar como *cidadão honorário* os seus interesses entre os seus concidadãos. Corresponde aos actuais *cônsules honorários*.

Pritaneu: lugar de reunião dos 50 *pritanes*, que eram delegados das tribos no Conselho dos Quinhentos que aí tomavam refeições à custa do Estado.

Salamínia: ver *Páralo*.

Talento: unidade monetária equivalente a sessenta *minas* em Atenas.

Taxiarca: comandante ateniense de *hoplitas*, subordinado aos *estrategos*. Eram em número de dez, comandando, cada um, as forças da sua tribo.

Teoros: enviado às cerimónias sagradas mais solenes.

Tesmofilaces: magistrados em Eleia.

Tetas: membros da classe mais pobre de cidadãos atenienses. Tinham um rendimento anual de menos de duzentos *médimnos* e

prestavam serviço militar como marinheiros e especialmente como remadores.

Tranítas: os marinheiros que remavam nos bancos cimeiros das trirremes; tinham os remos mais longos e o maior trabalho.

Trierarca: comandante de uma *trirreme*. Em Atenas era também o cidadão que tinha de equipar e manter uma *trirreme* pelo espaço de um ano, como serviço devido à sua cidade.

Trípode: pequenas mesas de “pé-de-galo”, i.é, com três pés para cerimónias votivas ou actividades sagradas.

Zeuguitas: cidadãos atenienses com rendimento anual entre duzentos e trezentos *médimnos*. Eram eles que ocupavam o banco do meio das *trirremes*.

BIBLIOGRAFIA

I – Edições consultadas

- Cornélio Nepos, *Oeuvres*, texte établi par Anne-Marie Guillemin, Les Belles-Lettres, Paris, 1923.
- Dionísio de Halicarnasso, *The Critical Essays, Thucydides*, Ed. Stephen Usher, vol. I, Loeb Classical Library, Londres, Cambridge, Mass., 1974, pp. 456-633.
- Hélade, Antologia da Cultura Grega*, Ed. Maria Helena da Rocha Pereira, 8.ª ed., Porto, 2003.
- História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides, ed. David Martelo, introd. Luís Lobo-Fernandes, tradução do Inglês (ed. Crawley), Edições Sílabo, Lisboa, 2008.
- Homeri Opera, *Hymni*, ed. Thomas W. Allen, vol. V, Oxford, Clarendon Press, 1956. *Hino III dedicado a Apolo*, pp. 20-42 (vv.169 segs).
- Plutarco, *Vidas Paralelas*, ed. Bernadotte Perrin, vol. IV, *Alcibiades*, Loeb Classical Library, Londres, Cambridge Mass., 1950, pp. 2-115.
- The Landmark Thucydides, *A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Ed. Robert B. Strassler, introd. Victor Davis Hanson, tradução, 1 vol., Nova Iorque, 1996.
- The Peloponnesian War*, Thucydides, *The Complete Hobbes Translation*, Ed. David Greene, The University of Chicago Press, Chicago & Londres, 1989.

- Thucydide, *La guerre du Péloponèse*, Ed. Jacqueline de Romilly e Raymond Weil, texto grego e tradução, 6 vols., Paris, Les Belles Lettres, 1972-2003.
- Thucydides, *History of the Peloponnesian War*, ed. Charles Forster Smith, texto grego e tradução, 4 vols., Loeb Classical Library, Londres, Cambridge, Mass., 1930-1936.
- Thucydides, *The Peloponnesian War*, translated by Martin Hammond, Oxford University Press, 2009
- Thucydides, *Historiae*, Ed. C. Hude, ed. Teubner, Leipzig, 1908-13.
- Thucydides, *Historiae*, Ed. Henry Stuart Jones e John Enoch Powell, texto grego, 2 vols., Clarendon Press, Oxford, 1942.

II – Dicionários

- Lexicon Thucydideum*, Ed. E.-A. Betant, 2 vols., Georg Olms Verlag, Hildesheim-New York, 1969.
- Wörterbuch der Griechischen Eigennamen*, Ed. W. Pape-Benseler, 3.^a ed., 2 vols. Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, Graz, 1959.

III – Comentários

- A Historical Commentary on Thucydides*, by A. W. Gomme, vols. I-II-III (Tuc. I-V, 24); by Gomme, Andrews and Dover, vols. IV-V (Tuc. V, 25-VIII), Clarendon Press, Oxford, 1971-1981.
- Neil Morpeth, *Thucydides' War. Accounting for the Faces of Conflict*, SPUDASMATA, Band 112, Hildesheim, 2006.
- S. Hornblower, *A Commentary on Thucydides*, 3 vols, Oxford University Press, 1991-2008.

IV – Estudos consultados

Thukydides, herausgegeben von Hans Herter, *Wege der Forschung*, Band XCVIII, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Hildesheim, 1968: com os seguintes 27 artigos:

- Hans Herter, *Einleitung* de 1950, pp. 1-9.
- , — “*Pylos und Melos*; ein Beitrag zur Thukydides-Interpretation, pp. 369-400, de 1954.
- , — “*Freiheit und Gebundenheit des Staatsmannes bei Thukydides*”, pp. 260-281, de 1950.
- O. Regenbogen, “*Drei Thukydidesinterpretationen*”, pp. 10-22 de 1930; “*Thukydides als politischer Denker*, pp. 33-58, de 1933.
- Max Pohlenz, “*Die Thukydideische Frage, im Lichte der Neueren Forschung*”, pp. 59-81, de 1936.
- Vittorio Bartoletti, “*Der Siegeswille der Athener bei Thukydides*, pp. 82-89, de 1937 (trad. do ital.).
- Harold Patzer, “*Rezension von: Fritz Bizer, Untersuchungen zur Archäologie des Thukydides*, Diss.Tübingen, 1937”, pp. 90-114, de 1940.
- Hermann Gundert, “*Athen und Sparta in den Reden des Thukydides*”, pp. 114-134, de 1940.
- Walter Müri, “*Beitrag zum Verständnis des Thukydides*”, pp. 135-170, de 1947.
- Erich Bayer, “*Thukydides und Perikles*”, pp. 171-259, de 1948.
- Joseph Vogt, “*Dämonie der Macht und Weisheit der Antike*”, pp. 282-316, de 1950.
- Gerhard Ritter, “*Dämonie der Macht und Weisheit der Antike. Eine Erwiderung*” (1951), pp. 309-316.
- Hartmut Erbse, “*Über eine Eigenheit der Thukydideischen Geschichtsbetrachtung*”, pp. 317-343, de 1953.
- , — “*Zur Geschichtsbetrachtung des Thukydides*”, pp. 594-619, de 1961.
- K. J. Dover, “*Die Kolonisierung Siziliens bei Thukydides*”, pp. 344-368 (trad. do ingl.), de 1953.

- Felix M. Wassermann, "Thukydides und die moralische Krise der Polis", pp. 400-411; de 1954.
- ,—"Die Mytilenaische Debatte bei Thukydides: Bild der nachperikleischen Demokratie", pp. 477-497; de 1955.
- Herman Strasburger, "Die Entdeckung der politischen Geschichte durch Thukydides", pp. 412-476; de 1954.
- ,—"Thukydides und die politische Selbstdarstellung der Athener", pp. 498-530; de 1958.
- H.-J. Diesner, "Peisistratidenexkurs und Peisistratidenbild bei Thukydides", pp. 531-545; de 1959.
- F.-B. Mache, "Eine neue Thukydides-Büste", pp. 546-556, com 9 representações fotográficas; de 1960.
- A. G. Woodhead, "Das Kleonporträt des Thukydides", pp. 557-593; (trad. do ingl.), de 1960.
- H. D. Westlake, "Thukydides und der Fall von Amphipolis", pp. 620-638; (trad. do ingl.), de 1962.
- Hans Diller, "Freiheit bei Thukydides als Schlagwort und als Wirklichkeit"; pp. 639-660; de 1962.
- Otto Lendle, "Die Auseinandersetzung des Thukydides mit Hellanikos", pp. 661-682; de 1964.
- Günther Wille, "Zu Stil und Methode des Thukydides", pp. 683-716, de 1965.
- Analisa os artigos os mais importantes problemas que se põem a respeito da visão política e ética de Tucídides e dos seus contemporâneos, como Péricles, bem como da constituição e concepção da pólis e naturalmente dos diversos episódios que desde Epidamno até à derrota na Sicília são descritos pelo historiador, cuja visão e estilo são igualmente objecto de análise.*
- Simon Anglim, Phyllis G. Jestice, Rob S. Rice, Scott M. Rusch, John Serrati, *Fighting Techniques of the Ancient World, 3000 BC-AD 500*, Thomas Dunne Books, St. Martin's Press, Nova Iorque, 2007.
- Brian Todd Carey, Joshua B. Allfree, John Cairns, *Warfare in the Ancient World*, Pen & Sword, Barnsley, 2005.
- John Hale, *Lords of the Sea, The Epic Story of the Athenian Navy and the Birth of Democracy*, Viking, Londres, 2009.

- Victor Davis Hanson, *A War Like no Other, How the Athenians and Spartans fought the Peloponnesian War*, Random House, Nova Iorque, 2005.
- Donald Kagan, *The Peloponnesian War*, Penguin Books, 2003.
- Siegfried Lauffer, "Die Bergwerkssklaven von Laureion, Erster Teil: Arbeits- und Betriebsverhältnisse, Rechtsstellung; Zweiter Teil: Gesellschaftliche Verhältnisse, Aufstände, Abhandlungen der Geistes- und Sozialwissenschaften Klasse, *Academia das Ciências e da Literatura de Mogúncia* (Mainz), 1955, n.º 12, pp. 1103-1217 (Parte I); pp. 885-1018 + Registo e Índice, pp. 255-274. *Investigação sobre as fontes de financiamento destes recursos naturais da prata e da forma como se processava a sua gestão financeira e de recursos humanos*.
- Pierre Lévêque, *A Aventura Grega*, trad. R. M. Rosado Fernandes, Edições Cosmos, Lisboa – Rio de Janeiro, 1967. *Análise histórico-política nos Capítulos I e II, Atenas Senhora do Egeu, e O Século de Péricles*, pp. 257-326.
- James Longrigg, *Greek Medicine From the Heroic to the Hellenistic Age, A Source Book*, Routledge, Nova Iorque, 1998.
- Steven H. Miles, *The Hippocratic Oath and the Ethics of Medicine*, Oxford University Press, 2004.
- R. Morricot, *The Penguin Historical Atlas of Ancient Greece*, Londres, 1996.
- J. S. Morrison, J. E. Coates, N. B. Rankov, *The Athenian Trireme, The History and Reconstruction of an Ancient Warship*, 2.ª Ed., Cambridge University Press, 2000.
- C. Pascal, *L'Armée Grecque*, Klincksieck, Paris, 1886. *Pequeno Manual extremamente útil pelos desenhos apresentados com breve explicação esquemática, que abrange igualmente o equipamento militar indicado por Xenofonte, que é o continuador da História da Guerra do Peloponeso que Tucídides deixou inacabada*.
- Jeffrey S. Ruston, *Thucydides*, -. (Collected Essays) in *Oxford Readings in Classical Studies*, 2009. *É a colectânea de estudos mais actualizada que depois de uma Introdução composta por quatro estudos: 1 – Thucydides and his Readers por Jeffrey S. Ruston* (Cornell,

N.Y.); 2 – *A Post-Modernist Thucydides?*, por W. Robert Connor; 3 – *Thucydides “as History” and “as Literature”*, por Kenneth J. Dover; 4 – *Intellectual Affinities*, por Simon Hornblower. *Segue-se a análise aos livros da História de Tucídides: I*, 5 – *Thucydides in the Act of Writing*, por Lowell Edmunds; 6 – *The Figured Stage: Focalizing the Initial Narratives of Herodotus and Thucydides*, by Carolyn Dewald; 7 – *Thucydides’ Persian Wars*, by Tim Rood; 8 – *Thucydides’ Speeches*, by Christopher Pelling. – II, e *Pericles*; 9 – *Thucydides and the Political Self-Portrait*, by Hermann Strasburger; 10 – *The Portrait of Pericles in Thucydides*, by Joseph Vogt; III, 11 – *Diodotus Deceit (On Thucydides 3,42,8)*, by Bernd Manuwald; 12 – *Thucydides and Sedition among Words*, by Nicole Loraux; V, 13 – *Thucydides and the Uneasy Peace. A Study in Political Incompetence*, by H. D. Westlake; 14 – *The Humanitarian Aspect of the Melian Dialogue*, by Brian Bosworth; VI-VII, 15 – *Speeches and the Course of Events in Books Six and Seven of Thucydides*, by Hans-Peter Stahl; 16 – *A Highly Complex Battle-Account: Syracuse*, by Jacqueline de Romilly – *RECEPTION (ANCIENT, MODERN, AND CONTEMPORARY)* – 17 – *Ktêma es aei: Aspects of the Reception of Thucydides in the Ancient World*; by Roberto Nicolai; 18 – *The Peace of Silence: Thucydides and the English Civil War*, by Jonathan Scott; 19 – *Thucydides Theôrêthi-kos / Thucydides and the Challenge of History*, by Josiah Ober.

Análise, antropológica, sociológica, histórica e retórica da obra de Tucídides, que toma em linha de conta a recepção do Autor pelos Antigos e Modernos.

António Ramos dos Santos e José Varandas, *A Guerra na Antiguidade*, vol. II, “*Maquinaria de Cerco Greco-Romana*”, pp. 125-159, Caleidoscópio, Lisboa, 2006.

Die Welt der Antike (Atlas Antiquus), Veb. Heermann Haack, Gotha, 13.^a ed., de Albert van Kampen, s.d.

A. J. Woodman, *Rhetoric in Classical Historiography*, Croom & Hedwin, London & Sidney, s.d.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abdera II xcvi 1.
- Abido VIII lxi 1; lxii 1, 2, 3; lxxix 3; cii 2; ciii 1; civ 1, 2; cvi 1; cvii 2; cviii 4.
- Acaia no Peloponeso I cxv 1; II lxxxiii 3; lxxxiv 3. IV xxi 3. V lxxxii 1. VII xxxiv 1, 8. Aqueus I iii 3; cxi 3. II ix 2; lxvi 1. III xcii 5. IV cxx 1. VI ii 3.
- Acaia na Ftiótida IV lxxviii 1. Aqueus VIII iii 1.
- Acamante, tribo IV cxviii 11.
- Acanto IV lxxxiv 1; cxiv 3; cxx 3. V cxviii 5. Acântios IV lxxxv 1; lxxxviii 1; cxxiv 1. V xviii 6.
- Acanto Lacedemónio V xix 2; xxiv 1.
- Acárrnan filho de Alcmeón II cii 6.
- Acarnânia I cxi 3. II xxx 2; xxxiii 2; lxxx 1, 8; lxxxiii 3; cii 1; ciii 1. III cii 6; cvi 1, 2. IV ii 4. VII xxxi 2, 5. Acarnânios I v 3. II vii 3; ix 4; xxx 1; lxviii 7, 8; lxxx 1; lxxxi 1, 8; lxxxiii 1; cii 2. III vii 1, 3; xciv 1, 2; xcv 1, 2; cii 3; cv 1, 2, 4; cvi 3; cvii 2, 4; cviii 1, 3; cix 1, 2; cx 1; cxi 3; cxii 8; cxiii 6; cxiv 2, 3. IV
- xlxix 1, 5; lxxvii 1, 2; lxxxix 1; ci 3. VII lvii 10; lx 4; lxxvii 2.
- Acarnânico II cii 2.
- Acarnas II xix 2; xx 1, 3, 5; xxi 2; xxiii 1. Acarnes II xx 4; xxi 3.
- Áccio I xxix 3; xxx 3.
- Acesines IV xxv 8.
- Ácragas VI iv 4. VII xlvi; 50 1.
- Acragantinos V iv 6. VII xxxii 1; xxxiii 2; lviii 1.
- Ácragas rio VI iv 4.
- Acras VI v 2.
- Acreu VII lxxviii 5.
- Acrotoó IV cix 3.
- Acte IV cix 1. V xxxv 1.
- Acteias cidades IV lii 3.
- Adimanto Coríntio I lx 2.
- Admeto rei dos Molossos I cxxxvi 2, 4.
- Áfitis I lxiv 2.
- Afrodícia IV lvi 1.
- Afrodite VI xlvi 3.
- Agamémnon I ix 1, 3.
- Agatarco Siracusano VII xxv 1; lxx 1.
- Agatárquidas Coríntio II lxxxiii 4.
- Agêsândridas Espartano VIII xci 2; xciv 1, 2; xcv 3.

- Agesandro Espartano I cxxxix 3.
 VIII xci 2.
 Agesípidas Lacedemónio V lii 1;
 lvi 1.
 Ágis rei dos Lacedemónios III
 lxxxix 1. IV ii 1; vi 1. V [xix 2];
 xxiv 1; liv 1; lvii 1; lviii 2, 4; lix
 5; lx 1, 2, 4; lxiii 1; lxv 2; lxvi
 2; lxxi 1, 3; lxxii 4; lxxiii 2;
 lxxxiii 1. VII xix 1; xxvii 4. VIII
 iii 1; v 1, 2, 3, 4; vii; viii 2; ix
 1; xi 2 xii 2; xlv 1; lxx 2; lxxi 3.
 Agreus II cii 2. III cvi 2, 3; cxi 4;
 cxiii 1; cvi 3; cxiv 2. IV lxxvii
 2; ci 3. Agreia III cxi 4.
 Agrianes II xcvi 3.
 Agrigento v. Acragas
 Alcámenes Lacedemónio VIII v
 1, 2; viii 2; x 2, 4; xi 3.
 Alceu Ateniense V xix 1; xxv 1
 Alcibiades Ateniense V xliii 2; xlv
 1, 2, 4; xlvi 5; lii 2; liii; lv 4; lvi
 3; lxi 2; lxxvi 3; lxxxiv 1. VI
 viii 2; xv 2; xix 1; xxviii 1, 2;
 xxix 3; xlviii; l l; li 1; liii 1; lxi
 1, 3, 4, 7; lxxiv 1; lxxxviii 9,
 10; xciii 1. VII xviii 1. VIII vi
 3; xi 3; xii 1; xiv 1, 2; xvii 1, 2;
 xxvi 3; xlv 1; xlvi 5; xlvii 1, 2;
 xlviii 1, 2, 3, 4, 7; xlix; l 1, 2,
 3, 4, 5; li 1, 2, 3; lii; liii 1, 2, 3;
 liv 2, 3; lvi 2, 3, 4; lxiii 4; lv 2;
 lviii 3; lxx 1; lxxvi 7; lxxx 1, 2,
 3; lxxxii 3; lxxxiii 1, 2; lxxxv 2,
 4; lxxxvi 1, 4, 8; lxxxvii 1;
 lxxxviii; lxxxix 1, 2, 4; xc 1;
 xcvi 3; cviii 1.
 Alcibiades Lacedemónio VIII vi 3.
 Alcidas Lacedemónio III xvi 3;
 xxvi 1; xxx 1; xxxi 1; xxxiii 1;
 lxix 1, 2; lxxvi; lxxix 3; lxxx 2;
 xcii 5.
 Álcifron Argivo V lix 5.
 Alcinadas Lacedemónio V xix 2;
 xxiv 1.
 Alcínoo III lxx 4.
 Alcístenes Ateniense III xci 1. IV
 lxvi 3. VII xvi 2.
 Alcmeón II cii 5, 6.
 Alcmeónidas VI lix 4.
 Alex III xcix.
 Alexandro rei dos Macedónios I
 lvii 2; cxxxvii 1. II xxix 7; xc
 1; xcix 3, 6.
 Alexarco Coríntio VII xix 4.
 Alexicles Ateniense VIII xcii 4;
 xciii 1; xcvi 1.
 Alexípidas Lacedemónio VIII lviii 1.
 Alicieus VII xxxii 1.
 Alízia VII xxxi 2.
 Almopia II xcix 5. Almopes II
 xcix 5.
 Álope II xxvi 2.
 Ambrácia II lxxx 3. III cxiii 6;
 cxiv 4. IV xlii 3. Ambrácico I
 xxix 3; lv 1. II lxxviii 3. III cvii
 1. IV xlix. Ambraciotas I xxvi
 1; xxvii 2; xlvi 1. II ix 2, 3;
 lxxviii 1, 5, 6, 7, 9; lxxx 1, 3, 5;
 lxxx 3. III lxix 1; cii 6, 7; cv 1,
 2, 4; cvi 1, 3; cvii 2, 4; cviii 2;
 cix 2; cx 1 cxi 2, 3, 4; cxii 1, 3,
 8; cxiii 1, 2, 4; cxiv 2, 3. VII vii
 1; xxv 9; lviii 3.
 Ambraciótidas I xlviii 4. VI civ 1.
 VIII cvi 3.

- Ameas III xxii 3.
 Aminíades Ateniense II lxxvii 2, 3.
 Amínias Lacedemónio IV cxxxii 3.
 Amiclas V xviii 10; xxiii 5.
 Amínocles Coríntio I xiii.3.
 Amintas Macedónio II xcv 3; c 3.
 Amirteu Egípcio I cx 2; cxii 3.
 Amorges Persa VIII v 5; xix 2;
 xxviii 2, 3, 4, 5; liv 3.
 Ampélicas V xxii 2.
 Anácio VIII cxiii 1.
 Anactório I lv 1. II lxxx 3. III
 cxiv 3. IV xlix V xxx 2. VII
 xxxi 2. Anactória I xxix 2.
 Anactórios I xlvi 1. II ix 2; lxxx
 5; lxxxi 3.
 Anaia III xxxii 2. IV lxxv 1. VIII
 xix 1. Aneitas III xix 2. Anaítis
 VIII lxi 2.
 Anapo rio na Acarnânia II lxxxii.
 Anapo rio na Sicília VI lxxvi 2;
 xcvi 3. VII xlii 6; lxxviii 3.
 Anaxandro Tebano VIII c 3.
 Anaxilas tirano de Régio VI iv 6.
 Andócides Ateniense I li 4.
 Ândrocles Ateniense VIII lxxv 2.
 Andrócrates heroi III xxiv 1.
 Andrómenes Lacedemónio V xlii 1.
 Andros II lv 1. VI xcvi 3. Ândrios
 IV xlii 1; lxxxiv 1; lxxxviii 2;
 ciii 3; cix 3. V vi 1. VII lvii 4.
 VIII lxxix 3.
 Andróstenes Arcádio V xlix 1.
 Aneristo Lacedemónio II lxxvii 1.
 Anfiarau pai de Anfíloco II lxxviii
 3.
 Anfiarau pai de Alcmeón II cii 5.
 Ânfias Epidáurio IV cxix 2.
 Anfíodoro Megarense IV cxix 2.
 Anfílóquia II lxxviii 1, 3, 4. III cii
 6; cv 2. Anfílocos II lxxviii 5, 7;
 cii 2. III cvii 2, 4; cx 1; cxii 6,
 7; cxiii 6; cxiv 2, 3.
 Anfíloco filho de Anfiarau II
 lxxviii 3.
 Anfípolis I c 3. IV cii 1, 3; ciii 2;
 civ 4, 5; cvi 4; cvii 2; cviii 1, 3;
 cix 1; cxxxii 3. V iii 6; vi 1, 3,
 4, 5; vii 4; viii 1; xi 3; xiv 1; xvi
 1; xviii 5; xxi 1; xxvi 5; xxxv 3,
 5; xlvi 2; lxxxiii 4. VII ix.
 Anfípolitanos IV ciii 5; civ 1;
 cv 1, 2. V ix 7; xi 1.
 Anfissa III ci 2.
 Antandro IV lii 3; lxxv 1. VIII cix
 1. Antândrios VIII cviii 4.
 Ântemo II xcix 6; c 4.
 Antene V xli 2.
 Ânticles Ateniense I cxvii 2.
 Antifemo Ródio VI iv 3.
 Antifonte Ateniense VIII lxxviii 1;
 xc 1, 2.
 Antígenes Ateniense II xxiii 2.
 Antimenides Lacedemónio V xlii
 1.
 Antimnesto Ateniense II cv 3.
 Antioco rei dos Orestes II lxxx 6.
 Antipo Lacedemónio V xix 2;
 xxiv 1.
 Antissa III xviii 1, 2; xxviii 3.
 VIII xxiii 4. Antisseus III xviii
 2.
 Antístenes Lacedemónio VIII
 xxxix 1, 2; lxi 2.
 Apídano IV lxxviii 5.
 Apodoto III xciv 5; c 1.

Apolo I xiii 6; xxix 3. II cii 5. III
 iii 3; xciv 2; civ 2, 4, 5. IV lxxvi
 4; [xc 1]; xcvi 4; cxviii 1. V
 xviii 2; xxiii 5; xlvii 11; liii 1.
 VI iii 1; liv 6, 7. VII xxvi 2.
 VIII xxxv 2.
 Apolodoro Ateniense VII xx 1.
 Apolónia I xxvi 2.
 Apolónio II xci 1.
 Aqueus – v. Acaia
 Aqueloo II cii 2, 3, 6. III vii 3;
 cvi 1.
 Aqueronte I xlvi 4.
 Aquerúsia I xlvi 4.
 Aquiles I iii 3.
 Arcádia I ii 3. V xxix 1; xxxiii 1;
 lviii 2; lxi 4. VII lviii 3. Arcá-
 dios I ix 4. III xxxiv 2, 3. V
 xxxi 2; xlix 1; lvii 2; lviii 4; lx
 3; lxiv 3, 5; lxxvii 1, 2. VII xix
 4; lvii 9. VIII iii 2.
 Arcesilau Lacedemónio V l 4;
 lxxvi 3. VIII xxxix 2.
 Arconides rei dos Sículos VII i 4.
 Arcturo II lxxviii 2.
 Árgilo V xviii 5. Argílios I cxxxii
 5. IV ciii 3, 4. V vi 3.
 Argino VIII xxxiv.
 Arginusas VIII ci 2.
 Argos Anfilóquia II lxxviii 1, 3, 7,
 9. III cii 6, 7; cv 1, 2; cvi 1; cvii
 2; cviii 2; cxii 8. Argeia III cv 1;
 cvi 3. Argivos III lxxviii 2, 6, 9.
 III cv 1; cvi 3; cvii 1.
 Argos no Peloponeso I ix 4; cxxxv
 3; cxxxvii 3. II ii 1; lxxviii 3; xcix
 3. IV xlii 3; cxxxiii 2. V xxvii 2;
 xxx 1; xxxi 1; xxxvi 1; xxxvii 5;

xxxviii 4; xli 2, 3; xliii 3; xlvii 4,
 9, 10; lvii 1; lviii 3; lxi 1; lxxv 2,
 5; lxxvi 1, 2, 3; lxxx 2; lxxxi 2;
 lxxxii 4; lxxxiii 1; lxxxiv 1. VI
 lxi 3; xcv 1; cv 1, 3. VII xviii 3;
 xx 1. VIII lxxxvi 9. Argeia II
 xxvii 2; l. IV lxxvi 2. V lxxv 4;
 lxxxiii 2; cxvi 1. VI vii 1.
 Argivos I iii 3; cii 4; cvii 5. II ix
 2; lxxvii 1. IV cxxxiii 3. V xiv 4;
 xxii 2; xxvii 2; xxviii 1, 2, 3;
 xxix 1, 4; xxx 1, 4, 5; xxxi 1, 5,
 6; xxxii 35, 6; xxxiii 2; xxxvi 1;
 xxxvii 2, 3, 4, 5; xxxviii 1, 3, 4;
 xl 1, 3; xli 2; xlii 1; xliii 2, 3; xlv
 1, 3; xlv 1, 3, 4; xlvi 1, 3, 4, 5;
 xlvii 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 11;
 xlviii 2; l 3, 5; lii 2; liii; liv 3; lv
 1, 2, 4; lvi 2, 4, 5; lviii 1, 2, 3, 4;
 lix 1, 2, 3, 4, 5; lx 1, 3, 5; lxi 1,
 2, 3; lxi 1; lxiv 1; lxxv 1, [4], 5;
 lxxvi 1; lxxvii 2; lxxix 1, 2; lxxx;
 lxxxi 3, 4; lxxxii 1, 2, 3, 4; lxxxiv 3;
 lxxxv 4; lxxxvi 3; lxxxvii 1, 2, 7;
 lxxxviii; lxxxix 1, 2, 3; lxxx 2, 3;
 lxxxi 1, 2; lxxxii 2, 4, 5, 6;
 lxxxiii 3, 4; lxxxiv 1; cxv 1; cxvi
 1. VI vii 1, 2; xxix 3; xliii; lxi 3,
 5 lxxvii 1; lxxviii 2; lxxix 3; lxxx 2;
 lxxxix 3; xcv 1; c 2; ci 6; cv 1,
 2, 3. VII xx 1, 3; xxvi 1, 3; xlv
 6; lvii 6, 9. VIII xxv 1, 3, 4, 5;
 xxvii 6; lxxxvi 8, 9; xcii 2.
 Ariântides Tebano IV xci.
 Árifron Ateniense IV lxxvi 3.
 Aristágoras Milésio IV cii 2.
 Aristarco Ateniense VIII xc 1;
 xcii 6, 9; xcviii 1, 3.

- Aristeu Coríntio filho de Adimanto I lx 2; lxi 1, 3; lxii 1, 2, 3, 6; lxiii 1; lxxv 1. II lxvii 1, 4.
- Aristeu Lacedemónio IV cxxxii 3.
- Aristeu Coríntio filho de Pelicas I xxix 2.
- Aristides Ateniense filho de Arquipo IV l 1; lxxv 1.
- Aristides Ateniense filho de Lisímaco I xci 3. V xviii 5.
- Aristocles Lacedemónio V lxxi 3; lxxii 1.
- Aristocles Lacedemónio irmão de Plistóanax V xvi 2.
- Aristoclides Ateniense II lxx 1.
- Aristócrates Ateniense V xix 2; xxiv 1. VIII ix 2; lxxxix 2; xcii 2, 4.
- Aristofonte Ateniense VIII lxxxvi 9.
- Aristogíton Ateniense I xx 2. VI liv 1, 2, 3; lvi 2; lvii 1, 4; lix 1.
- Ariston Coríntio VII xxxix 2.
- Aristónimo Ateniense IV cxxii 1, 3, 4.
- Aristónimo Coríntio II xxxiii 1. IV cxix 2.
- Aristonos Gelano VI iv 4.
- Aristonos Larisseu II xxii 3.
- Aristóteles Ateniense III cv 3.
- Arnas IV ciii 1.
- Arne I xii 3.
- Arnisa IV cxxviii 3.
- Arquedice filha de Hípias VI lix 3.
- Arquelau rei dos Macedónios II c 2.
- Arquéstrato Ateniense I lvii 6.
- Arquéstrato pai de Quéreas VIII lxxiv 1.
- Arquétimo Coríntio I xxix 2.
- Árquias Camarineu IV xxv 7.
- Árquias Coríntio VI iii 2.
- Arquidamo rei dos Lacedemónios I lxxix 2; lxxxv 3. II x 3; xii 1, 4 xiii 1; xviii 3, 5; xix 1; x 1, 5; xlvii 2; lxxi 1, 2; lxxi 1, 2; lxxiv 2. III i 1; lxxxix 1. IV ii 1. V liv 1; lvii 1; lxxxiii 1. VII xix 1.
- Arquipo Ateniense IV l 1.
- Arrabeu rei dos Lincestas IV lxxix 2; lxxxiii 1, 2, 3, 4, 5; cxxiv 1, 2, 4; cxxv 1, 2; cxxvii 2.
- Arrianos VIII civ 2.
- Ársaco Persa VIII cviii 4.
- Artabazo Persa I 129 1, 3; cxxxii 5.
- Artafernes Persa IV l 1, 3.
- Artas Messápio VII xxxiii 4.
- Artaxerxes rei dos Persas I civ 1; cxxxvii 3. IV l 3. VIII v 4.
- Ártemis III civ 5. VI xlv 3. VIII cix 1.
- Artemísion III liv 4.
- Artemísio V xix 1.
- Ásia I ix 2; cix 3. II lxvii 1; xcvi 6. IV lxxv 2. V i. VIII xxxix 3; lviii 2. Asianos I vi 5. ??
- Ásine IV xiii 1; liv 4. VI xciii 3.
- Asópio Ateniense pai de Formião I lxiv 2.
- Asópio Ateniense filho de Formião III vii 1, 3.
- Asopo II v 2.
- Asopolau III lii 5.
- Aspendo VIII lxxxi 3; lxxxvii 1, 2, 3, 6; lxxxviii; [xcix]; cviii 3.

Assíno VII lxxxiv 2.
 Assíria IV l 2.
 Ástaco II xxx 1; xxxiii 1; cii 1.
 Astímaco Plateense III lii 5.
 Astíoco Lacedemónio VIII xx 1;
 xxiii 1, 2, 4; xxiv 6; xxvi 1; xxix
 2; xxxi 1, 4; xxxii 3; xxxiii 3;
 xxxvi 1; xxxviii 1, 4; xxxix 2;
 xl 1, 3; xli 3; xlii 1; xlv 1; l 2, 3,
 5; lxi 1, 2; lxiii 1, 2; lxviii 3;
 lxxviii; lxxix 1; lxxxiii 3; lxxxiv
 1, 3; lxxxv 1, 4.
 Atalante ilha II xxxii. III lxxxix 3.
 V xviii 7.
 Atalante cidade II c 3.
 Atena I cxxxviii 2; cxxxiv 1, 4. IV
 cxvi 2. V x 2; xxiii 5.
 Atenágoras Ciziceno VIII vi 1.
 Atenágoras Siracusano VI xxxv 2;
 xli 1.
 Atenas I xxxi 3; xxxvi 1; xlv 1; li
 1, 4; lii 2; lviii 1; cx 4; cxvi 2;
 cxvii 2; cxxxvii 3. II vi 1; viii 1;
 xii 1; xxix 3, 5; xxx 2; liv 5;
 lviii 3; lxvii 3; lxxviii 3; lxxx 7;
 lxxxv 4; xciii 2; xciv 1; ciii i III
 iii 5; iv 4; v 1; xv 1; xx 1; xxi
 1; xxiv 1, 2; xxviii 1; xxxiii 1;
 xxxv 1; lxix 2; lxxi 2; lxxv 3;
 lxxxvi 3; lxxxvii 4; xcvi 5. IV
 v 1; xv 2; xvi 2, 3; xxi 3; xxii 3;
 xxiii 2; xxvii 1; xlv 3; lvii 3;
 lxix 2; civ 4; cix 4; cxviii 6;
 cxxii 4. V iii 4; v 3; xviii 7, 10;
 xix 1; xxiii 4, 5; xxv 1; xxxii 5,
 6; xliii 1; xlvii 3, 9, 10; lxxxii 6;
 cxvi 3 VI xxxiii 6; xlv 4; xlvi
 4; liii 1; lxi 6; lxxi 2; lxxiv 2;

xciii 1; xciv 4; xcv 2. VII viii 1;
 x; xxvii 1; xlii 1; lxiv 2. VIII i
 1; vii; xi 1; xv 1; xvii 3; xix 2;
 xxiii 1; xxv 1; xlix; liii 1; lxiii 3;
 lxv 1; lxxiv 1, 3; lxxxvi 9;
 lxxxix 1; xcvi 4; cvi 4.
 Atenienses I i 1; ii 6; vi 3; viii
 1; x 2; xii 4; xiv 3; xviii 1, 2, 3;
 xix; xx 2; xxiii 4, 6; xxxi 2;
 xxxii 1; xlv 1; xlv 1; xlviii 4;
 xlix 4, 7; l 5; lii 3; liii 1, 2, 3; liv
 1, 2; lv 2; lvi 1, 2; lvii 1, 3, 6;
 lviii 1, 2; lix 1; lxi 1; lxii 1, 2,
 3, 4, 6; lxiii 2, 3; lxiv 1, 2; lxv
 1; lvi; lvii 1, 2, 3, 4; lxviii 2;
 lxix 3, 5; lxx 1; lxxi 3; lxxii 1,
 2; lxxix 1, 2; lxxx 6; lxxxii 1;
 lxxxv 2; lxxxvi 1, 3, 5; lxxxvii
 2, 4, 5; lxxxviii; lxxxix 1, 2, 3;
 xc 2, 3; xci 3, 4; xcii; xciii 1, 3,
 7, 8; xciv 1; xcv 1, 2, 4, 7; xcvi
 1, 2; xcvi 2; xcix 1, 2, 3; c 1,
 2; ci 2, 3; cii 1, 3, 4; ciii 3, 4; civ
 1; cv 1, 2, 3, 4, 6; cvi 2; cvii 1,
 3, 4, 5, 7; cviii 2, 4, 5; cix 1, 2;
 cx 4; cxi 1, 2; cxii 1, 2, 5; cxiii
 1, 2, 3; cxiv 1, 3; cv 1, 2, 3, 5
 cvxi 1; cxviii 2, 3; cxix; cxx 2;
 cxxi 1 3; cxxi 2; cxxvi 1, 2, 3,
 4, 6, 7, 8, 11, 12; cxxvii 1, 3;
 cxxviii 1; cxxx 2; cxxxi 1;
 cxxxv 1, 2; cxxxvi 1, 4; cxxxvii
 1, 2; cxxxviii 6; cxxxix 1, 2, 3,
 4; cxl 1; cxlv. II i; ii 1; iii 2; vi
 2, 3, 4; vii 1, 2, 3; viii 5; ix 4;
 xi 2, 8; xii 1, 4; xiii 1, 9; xiv 1;
 xv 1, 2, 4, 6; xvi 1; xviii 2, 3,
 4, 5; xix 1, 2; xx 2, 4; xxi 1, 3;

xxii 2, 3; xxiii 1, 2, 3; xxiv 1;
 xxv 1, 2, 3, 5; xxvi 1; xxvii 1,
 2; xxix 1, 4, 5, 6, 7; xxx 1; xxxi
 1, 2, 3; xxxii; xxxiv 1; xlvii 3;
 xlviii 2; liv 1; lv 1, 2; lvi 2, 3;
 lvii 1; lviii 2; lix 1; lxx 1; lxxi 1;
 lxxii 1, 2, 4; lxxiii 7, 8 lxxiv 1, 2;
 lxx 1, 4; lxxi 1, 2; lxxiii 1 2, 3;
 lxxiv 1; lxxviii 3; lxxix 1, 2, 3,
 5, 6, 7; lxxx 1, 7; lxxxiii 1, 3;
 lxxxiv 1, 3, 4; lxxxv 2; lxxxvi
 1, 3, 4, 6; lxxxviii 2, 3; lxxxix
 10; xc 1, 2, 4, 5; xci 1, 2; xcii
 2, 4, 6, 7; xciii 1; xciv 2 4; xcv
 2, 3; ci 1, 4; cii 1; ciii 1. III i 2;
 ii 1, 3; iii 1, 4; iv 1, 3, 5; v 1, 2;
 vi 1, 2; vii 1, 5; ix 2; x 2, 3, 6;
 xiii 1, 3, 7; xvi 1, 2, 3; xviii 3;
 xix 1; xx 1; xxv 2; xxvi 1, 3;
 xxvii 1, 2, 3; xxviii 1, 2; xxix 1;
 xxxi 1; xxxii 2, 3; xxxiii 2;
 xxxiv 4; xxxvi 1, 5; xlix 1; l 1,
 3; li 1, 2; lii 2; lv 1, 3; lvi 6; lxi
 2; lxii 2 5; lxiii 2, 3; lxiv 1, 2,
 4; lxviii 2, 5; lxix 1, 2; lxx 1, 2,
 3, 6; lxxi 1; lxxii 1 lxxv 1;
 lxxvii 1, 3; lxxviii 1, 2; lxxx 2;
 lxxxii 1; lxxxv 1; lxxxvi 1, 3, 4;
 lxxxvii 1, 2; lxxxviii 1, 4;
 lxxxix 3; xc 1, 2, 3, 4; xci 1, 4;
 xcii 2, 4; xciii 1; xciv 1, 2, 3;
 xcv 1, 2, 3; xcvi 3; xcvi 3, 4,
 5; xcix; c 1; ci 1; cii 2, 3 ciii 1,
 2, 3; civ 1, 2, 6; cv 3; cvii 1, 4;
 cxiii 6; cxiv 1, 2, 3; cxv 1, 2, 3,
 4. IV i 2; ii 2; v 2; vii; viii 3, 5,
 6, 8; x 5; xi 1, 3; xii 1, 2, 3; xiii
 2; xiv 1, 3; xv 2; xvi 1, 2; xvii

1; xviii 5; xxi 1, 3; xxii 3; xxiii
 1, 2; xxiv 3, 4; xxv 1, 2, 4, 5, 7,
 10, 11, 12; xxvi 1, 2; xxvii 3 4;
 xxviii 1, 3, 5; xxix 1; xxx 3;
 xxxii 1; xxxiii 1; xxxv 3; xxxvi
 3; xxxvii 1 2; xxxviii 3, 4, 5;
 xxxix 3; xl 2; xli 1, 3; xlii 1, 3,
 4; xliii 2, 3, 4, 5; xliv 1, 3, 5, 6;
 xlv 1; xlvi 1, 2, 4, 5; xlvii 2;
 xlviii 1, 6; xlix; l 1, 2, 3; li; lii
 3; liii 1; liv 1, 2, 3, 4; lv 1, 2; lvi
 1, 2; lvii 1 3, 4; lx 1; lxi 2, 5, 7;
 lxii 1; lxiii 1; lxiv 5; lxv 2, 3;
 lxvi 1, 3; lxvii 1, 3, 4, 5; lxviii
 1, 3, 4, 5; lxix 1, 3, 4; lxx 2;
 lxxi 1, 2; lxxii 2, 3, 4; lxxiii 1,
 3, 4 lxxiv 2, 3; lxxv 1; lxxvi 1,
 2, 4, lxxvii 2; lxxviii 2, 4; lxxix
 2; lxxx 1 lxxxi 2; lxxxii; lxxxv
 1, 2, 6, 7; lxxxvi 1, 5; lxxxvii 3;
 lxxxviii 1; lxxxix 1; xc 1; xci;
 xcii 1, 3, 5; xciii 1; xciv 1, 2;
 xcv 1; xcvi 1, 3, 4, 5, 6; xcvi 2,
 3; xcvi 1; xcix; ci 1, 2, 3; cii 1,
 2, 3; ciii 4; cv 2; cvi 1, 2; cviii
 1, 3, 4, 5, 6; cix 1; cx 1, 2; cxiii
 2; cxiv 1, 2, 4; cxv 1, 3; cxvi 2;
 cxvii 1; cxviii 4, 11, 14; cxix 1,
 2; cxx 1, 3; cxxi 2; cxxii 1, 4,
 6; cxxiii 1, 3, 4; cxxiv 4; cxxviii
 5; cxxix 1, 2, 4, 5; cxxx 1, 5, 6;
 cxxxi 2; cxxxii 1, 2; cxxxiii 1,
 4; cxxxiv 1. V i; ii 1; iii 1 2, 4,
 5; iv 1, 2, 5; v 1, 2, 3; viii 1, 2,
 4; ix 9; x 5, 6, 7, 8, 9, 10; xi 1,
 2; xiii 1; xiv 1, 3, 4; xv 2; xvi 1;
 xvii 2; xviii 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9,
 11; xix 2; xxi 1; xxii 2, 3; xxiii

1, 2, 3, 4, 6; xxiv 1, 2 xxv 1, 2;
 xxvi 1; xxvii 2; xxviii 1; xxix 1,
 2, 3; xxx 1, 2, 3; xxxii 1, 5, 6
 7; xxxv 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7; xxxvi
 1, 2; xxxix 1, 2, 3; xl 2, 3; xlii
 1, 2; xliii 1, 3; xlv 1, 2, 3; xlv
 2, 4; xlv 5; xlvii 1, 2, 3, 4, 5,
 8, 10, 11; xlviii 1; l 3; lii 1, 2;
 liii; lv 1, 4; lvi 1, 2, 3; lix 3; lxi
 1, 2; lxii 1; lxvii 2; lxi 1; lxxi
 2; lxxii 4; lxxiii 1, 3; lxxiv 3;
 lxxv 5, 6; lxxvii 2; lxxviii; lxxx
 1, 2 3; lxxxii 1, 5; lxxxiii 4;
 lxxxiv 1, 2, 3 cxi 1; cxii 1, 2;
 cxiii; cxiv 1, 2; cxv 2, 3, 4; cxvi
 2, 3. VI i 1; vi 1, 2, 3; vii 1, 2,
 3, 4; viii 1, 2, 4; xi 5; xii 2; xiv;
 xv 1, 3, 5; xvi; xix 1; xx 1; xxiv
 1; xxv 1, 2; xxvi 1; xxvii 1; xxx
 1; xxxi 2; xxxii 3; xxxiii 2, 6;
 xxxiv 1, 2, 4, 8; xxxv 1; xxxvi
 1, 3; xxxviii 1; xl 2; xlii 1; xliii;
 xlv 1, 3, 4; xlvii; l 4; li 2 3; lii
 1; liii 2; liv 1, 5, 6, 7; lv 1; lix
 2, 3, 4; lx 1, 4; lxi 1, 3, 7; lxii
 1; lxiii 1, 2, 3; lxiv 1, 3; lxv 2,
 3; lxvi 1, 3; lxvii 1, 3; lxviii 2;
 lxix 1, 3; lxx 2, 3 4; lxxi 1, 2;
 lxxii 2; lxxiv 1, 2; lxxv 2, 3, 4;
 lxxvi 1; lxxvii 1; lxxxviii 1, 4
 lxxix 1; lxxx 2, 4; lxxxi;
 lxxxviii 1, 3, 4, 5, 7, 8, 10;
 lxxxix 2; xci 2, 5, 6 xcii 5; xciii
 4; xciv 1; xcvi 1; xcvi 1, 2, 5;
 xcvi 1, 2, 3, 4; xcix 1, 2, 3, 4;
 c 1, 2; ci 1, 2, 4, 5; cii 1, 3; ciii
 1 2; cv 1, 2, 3. VII i 4; ii 3, 4;
 iii 1, 3, 4, 5; iv 1, 2, 3; v 1, 3;

vi 1, 2, 3, 4; vii 1, 3; viii 2; ix;
 x; xi 1; xvi 1; xvii 2, 4; xviii 1,
 2, 3; xix 2, 5; xx 1, 2; xxi 3, 4;
 xxii 1, 2; xxiii 1, 3; xxiv 2, 3;
 xxv 1, 2, 4, 5, 6, 9; xxvi 1;
 xxvii 2 3, 4; xxviii 2, 3; xxxii 2;
 xxxiii 2, 3, 5, 6; xxxiv 3, 4, 5,
 6, 7, 8; xxxvi 3, 4, 5, 6; xxxvii
 2, 3; xxxviii 1, 3; xxxix 1, 2; xl
 2, 4, 5; xli 1, 4; xlii 2, 4, 5, 6;
 xliii 5, 6, 7; xlv 1, 3, 4, 6; xlv
 1; xlvii; xlvii 1; xlviii 2, 3, 4;
 xlix 1, 2, 4; l 3, 4; li 1, 2; lii 1,
 2; liii 2, 3, 4; liv; lv 1; lvi 1, 2,
 3, 4; lvii 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11;
 lviii 3; lix 2, 3; lx 1; lxi 1, 3;
 lxii 3; lxiv 1, 2; lxv 1; lxvi 2, 3
 lxix 1, 4; lxx 1, 2, 7, 8; lxxi 2,
 4, 5, 7 lxxii 2, 3; lxxiii 3, 4;
 lxxiv 2; lxxvii 1, 7; lxxviii 4, 6;
 lxxix 2, 3, 5, 6; lxxxi 1, 4, 5;
 lxxxii 1; lxxxiii 2, 5; lxxxiv 2,
 4; lxxxvi 2, 3; lxxxvii 3. VIII ii
 1, 2, 4; iv; v 1, 5; vi 1; vii; viii
 3, 4; ix 2; x 1, 2, 4; xii 1; xiii;
 xiv 2; xvi 3; xvii 3; xviii 1, 2;
 xix 3, 4; xx 1, 2; xxi; xxiii 2, 3,
 4, 6; xxiv 1, 2, 5, 6; xxv 1, 2, 4,
 5; xxvi 1, 2; xxvii 1, 3, 6; xxx
 1; xxxi 2; xxxii 3; xxxiii 2, 3;
 xxxiv; xxxv 3; xxxvii 4; xxxviii
 2 5; xxxix 3; xl 2; xli 3; xlii 2;
 xliii 1; xlv 2, 3; xlv 2, 5; xlv 3,
 4; xlvii 2; xlviii 4; xlix; l 1, 2, 5;
 lii; liii 1; lv 1, 2, 3; lvi 1, 2, 3,
 4; lvii 1; lviii 7; lx 1 3; lxi 3; lxii
 2; lxiii 4; lxiv 3, 4, 5; lxvii 2;
 lxviii 1, 4; lxix 1, 3; lxxi 1, 2

lxxii 1; lxxiii 2, 3, 4, 5; lxxiv 1;
lxxvi 4; lxxviii; lxxix 2, 6; lxxx
3; lxxxi 3; lxxxii 3; lxxxiii 2;
lxxxvi 4, 8, 9; lxxxviii; xciv 2,
3; xcv 2, 4, 5, 7; xcvi 1, 4, 5;
xcvii 1, 2; xcvi 2; xcix; c 3; cii
1; ciii 2; civ 1, 2, 3, 4; cv 1; cvi
1; cvii 1; cviii 1, 4; cix 1.

Ateneu Lacedemónio IV cxix 2;
cxxii 1.

Ática I ii 5, 6; ix 2; lviii 1; lxxi 4;
ci 1; cix 2 cxiv 1, 2; cxxv 2;
cxxvi 6; cxxxviii 6 cxliii 4. II vi
2; x 1; xiii 1; xv 1; xviii 1, 2;
xix 1, 2; xxi 1; xxiii; xxvii; xlvii
2, 3; lvi 3, 6; lvii 2; lxx 1; lxxi
1. III i 1; xiii 5; xv 1; [xvii 2];
xxv 1; xxvi 1, 3; xxxiv 1;
lxxxix 1. IV ii 1; vi 1, 2; viii 1.
V xvi 3; xx 1. VI xci 6; xcii 5.
VII xviii 1; xix 1, 3. VIII xcv 2;
xcvi 2. Ático I xlvii 1; xlviii 3;
xlxi 4; l 4; lii 1; liv 2; lx 1; lxxvii
4; xcvi 2; cxxxix 1. II lxxx 4;
xci 1, 3. III iv 2; xxxii 3; lxx 2,
6; lxxxi 2; cix 1; cxii 7; cxiv 1.
IV viii 2, 5; xvi 1. V xxviii 2;
xxix 2; xxxi 3, 5; xxxvi 1. VI
xliii. VII i 2; xix 5; xxxiv 1. VIII
xiii; xxiii 1; xxviii 2; xxix 1;
xlv 2.

Atintanes II lxxx 6.

Atos IV cix 2. V iii 6; xxxv 1;
lxxxii 1.

Atramiteu V i. VIII cviii 4.

Atreu filho de Pélops I ix 2.

Áulon IV ciii 1.

Autocáridas Lacedemónio V xii 1.

Áutocles Ateniense IV liii 1; cxix
2.

Áxio II xcix 4.

Bárbaros I iii 3; v; vi 1; xiv 3; xviii
2; xxiv 1; II lxviii; lxxx; lxxxii;
xcvi; xcvi; ci. III xciv 5. IV
cix 4; cxxvi 3. VI ii; xi 7.

Bato IV xliii 1.

Beócia I ii 3; xii 3; cviii 1, 3; cxiii
1, 3. II ii 1; xviii 2. III lxi 2; lxii
5; lxvii 3; xci 3; xcv 1. IV lxxvi
3; xci; xcii 1, 6; xcv 3; xcix.
VII xix 2; xxix 2. VIII xcvi.
Beócios I x 4; xii 3; cvii 4; cviii
2; cxi 1; cxiii 1, 2, 4. II ii 4; vi
2 ix 2, 3; xii 5; xxii 2; xxiii 3;
lxxviii 2 III ii 3; xiii 1; xx 1; liv
3; lxi 2; lxii 1, 2; lxx 2; lxxi 1;
lxxxvii 4; xcv 1. IV lxx 1; lxxii
1, 2, 4; lxxvi 4, 5; lxxvii 1;
lxxxix 1, 2; xc 1; xc; xcii 1;
xciii 1, 2, 3, 5; xcvi 1, 3, 4, 8;
xcvii 1, 2, 4; xcvi 1, 3, 8; xcix;
c 1; ci 1, 2; cviii 5; cxviii 2. V
iii 5; xvii 2; xxvi 2; xxxi 6;
xxxii 5, 6, 7; xxxv 3, 5; xxxvi
1, 2; xxxvii 1, 2, 3, 4; xxxviii 1,
2, 3; xxxix 2, 3; xl 1, 2, 3; xlii
1, 2; xlv 1, 3; xlvi 2, 4; l 4; lii
1; lvii 2; lviii 4; lix 2, 3; lx 3;
lxiv 4. VI lxi 2. VII xix 3; xliii
7; xlv 1; lvii 5; lviii 3. VIII iii 2;
v 2; xliii 3; lx 1; xcvi 2, 3, 4.
Beócio VIII 3.

Bérea I lxi 4.

Bisálcia II xcix 6. Bisáltico IV
cix 4.

Bitínios IV lxxv 2.
 Bizâncio I xciv 2; cxxviii 5, 6;
 cxxix 1, 3; cxxx 1; cxxxi 1. II
 xcvi 2. VIII lxxx 2, 3, 4; cvii 1.
 Bizantinos I cxv 5; cxvii 3.
 Bóio I cvii 2.
 Bolbe I lviii 2. IV ciii 1.
 Bolisco VIII xxiv 3.
 Bomienses III xcvi 3.
 Boríades III c 1
 Bormisco IV ciii 1.
 Bótia II xcix 3. Botieia II c 4.
 Botica I lxxv 2. II lxxx 2; cv 5.
 Botieus I lvii 5; lviii 1. II lxxxix
 1, 7; xcix 3; ci 1; IV 7
 Brásidas Espartano II xxv 2; lxxxv
 1; lxxxvi 6; xciii 1. III lxxix 1, 2;
 lxxvi; lxxix 3. IV xi 4; lxx 1;
 lxxi 2; lxxii 1; lxxiii 1, 4; lviii 1,
 4; lxxix 1; lxxx 5; lxxxi 1, 2;
 lxxxiii 1, 2, 3, 4, 5; lxxxiv 1, 2;
 lxxxviii 1; cii 1; ciii 1, 4, 5; civ
 2; cv 1; cvi 2, 4; cvii 1; cviii 2,
 5; cix 1, 5; cxi 1; cxii 1, 3; cxiv
 1; cxvi 1, 2; cxvii 1, 2; cxx 1, 2;
 cxxi 1; cxxii 2, 3, 4; cxxiii 1, 2,
 4; cxxiv 1, 3, 4; cxxv 1 2;
 cxxvii 1, 2; cxxviii 3, 5; cxxix
 1; cxxxii 1, 2, 3; cxxxv 1. V ii
 3, 4; iii 3; vi 3, 5; vii 1; viii 1;
 x 1, 5, 8, 11; xi 1; xiii 1; xvi 1;
 xviii 7; xxxiv 1; cx 2. [de Bra-
 sidas] V lxxvii 1; lxxi 3; lxxii 3.
 Brauro mulher de Pítaco IV cvii 3.
 Bricínios V iv 4, 6.
 Brilessio II xxiii 1.
 Brómero IV lxxxviii 1.
 Bromisco v. Bormisco.

Bucólio IV cxxxiv 2.
 Búodoro II xciv 3. III li 2.
 Bufrade IV cxviii 4.
 Cacíparis VII lxxx 5.
 Cadmeida I xii 3.
 Calce VIII xli 4; xlv 3; lv 1; lx 3.
 Calcedónia IV lxxv 2.
 Calcideu Lacedemónio VIII vi 5;
 viii 2; xi 3; xii 3; xiv 1, 2; xv 1;
 xvi 1, 3; xvii 1, 2, 3, 4; xix
 2xxiv 1; xxv 2; xxviii 1; xxxii
 2; xxxvi 2; xliii 3; xlv 1.
 Calcidense IV lxxv 3. VI iii 3; iv
 1; v 1; x 5; xlv 3; lxxvi 2; lxxix
 2; lxxxiv 3. Calcídico III lxxxvi
 2. IV xxv 7; lxi 2, 4. VI iv 5; v 1.
 Calcídica I lxxv 2. II lxx 4; ci 5. IV
 lxxix 1; ciii 1. Calcídico I lvii 5;
 lviii 1, 2; lxii 3; lxxv 2. II xxix 6;
 lviii 1, 2; lxxix 1, 3, 5, 6, 7; xciv
 1, 2, 3; xcix 3; ci 1, 6. IV 7;
 lxxviii 1; lxxix 2; lxxxi 1;
 lxxxiii 3; lxxxiv 1, 2; ciii 3; cix
 4; cx 1; cxiv 1; cxxiii 4; cxxiv
 1. V iii 4; vi 4; x 9, 10; xxi 2;
 xxxi 6; lxxx 2; lxxxii 1; lxxxiii
 4. VI vii 4.
 Cálcis na Etólia I cviii 5. II lxxxiii
 3.
 Cálcis na Eubeia VI iv 5. VII xxix
 2. VIII xciv 6. Calcidense I xv
 3. VI iii 1. VII lvii 4.
 Cales IV lxxv 2.
 Caleus III ci 2.
 Calíades Atenienense I lxi 1.
 Cálías Atenienense pai de Hipónico
 III xci 4.

Cálías Ateniense filho de Calíades
 I lxi 1; lxii 4; lxiii 3.
 Cálías Coríntio I xxix 2.
 Cálías Ateniense filho de Hiperó-
 quidas VI lv 1.
 Calícrates Coríntio I xxix 2.
 Cálidon III cii 5.
 Caligito Megareense VIII vi 1; viii
 1; xxxix 1.
 Calímaco Ateniense pai de Learco
 II lxvii 2.
 Calímaco Ateniense pia de Fanó-
 maco II lxx 1.
 Cálíos III xcvi 3.
 Calírooe II xv 5.
 Camarina III lxxxvi 2. IV xxv 7.
 VI v 3; lii 1; lxxv 3, 4; VI
 lxxviii 4. VII lxxx 2. Camari-
 neus III lxxxvi 2. IV lviii; lxxv 1.
 V iv 6. VI v 3; lxvii 2; lxxv 3,
 4; lxxvi 1; lxxviii 4; lxxxvii 1;
 lxxxviii 1. VII xxxiii 1; lviii 1.
 Cambises rei dos Persas I xiii 6;
 xiv 2.
 Camiro VIII xlv 2.
 Canastreu IV cx 2.
 Caónios II lxviii 9; lxxx 1, 5;
 lxxxi 3, 4, 6.
 Capaton Locro III ciii 3.
 Cáradro V lx 6.
 Cárcino Ateniense II xxiii 2.
 Cardamile VIII xxiv 3.
 Caréades Ateniense III lxxxvi 1;
 xc 2.
 Cária I cxvi 1, 3. II ix 4; lxix 1.
 III xix 2. VIII v 5. Cários I iv;
 viii 1. II ix 4. III xix 2. VIII
 lxxxv 2.

Cárias V lv 3.
 Caribdis IV xxiv 5.
 Cáricles Ateniense VII xx 1, 2, 3;
 xxvi 1, 3.
 Carístios I xcvi 3. IV xlii 1; xliii
 3, 4. VII lvii 4. VIII lxix 3.
 Carmino Ateniense VIII xxx 1;
 xli 3, 4; xlii 2; lxxxiii 3.
 Carneias V lxxv 2, 5; lxxvi 1.
 Carneio V liv 2, 3.
 Cartago VI ii 6; xv 2; xxxiv 2;
 lxxxviii 6. Cartaginês VII l 2.
 Cartagineses I xiii 6. VI xc 2.
 Cartérios VIII ci 2.
 Casmenas VI v 2.
 Cátana V iv 6. VI iii 3; xx 3; l 3,
 5; li 3; lii 2; lxii 3; lxiii 2; lxiv
 2; lxxv 1, 3; lxxi 1; lxxii 1; lxxiv
 1; lxxv 2; lxxxviii 5; xciv 1, 3,
 4; xcvi 1. VII xiv 2; xlii 3; xlix
 2; lx 2; lxxx 2; lxxxv 4. Cata-
 neu III cxvi 1. VI iii 3; l 3; li 1,
 2; lxiv 2 3; xcvi 1. VII lvii 11.
 Caulónia VII xxv 2.
 Cauno I cxvi 3. VIII xxxix 3; xli
 1, 4; xlii 2, 4; lvii 1; lxxxviii;
 cviii 1.
 Ceadas I cxxxiv 4.
 Cécalo Megareense IV cxix 2.
 Cecino III ciii 3.
 Cecrifaleia I cv 1.
 Cécrops rei dos Atenienses II xv
 1.
 Cefalénia II vii 3; xxx 2; xxxiii 3;
 lxxx 1. V xxxv 7. VII xxxi 2.
 Cefalénios I xxvii 2. III xciv 1;
 xciv 2. VII lvii 7.
 Célias Ateniense VIII lxxxix 2.

- Ceneu III xciii 1.
 Centóripa VI 94 3. Centoripes VII xxxii 1.
 Cerâmico VI lvii 1; lviii 1.
 Cercina II xcvi 1.
 Cerdílio V vi 3, 5; viii 1; x 2.
 Cerices VIII liii 2.
 Cestrina I xlv 4.
 Chipre I xciv 2; civ 2; cxii 2, 4; cxxviii 5. Cipriotas I cxii 4.
 Cíclades I iv. II ix 4.
 Ciclopes VI ii 6.
 Cidades Acteias v. Acteias
 Cidoneia II lxxxv 5. Cidones II lxxxv 5, 6
 Cilene I xxx 2. II lxxxiv 5; lxxxvi 1. III lxxix 1; lxxvi. VI lxxxviii 9.
 Cileu V liii.
 Cilícios I cxii 4.
 Cílon Ateniense I cxxvi 3, 4, 9, 10.
 Cime na Eólida III xxxi 1. VIII xxii 1; xxxi 3, 4; c 3. Cimeia VIII ci 2.
 Cime na Opícia VI iv 5.
 Cimon Ateniense filho de Milcíades I xlv 2; xcvi 1; c 1; cii 1; cxii 2, 4.
 Cines Acarnano II cii 1.
 Cinossema VIII civ 5; cv 2; cvi 4.
 Cinúria IV lvi 2. V xiv 4; xli 2.
 Cíone IV cxx 1, 2; cxxii 4; cxxiii 2; cxxix 2; cxxx 1, 7; cxxxi 3; cxxxii 1; cxxxiii 2. V ii 2; xviii 7. Cíoneus IV cxx 1, 3; cxxi 1; cxxii 3, 6; cxxiii 4; cxxix 3; cxxx 1, 2. V xviii 8; xxxii 1.
 Cípsela V xxxiii 1, 2.
 Cirene I cx 1. Cireneus VII l 2.
 Círfondas Tebano VII xxx 3.
 Ciritide V xxxiii 1. Ciritas V lxxvii 1; lxxviii 3; lxxi 2, 3; lxxii 1, 3.
 Ciro rei dos Persas, pai de Cambises I xiii 6; xvi.
 Ciro rei dos Persas, filho de Dario II lxx 12.
 Círonidas Ateniense VIII xxv 1; liv 3.
 Círos I xcvi 2.
 Cirro II c 4.
 Citas II xcvi 1; xcvi 5, 6.
 Citera IV liii 1, 2; liv 4; lv 1; lvi 1; lvii 4; cxviii 4. V xiv 3; xviii 7. VII xxvi 2. Cítérios IV liv 1, 2, 3; lvii 4. VII lvii 6.
 Cítéron II lxxv 2. III xxiv 1.
 Cítínio I cvii 2. III xcv 1; cii 1.
 Cítio I cxii 3, 4.
 Cízico VIII cvii 1. Cizicenos VIII vi 1; xxxix 1.
 Claro III xxxiii 1, 2.
 Clazómenas VIII xiv 3; xxii 1; xxiii 6; xxxi 2, 3. Clazoménios VIII xiv 3; xvi 1; xxiii 6; xxxi 4.
 Cleândridas Lacedemónio VI xciii 2. VII ii 1.
 Clearco Lacedemónio VIII viii 2; xxxix 2; lxxx 1, 3.
 Cleáridas Lacedemónio IV cxxxii 3. V vi 5; viii 4; ix 7; x 1, 7, 9, 12; xi 3; xxi 1, 2; xxxiv 1.
 Cleéneto Ateniense III xxxvi 6. IV xxi 3.
 Cleípides Ateniense III iii 2.

Cleobulo Lacedemónio V xxxvi 1; xxxvii 1; xxxviii 3.
 Cleômbroto Lacedemónio I xciv; cvii 2. II lxxi 2.
 Cleomedes Ateniense V lxxxiv 3.
 Cleómenes rei dos Lacedemónios I cxxvi 12
 Cleómenes Lacedemónio III xxvi 2.
 Cléon Ateniense III xxxvi 6; xli; xlv 3; xlvii 1, 5; l 1. IV xxi 3; xxii 2; xxvii 3; xxviii 1, 3, 5; xxx 4; xxxvi 1; xxxvii 1; xxxviii 1; xxxix 3; cxxii 6. V ii 1; iii 4, 6; vi 1, 3; vii 1; x 2, 9; xvi 1.
 Cleonas na Ática IV cix 3.
 Cleonas na Argólida VI xcv 1.
 Cleoneus V lxxvii 2; lxxii 4; lxxiv 3.
 Cleónimo Lacedemónio IV cxxxii 3.
 Cleopompo Ateniense II xxvi 1; lviii 1.
 Clíneas Ateniense pai de Alcibíades V xliii 2; lii 2. VI viii 2; xv 2.
 Clíneas Ateniense pai de Cleopompo II xxvi 1; lviii 1.
 Cnemo Espartano II lxxi 2; lxxx 2, 4, 8; lxxxi 3; lxxxii; lxxxiii 1; lxxxiv 5; lxxxv 1, 3; lxxxvi 6; xciii 1.
 Cnidis Lacedemónio V li 2.
 Cnido VIII xxxv 1, 2, 3; xli 3; xlii 4; xliii 1, 2; xlv 2; lii; cix 1.
 Cnídia VIII xxxv 2. Cnídios III lxxxviii 2. VIII xxxv 4; xli 3.

Cofu V ii 2.
 Colofónios III xxxiv 1, 2, 4.
 Colonas Troianas I cxxxi 1.
 Colono VIII lxxvii 2.
 Cónon Ateniense VII xxxi 4, 5.
 Copeus IV xciii 4.
 Corcira I xxiv 6; xxv 1, 4; xxvi 3; xxxvi 1; xlv 1, 2; xlv 3; xlv 1, 3; liii 2, 4; lv 1 2; lvii 1; lxxviii 4; cxxxvi 1; cxlvi. II vii 3. III lxix 2; lxx 1, 3 lxxvi; lxxx 2; [lxxxiv 1]. IV iii 1; v 2; viii 2; xlv 1. VI xxx 1; xxxii 2; xxxiv 6; xlii 1; xliii; liv 1. VII xxvi 3; xxxi 1, 5; xxxiii 3. Corcirea I xxx 1. Corcirus I xiii 4; xiv 2; xxiv 2, 7; xxv 3; xxvi 2, 3, 4, 5; xxvii 2; xxviii 1, 5; xxix 1, 3, 5; xxx 1, 2, 4; xxxi 1, 2, 3, 4; xxxii 2; xxxv 3, 4; xxxvii 1; xl 4; xlii 2; xlv 1; xlv 1; xlvii 1; xlviii 2, 3, 4; xlix 4, 5, 6, 7; l 3, 5; li 2, 4, 5; lii 1; liii 3, 4; liv 1, 2; lv 1, 2; cxxxvi 1. II ix 4, 5; xxv 1. III lxx 1, 2; lxxi 1; lxxii 2; lxxvii 3; lxxviii 1, 2, 3; lxxix 1, 2; lxxx 1; lxxxi 2, 4; lxxxv 1, 2; xciv 1; xcv 2. IV ii 3; xlv 1, 4, 5; xlvii 1, 3; xlviii 2, 4, 5. VII xlv 6; lvii 7. Corcirea I cxviii 1.
 Corebo Plateense III xxii 3.
 Córico VIII xiv 1; xxxiii 2; xxxiv.
 Corifásio IV iii 2; cxviii 4. V xviii 7.
 Corinto I xiii 2; xxv 2; xxviii 1; xlv 1; lx 2. II lxix 1; lxxx 3, 8; lxxx 1; lxxxiii 1 xcii 6; xciii 1,

- 2; xciv 3. III xv 1; lxxxv 3; c 1. IV lxx 1; lxxiv 1. V xxx 1, 5; 1 5; liii; lxiv 4; lxxv 2. VI iii 2; xxxiv 3; lxxiii 2; lxxxviii 7, 9; civ 1. VII vii 3; xvii 2; xix 4. VIII iii 1; vii; viii 2; xiii. Coríntia IV xlii 1; xlv 1. VIII x 3. Coríntios I xiii 2, 3, 4, 5; xxiv 2; xxv 1, 3, 4; xxvi 1, 2, 3; xxvii 1, 2; xxviii 1, 4; xxix 1, 4, 5; xxx 1, 2 3; xxxi 1, 3; xxx2 4, 5; xxxiii 3; xxxvi 3, 4; xl 4; xli 2; xlii 2; xlv 1, 2; xlv 1 3; xlv 1, 2, 5; xlvii 3; xlviii 1, 4; xlix 5, 6, 7; l 1, 3, 5; li 1, 2; lii 1; liv 1, 2; lv 1, 2; lvi 2; lvii 2, 4; lviii 1; lx 1; lxii 6; lxvi; lxvii 5; lxxii 1; ciii 4; cv 1, 3, 5, 6; cvi 2; cviii 5; cxiv 1; cxix; cxxiv 3. II ix 3; xxx 1; xxxiii 1; lxvii 1; lxxx 3; lxxxiii 3, 4. III lxx 1; cii 2; cxiv 4. IV xlii 2, 3; xliii 2, 3, 4, 5; xlv 1, 4, 6; xlix; lxx 1; c 1; cxix 2. V xvii 2; xxv 1; xxvii 2, 3; xxx 1, 2, 5; xxxi 1, 6; xxxii 3, 4, 5, 6, 7; xxxv 3, 5; xxxvi 1; xxxvii 1, 2; xxxviii 1, 3, 4; xlviii 2, 3; lii 2; lv 1; lvii 2; lviii 4; lix 1, 3; lx 3; lxxxiii 1; cxv 3. VI vii 1; lxxxviii 8, 10; xciii 2, 3; civ 1. VII ii 1; iv 7; vii 1, 3; xvii 3, 4; xviii 1; xix 4, 5; xxv 9; xxxi 1, 4; xxxii 2; xxxiv 2, 4, 5, 6, 7, 8; xxxvi 2; xxxix 2; lvi 3; lvii 7, 9; lviii 3; lxiii 4; lxx 1 lxxxvi 4. VIII iii 2; ix 1, 2; xi 2; xxxii 1; xxxiii 1; xcvi 2. Coríntio I xxvii 1. III lxx 2; lxxii 2; lxxiv 3. VI civ 1. VIII cvi 3.
- Coroneia I cxiii 2. III lxii 5; lxvii 3. IV xcii 6. Coroneus IV xciii 4.
- Coronta II cii 2.
- Cós Meropis VIII xli 2, 3; xlv 3; lv 1; cviii 2. ??
- Cotirta IV lvi 1.
- Crânios II xxx 2; xxxiii 3. V xxxv 7; lvi 3.
- Cranónios II xxii 3.
- Cratêmenes Calcideu VI iv 5.
- Cratêsicles Lacedemônio IV xi 2.
- Crenas fontes III cv 2; cvi 3.
- Creso I xvi.
- Crestonico IV cix 4.
- Creta II ix 4; lxxxv 5, 6; lxxxvi 1; xcii 7. III lxix 1. VI iv 3; xxv 2. VIII xxxix 3. Cretenses II lxxxv 5. VI xliii. VII lvii 9. Crético IV liii 3. V cx 1.
- Criseu golfo I cvii 3. II lxix 1; lxxxiii 1; lxxxvi 3; xcii 6; xciii 1. IV lxxvi 3.
- Crisipo filho de Pélops I ix 2.
- Crisis Argiva II ii 1; IV cxxxiii 2, 3.
- Crisis Coríntio II xxxiii 1.
- Crocílio III xcvi 2.
- Cromon Messénio III xcvi 1.
- Crómion IV xlii 4; xlv 4; xlv 1.
- Crópia II xix 2.
- Crotoniatas VII xxxv 1, 2.
- Crúsis II lxxix 4.
- Dafnos VIII xxiii 6; xxxi 2.
- Daímaco Plateense III xx 1.

- Dáito Lacedemónio V xix 2; xxiv 1.
- Damageto Lacedemónio V xix 2; xxiv 1.
- Damagon Lacedemónio III xcii 5.
- Damótimo Sicíone IV cxix 2.
- Dánaos I iii 3.
- Dárdano VIII civ 2.
- Darico VIII xxviii 4.
- Dario rei dos Persas filho de Artaxerxes VIII v 4; xxxvii 1, 2; lviii 1.
- Dario rei dos Persas filho e Histaspes I xiv 2; xvi. IV cii 2. VI lix 3, 4.
- Dascílio I cxxix 1.
- Dáscon VI lxvi 2.
- Dáscon Siracusano VI v 3.
- Dáulia II xxix 3.
- Deceleia VI xci 6; xciii 2. VII xviii 1; xix 1, 2; xx 1; xxvii 2, 3, 5; xxviii 1, 4; xlii 2. VIII iii 1; v 3; lxix 1; lxx 2; lxxi 1 3; xcvi 1, 2.
- Deiníades Lacedemónio VIII xxii 1.
- Deínias Ateniense III iii 2.
- Delfínio VIII xxxviii 2; xl 3.
- Delfos I xxv 1; xxviii 2; cxii 5; cxviii 3; cxxi 3; cxxvi 4; cxxxii 2; cxxxiv 4; cxliii 1. III lvii 2; xcii 5; ci 1. IV cxxxiv 1. V xvi 2; xviii 2, 10; xxxii 1.
- Délio IV lxxvi 4, 5; lxxxix 1; xc 1, 4; xciii 2; xcvi 7, 9; xcvi 1, 3; c 1; ci 1, 5. V xiv 1; xv 2.
- Delos I viii 1; xcvi 2. II viii 3. III xxix 1; civ 1, 2, 3, 4, 6. V i; xxxii 1. VIII lxxvii; lxxx 3; lxxxvi 1; cviii 4. Délios V i; xxxii 1. VIII cviii 4. Délia III civ 2, Deliacó III civ 5. ???
- Demarato Ateniense VI cv 2.
- Demarco Siracusano VIII lxxxv 3.
- Démeas Ateniense V cxvi 3.
- Demódoco Ateniense IV lxxv 1.
- Demóstenes Ateniense III xci 1; xciv 2, 3; xcvi 1; xcvi 5; cii 3; cv 3; cvii 1, 2, 3, 4; cviii 1; cix 1, 2; cx 1; cxii 1, 2, 4; cxiii 6; cxiv 1, 2. IV ii 4; iii 1, 2; v 2; viii 3, 4; ix 1; xi 1, 2; xxix 1, 2; xxxii 3, 4; xxxvi 1; xxxvii 1; xxxviii 1 lxvi 3; lxvii 2, 5; lxxvi 1; lxxvii 1, 2; lxxxix 1; ci 3. V xix 2; xxiv 1; lxxx 3VII xvi 2; xvii 1; xx 2, 3; xxvi 1, 3; xxvii 1; xxix 1; xxxi 1, 2, 5; xxxiii 3; xxxv 1; xlii 1, 3; xliii 1, 5; xlvi 3; xlvi 1; xlix 2; lv 1; lvii 10; lxix 4; lxxii 3; lxxv 1; lxviii 1, 2; lxxx 1, 4; lxxxi 2, 4; lxxxii; lxxxiii 1; lxxxv 3; lxxxvi 2, 3.
- Demóteles Messénio IV xxv 11.
- Dercílidas Espartano VIII lxi 1; lxii 2.
- Derdas Macedónio I lvii 3; lxix 2.
- Derseus II ci 3.
- Deucalião I iii 2.
- Diágoras Túrio VIII xxxv.
- Diacrito Lacedemónio II xii 1.
- Diásias I cxxvi 6.
- Dídime III lxxxviii 2.
- Diêmporo Tebano II ii 1.
- Dífilo Ateniense VII xxxiv 3.

Diitrefes Ateniense III lxxv 1. IV
 liii 1; cxix 2; cxxix 2. VII xxix
 1. VIII lxiv 1.
 Dime II lxxxiv 3, 5.
 Diódoto Ateniense III xli; xlix
 1.
 Diomedonte Ateniense VIII xix
 2; xx 2; xxiii 1; xxiv 2; liv 3;
 lvv 1; lxxiii 4, 5.
 Diomilo Ândrio VI xcvi 3; xcvi
 3, 4.
 Díon no Atos IV cix 3, 5. V xxxv
 1; lxxxii 1.
 Díon na Macedónia IV lxxviii 6.
 Díónisos II xv 4. III lxxxi 5. [VIII
 xciv 1.] Dionísias II xv 4. V xx
 1; xxiii 4. Dionisiáco VIII xciii
 1. Dionísio VIII xciii 3.
 Dios II xcvi 2. Díaco VII xxvii 1.
 Díóscoros III lxxv 3. IV cx 1.
 Diótimo Ateniense I xlv 2. VIII
 xv 1.
 Dobero II xcvi 2; xcix 1; c 3.
 Dolópia II cii 2. Dólópes I xcvi
 2. V li 1.
 Dorcis I xcv 6.
 Dorieu III viii 1. VIII xxxv 1;
 lxxxiv 2.
 Dórios I xii 3; xviii 1; cvii 2;
 cxxiv 1. II ix 4. III xcii 3, 4;
 xcv 1; cii 1. IV xlii 2; lxi 2; lxiv
 3. V ix 1; liv 2. VI vi 2; lxxvii
 1; lxxx 3; lxxxii 2. VII v 4; lvii
 2, 4, 6, 7, 9; lviii 3. VIII xxv 5.
 Dórico I xxiv 2. II liv 2, 3. III
 lxxxvi 2; cxii 4. VI iv 3; v 1.
 VII xlv 6.
 Doro Farsálio IV lxxviii 1.

Drabesco I c 3. IV cii 2.
 Drimusa VIII xxxi 3.
 Drioscéfalas III xxiv 1.
 Dríopes VII lvii 4.
 Droos II ci 3.
 Eanteus III ci 2.
 Eântides Lampsaceno VI lix 3, 4.
 Edónia/ Edonos I c 3. II xcix 4.
 IV cii 2, 3; cvii 3; cix 4. V vi 4.
 Eetioneia VIII xc 1, 3, 4; xci 2;
 xcii 4.
 Efésia III civ 3.
 Éfeso I cxxxvii 2. III xxxii 2;
 xxxiii 1. IV l 3. VIII xix 3; cix 1.
 Efíre I xlvi 4
 Egáleo II xix 2.
 Egesta VI ii 3; vi 3; xlv 4; xlvi 1,
 3, 5; lxii 1, 4; lxxxviii 6; xcvi
 1. Egesteus VI vi 2, 3; viii 1, 2;
 x 5; xi 2, 7; xiii 2 xix 1; xxi 1;
 xxii; xxxiii 2; xxxvii 1; xlvi 2,
 3; xlvii; xlviii; lxii 1, 3; lxxvii 1;
 xcvi 1. VII lvii 11.
 Egeu I xcvi 2. IV cix 2.
 Egício III xcvi 2, 3.
 Egina I cv 2, 3, 4; cxxxix 1; cxi 3.
 II xxvii 1 xxxi 1. III lxxi 1. V
 liii. VI xxxii 2. VII xx 3; xxvi
 1; lvii 2. VIII xcii 3. Eginetas I
 xiv 3; xli 2; lxvii 2; cv 2, 3; cviii
 4. II xxvii 1, 2. III lxiv 3. IV lvi
 2; lvii 1, 2, 3, 4. V xlvii 6; lxxiv
 3. VII lvii 2. VIII lxix 3.
 Egipto I civ 1; cv 3; cix 1, 2; cx
 2, 3, 4; cxii 3, 4. II xlviii 1. IV
 liii 3. VIII xxxv 2. Egípcios I
 civ 2; cix 4; cx 2; cxxx 1.

Eimnesto Plateense II lii 5.
 Éion I xcvi 1. IV vii; l 1; cii 3;
 civ 5; cvi 3, 4; cvii 1, 2; cviii 1.
 V vi 1, 2; x 3, 8, 10.
 Elafébólion IV cxviii 12. V xix
 1.
 Eleátida I xlvi 4.
 Eleunte VIII cii 1, 2; ciii 1, 3; cvii
 2. Eleuntinos VIII cvii 2.
 Eleusínio II xvii 1.
 Elêusis I cxiv 2. II xix 2; xx 3; xxi
 1. IV
 lxxiii 5. Eleusínios II xv 1.
 Eleutério II lxxi 2.
 Élida II xxv 3; lxvi 1. V xvii 4, 9,
 10; xxxiv 1. VI lxxxviii 9. Eli-
 denses I xxvii 2; xxx 2; xlvi 1.
 II ix 3; xxv 3, 5; lxxxiv 5. III
 xxix 2. V xvii 2; xxxi 1, 2, 3, 4,
 5; xxxiv 1; xxxvii 2; xliii 3; xlv
 2; xlv 3; xlvii 1, 2, 3, 4, 5, 8,
 10; xlviii 2; xlix 1, 3, 5; l 3; lviii
 1; lxi 1; lxii 1 2; lxxv 5; lxxviii;
 VII xxxi 1.
 Elimiotas II xcix 2.
 Élimos VI ii 3, 6.
 Elómeno III xciv 1.
 Êmbato III xxix 2; xxii 1.
 Empédias Lacedemónio V xix 2;
 xxiv 1.
 Êncrito Espartano VII xix 3.
 Êndio Lacedemónio V xlv 3. VIII
 vi 3; xii 1, 2, 3; xvii 2.
 Eneacrúno II xv 5.
 Énea Hódoi I c 3. IV cii 3.
 Eneas Coríntio IV cxix 2.
 Êneo III xcv 3; xcvi 3; cii 1.
 Enésias Lacedemónio II ii 1.

Eníadas I cxi 3. II lxxxii; cii 2, 3,
 6. III vii 3 xciv 1; cxiv 2. IV
 lxxvii 2.
 Eniálio IV lxvii 2.
 Enianes V li 1.
 Enipeu IV lxxviii 3.
 Eno IV xxviii 4. Ênios VII lvii 5.
 Ênoe II xviii 1, 2, 3; xix 1. VIII
 xcvi 1, 2, 3, 4.
 Enófitos I cviii 3. IV xcv 3.
 Entimo Cretense VI iv 3.
 Enussas VIII xxiv 2.
 Eóladas Tebano IV xci.
 Eólios IV xlii 2. VII lvii 5. VIII
 cviii 4. Eólico IV lii 3.
 Eólia III xxxi 1; cii 5.
 Êolo III lxxxviii 1; cxv 1.
 Eórdia II xcix 5. Eordos II xcix 5.
 Epicídides Lacedemónio V xii 1.
 Épicles Ateníense I xlv 2. II xxiii
 2.
 Épicles Lacedemónio VIII cvii 2.
 Epicuro Lacedemónio III xviii 3.
 Epidamno I xxiv 1; xxvi 1, 3;
 xxvii 1; xxviii 1, 4, 5; xxix 1, 4,
 5; xxxiv 2; xxxviii 5; cxlvi. III
 lxx 1. Epidámnios I xxiv 3, 6;
 xxv 1, 2; xxvi 3, 4, 5.
 Epidáurio V xxvi 2.
 Epidauro II lvi 4, 5. IV xlv 2. V
 liii; lvi 1; lvi 1, 5; lxxv 5; lxxvii
 1, 2; lxxx 3. VI xxxi 2. VIII xcii
 3; xciv 2. Epidáuria IV xlv 2. V
 liv 3, 4; lv 2, 4. VIII x 3.
 Epidáurios I xxvii 2; cv 1, 3;
 cxiv 1. IV cxix 2. V liii; liv 4; lv
 1; lvi 4; lvii 1; lviii 4; lxxv 4;
 lxxvii 4; lxxx 3. VIII iii 2.

- Epidauro Limerá IV lvi 2. VI cv 2. VII xviii 3; xxvi 2.
- Epípolas VI lxxv 1; xcvi 1, 2, 3; xcvi 1, 2, 4, 5; ci 1, 3; cii 1; ciii 1. VII i 1; ii 3 iv 1; v 1; xlii 4; xliii 1, 2, 4; xlv 8; xlv 1; xlv; xlvii 3.
- Epitadas Lacedemónio IV viii 9; xxxi 2; xxxiii 1; xxxviii 1; xxxix 2.
- Epizefrios VII i 1.
- Equocrátides rei dos Tessálios I cxi 1.
- Equetímidas Lacedemónio IV cxix 2.
- Equínades II cii 3.
- Erasínides Coríntio VII vii 1.
- Erasístrato Ateniense V iv 1.
- Eratoclides Coríntio I xxiv 2.
- Erecteu rei dos Atenienses II xv 1.
- Éreso III xviii 1; VIII xxiii 2, 4; c 3, 4, 5; ci ciii 2. Erésios VIII xxiii 4.
- Erétria VIII lx 1; xcv 2, 4, 6. Erétrios I xv 3; cxxviii 6. IV cxxiii 1. VII lvii 4. VIII lx 1, 2; xcv 3, 4, 5, 6.
- Erineu na Acaia VII xxxiv 1, 8.
- Erineu na Dória I cvii 2.
- Erineu VII lxxx 6; lxxxii 3.
- Éritras na Beócia III xxiv 2.
- Éritras na Jónia VIII xxiv 6; xxviii 5; xxxii 2; xxxiii 3. Eritreia III xxix 2; xxxiii 2. VIII xxiv 2; xxxiii 2. Eritreus VIII v 4; vi 4; xiv 2; xvi 1; xxxiii 3.
- Érix VI ii 3; xlv 3.
- Erixilaidas Lacedemónio IV cxix 2.
- Escandia IV liv 1, 4.
- Escolo V xviii 5.
- Escombros II xcvi 3, 4.
- Esfactéria IV viii 6.
- Esime IV cvii 3.
- Esimides Corcireu I xlvii 1.
- Éson Argivo V xl 3.
- Esparádoco Odrísio II ci 5. IV ci 5.
- Esparta I lxxxvi 5; cxxviii 1, 7; cxxxi 1, 2. II ii 1; xxi 1; xxv 2. III liv 5. IV iii 2; xv 1; liii 2; lxxxi 1; cxxxii 3. V xiv 3; lxxii 1. Espartanos I cxxviii 3; cxxxi 1; cxxxii 1, 5. II xii 1; xxv 2; lxvi 2. III c 2. IV viii 1; xi 2; xxxviii 5. V ix 9; xv 1; lxiii 4. VI xci 4. VII xix 3; lviii 3. VIII vii; xi 2; xxii 1; xxxix 1, 2; lxi 1; xci 2; xcix.
- Espartata v. Espartano
- Espartolo II lxxix 2, 3, 5. V xviii 5.
- Espireu VIII x 3; xi 3; xiv 2; xv 1, 2; xx 1.
- Estages Persa VIII xvi 3.
- Estagiros IV lxxxviii 2. V vi 1; xviii 5. Estenelaidas Lacedemónio I lxxxv 3. VIII v 1.
- Esteságoras Ateniense I cxvi 3.
- Estífon Lacedemónio IV xxxviii 1, 2.
- Estireus VII lvii 4
- Estrato II lxxx 8; lxxxii; lxxxiii 1; lxxxiv 5; cii 1, 2. Estrácios II lxxxi 2, 5, 8; lxxxii. III cvi 1, 2.

Estratonice irmã de Perdicas II ci 6.
 Estrebo Ateniense I cv 2.
 Estrepsa I lxi 4.
 Estrímon I xcvi 1; c 3. II xcvi 3; xcvi 2; xcix 3, 4; ci 3. IV l 1; cii 1, 3; cviii 1, 6. V vii 4. VII 9.
 Estrófaco Farsálio IV lxxviii 1.
 Estrômbico Ateniense I xlv 2.
 Estrombiquides Ateniense VIII xv 1; xvi 1, 2; xvii 1, 3xxx 1, 2; lxii 2; lxiii 1; lxxix 3, 5.
 Estrôngile III lxxviii 2.
 Étea I ci 2.
 Eteónico Lacedemónio VIII xxiii 4.
 Eteus III xcii 2, 3. VIII iii 1.
 Etiópia II xlviii 1.
 Etna III cvxi 1.
 Etólia III xcvi 1; cii 3, 5; cv 3; cxiv 1. Etólios I v 3. III xciv 3; 4, 5; xcv 1, 2, 3 xcvi 3; xcvi 1, 3; xcvi 1, 2, 5; c 1; cii 2, 7. VII lvii 9. Etólio IV xxx 1.
 Eubeia I xxiii 4; lxxvii 6; cxiv 1, 3; cxv 1. II ii 1; xiv 1; xxvi 1; xxxii; lv 1. III iii 5; [xvii 2] lxxvii 4; lxxix 2; xci 1; xciii 1; xcvi 3; xciii 2. IV lxxvi 4; xcii 4; cix 3. VI iii 1; iv 5; lxxvi 2; lxxiv 2. VII xxviii 1; xxix 2; lvii 2, 4. VIII i 3; v 1, 2; lx 1, 2; lxxiv 2; lxxvi 9; xci 2; xcii 3; xcv 2, 3, 7; xcvi 1, 2, 4; cvi 5; cvii 2.
 Eubulo Quio VIII xxiii 4.
 Eucles Ateniense IV civ 4.
 Eucles Siracusano VI ciii 4.

Euclides Zancleu VI v 1.
 Êucrates Ateniense III xli.
 Euctémon Ateniense VIII xxx 1, 2.
 Eufamidas Coríntio II xxxiii 1. IV cxix 2. V lv 1.
 Eufemo Ateniense VI lxxv 4; lxxxi; lxxviii 1.
 Eufileto Ateniense III lxxxvi 1.
 Êumaco Coríntio II xxxiii 1.
 Eumólpidas VIII liii 2.
 Eumolpo rei dos Eleusinos II xv 1.
 Eupaídas Epidáurio IV cxix 2.
 Eupálio III xcvi 2; cii 1.
 Eupômpides Plateense III xx 1.
 Euríalo VI xcvi 2. VII ii 3; xliii 3.
 Euríato Corcíreu I xlvii 1.
 Euríloco Lacedemónio III c 2; ci 1; cii 5, 7; cv 1, 2, 4; cvi 1; cvii 4; cviii 1; cix 1.
 Eurímaco Tebano II ii 3; v 7.
 Eurimedonte I c 1.
 Eurimedonte Ateniense III lxxx 1; lxxxi 4; lxxxv 1; xci 4; cxv 5. IV ii 2; iii 1; viii 3; xlv 1; lxv 3. VI i 1. VII xvi 2; xxxi 3, 5; xxxiii 3; xxxv 1; xlii 1; xliii 2; xlix 3; lii 2.
 Eurípides Ateniense II lxx 1; lxxix 1.
 Euripo VII xxix 1, 2; xxx 1.
 Euristeu I ix 2.
 Euritânios III xciv 5; c 1.
 Eurítimo Coríntio I xxix 2.
 Europa I lxxxix 2. II xcvi 5, 6.
 Europa II c 3.
 Êustrofo Argivo V xl 3.

Êuticles Coríntio I xlvii 2. III cxiv 4.
 Eutidemo Ateniense V xix 2; xxiv 1. VII xvi 1; lxix 4.
 Euxino II xcvi 1; xcvi 1, 5.
 Evalas Espartano VIII xxii 1.
 Evarco tirano de Ástaco II xxx 1; xxxiii 1.
 Evarco Náxio VI iii 3.
 Evécion Ateniense VII ix.
 Eveno II lxxxiii 3.
 Evespéritas VII l 2.
 Exécesto Siracusano VI lxxxiii 1.
 Fácio IV lxxxviii 5.
 Fagres II xcix 3.
 Faénis Argiva IV cxxxiii 3.
 Falero I cvii 1. Falérico II xiii 7.
 Fálío Coríntio I xxiv 2.
 Fanas VIII xxiv 3.
 Fanómaco Ateniense II lxx 1.
 Fanótida IV lxxvi 3. Fanoteus IV lxxxix 1.
 Fárax Lacedemónio IV xxxviii 1.
 Farnabazo Persa II lxxvii 1. VIII vi 1, 2; viii 1; xxxix 1, 2; lxii 1; lxxx 1, 2; xcix; cix 1.
 Farnaces Persa I cxxxix 1. II lxxvii 1. V 1. VIII vi 1; lviii 1.
 Faro I civ 1.
 Farsalo I cxi 1. II xxii 3. IV lxxviii 1, 5. Farsálios II xxii 3. VIII xcii 8.
 Fasélida II lxix 1. VIII lxxxviii; xcix; cviii 1.
 Feaces I xxv 4.
 Féax Ateniense V iv 1, 5, 6; v 2, 3.
 Febo I cxxxii 2. III civ 4.

Fédimo Lacedemónio V xlii 1.
 Fenícia II lxix 1. Fenícios I viii 1; xvi; c 1; cx 4. VI ii 6. VIII lxxxix 3; lxxxvii 3, 6. Fenício I cxvi 1, 3. VI xlvii 3. VIII xlvii 1, 5; lix; lxxxviii; lxxxvii 1, 3; lxxxviii; xcix; cviii 1; cix 1.
 Fenicunte VIII xxxiv.
 Fenipo Ateniense IV cxviii 11.
 Fereus II xxii 3.
 Fia II xxv 3, 4, 5. VII xxxi 1.
 Fícia III cvi 2.
 Filémon Ateniense II lxxvii 2.
 Filêides Tebano II ii 1.
 Filipe Lacedemónio VIII xxviii 5; lxxxvii 6; xcix.
 Filipe Macedónio I lvii 3; lix 2; lxi 4. II xcv 3; c 3.
 Filocárides Lacedemónio IV cxix 2. V xix 2; xxi 1; xxiv 1; xlv 3.
 Filócrates Ateniense V cxvi 3.
 Filoctetes I x 4.
 Firco V xlix 1.
 Fisca II xcix 5.
 Fliunte IV cxxxiii 3. V lvii 2; lviii 1, 2. Fliásia V lxxxiii 3; cxv 1. VI cv 3. Fliásios I xxvii 2. IV lxx 1. V lvii 2; lviii 4; lix 1, 3; lx 3; cxv 1.
 Fóceas V iv 4.
 Focéia VIII xxxi 3, 4. Focienses I xiii 6; IV lii 2. VIII ci 2.
 Fócida I cviii 3. II xxix 3. IV lxxvi 3. Focenses I cvii 2; cxi 1; cxii 5. II ix 2, 3. III xcv 1; ci 2. IV lxxvi 3; lxxxix 1; cxviii 2. V xxxii 2; lxiv 4. VI ii 3. VIII iii 2.

- Fócio Caónio II lxxx 5.
- Formião Ateniense I lxiv 2; lxv 2; cxvii 2. II xxix 6; lviii 2; lxxviii 7; lxx 1; lxxx 4; lxxxi 1; lxxxiii 1, 2; lxxxiv 1; lxxxv 4; lxxxvi 2; lxxxviii 1; xc 1, 2; xcii 7; cii 1; ciii 1. III vii 1; [xvii 4].
- Frígia II xxii 2.
- Frínico Ateniense VIII xxv 1; xxvii 1, 5; xlvi 4; l 1, 4, 5; li 1, 2, 3; liv 3; lxxviii 3; xc 1, 2; xcii 2.
- Frínis Lacedemónio VIII vi 4.
- Ftíótida I iii 2, 3. Ftíotas VIII iii 1.
- Galepso IV cvii 3. V vi 1.
- Gaulites VIII lxxxv 2.
- Geia II xv 4.
- Gela IV lviii. V iv 6. VI iv 3; v 3. VII l 1; vii 9; lxxx 2. Geloos IV lviii. VI iv 4; v 3; lxxvii 2. VII i 4, 5; xxxiii 1; lvii 6; lviii 1.
- Gelas VI iv 3.
- Gelon tirano dos Siracusanos VI iv 2; v 3; xciv 1.
- Gerania I cv 3; cvii 3; cviii 2. IV lxx 1.
- Gerástio IV cxix 1.
- Geresto III iii 5.
- Getas II xcvi 1; xcvi 4.
- Gigono I lxi 5.
- Gilipo Espartano VI xciii 2; civ 1, 2. VII i 1, 4, 5; ii, 1, 2; iii 1, 3; iv 2, 4; v 1, 2, 3; vi 2; vii 2; xi 2; xii 1; xxi 1, 5; xxii 1; xxiii 1; xxxvii 2; xlii 3; xliii 6; xlvi; l 1; liii 1; lvii 6; lxx 1, 3; lxx 1; lxxiv 2; lxxix 4; lxxxi 1; lxxx 1; lxxxiii 2, 3; lxxxv 1, 2; lxxxvi 2, 4. VIII xiii.
- Girtónios II xxii 3.
- Glauce VIII lxxix 2.
- Glaucón Ateniense I li 4.
- Goaxis Edono IV cvii 3.
- Gongilo Erétrio I cxxviii 6; VII ii 1.
- Gortínia II c 3.
- Gortínio II lxxxv 5.
- Graia II xxiii 3; III xci 3.
- Grestónia II xcix 6; c 4.
- Habronico I xci 3.
- Hágnon Ateniense I cxvii 2. II lviii 1, 2, 3; xcv 3. IV cii 3. V xi 1; xix 2; xxiv 1. VI xxxi 2. VIII lxxviii 4; lxxxix 2. Hagnónio V xi 1.
- Haliárcios IV xciii 4.
- Hálias I cv 1. II lvi 5. IV xlv 2.
- Halicarnasso VIII xlii 4; cviii 2.
- Hális I xvi.
- Hamaxito VIII ci 3.
- Harmatunte VIII ci 3.
- Harmódio Ateniense I xx 2. VI liii 3; liv 1, 2, 3, 4; lvi 1, 2; lvii 1, 4; lix 1.
- Harpágio VIII cvii 1.
- Harpina V l 3.
- Hebro II xcvi 4.
- Hefesto III lxxxviii 3.
- Hegesandro IV cxxxii 3. VII xix 3.
- Hélade I ii 1, 6; iii 1; v 3; vi 1, 2; x 2, 5; xii 1, 4; xiii 1, 2; xiv 2; xvii; xviii 1, 2; xxiii 1; xxxi 1; xxxii 5; xxxv 3; lxxviii 3; lxxix 1; lxxvii 6; lxxxviii; cxxii 3; cxxiii

- 1; cxxiv 3; cxxviii 7; cxliii 1. II viii 1, 4; xi 2; xxvii 2; xli 1; lxxi 2. III xxxii 2; liv 3; lvii 1; lxii 1, 5; lxiii 3. IV lxxxv 1; xcii 4; cviii 2; cxxi 1. VI xvii 5; xviii 4; lix 3; xcii 5. VII lxiii 3; lxvi 2. VIII ii 4. Helenos I i 2; iii 2, 3, 4; v 1; xii 2; xiii 5; xv 1, 2; xviii 2, 3; xx 3; xxiii 5; xxv 4; xxxi 2; xxxvi 3; xli 1; l 2; lxix 4; lxxiv 1; lxxv 1; lxxxii 1; lxxxix 2; xciv 1; xcv 1, 3; cix 4; cx 1; cxviii 2; cxxiv 3; cxxx 1; cxxxii 2; cxxxvii 4; cxxxviii 2, 6; cxxxix 3; cxl 3; cxli 6. II viii 3; xii 3; xxxvi 4; xlii 2; lxiv 3; lxxi 2; lxxiv 2; lxxx 5; lxxxi 4, 5; ci 2, 4. III ix 1; x 3; xiii 1; xiv 1, 2; liv 1, 4; lvi 4, 5; lvii 1, 4; lviii 1, 3, 5; lix 1, 2, 4; lxii 2; lxiii 1, 3; lxiv 1, 4; lxvii 6; xcii 5; ciii 1; cix 2; cvi 2. IV xviii 1; xx 2; xxv 9, 12; xl 1; lx 1; lxxviii 2; lxxxv 5; lxxxvi 1; lxxxvii 3, 6; xcv 3; xcvi 2; xcvi 2; cxxiv 1; cxxvii 2; cxxviii 2. V vi 5; ix 9; xxvii 2; xxviii 1, 3; l 1, 2; lxxv 3; cvi. VI i 1; ii 5, 6; iii 1; vi 1; xi 4; xvi 2; xvii 5; xviii 2; xxxi 4; xxxiii 5; xxxix 2; lxxii 3; lxxvi 4; lxxvii 1; lxxxiii 1; lxxxvii 3; xc 3. VII xxviii 3; xlii 1; lvi 2; lviii 2, 3; lxvi 2; lxxxvi 5. VIII ii 1; xliii 3; xlv 4; xlvi 1, 2, 3; lvii 2; [lxix 4] Helénico I i 1; iv; vi 6; xv 3; xvii; xxxv 2; lxxx 3; xcvi 2; cxii 2; cxxviii 3. cxxxviii 2. II lxxxi 7; xcvi 3. III lvii 2; lxxxii 1; lxxxiii 1; cxiii 6. IV xx 4. VI xx 2; xlv 3; xc 3. VII lx 2; lxxv 7 lxxx 2; lxxxvii 5. VIII v 5; lviii 3; lxxxii 4.
- Helânico I xcvi 2.
- Helena I ix 1.
- Heleno I iii 2.
- Helesponto I lxxxix 2; cxxviii 3. II ix 4; lxvii 1, 3; [xcvi 1]. IV lxxv 1. VIII vi 1, 2; viii 2; xxii 1; xxxiii 5; xxxix 2; lxi 1; lxii 1, 3; lxxix 3, 5; lxxx 3, 4; lxxxvi 4; xcvi 4; xcix; c 1, 5; ci 3; ciii 2; cvi 1; cviii 3, 4; cix 1. Helespôncios VI lxxvii 1.
- Helixo Megarense VIII lxxx 3.
- Helorine VI lxvi 3; lxx 4. VII lxxx 5.
- Helos IV liv 4.
- Hemo II xcvi 1.
- Hera III lxviii 3
- Heracleia/Heracleenses III xcii 1, 6; c 2. IV lxxv 2; lxxviii 1. V xii 1; li 1, 2; lii 1.
- Heracleio V lxiv 5; lxvi 1.
- Héracles I xxiv 2. VII lxxiii 2.
- Heraclidas I ix 2; xii 3. VI iii 2.
- Heraclides Siracusano VI lxxiii 1; ciii 4.
- Heras VIII xix 4; xx 2.
- Hereia V lxvii 1.
- Hereu em Argos V lxxv 6.
- Hereu em Corcira I xxiv 7. III lxxv 5; lxxix 1; lxxxi 2.
- Hereu em Plateias lxviii 3.

- Hermeondas Tebano III v 2.
 Hermes VI xxvii 1; xxviii 1, 2; liii 1, 2; lx 4 lxi 1.
 Hermes VII xxix 3.
 Hermíone II lvi 5. Hermíones I xxvii 2; cxxviii 3; cxxxi 1. VIII iii 2; xxxiii 1.
 Hermócrates Siracusano IV lviii; lxxv 1. VI xxxii 3; xxxv 1; lxxii 2; lxxiii 1; lxxv 4; lxxxi; xcvi 3; xcix 2. VII xxi 3, 5; lxxiii 1, 3. VIII xxvi 1; xxix 2; xlv 3; lxxxv 2, 3, 4.
 Hérmon Ateniense VIII xcii 5.
 Hérmon Siracusano IV lviii. VI xxxii 3; lxxii 2.
 Hesíodo III xcvi 1.
 Hésios III ci 2.
 Hestieia VII lvii 2. Hestieus I cxiv 3. VII lvii 2.
 Hestiodoro Ateniense II lxx 1.
 Hibla VI lxii 5; lxiii 2. Hibleus VI iv 1; xciv 3.
 Hiblon rei dos Sículos VI iv 1.
 Hícara VI lxii 3, 4. Hicário VII xiii 2.
 Híera III xcvi 2, 3.
 Hierámenes Persa VIII lviii 1.
 Hiérofon Ateniense III cv 3.
 Hieus III ci 2.
 Hilaico III lxxii 3; lxxx 2.
 Hílias VII xxxv 2.
 Hilotas I ci 2; cxxviii 1; cxxxii 4, 5. II xxvii 2. III liv 5. IV viii 9; xxvi 5, 6; xli 3; lvi 2; lxxx 2, 3. V xiv 3; xxxiv 1; xxxv 6, 7; lvi 2, 3; lvii 1; lxiv 2. VII xix 3; xxvi 2; lviii 3.
 Himera III cxv 1. VI v 1; lxii 2. VII i 1, 2, 3. Himereus VII i 3, 5; lviii 2.
 Himereu VII ix.
 Hipagretas Lacedemónio IV xxxviii 1.
 Hiparco Ateniense I xx 2. VI liv 2, 3, 4; lv 1, 3, 4; lvii 3.
 Hipérbolo Ateniense VIII lxxiii 3.
 Hiperóquidas Ateniense VI lv 1.
 Hípias tirano dos Atenienses I xx 2. VI liv 2, 6, 7; lv 1, 3; lvii 1, 2; lviii 1; lix 2, 3, 4.
 Hípias Arcádio III xxxiv 3.
 Hipocles Ateniense VIII xiii.
 Hipoclo tirano dos Lampsacenos VI lix 3.
 Hipócrates Ateniense IV lxvi 3; lvii 1; lxxvi 2; lxxvii 1; lxxxix 1, 2; xc 1, 4; xciii 2; xciv 2; xcvi 1; ci 2.
 Hipócrates tirano dos Gelanos VI v 3.
 Hipócrates Espartano VIII xxxv 1; xcix; cvii 2.
 Hipolóquidas Farsálio IV lxxviii 1.
 Hipónico Ateniense III xci 4.
 Hipónio V v 3.
 Hiponoidas Lacedemónio V lxxi 3; lxxii 1.
 Hísias III xxiv 2. V lxxxiii 2.
 Histaspes Persa I cxv 4.
 Homero I iii 3; ix 4; x 3. II xli 4. III civ iv 6.
 Iálisho VIII xlv 2.

- Iapígia VI xxx 1; xxxiv 4; xlv 2.
 VII xxxiii 3, 4. Iapígius VII
 xxxiii 4; lvii 11.
 Íaso VIII xxviii 2, 3; xxix 1; xxxvi
 1; liv 3. Iásico VIII xxvi 2.
 Ibéria VI ii 2. Ibérios VI ii 2;
 xc 3.
 Ícaro III xxix 1. VIII xcix.
 Íctis II xxv 4.
 Ida IV lii 3. VIII cviii 4.
 Ídaco VIII civ 2.
 Idómene II c 3. III cxii 1; cxiii 3, 4.
 Ietas VII ii 3.
 Ílion I xii 2, 3. VI ii 3.
 Ilírios I xxvi 4. IV cxxiv 4; cxxv
 1, 2. Ilírico I xxiv 1.
 Imbro VIII cii 2, 3; ciii 3. Ímbrios
 III v 1. IV xxviii 4. V viii 2. VII
 lvii 2.
 Inaro rei dos Líbios I civ 1; cx 3.
 Inessa III ciii 1. Inesheus VI xciv 3.
 Iolau Macedónio I lxii 2.
 Iólcio Atenienense V xix 2; xxiv 1.
 Íon Quio VIII xxxviii 3.
 Ipneus III ci 2.
 Irieus III xcii 2.
 Isarquidas Coríntio I xxix 2.
 Isarco Coríntio I xxix 2.
 Iscágoras Lacedemónio IV cxxxii
 2, 3. V xix 2; xxi 1, 3; xxiv 1.
 Ístmico VIII ix 1; x 1.
 Istmiónico Atenienense V xix 2;
 xxiv 1.
 Istmo I xiii 5; cviii 2. II ix 2; x 2;
 xiii 1; xviii 3. III xv 1; xvi 1;
 xviii 1; lxxxix 1. IV xlii 2, 3. V
 xviii 10; lxxv 2. VI lxi 2. VIII
 vii; viii 3; xi 3.
 Isócrates Coríntio II lxxxiii 4.
 Isóloco Atenienense III cxv 2.
 Istone III lxxxv 3. IV xlv 1.
 Istro II xcvi 1; xcvi 1.
 Itália I xii 4; xxxvi 2; xlv 3. II vii
 2. III lxxxvi 2, 5. IV xxiv 4. V
 iv 1; v 1. VI ii 4; xxxiv 1; xlii 2;
 xlv 2; xc 3; xci 3; ciii 2; civ 1,
 2. VII xiv 3; xxv 1; xxxiii 4.
 VIII xci 2. Itáliotas VI xlv 3;
 lxxxviii 7; xc 2. VII lvii 11;
 lxxxvii 3.
 Ítalo rei dos Sículos VI ii 4.
 Itamenes Persa III xxxiv 1.
 Ítis II xxix 3.
 Itome I ci 2, 3; cii 1, 3; ciii 1. III
 liv 5.
 Itometa Zeus de Ítome I ciii 2.
 Jónia I ii 6; lxxxix 2; cxxxvii 2. II
 ix 4. III xxxi 1; xxxii 3; xxxiii
 2; xxxvi 2; lxxvi. VII lvii 4.
 VIII vi 2; xii 1, 2; xx 1; xxvi 3;
 xxxi 2; xxxix; xl 1; lvi 4; lxxxvi
 4; xcvi 4; cviii 3. Jónios I vi 3;
 xii 4; xiii 6; xvi; xcv 1; cxxiv 1.
 II xv 4. III lxxxvi 3; xcii 5; civ
 3, 4. V ix 1. VI iv 5; lxxvi 3;
 lxxvii 1; lxxx 3; lxxxii 2, 3. VII
 v 4; lvii 2, 4, 9. VIII xxv 3, 5.
 Jónico IV lxi 2. VIII xi 3. Jónio
 I xxiv 1. II xcvi 5. VI xiii 1;
 xxx 1; xxxiv 4; xlv 1; civ 1.
 VII xxxiii 3; lvii 11.
 Lábdalo VI xcvi 5; xcvi 2.
 Lacedémon I xviii 1; xliii 1; lvii 4;
 lviii 1; lxvii 1; lxxii 1; xc 3, 5;

xciv 1; xcv 5; cix 2; cxxxix 3.
 III iv 5, 6; xxv 1; lii 2, 3; lxxxv
 3; xcii 2; c 1. IV I 1; lxxxiii 4;
 cviii 6; cxviii 9; cxix 1. V xvi 3;
 xviii 10; xix 1; xxi 3; xxii 1;
 xxiii 4, 5; xxv 1; xxvii 1; xxviii
 2; xxxvii 3, 4; xxxviii 3; xl 3;
 xli 2; xlv 1; xlvi 5; xlix 2, 4. VI
 xxxiv 3; lxxiii 2; lxxxviii 7, 8,
 9; xciii 3. VII i 4; vii 3. VIII v
 1, 4; vi 1, 2; xx 1; xxix 1;
 xxxviii 4; xlv 1; lviii 1; lxxi 3;
 lxxxv 1, 4; lxxxvi 9; lxxxvii 3;
 lxxxix 2; xc 1; xci 1; xcii 2.
 Lacedemónio Ateniense I xlv 2.
 Lacedemónios I vi 4; x 2; xviii 1,
 2, 3; xix; xx 3; xxiii 6; xxviii 1;
 xxxi 2; xxxiii 3; xxxv 1; lviii 1;
 lxvii 3, 5; lxviii 1; lxix 4; lxxi 1;
 lxxii 1, 2; lxxv 1; lxxvi 1; lxxix
 1; lxxx 1; [lxxxv 3]; lxxxvi 5;
 lxxxvii 1, 2; lxxxviii; lxxxix 2;
 xc 1, 3; xci 3, 4; xcii; xcv 3, 7;
 ci 1, 3; cii 1, 3, 4; ciii 1, 2, 3, 4;
 cvii 2, 7; cviii 1, 2, 5; cxii 5;
 cxiv 2; cxv 1; cxviii 2, 3; cxx 1;
 cxxv 1; cxxvi 2, 12; cxxvii 1, 2;
 cxxviii 1, 3; cxxxi 1; cxxxii 3;
 cxxxiv 4; cxxxv 1, 2, 3; cxxxvi
 1; cxxxvii 1; cxxxviii 6; cxxxix
 1, 3; cxl 2; cxliv 2; cxlv. II vii
 1, 2; viii 4; ix 2, 3; x 1, 3; xii 2;
 xiii 1; xix 1; xxi 1; xxvii 2;
 xxxix 2; xlvii 2; liv 4; lix 2; lxiv
 6; lxv 2; lxvi 1, 2; lxvii 1, 4;
 lxxi 1, 2; lxxii 3; lxxiv 1; lxxv
 3; lxxx 1, 2; lxxxv 1; lxxxix 4;
 xcii 3. III i 1; ii 1, 3; viii 1; ix

1; xiii 1; xv 1; xvi 2; xviii 1;
 xxv 1; xxviii 2; xxxv 1; lii 2, 4,
 5; liii 1; liv 2, 5; lvii 2, 4; lix 1,
 4; lx; lxiii 2; lxvii 1, 6; lxviii 1,
 4; lxix 2; lxxii 2; lxxxii 1;
 lxxxvi 2; lxxxix 1; xcii 1, 3, 4,
 5; xciii 2; c 2; cii 6; cix 2. IV ii
 1; iii 2, 3; iv 3; vi 1; viii 1, 4; ix
 1; xii 2, 4; xii 3; xiv 2, 3, 4; xvi
 1, 2; xvii 1; xix 1; xx 3; xxi 1,
 3; xxii 3; xxiii 1 xxvi 1, 5; xxvii
 2; xxviii 4, 5; xxx 3; xxxiii 2;
 xxxiv 1, 3; xxxv 2, 4; xxxvi 2,
 3; xxxviii 2, 3, 4; xl 1; xli 3; l
 2; liii 2; liv 3; lv 1; lvi 2; lvii 2,
 3, 4; lxix 3; lxx 1; lxxviii 4;
 lxxix 3; lxxx 3; lxxxi 1, 2;
 lxxxiii 2; lxxxiv 2; lxxxv 1, 4;
 lxxxvi 1, 5; lxxxvii 3, 4;
 lxxxviii 1; lxxxix 1; cviii 1, 6,
 7; [cxiv 4]; cxvii 1; cxviii 2, 4,
 5, 9, 11; cxix 1, 2; cxx 3; cxxii
 1, 4, 5; cxxxii 3; cxxxiv 1. V iii
 1; ix 9; xii 1; xii 1; xiii 2; xiv 3;
 xv 1, 2; xvi 1, 2, 3; xvii 1, 2;
 xviii 1, 3, 4, 5, 7, 9, 11; xix 2;
 xxi 1, 3; xxii 1; xxiii 1, 2, 3, 4,
 6; xxiv 1, 2; xxv 1, 2; xxvi 1;
 xxvii 2; xxviii 1, 2; xxix 1, 2, 3,
 4; xxx 1, 2, 5 xxxi 1, 3, 4, 6;
 xxxii 3, 4, 6; xxxiii 1, 2, 3;
 xxxiv 1; xxxv 2, 3, 4, 5; xxxvi
 1, 2; xxxvii 1, 2, 4; xxxviii 3;
 xxxix 2, 3; xl 1, 2, 3; xli 1, 2,
 3; xlii 1, 2; xliii 1, 2, 3; xlv 1,
 3; xlv 2, 4; xlvi 1, 2, 4; xlviii 1,
 3; xlix 1, 2, 4; l 2, 4, 5; li 2; lii
 1; liv 1; lv 3, 4; lvi 1, 2, 3; lvii

- 1, 2; lviii 1, 2, 3, 4; lix 2, 3, 4, 5; lx 2, 3, 5; lxi 1, 4, 5; lxiii 1; lxiv 2, 5; lxv 2, 5; lxvi 1, 2, 4; lxvii 1, 2; lxviii 1, 2; lxix 1, 2; lxx; lxxi 2; lxxii 2, 3, 4; lxxiii 1, 3, 4; lxxiv 2, 3; lxxv 2, 5; lxxvi 1, 2, 3; lxxvii 1, 2, 3, 7; lxxviii; lxxix 1, 2, 3; lxxxi 1, 2; lxxxii 1, 2, 3 5; lxxxiii 1, 4; lxxxiv 1, 2; lxxxix; xci 1; civ; cv 3, 4; cvii; cix; cxii 2; cxiii; cxv 2; cxvi 1. VI vii 1, 4; x 3; xi 3, 5, 6; xvi 6; xxxiv 8; liii 3; lix 4; lxi 2; lxxiii 2; lxxxii 3; lxxxviii 9, 10; xcii 1, 5; xciii 1; xcv 1; civ 1; cv 1, 2, 3. VII ii 1; xi 2; xvii 3; xviii 1, 2, 3; xix 1, 3; xxv 9; xxvi 2; xxvii 4; lvi 3; lvii 6, 9; lviii 3; lxiv 1; lxx1 7; lxxxv 1; lxxxvi 2, 3, 4. VIII ii 3; iii 2; v 3, 5; vi 1, 3, 4; vii; viii 2; xi 3; xii 1; xvii 4; xviii 1, 2, 3; xxii 1; xxiii 1; xxiv 4; xxvi 1; xxviii 5; xxxv 1; xxxvii 1, 2, 3, 5; xxxix 1, 2; xl 2; xli 1; xliii 2, 3; xliv 2; xlvi 3; l 2; lii; lviii 1, 3, 4, 6, 7; lxiv 3; lxx 2; lxxxiv 5; lxxxvii 4, 6; xc 2; xcvi 5; xcvi 3; cvi 3.
- Lácon Plateense III lii 5.
- Lacônia II xxv 1; xxvii 2; lvi 6. III vii 2. IV iii 1; xii 3; xvi 1; xli 2; liii 2, 3; liv 3; lvi 2. V xxxiii 1; xxxiv 1; xxxv 7. VI cv 2. VII xix 4; xxo 2; xxvi 1, 2; xxxi 1. VIII iv; vi 5; viii 2; xci 2.
- Lacónios III v 2. VIII lv 2. Lacónio V lvi 3. VI civ 1. VIII vi 3; xxxiii 1; xxxv 1.
- Lade VIII xvii 3; xxiv 1.
- Láfilo Lacedemónio V xix 2; xxiv 1.
- Lâmaco Ateniense IV lxxv 1, 2. V xix 2; xxiv 1. VI viii 2; xlix 1; l 1; ci 6; ciii 1, 3.
- Lâmis Megarense VI iv 1.
- Lâmpon Ateniense V xix 2; xxiv 1.
- Lâmpsaco I cxxxviii 5. VI lix 3, 4. VIII lxii 1, 2. Lampsacenos VI lix 3. VIII lxii 2.
- Laodócio IV cxxxiv 1.
- Laofonte Megarense VIII vi 1.
- Laques Ateniense III lxxxvi 1; xc 2; ciii 3; cxv 2, 6. IV cxviii 11. V xix 2; xxiv 1; xliii 2; lxi 1. VI i 1; vi 2; lxxv 3.
- Larissa II xxii 3. IV lxxviii 2. VIII ci 3. Larisseus II xxii 3.
- Lás VIII xci 2; xcii 3.
- Láurio II lv 1. VI xci 7.
- Leagro Ateniense I li 4.
- Learco Ateniense II lxvii 2.
- Lébedo VIII xix 4.
- Lécito IV cxiii 2; cxiv 1; cxv 1; cxvi 2.
- Lecto VIII ci 3.
- Leeus II xcvi 3; xcvi 2.
- Lemnos I cxv 3, 5. II xlvii 3. IV cix 4. VIII cii 2. Lémnios III v 1. IV xxviii 4. V viii 2. VII lvii 2.
- Leocório I xx 2. VI lvii 3.
- Leócrates Ateniense I cv 2.
- Leógoras Ateniense I li iv.
- Léon VI xcvi 1.
- Leónidas rei dos Lacedemónios I cxxxii 1.

- Leonte V xix 2; xxiv 1. VIII xxiii 1; xxiv liv 3; lv 1; lxxiii 4.
- Leonte Espartano VIII lxi 2.
- Leonte Lacedemónio III xcii 5; V xlv 3. VIII xxviii 5.
- Leontiades Tebano II ii 3.
- Leontinos III lxxvi2, 3. IV xxv 9, 10, 11. V iv 2, 4, 5. VI iii 3; iv 1; vi 2; viii 2; xix 1; xx 3; xxxiii 2; xlv 3; xlvi 2; xlvii; xlviii; l 4; lxiii 3; lxxvi 2; lxxvii 1; lxxix 2; lxxxiv 2, 3; lxxxvi 4. Leontino V iv 4. VI lxxv 1.
- Leotíquides rei dos Lacedemónios I lxxxix 2.
- Lépreo V xxxi 1, 4; xxxiv 1; xlix 1, 5; l 1; lxii 1, 2. Lepreatas V xxxi 2, 3, 4; l 2.
- Leros VIII xxvi 1; xxvii 1.
- Lesbos I cxvi 1; cxvii 2. III ii 2, 3; iii 1; iv 3 v 1; xiii 5; xvi 1, 3; xxvi 4; xxxv 2; l 3; li 1; lxix 2. IV lii 3. VIII vii; viii 2 xxii 1; xxiii 1, 2, 5, 6; xxiv 2; xxxii 3 xxxiv; xxxviii 2; c 2, 3; ci 1.
- Lésbios I xix; cxvi 2. II ix 4, 5; lvi 2. III vi 1, 2; xv 1; xvi 2; xxxi 1; l 2; lxix 1. IV lii 2. VI xxxi 2. VIII v 2, 4; xxxii 1, 3
- Lésbio V lxxxiv 1.
- Lespódias Ateniense VI cv 2. VIII lxxxvi 9.
- Lestrígones VI ii 1.
- Lêucade I xxx 2, 3; xvi 3. II xxx 2; lxxx 2, 3; lxxxiv 5. III vii 4; lxxx 2; xciv 1, 2; xcv 1, 2; cii 3. IV xlii 3. VI civ 1. VII ii 1. VIII xiii. Leucádia III xciv 1 Leucá-
- dios I xxvi 1; xxvii 2; xlvi 1. II ix 2, 3; lxxx 5; lxxxii 3; xcii 6. III vii 5; lxix 1; lxxxii 1; xciv 2. IV viii 2 VII vii 1; lviii 3. VIII cvi 3. Leucádio II xci 2, 3; xcii 3. VI civ 1.
- Leucime I xxx 1, 4; xlvii 2; li 4. III lxxxix 3.
- Leucónio VIII xxiv 3.
- Leuctros V liv 1.
- Libertador v. Eleutério.
- Líbia I cx 1. II xlviii 1. IV liii 3. VI ii 3. VII l 1, 2; lviii 2. Líbios I civ 1; cx 3. VII l 2.
- Licas Lacedemónio V xxii 2; l 4; lxxvi 3. VIII xxxix 2; xliii 3; lii; lxxxiv 5; lxxxvii 1.
- Liceu V xvi 3; liv 1.
- Lícia II lxix 1, 2. VIII xli 4.
- Lico Ateniense VIII lxxv 2.
- Lícofron Coríntio IV xliii 1, 5; xlv 2.
- Lícofron Lacedemónio II lxxxv 1.
- Licomedes Ateniense I lvii 6. V lxxxiv 3.
- Lígyres VI ii 2.
- Limera v. Epidauro Limera.
- Limneia II lxxx 8. III cvi 2.
- Limneu II xv 4.
- Lincestas II xcix 2. IV lxxix 2; lxxxiii 1; cxxiv 2, 3.
- Linco IV lxxxiii 2; cxxiv 1; cxxix 2; cxxx ii 1.
- Líndios VI iv 3.
- Lindos VIII xlv 2.
- Lípara III lxxxviii 2.
- Lisicles Ateniense I xci 3. III xix 1.

Lisímaco Tebano VI lxxiii 1.
 Lisímaco Ateniense I xix 3.
 Lisimaquidas Tebano IV xci.
 Lisimeleia VII liii 2.
 Lisístrato Olíntio IV cx 2.
 Lócrios Epizefírios III lxxxvi 2;
 xcix; ciii 3; cxv 6. IV i 2, 3, 4;
 xxiv 2; xxv 3 V v 1, 2. VI xlv
 2. VII i 1, 2; iv 7; xxv 3; xxxv
 2. VIII xci 2. Lócrido III xcix;
 ciii 3.
 Lócrios Opúncios I cviii 3; cxiii
 2. II ix 2, 3; xxvi 2; xxxii. III
 lxxxix 3. IV xcvi 8. V lxiv 4.
 VIII iii 2; xliii 3. Lócrido II
 xxvi 1; xxxii. III xci 6.
 Lócrios Ozolas I v 3; ciii 3. III
 xcv 1, 3; xcvi 2; ci 1, 2; cii 1.
 V xxxii 2. Lócrido III xcv 3;
 xcvi 2; xcvi 3; ci 2.
 Lórimos VIII xliii 1.

 Macáon Coríntio II lxxxiii 4.
 Macário Espartano III c 2; cix
 1.
 Macedónia I lviii 1; lix 2; lx 1; lxi
 2, 3. II xcv 1; xcvi 1; xcix 1,
 3, 6; c 4; ci 5. IV lxxviii 6;
 cxxix 1. VI vii 3. Macedónios I
 lvii 2; lxi 4; lxii 4; lxiii 2. II
 xxix 7; lxxx 7; xcv 3; xcix 2, 6;
 c 1, 5. IV lxxxiii 1; cxxiv 1;
 cxxv 1, 2; cxxvi 3; cxxvii 2;
 cxxviii 4. V lxxxiii 4. VI vii 3.
 Magnésia I cxxxviii 5. VIII l 3.
 Magnetes II ci 2.
 Málea III iv 5; vi 2. IV liii 2; liv
 1. VIII xxxix 3.

Malianos III xcii 2. V li 1. Malia-
 no (Golfo) III xcvi 3. IV c 1.
 VIII iii 1.
 Maloente III iii 3, 5.
 Mantineia V xlvii 4, 9, 10; lv 1;
 lxii 2; xlv 4; lxxvii 1. V lxiv 5;
 lxv 4. VI xvi 6. Mantineus III
 cvii 4; cviii 3; cix 2; cxi 1, 3;
 cxiii 1. IV cxxxiv 1, 2. V xxvi
 2; xxix 1, 2; xxxiii 1, 2; xxxvi
 2; xliii 3 xlv 2; xlv 3; xlvii 1, 2,
 3, 4, 5, 8, 10, 11; xlviii 2; l
 3; lviii 1; lxi 1, 5; lxii 1; lxv 4;
 lxvii 2; lxix 1; lxxi 2, 3; lxxii 3;
 lxxiii 2, 3, 4; lxxiv 3; lxxv 5;
 lxxviii; lxxxi 1. VI xxix 3; xliii;
 lxi 5; lxvii 1; lxviii 2; lxxxviii 9
 lxxxix 3; cv 2. VII lvii 9.
 Maratona I xviii 1; lxxiii 4. II
 xxxiv 5. VI lix 4.
 Maratusa VIII xxxi 3.
 Márea I civ 1.
 Massália I xiii 6.
 Meandro III xix 2. VIII lviii 1.
 Meciberna V xxxix 1. Meciber-
 neus V xviii 6
 Médeon III cvi 2
 Medma V v 3.
 Medos da Trácia II xcvi 2.
 Medos ou Persas I xviii 1, 2; lxix
 5; lxxiv 4; lxxv 5, 6; lxxxvi 1;
 lxxxix 2; xcii; xciii; xciii 8; xciv
 2; xcvi 1; c 1; cii 4; civ 2;
 cxxviii 5; cxxx 1; cxxxii 2;
 cxliv 4. II lxxi 2; lxxiv 2. III x
 3, 4; liv 3; lvii 3; lviii 4, 5; lxii 4,
 5; lxiii 2; lxviii 1. V lxxxix. VI
 iv 5; xvii 7; xxxiii 6; lix 4; lxxvi

- 3, 4; lxxvii 1; lxxxii 4; lxxxiii 1.
VII xxi 3. Médico I xiv 2; xviii
3; xxiii 1; xli 2; lxix 1; lxxiii 2;
xc 1; xcv 7; xcvi 1, 2; cxxx 1;
cxlii 7 7. II xiii 4; xvi 1; xxi 2.
III x 2. VI lxxxii 3. VIII xxiv 3;
xliii 3.
- Megabates Persa I cxxix 1.
Megabazo Persa I cix 2, 3.
Megabizo Persa I cix 3.
Mégacles Sicíone IV cxix 2.
Mégara I ciii 4; cv 4, 6; cvii 3;
cxiv 1; cxxvi 3. II xxxi 1; xciii
2, 4; xciv 3. III li 1. IV lxvi 3;
lxix 1; lxx 1; lxxii 1; lxxiii 4. VI
iv 1, 2. VIII xciv 1. Megarenses
I xxvii 2; xlii 2; xlvi 1; lxvii 4;
xlvi 4; ciii 4; cv 3; cviii 2; cxiv
1; cxxvi 3; cxxxix 1, 2; cxl 3, 4;
cxliv 2. II ix 2, 3; xxxi 1, 3;
xciii 1, 4 III li 1, 2 lxviii 3. IV
lxvi 1; lxvii 1, 3, 4; lxviii 2, 3,
4; lxix 2, 3, 4; lxx 1, 2; lxxi 1;
lxxii 2; lxxiii 1, 2, 4; lxxiv 2;
lxxv 2; lxxvi 1; c 1; cix 1; cxviii
4; cxix 2. V xvii 2; xxxi 6;
xxxviii 1; lviii 4; lix 2, 3; lx 3.
VI xliii. VII lvii 8. VIII iii 2;
xxxiii 1; xxxix 1; lxxx 3.
- Mégara (Hibleia) VI iv 1; xlix 4;
lxxv 1; xciv 1; xcvi 5. VII xxv
4.
- Meilíquio I cxxvi 6.
- Melâncridas Lacedemónio VIII vi
5.
- Melanopo Ateniense III lxxvi 1
Melanto Lacedemónio VIII v 1.
Méleas Lacedemónio III v 2.
- Melesandro Ateniense II lxix 1, 2.
Melésias Ateniense VIII lxxxvi 9.
Melesipo Espartano I cxxxix 3. II
xii 1, 2.
- Meliaco III xcvi 3.
- Mélio IV c 1. VIII iii 1.
- Meliteia IV lxxvii 1, 5.
- Melos II ix 4. III xci 1, 3; xciv 1.
V lxxxiv 1 VIII xxxix 3; xli 4.
Mélios III xci 2. V lxxxiv 2, 3;
lxxxvi; cvi; cxii 1; cxiii cxiv 1;
cxv 4; cxvi 2, 4.
- Menália V lxiv 3. Menálios v
lxvii 1; lxxvii 1.
- Menandro Ateniense VII xvi 1;
xliii 2; lxix 4.
- Menas Lacedemónio V xix 2; xxi
1; xxiv.
- Mende IV cxxi 2; cxxiii 1; cxxiv
4; cxxix 1, 2; cxxx 6, 7; cxxx1
3. Mendeus IV vii; cxxiii 2, 4;
cxxx 3, 5; cxxx 3, 7.
- Mendésio I cx 4.
- Menecolo Siracusano VI v 3.
- Menécrates Megarense IV cxix 2.
- Menedaio Espartano III c 2; cix
1, 2.
- Mênfis I civ 2; cix 4.
- Menipo Ateniense VIII xiii.
- Ménon Tessálio II xxii 3.
- Messápios III ci 2. Messápio VII
xxxiii 4.
- Messena III xc 3. IV i 1, 4; xxiv
1, 4, 5; xxv 2, 3, 6, 10. V v 1.
VI iv 6; l 1; lxxiv 1 VII i 2.
Messénios III lxxxviii 3; xc 2 4.
IV i 3; xxv 7, 9, 11. V v 1. VI
xlvi

- Messénia IV iii 2. Messénios I ci 2. II ix 4; xxv 4; xc 3, 6; cii. III lxxv 1; lxxxi 2; xciv 3; xcv 1, 2; xcvi 1; xcvi 1; cvii 1, 4; cviii 1; cxii 4. IV iii 3; ix 1; xxxii 2; xxxvi 1; xli 2. V xxxv 6, 7; lvi 2. VII xxxi 2; lvii 8.
- Metágenes Lacedemónio V xix 2; xxiv 1.
- Metana IV xlv 2. V xviii 7.
- Metaponto VII xxxiii 4. Metapontinos VII xxxiii 5; lvii 11.
- Metódrio V lviii 2.
- Metimna III ii 1; v 1; xviii 1. VIII xxii 2; xxxii 4; c 2, 3; ci 3. Metimneus III ii 3; xviii 2; l 2. VI lxxxv 2. VII lvii 5. VIII xxxii 4; c 3. Metimneu VIII c 5.
- Métone na Macedónia VI vii 3. Metoneus IV cxxxix 4.
- Métone na Lacónia II xxv 1, 2.
- Metrópole III cvii 1.
- Mícale I lxxxix 2. VIII lxxxix 1, 2, 4.
- Micalesso VII xxix 2, 3, 4; xxx 3. Micaléssios VII xxx 3.
- Micenas I ix 2; x 1. Micénios I ix 2.
- Miciades Corcireu I xlvii 1.
- Míconos III xxix 1.
- Mídio VIII cvi 1.
- Migdónia I lviii 2. II xcix 4; c 4.
- Milas III xc 2.
- Milcíades Ateniense I xcvi 1; c 1.
- Milétidas VI v 1.
- Mileto I cxv 5; cxvi 1. VIII xvii 1, 3; xix 1; xxiv 1; xxv 1, 5; xxvi 1, 2, 3; xxvii 6 xxviii 4, 5; xxix 1; xxx 1, 2; xxxii 2; xxxiii 1, 4; xxxv 2; xxxvi 1; xxxviii 4, 5; xxxix 2, 4; xlv 1; l 2; lvii 1; lx 3; lxi 2; lxii 1; lxiii 1, 2; lxxv 3; lxxviii; lxxix 3, 5, 6; lxxx 3; lxxxiii 1 2; lxxxiv 4; lxxxv 3; xcix; c 1; cviii 3 cix 1. Milésia VIII xxiv 1; xxvi 3. Milésios I cxv 2. IV xlii 1; liii 1; liv 1; cv 2. VII lvii 4. VIII xvii 2, 3, 4; xxiv 1; xxv 2, 3, 4, 5; xxvi 3; xxxvi 1; lxi 1; lxxix 1, 4; lxxxiv 4, 5; lxxxv 2 4. Milésio VIII lxi 2.
- Mimas VIII xxxiv.
- Míndaro Lacedemónio VIII lxxxv 1; xcix; ci 1; cii 2; civ 3
- Mínoa III li 1. IV lxvii 1, 3; cxviii 4.
- Mínos rei dos Cretenses I iv; viii 5.
- Mioneso III xxxii 1.
- Miónios III ci 2.
- Mircino IV cvii 3. Mircínios V vi 4; x 9. Mircínio V x 9.
- Mirónides Ateniense I cv 4; cviii 2. IV xcv 3.
- Mírrine mulher de Hípias VI lv 1.
- Mírtilo Ateniense V xix 2; xxiv 1.
- Míscion Siracusano VIII lxxxv 3.
- Mitilene III ii 3; iii 5; vi 2; xviii 4, 5; xxv 1 xxvi 1; xxxi 1, 2; xxx 1; xxx1 2; xxxv 1, 2; xlix 4. VIII xxii 2; xxxii 2, 4; c 3; ci 2. Mitileneus III ii 3; iii 1, 3 4, 5; iv 1, 2, 4; v 1, 2; vi 1, 2; viii 1; xiv 1; xv 1; xviii 1, 3; xxv 2; xxvii 1; xxviii 1, 2; xxxv 1; xxxvi 2, 3, 5; xxxvii 1; xxxviii

1; xxxix 1, 5; xl 4; xli; xlii 1; xlv 1, 4; xlvii 3; xlviii 1; xlix 3; l 1, 3. IV lii 2, 3; lxxv 1.
 Miunte I cxxxviii 5. III xix 2.
 Molícrio II lxxxiv 4. III cii 2.
 Molícrio II lxxxvi 2.
 Móbro Lacedemónio IV viii 9.
 Molossos I cxxxvi 2. II lxxx 6.
 Morgantine IV lxxv 1.
 Mótia VI ii 6.
 Muníquia II xiii 7. VIII xcii 5; xciii 1.
 Muralha Branca I civ 2.
 Naucles Plateense II ii 2.
 Nácrates Siciónio IV cxix 2.
 Naupacto I ciii 3. II ix 4; lxxix 1; lxxx 1, 4; lxxxi 1; lxxxiii 1; lxxxiv 4; xc 2; xci 1; xcii 7; cii 1; ciii 1. III vii 3; lxxix 2 lxxv 1; lxxxviii 2; xciv 3; xcvi 2; xcvm 5; c 1; ci 1; cii 1, 3; cxix 2. IV xiii 2; xli 2; xlix; lxxvi 1. VII xvii 4; xix 5; xxxi 2, 4, 5; xxxiv 1, 3, 7; xxxvi 2; lvii 8. Naupáctio III cii 2. Naupáctios II xcii 3.
 Naxos I cxxxvii 2. IV xxv 7. VI iii 1, 3; xx 3 l 2; lxxii 1; lxxiv 2; lxxv 2; lxxxviii 3 5. VII xiv 2. Nákios I xcvm 4. IV xxv 8, 9. VI l 3; xcvm 1. VII lvii 11.
 Néapolis VII l 2.
 Némea na Etólia III xcvi 1.
 Némea no Peloponeso V lviii 3, 4; lix 1, 2, 3; lx 3
 Nemeio Zeus III xcvi 1.
 Nérico III vii 4.

Nesto II xcvi 4.
 Nicanor Caónio II lxxx 5.
 Nicaso Megarense IV cxix 2.
 Nicérato Ateniense III li 1; xci 1. IV xxvii 5; xlii 1; liii 1; cxix 2; cxxix 2. V xvi 1; lxxxiii 4. VI viii 2.
 Niciades Ateniense IV cxviii 11.
 Nícias Ateniense pai de Hágnon II lviii 1. IV cii 3.
 Nícias Gortínio II lxxxv 5.
 Nícias Ateniense filho de Nicérato III li 1, 2; xci 1, 6. IV xxvii 5; xxviii 1, 3; xlii 1; liii 1; liv 2, 3; cxix 2; cxxix 2, 4; cxxx 2, 6; cxxxii 2. V xvi 1; xix 2; xxiv 1; xliii 2; xlv 3; xlv 1, 3, 4; lxxxiii 4. VI viii 2, 4; xv 1, 2; xvi 1; xvii 1; xviii 6; xix 2; xxiv 1; xxv 1; xlv 2; xlvii; lxii 4; lxxvii 3; lxxix 1; cii 2; ciii 3; civ 3. VII i 2; iii 3; iv 4, 7; vi 1; viii 1; x; xvi 1; xxxii 1; xxxviii 2; xlii 3; xliii 1, 2; xlviii 1; xlix 1, 4; l 3, 4; lx 5; lxxv 1; lxxix 2; lxxii 3, 4; lxxiii 3; lxxv 1; lxxvi; lxxviii 1, 2; lxxx 1, 4; lxxxi 3; lxxxii 3; lxxxiv 1; lxxxv 1; lxxxvi 2, 3.
 Nicolau Lacedemónio II lxxvii 1.
 Nicómaco Fócio IV lxxxix 1.
 Nicomedes Lacedemónio I cvii 2.
 Nícon Tebano VII xix 3.
 Nicónidas Larisseu IV lxxxviii 2.
 Nicóstrato Ateniense III lxxv 1, 4. IV liii 1; cxix 2; cxxix 2, 4; cxxx 2. V lxi 1.
 Nilo I civ 2.
 Ninfodoro Abderita II xxix 1, 5.

Niseia I ciii 4; cxiv 1; cxv 1. II
 xxxi 3; xciii 2, 4; xciv 3. III li
 3. IV xxi 3; lxvi 3; lxviii 3; lxix
 1, 2, 3, 4; lxx 1, 2; lxxii 2, 4;
 lxxiii 4; lxxxv 7; c1; cviii 5;
 cxviii 4. V xvii 2.
 Niso IV cxviii 4.
 Nócio III xxxiv 1, 2, 4.
 Nove Caminhos v. Énea Hódoi.

Ócito Coríntio IV cxix 2.
 Odomantos II ci 3. V vi 2.
 Odrísios II xxix 2, 3; xcv 1; xcvi 1;
 xcvi 1, 3; xcvi 2, 4. IV ci 5.
 Ofioneus III xciv 5; xcvi 2, 3; c 1.
 Olímpia I cxxi 3; cxliii 1. III viii
 1. V xviii 10; xvii 11. VI xvi 2.
 Olimpieu VI lxiv 1; lxv 3; lxx 4;
 lxxv 1. VII iv 6; xxxvii 2, 3;
 xliii 6.
 Olímpio I cxxvi 5. II xv 4. III viii
 1; xiv 1. V xxxi 2; xlvii 10, 11;
 xlix 1; l 1, 5. Olímpico I vi 5;
 III viii 10. V xlix 1. Olímpio-
 nico I cxxvi 3.
 Olimpo IV lxxviii 6.
 Olinto I lviii 2; lxii 1, 3, 4; lxiii 1,
 2. II lxxix 2, 4. IV cxxiii 4. V
 xviii 5. Olíntios IV cx 2. V iii
 4; xviii 6; xxxix 1.
 Olofixo IV cix 3.
 Óloro Atenense IV civ 4.
 Olpas III cv 1, 4; cvi 1, 3; cvii 2,
 3; cviii 3; cx 1; cxi 1; cxiii 1.
 Olpeus III ci 2.
 Onásimo Sicione IV cxix 2.
 Óneion IV xlv 4.
 Onetóridas Tebano II ii 1.

Onomacles Atenense VIII xxv 1;
 xxx 2.
 Opícia VI iv 5. Opícios VI ii 4.
 Opúncios II xxxii. v. Lócrios
 Opúncios.
 Opunte II xxxii.
 Orcómeno Arcádio V lxi 3, 4; lxii
 1; lxiii 2. Orcoménios V lxi 5;
 lxxvii 1.
 Orcómeno Beócio I cxiii 1, 2. III
 lxxxvii 4. IV lxxvi 3. Orcomé-
 nios IV lxxvi 3; xciii 4.
 Oredo rei dos Paraveus II lxxx 6.
 Orestes II lxxx 6.
 Orestes Tessálio I cxi 1.
 Oresteus V lxiv 3.
 Oréstide IV cxxxiv 1.
 Oreu VIII xcv 7.
 Orneias VI vii 1, 2. Orneatas V
 lxvii 2; lxxii 4; lxxiv 3. VI vii 1.
 Oróbias III lxxxix 2.
 Oropo II xxiii 3. III xci 3. IV xcvi
 7, 9. VII xxviii 1. VIII lx 1, 2;
 xcv 1, 3, 4. Orópia IV xci; xcix.
 Orópios II xxiii 3. VIII lx 1.
 Óscio II xcvi 4.
 Ozolas v. Lócrios Ozolas.
 Pagondas Tebano IV xci; xciii 1;
 xcvi 1, 5.
 Pale I xxvii 2. II xxx 2.
 Palene I lvi 2; lxiv 1, 2. IV cxvi 2;
 cxx 1, 3; cxxiii 1; cxxix 1.
 Palereu II xxx 1.
 Pamilo Megarese VI iv 2.
 Panacto V iii 5; xviii 7; xxxv 5;
 xxxvi 2; xxxix 2, 3; xl 1, 2; xlii
 1, 2; xlv 3; xlvi 2.

- Panateneias V xlvii 10. Panate-
 naico I xx 2.
 Pandion rei dos Atenienses II
 xxix 3.
 Panero Farsálio IV lxxviii 1.
 Paneus II ci 3.
 Panfilia I c 1.
 Pangeu II xcix 3.
 Panormo na Acaia II lxxxvi 1, 4;
 xcii 1.
 Panormo de Milésia VIII xxiv 1.
 Panormo na Sicília VI ii 6.
 Pantáquias VI iv 1.
 Paques Ateniense III xviii 3;
 xxviii 1, 2; xxxiii 2; xxxiv 2;
 xxxv 1; xxxvi 3; xlviii 1; xlix 4;
 l 1.
 Parálios III xcii 2.
 Páralo II lv 1.
 Páralo embarcação III xxxiii 1, 2;
 lxxvii 3. VIII lxxiv 1. Páralos
 VIII lxxiii 5, 6; lxxiv 2; lxxxvi 9.
 Paraveus II lxxx 6.
 Pários IV civ 4.
 Parnasso III xcv 1.
 Parnes II xxiii 1. IV xcvi 7.
 Parrássio V xxxiii 1. Parrássios V
 xxxiii 1, 2, 3.
 Pasitélidas Lacedemónio IV cxxxii
 3. V 1, 2.
 Patmos III xxxiii 3.
 Patras II lxxxiii 3; lxxxiv 3, 5.
 Patreu V lii 2.
 Pátrocles Lacedemónio IV lvii 3.
 Pausânias Lacedemónio I xciv 1;
 xcv 1, 3, 7; xcvi 1; cvii 2; cxiv
 2; cxxviii 3, 7; cxxix 1, 3; cxxx
 1; cxxxii 2, 3; cxxxiii; cxxxiv 4;
 cxxxv 2; cxxxviii 6. II xxi 1;
 lxxi 2, 4; lxxii 1. III liv 4; lviii
 5; lxxiii 1. V xvi 1; xxxiii 1.
 Pausânias rei dos Lacedemónios
 III xxvi 2.
 Pausânias Macedónio I lxi 4.
 Pedárito Lacedemónio VIII xxviii
 5; xxxii 2, 3; xxxiii 3, 4 xxxviii
 3, 4; xxxix 2; xl 1; lv 2, 3; lxi 2.
 Pegas I ciii 4; cvii 3; cxi 2; cxv 1.
 IV xxi 3; lxvi 1; lxxiv 2.
 Pela II xcix 4; c 4.
 Pelárgico II xvii 1.
 Pelárgico I iii 2. IV cix 4.
 Pele VIII xxxi 3.
 Peleneus II ix 2, 3. IV cxx 1. V lviii
 4; lix 3; lx 3. VIII iii 2; cvi 3.
 Pelico Coríntio I xxix 2.
 Pelópidas I ix 2.
 Peloponésios I i 1; ix 2; xii 4;
 xxiii 4; xxxvi 2, 3; xl 5; xli 2;
 xlv 1, 2; liii 4; lvi 1; lvii 4; lx 1;
 lxii 1, 6; lxvi; lxxviii 4; lxxx 3;
 xcvi 1; cv 1, 3; cix 2; cxii 1;
 cxiv 1, 2; cxv 1; cxi 1; cxli 3, 6;
 cxliii 3, 5. II i; ix 2; xi 1; xii 5;
 xiii 1, 9; xviii 1, 4; xxi 1; xxii
 3; xxiii 1, 3; xxxii; xlvii 2; xlviii
 2; liv 5; lv 1; lvi 3, 6; lvii 1; lix
 1; lxx 12, 13; lxxi 1; lxx 1; lxxi
 1; lxxvi 1, 4; lxxvii 1; lxxviii 1;
 lxxx 5; lxxxi 2, 3; lxxxiii 5;
 lxxxiv 5; lxxxvi 1, 4, 6; lxxxvii
 1; lxxxviii 1, 2; lxxxix 10; xc 1,
 4, 5; xci 1, 4; xcii 5; xciii 1;
 xciv 3; cii 1. III i 1; ii 1; xx 1;
 xxi 1; xxii 5; xxiv 1 3; xxvi 1;
 xxix 1; xxx 1; xxxii 3; xxxiii 2;

xxxiv 1; xxxvi 1, 2; li 2; lii 1, 3; lxix 1; lxx 2; lxxvi; lxxvii 3; lxxx 2; lxxxi 1; lxxxix 1; cv 2; cvi 1; cvii 3, 4; cviii 1; cix 2; cxi 3, 4; cxiv 2, 3. IV ii 1, 3; iii 1; viii 1, 3; xiv 5; xvi 1; xxiii 2; xxvi 1; xxxix 3; xli 1; xlv 5; lxvi 3; lxvii 5; lxviii 2; lxix 3; lxx 1; lxxii 4; lxxv 1; xcv 2; c 1; cxxiii 4; cxxiv 1; cxxvi 1; cxxviii 5; cxxix 3; cxxx 4; cxxxi 1; cxxxii 2. V iii 2, 4; ix 1; xviii 7; xxi 3; xxvi 5; xxxv 2; cxv 3. VI i 1; vi 2; xi 3; xvii 1, 8; xviii 4; xxxvi 4; lxxii 2, 3; lxxxiii 1; lxxxiv 1. VII v 4; xviii 4; xix 3; xxviii 3; xxxiv 1, 6, 8; lxxxiv 5. VIII v 5; ix 3; x 2, 3; xii 2; xiii; xv 2; xx 1; xxii 1; xxiii 5; xxv 2, 4, 5; xxviii 1, 3; xxxi 1; xxxvi 1, 2; xlii 4; xliii 2; xlv 2, 4; xlv 1; xlv 4, 5; xlviii 4; lii; liii 1, 2; lv 1; lvi 2; lvii 1, 2; lx 2; lxiv 4; lxxv 2; lxxviii; lxxix 2, 4; lxxx 1, 3; lxxxi 1, 3; lxxxiii 1; lxxxv 2; lxxxvii 1, 3, 6; lxxxviii; lxxxix 1; xcv 1, 7; xcix; ci 1; cii 1; ciii 3; civ 1, 2, 3, 4; cv 1, 2, 3; cvi i, 2; cvii 2; cviii 1, 3, 4; cix 1.

Peloponeso I ii 3; x 2; xii 3; xiii 5; xxviii 2; xxxi 1; xxxii 5; lxxv 1, 2; lxxvii 1; lxix 5; lxxi 7; lxxiii 4; lxxvi 1; lxxxii 5; lxxxvi 1; lxxxix 2; xc 2; xciv 1; xcv 4; ciii 1; cviii 5; cxxii 3; cxxvi 5; cxxxv 3; cxxxvi 1; cxliii 4. II vii 3; viii 1; ix 2, 4; x 1; xi 1;

xvii 4; xxiii 2, 3; xxv 1; xxvii 1; xxx 1; xxxi 1; liv 5; lv 1; lvi 1, 4, 5; lxvi 1; lxvii 4; lxix 1; lxxx 1; lxxxvi 3. III iii 2; v 2; vii 1; xvi 1, 2; [xvii 2]; xxvii 1; xxix 1; xxxi 2; xxxiii 1; lxix 1; lxxxvi 4; xci 1; xciv 1; cii 5; cv 3. IV ii 4; iii 3; viii 2; xxvi 6; xxvii 1; lii 2; lxxvi 3; lxxix 2, 3; lxxx 1, 5; lxxxi 2; cxviii 6; cxx 1. V xiv 4; xxii 2; xxv 1; xxvii 1, 2; xxviii 2; xxix 2; xxx 1; xxxii 3; xxxvi 1; xl 3; lii 1, 2; lvii 1, 2; lxix 1; lxxvii 5, 6, 7; lxxix 1, 2, 4; lxxx 1; lxxxii 6; cviii. VI xvi 6; xxii; xxxvii 1; lxi 7; lxxvii 1; lxxx 1; lxxxv 2; xc 3; xci 4; ciii 3; cv 2. VII xi 2; xii 1; xv 1, 2; xvii 2, 3; xix 3, 5; xx 1; xxv 1, 3; xxvi 1; xxviii 3; xlii 3; l 1; lvii 7 lviii 3; lxvi 2. VIII xvii 1, 2; xxvi 1; xxviii 4; xxxv 1; xxxix 1; xli 3; lxxi 1; lxxx 1; xci 2.

Péllops I ix 2.

Peloro IV xxv 3.

Peónia II xcix 4. Peónico II xcvi 3; xcvi 2. Peónios II xcvi; xcvi 1, 2.

Peparetos III lxxxix 4.

Perdicas rei dos Macedónios I lvi 2; lvii 2; lviii 2; lix 2; lxi 3; lxii 2, 3. II xxix 4, 6, 7; lxxx 7; xcv 1, 2; xcix 1, 3, 6; c 2; ci 1, 5, 6. IV lxxviii 2, 6; lxxix 1, 2; lxxxii; lxxxiii 1, 3, 4, 5, 6; ciii 3; cvii 3; cxxiv 1, 3, 4; cxxv 1; cxxviii 3, 5; cxxxii 1, 2. V vi 2;

- lxxx 2; lxxxiii 4. VI vii 3, 4. VII ix.
- Péricles Ateniense I cxi 2; cxiv 1, 3; cxvi 1, 3; cxvii 2; cxxvii 1; cxxxix 4; cxlv. II xii 2; xiii 1, 9; xxi 3; xxii 1; xxxi 1; xxxiv 8; lv 2; lviii 1; lix 2; lxxv 1, 13. VI xxxi 2.
- Pericidas Lacedemónio IV cxix 2.
- Perieres de Cumas VI iv 5.
- Perrébia IV lxxviii 5. Perrébios IV lxxviii 6.
- Persas I xiii 6; xiv 2; lxxxix 3; civ 2; cix 2, 3; cxxxvii 3. II xcvi 4. IV xxxvi 3; l 1, 2. VIII cviii 4.
- Persa (monarquia) I xvi. Persa (mesa) I cxxx 1. Persa (língua) Parásios II xxii 3. I cxxxviii 1.
- Pérsidas I ix 2.
- Petra VII xxxv 2.
- Pidna I lxi 2, 3; cxxxvii 1.
- Piéria II xcix 3; c 4. Piérios II xcix 3. Piérico II xcix 3.
- Piério V xiii 1.
- Pilos IV iii 1, 2; vi 1; viii 1, 2, 6, 8; xiv 5; xv 1, 2; xvi 1; xxiii 1, 2; xxvi 1, 2; xxviii 3, 4; xxix 1; xxx 4; xxxi 2; xxxii 2; xxxix 3; xli 2, 3, 4; xlvi 1; lv 1; lxxx 2. V vii 3; xiv 2, 3; xxxv 4, 6, 7; xxxvi 2; xxxix 2, 3; xlv 3; xlv 2; lvi 2, 3; cxv 2. VI lxxxix 2; cv 2. VII xviii 2, 3; xxvi 2; lvii 8; lxxi 7; lxxxvi 3.
- Pindo II cii 2.
- Pirásios II xxii 3.
- Pireu I xciii 3, 5, 7; cvii 1. II xiii 7; xvii 3; xlviii 2; xciii 1, 2, 4; xciv 1, 2, 4. V xxvi 1. VI xxx 1. VIII i 2; lxxvi 5; lxxxii 1, 2; lxxxvi 4; xc 3, 4, 5; xcii 4, 6, 7, 9, 10; xciii 1; xciv 3; xcvi 3.
- Pirra III xviii 1; xxv 1; xxxv 1. VIII xxiii 2.
- Pírrico Coríntio VII xxxix 2.
- Pisandro Ateniense VIII xlix; liii 1, 2; liv 1, 2, 3, 4; lvi ; lxiii 3; lxiv 1; lxxv 1; lxxvii 1; lxxviii 1; lxxiii 2; xc 1; xcvi 1.
- Pisítrato tirano dos Atenienses I xx 2. III civ 1. VI liii 3; liv 2, 3.
- Pisítrato Ateniense filho de Hípías VI li 6, 7.
- Pissutnes Persa I cxv 4, 5. III xxxi 1; xxxiv 2. VIII v 5; xxviii 3.
- Pístilo Gelano VI iv 4.
- Pítaco rei dos Edonos IV cvii 3.
- Pítane I xx 3.
- Pitângelo Tebano II ii 1.
- Piten Coríntio VI civ 1. VII i 1; lxx 1.
- Pites Abderita II xxix 1.
- Pítias Corcireu III lxx 3, 5, 6.
- Pítico Apolo V liii 1.
- Pítio oráculo I ciii 2. II xvii 1.
- Pítio templo II xv 4. IV cxviii 1. VI liv 6, 7.
- Píticos Jogos V 1.
- Pitodoro Ateniense II ii 1. III cxv 2, 5, 6. IV ii 2; lxxv 3. V xix 2; xxiv 1. VI cv 2.
- Pitói V xviii 10.v. Delfos.
- Plateia ou Plateias I cxxx 1. II ii 1, 3; iv 8; v 2; vi 2, 4; vii 1; x 1; xii 5; xix 1; lxxi 1; lxxviii 4; lxxxix 1. III xxi 1; xxxvi 1; lii 2;

- lvii 2; lxi 2; lxxviii 4, 5. IV lxxii 1. V xvii 2. VII xviii 2. Plateenses II ii 2; iii 1, 2; iv 3, 6, 7; v 4, 5, 6, 7; ix 4; lxxi 1, 2, 4; lxxii 1, 2; lxxiii [2], 3; lxxiv 1, 2; lxxv 4, 6; lxxvi 4; lxxvii 5; lxxviii 3. III xx 1; xxi 4; xxii 4, 5, 8; xxiii 1, 4; xxiv 1, 2, 3; lii 1, 3; lvii 4; lviii 5; lix 4; lx; lxxviii 2, 3. IV lxxvii 2, 5. V xxxii 1. VII lvii 5.
- Plemírio VII iv 4, 6; xxii 1; xxiii 1, 4; xxiv 1, 3; xxv 9; xxxi 3; xxxii 1; xxxvi 6.
- Plêuron III cii 5.
- Plistarco rei dos Lacedemónios I cxxxii 1.
- Plistóanax rei dos Lacedemónios I cvii 2; cxiv 2. II xxi 1. III xxvi 2. V xvi 1; xix 2; xxiv 1; xxxiii 1lxxv 1.
- Plístolas Lacedemónio V xix 1, 2; xxiv 1; xxv 1.
- Pnix VIII xcvii 1.
- Polês rei dos Odomantes V vi 2.
- Poliantes Coríntio VII xxxiv 2.
- Policna VIII xiv 3; xxiii 6.
- Policnitas II lxxxv 5, 6.
- Polícrates tirano dos Sâmios I xiii 6. III civ 2.
- Polidâmidas Lacedemónio IV cxxiii 4; cxxix 3; cxxx 3.
- Polimedes Larisseu II xxii 3.
- Polis III ci 2.
- Pólis Argivo II lxxvii 1.
- Ponto III ii 2. IV lxxv 1, 2.
- Poseidon I cxxviii 1. II lxxxiv 4. IV cxviii 4; cxxix 3. VIII lxxvii 2.
- Pótamis Siracusano VIII lxxxv 3.
- Potidânia III xcvi 2.
- Potidea I lvii 4; lviii 1; lix 1; lx 1, 3; lxi 3, 4; lxii 4; lxiii 1; lxiv 2, 3; lxv 2; lxvi; lxvii 1; lxviii 4; lxxxv 2; cxix; cxxxix 1; cxl 3. II ii 1; xiii 3; xxxi 2; lviii 1 3; lxvii 1, 4; lxx 4; lxxix 7. III xvii 2, 3, 4. IV cxx 3; cxxi 2; cxxix 3; cxxx 2; cxxxv 1. VI xxxi 2.
- Potideus I lvi 2; lvii 1, 6; lviii 1; lx 2; lxii 1, 2, 6; lxiii 2, 3; lxiv 1; lxvi; lxxi 4; cxxiv 1. II lxx 1. V xxx 2. Potideio I cxviii 1.
- Prásias da Ática VIII xcv 1.
- Prásias da Lacónia II lvi 6. VI cv 2. VII xviii 3.
- Pratodamo Lacedemónio II lxxvii 1.
- Priapo VIII cvii 1.
- Priene I cxv 2.
- Procles Ateniense III xci 1; xcvi 4. V xix 2; xxiv 1.
- Procne filha de Pandíon II xxix 3.
- Proneus II xxx 2.
- Prosópitís I cix 4.
- Prósquoio III cii 5; cvi 1.
- Prote IV xiii 3.
- Próteas Ateniense I xlv 2. II xxiii 2.
- Protesilau VIII cii 3.
- Próxeno Lócrio III ciii 3.
- Psamético Líbio I civ 1.
- Ptéleon V xviii 7.
- Ptéleon da Eritreia VIII xxiv 2; xxxi 2.
- Pteodoro Tebano IV lxxvi 2.
- Ptíquia IV xlvi 3.

- Quencreia ou Quencreias IV xlii 4;
 xlv 4. VIII x 1; xx 1; xxiii 1, 5.
 Quérades VII xxxiii 4.
 Quéreas Ateniese VIII lxxiv 1,
 3; lxxxvi 3.
 Queroneia I cxiii 1. IV lxxvi 3.
 Quersoneso na Trácia I xi 1. VIII
 lxii 3; xcix; cii 2; civ 2.
 Quersoneso de Coríntia IV xlii 2;
 xliii 2.
 Químério I xxx 3; xlv 3, 4; xlviii 1.
 Quíonis Lacedemónio V xix 2;
 xxiv 1.
 Quios I cxvi 1; cxvii 2. III civ 5.
 VIII vi 2, 4; vii; viii 1, 2; x 2;
 xv 1, 2; xvii 1, 2; xviii 1; xx 1;
 xxiii 1, 5; xxiv 2; xxviii 5; xxx
 1, 2; xxxi 1; xxxii 1, 2; xxxiii 2,
 4; xxxviii 2, 5; xli 1; lv 2; lx 2,
 3; lxii 2; lxiii 2; lxiv 2; lxxix 3;
 xcix; c 2; ci 1. Quios I xix; cxvi
 2. II ix 4, 5; lvi 2. III x 5; xxxii
 3. IV li. VI v 4; vi 1, 3, 4; vii;
 ix 2, 3; x 1, 3; xii 1; xiv 1, 2; xv
 2; xvii 2; xix 1, 4; xxii 1; xxiv
 2, 3, 4; xxxii 3; xxxiii 1; xxxiv;
 xxxviii 2, 3; xl 1, 2, 3; xlv 4; lv
 3; lvi 1; lxi 1, 3; lxiii 1; ci 1.
 Quio IV xiii 2 cxxix 2. V lxxxiv
 1. VII xx 2. VIII xxiii 2, 3, 4;
 xxviii 1; xxxi 2; ci 1; cvi 3.
- Rânfiás Lacedemónio I cxxxix 3.
 V xii 1; xiii 1; xiv 1. VIII viii 2;
 xxxix 2; lxxx 1.
 Régio III lxxxvi 5; lxxxviii 4; cxv
 2. IV i 3; xxiv 4, 5; xxv 2, 11.
 VI xlv 2; xlv; xlv 1; l 1, 2; li 2,
 3. VII xxxv 2. Régios III
 lxxxvi 2; lxxxviii 1. IV i 2, 3;
 xxiv 2; xxv 1, 3, 4. VI iv 6; xlv
 3 xlv 2; lxxix 2. VII xxxv 2.
 Reitos II xix 2. ??
 Reiton IV xlii 2. ??
 Reneia I xiii 6. III civ 2.
 Reteio IV lii 2. VIII ci 3.
 Rio (Ac.) II lxxxvi 3, 4, 5; xcii 5.
 V lii 2.
 Rio (Mol.) II lxxxiv 4; lxxxvi 2,
 3, 5.
 Rápica VII xxxiv 1.
 Rodes VI iv 3. VIII xli 4; xlv 1,
 2, 3; xlv 1; lii; lv 1, 2; lx 2; lxi
 2. Ródios III viii 1. VI xliii.
 VII lvii 6, 9. VIII xlv 2, 4; lv 1.
 Ródope II xcvi 1, 2, 4; xcvi 4.
- Sabilinto Molosso II lxxx 6.
 Sácon Zancleu VI V 1.
 Sádoco Odrísio II xxix 5; lxxvii 2.
 Salamina na Ática I lxxiii 4;
 cxxxvii 4. II xciii 4; xciv 1, 2, 3,
 4. III [xvii 2]; li 2. VIII xciv 1.
 Salamina em Chipre I cxii 4.
 Salamínia embarcação III xxxiii 1,
 2; lxxvii 3. VI liii 1; lxi 4, 6, 7.
 Saleto Lacedemónio III xxv 1;
 xxvii 2; xxxv 1; xxxvi 1.
 Salíntio rei dos Agreus III cxi 4;
 cxiv 2. IV lxxvii 2.
 Sameus II xxx 2.
 Saminto V lviii 5.
 Samos I xiii 6; cxv 2, 3, 4; cxvi 1,
 3. IV lxxv 1. VIII xvi 1, 2; xvii
 1; xix 4; xxi; xxv 1; xxvii 4, 6;
 xxx 1, 2; xxxiii 2, 3, 4; xxxv 3,

4; xxxviii 5; xxxix 3; xli 3, 4; xlii 1; xlv 3; xlvii 2; xlviii 1, 2; l 3, 4, 5; li 1, 2; liii 1; lvi 4; lx 3; lxii 2, 3, 4; lxviii 3; lxxii 1; lxxiii 1, 2, 4; lxxiv 3; lxxv 2; lxxvi 4, 5; lxxvii; lxxix 1, 2, 4, 5, 6; lxxx 4; lxxxi 1, 2; lxxxv 4; lxxxvi 1, 4, 7, 8, 9; lxxxviii; lxxxix 1, 2, 4; xc 1, 2, 3; xcvi 2; xcvi 3; xcix; c 1, 4; cviii 1, 2 Sâmios I xiii 3; xl 5; xli 2; cxv 2, 3, 4; cxvi 1; cxvii 1, 3. III xxxii 2; civ 2 IV lxxv 1. VI iv 5, 6. VII lvii 4. VIII xxi; lxiii 3; lxxiii 2, 6; lxxiv 1; lxxv 3. Sâmia embarcação VIII xvi 1. Sândio colina III xix 2. Sane IV cix 3, 5. Saneus V xviii 6. Sardes I cxv 4. Sargeu Sicione VII xix 4. Selinunte VI iv 2; xx 3; xlvii; xlviii; lxii 1. VII l 1, 2. Selinúncios VI vi 2, 3; viii 2; xiii 2; xx 4; xlvii; lxii 1; lxxv 1; lxxvii 2. VII i 3, 5; lvii 8; lviii 1. Selinúncias embarcações VIII xxvi 1. Sermílios I lxxv 2. V xviii 8. Sesto I lxxxix 2. VIII lxii 3; cii 1; civ 1; cvii 1. Seutes rei dos Trácios II xcvi 3; ci 5, 6. IV ci 5. Síbaris VII xxxv 1. Sibota porto I l 3; lii 1. III lxxvi. Sibota ilha I xlvii 1; liv 1. Sica VI xcvi 2. Sicânia VI ii 2, 5. Sicanos VI ii 2, 3, 5. Sicania cidade VI lxii 3.

Sicano rio VI ii 2; Sicano Siracusano VI lxxiii 1. VII xlv; l 1; lxx 1. Sicelos III lxxxviii 3; ciii 1; cxv 1. IV xxv 9 V iv 6, VI ii 4, 6; iii 2, 3; iv 1, 5; xxxiv 1; xlv; xlviii; lxii 3, 5; lxxv 2; lxxxviii 3, 4, 6; xciv 3; xcvi 1; ciii 2. VII i 4, 5; ii 3; xxxii 1, 2; xxxiii 3; lvii 11; lviii 3; lxxvii 6; lxxx 5. Sicília I xii 4; xiv 2; xvii; xviii 1; xxxvi 2; xlv 3. II vii 2; lxxv 11, 12. III lxxxvi 1, 4; lxxxviii 1; xc 1; xcix; ciii 1; cxv 1, 3; cxvi 1, 2. IV i 1, 2; ii 2; v 2; xxiv 1, 4, 5; xxv 12; xlv 1; xlvii 2; xlviii 6 lviii; lix 1; lx 1; lxi 1, 2, 3; lxiv 5; lxxv 2, 3; lxxx 2. V iv 1, 2; v 1. VI i 1, 2; ii 2, 3, 4, 5, 6; iii 1; iv 1, 6; vi 1, 2; vii 1; viii 1, 2, 4; ix 1; xi 5, 7; xv 2; xvii 2; xviii 4; xxx 1; xxxii 2; xxxiv 1, 4; xxxvii 1, 2; xlii 2; xlii; xlv 4; xlviii; lxi 4, 5, 6; lxii 1, 2; lxiii 2; lxxiii 2; lxxvi 2; lxxvii 1; lxxx 2; lxxxv 3; lxxxvi 4; lxxxviii 1, 8; xc 2; xci 3, 4; xcii 5; xciii 2, 4; xciv 1; civ 1. VII i 1; iii 1; iv 7; vii 2; xi 2; xii 1; xiii 2; xv 1, 2; xvi 2; xvii 2, 3; xviii 1 4; xix 3; xx 2; xxi 1; xxv 9; xxvi 1, 3; xxvii 1; xxviii 3; xxxi 1, 3; xxxiii 2; xxxiv 1; xlv; l 1, 2; li 1; lvii 1, 11; lviii 2, 3; lxxv 2; lxxviii 3; lxxiii 1; lxxvii 4; lxxx 2; lxxxv 3; lxxxvii 6. VIII i 1, 2; ii 1, 3; iv; xiii; xxvi 1; xcvi 1; cvi 2. Sici-

liano VIII ii 4. Sicé lico mar
 alto IV xxiv 5; liii 3. VI xiii 1.
 [Siciliana guerra VII lxxxv 4.]
 Sicilianas ilhas VIII xci 2.
 Siciliano desastre VIII xxiv 5.
 Siciliotas III xc 1. IV lviii; lix 1;
 lxiv 3; lxv 1. V iv 5; v 1, 3. VI
 x 4; xi 2; xiii 1; xviii 5; xxxiii
 4; xxxiv 4; xlix 4; lxviii 2; xc 2;
 xci 2. VII xviii 2; xxxii 2; xliii
 4; lvii 11; lviii 4; lxiii 4; lxxxvii
 3. VIII xxvi 1.
 Sicione I cxi 2. II lxxx 3. IV lxx 1.
 V lxxxi 2. Siciónia IV ci 3.
 Siciónios I xxviii 1; cviii 5; cxi
 2; cxiv 1. II ix 3. IV lxx 1; ci 4;
 cxix 2. V lii 2; lviii 4; lix 2, 3; lx
 3. VII xix 4; lviii 3. VIII iii 2.
 Sidussa VIII xxiv 2.
 Sifas IV lxxvi 3; lxxvii 1, 2; lxxxix
 1, 2; xc 1; ci 3.
 Sigeu VI lix 4. VIII ci 3.
 Sime VIII xli 4; xlii 1, 4; xliii 1.
 Simeto VI lxv 1.
 Simo Zancleu VI v 1.
 Simónides Ateniese IV vii.
 Sinal do Cão v. Cinossema.
 Sinécias II xv 2.
 Singeus V xviii 6.
 Sintos II xcvi 1, 2.
 Siracusa V iv 3, 4. VI iii 2, 3; iv 3;
 v 1, 2, 3; xx 3; xxxii 3; xxxvii
 2; xlvi; xlix 1, 4; l 4; lii 1; lxiii
 1; lxv 2; lxxi 2; lxxv 4; lxxviii
 2; lxxxviii 10; civ 1. VII i 1, 5;
 ii 1, 4; xxi 1; xxv 4; xxviii 3;
 xxxii 1, 2; xlii 3, 5; xlvi 2; xlix
 1; l 1; lvii 1. VIII lxxxv 3.

Siracusano VI lii 2. VIII xxxv
 1; lxi 2. Siracusanos III lxxxvi
 2, 3; lxxxviii 3; xc 2; ciii 1, 2;
 cxv 3. IV i 1, 2; xxiv 1; xxv 1,
 3, 5, 6, 7; lviii; lxv 1. V iv 3, 5.
 VI iv 2; v 2, 3; vi 2; xi 2; xvii
 6; xviii 4; xx 4; xxxv 1; xli 4;
 xlv; xlvi; l 3; li 2; lii 1, 2; lxiii
 1, 3; lxiv 1, 2; lxv 1, 3; lxvi 1,
 3; lxvii 2; lxix 1, 3; lxx 2, 3, 4;
 lxxi 1; lxxii 1; lxxiii 1; lxxiv 1;
 lxxv 1; lxxviii 1; lxxx 3; lxxxii
 1, 3; lxxxiv 1; lxxxv 3; lxxxvi
 1; lxxxvii 5; lxxxviii 1, 3, 4, 5,
 7, 10; xci 2, 5; xciii 2; xciv 1,
 2; xcvi 1, 2; xcvi 1, 2, 4, 5;
 xcvi 2, 3, 4; xcix 2, 4; c 1, 2;
 ci 2, 3, 4, 5, 6; cii 3, 4; ciii 1, 3.
 VII ii 2, 3; iii 1, 3, 5; iv 1, 4, 6;
 v 1, 2, 3; vi 1, 3; vii 1, 3, 4; xii
 2; xviii 1; xxi 2, 3, 4, 5; xxii 1,
 2; xxiii 2, 3, 4; xxiv 1, 3; xxv 1,
 4, 6, 7, 9; xxxi 3; xxxiii 2, 3;
 xxxvi 1, 3, 6; xxxvii 1, 2, 3;
 xxxviii 1, 2; xxxix 1, 2; xl 1, 3,
 5; xli 1, 2, 3, 4; xlii 2, 3, 4, 6;
 xliii 3, 4, 5, 6; xliv 4, 8; xlv 1;
 xlvi; xlvi 4; xlvi 5; l 1, 3; li 1;
 lii 1, 2; liii 1, 3; liv; lv 1; lvi 1;
 lvii 2, 5, 6, 7, 11; lviii 1, 4; lix
 2; lxiv 1; lxv 1; lxvi 1; lxix 1;
 lxx 1, 2; lxxi 5; lxxii 1; lxxiii 1,
 3; lxxiv 2; lxxvii 6; lxxviii 3, 5,
 6; lxxix 4, 5, 6; lxxx 1, 6; lxxxi
 1, 2, 4, 5; lxxxii 1; lxxxiii 1, 2,
 3, 5; lxxxiv 1, 4; lxxxv 1;
 lxxxvi 1, 4; lxxxvii 1. VIII xxvi
 1; xxviii 2; xxix 2; xlv 3;

lxxviii; lxxxiv 2, 4; lxxxv 3;
 xcvi 5; civ 3; cv 2, 3; cvi 3.
 Sitalces rei dos Trácios II xxix 1, 2,
 4, 5, 7; lxxvii 1, 2; xcv 1; xcvi 3;
 xcvi 1; xcix 6; ci 1, 6. IV ci 5.
 Sócrates Ateniense II xxiii 2.
 Sófocles Ateniense III cxv 5. IV ii
 2; iii 1; xlv 1; lxx 3.
 Soligeia IV xlii 2; xliii 1, 5. Soli-
 geia colina IV xlii 2.
 Sólio II xxx 1. III xcv 1. V xxx
 2.
 Soloente VI ii 6.
 Sostrátides Ateniense III cx 5.
 Súnio VII xxviii 1. VIII iv; xcv 1.

 Tamos Persa VIII xxxi 2; lxxxvii
 1, 3.
 Tânagra I cviii 1. III xci 3, 5.
 IV xci; xcvi 1 VII xxix 2.
 Tanagreia IV lxxvi 4. Tana-
 greus I cviii 3. III xci 5. IV
 xciii 4.
 Tântalo Lacedemónio IV lvii 3.
 Tapso VI iv 1; xcvi 1, 2; xcix 4;
 ci 3; cii 3. VII xlix 2.
 Tarento VI xxxiv 4, 5; xlv 2; civ
 1, 2. VII i 1. VIII xci 2.
 Táripes rei dos Molossos II lxxx 6.
 Taso I c 2. IV civ 4; cv 1. VIII
 lxiv 2, 4, 5. Tápios I c 2; ci 1, 3.
 IV cvii 3. V vi 1 VIII lxiv 3.
 Taulâncios I xxiv 1.
 Tauro Lacedemónio IV cxix 2.
 Teágenes Ateniense IV xxvii 3. V
 xix 2; xxiv 1.
 Teágenes tirano de Mégara I cxxvi
 3, 5.

Tebas I xc 2. II v 2. III xxii 7; xxiv
 1, 2. IV lxxvi 2; xci. Tebano III
 lviii 5. Tebanos I xxvii 2. II ii 1,
 2, 3; iii 1, 2; iv 7; v 1, 4, 5, 6, 7;
 vi 1, 2, 3; [xix 1]; lxxi 3; lxxii 2.
 III v 2; liv 1; lv 1, 3; lvi 1; lvii 2,
 3; lviii 1; lix 2, 3, 4; lx; lxxiii 1,
 3, 4; xci 5. IV xciii 4; xcvi 4, 6;
 cxxxiii 1. V xvii 2. VI xcv 2.
 VII xviii 2; xix 3; xxx 1, 2, 3.
 VIII c 3.
 Teéneto Plateense III xx 1.
 Tegeia V xxxii 3; lxii 1, 2; lxiv 1,
 3; lxxiv 2; lxxv 1; lxxvi 1;
 lxxviii; lxxxii 3. Tegeata V lxx
 4. Tegeatas II lvii 1. IV cxxxiv
 1, 2. Vxxxii 4; xl 3; lvii 2; lxx
 4; lvii 1; lxxi 2; lxxiii 1.
 Télias Siracusano VI ciii 4.
 Télis Espartano II xxv 2. III lxix
 1. IV lxx 1. V xix 2; xxiv 1.
 Teménidas II xcix 3.
 Teménites VI lxxv 1; c 2. VII iii 3.
 Temístocles Ateniense I xiv 3;
 lxxiv 1; xc 3; xci 1, 3, 4 xciii 3;
 cxxxv 2; cxxxvi; cxxxvii 3, 4;
 cxxxviii 3, 6.
 Ténaro I cxxviii 1; cxxxiii. VII
 xix 4.
 Ténedo III xxviii 2; xxxv 1.
 Tenédios III ii 3. VII lvii 5.
 Ténios VII lvii 4. VIII xcix 3.
 Teodoro Ateniense III xci 1.
 Teólito Acarnano II cii 1.
 Teos VIII xvi 1; xix 3; xx 2. Teios
 III xxxii 1. VIII xvi 3; xix 3;
 xx 2.
 Tera II ix 4.

Terámenes Ateniense VIII lxxviii
4; lxxxix 2; xc 3; xci 1, 2; xcii
2, 3, 6, 9, 10; xciv 1.
Teres rei dos Odrísios II xxix 1, 2,
3, 7; lxxvii 1; xcv 1.
Tereu II xxix 3.
Térias VI l 4.
Terímenes Lacedemónio VIII xxvi
1; xxix 2; xxxi 1; xxxvi2; xxxviii
1; xliii 3; lii.
Terineu golfo VI civ 2.
Terme I lxi 2. II xxix 6.
Térmon Espartano VIII xi 2.
Termópilas II ci 2. III xcii 6. IV
xxxvi 3.
Teseion templo VI lxi 2.
Teseu rei dos Atenienses II xv 1, 2.
Téspias IV lxxvi 3. Tespieus IV
xciii 4; xcvi 3; cxxxiii 1. VI xcv
2. VII xix 3; xxv 3.
Tesprócia I xxx 3; xlvi 3, 4; l 3.-
Tesprotos II lxxx 5.
Tessália I ii 3; cxi i. IV lxxviii 2;
lxxix 1; cxxxii 2. V xiii 1; xiv
1. VIII xliii 3. Tessálios I xii 3;
cii 4; cvii 7; cxi 1. II xxii 2, 3;
ci 2. III xciii 2. IV lxxviii 2, 3,
4, 6; cviii 1; cxxxii 2. V xiii 1;
li 1. VIII iii 1.
Téssalo Ateniense I xx 2. VI lv 1.
Teutiaplo da Élide III xxix 2.
Teutlussa VIII xlii 4.
Tíamis rio I xlvi 4.
Tíamo montanha III cvi 3.
Tideu Quios VIII xxxviii 3.
Tilateus II xcvi 4.
Timágoras Ciziceno VIII vi 1; viii
1; xxxix 1.

Timágoras Tegeata II lxxvii 1.
Timanor Coríntio I xxix 2.
Timantes Coríntio I xxix 2.
Timócares Ateniense VIII xcv 2.
Timócrates Ateniense III cv 3. V
xix 2; xxiv 1.
Timócrates Coríntio II xxxiii 1.
Timócrates Lacedemónio II lxxxv
1; xcii 3. Timóxeno Coríntio II
xxxiii 1.
Tíndaro I ix 1.
Tíquio III xcvi 2.
Tiquiussa VIII xxvi 3; xxviii 1.
Tireia II xxvi 2. IV lvi 2; lvii 3. V
xli 2. Tireate II xxvii 2. VI xcv 1.
Tirrénia VI lxxxviii 6; ciii 2.
Tirrenos IV cix 4. VII liii 2; liv;
lvii 11. Tirreno mar IV xxiv 5.
Tirreno golfo VI lxii 2. Tirre-
no ponto VII lviii 2.
Tirsenos v. Tirrenos.
Tisámeno Traquínio III xcii 2.
Tisandro Etólio III c 1.
Tísias Ateniense V lxxxiv 3.
Tisímaco Ateniense V lxxxiv 3.
Tissafernes Persa VIII v 4, 5; vi 1,
2, 3; xvi 3; xvii 4; xviii 1; xx 2;
xxv 2; xxvi 3; xxviii 2, 3, 4;
xxix 1; xxxv 1; xxxvi 2; xxxvii
1; xliii 2, 4; xlv 1; xlv 1, 2, 4,
6; xlvi 1, 5; xlvii 1, 2; xlviii 1;
xlxi; l 2, 3; lii; liii 2; liv 2, 4; lvi
1, 2, 3, 4; lvii 1; lviii 1, 5, 6, 7;
lix; lxiii 3; lxx 2; lxxviii; lxxx 1;
lxxxii 1, 2, 3; lxxxiii 2, 3; lxxxiii
1, 2, 3; lxxxiv 4, 5; lxxxv 1, 2,
3, 4; lxxxvii 1, 6; lxxxviii;
lxxxix; cviii 1, 3, 4; cix 1.

- Tisso IV cix 3. V xxxv 1.
- Tlepólemo Ateniense I cxvii 2.
- Tolmeu Ateniense I cviii 5; cxiii 1. IV liii 1; cxix 2.
- Tolmides Ateniense I cviii 5; cxiii 1, III xx 1.
- Tólofo Ofíoneu III c 1.
- Tolofónios III c1 2.
- Tomeu IV cxviii 4.
- Torico VIII xcv 1.
- Torilau Farsálio IV bxxviii 1.
- Torona IV cx 1; cxx 3; cxxii 2; cxxix 1; cxxxii 3. V ii 3; iii 2, 3, 6; vi 1. Toroneus IV cx 2; cxi 2; cxiii 1, 3; cxiv 1, 3. V ii 2; iii 2, 4; xviii 8.
- Trácia I c 2, 3; cxxx 1. II xxix 2, 3; lxxvii 1, 3. IV ci 5; cv 1. V vi 2; vii 4; xxiv 1; lxxvii 1. VII xxvii 2. Na Trácia I lix 1; lx 3; lxxviii 4. II ix 4; xxix 4; lxxvii 4. III xcii 4. IV 7; lxxviii 1; lxxxii; civ 4. V ii 1; xii 1; xxi 1; lxxx 2. VIII lxiv 2. Trácios I c 3. II xxix 1, 2, 3, 7 xcv 1; xcvi 1, 2; xcvi 4; xcvi 3; c 3, 5; ci 3. IV lxxv 2; cii 2; cxxx 2. V vi 2, 4. VII ix; xxvii 1; xxix 1, 4; xxx 1, 2. Os que estão na Trácia I lvi 2; lvii 5. II lviii 1; lxxxix 1; xcv 1. IV lxxix 2; cii 1; cxxii 2. V xxvi 2; xxx 2; xxxi 6; xxxv 3, 5, 6; xxxviii 1, 4; lxxxiii 4. VI vii 4; x 5. Guerra na Trácia II xxix 5; xcv 2. Campanha na Trácia IV lxx 1; lxxiv 1. Força militar trácia II xxix 5. Portas da Trácia V x 1, 7.
- Trácia I cxvi 1.
- Traquínia III xcii 1. Traquínios III xcii 2, 4.
- Trásibulo Ateniense VIII lxxiii 4; lxxv 2; lxxvi 2; lxxx 1; c 4; civ 3; cv 2, 3.
- Trasicles Ateniense V xix 2; xxiv 1. VIII xv 1; xvii 3; xix 2.
- Trásilo Argivo V lix 5; lx 6.
- Trásilo Ateniense VIII lxxiii 4; lxxv 2; lxxvi 2; c 1, 4; civ 3; cv 2, 3.
- Trasimelidas Espartano IV xi 2.
- Treres II xcvi 4.
- Trezenas I cxv 1. II lvi 5. IV xxi 3; xlv 2; cxviii 4. Trezénios I xxvii 2. VIII iii 2
- Triásia I cxiv 2. II xxi 1. Triásia planície II xix 2; xx 3; xxi 1.
- Tribalos II xcvi 4. IV ci 5.
- Trinácia VI ii 2.
- Triópio VIII xxxv 2, 3, 4; lx 3.
- Tripodisco IV lxx 1, 2.
- Triteus III ci 2.
- Trógilo VI xcix 6. VII ii 4.
- Tróia I viii 4; xi 2. IV cxx 1. VI ii 3. Troiano I iii 1, 3, 4; xii 1, 4; xiv 1. Troianos I xi 1. VI ii 3.
- Trónio II xxvi 2.
- Trótilo VI iv 1.
- Tucídides Ateniense I cxvii 2.
- Tucídides Ateniense filho de Oloro I i 1; cxvii 2. II lxx 4; ciii 2. III xxv 2; lxxxviii 4; cxvi 3. IV li; civ 4; cv 1; cvi 3; cxxxv 2. V xxvi 1. VI vii 4; xciii 4. VII xviii 4. VIII vi 5; lx 3.
- Tucídides Farsálio VIII xcii 8.

Tucles Ateniense III lxxx 2; xci 4;
cxv 5. VII xvi 2.

Tucles Calcideu VI iii 1, 3.

Túria VI lxi 7; lxxxviii 9; civ 2.
VII xxxiii 5, 6. Túrios VI lxi 6;
civ 3. VII xxxiii 6; xxxv 1;
lvii 11. Túrio VII xxxv 1. VIII
xxxv 1; lxi 2; lxxxiv 2.

Turiatas I ci 2.

Ulisses IV xxiv 5.

Xantipo Ateniense I cxi 2; cxxvii
1; cxxxix 4. II xiii 1; xxxi 1;
xxxiv 8.

Xenares Lacedemónio V xxxvi 1;
xxxvii 1; xxxviii 3; xlvi 4; li 2.

Xenoclides Coríntio I xlvi 2. III
cxiv 4.

Xenófanes Ateniense VI viii 2.

Xenofântidas Lacónio VIII lv 2.

Xenofonte Ateniense II lxx 1;
lxxix 1.

Xénon Tebano VII xix 3.

Xenótimo Ateniense II xxiii 2.

Xerxes rei dos Persas I xiv 2;
cxviii 2; cxxxix 1, 3; cxxxvii 3.
III lvi 5. IV l 3.

Zacíntias V xxiii 4; xli 3.

Zacinto II vii 3; lxvi 1; lxxx 1. IV
viii 2, 3, 5; xiii 2. VII xxxi 2.
Zacíntios I xlvii 2. II xciv. III
xciv 1; xcv 2. VII lvii 7

Zancle VI iv 5; v 1.

Zeus I ciii 2; cxxvi 4, 5, 6. II xv
4; lxxi 2. III xiv 1; lxx 4; xcvi
1. V xvi 2, 3; xxxi 2; xlvii 11;
l 1. VIII xix 2. V. Eleutério,
Itometa, Meilíquio, Nemeio
Olímpio.

Zeuxidamo Lacedemónio II xix
1; xlvii 2; lxxi 1. III i 1.

Zêuxidas Lacedemónio V xix 2;
xxiv 1.

Zópiro Persa I cix 3.

ÍNDICE

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
A mentalidade e a razão	6
As duas grandes potências da Grécia do séc. V	9
Avanço tecnológico e aumento do poder	10
A navegação e suas limitações	12
O tempo meteorológico e o cronológico	16
Análise das Reacções humanas	17
A orgia revolucionária	19
O genocídio e a crueldade humana	21
Orçamento da guerra	23
O racionalismo face aos fenómenos naturais	26
Política expansionista, diplomacia e guerra	27
A religião e a política da cidade grega	34
A eloquência, o estilo da prosa e a guerra	40
O armamento e máquinas para os cercos	46
A campanha da Sicília	48
Alcibiades	54
Recepção de Tucídides na antiguidade	57
<i>Grécia</i>	57
<i>Roma</i>	61
Cícero	61
Quintiliano	62
Aulo Gélio	63

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

TUCÍDIDES

LIVRO I

Introdução e arqueologia da Hélade	67
Luta em Corcira: começo da tensão entre as cidades	84
Uma visão do equilíbrio de poderes	90
Potidea e o agravamento das dissensões com Atenas	106
Encontro em Esparta das duas potências e aliados	112
Compatibilização da política da guerra com a política da paz	124
Análise política da formação do império ateniense	130
Em Esparta: esboça-se o discurso anti-imperialista	150
A dialéctica do poder: embaixada a Atenas	156
Episódios de traição de dois grandes guerreiros: Pausânias e Temístocles	158

LIVRO II

Tebanos querem Plateias: a confrontação generaliza-se	175
Atenas e Esparta preparam-se para a guerra	180
Primeira invasão da Ática	182
Expedições de Atenas	193
A oração imperial de Péricles: elogio dos mortos e do poder democrático	198
Servir a pátria	204
Outra invasão da Ática e a peste em Atenas	208
Governante mal-amado em tempo de crise: discurso de Péricles	215
Os Lacedemónios atacam	223
Combates a Norte do mar Egeu	233
A investida dos Lacedemónios na Acarnânia	234
Formião e as batalhas navais em Patras e Naupacto	237

Tentativa falhada de ataque contra o Pireu	247
Expedição de Sitalces a norte do Egeu: os Odrísios e a Macedónia	249

LIVRO III

A Ática invadida	257
A revolta de Lesbos	257
Os Plateenses refugiam-se em Atenas	269
Tomada de Mitilene	274
Queda de Plateias	295
De novo, dificuldades em Corcira	309
A orgia revolucionária	317
O princípio da catástrofe na Sicília	321
Demóstenes em Lêucade e na Etólia	327
Expedição de Euríloco na Lócrida e Naupacto	331
A purificação religiosa de Delos	333
A campanha de Euríloco e a queda de Ambrácia	335

LIVRO IV

A guerra entra no sétimo ano	345
O problema de Pilos na Messénia	346
A provável ocupação da Sicília	361
De novo os problemas de Pilos	363
Os Atenenses na Coríntia	375
Os massacres em Corcira	378
Manobras de Inverno	380
Tréguas na Sicília	385
Os Atenenses em Mégara	390
Expedições para a Ásia Menor helenizada	398
Política e guerra na Beócia	399
O espartano Brásidas na Trácia	400
As operações bélicas em Délío	408
Brásidas em Anfípolis e Torone	418

Armistício por um ano	427
As consequências das campanhas trácias	430
A agitação popular na Grécia	440

LIVRO V

Completam-se dez anos de guerra	443
Na costa da Trácia, o espartano Brásidas e o ateniense Cléon . .	443
A caminho de uma paz negociada	453
Entre duas guerras	462
Depois da paz instável, a guerra muda para longe	462
Argos no centro político da guerra	463
Tentativa de reforço político lacedemónico no Peloponeso . . .	471
A diplomacia ateniense entra nas negociações	475
Desavenças entre Argos e Epidauro	486
Os Lacedemónios atacam Argos	488
Batalha de Mantineia	494
As negociações de Argos e Mantineia com Esparta	502
Monólogo ateniense totalitário: o diálogo dos Mélios e o genocídio	507

LIVRO VI

A Sicília na mira do imperialismo ateniense. História da ilha . .	519
A invasão da Sicília como tema da Assembleia ateniense	524
O sacrilégio da mutilação dos Hermes e da paródia dos Mistérios: acusam Alcibíades de estar implicado	539
Embarque das tropas em Atenas	541
A recepção das notícias de Atenas em Siracusa	543
A expedição avança para a Sicília	551
O episódio histórico dos Pisistrátidas e a extradição da Alcibíades	558
A batalha do Olimpieu	565
Os Siracusanos: o inimigo à altura dos Atenienses	572
Alcibíades em Esparta, e a perfídia diplomática	585

Operações militares na Primavera e a chegada de Gilipo	591
Entra em acção o estratega Gilipo	598

LIVRO VII

Gilipo salva Siracusa da destruição	601
Em Atenas: más notícias comunicadas por Nícias à Assembleia .	608
Como organizar reforços e recolher financiamento	611
Batalha naval e terrestre. Conquista surpreendente de Plemírio	615
Entrada de Demóstenes para a guerra	618
Os Trácios: barbárie e carnificina	623
Segunda batalha em terra e mar. Esporões e proas reforçadas . .	629
Demóstenes e Siracusa	633
O fracasso de Epípolas e suas consequências	639
Nova batalha em terra e mar. A falta de sorte de Eurimedonte	642
Os aliados das duas potências helénicas	647
A catástrofe ateniense, depois da batalha em terra e mar pela quarta vez	650
Queda e percurso da grande potência ateniense	662
A dramática retirada para Atenas	664
A triste morte de Nícias e Demóstenes e a dura prisão dos seus soldados	674

LIVRO VIII

Atenas e a sua sucessiva queda	677
Crescente influência da corte persa na diplomacia ateniense e espartana	679
O jogo triplo de Alcibiades, com Espartanos, Atenienses e Persas	686
GLOSSÁRIO	761
BIBLIOGRAFIA	767
ÍNDICE ONOMÁSTICO	773

Esta edição de HISTÓRIA DA GUERRA
DO PELOPONESO, de Tucídides,
foi impressa e encadernada para a
Fundação Calouste Gulbenkian,
na gráfica **ACD** Print, S.A.
www.acdprint.pt

A tiragem é de 1000 exemplares

Novembro de 2013

Depósito Legal n.º 366395/13

ISBN 978-972-31-1358-7

the 1990s, the number of people with a mental health problem has increased by 50% (Mental Health Foundation, 1999).

There is a growing awareness of the need to address the needs of people with mental health problems, and a number of initiatives have been developed to improve the lives of people with mental health problems. The Mental Health Act 1983 was amended in 1997 to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated. The Mental Health Act 1997 was introduced to give people with mental health problems more rights and to improve the way in which they are treated.

Textos Clássicos

Próxima publicação:

Princípios de Política Económica
– Walter Eucken

Cultura Portuguesa

Próxima publicação:

Escritores Portugueses e Leitores Ingleses
– Thomas Earl

Manuais Universitários

Próxima publicação:

Teoria Geral do Estado, 4ª Edição Atualizada
– Reinhold Zippelius

TEXTOS CLÁSSICOS – As raízes da cultura estão naquelas obras chamadas clássicas, obras cuja mensagem se não esgotou e permanecem fontes vivas do progresso humano. Por isso a Fundação, ao esquematizar o seu Plano de Edições, julgou que seria indispensável colocar ao alcance do público lusófono livros que marcassem momentos decisivos na história dos vários sectores da civilização. Da ciência pura à tecnologia, da quantidade abstracta ao humanismo concreto, procurar-se-á que os depoimentos mais representativos figurem nesta nova série editorial. Para dificultar ao mínimo o acesso do leitor, todas as obras serão vertidas em português e apresentadas com a dignidade e a segurança que naturalmente lhes são devidas. Integrando na língua pátria estes grandes nomes estrangeiros, supomos contribuir para uma mais perfeita consciência da própria cultura nacional, cujos clássicos terão também o lugar que lhes compete no Plano de Edições da Fundação Calouste Gulbenkian. ■ TUCÍDIDES. Não há dados certos sobre a data do seu nascimento, julga-se que se situe entre 460 e 455 a.C. Presencia e toma parte, como estratega, na guerra do Peloponeso desde o seu início em 431, sendo, entre 430 e 427, vítima da peste que vai devastar a Ática. Interrompe, contudo, a descrição por altura do inverno de 411, quando a guerra terminará em 404 a.C., quatro anos antes da sua morte, provavelmente em 400 a.C. A parte por ele não considerada será continuada por Xenofonte, segundo testemunhos contemporâneos, e por outros historiadores, que estudarão a continuação das hostilidades no séc. IV a.C. Julga-se que por não ter, em 424, vencido o espartano Brásidas no cerco de Anfípolis, foi obrigado a exilar-se, para voltar vinte anos depois, quando a guerra em que tomara parte já tinha acabado. O seu conhecimento do ser humano em guerra ainda hoje nos serve para atestar que, se o processo bélico conheceu progressos inimagináveis, o mesmo não sucedeu com a ética humana, pois em nada vemos que tenha havido um progresso moral minimamente comparável. Não é por acaso que a sua obra é dada como texto obrigatório nas grandes academias militares do mundo. A ideia que nos transmite é actual: não são as armas que fazem a guerra, mas sim os homens. Encontramos essa ideia repetida na sua magnífica prosa em que incluímos os inúmeros discursos deliberativos e até demonstrativos de que os Antigos já tinham conhecimento analítico nas suas obras de Retórica. Deixou-nos na verdade “um legado para sempre”. ■ R. M. ROSADO FERNANDES. Licenciou-se em Filologia Clássica em 1956, com uma tese sobre Anfitrião; doutorou-se em 1962, com um estudo sobre as deusas Graças; de 1965 a 1968 foi Professor Visitante na *Gulbenkian Chair and Seminar* na *City University of New York*. De 1968, ano em que foi destituído do cargo de professor, até hoje, dedicou-se à agricultura, mesmo depois de ter reentrado na Universidade em 1972 por concurso público e de ter obtido em 1974 a cátedra por concurso. Co-fundador depois de 1974 da *Confederação dos Agricultores de Portugal*, foi seu Presidente de 1983 a 1999, ano em que foi eleito deputado do CDS ao Parlamento Europeu, tendo sido deputado seguidamente no Parlamento português de 1999 a 2001. É actualmente membro efectivo da *Academia das Ciências*. A sua colaboradora nesta edição, *Maria Gabriela Palma Granwehr*, foi sua aluna e excelente colaboradora. Saída de Portugal em 1974, foi para Iowa nos E.U.A., onde na Universidade estadual, obteve o grau de Doutora em Filologia Clássica, depois de um curso de doutoramento e de apresentar uma tese original sobre Apuleio e o culto de Ísis.

ISBN 978-972-31-1358-7

